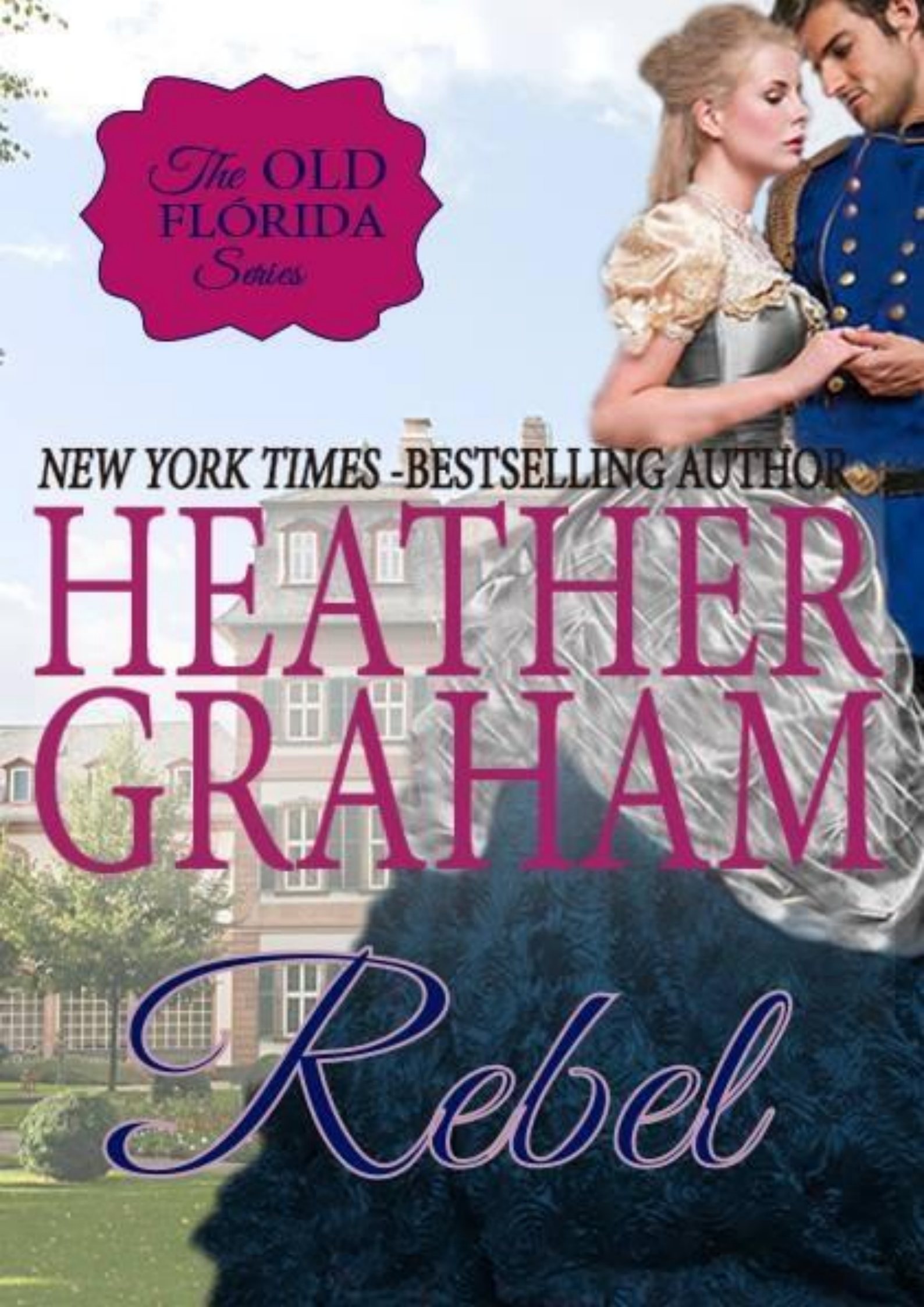

The OLD FLORIDA Series
NEW YORK TIMES -BESTSELLING AUTHOR
HEATHER GRAHAM
Rebel

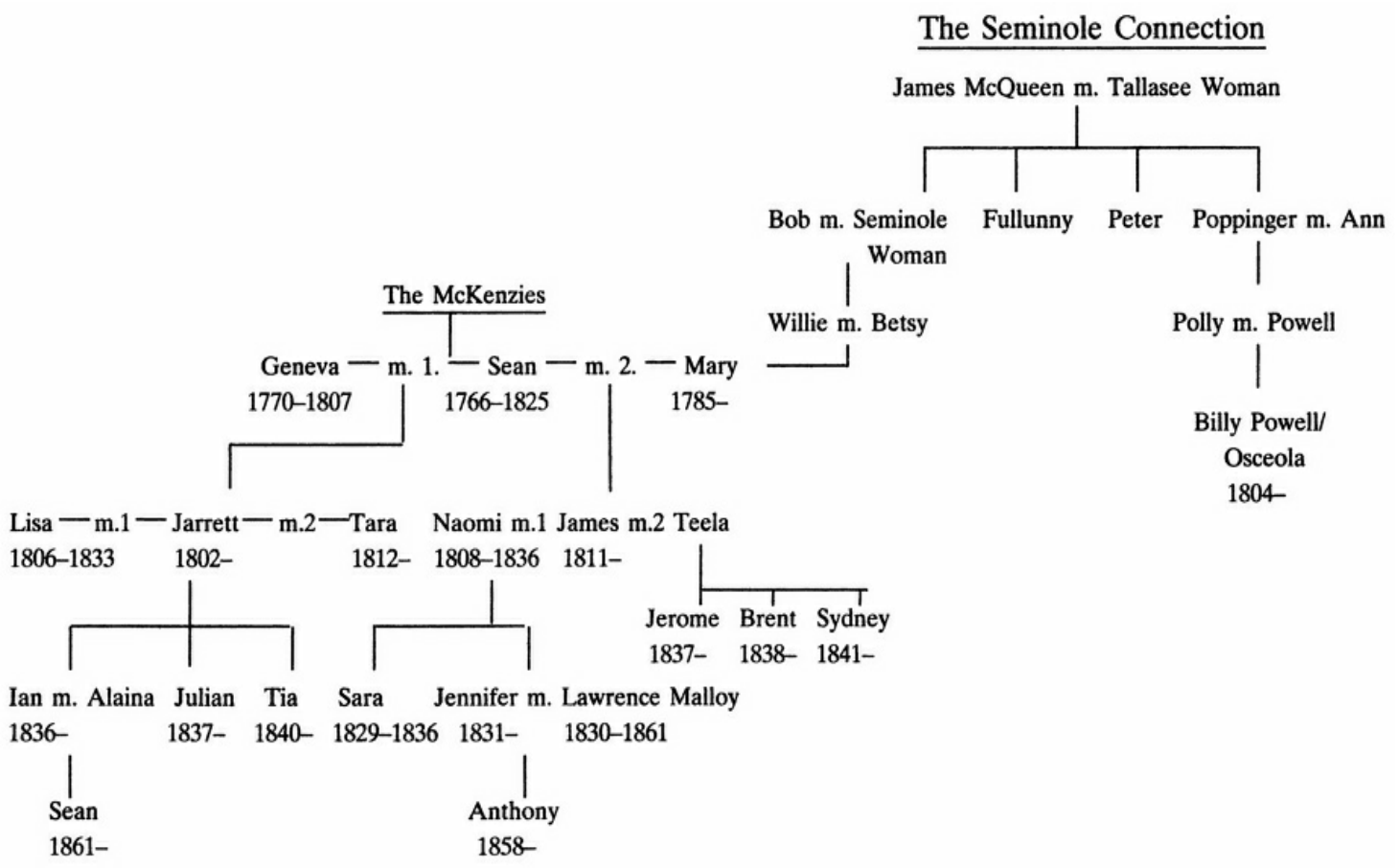
Rebelde

Heather Graham

(Série A Velha Florida 03)



Lilah, Flahmach, Lila, Oliver, Heindrix, Cruvi, Taí, And,Dan, Taty, Kasil, Guinha , Lu


The Seminole Connection
James McQueen m. Tallasee Woman
Bob m. Seminole Woman
Fullunny
Peter
Poppinger m. Ann
Willie m. Betsy
Polly m. Powell
Billy Powell/ Osceola 1804–
The McKenzies
Geneva 1770–1807
m. 1.
Sean 1766–1825
m. 2.
Mary 1785–
Lisa 1806–1833
m.1
Jarrett 1802–
m.2
Tara 1812–
Naomi m.1 1808–1836
James m.2 1811–
Teela
Jerome 1837–
Brent 1838–
Sydney 1841–
Ian m. Alaina 1836–
Julian 1837–
Tia 1840–
Sara 1829–1836
Jennifer m. Lawrence Malloy 1831– 1830–1861
Sean 1861–
Anthony 1858–

Sinopse

Alaina McMann está atordoada com a sensualidade bronzeada do major da União, Ian McKenzie. De repente ela está em seus braços, mergulhada no desejo. E sua honra comprometida, as opções de Alaina são: escândalo ou casamento, com um homem que em breve será seu amargo inimigo.

À medida que a Guerra Civil coloca irmão contra irmão, Ian é ordenado a capturar o espião mais notório do Sul, o Mocassim. Mas ela é linda, mortal e… sua esposa. O dever exige que ele a enforque, mas o coração de Ian exige outra escolha… Um magnífico amor rebelde que pode destruí-los ou salvar os dois.

Dedicado em memória amorosa para "Papai"

Meu sogro, Alphonse Pozzessere,

Que viverá em nossos corações para sempre.



PRÓLOGO

Um jogo perigoso

Maio de 1862

A noite estava estranha.

Na verdade, mais que estranha. A noite parecia ser um momento excepcionalmente selvagem neste estranho deserto, onde cada sussurro da brisa e a menor ondulação da água poderia significar o furtivo movimento de um predador mortal.

Humanos ou de um outro tipo.

Uma lua cheia subiu ao céu negro e sedoso, lançando um brilho iridescente e marfim sobre a paisagem. Havia nuvens naquela noite, monstros inchados e ondulantes que se espalhavam invisivelmente até cobrirem a lua, e lançaram terras e mar em uma escuridão tão profunda que era como um vazio de ébano.

A noite estava escura, mas nunca silenciosa. À luz da lua, o chiar dos insetos, o piu de uma coruja noturna, a ondulação sutil e a onda da água, podiam parecer naturais. Mas quando a lua se lançou atrás de uma nuvem, os sons adquiriram uma nova dimensão e, para os mais novos recrutas da companhia da União, conhecida como os Homens da Pantera, o terror evocado pela batalha não poderia ser maior que o terror evocado por uma noite do sul da Flórida.

Não era assim para seu líder.

Ele poderia se mover imperceptivelmente dentro da floresta perigosa cheia de répteis, escuridão e gritos assustadores. Neste lugar onde os pinheiros encontraram os manguezais e as redes tocavam o mar, ele podia manobrar com a facilidade e a graça das poderosas e proeminentes panteras que espreitavam dentro da estranha floresta semitropical, da qual ele e sua companhia tinham ganhado seu apelido.

Os rumores diziam que sua caminhada era silenciosa sobre a terra macia; que ele podia ver na escuridão infernal. Respeitava as criaturas

mortíferas dos pântanos, das redes e do mar, mas não os temia. Conduziu seus homens através de trilhas que a maioria dos homens nunca conseguira ver, e seguiu aquelas trilhas para lugares em que nenhum homem são normalmente ousaria pisar. Poderia passar por essa paisagem selvagem e se tornar um como ela. Silencioso, temperamental, sutil, tinha sido conhecido por assustar seus próprios homens com aparições e desaparecimentos estranhos. Como uma pantera, se movia com cuidado, sempre silencioso, sempre observando.

Perseguindo.

Esta noite, eles deixaram seus cavalos a um quarto de milha para trás em uma elevação e foram a pé a esta enseada longe da civilização. De fato, longe de tudo que parecia humano de alguma forma. Eles estavam ao sul, até mesmo, do antigo posto de guerra de *Seminole Fort Dallas*, embora tivesse assegurado aos seus homens que ainda estavam na área designada como *Condado de Dade*, assim chamado em memória do último comandante morto na Segunda Guerra Seminole[1].

Ele conhecia bem essa terra.

Dizia-se que, embora não fosse propriamente índio, tinha parentes entre os Seminoles e tinha aprendido sobre o pantanal e sobre o mar à sua volta como um pele vermelha. O rumor também dizia que tinha parentes entre as panteras e jacarés, e então poderia correr na selva semitropical como um gato e atravessar as águas salobras como um grande lagarto aerodinâmico. À primeira vista, o major poderia ter sido criado entre os índios, pois, seus cabelos na altura do colarinho eram como o ébano e seu corpo magro e longo era tão musculoso e bronzeado quanto qualquer índio selvagem. Seus olhos completavam a fantasia, pois, embora fossem azuis, era um azul tão escuro quanto o cobalto e, ocasionalmente, pareciam tão pretos como um poço no inferno, e perigosos.

Era bom que fosse um homem perigoso.

Pois, levou suas tropas a lugares perigosos.

E agora, na escuridão, as tropas do Major Ian McKenzie esperaram. Esperou e assistiu, ou ouviu, no mínimo, pois quando as nuvens cobriam a lua tornava a observação impossível. Eles esperaram por horas na entrada úmida e carregada de insetos ao longo da costa extrema do sudeste da Flórida, porque havia a oportunidade de pegarem o *Mocassim*, um dos mais famosos espiões rebeldes a trabalhar na costa da Flórida.

1 Os seminoles ou seminolas são um dos grupos indígenas da América do Norte, que vivia em terras do Canadá e dos Estados Unidos, originariamente na Flórida e atualmente estabelecidos em Oklahoma.

Um litoral que convidava ao subterfúgio.

Um litoral que a maioria das tropas da União desprezava.

Uma tarefa na Flórida era como uma tarefa no inferno para a maioria dos homens antes que marchassem na frente de batalha e tirassem uma arma. A própria península era uma terra de ninguém, impossível para os Rebeldes segurarem, impossível para a União tomar. Milhas infinitas de litoral tornaram o bloqueio da União risível. Do mesmo modo, infinitas milhas de litoral tornaram o estado vulnerável ao ataque da União em qualquer momento.

Jacksonville já havia mudado de mãos várias vezes. St Augustine tinha sido tomada pelas forças do Norte e ainda era ocupada pelos Federais. Abaixo, nesta arena de guerra, a base naval em Key West permaneceu firmemente nas mãos da União, mas quanto ao resto do Estado, as forças hostis estavam sempre trabalhando. A Flórida foi o terceiro estado a se separar da União. Seus Confederados eram fiéis ao que eles consideravam sua grande Causa do Sul, ainda assim havia fortes forças pró-União na Flórida. Embora as tropas Rebeldes, levantadas na Flórida, fossem mais frequentemente afastadas do estado para se envolverem nos pesados combates que se realizavam na Virgínia, Tennessee e outras áreas do Sul, a península da Flórida era incrivelmente importante para o esforço de guerra. Flórida forneceu uma grande porção de carne e sal que sustentou as tropas do sul.

Assim, era importante para a União que este inferno e aqueles que ajudassem a ver que os suprimentos funcionavam sem parar, fossem controlados.

Portanto, o Mocassim tinha que ser pego. Desde o enforcamento dos Rebeldes suspeitos de espionagem no norte do estado, algumas semanas atrás, o major havia determinado que ele e seus homens deveriam ser os únicos a capturar essa dor particular em seus traseiros.

O Mocassim tinha sido um flagelo para a União há algum tempo. Muitas vezes, quando os navios da União tentaram parar os corredores de bloqueio, os capitães dos Rebeldes sabiam sobre os navios federais antes do tempo, e o reforço estava esperando, espreitando logo na próxima entrada, atrás da próxima duna. Os navios que transportavam armas de fogo estavam atravessando o bloqueio e atingindo as tropas rebeldes através das enseadas da Flórida. O ouro estava a caminho das mãos inimigas. Os homens da união que se afastavam do rio St. Johns de St Augustine caíram muitas vezes nas mãos de tropas desesperadas da Flórida, e aquelas tropas rebeldes estavam causando grandes tribulações hostis aos Federais ao longo da via navegável.

Ao Major McKenzie tinha sido dado passe livre para fazer o mal que ele podia na península, com a ordem de destruir as ações de todos os espiões, guarda-costas, traidores da União e corredores de bloqueio de qualquer maneira que achasse conveniente. Ele não tinha recebido uma tarefa habitual e não era obrigado a se curvar à autoridade como de costume.

Este não era um lugar habitual, nem ele e seus homens poderiam lutar a guerra de uma maneira habitual. Tampouco o major estava em seu eu habitual desde aquele enforcamento. O major nunca havia se submetido para os militares atuando como lei. Homens morreram em batalha. Isso era um fato triste. Mas para ele, se os Federais começaram a tomar a lei em suas próprias mãos, muitas vezes não se tornaram mais do que predadores, e todo o ponto da guerra se perderia porque não estaria lutando pela unidade do país, pelo lar, glória e honra; eles não seriam mais que meros assassinos.

— Um barco! Major, por Deus, você estava certo! — O velho Sam Jones sussurrou na noite.

Embora tenham percebido a habilidade estranha de seu comandante de entender exatamente quando e onde as coisas aconteceriam antes deles, alguns de seus homens duvidaram silenciosamente de que um navio realmente teria a audácia de arriscar esta seção da baía.

— Calma, rapazes, não podemos pegar um navio agora, e não queremos que alguém fique com a carga que devemos levar — alertou o major. Sua voz parecia sair do nada. — Queremos o ponto de desembarque, cavalheiros.

Ele ficou em silêncio apenas um momento, então sua voz profunda e suave parecia tocar com paixão.

— Estamos aqui para pegar o Mocassim.

*****

O espião olhou para o litoral que se aproximava rapidamente. Quase em casa! O Mocassim pensou e estava feliz, pois a guerra era um esforço cansativo, mais tentador do que nunca, e, com frequência, o espião desculpou-se com um aumento de lealdade, tornou-se o Mocassim e entrou em um jogo tão perigoso.

Era exatamente o que o espião acreditava, apaixonadamente, na causa do sul. Nos Direitos dos Estados. A Confederação agora era como a banda incipiente das colônias antes da Guerra Revolucionária, lutando pelo direito à

independência, pela busca da vida, da liberdade e da felicidade, à sua maneira. Se os outros entendessem, não haveria guerra.

Ainda assim, a dor atormentava o espião. E ainda, muitas vezes como agora, o medo.

O Mocassim estava pensando há muito tempo que talvez fosse a hora de se enrolar como uma bola de *python*[2] e sair. Até agora, tudo o que foi feito estava bom. As vidas rebeldes haviam sido salvas. Sua informação tinha sido boa e seus movimentos tinham sido bem planejados.

Mas os tempos estavam mudando. Talvez fosse possível deslizar para a água agora e desaparecer na lenda e na história.

E ter uma vida novamente. Amarga, talvez, mas tocada pela esperança. Se apenas…

Na pequena entrada, pouco antes de terem encalhado, o navio foi levado a uma parada lenta e suave.

— Desçam o bote! — Ordenou o capitão. Ele era um velho bom e grosseiro que tinha navegado os mares como um tesouro antes da guerra e a Causa inspirou cada homem capaz com um barco a remos para tentar melhorar as forças da União e quebrar o bloqueio. O Mocassim tinha navegado com este capitão antes. Eles eram próximos, bons amigos. Nenhum dos dois jamais procurou riquezas da guerra. Embora o contrabando principal do espião fosse geralmente quinino, éter, clorofórmio ou láudano, cujo o objetivo principal era salvar vidas; o espião causara sérios prejuízos e estava bem ciente disso, e os colaboradores da união colocados em todos os possíveis portos *Yankees* informando que o Mocassim era muito mais mortal do que qualquer cobra, e deveria ser levado, morto ou vivo, baleado ou enforcado sem piedade a critério do captor.

O Mocassim não ousou pensar em tais ameaças ou o fato de que elas seriam realizadas. O medo paralisava.

Hoje à noite, o espião usava um chapéu escuro e um casaco grande, envolvente, com ombros altos e bolsos numerosos. Os bolsos estavam cheios de correspondência, ouro, a pesada moeda ianque e láudano. O peso do casaco era tal que seria fácil para o espião se afogar se fosse lançado ao mar, mas seria igualmente fácil para afastar o casaco se necessário e, se possível, recuperá-lo mais tarde.

Mas as coisas deveriam acontecer sem problemas esta noite.

2 espécie de cobra da família pythonidae.

Esta era uma terra de ninguém, através da casa do espião. E olhando para à terra com os olhos afiados, o Mocassim não conseguiu ver nada de mau. A lua continuava rastejando atrás das nuvens, mas quando as nuvens se separavam, um estranho brilho amarelo iluminava à Terra. A água, com ou sem a luz da lua, parecia preta. As árvores estavam cobertas de sombra silenciosa. Em uma explosão repentina de luar amarelo, o Mocassim esquadrinhou a costa. Nada. Nada… exceto…

— Espere! — Disse o Mocassim, e o capitão, prestes a pedir um homem para seguir o espião, parou.

— Você vê alguma coisa? — O capitão perguntou, franzindo a testa e tentando perscrutar a noite.

Sim, algo. Algo tinha se movido nas sombras. O Mocassim ficou repentinamente cheio de medo. As luzes vermelhas gêmeas de repente pareciam vir das árvores. O Mocassim sentiu um aperto de pânico começar, mas depois respirou mais facilmente novamente, quase rindo alto com alívio.

— O quê? — Perguntou o capitão ansiosamente.

— Um cervo pequeno — disse o espião.

Ah!… Um cervo.

— Você tem certeza?

— Sim.

— Jenkins, leve o Mocassim. — O capitão ordenou um dos seus jovens marinheiros.

— Sim, senhor! — Disse Jenkins, saudando. O capitão virou-se para o Mocassim. — Tenha cuidado. Por favor.

— Terei, senhor.

— Lembre-se, sua vida é muito mais valiosa do que a sua carga, por mais preciosa que seja. Você não pode ser substituído. Você deve lembrar disso.

— Eu vou, e devo ir agora, senhor.

O capitão assentiu. Ele parecia infeliz, como se lutasse pelas palavras para dizer mais, mas não conseguiu encontrá-las, como se ele também tivesse sido repentinamente preenchido com a mesma sensação de medo.

Por um momento, o Mocassim ficou incômodo à sua maneira, e sentiu um estranho frio, um tal presságio como a noite assombrosa com seu estranho fulgor de lua amarela.

— Tenha cuidado — disse o capitão de novo, bruscamente.

O Mocassim assentiu, escondendo um sorriso, os olhos desviados para baixo.

— Conheço meu negócio senhor.

— Nós devemos ir agora, senhor — disse Jenkins com dificuldade. Jenkins acreditava em seu dever, e ele morreria nesta guerra se o bom Senhor pedisse isso, mas ele era de Jacksonville e odiava o pântano, e odiava essa região do sul do estado onde um fio de terra delgado era lindamente limitado pela densa e aguada selva dos pântanos.

O Mocassim subiu agilmente o lado de estibordo do navio, seguindo Jenkins baixando a pequena escada de queda até o bote esperando abaixo. Jenkins rapidamente escorregou os remos para dentro da água, e o bote disparou através do mar preto da noite. O litoral se aproximou cada vez mais.

— Pare! — O Mocassim sussurrou de repente, agoniado pelo sentimento de que algo não estava bem. Não havia mais flashes de olhos vermelhos com reflexos súbitos da lua, mas o espião estava certo de que estavam sendo observados. Que algo os aguardava! A respiração pesada de alguma grande criatura horrível parecia ecoar na escuridão. As árvores estavam muito quietas. Nada se agitou; nenhum inseto chiou.

Jenkins deixou de remar. O bote, apanhado pelo ímpeto de sua força anterior, continuou a atravessar a água, apesar dos esforços de Jenkins para posicionar os remos para parar seu progresso.

Então as árvores ganharam vida. A lua havia desaparecido, a escuridão se instalara, mas o Mocassim ouviu os sons quando os homens escorriam das árvores, rifles voltados para o bote.

— Entregue-se, venha em paz, e suas vidas serão poupadas, você tem minha garantia.

A lua escorregou das nuvens. Oito homens da odiada União azul vieram das árvores. Estavam em formação à beira da água; quatro de joelhos, quatro de pé, todos mirando seus rifles diretamente aos ocupantes do bote.

— *Deus Altíssimo*! — Jenkins jurou. Ele nem sequer olhou para o Mocassim; para ele, a fuga era impossível. Ele preferia enfrentar uma bala da União cem vezes antes de se atrever a colocar até o dedo nas águas daqui.

O Mocassim não se renderia.

Não podia se render.

O Mocassim olhou para Jenkins com pânico e desprezo.

— Nós nos rendemos… — começou Jenkins.

Mas antes que ele pudesse terminar, o Mocassim já mergulhara profundamente na água.

— Maldito, miserável! — Ian jurou, retirando sua jaqueta de cavalaria e rapidamente desabotoando sua bainha enquanto tirava as botas.

— Homens, mantenham suas armas prontas, pegue o rebelde no barco a remo e observem a superfície quando o nosso amigo emergir das águas rasas. Gilbey Clark — Ele hesitou apenas brevemente. Gilbey era seu novo homem. Mas um bom homem. — Gilbey, pegue a trilha até cem metros; Sam, segue-o à cinquenta. Olhos afiados na água!

Ele virou-se, escorrendo para as águas rasas, depois pulando em um mergulho que o levou até as profundezas perto do bote. Espião tolo; todos carregavam seu contrabando em suas roupas. Esse idiota afundaria como uma bola de chumbo.

Mas, embora mergulhasse e aparecesse na área do bote repetidas vezes, não conseguiu encontrar nenhum vestígio do espião.

Nem um corpo flutuava para a superfície.

Era noite; e apesar de ter uma excelente visão na escuridão, estava quase cego. No entanto, instintivamente acreditava que o espião não estava morto; o espião tinha mergulhado na água porque sabia nadar, assim como navegar na água e na costa, mesmo na escuridão.

Ele fez um último mergulho e veio triunfante: o casaco carregado do espião. Arrastando-o junto com ele, nadou em direção à costa, então se levantou para percorrer o resto do caminho. Sua camisa de algodão encharcada ficou grudada no peito; suas calças de uniforme de lã estavam ainda piores.

— Lá! Lá! — Veio um grito repentino.

Ian esqueceu seu desconforto e correu para a costa. Em frente, podia ver uma sombra subindo da água; Gilbey Clark também havia visto a aparição.

— Pare, ou vou atirar! — Gritou Gilbey, levantando o rifle.

Mas Gilbey não atirou. Ian veio atrás dele, estourando na escuridão da noite. Ele colocou a mão sobre o rifle de Gilbey, abaixando-o.

— Não atire. Vou pegar o espião — disse. Então acrescentou suavemente, — Vivo.

Ele passou por Gilbey, ignorando o chão contra seus pés descalços. Ele ouviu um grito que deveria ter sido um último aviso para ele de tudo o que temia secretamente dentro de seu coração, mas não queria acreditar, era verdade. Não se registrou, estava tão atento à busca. Em um pequeno espaço de areia entre as raízes das árvores e a costa, Ian alcançou finalmente o Mocassim. Se atirou sobre o espião com uma feroz explosão de velocidade, lutando contra ele, com a intenção de derrubar o inimigo, sinuoso, antes que pudesse ser espancado ou estrangulado por seu turno.

O peso catapultado de seu corpo forçou o espião ao chão com facilidade.

Estavam molhados de mar e areia. Ian alcançou o equilíbrio, afastando-se da figura abaixo dele e movendo o inimigo para cima, ao mesmo tempo. Sem perder uma batida, ele montou o espião.

O Mocassim estava preso à areia.

A luz da lua era abundante.

Mesmo com os cabelos embebidos em algas marinhas e agarradas em seu rosto, o Mocassim era exótico. Nem a noite nem a água podiam escurecer completamente o ouro cintilante de seus cabelos, e a lua incandescente só ajudava a iluminar a cor única de seus olhos, uma avelã tão fundida que a cor não era verde, nem marrom, mas quase tão dourada quanto os cabelos. Suas pestanas e sobrancelhas escureceram para um mel. Seu rosto era delicadamente, artisticamente formado com um pequeno nariz reto, maçãs do rosto elegantemente altas, um queixo teimoso e uma boca generosa. Suas bochechas estavam coradas para dar um calor à sua coloração; seus lábios eram naturalmente tingidos de uma cereja, exceto que agora eles estavam presos em uma linha fina e sombria e eram uma mistura de branco de tensão e azul de frio.

Ian recuou. Em sua opinião, suspeitava disso. Em seu coração, se recusara a acreditar.

Ele não sabia o que ela viu em seus próprios traços então, mas aparentemente era o suficiente para tirar a última cor das suas

características. No entanto, em sua própria consternação, parecia que ela sentia sua fraqueza momentânea pela descoberta, e aproveitava plenamente isso, de repente, empurrando um braço para golpeá-lo com um sério golpe no maxilar.

Ela era realmente muito surpreendente.

Ela podia mover-se sobre um salão de baile como se flutuasse no ar; poderia sorrir e desarmar o soldado mais endurecido, fazer parecer que o sol estava de repente aquecendo seu rosto. Ela era pequena e podia parecer tão delicada como a rosa mais frágil. No entanto, não era como se ele não estivesse consciente do poder da vontade e da força dentro de seu corpo esbelto; ele simplesmente esqueceu isso por sua raiva e consternação.

Seu soco era tão pesado e bem apontado como o de um boxeador treinado, o suficiente para mudar o equilíbrio, e depois que o atingiu, bateu e lutou como um gato ferido, tentando se libertar de seu peso, de sua contenção.

Ele não podia deixá-la ir. Nunca o faria.

Ela pensou que a liberdade dele seria sua única salvação. Ele sabia melhor. Permanecer seu prisioneiro agora era a única esperança para a vida. Ele aprendeu a amarga lição de que nem sempre podia salvar espiões e soldados rebeldes de serem enforcados. Na verdade, até o dia em que morresse, não esqueceria a dor de ver seus parentes pendurados no final de uma corda. A angústia agora vivia com ele, marchava para lutar com ele. Era um pesadelo dentro dele, acordando, dormindo, um dos quais ele nunca poderia se livrar.

A tempestade de suas emoções o apreendeu com um aperto insuperável. Ele pegou seus pulsos e a colocou de costas para a areia, feliz por sua força ser tal que gritou quando a respiração foi eliminada. Ela olhou para ele, congelada, aparentemente acreditando que a mataria, aqui e agora.

Era o melhor que acreditasse.

— Então você é o Mocassim —, ele disse, e sua raiva era tão profunda que suas palavras e corpo tremiam com seu esforço para permanecer quieto. Para controlar a ampla gama de emoções que rasgou seu coração e alma. Lembrança, medo, raiva, dor.

E desejo. De repente e desesperadamente despertou.

Pois, ela permaneceu quieta. Curva, quente, vital e viva, debaixo dele. Alaina, com seus olhos de gata, seu sorriso, sua risada, seu temperamento. Sua imprudência. Sua dedicação, sua paixão…

Para sua causa miserável.

Suas palavras saíram novamente com raiva.

— Então você é o maldito Mocassim! Como você ousa?

Ela também tremia, olhando para ele. Ela falou através dos lábios azuis.

— E você é a Pantera. A sangrenta e maldita Pantera. Perseguidor. Traidor! Querido Deus, esta é a Flórida! —, ela chorou. — Você é o traidor aqui. Como você ousa?

À medida que sua voz desapareceu, Ian tomou consciência dos suaves passos de seus homens enquanto eles cercavam o par.

Sam Jones, mão direita de Ian em todos os momentos, parou os outros com um movimento rápido de sua mão. Os oito homens que haviam andado com ele esta noite, todos especialmente escolhidos pelo próprio Ian, ficaram tão silenciosos e ainda como sentinelas. Esperando. Eles seguiriam sua liderança, qual quer que fosse.

Eles eram homens federais, leais à União. Mas sua primeira lealdade era para com Ian. Eles haviam andado com ele muitas vezes. Ele os ensinou a sobreviver; os manteve vivos.

Esta noite, ele estava excepcionalmente grato por sua lealdade.

Exceto que esperava que eles não percebessem como a mortal Pantera estava tremendo agora mesmo, que estava com medo de uma maneira que nunca conheceu antes. Com medo…

Pelo Mocassim, porque sabia o que poderia acontecer aos espiões. Ele tinha visto o que poderia acontecer, em primeira mão.

— Major — disse Sam suavemente. — Perdemos o rebelde do navio. Ele entrou em pânico e se afogou. Nós entramos; não havia nada que pudéssemos fazer.

Ian estremeceu por dentro. Era a guerra. A morte vinha diariamente. Ainda assim, uma vida perdida nunca deixou de espetá-lo.

— Tudo bem, Sam — disse, e ficou surpreso com o silêncio em sua própria voz. — Brian, Reggie, veja o corpo. Vamos voltar para o acampamento da base.

Ele olhou para a mulher. O Mocassim.

— Não tente escapar de mim novamente.

Seus olhos vermelhos estavam sobre os dele.

— Você vai atirar em mim? — Ela perguntou, e ele estava feliz porque parecia que realmente precisava de uma resposta para essa pergunta.

— Meus homens ficam nervosos no pântano. Deus sabe, às vezes nós atiramos em qualquer coisa.

Era uma mentira. Seus homens eram soberbos. Eles nunca entraram em pânico, e eles eram alguns dos melhores atiradores no sul.

Ele se levantou, depois a levantou. Ele olhou em silêncio enquanto os homens se moviam ao redor deles.

Ele colocou-a em seu cavalo, uma mistura árabe criada em sua plantação familiar. Pye não tinha medo de cobras ou pântanos, tinha montado a península com ele há muito tempo. Desde que a guerra começou, Pye morou no pântano.

Ian montou seu cavalo atrás do Mocassim.

Ele tentou controlar seu próprio tremor, ainda pelo medo e a fúria que o atrapalhavam.

Alaina era o Mocassim!

Deus no céu, o que ele faria agora?

*****

Não mais de trinta minutos andando em um silêncio tenso os levaram para um pequeno grupo de cabanas, construídas sobre palafitas, profundamente dentro de uma rede. As cabanas estavam quase escondidas por uma maciça parede de pinheiros que quebrou logo antes da pequena clareira.

Tendo alcançado essa clareira, Alaina começou a tremer. O ar da noite era muito frio. Ela estava vestida com calções de homem, uma camisa de algodão e botas altas. Até as botas dela estavam incômodas com a água do mar.

Ela estava tão perto de casa. A casa onde cresceu. Ela estava perto da ajuda. Salvação. No entanto, se fosse salva, então Ian McKenzie morreria, porque ele prontamente entregaria sua vida antes de permitir que seu cativo fosse tomado dele.

Ela seria enforcada.

Não!

Algo em seu coração gritou que isso não poderia acontecer. Mas, oh! Deus, que idiota inocente ela tinha sido! Agora parecia inevitável que este dia viesse.

Ela desejou com fervor que ele ordenasse a seus homens que a arrastassem pelo pântano a pé. Isso teria sido melhor que andar com ele. Sentindo sua raiva, seu horror de que ela era o Mocassim. Parecia queimar, dos braços que seguravam as rédeas de Pye ao redor dela, da parede musculosa de seu peito. Ele estava no fogo esta noite, e ela seria consumida nele. Lançada no inferno rebelde.

Ele parecia ser uma massa de calor e tensão musculosa, e, no entanto, a própria sensação dele quando a tocava era de alguma forma mais fria do que uma camada de gelo do norte. Como se não pudesse suportar tocá-la…

Talvez fosse bom. Ian parecia ser um homem de ombros largos, mas ainda esbelto. Sua aparência era enganosa, pois, estava no auge, com mais de 1,80, o que o fazia parecer mais magro quando realmente era construído com força. Se a tocasse, poderia facilmente torcer seu pescoço, quebrá-la em dois.

No entanto, quando chegaram à clareira, ele pulou rapidamente de Pye. Rapidamente, seus olhos de cobalto se acenderam sobre os dela. Fogo azul. Ele se virou para seus homens.

— Cuidem do prisioneiro! — Ordenou bruscamente, então caminhou até uma das cabines. Não podia suportar estar perto dela, pensou. Tinha medo de estrangulá-la, arrancar seus membros com as mãos nuas.

O que isso importava, ela se perguntou, sentindo um súbito aumento de histeria, se seria enforcada de qualquer maneira? Uma morte rápida pode ser preferível.

Ah! Mas ele era o famoso Major Ian McKenzie. Ele nunca se rebaixaria para o assassinato de um prisioneiro a sangue-frio. Justiça – Justiça da União – estava a caminho.

Quando Ian se foi, percebeu que seus homens ficaram tão surpresos quanto ela. Mas um dos homens rapidamente pulou para a ação.

— Meu nome é Sam. Não tente fugir, agora, senhora. Pye só vai jogá-la, você sabe.

Pye iria jogá-la. O cavalo era tão irritantemente leal ao seu mestre como os homens de Ian.

Sam procurou ajudá-la. Ela não sabia o quão havia sido abalada pelos eventos noturnos até perceber que mal podia suportar seu próprio peso. Outro soldado correu para o lado dela, apoiando-a. Ele olhou-a com olhos deslumbrados e castanhos. Muito ruim, esse garoto não ser seu carcereiro, pensou. Ela estaria livre em um momento.

— Obrigada. — Falou muito suavemente.

Ah! Mas era por isso que a chamavam de Mocassim. Ela se esquivava daqueles enviados para prendê-la repetidamente.

Esta noite, no entanto, não escaparia. Pois, aos olhos de Ian, foi condenada.

Mais uma vez, desejou poder gritar; queria explicar. De certa forma, queria gritar com dor, por tudo o que tinha visto nos olhos dele. E de certa forma, queria arrasar e vencer contra ele por ser tudo o que ele era. A Pantera.

— Venha, senhora — disse Sam. — Eu imagino que a cabana é sua esta noite. Gilbey, veja água fresca para a senhora. Brian, deixe alguém de guarda.

Sam a escoltou até a cabana, mantendo uma mão frouxamente em seu cotovelo enquanto a ajudava a subir uma escada para a plataforma. Sam era educado, mas firme. Ele acendeu uma lanterna de querosene, iluminando a cabana.

— Você deve ficar confortável o suficiente — disse Sam. — Cama e cobertores limpos para vestir enquanto a roupa seca. Não tem mais nada aqui, não tema. Ah! Há um pedaço de sabão e há um jarro e tigela. Gilbey trará água fresca para lavar e beber. Temo que o beliche, a mesa e a cadeira sejam os únicos móveis que temos.

— Bem, Sam, estou bastante impressionada. — Murmurou, tentando fazê-lo com espiritualidade.

Houve uma leve batida na porta. O jovem soldado com os olhos escuros, obviamente bastante novo no comando, apareceu com um grande jarro de água doce, derramando diretamente na tigela de lavagem para ela.

— Sam — sussurrou — ela é realmente o Mocassim?

— Sim é o Mocassim — disse Sam com cansaço. — Assim parece. Agora continue, Gilbey. Senhora — disse a Alaina, — vamos deixá-la agora.

Sam desceu os degraus. Brian estava sentado de guarda. Sam decidiu que seria melhor assumir essa posição também. Ele sentou-se, apoiou-se contra uma das vigas de suporte de pinheiro grossas que mantinham a cabine fixada no chão. Tirou a faca e um pedaço de carvalho velho que estava talhando há muito tempo.

— Vá, diga ao major que ela está na cabana, preparada para a noite, — disse a Gilbey.

— Mas Sam… — Gilbey protestou.

— Vá – disse Sam.

Gilbey obedeceu.

A tentação de lavar o sal do rosto tornou-se mais do que Alaina podia suportar. A água fresca estava deliciosa. Ela esqueceu seu perigo por um momento, bebeu profundamente, então xingou baixinho e com impaciência e sacudiu o pé das botas, calções e camisa. Ela se encharcou na água fresca, até mesmo derramando-a pelos cabelos.

Então ela ficou tremendo de novo; não havia fogo na cabana e, embora a noite do fim da primavera provavelmente não fosse menos do que 21º graus, os arrepios podiam chegar. Ela encontrou o lençol limpo na cama e se envolveu nele. Ela sentou-se de pernas cruzadas na cama. Eles haviam deixado sua água e uma lâmpada. Provavelmente muito mais do que o Mocassim merecia.

Pelo menos, não morreria em uma miséria salgada no mar.

Mas esse pensamento trouxe um soluço súbito para seus lábios. Ela estava tão aterrorizada. Ah! Mas não importa a sua fúria, ele a descartou tão rápido! Talvez nunca mais o veja. Ela podia morrer sem nunca ter uma chance de dizer…

Mas dizer o quê? Eles escolheram caminhos diferentes, e nada poderia mudar isso. Ela o odiava com bastante frequência. Ela tinha que odiá-lo agora. Ela o odiava…

Ela não o odiava.

Abraçou a manta ao redor dela. Ela parecia estar acesa por dentro, cheia de medo e com fúria. Ela poderia exigir misericórdia, certamente…

Oh! Deus, não dele. Nem poderia censurar, alegar, negociar. Ela sempre disse que morreria com dignidade se fosse pega. Ela nunca pediria nem imploraria…

Mas ela faria isso hoje à noite, apenas para tocá-lo. Pelo menos isso, oh! Deus…

Ela saltou de pé em um turbilhão de frustração. Tinha que decidir e achar uma maneira de escapar. Não podia implorar ou acreditar, porque ele não acreditaria em uma palavra que falasse. Não podia negociar, porque já não havia nada que pudesse querer. Mais uma vez, um suave soluço de pânico crescente escapou dela.

Então ouviu passos na escada, e se virou rapidamente. A porta da cabine foi aberta.

E ele estava lá.

Ele mudou para roupas secas. Sua pele parecia muito bronzeada na luz da lanterna; seus olhos não pareciam azuis, mas sim um preto profundo e penetrante. A encarou por tanto tempo que pensava que gritaria e imploraria para atirar e acabar com isso. Quando pensou que simplesmente acabariam todos os problemas e morreria no local, falou finalmente.

— O Mocassim, — ele disse suavemente. Então, — Maldita seja.

— Não! — se ouviu chorar em troca. — Maldito seja, major McKenzie. Você traiu seu Estado, não eu!

Uma nuvem de cabelo preto caído sobre sua testa escondeu a emoção que poderia ter lido em seus olhos. Talvez fosse para o benefício dela; talvez não quisesse saber tudo o que se encontrava dentro das suas profundidades de cobalto.

— De fato. Meu estado traiu meu país, madame. Mas isso não importa agora; A política não importa agora. E se Deus mesmo está do meu lado ou do seu também não importa. O que importa, meu querido Mocassim, é que você foi capturada pelo inimigo, enquanto eu não.

Involuntariamente, sugou uma respiração rápida e temerosa.

— Sim, fui pega. Então… Major McKenzie, o que você pretende fazer comigo? — Exigiu com uma bravata falsa.

Ele ergueu uma sobrancelha arqueada de ébano.

— O que pretendo, madame? Como se lida com uma cobra mortal? Talvez eu deva usar contra você todas as atrocidades atribuídas aos Yankees por tais beldades de estuque delicadas como você. Pilhagem, rapina, abate!

— Ian, com certeza… — ela respirou.

Mas o incêndio de cobalto e fúria permaneceram em seus olhos, na tensão do fio de seu corpo magro, poderosamente musculoso. E ele já havia começado a ir em direção a ela.

******

Um grito pareceu rasgar a escuridão rica em cetim da noite.

Um grito. Golpes ao longe.

Gilbey, depois de retransmitir sua mensagem e voltando para a cabana de vigília do major, saltou de sua posição no chão pelo poste de apoio.

— Você ouviu isso? —, exigiu de Sam.

Sam continuou entalhando. Encolheu os ombros. Gilbey persistiu.

— Eu sei que ela deve ser o Mocassim e tudo…

— Ela é o Mocassim. — Sam ficou calmo. Ele ignorou completamente o grito agudo e aterrorizado. Gilbey não sabia como ele poderia fazer tal coisa.

— Sam, isso é ruim. Eu nunca vi o capitão tão louco, e isso é um fato — disse Gilbey, balançando a cabeça com preocupação. — Quero dizer, com certeza, ela é o inimigo e tudo, mas… o major sempre disse antes que não estávamos enforcando ninguém. Ele sempre disse que não era juiz e júri, e não encabeçaria nenhuma peça de linchamento. Mas nunca o vi tão bravo. Nós deixamos uma jovem… Uma jovem…

— Adorável? — Sam sugeriu sem levantar os olhos.

— Adorável, doce, porque, ela é apenas uma garota deslumbrante, e é isso! Nós a deixamos com o major quando está com um temperamento tão alterado? Ele realmente poderia machucá-la. Parece que está pronto para matá-la.

— Ele não vai machucá-la. — Sam assegurou a Gilbey, suas palavras suaves e seguras enquanto ele se sentava, entalhando sua madeira.

Gilbey caminhou para ficar em frente a ele, as mãos nos quadris.

— Como você pode estar tão malditamente seguro, Sam? Como você pode ter tanta certeza?

Sam olhou para ele.

— Você ainda não adivinhou, Gilbey? Ele não vai matá-la, Gilbey, porque ela é Alaina.

— Alaina?

— Alaina McKenzie. Maldita seja, Gilbey, ela é sua esposa.

O maxilar de Gilbey caiu, então trabalhou duro antes que ele conseguisse falar novamente.

— Esposa? A Pantera é casado com o Mocassim?

— Bem, agora, eles dizem que todas as coisas são justas no amor e na guerra — murmurou Sam. — Talvez a paixão devesse ser adicionada a esse dito também — acrescentou secamente. Ele olhou para a lua e então olhou para a cabana acima dele.

Foi a guerra. A guerra tinha feito coisas terríveis a todos. Especialmente para os McKenzies, todos eles, mesmo com sua marca especial de honra, lealdade, dedicação e amor. Irmãos que haviam se unido por muito tempo, e abundância de derramamento de sangue na formação do Estado, de repente foram arruinados em suas crenças. Irmão contra irmão, pai contra filho.

Homem contra esposa.

Ele sentiu uma grande onda de empatia tanto por Ian quanto por sua esposa do sul. Alaina McKenzie ainda não sabia o que estava guiando Ian tão longe. Ou porque ele seria tão implacável agora. E quanto a Ian, bem…

Sam pensou que os dois poderiam estar se perguntando como e quando começaram nesta estrada tão manchada de amargura e cheia de raiva.

O amante se tornou inimigo, ou o inimigo se tornou amante?

Tudo começou há algum tempo.

CAPÍTULO UM

Maio 1860

Cimarrom

— Por Deus, o que diabos…

Ian viu pela primeira vez a festa estranha reunida em seu gramado quando ele levou Pye da barcaça do rio e olhou para o sul em direção a sua casa, Cimarrom. Um grupo de homens jovens, vários em uniforme, enfrentava uma jovem mulher. A mulher segurava uma espada, assim como um dos homens uniformizados.

Que loucura grosseira e perigosa acontecia no gramado de seu pai?

Ele pulou sobre Pye e correu violentamente em direção à briga, pronto para resgatar a vítima.

Só que não havia vítima. Ele ouviu a risada assim que alcançou o perímetro do grupo e continuou rapidamente e, assim, conseguiu seu primeiro bom olhar em sua convidada desconhecida, e a viu em ação.

— Parry, você diz?

— Sim, querida senhora, e ainda assim, é a força do impulso que dá ao homem a maior vantagem!

O riso surgiu do público masculino no jogo de palavras.

— A força, você diz, do impulso? Parry, empurrão, parry, empurrão, então? — Sua voz era suave, docemente feminina – com apenas a menor margem para isso. Ela era enganosamente delicada, elegante e de aparência angelical. Ela não murmurou a insinuação. Ela os jogou bem.

De fato, Ian pensou, havia algo em sua voz e maneiras que deveriam ter alertado os jovens que ela sabia do que se tratava. Ela segurava uma espada de cavalaria emprestada em boa forma em sua mão direita. A espada parecia bastante incongruente, pois ela parecia ser a epítome da mais bela e encantadora beleza sulista. Seu vestido diurno era um brocado branco e verde-azulados, adequadamente casto para a tarde, mas elegantemente ressaltado por espartilhos e saiotes de uma maneira que evocava sua cintura, alargava seus quadris e realçava seus seios.

Seu cabelo era um ouro castanho-claro; seus olhos, a essa distância, eram uma cor para combinar com seu esplendor. Ouro, também, olhos de gato, e agora mesmo… Eles carregavam o menor brilho do predador.

Ela sabia que poderia levar o homem.

De repente, avançou; houve um rápido choque de aço quando conheceu seu oponente e sofreu velocidade, rapidez, graça e crueldade impiedosa.

A espada do seu oponente voou em um arco do gramado e entrou nos arbustos.

Tendo chegado a sua casa a tempo de ver o estranho confronto, Ian McKenzie encontrou-se bastante curioso sobre a beleza pequena e tentadora que acabara de tornar um jovem arrogante em idiota.

O sujeito arrumado usava o uniforme de um tenente de cavalaria. O nome dele era Jay Pierpont; Ian o conheceu brevemente na base de Tampa. Para seu crédito, lidou com sua derrota com graça e um triste senso de humor.

— Bravo! — chorou.

O riso surgiu dentro da multidão.

— Jay! Você foi pego por uma mulher! — Provocou alguém.

A mulher em questão voltou-se para o atormentador de Pierpont.

— Bem, meu bom senhor, naturalmente, porque tive um professor tão talentoso em Jay.

A linda beleza elogiou.

— Nós provamos que a grande força de um homem não é sua melhor arma, mas sim a qualidade do pensamento dentro de sua cabeça.

— Cavalheiros! — Jay chorou. — A donzela é uma aluna incrivelmente apta.

— Certamente. Aprendi tudo o que sei deste soldado nos últimos dez minutos! — Ela concordou.

O riso aumentou novamente, e a picada da derrota de Pierpont foi acalmada. Pierpont inclinou-se para ela; ela curvou profundamente.

A dúzia de jovens que haviam estado no gramado se espremeram mais de perto, todos chamando por sua atenção, revoando como um enxame de mariposas sobre uma chama.

Seu riso era como carrilhões de vento no ar. O sorriso dela, Ian decidiu, era absolutamente letal. Na verdade, ele não conseguia se lembrar de ter visto uma beleza tão vivaz, tão graciosa e tão arrogantemente confiante em suas artimanhas em todos os dias. Ela tinha flerte como uma graciosa ciência, uma arte deslumbrante.

Os jovens sobre ela eram tolos, pensou ele. Ela estava brincando com todos eles. Ele estava, naquele momento, divertido de perceber exatamente como que um puxão poderia ter feito em suas próprias cordas do coração, se não fosse por Risa. Mas desde que estava contemplando o casamento com a muito equilibrada e linda filha do coronel Angus Magee, poderia facilmente dar um passo atrás dessa pequena encantadora e ter pena dos homens que poderiam ser pegos em sua teia. Ainda assim, era bastante incrível e ele estava prestes a saltar de Pye e insistir em uma apresentação. Mas ouviu o chamado da mãe na varanda:

— Ian!

O prazer maternal em sua voz era tal que necessariamente se tornou a mulher do momento para ele. Ele afiou Pye da multidão no gramado e abriu os quintais finais para a casa. Antes que alcançasse a varanda, balançou a perna sobre a lombar de Pye e deu um pulo do cavalo e o pousou diretamente no primeiro degrau da varanda. Ele acelerou nos degraus, abraçou Tara McKenzie e a girou sobre a varanda.

— Ah, mãe! Eu senti sua falta! Como sempre, você está radiante.

Tara riu, aterrissando sem fôlego em seus pés novamente, aproximando-se para tomar suas bochechas entre as duas mãos e estudar a profundidade de seus olhos.

— Ian — disse, rindo — meu querido primogênito, meu orgulho e alegria, você é um adulador consumado! Eu sei que está profundamente envolvido com sua carreira militar e os assuntos do mundo, e provavelmente não deu a sua mãe um único pensamento. Mas está tudo bem. Estou tão feliz que possa estar aqui hoje!

— Tenho três dias de licença, e dois dias de viagem de volta para Washington, Mãe. — Ele hesitou, ficando sério. — Tenho alguns assuntos pessoais importantes para discutir com você, e não gosto da maneira como a nação está indo, tenho medo. Pode haver algumas decisões a serem tomadas em breve, e quero tempo para conversar com o pai.

Tara franziu a testa, e Ian lamentava ter falado tão rapidamente. Sua mãe não era uma bela simpatia e, certamente, nenhuma flor nativa de estufa. Ela permaneceu, enquanto se aproximava da meia-idade, uma mulher linda, seu cabelo dourado não tinha diminuído um pouco desde que Ian era criança; era magra e graciosa, a senhora perfeita para o amado Cimarrom de seu pai. Mas, apesar de encarnar a feminilidade do Sul gentil, o escopo de seu mundo era muito maior. A posição precária que os McKenzies sempre tomaram em relação à questão Seminole na Flórida fez com que Tara estivesse muito consciente da política em todos os momentos. Ian sabia, observando-a agora que provavelmente era muito mais consciente de que o país estava agarrando-se por fios tênues do que a maioria dos hóspedes do sexo masculino que apreciavam a hospitalidade de Cimarrom.

— As coisas são ainda piores do que parecem? — Ela perguntou suavemente.

— Antes de estar parado em Key West, estive em Washington. Eu estava no pendente de John Brown. Tanto quanto vejo a justiça de sua sentença, penso que seu martírio ajudará a derramar muito mais sangue do que nunca conseguiu. Acho que não há como violar esta brecha. Estamos indo em direção à guerra — disse calmamente.

Ela franziu o cenho. E balançou a cabeça. Como muitas pessoas, Tara não queria acreditar que o país poderia se separar, que havia a possibilidade da guerra.

— Eu sei que há uma facção selvagem e furiosa na Flórida. Nós somos um estado escravagista, afinal, e os homens podem ser inflexíveis em manter suas propriedades. Ainda assim, as pessoas estão tão divididas aqui com todas as bases militares que o Estado poderia ir à guerra contra si.

— Mas, Ian, certamente as cabeças mais saudáveis prevalecerão.

— Não se Lincoln for eleito presidente, tenho medo. Mãe, você conhece os sentimentos da maioria dos nossos vizinhos!

— Duvido que Lincoln esteja até mesmo na eleição da Flórida — disse Tara.

— Realmente, o seu eleitor continua a ser um tiro longo.

Ian encolheu os ombros. Talvez por isso. Mas os militares o mantiveram viajando e viu Abraham Lincoln falar quando partiu com amigos em Illinois, e estava certo de que aqueles que nunca tinham visto o homem estavam subestimando-o.

Ian balançou a cabeça.

— Bem, nada está acontecendo amanhã. Nada acontecerá até a eleição, o que é certo. Então, aguardo a sua festa hoje, embora suponha que os Democratas e os Whigs já estão dentro disso!

Ela balançou a cabeça de repente.

— Houve algum argumento, mas, francamente, a maioria dos nossos vizinhos são proprietários de escravos que veem seu pai como um excêntrico. Um importante, poderoso, rico e respeitável excêntrico, mas um excêntrico, no entanto. Então, é claro, há aqueles que afirmam que não dão uma figura sobre a escravidão; estão furiosos com a questão dos Direitos dos Estados. Como você diz, no entanto, é no futuro, mesmo que seja um futuro próximo. O chá está prestes a ser servido. Refresque-se rapidamente, querido e desça. Você é o melhor presente de aniversário imaginável para seu pai, esta como uma criança esperando para vê-lo.

— Ainda estão Julian e Tia aqui?

— Julian tem trabalhado em St. Augustine, você sabe. Deve chegar ao anoitecer, e está parando pela fazenda de Tia para trazê-la para casa também. Depressa, querido.

— Sim, eu vou.

Ele a beijou na testa.

— Eu descerei diretamente, mãe.

Ele correu pelo corredor e subiu a escada até o segundo andar de Cimarrom, descendo o longo corredor para o quarto dele. Tinha a intenção de se apressar, como havia prometido, mas toda vez que vinha aqui e olhava para a vista que tinha da sua casa, precisava parar. Ele amava Cimarrom. Profundamente.

Como o filho mais velho de Tara e Jarrett McKenzie, ele era o herdeiro de Cimarrom. Ele sempre soube disso e sempre assumiu a responsabilidade com firmeza. Ele não tinha certeza se seu amor pela casa e pelos terrenos havia sido ensinado a ele, ou se ele e seus irmãos não tinham nascido com sorte. Seu irmão mais novo, Julian, amava naturalmente a sua casa. Mas para Julian, a busca da medicina era tudo, e ele se tornou um médico. A irmãzinha de Ian, Tia, sentia um orgulho igualmente caloroso em Cimarrom, mas Tia amava o mundo em geral. Como sua mãe, ela estava intrigada com as pessoas e a política, e ela estava continuamente inquieta e ansiosa para viajar. Tinha sido muito difícil para seus pais convencê-la de que ela deveria

permanecer na Escola de Acabamento para Jovens Senhoras de Madame de La Verre o suficiente para emergir com, pelo menos, a fachada de uma educação adequada.

Cimarrom.

A casa era a própria graça. Seu pai e seu tio haviam projetado e construído quando esta área no interior do rio, de Tampa, não era mais que uma região selvagem.

Seu quarto era excepcionalmente grande, como era toda a casa, o que parecia um desperdício, agora que não fazia uso dele com tanta frequência. Sua cama tinha um grande dossel, feito de carvalho esculpido na Inglaterra: uma criação masculina com pés esculpidos em leão e grifos alados na cabeceira. Sentou-se contra a parede distante, de frente para a lareira na parede interior. As cadeiras estofadas estavam postadas diante da lareira, e uma enorme escrivaninha de carvalho de dois sentidos estava colocada no centro, com cadeiras de ambos os lados. Um guarda-roupa e um armário enchiam a parede norte, enquanto o sul foi levado pelo seu lavatório e um segundo guarda-roupa com um espelho de corpo inteiro. As cores eram escuras com a riqueza da floresta. O tapete oriental que se encontrava debaixo da cama estava em azuis brilhantes e carmesim, e as cortinas de faixa também eram uma rica tapeçaria azul.

As janelas do segundo andar eram, na verdade, portas francesas que levavam a uma varanda. Ian saiu e segurou a grade da varanda. De lá, olhou pela encosta da terra, para o rio para o norte; e ao córrego que se ramificava, habitado por peixes-boi e lontras de rio, e alguns dos pássaros mais gloriosos que habitam na terra. Girou ligeiramente, olhando para as florestas profundas do pinheiro ao sul que cercavam os pequenos bolsões de civilização branca que agora brotaram aqui. Na extremidade de uma das trilhas da floresta, havia um bosque e, dentro daquele bosque, uma piscina de água doce criada a partir de fontes sob o solo. No chão, a grama, mesmo no inverno, era verde-esmeralda. O rio fluía um aguaceiro profundo e escuro, os pinheiros subiam com majestosa beleza em direção a um céu azul.

Ian observou uma pequena águia voar pelo céu. Um sentimento de paz tomou conta dele, apenas para ser perturbado por um mal-estar crescente dentro dele. Ele amava esse lugar, essa vida. E ele sentiu como se estivesse de alguma forma preso a um pedregulho rolando desordenadamente, fora de controle, que colidiria com os alicerces da casa, fazendo com que ela caísse.

Ele se sacudiu. As cabeças mais prudentes prevaleceriam, como disse sua mãe. Mas já, entre tantos dos homens bem-educados e bem lidos no exército, a conversa tinha crescido muito a sério. Era bastante estranho, é

claro, que se acontecesse a guerra, muitas vezes os homens que haviam lutado juntos antes seriam os que se dirigiam um contra o outro. As melhores escolas militares da nação sempre atraíram seus cadetes de todo o país; naturalmente, agora, os oficiais dos militares dos Estados Unidos saúdam de todas as regiões. Se chegar à guerra…

Independentemente do lado escolhido, Ian estaria lutando contra companheiros de quarto, colegas de classe, professores e amigos.

Possivelmente seus próprios parentes. Estremeceu, dizendo a si mesmo que ainda não havia tomado nenhuma decisão. Nenhuma decisão ainda havia sido solicitada. O país chegou à beira da guerra antes e compromissos foram feitos. Ainda assim, o que diabos deveria fazer?

Continue orando, se recomendou.

Ele virou-se e entrou novamente no quarto, encontrou água fresca no jarro da pia e rapidamente se refrescou. Ainda assim, ele demorou muito tempo. Chegou na brisa do lado de fora da sala de jantar a tempo de ver os empregados limpando a refeição e ouvir a companhia levantando seus copos de limonada em um brinde para parabenizar Peter O'Neill por seu noivado com Elsie Fitch.

Os parabéns estavam em ordem. Elsie era bonita, doce, um pouco vaga na opinião de Ian, mas para um homem como Peter, provavelmente era melhor.

Ela também era muito, muito rica.

— Ian!

A voz de seu pai. Atrás dele.

Ian esqueceu tudo enquanto estava envolvido no abraço de seu pai. Jarrett deu um passo atrás de seu filho, então, os olhos escuros de carvão examinando-o.

— Você está bem, filho. Na verdade, uma visão maldita para esses olhos envelhecidos.

Ian riu.

— Falando em envelhecimento, feliz aniversário, pai.

— Um feliz aniversário. Meus filhos estarão todos em casa. Estou ansioso para passar algum tempo com você, ouvir sobre o mundo.

— Pai, não tenho certeza de que quer saber sobre o mundo. Você não pode começar a imaginar a situação.

— Confie em mim. Eu vi muito. Eu conseguirei imaginar tudo o que você me diz. Temo profundamente por nosso país e o nosso estado. As notícias que chegam aqui são, é claro, muitas vezes muito lentas, mas não importa; você pode sentir um edifício de segurança como nuvens de tempestade. O fracasso da Convenção Nacional parece ter provocado uma nova brisa. Existe um humor perigoso e feio para o país agora.

— A divisão nas crenças está crescendo tão profundamente, temo que nunca possa ser reparado.

— Falaremos depois — disse Jarrett. — Acredito que sua mãe acabou de enviar os cavalheiros para a biblioteca, e um bando de jovens vai logo se dirigir para as escadas para sonhar com as festas da noite. Naturalmente, suponho que possa preferir ser inundado por jovens senhoras, mas seu tio quererá vê-lo e as senhoras não tão terrivelmente jovens passarão apenas alguns minutos com os senhores, então sua tia te dará um beijo e um abraço também.

— Eu vi tio James e tia Teela há pouco tempo. Eles lhe disseram?

— Na verdade, parece que veem mais você do que nós, já que você passou tanto tempo na base em Key West. Venha, vamos para a biblioteca e saia do caminho da debandada feminina!

— Como você desejar, senhor — disse Ian. Com uma careta, seguiu seu pai.

Como Jarrett o havia avisado, tinham acabado de entrar na biblioteca e parecia que o lugar brilhava cheio de criaturas risonhas e macias, todas em saias cheias de tantas anáguas engomadas que provavelmente poderiam aguentar suportes de construção. Algumas, filhas de velhos amigos, vislumbraram Ian e lhe deram abraços e beijos adequados.

No meio da confusão, ele pensou ter visto um redemoinho de flores de brocado de cerceta e delicadas rendas de marfim: a beleza loira dourada que estivera segurando a espada com sua brincadeira de esgrima sobre o gramado.

Antes que pudesse questionar seu pai sobre a menina, no entanto, sua tia apareceu no corredor.

— Ian! — O cumprimentou com prazer, e a encontrou com um abraço e um beijo na bochecha, e quando olhou de novo, a pequena sirene de centelha desapareceu.

******

— Espere. Por favor, espere. Você deve esperar!

Alaina quase conseguiu escapar da casa.

Quase.

Ela havia alcançado as portas traseiras que se abriam a partir do grande brilho das densas florestas de pinheiros. Ao chamarem por seu nome, hesitou apenas brevemente, mas por pouco tempo. Peter O'Neill a tinha visto. E agora estava indo apressado para ela.

— Peter, afaste-se de mim! — Ordenou com firmeza.

Mas Peter continuou chegando, uma expressão patética de cachorro em seu rosto. Um rosto bonito, pelo menos, ela pensara assim antes de hoje. Seus olhos eram de um líquido azul suave, suas feições puramente patrícias, e seu cabelo era de um castanho-claro rico e generosamente longo até o colarinho, as pontas ondulando naturalmente. Ele estava elegantemente vestido com uma sobrecasaca cinza, camisa branca engomada e colete de brocado. Agora, talvez, pela primeira vez, ela o olhou de cima a baixo e não sentiu emoção. Seus olhos líquidos não eram bonitos, mas fracos.

Ainda assim, seu aperto no pulso dela era forte.

— Tenho que falar com você! — disse com urgência. Lhe puxou o braço com força.

Ela poderia ter puxado a mão. Poderia ter ameaçado gritar. Peter teria deixado o pulso como uma batata quente, ele desprezava o escândalo de qualquer tipo. Contra seu melhor julgamento, permitiu que a guiasse da entrada.

Um erro. Descobriu que tinha sido levada para a despensa do mordomo. Seu único escape estava em voltar ao caminho que havia chegado, o que Peter bloqueou, ou a porta da cozinha, que atualmente estava bloqueada por uma sacola contendo as carnes defumadas para a refeição da noite.

Olhou para Peter, cruzando os braços sobre o peito. Seu coração estava correndo.

Ah, bem, talvez o amor morra, ela zombou de si mesma. Amor jovem. Na verdade, ela se perguntava agora se estava apaixonada por Peter ou apaixonada por estar apaixonada.

E então, é claro, se perguntou se estava lutando contra a dor que lançou sobre ela com um esforço firme para se convencer de que não se importava com ele e que ele era apenas um idiota e era feio desde o início!

— O que é, Peter?

— Eu teria dito que meu pai estava determinado que deveria me casar com Elsie Fitch se tivesse tido apenas a chance — ele gritou.

Suas palavras eram claramente sinceras. Se não tivesse se sentido tão completamente humilhada quando seu noivado foi anunciado no chá, poderia ter dado um passo à frente, tocado sua bochecha e diria que estava tudo bem.

Mas não estava tudo bem. Peter tinha visitado sua ilha várias vezes com seu pai, buscando ajuda de seu pai por seus laranjais. E jurou seu amor eterno e devoção, e que seria apenas uma questão de tempo antes que ousasse declarar isso para todo o mundo.

Bem, hoje fez suas declarações ao mundo. Com a maioria dos convidados que chegaram a Cimarrom para apreciar o chá da tarde da Sra. Tara McKenzie, Peter O'Neill levantou-se, com Elsie ao seu lado e anunciou que se casariam. Até esse momento, estava tendo um tempo maravilhoso. Seu pai muitas vezes não deixava sua ilha no extremo sul, e raramente se misturava com a sociedade. Apesar de seu status científico e renome, seu pai não estava entre as classes incomuns, e eram amigos dos McKenzies de Cimarrom apenas porque eram os melhores amigos dos McKenzies de Mirabella. Alaina não estava acostumada com a afobação e atenção que havia recebido dos jovens hoje e, certamente, se sentiu excitada. Madura. Procurada. Tinha sido divertido testar seus talentos para o flerte. Ironicamente, até pensou que seria divertido fazer com que Peter ficasse um pouco ciumento.

Mas, em seguida, veio seu anúncio, e de alguma forma ficou ali e sorriu por toda parte, perguntando-se se seus dentes iriam virar, quebrar e cair de sua boca, estava apoiando-os com um esforço tão desesperado.

Então, é claro, havia a questão de Elsie Fitch. Elsie não era a maior beleza do mundo, mas era atraente o suficiente, com os cabelos castanhos

escuros e os enormes olhos escuros. Ela riu para algumas das jovens e sussurrou que estavam apaixonados para sempre e admitiu que, se não se casassem rápido, ficariam tão apaixonados que estariam planejando um casamento muito apressado de fato!

— Peter, aparentemente você vai se casar com Elsie, e desejo-lhe toda felicidade. Agora me deixe passar.

— Alaina, você não entende.

— Casamento. Uma ligação de duas pessoas. Você tomará Elsie, e nenhuma outra. Compreendo perfeitamente o conceito.

— Alaina, não seja tão gozadora! — Peter gritou, e percebeu que parecia estar perdendo a paciência. Ela era a besta lesada aqui. — Alaina, quase morri assistindo você provocando esses outros homens hoje. Eu queria parar seu comportamento como uma vadia imprudente…

— Vadia! Peter, não serei gozadora. E não vou escutar você ser bruto. Eu não serei nada sua na verdade! Eu desejo passar e ficar longe de você. Na verdade, lhe digo novamente, desejo-lhe toda felicidade; agora deixe-me, e lembre-se, o que faço com outros homens no futuro não é da sua conta!

Mas quando tentou passar por ele, sentiu um alarme fugaz. Ele a segurou pelos ombros e apoiou-a na parede, de repente falando muito rapidamente.

— Alaina, pelo amor de Deus, não me atormente! Não temos tempo aqui. Deus, você não pode imaginar como te quero? Sou um homem desesperado, Alaina, você me fez assim. Venha comigo, para a floresta.

— Na floresta! — Exclamou — Na floresta, com você?

Oh! Deus, ela começaria a rir, ou a chorar. O bosque! Isso tinha sido exatamente para onde estava indo, mas estava indo sozinha. Sozinha! Estava desesperada por estar sozinha, desesperada para não sentir seu toque, não se sentir tão traída, tão tola!

— Alaina, eu te amo, tenho que ter você. Quando te vi hoje, pensei que estouraria com ciúmes. Você deve ser minha. Você não entende, você deve me ouvir, eu adoro você! Deus, sinto muito por não ser o casamento, mas podemos fazer o melhor do que temos. Sou rico, não apenas na terra do meu pai, mas por meu próprio direito. Minha mãe me deixou um fundo fiduciário. Eu posso…

— Peter, pare! Não posso acreditar que você está me dizendo essas coisas. Não posso acreditar que você começaria a imaginar isso, agora que você se comprometeu.

— Não seja uma tola, Alaina! Doce Jesus, Alaina, veja a verdade disso! Nenhum jovem respeitável jamais poderá pedir sua mão em casamento.

— Nenhum homem respeitável pediria minha mão? — repetiu rígida.

Ele não parecia compreender a dureza que afiava seu tom, a aversão repentina e completa nele. Ele se apressou com determinação.

— Oh, minha querida, deve perceber isso! Seu pai é quase sem valor. Você foi criada na natureza absoluta como os selvagens! Mas isso não precisa te incomodar, porque realmente te adoro, Alaina, vou te dar tudo, absolutamente tudo o que posso…

Suas palavras continuaram. Ela o encarou com incredulidade. Sua boca aproximou-se e, antes que percebesse sua intenção, a estava beijando, pressionando-a mais forte contra a parede, seu corpo se deparou com ela de uma maneira que claramente definiu o que esperava dela, sua língua persistentemente entrando em sua boca.

O espanto manteve-a perfeitamente imóvel por alguns segundos, então sentiu sua mão, torcendo pelo corpete. A fúria entrou nela. Bateu para cima com um joelho, e num segundo, ele uivou e deu um passo para trás, então, deu-lhe uma bofetada no rosto por vingança.

— Peter, tome suas propostas desprezíveis e vá para o inferno!

— Alaina! — Murmurou. Ele estava em agonia, mas se fosse porque recusou sua proposta ultrajante ou porque o tinha batido com tanta força, ela não sabia. Nem se importava naquele momento. Não aguentaria mais o rico e respeitável Sr. Peter O'Neill. Ela tirou o máximo proveito de sua fraqueza e afastou-se dele, depois fugiu rapidamente da despensa e afastou as portas duplas, atravessou o gramado e entrou em um bosque de árvores abrigadas.

CAPÍTULO DOIS

Ian ouviu um murmúrio suave e sentiu um sussurro de respiração contra a sua nuca.

— O lugar de sempre!

As jovens senhoras haviam ido para o andar de cima para descansar fazia algum tempo. Agora as matronas estavam deixando os homens com seus conhaques e charutos.

O sussurro tinha vindo de Lavinia Trehorn, a encantadora e perversamente sensual viúva de trinta anos do falecido, muito-velho-mas-obscenamente-rico, Lawrence Trehorn.

E, embora Ian tivesse definitivamente determinado que desta vez em casa, ele iria dizer a seus pais que pretendia entrar em um compromisso com Risa imediatamente, Risa era linda, equilibrada, bem educada, bem familiarizada com os militares e o amor e desejo que ela despertava nele certamente seria do tipo que durariam para sempre, o casamento podia demorar muito.

Muito tempo.

E a perspectiva de amor e casamento era um conceito completamente diferente do que Lavinia estava oferecendo. Lavinia estava em um ponto na vida em que a simples luxúria tornou-se tão essencial quanto a respiração; ela não procurava compromissos.

— O que foi isso, Ian McKenzie?

Ian piscou. O aroma sensual do perfume almiscarado de Lavinia permaneceu, distraindo-o.

— Ian McKenzie! Explique-se, senhor!

Ele percebeu que Alfred Ripply, o construtor naval de Tampa, estava consultando-o em sua última declaração. Algo que ele tinha dito sobre o estado da União, e ele não conseguia se lembrar de imediato.

O sussurro em seu ouvido o derrubou.

Ele limpou a garganta, depois parou, ciente de outro olhar feminino sobre ele. Ele podia sentir o olhar ardente da jovem que estava enchendo os copos de conhaque na sala de estar.

Lilly.

Lilly era sua amiga. Ela era uma jovem exótica cuja constituição física combinava com o dos índios, a mistura sanguínea entre negros e brancos. Ela desprezava Lavínia e estava tentando, embora agisse como uma serva competente durante todo o tempo, transmitir a Ian com o poder de seu olhar o fato de que ele não deveria seguir Lavínia. Ele arqueou uma sobrancelha para Lilly, lembrando-lhe que ele ainda era um homem solteiro, com mais de vinte e um anos… e certamente capaz de ficar fora das garras malignas de uma mulher como Lavínia, com exceção do "mal" que ele estava bastante ansioso para compartilhar.

Lilly deixou escapar um suspiro quase inaudível.

Lilly era uma mulher livre; nunca houve escravos em Cimarrom. O avô de Ian, que trouxe seus filhos para a Flórida, desprezava a noção da escravidão. Cimarrom era uma fazenda e funcionava como tal, mas eles conseguiam fazê-lo e bem, com trabalho remunerado.

Lilly tinha chegado até eles no final da "Terceira Guerra Seminole", como o governo chamava. Tinha sido o último grito de um povo devastado e Ian entendia as breves, mas amargas hostilidades, melhor do que a maioria, já que seu parente mais próximo, fora de sua família imediata, tinha sangue indígena correndo em suas veias.

Na verdade, Lilly tinha vivido entre uma pequena tribo de índios Creek residente no interior da Baía de Tampa. Seu marido havia se juntado aos guerreiros que foram mais uma vez em busca de alguma justiça. O último conflito tinha terminado tanto quanto aquelas guerras travadas antes; os Seminoles que sobreviveram permaneceram espiritualmente invictos e haviam recuado mais fundo no pântano. Os brancos tinham de bom grado lavado suas mãos em uma batalha desagradável.

Ian tinha sido incrivelmente grato por não ter se envolvido. Não houve nenhum problema de índios na Flórida, quando ele tomou sua decisão de aceitar sua nomeação para West Point. Ele tinha se formado como um tenente, mas teria renunciado de bom grado a sua comissão, em vez de pegar em armas contra os Seminoles. Felizmente, no momento em que as hostilidades começaram, seu comando tinha sido no Texas. Em seguida, ele foi designado para o viveiro de cerveja na arena Kansas/Nebraska, antes de ser ordenado para Key West para trabalhar com os homens que tentavam

mapear as redes, rios e córregos através dos pântanos. A viagem que tinha feito em todo o país o deixou certo de que ele poderia falar com uma opinião educada sobre o estado muito grave da União naquele momento.

Mas ele estaria condenado se dissesse o que quer que fosse. Ele não queria discutir política agora. O sussurro de Lavínia tinha sido muito atraente.

Ele olhou para Lilly. Lilly sacudiu a cabeça, preocupada com ele. Ele sorriu. Lilly devia entender sua atração por Lavínia e o fato de que ele poderia cuidar de si mesmo, sem arriscar seus próprios planos para o futuro ou ferir qualquer menina doce, jovem e inocente. Afinal, ele ia se casar com uma mulher jovem muito adequada, mas havia planos intermináveis para fazer e só Deus sabia quando seu casamento podia realmente acontecer. Reunir-se com Lavínia era puro entretenimento para ambas as partes, sem ninguém se machucar de qualquer forma. Ele não estava apaixonado por Lavínia e ela sabia disso. Nem, claro, Lavínia era apaixonada por ele. Eles se tornaram amigos nos curtos períodos que ele estivera em casa, e Lavínia era uma viúva que agora havia assumido uma série de amantes, muito discretamente, é claro. Lavínia era, e tinha dito isso francamente, muito apaixonada por um bom entretenimento sexual sem as restrições tolas da sociedade. Como uma viúva, alguém que perderia o dinheiro de seu querido marido para o seu irmão, caso ela voltasse a se casar, ela não via motivos para negar a si mesma os prazeres e diversões que podia desfrutar.

— McKenzie! Ian McKenzie! Você não faz o menor sentido, senhor! — Disse Alfred Ripply, batendo sua bengala contra a madeira polida do chão da biblioteca. — Você senta aí e diz que John Brown merecia ser pendurado e, quase no mesmo fôlego, diz que Lincoln, aquela criatura horrenda e cheia de má formação, não busca nenhum mal contra os sulistas, apenas fortalecer a União!

Ian suspirou, olhando para o seu pai, de onde ele estava do outro lado da sala, um cotovelo encostado à lareira. Jarrett McKenzie permaneceu tão alto e musculoso como sempre; sua postura não tinha mudado um fio de cabelo em todos os anos que Ian podia se lembrar. Os olhos escuros de seu pai eram sérios contra os seus consideráveis traços bonitos, honrados; seu cabelo, quase preto como o azeviche, estava apenas começando a ser tocado pela cor prata. Ian e Jarrett tiveram certamente suas diferenças ao longo do tempo, mas agora, em muitos aspectos, eles foram descobrindo que eram muito parecidos. Nos últimos anos Ian tinha vindo a perceber que ele não simplesmente amava o seu pai, ele o admirava muito. As opiniões de Jarrett tinham definitivamente influenciado muito no seu próprio pensamento, mas suas experiências de vida serviram para convencê-lo da justeza de suas

crenças, pelo menos em sua própria alma. E era isso, que Jarrett sempre lhe ensinara, que importava mais.

— John Brown é, em minha opinião, senhor, um caso triste. Ele acreditava sinceramente que Deus havia sancionado seus atos na busca de um objetivo maior. No entanto, digo que ele merecia ir para a forca porque assassinato é um crime punível por enforcamento de acordo com as nossas leis. John Brown deliberadamente e brutalmente assassinou muitos homens, alegando fazê-lo em retaliação a invasões em território anti-escravidão por homens pró-escravidão. Brown não tinha o direito de ser juiz e júri para aqueles homens.

Ian se levantou e fez uma reverência para os homens na sala. Seu tio James, que veio com sua família para a reunião anual de aniversário de Tara, o observou de forma estranha. Ian deu ao seu tio uma careta rápida e torcida, em seguida, virou-se para Ripply e os outros.

— Senhores, se vocês me derem licença, acredito que vou ver a lista de vinhos para esta noite. Pai?

Jarrett estava evidentemente ciente de que seu filho estava arrependido por ter se envolvido em tal conversa. Ripply queria total concordância com as suas próprias crenças e nada menos. E ele provavelmente não tinha ideia de quão feia a discussão sobre a escravidão poderia se tornar.

Ele não tinha visto algumas das atrocidades cometidas no Kansas, Nebraska e Missouri, pois cada lado se esforçava para provar que Deus havia ordenado que seu credo era o caminho certo.

— De fato, Ian. — disse o pai. — Por favor, faça isso.

E ele estava livre.

Naturalmente, ele não precisava ver uma lista de vinhos. Tais arranjos tinham sido cuidadosamente resolvidos há muito tempo. Seu pai não sabia sobre Lavínia; ele só sabia que Ian precisava escapar e entendeu.

Ele decidiu, no entanto, que seria melhor sair na direção da cozinha.

E foi por isso que, embora ele não tivesse visto a jovem envolvida, ele claramente a ouviu beijando O'Neill e, em seguida, batendo-lhe.

Ian não gostava de O'Neill. O'Neill, cujo pai tinha acabado de anunciar o noivado de seu filho com a herdeira do algodão Elsie Fitch, tinha rumores de ter vários filhos espalhados pelo Estado. E se o boato fosse verdade, ele condenava cada moça solteira quando sua condição se tornava aparente.

O'Neill provavelmente era considerado convencionalmente bonito e, obviamente, ele poderia ser encantador.

Quando Ian entrou na cozinha e se deparou com o beijo e o tapa, ele rapidamente teve certeza que quem quer que fosse a moça infeliz, ela estava em sua casa e, portanto, merecia sua proteção. Supondo que ela a quisesse.

Mas quando ele se forçou a entrar na despensa, O'Neill estava sozinho, um pouco curvado, massageando sua bochecha, e uma parte da sua anatomia, assim parecia. Seu rosto ficou vermelho de modo que a marca da mão pareceu se aprofundar quando ele viu Ian.

— Desculpe-me, Ian. Dificuldades com um caso do coração que agora atingiu as minhas extremidades. Tenho medo que fosse uma apaixonada por mim. — disse ele com tristeza.

— De fato. Certamente parecia que sim. — Ian disse secamente.

— Ela era totalmente inadequada para o casamento. — Peter disse defensivamente.

— Você parece ter esse problema com as mulheres que te atraem.

Peter corou ainda mais.

— Meu pai não teria nada com isso.

— Mas pelo menos o conceito de casamento passou pela sua cabeça neste momento. — Ian disse educadamente.

Peter lhe deu um sorriso desajeitado e ergueu as mãos.

— Você já andou pelo mundo, Ian. — disse ele. — Você sabe como as mulheres podem ser. Esta é… devassa. Um pequeno inferno. Tão madura que estava explodindo. Ela me queria. Eu não podia negar-lhe. Acredite em mim, Ian, eu teria que ter sido uma pedra para resistir a ela. Você não pode imaginar…

— Peter, me poupe, e poupe a casa do meu pai das suas teatralidades e qualquer que seja a crueldade que você pode conferir a suas mulheres inapropriadas. — Ele começou a andar, então hesitou. — Você não está brincando com uma serva na casa de meu pai, não é? — Por um momento, ele estava com medo de que Lilly pudesse estar envolvida.

Peter se endireitou, por fim, com seus olhos azuis cheios de ódio. Ele sabia que Ian não gostava dele e estava furioso por Ian ter visto tal cena.

— Certamente não! E se o rumor faz justiça da verdade de qualquer maneira, Ian McKenzie, você não tem o direito de condenar outros homens pelos seus casos com mulheres.

Ian arqueou uma sobrancelha, mas conseguiu não responder. Ele não estava disposto a discutir com Peter ou tentar explicar a diferença de desfrutar da companhia de uma mulher madura e independente e seduzir uma jovem inocente. Mas, novamente, talvez ele não tivesse o direito de condenar Peter afinal de contas; ele não sabia quem era a mulher envolvida. E ele estava ficando um pouco ansioso.

O inferno com Peter e seus problemas.

O lugar de sempre. Lavínia poderia estar impaciente. Ela só esperaria por um tempo.

— Tome cuidado na casa de meu pai, Peter. — Ele disse suavemente.

— Ou o quê? — Peter perguntou, seu tom áspero.

— Ou eu vou ter certeza de que você terá. — Ian disse uniformemente, em seguida, passou pelo homem e correu pela porta que levava de volta para o grande salão.

Quando saiu da casa, ele podia ouvir os sons de vozes iradas ecoando da biblioteca. Ele esqueceu Peter e queria esquecer a esmagadora sensação de desgraça que parecia pairar sobre o seu país.

Ele sentiu uma sensação ardente de nostalgia do jeito que costumava sentir. Nos dias lentos e fáceis quando havia pouco para perturbar a maneira que o rio ondulava, quando as barcas se moviam lentamente e preguiçosamente e o dia-a-dia no Cimarrom era como um relógio. Quando os pinheiros protegidos da terra e as piscinas de cristal esfriavam a carne de um homem no calor do sol. Esse era o seu mundo. Único do Norte; único, mesmo, da maior parte do Sul. Grande parte do seu mundo ainda permanecia deserto, a civilização fronteira com azuis primitivos e verdes. Suas piscinas de cristal eram como nenhuma outra; o sol era brilhante, o pôr do sol radiante com cores vibrantes. Sua terra era como um Éden.

Mmm… Éden.

Privada, isolada. Sedutora. Ele ia ser muito feliz com alguns minutos de descanso com Lavínia em seu Éden privado.

Antes que todo o seu maldito mundo corresse direto para o inferno.

******

Alaina correu ao longo do caminho, seus passos leves e rápidos sobre o chão da floresta cheia de pinheiros. Ela hesitou brevemente, olhando para trás. A trilha de Cimarrom estava vazia. Peter O'Neill não estava a seguindo, pronto para insistir novamente que poderia haver algo entre eles em privado, mesmo se…

Suas bochechas queimaram.

Mas ela não estava sendo seguida. Ela tinha deixado Peter dobrado e ninguém a tinha visto; ninguém a tinha seguido. Ela poderia escapar. E após os acontecimentos da tarde, ela estava desesperada por algum tempo sozinha.

Para esfriar.

Ela sabia para onde ir. Para o refúgio relaxante onde tinha se dirigido quando Peter tão rudemente a deteve.

Havia uma bela piscina de água doce logo à frente, ou então a haviam prometido isso. A piscina tão privada quanto o próprio Éden de Adão e Eva, trancado nas profundezas da floresta, que começava exatamente onde o gramado Cimarrom terminava. A prima de Ian McKenzie, Sydney, tinha lhe assegurado que iria encontrar a piscina com bastante facilidade e que era magnífica e gloriosamente limpa e cristalina, alimentada por mananciais subterrâneos. Sydney sabia, é claro, porque ela era uma McKenzie, embora não um dos McKenzies de Cimarrom. Sydney tinha crescido no extremo sul do estado, assim como Alaina, uma parte do estado ainda referida como selvagem por aqueles que sentiam que tinham completamente civilizado a região central da Flórida.

Tais sentimentos geralmente divertiam Alaina e também lhe davam um certo sentimento de orgulho, o que lhe permitiu sentir pelo menos um pouco de desprezo pelas numerosas jovens senhoras na festa Cimarrom esta tarde que estavam sussurrando sobre ela e seu pai, como eles supostamente deitavam-se para dormir. Ela não precisava que Peter lhe dissesse que ela e seu pai eram, de uma forma estranha, não exatamente preferidos pela sociedade para um número de mães e pais muito ricos do estado. Pela sua experiência, jovens senhoras nunca cochilavam, supostamente em eventos sociais, elas fofocavam. Mas isso não importava para Alaina; ela simplesmente não dava a mínima. As jovens senhoras não amaldiçoavam, também, é claro, mas desde que seu pai era muito mais intrigado com a vida das plantas do que com a vida humana, ele nunca tinha percebido que poderia ter negligenciado sua educação “adequada”.

E graças a Deus ele não tinha a menor ideia de que ela não estava interessada em descansar ou ouvir o que poderia ser dito.

Ou que, por causa de suas excentricidades, ela podia não ser considerada material de casamento decente. Deus! Que Peter ousasse dizer uma coisa dessas para ela. E imaginar que ela tinha pensado que estava apaixonada por tal bruto, um homem detestável, que ela tinha considerado casar com ele! Depois de tudo o que ele havia sugerido a ela… Oh, Deus. Ela estava mortificada.

Ela parou. Lá estava. A piscina. Grande, com pequenas bolhas que apareciam aqui e ali nas profundezas das nascentes. Grandes carvalhos mergulhavam seus galhos para baixo da água. A água era tão clara que ela podia ver todo o caminho para as profundezas.

Ela estava morrendo de vontade de nadar. Tinha começado a ir em direção a piscina, com a intenção de mergulhar e não estava preocupada, no mínimo, o que as pessoas poderiam pensar.

Mas agora ela sentia que tinha que lembrar-se de que nenhuma mulher decente iria correr para fora das florestas de Cimarrom e ir nadar.

Bem, ela tinha acabado de ser informada que ela não era material exatamente decente para começar!

Ela se virou, examinando a clareira. Insetos piavam baixinho. Um sol escaldante queimava. Seu temperamento queimava também e a água era tão convidativa. Ela queria desesperadamente senti-la, sentir-se como se pudesse lavar o toque de Peter e suas palavras de ódio. Os homens estavam ocupados com conhaque e charutos, as mulheres com as fofocas. A piscina era um lugar privado, conhecido apenas pelos McKenzies.

Ela sentou-se em cima de um registro do pinho pesado e começou laboriosamente a trabalhar nos laços do seu vestido elegante. Com alguma dificuldade, ela tirou seu vestido, saias e o espartilho que ameaçava asfixiá-la. Ela parou por um momento, pensando que devia permanecer um pouco decente com sua camisa e calças. Mas, novamente, se sua roupa não secasse rapidamente ao sol, ela teria que voltar para a casa, e as fofocas, bastante úmida. Se ela se despojasse de tudo e mantivesse suas roupas em perfeita forma, poderia nadar, se vestir, secar os cabelos no sol e voltar para a casa, ninguém saberia. E, além disso, ela ainda sentia o horrível toque de Peter. Respirou seu cheiro sobre sua pele.

Ela tirou o resto de sua roupa, cuidadosamente organizando tudo em uma pilha a uma distância da água, em seguida, ofegou apenas um pouco quando a água fresca da primavera tocou sua pele quente.

CAPÍTULO TRÊS

Lavínia não estava lá.

Ela não veio para elegantemente se drapejar no tronco, e nem mesmo o esperou furiosamente, andando para lá e para cá, pronta para discutir antes de impacientemente insistir que havia sempre muito pouco tempo, que eles deveriam se ajustar…

Bem, ele demorara muito tempo. Talvez ela pensou que ele não viria, que tinha outros planos. Ele silenciosamente amaldiçoou os tolos que o tinham atacado de surpresa.

Primeiro, o beligerante Alfred Ripply.

E então, na despensa, aquele maldito galo pomposo Peter.

Ele olhou o tronco. Era o lugar dela. O velho pesado tronco de pinheiro.

Ela gostava de se empoleirar nele, sabendo muito bem quão elegante poderia parecer, sentada bem ereta, as pernas longas enroladas embaixo dela, os traços pálidos guardados do sol por um guarda-sol.

Ele advertiu a si mesmo que era melhor esfriar os fogos dentro de si. Lavínia estava aparentemente irritada que ele não se apressou quando ela acenou. Ele se sentou no tronco, perguntando-se se não devia estar agradecido que perdeu sua chance com Lavínia. Ele não particularmente pretendeu ser casto, mas parecia que um poder maior poderia o estar forçando a agir como um homem contemplando o casamento, com uma boa mulher que entendia seu tumulto interno.

Mas agora mesmo a tempestade dentro dele estava enlouquecendo. Ele precisava, procurava, uma fuga de seus pensamentos.

Ele correu seus dedos pelo cabelo.

Ele seria chamado bem cedo para tomar algumas decisões muito difíceis.

Homens e mulheres pacíficos e racionais ainda estavam dizendo que não poderia haver uma guerra.

Mas Ian viu de primeira mão as paixões daqueles que poderiam bem provocar uma matança. Nada disso ocorreu da noite para o dia. Este argumento esteve amadurecendo desde que os pais fundadores escreveram a constituição, e deixaram de fora a questão da escravidão.

Agora a explosão estava vindo.

E se viesse para guerrear, o que em nome de Deus ele faria?

Não havia modo de sair disso; a Flórida era um estado de escravos, a maior parte dos donos de plantações dependia do trabalho escravo. Ian teria que lutar contra seus próprios amigos e vizinhos.

Suspirando, ele encarou o céu acima. Era tão azul. Era o que mais amava sobre estar em casa. O inverno veio, e chuvas vieram, e selvagens, mortais tempestades elétricas vieram para saquear a península de Flórida, especialmente na área da Baía de Tampa. Mas o inverno nunca ficava por muito tempo; o céu era muito raramente carregado com obscuridade. A maioria dos dias era radiante como esta tarde de primavera, com o céu matizado em um magnífico azul claro. E quando os dias não eram radiantes…

Bem, ele amava as tempestades também. Amava o selvagem, raivoso golpe de raios atravessando o céu, amava a sensação do vento contra a sua face, amava cavalgar pelos planaltos em uma fúria sobre Pye justo antes de uma tempestade arrebentar.

Teria sido tão bom esquecer isso tudo, por um tempo, pelo menos na luxúria simples de Lavínia.

Um som leve na água o surpreendeu de seus pensamentos bem quando percebeu que uma pilha de roupa feminina se estendia perto do tronco, bem na frente dele.

Ele girou ao redor. O que viu enviou um lampejo de calor rasgando por seu torso e membros, e diretamente para seu sexo.

A sirigaita. Ela estava aqui.

Ele a encontrou. Ela não o deixou afinal. Pela água clara, ele podia vê-la nadando. Ela estava cheia de surpresas. Ele sempre imaginou que ela odiava a água, e que nunca molharia seu cabelo perfeitamente escovado.

Mas ali estava ela. Se movendo pela água com a graça e a velocidade de um golfinho e a flexível, quase mágica beleza de uma sereia mítica.

Ele sorriu, imediatamente esquecendo o estado do mundo.

Ele começou a despir-se.

A pilha dela de roupa feminina estava ordenadamente dobrada.

Ele caiu nela com velocidade imprudente.

Alaina estava alegremente inconsciente que havia recebido companhia na fonte cristalina.

Hoje a lembrava de nadar nos recifes fora do Keys. Das maravilhosas ocasiões quando acompanhou seu pai, e enquanto ele pescava, ela nadava. Os recifes eram diferentes, obviamente. Os recifes ofereciam uma mágica matriz de cor, com peixe em dúzias de diferentes tons, pálidos e brilhantes, atravessando pela água rapidamente. Lá, ela nadava com a corrente, e o sal picava seus olhos. A água, exceto no inverno, era morna de forma balsâmica.

Aqui, a água era decisivamente fria. E clara, incrivelmente clara. Ela podia ver os agrupamentos de pedras, a vida das plantas, o padrão do sol. Não havia força como a corrente no oceano, era realmente completamente diferente, e ainda…

O sentimento de estar embaixo da superfície da água era mágico em absoluto. Era como entrar num mundo diferente, um mundo onde o silêncio prevalecia. Ela sentiu-se em paz, amortecida da dor, abraçada por um lugar eloquente em seu silêncio completo.

Ela regalou-se na pura sensação da água contra seu corpo na visão clara que a proporcionava, mergulhando fundo, voltando a superfície por um rápido trago de ar, buscando as profundidades uma vez mais. Ela estava realmente mais acostumada a nadar no sal da Baía de Biscayne bem à frente da sua casa na ilhota, e embora ela tinha estado nas águas frescas e salobras dos rios próximos com frequência suficiente, ela nunca experimentou qualquer coisa tão encantadoramente pura e fria em seus olhos como isto.

Era maravilhoso. Era suficiente para afastar a dor, a raiva, e a humilhação que pareceu tão monstruosa antes. Era um mundo onde ela podia apenas sentir. Bem debaixo da superfície da água, ela não podia ouvir uma única coisa com exceção de uma leve corrente de água enquanto se movia por ela. Bem acima da cabeça, o sol brilhava, lançando seus raios à baixo como faróis de cristal para guiá-la em sua jornada ao longo de seu Éden de água.

Oh, Deus, ela amava isto! Amava a tranquilidade e beleza da água.

Então ela sentiu…

Mãos!

Grandes, poderosas mãos. Nela, agarrando-a, tocando-a. Elas cercaram sua cintura, deslizaram como mercúrio para seus seios, concheando-os, as palmas sobre seus mamilos, os dedos então acariciando de forma descendente por seu abdômen, então mais baixo ainda no triângulo de pelos entre suas pernas.

Oh, Deus, aquele miserável bastardo do Peter a tinha seguido, determinado em fazê-la ver que não era uma jovem dama descente absolutamente, e que devia ver as coisas do modo dele.

Mas ele não parecia bravo.

E ele era muito forte para ser Peter…

Ela estava tão atordoada e assustada que se torceu de modo selvagem para lutar contra o intruso, mas quanto mais se retorcia, mais sentia aquelas mãos em sua carne nua.

Tocando. Tocando intimamente.

E ela não podia se livrar do poder delas.

Querido Senhor…

Não podia estar acontecendo.

Mas estava.

Oh, Deus! Deve ser Peter! Tinha que ser. Quem mais poderia ter ido atrás dela, quem mais viria a piscina da fonte? Que idiota ela tinha sido; ele deve ter pensado que ela veio aqui apenas esperando por ele, querendo que ele persistisse independentemente do que ela disse…

Não!

Ela não podia aguentar que ele pudesse machucá-la e humilhá-la tanto, e então se atrever a ir atrás dela, fazendo suposições indecentes.

A água encheu sua boca, seus pulmões. *Idiota!* Ela a respirou, tentando gritar, tentando lutar. Ela estava sufocando, ofegando, morrendo! Ela se torceu novamente e tentou chutar com as pernas para se propulsar para a superfície. Ela conseguiu se empurrar adiante pelo tórax do seu atacante, e só então se tornou vagamente ciente que sua pele era escura.

Ela percebeu que estava encarando um tórax bem musculoso, densamente coberto com escuro cabelo encaracolado. Cabelo escuro que se

estreitava na cintura, então alargava ricamente novamente para aninhar a longa, espessa vara do homem…

Oh, Deus!

Por que ela estava rezando? Deus a tinha deserdado.

O que ela fez tão descuidadamente, mergulhando na tentação da piscina?

Ela chutou mais forte, freneticamente. Ela estava perdendo o fôlego. Não era possível, mas ela estava tornando-se uma vítima do homem e da água. Ela estava em perigo de se afogar. Pontos negros começaram a obscurecer sua visão. Ela não podia nem mais temer ser estuprada e talvez assassinada por um estranho. Ela não podia pensar absolutamente mais…

Algum tempo depois, meros segundos, minutos? Seguramente não mais! sua visão começou a retornar. Seu rosto estava fora da água. Ela estava sendo rebocada por ela. Um braço estava ao redor de seu torso, uma mão logo abaixo de seu peito.

— Oh, Deus, Deus! — Ela ofegou, e começou a lutar uma vez mais contra o agarre sobre ela. Ela tentou bater, chutar, dar uma joelhada, incapacitar esse homem como pudesse.

No meio de tudo isso ela de repente ouviu:

— Woah, pare! Eu estou só tentando te impedir de se afogar! Droga, aqueles são joelhos malignos, mulher… ah, mas então, você deve ser a jovem diabinha do Peter O'Neill, meu Senhor!

Seus olhos encontraram os dele. Cobalto profundo, escuro, eles refletiam as realmente profundezas da água.

— A jovem amante de esgrima brincando de assolar o gramado! — Ele exclamou.

Ela foi libertada. Pisou na água um passo longe dele, encarando-o com horror.

Ele era moreno, certo. Seu cabelo era quase preto; suas fortes e impressionantes feições eram bem bronzeadas pelo sol. Seus olhos eram tudo menos preto, avaliando-a, rasgando-a por seu comprimento, perfurando-a.

Ian McKenzie.

Ian.

Ela realmente quis expirar. Bem então e ali.

Ian! O filho mais velho do grande homem. Sobrinho do James McKenzie. Herdeiro da metade do mundo conhecido, ao que parecia. Construído como um Atlas para tomar sua parte no mundo como mestre de Cimarrom. Alto, duro, bonito, independente, distante; o poderoso jovem militar que já tinha feito de si mesmo uma lenda ao longo da península, para homens brancos e vermelhos também.

Passaram-se anos desde que o viu. Desde que ele roubou a atenção do seu pai, e ela esteve enfurecida por ele…

E fascinada.

Ele não era nenhum estranho; ela o conhecia. Ainda assim, ele mudou naqueles anos desde que o viu.

Ela fora jovem, mas chegou a conhecê-lo. Ela conhecia seu profundo, penetrante olhar quando algo o intrigava. Ela se lembrava da paixão e intensidade com a qual ele fazia perguntas a seu pai, a determinação que mostrou para aprender, e sua capacidade para absorver o que lhe ensinavam.

Ian McKenzie.

Oh Deus! O que ela fez para merecer isto? Que irônico destino cruel foi lançado nela!

Ela nem mesmo percebeu que ele estava em casa. Ela não o viu no chá da tarde da Tara McKenzie; mas então, ela fugiu dele bem depressa.

E parecia que ele deveria, de alguma forma, ter testemunhado pelo menos uma parte da troca entre ela e Peter O 'Neill.

A humilhação podia matar? Senhor querido, o que ele ouviu, o que sabia?

O que ele viu?

Antes? Agora?

O que ele…

Tocou?

Oh, Deus, mas ela queria morrer. Cair para trás na fria, envolvente profundidade e nunca voltar a superfície novamente.

— Ian! — No fim ela conseguiu falar. Ofegar seu nome.

Então, talvez, o maior insulto de um dia tristemente humilhante a assaltou.

— Eu te conheço? — Ele inquiriu com educada diversão e uma leve ponta de cautela.

Ela o olhou fixamente, abismada, então soltou uma furiosa imprecação e se virou para nadar para longe.

Mas uma mão pousou em seu ombro desnudo quando ele se impulsionou a ultrapassá-la.

Uma mão que a tocara antes. Deslizara com propriedade por seus seios, abaixo à suas costelas… entre suas coxas. Novamente ela ardeu, sua carne ardeu, a água não podia esfriá-la.

— Espere! — Ele exigiu.

Espere?! Nunca! Ela tentou escapar de seu toque, do aperto de aço de seus dedos. Ela o encarou furiosamente, à beira das lágrimas, mas determinou que não choraria, sob nenhuma circunstância. Ela estava nua na água com ele. Com Ian McKenzie. O tipo mais selvagem e petulante em todo o mundo. *Indecente*. Fora fácil dizer a si mesma que não se importava um figo com sua reputação quando sabia em seu coração que era inocente do mal, que não fizera nada para sujar seu nome, mas agora…

— Não, eu não esperarei! Como se atreve, como se atreve, como se atreve? — Suas palavras saíram aos tropeções, velozes e furiosas. — Como se atreve a me tocar…

— O drama é completamente desnecessário. — ele disse com irritação. — Fique quieta. Eu não sei quem você é, mas eu pensei que era outra pessoa. — ele a informou. Seus olhos a varreram de cima a baixo de um jeito que abruptamente a lembrou de seu estado de nudez. — E aparentemente você estava esperando outra pessoa também.

Ela xingou, violentamente, batendo na água, tentando atingi-lo. Ele pegou seu pulso. Ela ficou mortificada de perceber novamente simplesmente o quão claro a água era. Ela podia ver cada polegada do corpo nu dele dentro dela.

Ele podia ver cada polegada do dela.

— Eu não estava esperando ninguém! Eu…

— Você não estava esperando por Peter O 'Neill?

Ela teria que matá-lo, ou ter um colapso e morrer ela mesma.

— Maldito seja, eu não sou a amante do Peter O'Neill, eu…

— Sério? Você é simplesmente a amante de quem? — Sua voz ficara muito grave; o profundo, escuro azul dos olhos dele foi tocado pelo reflexo do sol na água de uma forma perturbadora. Ela percebeu ambas: sua força e sensualidade ao mesmo tempo, e maldita fosse mais violentamente quando a histeria aumentou dentro dela. Sua frenética reviravolta e luta não estava lhe fazendo minimamente bem. Oh, querido Deus, seu pai vivia nas nuvens, mas este tipo de escândalo envolvendo sua preciosa primeira e única filha seguramente o mataria!

— Deixe-me ir, deixe-me ir, neste momento! — Ela gritou, suas unhas rasgando contra o pulso dele enquanto ele a segurava.

Mas os dedos dele apertaram furiosamente ao redor do seu pulso.

— Quem é você? — Ele exigiu calorosamente.

— Deixe-me ir!

— Quem é você?

— Você deveria ser um grande, maldito cavalheiro! Deixe-me ir!

— Minha piscina, minha propriedade. Você é uma transgressora.

— Eu sou uma *convidada*!

— Poupe nós dois; diga-me quem você é.

Ele não a libertaria. Seu aperto permaneceu tão seguro quanto ferro. Eles ficariam aqui juntos, nus na água, para sempre.

— Eu sou Alaina, Alaina McMann, e eu costumava te ver bem frequentemente quando você visitava sua tia e tio, *e o meu pai,* lá perto dos restos de Forte Dallas. *Agora solte-me*!

Ele realmente a soltou, não porque ela exigiu que o fizesse, tinha certeza, mas porque ele estava simplesmente completamente surpreso. E ela teria se movido então, exceto que pareceu que os olhos dele, então perfurando um cobalto contra o bronze de suas características fortes, a tinha prendido ali, na água.

— Alaina! — Ele ofegou em uma voz rica com ambos fúria e desprezo. — Alaina? Alaina! — Um pontapé o fez deslizar pela água mais uma vez. Suas mãos estavam nos ombros dela enquanto ele facilmente passava pela água somente com as pernas. Ele nem mesmo pareceu perceber que a tocara novamente, ele parecia tão ultrajado. Seus olhos pareciam pretos; seu aperto nela era brutal. Sua voz trovejou. — Alaina McMann, nadando nua numa piscina, esperando para encontrar *Peter O 'Neill*? Doce Jesus, jovem, alguém devia tê-la chicoteado anos atrás. O que, em nome de Deus, diria seu pai?

— Como se atreve! Eu não estava aqui para encontrar Peter…

— Peter O 'Neill! Aquele dândi absurdo? — Ele deu coices, não ouvindo seu protesto.

— Ele não se comportou pior que você! — Ela o informou, surpreendida que estava defendendo Peter; mas em tal estado aniquilado, até então não lhe importava.

Ainda assim, ele continuou a olhá-la fixamente como se ela fosse a mais desobediente e maligna jovenzinha que ele já tinha visto.

— Você aparentemente não começou a perceber o quão estupidamente se comportou. Algo devia ser feito. Você não é uma criança, mas está agindo tão imprudentemente quanto uma. Você realmente devia ser posta sobre os joelhos de alguém e ser seriamente repreendida! — Ele novamente repetiu aquela pergunta que rasgou cruelmente o seu coração. — O que você estava pensando? O que seu pai diria?

Ele era mais velho que ela, mas não por tanto, só por cinco anos. Ainda assim, ainda parecia que ele estava pensando nela como a garotinha que vira tantas vezes anos antes. Ele não percebeu que ela cresceu, que ela era uma mulher madura e independente agora.

Capaz de lutar suas próprias batalhas. Ela o forçaria a perceber isto, determinou.

— Eu? *Eu* devia ser chicoteada? Seu bastardo! Você é quem cometeu um erro incrível aqui. Você devia ser espancado até perder a consciência. Enforcado, não menos. O que o *seu* pai diria sobre você? Nadando nu numa piscina. Imprudentemente, irresponsavelmente. Como uma criança. Uma criança crescida. Mergulhando aqui, abordando uma jovem dama, uma convidada em sua casa. Maldito seja, maldito seja, mais de mil vezes, *me* abordando…

— Quando você desejava ser abordada por outra pessoa? — Ele exigiu. Seus olhos estreitados cortantes sobre ela. — Eu não abordei você, Alaina McMann, mas talvez você devesse ser prevenida: Uma ninfa nadando nua como um gaio numa piscina certamente parece estar convidando um homem a ter ideias. — ele furiosamente disse — Quaisquer ideias de um homem.

— Oh! Oh! — Que boba ela tinha sido. Era uma piscina de fonte privada, sim, privada para os McKenzies.

E Ian McKenzie estava aqui.

Novamente ela tentou se livrar dele se retorcendo. Ele era incrivelmente forte e determinado. Ela o estapeou com tal veemência que ouviu um grunhido dele, mas ele não pretendia libertá-la. De repente seus braços deslizaram completamente ao redor dela enquanto lutava para mantê-la quieta. Era uma posição ainda mais miserável do que qualquer uma em que ela tinha estado antes; ela estava rubra contra seu corpo nu, e assim forçada a ficar quieta afinal.

Não, ela estava, na verdade, desesperada por estar morta mesmo então. Porque o corpo dele estava quase enredado no dela. Ela podia sentir a forma crespa do pelo do peito dele contra a suavidade de seus seios, tocando-a tão firmemente na água. Era uma sensação tão aguda que ela quis gritar.

Havia mais para sentir. Mais dele. Oh, era tudo tão pior! Ela podia sentir a dureza e calor de sua forma musculosa, sentir seus quadris, suas coxas… sentir…

Suas bochechas se acaloraram. O próprio comprimento de seu corpo se acalorou.

Deus querido, oh, Deus…

A luta dela com Peter O'Neill agora parecia como um incômodo tão insignificante. Ela sabia como mover antes, como conseguir a mão superior, como machucá-lo e se libertar. Seu pai tinha lhe ensinado como lutar. Ele a ensinou um bom tanto ele mesmo, e ele cedeu a cada capricho seu também, contratando um mestre de esgrima quando ela declarou um interesse em espadas, ensinando-a a montar, como mirar, como atirar, como expelir um atacante.

Mas agora, quando ela mais desesperadamente precisava que suas lições viessem a calhar, ela não podia se libertar.

E até o bater de seu coração parecia aproximá-la mais contra a força deste homem. Mais ciente do comprimento dele.

Ela não podia encontrar seus olhos.

Teve que encontrar seus olhos.

Teve que…

Achar um jeito de escapar do toque dele.

Jurando baixinho e pateticamente à beira das lágrimas, ela tentou duramente encarar desafiadoramente para cima, nos olhos dele.

Lutar não estava dando certo.

Ela não podia mais aguentar isso. Senti-lo. O calor, o fogo, a completa força de seu agarre. Como ele podia fazer isto? Talvez não ocorreu a ele que este podia ser o mais humilhante e desconfortável momento de sua vida inteira; talvez ele pensou que sua nudez era algo habitual para ela, desde que estava convencido que ela tinha pretendido entreter Peter O'Neill e provavelmente o entreteve, ou outros homens, antes.

Ela quis tanto machucar Ian McKenzie pelo modo que ele estava olhando-a, cortá-lo ao meio com uma espada! Mas ela estava além disso furiosa de se encontrar absolutamente impotente contra ele.

Ela não podia aguentar isto. Nem um segundo a mais. Maldito fosse o orgulho, maldita fosse a verdade, nada importava além dela escapar dele e da calorosa marca que o comprimento dele parecia estar imprimindo nela.

— Por favor… — ela mal conseguiu suspirar a palavra.

Ela agitou-se. Toda ela parecia queimar. Ela nunca conheceu tal angústia física em toda sua vida. Ela estava pronta para implorar por liberdade e concordar com qualquer coisa que o homem tivesse a dizer só para se afastar dele e colocar alguma roupa entre eles.

Muito tarde.

Mesmo enquanto o apelo sussurrado soou de seus lábios, ela ouviu o movimento de folhagem.

E vozes.

Pessoas…

— Oh! — Um magoado som feminino.

— Oh! — Um furioso, chocado som masculino.

— Ohhhh… — falado simultaneamente.

Ela congelou. De fato, havia pessoas atrás dela. Ela quis afundar na água e desaparecer. Para sempre.

Havia, certamente, algo do cavalheiro em Ian McKenzie. Por vários segundos ele ficou tão congelado quanto ela. Então ele se moveu: rapidamente, deliberadamente. Alaina descobriu que não estava mais rubra contra seu peito, mas impulsionada protetoramente atrás de suas costas.

Ainda assim, acima de seu ombro ela podia ver que o Éden privado dos McKenzies não era tão privado.

A muito, muito rica, elegante, e linda Sra. Lavínia Trehorn, seu cabelo marrom ardilosamente trançado em uma desordem de cachos sobre sua cabeça, permanecia na beira da água perto do uniforme militar azul descartado de Ian e o próprio traje feminino ordenadamente dobrado de Alaina.

Peter O 'Neill, suas bochechas vermelhas como lagostas, sua respiração entrando e saindo de lábios franzidos, permanecia ao lado dela, tenso e rígido com fúria.

— Oh, Lavinia, você estava certa! — Ele rangiu, agitado. — Você conhece mesmo o Ian, e de fato, sabia onde ele podia ser achado, e a Senhorita McMann está bem definitivamente com ele, ao que parece! Sim, eles estão certamente juntos. E ele está, o que foi que você disse, Lavínia? Ele está “confortando a pobre ovelhinha”, e fazendo isso muito bem. De fato, ambos parecem malditamente confortáveis, eu diria!

— Ian McKenzie! — Lavínia disse com forte repreensão, seus lábios perfeitamente formados tremendo sempre tão ligeiramente com um até mais perfeitamente formulado toque dramático. — Ian, eu pensei que, oh…

Ela parecia angelical, e ferida. Parecia que desmaiaria.

Ainda, foi a próxima única palavra de Peter que pareceu badalar na floresta de pinheiros por longos momentos depois dos dois terem se virado e partir de volta para Cimarrom, com a mais recente, mais incrível fofoca.

Peter olhou longamente para Alaina, as bochechas vermelhas e inchadas, os olhos ardendo de fúria ofendida quando ele atacou:

— Prostituta!

CAPÍTULO QUATRO

— Ele é um idiota absoluto, e eu vou matar o maldito filho da puta! — Ian murmurou em uma mortal voz.

Alaina mal o ouviu.

Ela tinha que escapar da piscina. Ela tinha que voltar para Cimarrom e achar seu pai antes dos outros o fazerem. Ela não sabia o que iria dizer.

A verdade. Seu pai acreditaria nela.

No entanto, quando ela atravessou a água, uma cãibra repentina atingiu sua perna. Ela engasgou, segurando sua panturrilha. Ian nadou ao lado dela, os olhos quase pretos agora com fúria, mas sua voz, embora muito profunda e rouca, estava surpreendentemente calma.

— O que aconteceu?

Ele estava estendendo a mão para ela.

— Não! Não! Não me toque! Não se aproxime de mim novamente!

Ele arqueou uma sobrancelha, então nadou até ultrapassá-la, acreditando em suas palavras.

Mas a dor a esfaqueou novamente. Ela se permitiu cair por baixo da superfície da água enquanto tentava valentemente massagear seu membro espasmódico e trazê-lo a vida funcional novamente. Ela ficou sem ar e tentou voltar a superfície. Ela não podia chutar. *Flutue!* ela comandou a si mesma. Ela voltou a superfície, mas a dor era tão intensa que ela afundou novamente.

Incrédula, percebeu que ela, Alaina McMann, que esteve nadando toda sua vida, que podia segurar sua respiração bem por dois minutos, estava se afogando. Novamente, pequenos pontos pretos estavam se formando ante seus olhos. Eles estavam começando se fundir. Ela tinha que voltar a superfície mais uma vez. Uma vez mais. E não importava o quão terrível e detestável, ela teria que gritar para Ian McKenzie com uma palavra que mal podia aguentar emitir para ele neste momento.

Seu rosto ficou acima da água. Ela administrou um sufocado:

— Ajuda!

Então a negridão pareceu cercá-la, deixando só o mais minúsculo buraco de luz…

******

Sua visão lentamente retornou, sua mente se arrastando logo atrás dela. Ela foi levada para a margem macia e relvada à beira da piscina, perto do tronco caído. Ela ficou deitada de barriga para baixo enquanto um homem nu e gotejante pairava sobre ela, forçando a água de seus pulmões.

Ela tossiu, cuspiu e virou-se horrorizada, os olhos arregalados enquanto olhava para Ian.

— Oh, Deus!

Ela saltou de pé; muito rápido. Ela cambaleou. Ele a firmou. Ela lutou.

— Olhe para mim! — Ele comandou ferozmente.

Ela se viu fazendo isso.

Os olhos dele pareciam mais pretos, mais ferozes do que nunca. Sua raiva era tal que ela pensou que ele queria machucá-la.

— Você estava tentando se matar por causa daquele almofadinha? Sua pequena tola! Ele não vale nem um cuspe!

— O quê? Eu não estava tentando me matar!

— Mas você estava apaixonada por ele?

— Oh, Deus! — Ela agitou a cabeça de modo selvagem, veementemente. — Por favor, querido Deus, pode me deixar me vestir…

Ainda tenso, ele arqueou uma sobrancelha escura.

— Você aparentemente não se importou de saltar nua em uma piscina quando pensou que era Peter O 'Neill que estaria juntando-se a você.

— Deixe-me ir!

Ele o fez. Ela correu diretamente para sua roupa, desajeitada terrivelmente em sua pressa. Ela estava ciente que ele se vestiu suavemente e competentemente ao seu lado.

Naturalmente! Ela pensou rudemente. *Homens!* Ele estava muito mais acostumado a desnudar-se e vestir-se do que ela. Ele estava completamente vestido, da jaqueta do uniforme às botas polidas, bainha, e espada, enquanto ela estava ainda lutando com seu espartilho.

— Posso? — Ele inquiriu educadamente a suas costas, estendendo as mãos para as amarras.

— Não, você…

Mas ele já tinha as mãos nas amarras de fita que constringiam o espartilho, e tinha um joelho fixo suavemente contra suas costas para puxá-las.

Ele estava acostumado a espartilhos também. Obviamente. Lavínia provavelmente o ensinou tudo sobre espartilhos. Tudo o que ele não aprendeu de experiências anteriores. Oh, Deus, eram todos os homens tais criaturas repugnantes? Interessados em sexo, prestígio, e dinheiro, e nenhum pouco preocupados se essas coisas vinham em um pacote ou em vários!

Ela estava tremendo quando ele a ajudou a entrar em seu vestido do chá da tarde também, mas quando o vestido estava no lugar, ela rapidamente se afastou dele para se sentar no tronco novamente, deslizou em suas botas e atou os laços. Ela percebeu que ele estava de pé lá, os braços cruzados por seu tórax, observando-a com fogo azul em seus olhos o tempo todo. Quando ela estava para se levantar, um de seus pés calçados em botas do exército da União pousou no tronco ao lado dela e ele se inclinou para baixo, mais ou menos a aprisionando ali no tronco.

— Onde acha que está indo? — Ele exigiu.

Ela olhou para ele, incrédula e, apesar de tudo, mais do que um pouco intimidada. Ian McKenzie era muito alto, e como ela estava bem ciente da experiência de primeira mão recém-adquirida, ele era composto de um bom músculo sólido por todo esse comprimento. Ele era um homem excepcionalmente marcante, com seus traços fortes, cabelos negros, olhos azuis escuros incomuns e sobrancelhas bem definidas. Sua situação como cinco anos mais velho, de repente ficou bastante aparente também; sua mandíbula foi definida de uma forma que lhe disse que ele sabia que repercussões recairiam sobre o que ocorrera aqui. Ele estava com raiva, naturalmente. Ela sentiu um pouco de frio, pensando que certamente ele não poderia dizer que ele realmente pretendia matar Peter O'Neill. Claro que não quis. Ainda assim, olhando-o naquele momento, ela estava contente que não era O'Neill.

Não que Ian parecesse considerá-la com muito menos desprezo. Aqueles olhos penetrantes dele passaram sobre ela de uma maneira agora que claramente condenava.

Ela devolveu seu olhar fixo.

Não. Ela não o deixaria intimidá-la.

— Eu tenho que voltar e conversar com meu pai, e você devia estar bastante preocupado sobre fazer o mesmo. Não que os homens não recebem toda licença no mundo para se comportar como absolutos animais, mas desde que tudo isso ocorreu na casa do seu pai, ele pode simplesmente ficar um tanto perturbado sobre a coisa toda.

— Meu pai entenderá o que aconteceu por mim; ele é uma preocupação, naturalmente, mas não minha preocupação principal neste momento.

— Os meninos serão meninos, certo? Seu pai certamente não pode ficar bravo com um homem agindo como um homem! — Ela resmungou acaloradamente. — Bem, isto poderia surpreender você, mas meu pai é um ser humano racional que me ama…

— Realmente, ele te ama. E aí, Senhorita McMann, pode estar as profundidades reais do nosso problema.

— Nós não temos um problema, Sr. McKenzie. Eu estou bem certa que a sempre amável Sra. Trehorn rapidamente o perdoará por esta transgressão, e você se encontrará alegremente dormindo com a viúva uma vez mais. Sobre mim, há rumores que eu sou uma bruxa, então o fato de que eu aparentemente me permito desfrutar dos pecados da carne de vez em quando não será nenhum detrimento maior para minha vida que qualquer outra coisa que já enfrentei. Agora, se…

— De forma que é isto! — Ian murmurou.

— O que é o quê? — Alaina gritou com frustração.

Aqueles olhos azuis a atingiram duro, parecendo a empalar.

— Ele prometeu casar contigo. Mas a família dele não a julgou boa o bastante.

Ela simplesmente tinha sido humilhada o suficiente.

— Da próxima vez que eu ouvir você sendo descrito como um cavalheiro, acredito que eu… vomitarei! — Ela veementemente exclamou. — Agora, se me permite…

— Eu não permito. Você me comprometeu.

— O quê? — Ela quase gritou. — Eu comprometi você? Não seja absurdo, os homens têm permissão para… brincar com… — Ela sentiu como se estivesse sufocando novamente. — É *esperado* dos homens buscar a companhia de… mulheres caídas!

— Esta é uma incrivelmente delicada situação. — ele disse.

Novamente ela sentiu a pressão de seu olhar, os olhos a varrendo, algo muito duro, calculado, e ainda furioso dentro deles.

— Não existe nenhuma situação. — ela o assegurou. Mas seus olhos de cobalto permaneciam escuros e constrangedores enquanto a encarava.

— Senhorita McMann, como falo isso delicadamente…

— Por que se incomodar em ser delicado sobre qualquer coisa a esta altura?

— De fato. — ele disse, os olhos se agitando em uma avaliação fria sobre o comprimento dela uma vez mais. Então eles caíram sobre ela e nitidamente se estreitaram. Ele abruptamente exigiu: — Você não está esperando a criança do Peter O'Neill, não é?

Ela não podia ter ficado mais atordoada se ele a tivesse estapeado. Por um momento ela não pode responder.

Seu silêncio pareceu o convencer que ele supôs corretamente.

— Ah, pobre menina. Deus querido, era por isso que você estava tentando se matar?

Ela sentiu como se estivesse estrangulando novamente. A tentação de golpeá-lo era mais do que podia controlar. Ela tentou, realmente tentou, arranhar as bochechas dele com as unhas, mas ele era muito rápido para ela, pegando seu pulso com uma pressão que trouxe um grito a seus lábios.

— Não, maldito seja, eu não estou esperando a criança do Peter O'Neill, e eu não tentei me matar. Eu nunca tentaria me matar, especialmente por causa de um homem desprezível!

— Você está bem certa?

— Você é maluco? De fato, se eu alguma vez tentar mesmo me matar, tenho certeza que saberei.

Puro aborrecimento rapidamente cruzou suas feições.

— Eu quis dizer sobre a criança do O'Neill.

— Eu nunca estive mais certa sobre algo em minha vida! — Ela gritou furiosamente. — Não que seja da sua conta!

Ele de repente soltou seu pulso. Com braços cruzados sobre seu tórax, ele caminhou na frente do tronco.

Um sentimento de profundo desconforto rastejou por ela. Se ela tentasse se levantar e correr além dele, ele não a deixaria partir.

— Eu realmente tenho que ir! — Alaina o informou, lutando com o nervosismo em sua voz e tentando um rígido som de autoridade. — Sabe, eu te processarei se continuar a me forçar a ficar aqui. A força bruta não é o caminho para resolver qualquer coisa.

— De fato. Então, parece que a astúcia e a traição são melhores, no jogo de espadas e na vida? — Ele suavemente perguntou.

— Oh, isto é absurdo. — ela ralou, recusando-se a discutir com ele.

Ian a olhou fixamente, e novamente ela viu raiva em seus olhos e na conjunta tensão de seu rosto, mas havia mais: Algo estranhamente cansado e conhecedor estava lá também. Quando ele falou, soou esquisitamente abatido.

— Você sabe que nós não podemos simplesmente voltar.

— Por que não?

— Por agora Peter deixou menos que sutilmente todos saberem que você e eu estávamos tendo um encontro de amantes na piscina. Seu pai deve estar esmagado e humilhado; o meu estará furioso se eu tiver abusado da filha de um amigo, um homem bom e decente. Meu tio, também, estará absolutamente chocado, desde que eu conheci seu pai através dele. Seu pai, — adicionou com uma certa diversão torta — poderia querer me convocar também, ele pode ser um cientista, mas quando se trata de você, ele ainda não é menos romântico.

— Você acha que o meu pai o desafiará a um duelo? Isto é tão tolo; é absurdo, é…

— Você esquece que nós vivemos no galante Sul, somos o extremo selvagem da seção mais honrada de nosso país! — O som de sua voz era amargo; ela não sabia se ele estava zombando a sua pátria ou ele mesmo. Ele continuou: — Seu pai deve exigir alguma maneira de satisfação, e eu cordialmente odiaria machucar o pobre e velho companheiro.

— Oh, como ousa, seu cafajeste arrogante! Assumindo que teria tal poder contra meu pai…

— Perdoe-me. — ele secamente interrompeu.

Alaina ficou quieta por um momento, enfurecida, mas ciente que era completamente verdadeiro que Ian podia matar seu pai com o estalido de seu pulso. Seu pai estava envelhecendo, e ele não conhecia nada além de seus livros de ciência.

Ela lutou por um senso de dignidade e disse a ele:

— Não há nada para ser feito; é uma bagunça, isso é o que é. — A compreensão de quão bagunçado isso era de repente caiu sobre ela, junto com a seriedade disso tudo. De um cavalheiro do Sul como seu pai era, definitivamente, requerido que exigisse satisfação se sua filha fora comprometida. — Oh, meu Deus, meu pobre pai.

— Talvez você devesse ter pensado nele antes de se despir e mergulhar numa piscina como uma sereia das profundidades.

— Você é insofrível! Eu achei que estava sozinha! Qualquer homem decente teria…

— Sozinha? Ou esperando por Peter O 'Neill?

— Você nunca vai ter a chance de matar o meu pobre pai em um duelo porque eu vou matar você dentro dos próximos poucos segundos, Ian McKenzie.

Ele ergueu uma mão.

— O motivo por trás da sua indiscrição não tem nenhuma importância neste momento.

— Indiscrição? Indiscrição!

— Senhorita McMann, me chame de rude, me chame de julgador, mas temo que em nossa sociedade jovens mulheres adequadas simplesmente não andam por aí nuas!

Ela devia ser mais perspicaz até então, mas depois de tudo, ela tinha a barreira de suas roupas agora. Ela saltou do tronco, ansiosa para fazer algum tipo de dano físico a ele.

Era um ataque que ele não estava esperando; com sua única bota angulada no tronco, ele perdeu o equilíbrio com o ímpeto dela, e eles

aterrissaram juntos com dureza na terra plana. Por um momento ela estava em cima dele, olhando fixamente abaixo em seus olhos surpreendidos.

Talvez ela tenha crescido um pouco áspera demais. Porque estava pronta para dar um golpe sonoro com seu punho direito bem na mandíbula dele. Mas o orgulho masculino aparentemente se apoderou dele a tempo, e ela se encontrou levantada e jogada debaixo dele.

Ele estava em cima dela, mãos em ambos os lados de sua cabeça quando ele se inclinou contra eles para evitar que seu peso caísse sobre ela. Seu rosto estava a poucos centímetros do dela.

— Se acalme, diabinha. Meu Deus, mas você adquiriu um temperamento assustador! — Ele lhe disse furiosamente.

Ela tinha um temperamento? Ele era um maldito louco.

— Você não viu a metade dele ainda. — ela o assegurou, os olhos estreitados com advertência. Ela podia matá-lo. Simplesmente matá-lo.

— Poderia ter servido melhor para você crescer sob a influência de uma matrona rígida…

— Não se atreva a insultar o meu pai.

— Senhorita McMann. — ele disse, bastante grave então, e empurrando a si mesmo para uma posição onde se escarranchava sobre ela, com os braços irritadamente cruzados sobre o tórax. — Eu nunca ousaria insultar um homem tão bom e gentil como o seu pai. E aí jaz a base deste desastre.

— Se você só me deixar ir…

— Você não pode ir, e seguramente deve saber isto.

— Mas…

— Peter O 'Neill é um fanfarrão jovem e cruel que fará o seu melhor para criar todo o estrago que puder desta situação. Lavínia está machucada e acredita que foi desprezada, e sob tais circunstâncias ela provavelmente será ainda mais cruel do que Peter. Quando esta história chegar ao segundo ouvinte, nós teremos fornicado tão apaixonadamente nos arbustos que os pássaros estavam corando e nunca ficamos cientes da chegada deles.

— Então qual é a sua sugestão?

Ele hesitou, suas próximas palavras parecendo doer-lhe. E ainda assim, nenhuma palavra poderia tê-la surpreendido mais.

— Obviamente, — ele disse sem graça — nós não temos nenhuma escolha além de nos casar.

Alaina sentiu o sangue drenando de seu rosto.

— Não. — ela disse suavemente.

Ele agitou a cabeça, olhando-a fixamente, e ela desejou novamente que pudesse ter simplesmente desaparecido nas profundidades frias da piscina. Ele não se importava com ela; não tinha nenhum desejo por ela. Ele a considerava uma pequena e mal-educada devassa, descuidada, que acabara de colocá-los em uma situação terrível, mas ele cumpria seu dever.

Estranhamente, ela sentiu vontade de rir. Peter lhe dissera que nenhum homem respeitável poderia pedir sua mão em casamento. Nenhuma família tinha mais consideração dentro do estado do que os McKenzies. Foi tudo tão triste e tão ridículo.

— Aparentemente você não me ouviu. — Ian disse, irritado. — Não temos nenhuma escolha.

Ele achava que ela era um dos seus militares? Que ele poderia comandá-la à sua vontade?

— Não, há sempre uma escolha.

— Como o seu pai se sentirá, Senhorita McMann, quando tudo isso for jogado nele? — Ele inquiriu com cortesia fria.

Ela mordeu ferozmente seu lábio inferior. Como seu pai se sentiria? Devastado. Não importava se ele entendesse que ela só queria nadar na piscina limpa. Poderia ficar sabendo que ela se entregou a uma tola quedinha por Peter O 'Neill, e o próprio fato de que sua filha tinha sido pega nua…

Ela não queria pensar sobre isto. Ela não queria imaginar o que seu pai pensaria e sentiria. Ele certamente sentiria que arruinou sua vida por não a criar corretamente.

— Existirá escândalo de qualquer forma. — ela sussurrou.

— Talvez. E talvez nós podemos lograr Lavínia e Peter.

— Como? Não há modo de fazer isso. Independentemente, nós temos que voltar. Não importa o que diremos, vai parecer que você está se casando comigo simplesmente porque fomos pegos e porque você tem que fazer isso, e o escândalo…

— Nós nos casaremos antes de voltarmos. — ele impacientemente interrompeu.

— Isto é um tanto impossível…

— Não, na verdade, não é. O reverendo Dowd não veio para festa do meu pai hoje devido a uma forte dor de dente; ele está em casa com sua esposa e cunhado. É uma caminhada de meia hora até lá e uma volta de dez minutos, já que podemos pegar emprestado um cavalo dele. Voltamos à festa bastante angustiados pelo fato de nosso estado civil ter sido descoberto antes de qualquer um de nós ter tido a chance de dizer aos nossos respectivos pais sobre nossa decisão de fugir.

— Mas eu não sou maior de idade.

— A cerimônia será legal a menos que seu pai escolha anulá-la.

Alaina apenas olhou para ele sem expressão. Ele tinha a resposta: a resposta perfeita. Porque ele estava certo. Para salvar a sua posição dentro do mundo, para não mencionar os sentimentos devastados de seus pais, eles teriam que se casar.

E novamente, ele estava certo: seria muito melhor se casar, fingir que o fizeram há bastante tempo e, portanto, desviar as atenções de Peter e Lavínia, pois se via que eles estavam totalmente mortificados e humilhados em criar esse terrível problema, e talvez até derramamento de sangue, dentro de suas famílias.

Mas quando ela olhou Ian, seu coração pareceu vacilar.

Casar. Ian McKenzie.

Ele de repente pareceu bem mais velho; distante, diferente. Um homem determinado que conhecia a própria mente e não toleraria nenhuma oposição a viver a vida como parecia adequado. Empreendendo em quais batalhas ele estava determinado que devia ganhar.

Ela não podia ser sua *esposa*. Ela de repente se sentiu bem mal, bem ciente que poderia nunca libertar sua vida da tempestade que provocou inadvertidamente hoje. Ela não queria admitir que tinha medo das demandas que ele faria à uma esposa, tinha medo de lançar sua alma nas mãos de um homem que estava convencido que ela causou tudo isso com seu próprio desejo devasso de seduzir outro homem, um que ele parecia desprezar de todo coração.

Ela não conhecia Ian absolutamente; oh, Senhor, exceto o que aprendeu hoje.

Não era verdade! Ela o conheceu uma vez. Ela sabia que ele passou tempo nas redes de dormir e no pantanal no sul com seus tios e primos, ele falava tanto o Hitichi das tribos Mikasuki e o Muskogee dos Seminoles. Ele aprendeu as lições duras de uma mocidade índia, e Sydney lhe disse uma vez com orgulho que Ian podia lutar com um jacaré adulto, e ganhar. O problema entre Ian e Peter poderia muito bem ter começado vários anos atrás, porque ela se lembrava agora que ouviu que quando eles eram meninos, Peter e Ian chegaram as vias de fato porque Peter fez uma observação depreciativa sobre os índios. Ian fez o nariz de Peter sangrar e lhe custou um dente, mas se controlou antes de mais dano ter sido feito.

Talvez ela o conheceu uma vez, mas fora uma menininha então, a amiga da prima dele, a bebê Sydney, arrastando-se atrás dele, Jerome, Brent, e Julian enquanto eles pescavam e faziam armadilhas no rio, na baía, e bosque. Isso foi há muito tempo. Um tempo e lugar diferente. Um mundo diferente.

Agora, era bem verdade: eles eram estranhos; ela realmente não o viu em anos.

Oh, sim. Ela o viu. O viu dos pés à cabeça, na água cristalina.

Ela não podia respirar, não podia responder. Ela ainda não tinha respondido quando ele se levantou, estendeu a mão para baixo, e a colocou de pé. Ele tomou sua mão, enroscou os dedos nos seus, e começou a caminhar.

Ela seguiu em silêncio por um longo tempo. Peter e Lavínia naturalmente teriam retornado agora. Eles não iriam direto para Jarrett McKenzie ou Theodore McMann. Talvez Peter fosse para Tara McKenzie, fingindo estar terrivelmente aflito com as ações do filho dela. Ou talvez Peter e Lavínia só começariam uma campanha de sussurros que tomaria seu tempo em chegar ao pobre, parcialmente cego cientista Teddy McMann, e o pilar da comunidade, o altamente respeitado Jarrett McKenzie.

Ela de repente pulou para trás, arrastando a mão que segurava a sua.

— Ian, você não está pensando nisso direito. Isto é… um casamento. — ela disse sem fôlego, buscando seus olhos azuis escuros com a gravidade disso tudo em seus próprios. — Como viveremos com isto? Não podemos só…

— Você vê uma saída? — Ele educadamente inquiriu.

— Mas, meu Deus, isto é tão sério.

— De fato.

— O divórcio será um escândalo maior.

Seus olhos iluminaram sobre nela.

— Não haverá um divórcio. Não agora. Eu tenho que retornar ao serviço militar. Eu viajo frequentemente; você raramente me verá. E nossos patéticos probleminhas não vão realmente significar muito, eu acho. Em muito pouco tempo… — ele deu de ombros — Pode ser que haja uma guerra, e o que aconteceu hoje realmente não significará uma maldita coisa.

— Guerra?

Ele não respondeu; estava caminhando novamente.

— Guerra? — Ela repetiu. — Ian, não haverá uma guerra! Se há um problema, a Flórida simplesmente se separará da União. Outros estados farão o mesmo; eles formarão uma nova nação. Maldito seja, Ian…

Ele não lhe respondeu. Estava com pressa.

Rápida era uma descrição pobre para o modo que ele se movia. Ela estava praticamente correndo para acompanhá-lo, e mais ofegante que nunca, o que tornou o argumento incrivelmente difícil.

A próxima coisa que soube, ela estava se chocando com as costas dele na frente do bonito e bem cercado gramado do reverendo. Ian abriu o portão; ela o seguiu por ele. Em alguns passos, eles estavam de pé ante a porta do reverendo, esperando.

Casamento. Estava se apertando num nó. Mudaria sua vida, mudaria seus sonhos.

— Ian.

Ele não a ouviu.

— Ian! — Ela estava tremendo novamente; ela parecia não conseguir se impedir de fazer isso.

Ele a olhou.

Ela umedeceu os lábios.

— Eu não posso. Eu… não posso.

— Você tem que fazer. Você rolou os dados quando decidiu nadar nua. Agora nós lidamos com o destino que foi jogado sobre nós.

— Bem, você sabe, isso pode ter ajudado bastante a rolagem se você não estivesse nu e na água … Tateando! E desejando fornicar com a viúva Trehorn!

A porta abriu bem naquele momento. Uma mulher de cabelos prateados, com gentis olhos marrons arregalados com choque, bochechas rosas rechonchudas, vermelhas como cerejas, olhou fixamente para Alaina, espantada. A palavra *fornicar* pareceu pairar no ar.

— Sra. Dowd! — Ian disse alegremente.

Uma vez mais Alaina quis afundar na piscina de água cristalina que deixou para trás. Aparentemente ela disse a palavra *fornicar* realmente alto. Ela simplesmente não iria embora.

Sra. Dowd arqueou uma sobrancelha para Alaina, mas não deu nenhuma outra resposta para o que ouvira. Ela falou com Ian com prazer, a voz mal vacilando.

— Ian, que surpresa, entre. Nós sentimos muito ter perdido a festa do seu pai…

— Eu estou bem feliz que vocês o fizeram, e explicarei o porquê para você e o reverendo, se puder.

— Claro, claro. Traga a… Jovem dama para dentro.

Alaina estremeceu. Sua reputação acabou seguramente de tomar outro mergulho.

Mas ela depressa descobriu que a Sra. Dowd era uma pessoa bondosa, e o Reverendo Dowd era um homem gentil também, tão magro quanto sua esposa era rechonchuda, com brilhantes, maliciosos olhos azuis que pareciam deleitar-se no conceito desta fuga secreta. A descrição de Ian do que aconteceu foi tão séria e perto da verdade que Alaina estava pasma com a cortesia enganosa que ele exibiu em explicar a parte dela nisto. Ela simplesmente deu de cara com uma bela piscina e foi tentada além de toda resistência humana, e, bem, Ian admitiu, sua parte nisso não foi tão inocente, mas agora…

— Agora, — o Reverendo Dowd disse bastante simplesmente — o assunto deve ser remediado. — Seu olhar em Alaina foi bastante gentil.

— Eu devo chamar meu cunhado para baixo. Seus olhos estão falhando, mas sua audição é bastante boa. Ele fará muito bem como uma testemunha. — Sra. Dowd disse com determinação. — Harold, você deve casar estes dois jovens de uma vez.

O Reverendo Harold Dowd tomou ambas as mãos da Alaina e ofereceu-lhe um meio sorriso torto.

— Casamento, então, mocinha. Uma coisa é se um homem pressiona você para isso, outra bem diferente se é o diabo fazendo! — Ele piscou, indicando Ian ao seu lado.

— Eu a pressionei para isto, Reverendo. — Ian disse.

— Tudo a mesma coisa. — o reverendo murmurou com humor. — Deixe-me pegar meu livro de oração, então…

Ele andou relaxadamente para fora. A sra. Dowd foi buscar seu cunhado. Ian de repente pegou o queixo de Alaina e estava erguendo-o com um aperto áspero que não era minimamente gentil.

— Eu sinto muito que Peter O 'Neill te machucou e te enganou. Eu não sei o que se passou entre vocês, e eu duplamente sinto muito se você ainda se encontra enamorada dele. Não esqueça, entretanto, deste dia em diante, está terminado.

— Houve…

— E madame, se você alguma vez pensar em me trair com qualquer outro homem, saiba que eu deixarei o seu traseiro esfolado antes de te estrangular.

Surpreendida pela repentina veemência de seu ataque, Alaina se sentiu ferida e furiosa novamente. Ian McKenzie e seu maldito senso de dever! Ele acreditava que ela havia dormido com Peter O'Neil, e ainda assim ele se casaria com ela, porque era a coisa certa a fazer.

Nenhum homem respeitável casaria com ela… assim disse Peter. Mas aqui estava Ian McKenzie. De certo modo, ela não podia esperar para ver rosto do Peter.

Exceto que… ela não podia casar-se com ele.

— Você é um monstro, o próprio Diabo, Ian, e eu não posso mesmo fazer isto! E o que há com você? Todas estas ameaças que faz contra mim…

— Ah, mas Alaina, eu sempre conheci o meu dever.

— E eu não? Como poderia você saber, como poderia você saber qualquer coisa sobre mim agora, como ousa pensar…

— Nós estamos aqui porque eu encontrei acidentalmente o seu corpo totalmente desnudo em uma piscina em pleno dia. — Ele a lembrou secamente.

Suas bochechas avermelharam vivamente.

— Você…

Seu sussurro de repente foi um fôlego violento contra sua orelha.

— Você está avisada, Alaina!

— *Você* está avisado! — Ela sussurrou numa resposta brava. — Você causou isso; se lembre que é nada além de uma farsa.

— Uma farsa? Nós estamos aqui, Alaina, porque isto é malditamente real!

— Nós estamos aqui porque você… — Alaina começou, mas ela depressa ficou muda quando o Reverendo Dowd avançou.

— Ian, Alaina, estamos prontos? Há alguns documentos legais que devem ser preenchidos e assinados primeiro. — o Reverendo Dowd disse, lhes acenando para ir a sua escrivaninha de madeira de cerejeira.

Ela não podia fazer isto. Ela não podia fazer isto…

Ian a estava empurrando adiante, e ela não podia resistir. Ela não podia casar com Ian, ainda assim, nem podia aguentar pensar no que seu pai sofreria se não o fizesse.

Case-se com ele, só se case com ele! Ela disse a si mesma. Ele não lhe daria qualquer outra escolha. Ela teria a satisfação de mostrar a Peter que ele era um tolo, que ele a perdeu pela mais ridícula das razões. Ian estava voltando para o exército; ela podia continuar a viver da mesma maneira de sempre, exceto que seria a esposa do Ian McKenzie.

Respeitavelmente casada.

— Alaina? — Sua voz soou severa.

Ele já tinha preenchido os documentos do reverendo com descuido impaciente e velocidade.

Alaina escreveu seu nome, os nomes do seu pai e mãe, e seu local de nascimento. Ela assinou seu nome.

A mão de Ian estava em seu braço.

Ela se encontrou de volta na sala de estar, ao lado de Ian. O reverendo Dowd alegremente lhes instruiu sobre onde permanecer, tomando uma posição ante eles, seu livro de oração em mãos.

O cunhado da Sra. Dowd, com noventa anos se estava atualizado, mais alto, jovial, e alegre, estava de pé ao lado da Sra. Dowd. Sorrindo, com a mão em concha na orelha para garantir que ouvia tudo o que estava sendo dito corretamente.

Era tudo tão irreal. Alaina até sentiu como se o quarto estivesse cheio com névoa, como se sonhasse. Porque isso não podia estar acontecendo.

Mas isso estava acontecendo. Ian falou seus votos em uma voz clara e tocante.

Alaina mal conseguiu sussurrar os dela.

Eles chegaram na parte sobre um anel, ela descobriu que Ian colocara um anel de sinete pesado em seu dedo, um que era naturalmente bem grande, e que teria caído se ela não tivesse fechado a mão até machucar a palma. Então Ian estava sendo instruído a beijar sua noiva. Novamente, seus dedos eram quase brutais quando ergueu seu queixo.

Estranhamente, seus lábios eram fogo…

Amassando sobre os seus, transmitindo uma força líquida e calor que a surpreendeu e a queimou, e a deixou trêmula quando a boca de Ian se levantou da dela e ele voltou a atenção novamente para discutir os detalhes com o Reverendo Dowd.

Certamente eles podiam emprestar um cavalo. Sua pressa era totalmente compreensível. O segredo deles referente a data exata do casamento poderia ser guardado.

Dentro de outros cinco minutos, Alaina se achou montada na frente de Ian em uma baia muito bonita. E eles estavam num fixo meio galope de volta ao longo da trilha de carruagem que levava da igreja episcopal até Cimarrom Hall.

Alaina sentia os braços dele, e o fogo que parecia compor seu corpo e membros, e novamente ela sentiu um estranho, cintilante arrepio.

Ela começou o dia pensando que estava apaixonada por um homem que agora menosprezava.

Oh, e era verdade! Que tola ingênua tinha sido! Ela começou tudo isso por largar sua roupa…

Querido, Deus, ela nunca o faria novamente!

Porque ela estava agora concluindo o dia…

Casada com um duro, bravo, homem. Um homem *comprometido*. Ian McKenzie. Uma força. Um poder.

Um homem que na verdade conheceu pela maior parte de sua vida, ainda assim, que era basicamente um estranho.

Seus braços apertaram ao redor dela à medida que cavalgavam. O calor de seu fogo pareceu cercá-la.

Ela estremeceu ainda mais.

Ela olhou o céu e viu que o sol estava afundando. Parecia ser uma feroz, ardente bola de laranja e ouro no horizonte. Não havia nada tão bonito como um pôr-do-sol da Flórida, e ainda, Alaina pensou… Pressagiava a noite.

Ele previu a noite.

E ela estava repentinamente com medo da escuridão que viria.

CAPÍTULO CINCO

Ian estava bravo consigo mesmo.

Furioso.

Ele estava igualmente furioso com ela, naturalmente. Especialmente agora, enquanto ela se sentava ante ele, mechas de cabelo dourado livre e enredando no tórax e rosto dele enquanto cavalgavam arduamente contra o vento.

Se ela e Peter O 'Neill tivessem escolhido outra hora e lugar para jogar seus jogos, nada disso teria acontecido. Ele não estaria casado com uma mulher, quando ele estava envolvido com outra pessoa.

Ainda assim, não importa como o enfureceu que Alaina McMann largou sua roupa na piscina dele, ele não podia negar, para si mesmo, ao menos, que ambos poderiam ter saído da água e se vestido decentemente antes de Peter e Lavínia dar de cara com eles, se ele não estivesse tão consumido com a visão dela e tão irracionalmente irritado de descobrir que tal luxuriante beleza como Alaina fora seduzida por tão miserável desculpa de humanidade como Peter O 'Neill.

Fora isso uma estranha forma de ciúme? O tempo durante o qual ele realmente tocou em Alaina intimamente fora breve; ainda assim, as impressões de tudo o que sentiu estavam para sempre embutidos em sua memória. Ele pensou ironicamente que Deus criou a mulher, e então o homem acabou jogado para fora do Éden. Que irônico, por Deus ter criado uma perfeição em Alaina McMann que era seguramente a pior tentação do homem. Seus seios eram firmes, arredondados globos, sua cintura era magra como uma vespa, seus quadris alargados. Ela era magra, mas, Deus querido, era curvilínea. Talvez foi por isso que ele não a reconheceu. A última vez que viu Alaina, ela era magra como uma cana. Uma diabólica menininha espevitada, correndo livre na areia. Mas ele devia ter reconhecido seu rosto, embora suas características, também, amadureceram para uma beleza delicada bem diferente do tempo que a viu pela última vez. Ainda, aqueles olhos, aqueles olhos dourados, olhos de gato… olhos sensuais, olhos provocadores. Ele viu aquela mistura bonita de cor só em seus olhos. Como tinha esquecido?

Tempo.

E sua irritação com Peter O 'Neill.

Que agora condenou ambos a esta farsa, como Alaina chamou isto.

Bem, simplesmente, o que ele pretendeu? Ele ainda não sabia, exceto que tinha estado obcecado que eles deviam se casar, e determinado que deveria, de alguma maneira, forçá-la a sua vontade. Ele seria amaldiçoado se deixasse Peter O 'Neill ter a oportunidade de caluniá-lo, ou qualquer um dos McKenzies.

E quanto a Alaina, bem, foi fácil o bastante torcer seu braço quando seu pai foi ameaçado. Ainda assim, ele se apressou adiante com um breve pensamento sobre o futuro; ele só sabia que não deixaria Peter O 'Neill retornar a Cimarrom e destruir todo mundo lá. Ainda assim, agora a ação estava feita. Ele podia zombar de si mesmo. O que fazer agora? Ele se algemou a uma mulher que O'Neill conhecera; talvez ela estava ainda apaixonada por Peter, apesar do tratamento de Peter com ela. Se ela chegasse perto de Peter, ele pensou com fúria súbita, ele fatiaria ambos em tiras.

O pensamento de repente o surpreendeu, e ele deu a si mesmo uma sacudida furiosa. O que, em nome de Deus, era o problema com ele, que podia se encontrar apanhado por tais pensamentos opressivos de violência?

— O que agora? — Ela sussurrou repentinamente, e ele percebeu que puxara as rédeas na extremidade do gramado, que simplesmente sentara lá esperando, sentindo os últimos raios dourados de sol se derramar sobre eles.

— Bem, agora, meu amor, nós interpretamos a farsa. — ele lhe disse.

Ela ligeiramente se retorceu, seu rosto subindo para o dele. Os olhos de gato questionando… talvez só um pouco incertos, o rosto delicado estranhamente sombrio e muito bonito. Ele pensou sobre o modo que ela provocou e flertou no gramado, e o astuto poder com o qual superou seu oponente na esgrima. Uma tensão ardente atormentava seu corpo e, pela primeira vez desde que começara com essa obsessão, lembrou-se de que ela se tornara uma beleza rara, talvez uma das mulheres mais bonitas que conhecia. Então ele zombou de si mesmo, se perguntando se não tinha percebido o tempo todo, se ele não tinha sido tão obcecado com a sensação de sua carne, a curva de seus seios, como ele estava com sua fúria contra O’Neill.

Casamento.

Um maldito pagamento duro para o desejo obsessivo.

Ela olhou adiante novamente, o cabelo loiro longo amarrotado do passeio e provocando seu nariz. Ele friccionou os dentes e se debruçou abaixo contra ela para sussurrar contra sua orelha:

— Nós enfrentamos os barracudas[3].

Ele sentiu um leve tremor dentro dela.

— Com medo? — Ele zombou.

Seus ombros se endireitaram. Ela se retorceu novamente, os olhos de gato estreitados enquanto caíam sobre ele.

— Do quê? — Ela exigiu.

— Enfrentar todos eles.

— Não. — ela o assegurou de modo calmo.

— Ah, então, você tem medo de mim? — Ele exigiu.

— Nunca. — ela o assegurou friamente, ainda assim, olhou depressa atrás para a casa e ele pensou que sentiu o mais leve tremor dentro dela novamente…

Ele de repente cutucou seus saltos de forma dura contra seu cavalo emprestado e eles dispararam pelo gramado. Uma boa coisa, ele pensou: Alaina McMann podia montar como o vento, nadar como um peixe, correr como um cervo. Ela era a própria criança da natureza, filha do seu pai afinal.

Ele puxou as rédeas na casa, saltou para fora do cavalo, e estendeu a mão para ajudá-la a descer. Os olhos de gato tocaram os seus. Ele deslizou-a para baixo ante ele, perto contra ele. Ela deslizou contra o comprimento de seu corpo para o chão e ele sussurrou para ela:

— Lembre-se do jogo, meu amor.

As pestanas de mel rico caíram sobre suas bochechas; ela estava ainda tremendo. Independentemente do jogo que ele estava jogando, isto não era tão fácil para ela.

Estava ela com dor? Por causa de Peter O 'Neill? O pensamento era suficiente para dar a alguém uma apoplexia.

Ele pegou sua mão. Não lhe deu mais chance de protestar, mas arrastou ela junto com ele para dentro da casa.

3 Peixe de fortes mandíbulas e grandes dentes, corpo longo e esguio, que atinge até 2,1 metros e 30 centímetros de diâmetro. Predadores vorazes e perigosos para as pessoas.

Cimarrom estava brilhando. Luzes resplandeciam dentro; o som exuberante de violinos enchia a noite. Enquanto pisavam na varanda, Ian viu que as portas da sala de estar e da biblioteca tinham sido abertas para o corredor principal para criar um salão de baile volumoso da maior parte do andar inferior. Convidados dançavam, se aglomeravam a uma mesa de ponche, conversavam, flertavam, provocavam, e discutiam.

Ian percebeu que a fofoca os precedeu a casa, mas que seus pais e Teddy McMann aparentemente se uniram contra ela. Sua mãe e pai estavam juntos na retaguarda da mesa de ponche. Sua mãe estava tagarelando sem parar com Teddy. Teddy, seus olhos azul-claros parecendo um pouco perdidos, estava valentemente tentando acompanhar Tara e fingir que nada no mundo podia possivelmente estar errado.

Ian notou que embora Peter estava de pé perto da sua recém anunciada noiva, também estava perto dos músicos. Peter sussurrou algo para os homens quando Ian e Alaina entraram e a música parou abrupta e asperamente.

Por um momento, eles ficaram congelados em um quadro vivo desajeitado; os violinos permaneciam equilibrados, os dançarinos permaneciam na pista, e todos os olhos viraram na direção de Ian e Alaina.

Inclusive os de Teddy McMann e dos pais de Ian.

— Não se atreva a ficar parada aí parecendo culpada. — Ian advertiu Alaina.

— Eu não sou culpada! — Ela disse com indignação.

A mão dele descansava em suas costas e ele sentiu o endurecer de sua espinha. Bom. Ambos precisariam de espinhas duras para conseguir passar pela noite.

— Ian!

Seu irmão, Julian, mais jovem que ele por um pouco mais que um ano e quase seu gêmeo em aparência, avançou de repente para o saudar. Eles abraçaram um ao outro calorosamente. Enquanto se separavam, Ian fez uma careta, reconhecendo a luz de pura diabrura nos olhos de Julian.

O que quer que estivesse se passando, seu irmão seguramente intentava atormentá-lo em particular. Em público, Julian tinha intenção de ficar do seu lado, e malditos fossem todos aqueles que se colocassem entre eles.

Ian ignorou o silêncio continuado no cômodo e os olhares fixos enfocados nele enquanto muitos dos convidados de Cimarrom esperavam em uma antecipação tanto tensa quanto encantada por qual explosão poderia agora estourar relativo à fofoca escandalosa que tinha circulado nas últimas horas.

Ian falou, saudando seu irmão com um retorno entusiástico, ignorando o resto do cômodo.

— Julian, querido garoto, mas é bom ver você. Você conhece Alaina…

— Claro, como poderia eu não conhecer Alaina? — Julian disse, seu sorriso encantador, sua voz rouca com admiração enquanto se curvava sobre sua mão para beijá-la. — Alaina, você se tornou bem a mais encantadora mulher em todo o estado.

A voz de Julian não era alta, mas era carregada, como era a intenção.

Alaina murmurou um obrigado. Ela estava muito dura, e Ian ficou ciente que ela observava o pai dela, e ele viu a dor em seus olhos.

Julian se aproximou mais de seu irmão.

— Me dê uma pista aqui, Ian; eu seguirei.

— Consiga que os malditos músicos comecem de novo. — Ian suavemente sugeriu. — E… e diga ao pai que eu sinto muito por qualquer desconforto que lhe causei, e que imploro sua compreensão e indulgência no que estou prestes a fazer. Eu falarei com ele assim que eu possa alcançá-lo adequadamente.

Julian arqueou uma sobrancelha, como se ele, como muitos outros no cômodo, tivesse estado tão atraído pelo espetáculo do aparecimento de Ian com Alaina que não percebeu que a música cessara. Seus lábios se curvaram ligeiramente, e Ian estava bem ciente que seu irmão estava ansioso para saber por que deveria pedir a indulgência do pai deles.

Mas Julian girou ao redor, encontrando o olho do violinista principal e erguendo uma mão em questionamento. O violinista se apressou a concordar com tal questão de um filho do dono casa.

Os doces, melódicos sons de uma valsa de repente encheram o cômodo uma vez mais. Ian curvou-se para Alaina e a puxou para a dança. Ela se moveu com ele bem facilmente, tão naturalmente graciosa em terra como era na água. Seu queixo pequeno estava empinado; seus dourados olhos de gato resplandeciam.

— Eles estão todos encarando; o que estamos fazendo aqui? Meu pobre pai…

— Seu pobre pai ficará bem. Ria, sorria, finja que está se divertindo. As fofocas logo terão o que merecem.

— Terão? Escute! Eles falam muito alto, não devem nem se importar que nós ouvimos.

Enquanto dançavam, Ian se encontrou sorrindo com sombrio, mas genuíno humor. Movendo-se pelo cômodo, eles de fato pegaram fragmentos de febris conversas sussurradas.

— Você acredita que eles tiveram a audácia de chegar juntos aqui? — Exigiu uma velha irritante.

— A ousadia disto! — Respondeu seu companheiro soldado.

— Vivendo em uma terra tão selvagem, ela foi naturalmente criada um pouco melhor que uma selvagem… — Isto da mãe de uma jovem Tampa.

— A pobre esposa morta do Teddy… — Isto de seu marido.

— Ela é uma coquete… — Uma velha feia que Ian estava bastante certo que nem mesmo conhecia.

— Mas para Ian responder dessa forma, na casa do *pai* dele! — Um digno velho soldado.

— Havia a conversa de um casamento *adequado* entre Ian e uma filha de coronel… — Um soldado mais jovem.

— Ela enfeitiça homens… — Uma solteirona ciumenta com um nariz muito grande.

— Mas o pai dela simplesmente deve abordá-lo, fazer algo! — Outro homem de idade avançada, militar aposentado de Tampa.

— É bem deliciosamente terrível! — Uma matrona admitiu para seu companheiro calvo. Ela percebeu os olhos de Ian nos dela; ruborizou num tom carmesim, mas o encarou por vários segundos antes de retroceder.

— Imagine, os McKenzies de Cimarrom envolvidos em tão sórdidos casos! — Ela disse com um alto fungar enquanto eles dançavam para longe.

Ele viu que seu irmão alcançou Jarrett e Tara e deu sua mensagem. Ele deu a seu irmão um aceno de cabeça apenas perceptível, o qual Julian

facilmente compreendeu. Ele se moveu pelo cômodo agilmente, esquivando-se entre os dançarinos, para alcançar o lado de Ian uma vez mais.

— Posso? — Ele inquiriu educadamente para Alaina.

Seus olhos dourados tocaram os de Ian, mas ela prontamente deslizou para os braços de Julian.

Talvez muito prontamente, Ian pensou com irritação. Mas se moveu depressa pela multidão ao lugar perto da mesa de ponche onde seus pais estavam com Teddy McMann. Ele sabia que o zumbido de fofoca pelo cômodo crescia enquanto se dirigia a sua mãe, pai, e Teddy, mas ele manteve sua voz baixa. Ele seria amaldiçoado se adicionasse combustível ao fogo.

— Pai, mãe, Dr. McMann, eu desejo fazer um anúncio hoje à noite, e pedir que fiquem todos ao meu lado e da sua filha. — ele disse para Teddy. — Muito seguramente, você ouviu que tal fofoca foi projetada para seus ouvidos até agora, e rezo que sua convicção em ambos, Alaina e eu, tenha lhe permitido manter a fé em nós apesar disto.

Ian ficou surpreso por ver que sua mãe parecida estar muito mais divertida do que indignada.

— Veja, Teddy, — ela assegurou McMann, deslizando um braço pelo dele. — eu te disse que não poderia haver nada para estes rumores malignos. Embora esteja bem curiosa para ver como meu filho os pretende dispersar.

Teddy McMann era magro, de altura média, com uma cabeça cheia de cabelos brancos como a neve e claros, gentis olhos. Ele estudou Ian, então estendeu uma mão, pegando a de Ian.

— Ela é tudo que eu tenho, Ian. Eu não conheci nada além de honra dos McKenzies nos muitos anos que fiz deste estado minha casa; eu confiarei em você, como parece que minha filha escolheu fazer.

Ian examinou seu pai. Jarrett não estava divertido; estava preocupado. Com os braços cruzados sobre o tórax, ele se debruçou mais perto de seu filho, fazendo sua conversação privada.

— A dama te seduziu na piscina? Ou você a seduziu? São os rumores verdadeiros? — Ele calmamente exigiu.

— Ninguém foi seduzido, Pai. — Ian honestamente respondeu. — Foi uma situação acidental.

— Os homens podem sobreviver a tais situações acidentais; a senhorita McMann está arruinada. Você percebe isto? Teddy McMann está com seu coração quebrado, certo que destruiu a vida da filha por seu egoísmo em viver numa ilha para perseguir sua vocação.

— Se você estiver me lembrando, pai, que há somente uma saída honrada de uma dificuldade causada por fofocas malignas, eu asseguro a você, já assumi a responsabilidade. — Ele hesitou, contente que ele não teve muita chance de conversar com seu pai ainda, e que nunca mencionou suas intenções de casar-se com a filha do coronel, Risa Magee. — Pai, Alaina e eu já nos casamos.

Jarrett titubeou com isto, suas sobrancelhas levantando, olhos preto-azeviche avaliando seu filho cuidadosamente. Qualquer que seus pensamentos fossem no assunto, ele não os expressaria então.

— Eu te darei um momento para contar a Teddy McMann; eu não gostaria de ver seu coração falhar quando tal surpresa for revelada para todo mundo nesta sala. Eu devo pedir aos músicos para fazer um intervalo, e te permitir fazer o anúncio como achar melhor.

Jarrett se afastou de seu filho. Ian girou para Teddy McMann, que estava observando-o com os olhos de um homem que fora chutado, mas estava ainda determinado a buscar o bem em seu atacante.

— Sr. McMann, você merece muito mais de mim, senhor, mas acho que agora é a melhor chance que tenho de informar que Alaina e eu… nos casamos.

Teddy o encarou atônito.

Tara McKenzie, ao lado de Teddy, ofegou.

— Eu sinto muito, Mãe. — Ian murmurou depressa.

— Casou? — Teddy inquiriu. — Mas como isto aconteceu? Quando tal casamento aconteceu? Minha filha não esconde nenhum segredo de mim…

— É seu direito anular nosso casamento, senhor, se esta é sua escolha. — Ian lhe disse.

Teddy balançou a cabeça.

— Eu nunca negaria a Alaina o que ela quer; eu estou só tão… atordoado.

Os músicos pararam de tocar novamente. Jarrett McKenzie estava de pé no estrado levantado na outra extremidade da varanda onde eles tocaram.

— Damas, cavalheiros… se posso pedir sua indulgência por alguns momentos, parece que temos outro anúncio hoje à noite, e um bem perto de casa. Eu deixarei meu filho fazer as honras.

Ian se virou, vendo onde Julian permanecia com Alaina. Ele caminhou pela multidão, que se separou obrigatoriamente para ele. Então tomou a mão de Alaina e voltou ao estrado com ela.

— Amigos, honrados convidados, — ele disse, olhando fixamente pela sala, seus olhos aterrissando em muitos daqueles que mais cruelmente os difamou. — As circunstâncias me invocaram para fazer um anúncio que pretendia compartilhar em particular com meus pais primeiro. — ele declarou, seu tom desgostoso. — Mas desde que temo que minha ânsia para estar com a mulher que amo foi prematuramente descoberta, devo compartilhar nossa felicidade com todos vocês, aqui, hoje à noite, também. Senhoras e senhores, eu lhes apresento minha esposa, Alaina Mc… Kenzie.

A sala arfou coletivamente. Haviam sussurros de surpresa, e risadas de alívio quando aqueles amigos que se perguntaram da moralidade do herdeiro de Cimarrom Hall e a filha do botânico foram assegurado que tudo estava bem.

— Mas, mas… quando este casamento aconteceu? Você quer me dizer que seus pais não sabiam nada?

Ian olhou através da sala, reconhecendo a voz docemente preocupada. Da Lavínia.

Ian atraiu Alaina para si. Ela estava olhando-o fixamente, com aqueles olhos graciosamente sem iguais dela excepcionalmente arregalados. Suas bochechas estavam ruborizadas em um rosa surpreendente. Seu olhar de horror poderia ter sido confundido com adoração. A mão dela caiu em sua jaqueta quando seu braço circulou ao redor ela. A acetinada suavidade de seu cabelo provocava sua bochecha e repousava como puro ouro contra o marinho escuro de seu uniforme. O limpo aroma de seu corpo sutilmente pareceu infundir o ar que ele respirava, e a segurando deste modo, ele era lembrado de cada curva luxuriante, firme de seu corpo. Uma febre foi acordada dentro dele, fazendo sua história vir facilmente, apaixonadamente para seus lábios.

— Eu tenho vergonha de dizer que meus pais não sabiam de nada. Ainda assim, acredito que ambos me perdoarão; tendo visto minha noiva,

eles podem bem entender meus sentimentos. — Sua voz tremeu só ligeiramente.

O toque perfeito.

Ele não era bem um ator; sua emoção aparente era na verdade simples luxúria.

Ela se afastou ligeiramente, olhando-o. Uma pulsação batia furiosamente contra sua garganta. Seus seios se levantavam elegantemente acima do corpete de seu vestido. Ele sabia exatamente o que repousava embaixo do tecido. Ele trouxe seus dedos para a bochecha dela, e abaixou sua boca para a dela. Ele ouviu o mais suave suspiro de protesto, mas o ignorou. Seus lábios pressionados sobre os dela; a língua provocando, sondando. Ela era quente, doce fogo líquido. Um súbito, esfaqueamento de dor de desejo foi acordado nele de um modo que o deixou agitado. Ela o despertou antes, naturalmente, uma mulher jovem, perfeita, nua na piscina…

Isto era pior.

Ele afastou os lábios dos dela. Os olhos dela cuspiam fogo. Seus lábios estavam úmidos e inchados; ela estava lutando para respirar. E ele se encontrou perguntando-se furiosamente se ela ainda estava apaixonada por Peter O'Neill, e de fato, simplesmente como e onde O'Neill a tocou.

Os parabéns foram gritados para eles. Ainda assim, entre todas as palavras amáveis veio um grito bem diferente.

— Eu não acredito nisto; não pode ser, eles devem estar mentindo!

Peter O 'Neill. Ian viu o homem de pé então no centro da sala, os encarando. Ele sentiu Alaina ficar tensa, e a espiral de emoções dentro dele se apertou perigosamente. Ele conseguiu perguntar educadamente, com só uma ponta de advertência na voz:

— Por que, Sr. O 'Neill, está me chamando de mentiroso, senhor?

— Peter! — O velho pai grosseiro de O'Neill gritou a calma advertência.

Peter rangeu os dentes. Ele não ousava chamar Ian para fora. Peter era um bom espadachim, mas Ian ganhou uma reputação no exército por ser mortal. Peter também arriscava seu próprio recentemente anunciado noivado se fizesse confusão demais sobre o casamento de outro homem.

Peter voltou ao ataque depressa.

— Ian McKenzie, não nesta vida, senhor, iria eu chamá-lo de mentiroso. Seguramente você tem documentação legal. Eu confesso, eu meramente expresso o assombro de todo mundo aqui, e naturalmente, minha preocupação pela Senhorita McMann.

— Eu agradeço a sua preocupação! — Teddy McMann de repente gritou, sua voz forte enquanto se aproximava do estrado. — Francamente, estou encantado de descobrir que há pouco que preciso temer por minha filha novamente, já que ela está aos cuidados do nosso Major Ian McKenzie, embora espero que ela aceitará meu amor por toda sua vida.

— Papai! — Alaina sussurrou suavemente. Escapando do agarre de Ian, ela caiu nos braços do pai, abraçando-o.

— Eu digo que os parabéns estão definitivamente em ordem! — Julian clamou. — Champanha, meus amigos. Aqui, aqui! Para meu irmão Ian. E para Alaina, a mais elegante, mágica criatura no mundo. Ian, para você e Alaina!

A balbúrdia irrompeu então. Ian não viu sua noiva novamente por um bom tempo. Ele descobriu que o champanha foi posto em sua mão, e que estava se movendo por sua casa, passado de amigo a amigo, e em diante. Um abraço muito caloroso de repente o assaltou, e ele descobriu que estava sendo agarrado por uma alta, magra jovem mulher com esplêndidos olhos e cabelos negros, e uma aparência marfim e rosa tão perfeita que quase parecia irreal. Sua irmã, Tia.

— Ian! Seu diabo. Você não sussurrou uma palavra para nós. Eu nem mesmo percebi que você viu Alaina McMann novamente. Claro! Você desce ao sul bastante ultimamente, certo? Mas não para nos dizer, oh, Ian! — Ela se aproximou mais. — Ou *é* uma mentira? Aquele episódio escandaloso na fonte aconteceu? Ian…

— Tia! — Ele gemeu. — Se comporte.

— Ian! — Ela retornou. — Diga-me pelo menos isto: você está realmente casado?

— Sim. Agora, Tia, por favor, aja como a encantadora jovem dama da casa e não faça os convidados todos me encararem novamente, sim?

Ela beijou sua bochecha.

— Sydney soube antes de agora?

— Não, ninguém soube. — ele lhe disse. — Tia, você sabe que conseguirá a história toda eventualmente, você torturará alguém para isto logo o bastante. No momento…

Ela sorriu, então o abraçou novamente.

— Te amo, irmão maior. — ela suavemente disse.

Seus braços apertaram ao redor dela, então a soltou, bem na hora de se encontrar sendo engolfado por sua prima Sydney, sua tia e tio, e sua prima Jennifer e seu marido, Lawrence Malloy, e então seus primos, Jerome e Brent, seus melhores amigos desde a infância, todos os quais estavam confusos, mas eram discretos.

A noite passou lentamente.

Viu que Alaina ficou ao lado do pai, não deixando que ele se afastasse, embora ela também estivesse sendo encurralada de simpatizantes a saudando. Aqueles que provavelmente a haviam insultado tão profundamente momentos antes.

Mas ela estava casada agora. No clã McKenzie.

Sua prima Sydney, amiga de Alaina desde o nascimento, parecia especialmente satisfeita com os eventos, embora intrigada. Ele sentia seus olhos nele continuamente enquanto o tempo passava lentamente. Ele olhou para ela, então notou durante a noite que Peter estava olhando para ela também, como se quisesse encurralá-la.

Sydney McKenzie estava deslumbrante. Alta e magra, ela tinha os olhos de esmeralda da mãe e o cabelo negro do pai. James McKenzie era mestiço Seminole, e seu sangue índio tinha passado à Sydney de uma maneira que a fazia exoticamente bonita. Seus olhos eram um produto de seu sangue branco; seu cabelo era Seminole, espesso, lustroso, liso. Sua carne era sem defeito, dourada. Se Peter O'Neill fosse em qualquer lugar perto de sua prima aquela noite, Ian espetaria o homem.

Ele respirou fundo. Ele dificilmente estava pensando em uma maneira civilizada, racional.

Alaina McMann fez isto com ele.

Alaina *McKenzie*. Tinha se casado com ela. Ele de repente se sentiu exausto.

— Ian? — Ele girou para encontrar sua mãe ante ele, seu olhar nele não entregando nada de seus pensamentos. — Por causa da distância até a casa

deles, Alaina e Teddy teriam ficado aqui pela noite até mesmo antes do… seu anúncio. Lilly garantiu que coisas da Alaina fossem retiradas do quarto de hóspedes, onde ela teria ficado com várias das outras jovens damas, para seu quarto.

Ele olhou fixamente para sua mãe inexpressivamente por um momento.

— Ah.

Ela franziu o cenho, os olhos azuis o estudando cuidadosamente.

— Ian, você está casado? — Ela suavemente inquiriu.

— Sim, mãe. Nós estamos casados.

— Bem, então, você quererá sua esposa com você.

Sua esposa… com ele. Uma parte de seu mundo. Ele não sabia se a queria exatamente com ele; mas certamente a queria.

Casamento… um preço tão alto pelo desejo!

E a vida, e o amanhã? E a filha do coronel, e a vida que imaginou que levaria?

Ele inspirou.

— Mãe, eu realmente sinto muito…

— Ian, não sinta. Você viveu sua vida de uma forma que nos fez bem orgulhosos; nós confiamos nas suas decisões. Além disso, — ela murmurou. — talvez um dia eu lhe direi como seu pai e eu viemos a nos casar. Teddy é um bom homem; sua noiva é linda. Julian está certo. Ela certamente se tornou uma das mais encantadoras jovens mulheres que eu já vi.

— Ela é de fato encantadora. — Ian murmurou. Ele não adicionou promíscua, imprudente, e de temperamento quente.

Sua mãe o beijou na bochecha e escapou. Ele girou e se encontrou com Teddy McMann novamente. Teddy estava o estudando com seus suaves, confiantes olhos azuis e Ian estava irritado de se descobrir sentindo pontadas de culpa.

— Senhor, eu tenho documentação que nós estamos legalmente casados. — ele disse.

Teddy gravemente assentiu.

— McKenzie, eu não estou bem certo do que se passou aqui, e bem francamente eu não quero saber. Eu admito que… — Ele hesitou. — Eu amo minha filha; eu alegremente morreria por ela. Mas temo que meu amor me fez indulgente e Alaina sempre fez o que lhe agradou. Ela monta, atira, esgrime, nada… estou grato que ela o encontrou, McKenzie. Pois ela poderia muito bem levar um homem inferior numa caçada ao casamento. Deus te abençoe, filho! — Teddy disse, e moveu-se para a multidão novamente, talvez procurando por sua filha. Onde estava ela? Ian perguntou-se. Então a viu. Ela estava com Tara, e estava bem branca. Ela estava provavelmente descobrindo que tinha sido movida para o quarto de Ian em Cimarrom Hall.

— Ian!

Ele girou ao redor. Seu irmão Julian e seus primos Jerome e Brent estavam alinhados ante ele. Julian carregava uma garrafa do melhor uísque do seu pai.

— Com uma observação cuidadosa, irmão, você notará que os convidados de Cimarrom já estão indo embora, e daqueles que estão ficando, a maioria se retirou para o andar superior. — Julian disse.

— Antes da noite cair mais, nós McKenzies precisamos brindar a você! — Jerome lhe disse gravemente. Como Sydney, os filhos de James carregavam seu sangue branco e índio de uma maneira notável. Jerome tinha olhos de cobalto profundo como às próprias fortes, bronzeadas características de Ian, e um toque de castanho avermelhado em seu cabelo escuro. Brent tinha olhos verdes com rico, pesado cabelo Seminole, tão escuro que parecia brilhar azul e negro. Eles eram todos de uma altura próxima, cada um deles maiores que um metro e oitenta, e construídos de forma similar também. Jerome estudou engenharia e construção naval enquanto Brent frequentou a escola médica com Julian.

— O primeiro da nossa geração de McKenzies a casar, meu bom rapaz. — Brent disse. — Bem, outro além de Jennifer!

— E casou com Alaina; quão curioso. — Jerome adicionou.

— Venha para fora, longe, na varanda. — Julian o incitou num sussurro. — Isto é um brinde só de McKenzies.

Ian se encontrou empurrado para fora. Eles não ficaram na varanda, mas vagaram pelo gramado, uma boa distância da casa, passando a garrafa de uísque de um lado para outro como carruagens que partiam de Cimarrom.

— Então você casou com a nossa Alaina e sem um de nós sabendo uma coisa sobre isto! — Jerome disse, olhando em questionamento.

— De um modo, claro, — Brent adicionou — nós somos a família mais próxima dela, Jerome, Sydney e eu.

— Ela cresceu perto de nós. — Jerome lembrou a Ian gravemente.

— Certo. Se o rumor tivesse voltado estando ela na piscina com outra pessoa… — Brent disse.

— Nós teríamos sido chamados para defender sua honra, naturalmente, desde que ela não teve nenhum irmão próprio. — Jerome lhe informou.

— Porém, desde que nós somos *seus* primos… — Brent disse.

— Família mais próxima. — Jerome notou.

— Com licença, eu sou irmão dele. — Julian interrompeu. — Isto na verdade me faz a família mais próxima.

— Certo, nós somos a segunda família mais próxima. Nós queremos saber exatamente o que aconteceu. — Jerome disse.

Ian hesitou. Então deu de ombros.

— Nós dois decidimos ir nadar. Nós demos de cara um no outro. Nós fomos… vistos.

— Então você não está casado. — Jerome disse com uma carranca.

— Minha querida, mais próxima família, — Ian disse. — se este brinde é para mim, você pode entregar a garrafa de uísque.

Brent, em posse da dita garrafa no momento, a entregou. Ian lançou a cabeça para trás e tomou tal gole que queimou por dentro da garganta até o esôfago. Ele baixou a garrafa, respirou fundo, e descobriu que os três formavam um semicírculo ao redor dele, encarando, esperando impacientemente pela sua resposta. Ele bebeu profundamente novamente.

Eles ainda encaravam, a paciência minguando.

— Nós estamos realmente, e legalmente, casados.

— Mas como diabos… — Jerome começou.

— O casamento é bem malditamente fácil, e você o administrará bem o suficiente uma vez que chegar a isto. Você só continua dizendo “sim” ou “eu aceito” quando te perguntam uma série de perguntas.

Jerome lentamente arqueou uma sobrancelha, olhando para Julian e seu irmão.

— Eu não estou bem certo porque estou preocupado aqui. Eu acredito, na verdade, que ele e Alaina merecem um ao outro.

— Ela é capaz de ser cada pingo de sarcasmo. — Brent concordou.

— Determinada e teimosa. — Jerome concordou.

— Cabeçuda. — Brent elaborou.

— Umm. — Julian murmurou. — E *ele* é um tirano. Ian sempre pensou que tinha o direito de ser o líder conosco…

— Eu era mais velho. — Ian disse, tomando outro longo gole de uísque. Não queimou tanto quanto no princípio, e parecia estar levando embora algumas das pontas afiadas como navalhas da noite. — Eu realmente tinha o direito de liderar.

— Bem, aí está! — Jerome disse secamente. — Meu primo mais velho, mais velho do que você e eu, Julian, há pouco mais de um ano, gosta de assumir o comando. Alaina se recusa a fazer o que é dito por qualquer pessoa. Isso é maravilhoso. Eles devem se dar bem como óleo e água. Um casamento acertou no céu. A questão permanece: quando ocorreu e por quê?

Ian arqueou uma sobrancelha. A noite estava ficando bem tarde; a lua estava quase cheia e diretamente acima deles no céu escuro. Ele poderia muito bem ficar aqui para sempre se não os respondesse, e se pudesse contar com o sigilo de qualquer um no mundo, era destes três. O uísque estava aquecendo-o; ele estava cansado. Ele gastou sua jornada para casa se preocupando sobre o estado da União, e ele acabou com isto. Sua cabeça estava latejando, e ele tinha uma recentemente adquirida esposa com a qual chegar a algum acordo antes da noite acabar.

— Certo, minha querida, mais próxima família, eu agora tenho estado casado por várias longas horas no mínimo. Aconteceu porque a jovem dama pareceu estar escapando de uma situação infeliz. Parece que ela acreditou que Peter O'Neill pretendia casamento, com ela, em vez de Elsie Fitch. — Ian disse.

— Eu o estrangularei. — Jerome disse sombriamente.

— Não, caso necessário, eu mesmo cuidarei do homem. Nada aconteceu na piscina da fonte, mas desde que ninguém além da minha

família e Teddy acreditariam na verdade, eu pensei que era melhor nos casarmos depressa.

— Ah! — Seu irmão e seus primos o encararam com um suspiro coletivo.

— Mas é, realmente, legal? — Jerome disse.

— O reverendo Dowd nos casou.

— É bastante legal. — Julian murmurou. — Mas que situação estranha. A última vez que te vi, havia uma filha de coronel envolvida em sua vida.

— E então houve rumores sobre Alaina, claro, e estive com a impressão que ela… — Brent começou, mas imediatamente cessou bruscamente.

— Que Alaina estava envolvida em outro lugar? — Ian exigiu com uma voz cortante.

— Sydney pensou que ela estava esperando casar em outro lugar logo, e que ela estava apaixo… interessada em alguém. Eu agora assumo que era Peter O'Neill. Bem, isto está terminado. — Brent disse depressa. — Olhe, olhe de volta para a casa. As lanternas estão sendo apagadas.

— O passado não importa muito, importa? — Jerome exigiu com um nível de gravidade que lembrou a Ian muito de seu Tio James. Ele estendeu a mão, suavemente pegando a garrafa de uísque das mãos de Ian. — Vocês estão casados um com o outro agora. E desde que você fez a coisa honrada, talvez você deveria fazer a coisa cortês também, e retornar para a casa.

Ian pegou a garrafa de uísque de volta dele.

— De fato, eu devia.

Ian deixou seu irmão e primos de pé no gramado. Quando ele reentrou na casa pela varanda, ele achou os empregados limpando os restos da festa. Os convidados tinham partido ou se retirado. Não havia nenhum sinal de seus pais, Teddy McMann, ou Alaina.

Ele subiu as escadas e caminhou pelo corredor até seu quarto. Ele hesitou. Ele sentiu como se o seu corpo tivesse se tornado um tambor batente; percebeu que o som de seu coração se tornou aquele excruciante pulsar, e que o brilho chamejante do uísque permanecia eletricamente sobre ele.

Ele abriu a porta com um empurrão e parou.

Todas as luminárias tinham sido apagadas no quarto, mas alguém construíra um fogo em sua lareira contra a umidade, e o quarto estava adicionalmente iluminado enquanto a porta para a sacada permanecia ligeiramente entreaberta. A luz do luar derramava ao interior. Suficiente luz do luar para lhe mostrar que sua noiva estava enrolada em uma bola protetora no lado mais afastado da cama dele. Ela estava tão enrolada, de fato, e tão longe em um lado, que uma brisa a mandaria ao chão.

A irritação o tomou junto com a faca assombrosa de desejo que ela podia muito facilmente despertar. Ele andou até onde ela se deitava, olhando-a ao luar. Seus olhos estavam fechados; lágrimas umedeciam suas bochechas. Ela parecia jovem. Angelical. A simpatia cresceu dentro dele, até que ele se perguntou se ela estava chorando por seu amor perdido.

Ele estendeu a mão para tocá-la. Os olhos dela abriram de repente; ela não o ouviu entrar no quarto. O luar se derramava sobre ela, fazendo seu rosto muito frágil, seus olhos círculos gêmeos de ouro cintilante. Seus lábios tremeram, e uma palavra emitiu deles em um soluço quebrado.

— Por favor…

Ele se afastou, com medo do tumulto que correu dentro dele, certo de que ele deveria arrancá-la e infligir alguma violência ou ir embora completamente. Ele caminhou até as janelas da sacada e ficou ali, a tensão criando uma dor nele da cabeça aos pés. Ele a ouviu suspirar de alívio. Ela achava que ele estava saindo??

Ele voltou, desafivelando a bainha para deixar sua espada de cavalaria na escrivaninha. Ele sentou-se na grande cadeira de assento de couro atrás de sua escrivaninha, deixando a garrafa de uísque que carregava no chão a seus pés. Ele se debruçou para trás, fechando seus olhos para meras fendas, observando a luz do fogo brincar ante ele, se amaldiçoando novamente por sua imprudência na piscina, e determinando sua posição aqui agora. Ele tinha uma esposa, uma que não pretendeu ter. Ela não queria um marido, pelo menos, ela não o quis como marido. Mas ela era verdadeiramente uma tola se pensava que ele pretendia passar por todos os anos de sua vida como um marido celibatário porque ela pretendeu capturar um amante diferente.

Então…

Ele franziu a testa, sentado muito quieto.

Ela tinha levantado. Deslizado da cama. Sua camisola era uma sombra de marfim, graciosamente atada. Diáfana. Ela a cobriu com a bata da combinação que esteve repousada ao pé da cama. Descalça, movendo-se

com apenas um sussurro de som, ela veio para perto de onde ele se sentara, olhando-o. Aparentemente, ela pensou que ele dormiu.

Ela se curvou, pegou a garrafa. Ele ouviu seu fungar de desdém. Ela colocou a garrafa em sua escrivaninha e moveu-se pelo quarto até a sacada.

Ele lhe deu um segundo, então ficou silenciosamente de pé. Por instinto e longo hábito, ele afivelou novamente sua bainha.

Então ele seguiu.

Ela não estava na sacada. Ele olhou de cima a baixo o comprimento dela.

Ela estava no gramado, percebeu. Ela deslizou abaixo a treliça de rosa e estava movendo-se através do gramado em direção ao bosque.

— Maldita seja, o que ela está tramando? — Ele resmungou em voz alta. Ele balançou seu corpo acima da grade e pegou a treliça ele mesmo, descendo-a. Ela não tinha a menor ideia que estava sendo seguida. Ele manteve vinte pés[4] atrás dela enquanto ela corria rapidamente ao longo da trilha que levava a piscina. Ian parou atrás de um carvalho quando ela permaneceu no centro da clareira da piscina, encarando a água.

Então um homem de repente se levantou das sombras da noite que cercavam o tronco na extremidade da água.

Peter O 'Neill.

— Alaina! — Ele chamou suavemente.

Ela girou ao redor, o cabelo e vestido longo fluindo como ouro líquido no luar…

Para encontrar seu amante?

4 Um pouco mais de 6 metros.

CAPÍTULO SEIS

— Alaina, eu sabia que você viria! — Peter O'Neill chamou suavemente, vindo em sua direção.

— O'Neill! — O silêncio da noite foi subitamente quebrado com o profundo estrondo de outra voz.

Peter ficou imóvel e mortalmente branco.

Alaina congelou também, sem ter certeza se estava mais atordoada por Peter chamando seu nome ou Ian chamando Peter.

Não importava. O que importava era o quadro horrível criado aqui. Ela estava tão desesperada para escapar de seu quarto, no Cimarrom Hall. Em casa, ela estava acostumada a vaguear por onde ela escolhesse; lá, isso não importava, não havia ninguém perto deles e os seus vizinhos mais próximos nunca iriam machucá-la. Ela tinha certeza de que Ian McKenzie tinha desmaiado com sua garrafa de uísque; ela o viu com seus irmãos e primos na borda mais distante do gramado e ela orou por um descanso. Em mil anos, nunca lhe ocorrera que Peter O'Neill poderia estar aqui agora.

Mas ele estava. E ela sabia exatamente o que parecia. Peter, neste bosque. Aguardando-a.

Ela podia sentir-se tremendo por dentro com uma profundidade estranha de medo, diferente de tudo que já tinha conhecido antes. Ian olhou para Peter, e Peter retornou aquele olhar. Peter usava uma espada. Ele puxou-a da bainha, fazendo com que o coração de Alaina pulasse uma batida. Mas então ele jogou a espada no chão.

— McKenzie, não haverá derramamento de sangue. Eu não estou armado! — Peter gritou de repente.

Ian McKenzie habilmente desafivelou sua bainha, deixando que ela e sua espada de cavalaria caíssem ao chão.

— Sem derramamento de sangue. — Ian concordou, mas seu tom era mortal; seus olhos azuis pareciam obsidiana. Mas mesmo enquanto falava, a trilha atrás deles, de repente ganhou vida com os sons de galhos estalando e passos em queda.

Julian, Jerome, e Brent irromperam no bosque, parando logo atrás de Ian.

— Jesus! — Julian respirou, observando a cena.

Alaina sentiu Jerome e Brent olhando para ela. Nenhum dos dois falou. Ela sabia o que estava em seus olhos, fúria por sua traição. Eles eram seus amigos, os irmãos mais velhos de Sydney, quase os dela.

Mas eles eram McKenzies. O olhar em seus olhos era implacável. Ian McKenzie havia casado com ela. E ela o reembolsou assim.

— Bem! — disse Peter, encontrando certa coragem. — Você deve olhar para isso! Os grandes e poderosos McKenzies! Os meninos brancos de raça, talentosos com armas, punhos, e lâminas, e todos alinhados diante de mim. — Ele levantou os braços. — Se você acha que pode apenas me matar na floresta e fugir porque você é o grande McKenzie, é melhor reconsiderar. Meu tio é um senador estadual. Você vai se enforcar, e a cada um de vocês.

— Ninguém vai matar você, O'Neill. — Disse Ian sua voz profunda e tranquila. — Agora não. Mas se eu pegar você perto da minha esposa de novo, eu vou te matar.

Peter deu de ombros. Então ele começou a caminhar para fora da clareira, longe dos McKenzies. Mas ele parou e se virou para Ian.

— McKenzie, você poderá encontrar dificuldades ao tentar manter sua mulher longe de mim. — ele zombou, e então cometeu o erro de dar um empurrão feroz em Ian.

— Por favor… — Alaina começou a dizer.

Muito tarde.

Ian se lançou para Peter. Os dois foram para baixo em uma fração de segundo. Ian estava em cima de Peter. Não houve concurso. Peter não deu um golpe decente. Ian deu um direito na mandíbula de Peter. Peter uivou.

— Pare com isso, pare com isso, por favor! — Alaina gritou, apressando-se para frente, imaginando se poderia de alguma forma impedir um assassinato, se lançando entre os homens. Então, novamente, Ian poderia matá-la muito feliz.

Ela nunca alcançou os lutadores. Brent segurou-a com um braço firmemente ao redor de sua cintura.

— Eles vão lidar com isso, Laina. — ele disse a ela suavemente.

Como Ian ergueu um punho para atacar novamente, Julian e Jerome vieram atrás dele, seu primo pendurado em seu braço, seu irmão em suas costas.

— Ian, ele não vale a pena, ele não vale a pena! — Jerome assobiou.

Os dois foram capazes de tirar Ian de seu inimigo. Julian se ajoelhou ao lado de Peter.

— Ele está fora do ar, mas vai ficar bem. Felizmente, Ian, você não quebrou a mandíbula dele.

Brent soltou Alaina e deu um passo para frente, abaixando-se também por O'Neill.

— Vamos levá-lo de volta para Cimarrom. — disse Julian. Ele e Brent levaram o fardo de Peter e voltaram ao longo da trilha para a casa. Jerome hesitou brevemente, uma mão no ombro de Ian, seus olhos tocando momentaneamente Alaina onde ela estava parada à beira da piscina, descalça e determinada a não trair seu medo.

— Primo? — Jerome murmurou.

Ian, tenso como uma corda de arco, os olhos presos em Alaina, mas, em voz baixa também, ela respondeu.

— Estou bem.

Jerome assentiu.

— Bem, então, boa noite. — Ele virou-se para seguir o seu irmão e Julian pela trilha. Alaina quase lhe gritou que na verdade não estava bem em tudo, e que ele tinha que voltar e protegê-la. De seu marido, seu primo.

Ela não gritou; ela não poderia fazer sua mandíbula funcionar. Ian não se moveu. Ele apenas ficou lá, cabelo escuro caído sobre um olho azul escuro, funções em uma linha tão sombria que ele poderia ter sido composto de pedra.

— Bem? — Ele murmurou baixinho.

— Isso não foi o que pareceu…

— Oh?

— Eu não tinha ideia de que ele estaria aqui.

— Você apenas sentiu vontade de correr para a piscina, se despir e nadar de novo? — O sarcasmo em sua voz era cortante como uma lâmina.

— Não, eu só sentia o desejo de escapar de sua casa, você, seu quarto…

— Você não gosta de minha casa? — Ele perguntou educadamente, os braços cruzados sobre o peito quando ele começou a dar passos em direção a ela. — Eu preferia pensar que era um lugar bonito, e eu sou completamente apaixonado por meu próprio quarto.

Ela estava na defensiva, virando-se para encará-lo para evitar ser encurralada enquanto ele a rodeava.

— Eu detesto sua casa e seu quarto. — ela sussurrou. — EU… —

— Mas você não estava se encontrando com O'Neill?

— Não.

— Ah, bem, quer dizer que você não marcou uma reunião com O'Neill. Não entra na sua cabecinha tola que correr nua pode ser perigoso? — ele exigiu furiosamente.

— Eu não estou nua.

— Nua esta tarde; seminua agora, Sra. McKenzie!

A maneira como ele disse as palavras à fez estremecer por dentro, dizendo seu próprio nome com tal desprezo e raiva que ela não tinha escolha a não ser revidar.

— Não! — Gritou. — Não, eu não estou em perigo, nem de você ou de qualquer um. Eu não sou uma coisinha fraca e chorona, pronta para me tornar uma vítima, senhor. Eu posso me defender…

— Você pode se defender?

— Eu sou excelente com uma espada, senhor.

— Bem, eu não percebi que você trouxe uma espada para cá com você. — comentou ironicamente — Mas, deixando isso de lado, você é realmente tão excelente que sente que pode se defender de todos os aspirantes a atacantes?

— Eu tive aulas durante anos. Eu superei um cavaleiro com bastante facilidade esta tarde. — ela o informou, inquieta. Ele estava circulando-a

novamente. Ela tinha que continuar virando-se para impedir que ele estivesse em suas costas.

— Tudo bem então. Acredito em você. — disse ele. Seu olhar parecia ônix. Duro, inflexível. Brutal.

— Acredita?

— De fato.

— Você quer que eu…

Ele chegou ao chão e desembainhou a espada de sua bainha, jogando-a na direção dela. Ele girou no chão de areia a seus pés e ela olhou para baixo antes de olhar de volta para ele.

— Pegue! — ele ordenou. — Essa é uma boa espada. A de Peter é uma espada para bobos, mas vou usá-la como minha arma e dar-lhe a vantagem.

— Não me dê nada. — alertou ela, perguntando-se que idiotice a estava dirigindo agora. Ele estava absolutamente furioso, ela sabia. E, no entanto, ele parecia tão frio como gelo. Isso o tornava ainda mais perigoso, seu autocontrole total.

— Pegue a espada; lute comigo.

— Para quê? — Ela sussurrou.

Um sorriso sombrio e zombeteiro curvou seus lábios. Ela sentiu a respiração, pois o cabelo dele em desalinho desgrudou-se da testa, seu olhar era duro como gelo e a curva sarcástica de sua boca era estranhamente sensual, contra a dureza da rocha de suas belas feições.

Ele tinha a espada de Peter na mão. Ele varreu-a através do ar e fez-lhe uma debochada reverência.

— Você pode se defender, foram suas palavras, quando eu avisei sobre os perigos de sua imprudência. Lute por sua honra. Ou melhor, vá embora. Corra de volta para sua ilha com o seu pai. Perca-se, minha senhora, e sua honra será minha.

— Minha honra nunca será sua!

— Se você pode se defender como afirma, nenhum homem poderia levá-la de você, estou certo?

— Eu posso me defender!

— Estamos de acordo com os termos?

— Os termos?

— Meus termos.

— Não estamos…

— Sim, estamos de acordo; é o ponto crucial do argumento, pois se eu fosse algum estranho com má vontade e tivesse a violação de sua castidade em mente, eu simplesmente tomaria o que eu queria… se eu ganhasse.

— Ninguém pode tomar nada de mim.

— Então, isso é o que você diz. Lute comigo

— Eu vou ganhar!

— Pegue a espada, menina. Defenda-se. Mostre-me o quão infalível pode ser, e que eu não preciso me preocupar com os seus meandros da meia-noite, meio vestida, trazendo vergonha para o nosso casamento. A espada! Pegue-a! — Ele rugiu para ela.

Convencida de que seria espetada no local, se ela não o fizesse, Alaina se abaixou rapidamente para a espada, saltou para trás, e se preparou para enfrentar Ian.

— Você é um tolo! — ela gritou. — Eu sei como usar isso e se você…

Seu movimento súbito enviou o aço de sua espada colidindo contra a dela própria. A força por trás de seu golpe era impressionante, mas ela manteve seu aperto firme sobre sua própria arma. Segurando a barra da saia de sua camisola na mão esquerda para evitar tropeçar nela, determinou-se a ir para a ofensiva, antes que a força por trás dos seus golpes enfraquecesse seu braço. Ela poderia passar como um raio, assim ela foi atrás dele agressivamente com uma série de golpes rápidos, quase dançando em toda a terra macia do aterro da piscina com velocidade e graça em seus movimentos. Ele caiu para trás, e durante um momento ela sentiu o triunfo. Entretanto, ela percebeu que ele estava recuando apenas para permitir que ela gastasse sua energia, enquanto ele fingia cada golpe. Ela o havia pressionado para trás uns bons vinte pés quando sua espada, de repente, começou a balançar em uma série de arcos que ela havia defendido apenas pela pele de seus dentes.

Ela foi forçada a voltar os vinte pés que tinha ganhado.

Ambos pararam para respirar.

Ele fez um borrão repentino sob o luar com sua lâmina, um movimento que ela temeu por uma fração de segundo que, de fato, lhe custaria à vida, já que o aço dele só perdeu o corte em seu seio.

Ela não foi ferida. Mas, os laços das delicadas rendas de seu vestido estavam cuidadosamente cortados em seu lugar.

Ela sabia que não devia acender sua raiva; cabeça fria era necessária aqui. Mas ela estava furiosa. Ela começou a atacá-lo novamente com uma série rápida de golpes. Ela estava tão envolvida em sua tempestade que fez um golpe que teria cortado suas panturrilhas, se ele não tivesse sido rápido o suficiente para saltar de seu ataque e pousar no tronco caído logo atrás dele. Não querendo perder a vantagem, ela atacou imediatamente, determinada a levá-lo ao chão, onde poderia descansar a ponta da sua espada contra a garganta dele e, assim, acabar com o assunto.

O tronco se despedaçou, ele perdeu o equilíbrio, caindo de costas. Ela saltou sobre os pedaços de madeira, certa da vitória, mas quando ela veio até ele, ele deu um salto milagroso e voou sobre seus pés, batendo sua espada com um golpe impiedoso que teria quebrado o braço, se os dedos não tivessem, instintivamente, deixado de segurar o punho reverberante.

Sua espada voou, arqueando sob o luar, indo parar fincada na terra, cerca de 3 metros de distância.

Ela olhou para o azul profundo dos olhos de Ian. Ela começou a dar um salto louco por sua espada. De repente ele bateu no chão antes dela, incorporando sua lâmina na terra, de uma maneira que a fez parar subitamente.

Ela ficou muito quieta quando ele a circundou, puxando a arma do chão. Ele levantou a espada para ela novamente, a ponta descansando logo abaixo do queixo.

— Senhora, você se rende?

Ela se recusou a responder, depois inspirou bruscamente com o súbito movimento de sua arma. Mas a lâmina não tocou sua carne. Ele levantou o tecido de seu ombro direito. Ela sentiu a suavidade do vestido e o manto caindo do seu lado direito. Ela fez um esforço para não se mover. Um segundo movimento da espada levantou o vestido de seu ombro esquerdo. Com a delicada renda dos laços desfeita, o vestido de seda e o manto se agruparam em seus pés, ela ficou nua ao luar, de frente para ele.

Ele estudou o comprimento dela. Avaliando-a, seu olhar incrivelmente desapaixonado. Ele se inclinou sobre o punho da espada.

— Bem?

— Bem? — Ela sussurrou, a brisa varrendo ao redor dela, parecendo tocá-la com dedos estranhos, tão fria contra o crescente calor de sua carne.

— Você foi derrotada.

— Derrotada nunca, Ian; você simplesmente tomou a minha arma.

— Você está derrotada, e o ponto aqui é que você deve saber que você pode ser vencida. Se você irá duelar, você deve cumprir os termos. Ah, os termos. Eu acredito que deveria me seduzir.

A brisa ficou muito fria; ela queimou contra ela. Lembrou-se da sensação de suas mãos, seus lábios…

— Seduzi-lo! Isso não estava nos termos!

Ele sorriu para sua angústia.

Ela umedeceu os lábios.

— Eu vou morrer antes de fazer qualquer tentativa de seduzi-lo, Ian McKenzie. — ela disse, sem prestar atenção às suas circunstâncias. Ela estava ali na frente dele nua, e ele provavelmente ainda estava convencido de que ela, de alguma forma, tinha feito arranjos para encontrar Peter, mesmo depois que ela e Ian tinham se casado. Talvez ela tivesse que controlar melhor seu próprio temperamento e apelar para algo que não fosse a fúria, que ela sabia, despertava nele muito facilmente. Ela conteve seu tom condenatório para algo um pouco mais tranquilo e suave — Você não está se comportando como um cavalheiro.

— Realmente, minha querida esposa? — Suas sobrancelhas escuras se ergueram. — Bem, tenha isso em mente; se você tivesse agido como uma senhora em qualquer momento, em tudo isso, nós não estaríamos aqui agora. Hmmm, deixe-me pensar um momento… Não, é verdade; eu ainda tenho que ver você se comportar como uma dama.

— Você deveria ser chicoteado, McKenzie. — ela retrucou. Ela queria muito atacá-lo. Sentia-se tão absurdamente em exibição, sentindo a brisa sobre sua carne nua, tentando não se mover ou tremer, para escoar o calor que queimava tão ferozmente nela. Ela não se sentia intimidada, mas estava tremendo…

Aguardando…

Seu toque.

— Eu deveria ser chicoteado? Por…? — Ele perguntou educadamente.

— Pela maldade criminosa! Agora, é muito tarde. Precisamos voltar para a casa. — disse a ele bruscamente. Ela começou a estender a mão para seu vestido e seu manto. A ponta da espada caiu no tecido, prendendo-o ao chão. Ela olhou lentamente para a escuridão azul dos olhos dele.

— Acho que não. — disse ele. — Você gosta de ficar nua na água, e você detesta minha casa e meu quarto. Então, vamos ficar aqui.

Ela não podia falar, não podia se mover, e de repente teve muito medo do que ele pretendia, ainda assim, estava tremendo com o fogo e a antecipação do mesmo. Ela não suportou. Ela decidiu abandonar seu vestido e simplesmente correr, mas no segundo em que ficou de pé, ele a agarrou pelo braço, e ela girou perdendo o equilíbrio. Ela caiu de costas na terra fria, sem fôlego, olhando em seus olhos.

Ele moveu o polegar suavemente por sua bochecha.

— Eu venci; você perdeu.

— Quando você luta para defender a sua honra, senhor, você faz até o fim.

— Mas você se rendeu.

— Eu não me rendi; você simplesmente apreendeu minha arma.

— Às vezes é mais sábio aceitar a derrota.

— Eu me recuso a ser derrotada.

— Bem, então, pense nisso desta maneira: aqueles tomados em batalha devem aceitar as condições do vencedor.

Ela tentou discutir mais, no entanto, nenhuma palavra escapou de seus lábios, pois a boca dele tomou conta da dela em uma forte demanda que tanto a irritou quanto a despertou. A pressão do corpo dele a levou para baixo; ela estava bem ciente da lã áspera de seu uniforme contra sua carne e o suave odor almiscarado e doce da água debaixo dela. Mais do que tudo, ela sentiu o fogo quente de sua boca, a demanda selvagem de sua língua, invadindo e acariciando, brutal, sensual, violando, persuadindo, acariciando de novo e de novo…

Então sua mão se curvou em torno de seu seio, o polegar esfregando o mamilo até que ela gritou com a sensação que ele tinha sido capaz de provocar em seu corpo. Ela se contorcia com a chicotada de fogo que parecia

atravessá-la, queimando a partir desses pontos onde ele a tocava. Sua boca inundou seu corpo com o calor; seu toque sobre a carne nua de seu peito queimava através de seu centro, em espiral, em algum lugar profundo dentro dela.

Ela ofegava, cavando os dedos em seu cabelo quando sua boca abandonou a dela para sugar o mamilo, onde o polegar brincou. Ela tentou formar palavras para protestar, mas sua mente não conseguiu obrigá-la e ela continuou a fazer nada mais do que suspirar e torcer e contorcer-se, destroçando seu cabelo negro espesso, consumida demais para perceber, mesmo que o toque parecia estranhamente sensual contra a ponta dos dedos. Sua mão deslizou lentamente ao longo de sua lateral, curvando-se ao redor do quadril, deslizou entre os dois, e depois entre as pernas. A pressão de seu polegar deslizou intimamente para baixo, através do triângulo de cachos loiros, separando-a, e acariciando o mais sensível e íntimo dos lugares femininos.

Ela ficou tensa como um canivete, um grito se formando em sua garganta. Sua boca cobriu a dela novamente com um ardor e paixão assustadores. Ela percebeu que não tinha começado a estimar sua força até o momento em que ela ficou presa embaixo dele, percebeu que cada movimento seu não era guiado apenas pela paixão.

Ela pressionou as palmas das mãos contra a dureza do peito dele, mas a força de seu peso era tal que ele não sentiu seu protesto. Nem podia chorar, porque o beijo dele consumiu suas palavras. Ela torceu e contorceu-se novamente, em chamas, queimada pela sensação, ainda selvagem para escapar da pressão ameaçadora de seu corpo. Seus joelhos foram afastados por um súbito movimento flexível de seu corpo e a insistência de seu peso. Seu peito e pernas permaneciam vestidos com a áspera lã; seus quadris estavam nus. Ela sentiu a mão e o sexo dele esfregando-se contra ela. Um estremecimento enorme a varreu. Ele explodiu dentro dela com um único golpe suave e duro, então, como uma faca, instantaneamente quebrou todas as barreiras. Ela nunca gritou, porque não podia. Lágrimas involuntárias de dor instantaneamente se acumularam em seus olhos. Ela apertou-os firmemente, virando a cabeça para o lado quando os lábios dele se separaram dos dela. Ela o sentiu olhando para ela, assim como ela sentiu a queimação feroz na junção de suas pernas. Ela desejou fervorosamente que ela tivesse o poder de expulsá-lo. Ela desejou que um pássaro gigante descesse do céu e o rasgasse de cima dela, e talvez o rasgasse em pequenos pedaços. Ela esperou que ele se desculpasse.

Ele não fez. Ele ficou parado, observando-a.

Ele começou a se retirar. Apenas para mergulhar nela novamente. Ela mordeu ferozmente o lábio inferior, depois sentiu as mãos dele no rosto, puxando-o para frente. Ela abriu os olhos e encontrou o dele. Mesmo quando ela conseguiu finalmente resmungar um “Não!”, ela se sentiu de alguma forma paralisada pelo fogo de cobalto em seu olhar e a tensão rígida em seu rosto. Ela tentou separar seus lábios para falar novamente. Mas novamente sua boca dominou a dela. Exigindo ainda…

Persuadindo. Trazendo calor líquido.

Lentamente, o calor de sua boca pareceu incendiar a queimação entre suas coxas. O calor permaneceu; a agonia começou a serenar. Ela se encontrou envolvida em seus braços, suas mãos deslizando pelas costas, formando-se sobre suas nádegas, puxando-a mais para o crescente e furioso pulso de seus impulsos dentro dela. Seus dedos se curvaram em seus ombros, unhas cavando. A dor se desvaneceu em um pulsar monótono. A queimação era parte agonia, parte prazer. Ela orou para que isso terminasse, mas algo mais havia começado dentro dela. Algo que ela precisava, algo que era um tipo diferente de dor. Ela odiava o toque dele, os golpes dele, e ainda assim…

Ela ansiava por isso. Ela queria escapar. Agora ela torceu e arqueou a senti-lo, sentir a crescente doçura penetrante nela.

Ela ansiava por isso. Ela queria fugir disso. Agora ela se contorcia e se arqueava para sentir a crescente doçura que a penetrava. Um rigor parecia apreendê-lo; então, um violento impulso o trouxe tão profundamente dentro dela que ela estremeceu com a força dele. Então, mais uma vez… e o mercúrio de seu clímax a encheu novamente com uma sensação de fogo líquido e ardente. E quase instantaneamente, ele aliviou seu peso dela, ajustou suas calças da União, e ficou olhando para o céu.

Naturalmente, como uma jovem amadurecendo, ela teve suas fantasias em relação a homens e mulheres e o amor. E na verdade, elas tiveram a ver com Peter O'Neill. Mas elas nunca tinham ido muito mais longe do que imagens bonitas de Peter de joelhos, pedindo-lhe a mão, subindo para capturar seus lábios em um beijo feliz enquanto o sol brilhava e os pássaros cantavam melodiosamente.

Nunca essa imagem em particular, ela deitada nua na floresta, cabelos entrelaçados com grama e folhas, entrou no reino da imaginação. No entanto, permaneceu imóvel por um instante, dolorosamente sofrida, humilhada e, de repente, com o calor do corpo desaparecido, muito frio.

Então a voz profunda de Ian quebrou a quietude que se instalou durante a noite enquanto ele meditava contemplativamente:

— Então você não tinha dormido com ele… até agora.

Ela virou-se e deu um forte soco no estômago dele. Ela precisava se afastar. Ele não teve a chance de enrijecer seus músculos. Amaldiçoando, ele saltou de pé, mas um segundo depois, ela passava por ele para mergulhar na piscina, desesperada para aliviar a dor em seu corpo e alma.

De noite, a água fresca da primavera estava horrivelmente fria. Ela emergiu com os dentes batendo, meio com medo de que ele tivesse mergulhado atrás dela. Ele não tinha. Ele estava à beira da piscina, observando-a, seu vestido e manto em suas mãos.

— Que diabos você está fazendo? — Ele perguntou irritado.

— Natação… de banho!

— Saia.

— Vá embora.

— Saia! É muito tarde agora. E se você acha que eu vou te deixar aqui, Alaina, você está louca. Saia daí.

— Ainda não. EU…

— Toda a água do mundo não vai lavá-la hoje. Saia daí.

Ela estava congelando, então ela decidiu obedecer. Tremendo, ela emergiu a uma distância dele, apenas para perceber que ele tinha suas roupas. Ela enrolou o comprimento de seu cabelo, torcendo a água, quando ele veio impacientemente para ela.

— Eu vou ajudar você a se vestir.

— Eu não quero sua ajuda.

— Madame, está despida de tal forma, que você não parece precisar de ajuda.

— McKenzie, eu vou encontrar um jeito de te superar! Eu estou dizendo a você, eu não quero ajuda.

— Mas você precisa dela.

Ela poderia aceitar sua ajuda ou perder sua roupa, assim parecia. Ele a ajudou. Os laços em seu manto de marfim puro estavam estraçalhados, naturalmente o manto caiu aberto. Ela agarrou ambas as partes juntas, girando para longe dele, tentando novamente escapar. Mas, novamente, ele a parou com um aperto firme em seu braço.

— Alaina, onde você acha que está indo?

Ela ficou teimosamente imóvel, olhando para ele, depois deixou os cílios baixarem.

— De volta a minha casa e ao meu quarto odiado? — Perguntou em voz baixa. Ele segurou seu queixo e levantou-o para que seus olhos se encontraram. Sua voz tornou-se mais dura.

— Alaina, o que você achou? Nós nos casamos hoje. Não era o que você queria; não era o que eu queria. Fizemos o que era necessário. Mas está feito agora, e se você não percebeu isso, eu dei-lhe uma justa advertência de que eu não era o tipo de homem que renunciaria cortesmente dormir com a mulher com a qual eu tinha casado.

— Oh, na verdade, você me fez um grande favor ao se casar comigo! — Ela gritou. — Outros homens respeitáveis não teriam se casado com a filha selvagem do botânico, mas você é o grande Ian McKenzie, portanto sabe o seu dever!

— Eu fiz o que era necessário. — disse ele, estreitando os olhos. — Mas interprete como quiser; este casamento foi forçado sobre ambos. Macacos me mordam se eu vou ter negado os pequenos prazeres que posso tirar dessa situação.

— Pequenos prazeres… Oh! — Ela queria golpeá-lo novamente; mas ele estava bem preparado para um ataque selvagem agora. Ela se virou, querendo correr de volta para a casa na frente dele, apenas para ter alguns minutos de descanso.

Sua mão estava sobre ela.

Sua condenada mão. Arrastando-a de volta com uma força súbita, selvagem.

— Ian…

— Nós vamos voltar juntos, a Sra. McKenzie.

— Não, Ian, eu só…

Apesar de seu protesto, ele balançou-a em seus braços e começou a andar através da trilha banhada pela lua.

— Nós vamos voltar juntos, como qualquer casal.

Ela olhou para o conjunto, as linhas sombrias de seu rosto.

— Nós somos como qualquer casal normal. — ela fervia. — O marido bebe uma garrafa de uísque com seus bons amigos, depois arrebata sua esposa. Isso não é o costumeiro?

Ela ficou surpresa ao ver um sorriso irônico deslizar em suas feições.

— Que interessante. Eu não tinha começado a imaginar nada tão encantadoramente usual e doméstico quando estávamos na casa do reverendo Dowd hoje à tarde.

Ela soltou um leve juramento de impaciência. Seus braços se apertaram ao redor dela, e ela percebeu que ele havia parado na beira do gramado, olhando para a casa.

— Então você odeia Cimarrom? — ele respirou. — Que pena, meu amor, que você deva odiar sua casa.

Se ela não estivesse tão atolada em seu próprio tormento, ela teria dito que mentira antes, somente para feri-lo, que ela amava Cimarrom. A casa era bela, o epítome da graça.

Mas ela estava ferida.

— É a sua casa, não a minha.

— Oh, é mesmo? — Ele perguntou.

— Minha casa fica na baía.

— Sua casa, agora, está onde eu quiser que ela esteja. — ele disse a ela secamente, caminhando novamente. Ele fez uma pausa mais uma vez, e ela percebeu que eles estavam abaixo da área da varanda que levava para seu quarto.

— Talvez, no futuro, ela poderá estar em algum lugar sem grades para subir. — ele murmurou, e começou a andar novamente.

— Aonde você vai? — Ela perguntou.

— Pela porta da frente. É a minha casa. — ele disse a ela.

— Mas e se…

— Se alguém nos vê? Ora, nós estamos nos comportando como os habituais jovens recém-casados. Eu mergulhado em uísque com meus amigos e você violada na piscina. E agora… — ele fez uma pausa com um encolher de ombros.

— E agora? — Perguntou ela, preocupada.

— Eu imagino que em minhas tentativas de ser um bom marido, eu vou ter que beber mais uísque, sozinho, eu temo, pois, meus bons amigos parecem ter ido para a cama cedo. Então me deixe ver… eu posso me apagar no uísque, e então… — Seus olhos cobalto tinham brilho diabólico quando ele olhou para ela. — E então, violentar minha pobre e oprimida noiva, dentro de casa desta vez. Se você despreza Cimarrom e meu quarto dentro dela ou não, Sra. McKenzie, parece que minha cama está destinada a se tornar um lugar que você vai ter que aprender a amar.

— Ian, por favor…

— O quê?

Seu olhar, duro como um pingente de gelo caiu em cima dela. Ela tentou falar.

— Eu preciso ficar sozinha. E… você… — ela gaguejou.

Uma estranha sensação de calor a percorreu quando ele a pegou nos braços; ela não poderia continuar. Ele entrou na casa pela porta da frente, mas eles não encontraram ninguém na passarela, nem quando ele a levou até as escadas para o segundo andar. O luar se derramava pelas portas francesas abertas. Brasas ainda crepitavam na lareira espantando o frio da noite de primavera. O quarto estava iluminado por uma mistura do luar de marfim com o toque vermelho do fogo. Era um quarto muito bonito. Mas um quarto masculino. O quarto dele.

Querido Deus, ela queria correr. Para compreender o que tinha acontecido sem sentir seus braços aprisionando-a. Sem o som de sua voz invadindo-a. Sem seu toque…

— McKenzie, me coloque para baixo. Agora.

Ela falou desesperadamente, mas soou mais como se estivesse gritando enquanto ele gentilmente a desceu. Ela tinha caído no conforto de sua cama.

Ela podia ver suas feições com clareza; apesar da pouca luz, sombras tocaram seu rosto. Ela sabia que ele olhava para ela, que ele estava com

uma tensão de raiva, criada talvez, pelo som de sua voz. Seus dedos estavam apertados nas palmas das mãos, formando punhos ao seu lado, e apesar de si mesma, ela engasgou suavemente, encolhendo-se dele.

Ela engoliu em seco, tentando permanecer absolutamente imóvel, pensando que ele iria descer com força e puxá-la para perto novamente.

Mas ele não o fez.

Ele não a tocou.

Ele só olhou por mais um momento. E ela foi perturbada por algo que soou como uma fungada de desprezo.

Então, para sua surpresa, ele se virou e foi embora. Sua porta se abriu.

E se fechou.

Então ele se foi.

CAPÍTULO SETE

A coisa mais inteligente e confortável para se fazer, em vez de controlar seu temperamento e permanecer em seu próprio quarto, teria sido dormir no quarto de seu irmão. Ele não fez essa escolha. Não só seu irmão estaria lá, mas seus primos também, e ele não estava preparado para qualquer tortura que eles poderiam inventar para provocá-lo sobre o estado de seus assuntos.

Ele escolheu os estábulos, pegando outra garrafa de uísque do armário de seu pai, em seguida, encontrou um lugar confortável no feno na baia de Pye. Ele bebeu uísque suficiente para dormir rapidamente e acordar com uma dor de cabeça ardente. Então, para seu desalento, quando seus olhos se abriram, finalmente, descobriu o mordomo de seu pai, Jeeves, tão duro, reto, antigo e sábio como uma vara de ébano, juntamente com Lilly, olhando para onde ele tinha dormido.

— Ai está ele. O noivo. — disse Lilly.

Jeeves arqueou uma sobrancelha.

— Homem feliz.

— Eu tentei avisá-lo que não ousasse brincar com aquela bruxa branca! Ah, veja as consequências.

— Lilly, as consequências ocorreram porque eu não brinquei com a bruxa branca, como você chamaria a Sra. Trehorn. — Ian disse acidamente. — Agora, se vocês dois não se importam…

— Agora, você sabe, Major McKenzie, que não nos importamos com nada, sendo servos, é claro. — Jeeves disse a ele. — Mas seu pai está na sala de jantar e pediu para vê-lo quando você acordar. Imagino que seu sogro vai querer vê-lo, também, hein?

Ian gemeu suavemente, inclinando a cabeça contra a madeira da baia. Pye se agitou inquieto, não gostando da companhia de outras pessoas.

Jeeves foi quase como um terceiro pai. Ele não era apenas preto, ele era de ébano, mas ele não era um escravo, e embora ele tenha sido um escravo em outra época, ele já não o era há um longo tempo. Ele cuidava dos McKenzies com um olhar severo, desde que eram crianças pequenas. Ele

não pensa em si mesmo como um servo, ele era da família e todos sabiam disso.

— Tenho certeza de que meu pai está com muita raiva, mas é Teddy que não tenho coragem de enfrentar. — Ian murmurou.

— Você já enfrentou os dois homens. Eu acho que ambos estão preocupados com os seus planos para o futuro. Eu tomei a liberdade de preparar um banho na cozinha. — disse Jeeves.

Ian ficou de pé. Sua cabeça girava.

— Bem. Obrigado.

Lilly fungou.

— Vou pegar roupa limpa. Se o jovem mestre apenas tivesse ficado naquele quarto quando ele deveria…

Ian ficou de pé com cuidado, olhando para ela com firmeza.

— De fato? E vir a festa de aniversário do meu pai com aquele idiota do Alfred Ripply? — Ian perguntou.

Lilly não olhou para ele, ela não estava perto da família a tempo suficiente para ganhar o lugar que Jeeves tinha dentro da família.

— Agora, eu não sou ninguém, é claro, mas parece-me que as ideias de Alfred Ripply são as mais populares por aí. Seria sensato se o Major aprendesse a manter silêncio sobre suas opiniões.

Ian fez uma pausa, depois sacudiu a cabeça.

— Eu não posso formar minhas opiniões políticas pelo que é considerado popular. Com licença, Lilly.

Ian passou por ela, irritado com o som que ela fez sob sua respiração. Ele correu para a casa, arrancando feno de seu uniforme. Ele fez uma pausa, olhando para sua varanda.

Alaina estava lá. Subitamente pálida quando o viu abaixo, com galhos de feno desenhando sua jaqueta. Ele fez uma pausa, levou as mãos nos quadris, e olhou para ela. Ele estava certamente com uma carranca feroz, já que sua cabeça parecia estar rachando. Ela devolveu o olhar brevemente, antes de girar sobre si e recuar de volta para seu quarto. Ele foi para a cozinha, onde seu banho aguardava.

Lilly levara roupas civis, calças de algodão preto e uma camisa branca. Ele tomou banho e vestiu-se rapidamente, ansioso para terminar antes que seus pais, um irmão, ou um convidado perdido pudessem encontrá-lo. Ele parou na porta da sala de jantar, vendo que Teddy McMann era o único ocupante naquele momento.

— Bom dia, Teddy! — ele disse calmamente, enquanto entrava na sala. Lilly estava logo atrás dele, pronta para oferecer-lhe café, que ele precisava muito.

— Bom dia, Ian! — Teddy respondeu gravemente. Ian tinha Theodore McMann em alta consideração. Ele tinha, talvez, dez anos quando conheceu Teddy McMann, no momento que o botânico comprou sua pequena ilhota no corredor do sudeste do estado. Teddy tinha ficado impressionado com o conhecimento de Ian da área, e embora Ian fosse um menino, Teddy sempre o ouvira seriamente. Por sua vez, Ian tinha aprendido sobre as propriedades das plantas com Teddy, e tinha aprendido a apreciar com maior fervor os arredores únicos da Flórida semitropical. Ele o tinha visitado com frequência ao longo dos anos. Exceto, aparentemente, não com frequência suficiente ultimamente. Não com frequência suficiente para ver que a pequena ninfa filha de Teddy se transformara em uma sereia.

— Teddy… — Ian começou, então hesitou apenas brevemente. — Me perdoe. Eu não quis desrespeitar você. Sinto muito, realmente sinto muito. Eu gostaria de poder explicar, de alguma forma…

Teddy, suaves olhos azuis cheios de tristeza, levantou a mão para ele.

— Ian McKenzie, se não fosse por uma coisa, eu acho que você é o melhor cônjuge no país para a minha filha.

Assustado, Ian arqueou uma sobrancelha.

— Senhor, eu lhe asseguro que, embora as circunstâncias fossem tensas…

— Ian, não são as circunstâncias; é o futuro.

— O futuro? — Ian perguntou cuidadosamente.

— Não pareça tão surpreso… Major. Você é um homem inteligente que teve uma visão clara de tudo o que está acontecendo recentemente. Eu sei que você está familiarizado com os principais intervenientes no drama que se desenrolava diante de nós.

— Teddy…

— Haverá guerra, Ian.

Ian respirou fundo, depois deu de ombros.

— Eu achava que era a única pessoa que acreditava que as circunstâncias atuais levariam a guerra. A maioria dos sulistas pensa que cada estado que quiser pode simplesmente optar por separar-se e pronto.

— Ah, sim, e uma confederação de estados do sul do algodão pode ser feita. Uma gloriosa revolução tranquila, prevista na Constituição, tão justa e heroica quanto nossos pais fundadores que se separaram da velha tirana, Inglaterra. Isso é o que eles pensam. Muitos acham que nunca chegarão tão longe. — Teddy disse cansado. — O compromisso foi cumprido antes. Grandes estadistas têm trabalhado longa e duramente nessa estrada, mas Ian, você já viu muito. E você poderia ter dito muito mais para aquele bufão arrogante Ripply ontem. Isso foi antes de seu tempo, mas eu me lembro quando a Carolina do Sul quase se separou com a Crise da Nulificação sobre as tarifas que o Estado não queria.

— Mas Andy Jackson ameaçou que o governo dos Estados Unidos iria tomar medidas contundentes se o Estado tentasse tal coisa. — Ian lembrou.

— Mas o acordo foi realmente alcançado pelos estadistas chegando a uma solução para o argumento de tarifas. — Teddy terminou, balançando a cabeça e acrescentando: — Não pode acontecer desta vez. Você tem que lembrar, se Old Hickory era um bastardo para os índios ou não, como seu tio gosta de me lembrar, ele era um herói nacional. Martin Van Buren já determinou a não agir como um presidente. A eleição ainda está por vir e o homem, aparentemente, lavou as mãos da calamidade que se avizinha e eu não acho que haja um homem lá fora que pode entrar no escritório agora com uma chance para deter certos estados de algodão da subdivisão, e eu sei que você se sente da mesma maneira.

— Nosso heroísmo e nosso progresso nos condenaram. — Ian murmurou.

— O quê?

Ian deu de ombros.

— Fui convidado para um churrasco fora da Capital na minha última viagem. Coronel Robert Lee estava lá, ele era meu professor de matemática quando eu comecei em *West Point* e passamos algum tempo conversando. Ele, pessoalmente, acha que muitos políticos no que eles estão chamando o *Deep South* são impulsivos. Mas ele ressaltou que o nosso próprio crescimento tornou a situação ainda mais grave. Ele estava no México, você

sabe, lutando com Winfield Scott quando alcançou a vitória lá. E quando Santa Ana foi derrotada, toda propriedade que se tornou nossa, fez a questão da escravidão ainda mais inflamável. Olhe para o Compromisso do Missouri e por Deus, eu estou dizendo a você, você não pode imaginar a violência e horror que já está ocorrendo entre Missouri e Kansas! Na escuridão da noite, homens assassinando outros homens, na frente de suas famílias, em apoio aos ideais e eu não defendo nenhum lado para tal! Ainda assim, muitas pessoas estão rezando para que nunca entrem em guerra.

— E o que orações farão? De que lado Deus estará? Mais importante, Ian, de que lado você vai estar?

— Eu sou um desses homens, senhor, que oram para que nunca haja dois lados, entre os quais devo escolher. — disse ele com determinação.

— De que lado, Ian?

— Nós nem sequer sabemos exatamente o que a Flórida fará ainda…

— A Flórida é um estado de algodão. Ela seguirá os outros estados de algodão. Na verdade, os líderes da Flórida têm sido francos sobre questões de economia, escravidão, e o poder do governo local.

— Francamente, senhor, eu não sei exatamente o que eu sinto agora, ou o que eu vou fazer se eu for forçado a tomar uma posição.

— Você está no exército.

Ian sorriu.

— Muitos homens do Sul estão, senhor. E muitos de nós estamos conscientes de que decisões podem ter que ser tomadas no futuro. Eu lhe asseguro, não é algo que nós levamos de ânimo leve. Você está falando de homens que estudaram juntos, professores e estudantes, soldados que salvaram um ao outro em diferentes campos de batalha. Tenho bons amigos entre os nortistas. Conheço homens da Filadélfia que simpatizam com o *Deep South*, e eu conheço também sulistas, senhor, que chamam qualquer um que está contra a União de traidor. Teddy, pense em Richard Keith Call, que serviu como nosso governador em um tempo…

— E como chefe dos esforços do exército contra os Seminoles durante a guerra dos anos trinta. — Teddy lembrou-o secamente.

Ian sorriu; Teddy estava determinado a lembrá-lo que Call nem sempre fora um amigo dos McKenzies.

— O ponto, Teddy, é que aquele velho Richard Keith Call é muito sulista, ninguém poderia amar mais a Flórida, e ainda, ele é pró-União. A maioria dos homens é contra o conceito de que governo federal toma decisões sobre a escravidão nos estados, americanos não gostam que ditem o que devem fazer, e talvez sulistas, menos ainda do que a maioria. Deus sabe, talvez seja o fato de que a nossa economia está tão baseada no trabalho escravo que permite que as pessoas acreditem que o próprio Deus deve tolerar o comércio de seres humanos. Os homens têm que se convencer de que a Bíblia nos assegura que é moral manter os homens em cativeiro e vender suas esposas e filhos do bloco de leilão em St. Augustine. Ainda assim, muitos dos homens que gritarão mais alto que Abraão manteve escravos, de acordo com a Bíblia, serão os primeiros a acreditar na união dos estados Americanos.

— Abolicionistas belicistas acreditam que a escravidão é inescrupulosamente errada.

— De fato. — Ian concordou.

— Os McKenzies acreditam que isso seja verdade.

— Teddy, você sabe como eu me sinto; minhas crenças sobre essa matéria não são segredo. Eu nunca deixei de ser sincero.

— E aí está o meu ponto. — disse Teddy.

— O que, senhor, isso significa? — Ian demandou, aumentando o agravamento.

Teddy balançou a cabeça.

— Eu temo, Major McKenzie, que você pode, eventualmente, perder o seu precioso Cimarrom. Mas a eleição ainda está por vir. Talvez haja um milagre e a razão prevalecerá em todo o país. De alguma forma, eu duvido. E ainda assim, independente do que o futuro traz, você se casou com a minha filha. Então, quais são seus planos? Quais são as suas ordens quando você sair daqui?

— Na verdade, vou para Washington. Tenho mapas comigo para serem gravados na Capital.

— O que você pretende fazer com sua esposa? — Teddy perguntou sem rodeios.

— Para…, fazer com ela, senhor?

— Onde ela vai viver?

— Bem, senhor, eu…

— Não tinha pensado nisso ainda? Porque você realmente não tem um lar para ela, já que você não planejou o casamento.

— Eu sempre planejei me casar, senhor…

— Mas não com minha filha.

A determinação acertada de Teddy McMann sobre a verdade, desafiou o fingimento.

— Senhor. — Ian disse simplesmente — Cimarrom é uma das melhores plantações em todo o estado, e é a minha casa.

— Mas você não vai estar nela. Você nem sabe onde vai estar por um longo tempo.

— Até hoje, o governo ainda está tentando entender o deserto da Flórida. Eu imagino que eu vou e volto do pântano pelos próximos meses, pelo menos. — Ele hesitou. — A menos que as coisas mudem rapidamente.

— Ian, nessas circunstâncias, eu gostaria de levar minha filha para casa comigo.

— Eu lhe garanto, senhor, que o casamento é legal.

— Esse não é o ponto. Você se casou; ela é sua esposa, e eu não vou contestar isso. Não estou fazendo exigências; eu estou pedindo para trazê-la para casa comigo quando sua licença chegar ao fim, até você receber um comando mais permanente.

Ian hesitou, sentindo-se desconfortável e sem saber por quê. A área do estado que Teddy morava, perto de onde a tia, o tio e os primos de Ian residiam, permanecia uma terra muito selvagem. Ele adorava a área em si; seu pai era dono de vários acres indomáveis lá no Sul, mas não tinha escolhido morar lá, como James havia feito. Ainda assim, Ian amava suas longas viagens até a casa de seu tio toda a sua vida. A região não tinha sido totalmente ignorada pelos homens e mulheres de visão, mas os acontecimentos tinham conspirado para manter o crescimento ao longo dos últimos vinte anos.

Durante a Segunda Guerra Seminole, os índios recuaram para os pântanos. Antes da chegada dos Seminoles, na grande era da exploração espanhola, missionários tinham vindo à região para tentar levar a Igreja aos primeiros índios, a Calusa, a Tequesta e outros. Mas os índios haviam morrido ao longo dos séculos e absorvidos pelos Seminoles; os missionários

espanhóis morreram, foram assassinados ou também foram chamados de volta. Eventualmente, os pântanos se tornaram um refúgio Seminole.

Mas Florida Key e a costa sudeste também eram paraísos para destruidores e salvadores, como tinham sido desde que homens brancos tinham vindo primeiro com objetos de valores em seus navios. Homens de caráter menos que desejável frequentemente visitavam as ruínas.

Ian nunca teria pensado em se preocupar com a família de seu tio, vivendo tão perto do forte abandonado quanto eles. James queria o isolamento do extremo sul. Mas, James já havia lutado em muitas batalhas; ele podia cuidar de si mesmo, e ensinou seus filhos e filhas a fazerem o mesmo.

E ele era um mestiço que tinha defendido o povo de sua mãe fervorosamente durante todo o conflito. Os índios nunca machucariam a ele ou sua família. James McKenzie estava seguro nos pântanos. Contra o lixo branco, e, a frequentemente justificada, fúria vermelha.

Mas para outros…

— O que foi, Ian? — Teddy exigiu.

Ian deu de ombros.

— Bem, eu era apenas uma criança na época, mas tenho medo de admitir que estava pensando no que aconteceu com o Dr. Perrine. — Dr. Henry Perrine tinha sido um médico, e algo como um diplomata que virou botânico, assim como Teddy. Ele tinha sido assassinado pelos índios na manhã de 7 de agosto de 1840. Ian era uma criança então, mas ele ainda se lembrava de seus pais falando sobre o caso.

Os lábios de Teddy se curvaram em um meio sorriso.

— Ian, Perrine foi morto nos últimos anos da Segunda Guerra Seminole. A guerra acabou.

— A violência explodiu novamente há apenas dois anos…

— E minha propriedade ficou bem.

— Teddy, você foi morar com meu tio. Lembro-me de meu pai dizer isso.

— A família de seu tio permanece nas proximidades, e eu não sou um tolo. E eu sou um homem bom que tem sido sempre amigo dos Seminoles. A maioria dos meus trabalhadores são índios ou negros ou homens e mulheres de raça mista.

— Teddy, o Dr. Henry Perrine era um bom homem. Mas…

— Perrine estava vivendo em Indian Key, onde aquele detestável Housman fora rei de seu império de salvação e destruição, aposto! Quando os índios atacaram, Housman tinha um pequeno império lá com o seu Hotel Tropical para os visitantes e sua própria mansão. Housman sugerira que o governo dos Estados Unidos lhe pagasse duzentos dólares por cabeça por cada Seminole que pudesse matar. Eu imagino que o partido de guerra Seminole que matou Perrine se juntou para matar Housman. E isso foi há muito tempo.

— Justiça Irônica. — disse Ian. — Housman e sua esposa escaparam, e embora Perrine conseguisse esconder a sua família, o bom homem foi aquele que morreu.

— Eu não entendo seus medos, Ian. Alaina viveu toda sua vida em nossa pequena ilhota. Eu não sou nenhum tolo, e em qualquer ameaça de perigo, eu me voltaria para a sua família.

Ian inclinou a cabeça.

— Eu não entendo minha inquietação tampouco, senhor, para ser franco. Eu só sei o quão difícil à comunicação pode ser.

— Para outras pessoas. Não para você, Ian. Deixe que ela venha comigo.

— Senhor, eu devo concordar. Desde que eu não tenho uma casa preparada para ela estar comigo, o seu pedido me parece razoável.

Teddy pareceu muito aliviado.

— Eu não vou dizer nada para Alaina. Eu gostaria de deixar essa decisão vir de você, se você não se importar, a menos que ela opte por fazer o contrário. E nós vamos planejar o futuro a partir daí. — Teddy disse a ele. Ele hesitou. — Filho, eu lhe digo, meu medo é este: Minha filha é muito parecida com o Sul. Ela não gosta que lhe digam o que fazer. E todo mundo quer estar certo. No entanto, quando se trata de batalhas, certo e o errado raramente importam; tudo o que conta é quem tem mais poder.

— Eu não tenho nenhuma intenção de prejudicar sua filha.

— E ela não terá nenhuma intenção de te machucar, eu imagino. — respondeu ele, parecendo tão triste que Ian se assustou com um arrepio momentâneo. — Bem, com os meses à nossa frente resolvidos… Já te contei sobre meus novos Limoeiros?

Ian sorriu, balançando a cabeça.

— Não, senhor, você não contou.

— Sente-se, não me deixe impedir seu café da manhã. Vou lhe contar sobre o meu trabalho.

Teddy animadamente começou a contar-lhe sobre seus pomares cítricos e suas plantas de babosa. Ian serviu-se de bacon, ovos, peixe e pão fresco, e escutou. Teddy sempre estivera excepcionalmente próximo da tia de Ian, tia Teela, que tinha auxiliado um cirurgião do exército e agora utilizava muitas plantas de Teddy para pomadas e remédios à base de ervas. Ian acreditava que os interesses de Teddy e Teela haviam influenciado seu irmão e primo em sua busca de carreiras médicas. Ouvindo o homem que agora era seu sogro, Ian ficou surpreso com a rapidez com que o tempo passou e ele ainda tinha que falar com seu próprio pai.

Ele se desculpou e foi em busca de Jarrett. Ele entrou no escritório de seu pai e pensou a princípio que ele o tinha encontrado, apenas para perceber, quando o homem se virou, que tinha topado com seu tio no lugar.

— Ian! — James disse, um traço de diversão em sua voz.

— Tio James, eu estava procurando o meu pai.

— Eu também estava. Jeeves disse-me que ele está andando com sua mãe. Estranho, não é? Sua mãe tem dado esta festa para o seu pai a cada ano desde que ela veio para cá. Ele desistiu de protestar, há duas décadas. Sempre foi um dos melhores eventos sociais no estado. Eu estava ansioso para estar aqui este ano. Eu queria lembrar como era.

Observando o tio com quem ele tinha sido quase tão próximo quanto seus próprios pais desde a infância, Ian sentiu o desconforto mais estranho sobre ele.

— Senhor, minha mãe vai continuar a manter a sagrada comemoração do aniversário do meu pai até o dia em que ela morrer.

— Eu imagino. — James disse levemente. — Você consegue entender isso, Ian? Eu sinto uma estranha sensação de medo. E não das coisas que normalmente se pode temer, não tenho medo de lutar, eu passei muito tempo fazendo isso. Estou apenas com medo do que está acontecendo com um mundo em que todos nós conseguimos nos agarrar um ao outro, não importa que forças externas tentem nos destruir.

— Você acha que haverá guerra?

— Eu sei que sim. Estamos indo em direção a ela há muitos anos. — Ele hesitou, depois acrescentou baixinho: — Sabe, Ian, que eu desprezo o uniforme que costuma vestir?

Ian arqueou uma sobrancelha, surpreso com a veemência nas palavras de seu tio. Ele conhecia muito bem a história do seu estado, e que seu tio, às vezes, tinha lutado contra o exército dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Seminole. Mas James também permaneceu amigo íntimo de muitos homens que tinham estado no exército. A mãe do pai de Ian tinha sido uma mulher branca muito apropriada de uma família de Charleston com linhagem impecável; mas a mãe de James tinha sido Seminole, sua primeira esposa tinha sido mestiça como ele próprio era, a linhagem de sua filha mais velha era pelo menos metade Seminole, e até mesmo seus filhos com Teela foram definitivamente influenciados por seu sangue indígena. Os laços de James com os índios Seminole e Mikasuki no estado eram próximos, e não havia maneira de escapar do fato de que os índios da Flórida haviam sofrido terrivelmente nas mãos do exército dos Estados Unidos.

— Tio James, você sabe que eu…

— Eu sei, Ian, que o seu pai não poderia ter criado um homem mais honrado, e que você morreria antes de permitir a violência contra qualquer um dos seus parentes. Eu te amo como meu próprio filho, Ian, mas eu desprezo o uniforme, e estou com medo do futuro ante nós.

Ian ficou em silêncio por um minuto.

— Há uma chance de que a situação vai morrer. Isso já aconteceu antes. Houve compromissos…

— Oh, de fato. E não foi você que me contou sobre o derramamento de sangue no Kansas que saiu desses compromissos?

— Sim.

James estudou-o por um momento, depois deu de ombros, um sorriso lento curvando seus lábios.

— Bem, eu tenho você com esse olhar incrivelmente grave quando você é um noivo. Minhas desculpas em tal dia. Então você se casou com a filha de Teddy, o pequeno diabinho. Desejo-lhe felicidade e força.

— Você desaprova? — Perguntou Ian.

James balançou a cabeça.

— Eu moro em uma área pouco povoada. Sua esposa praticamente cresceu com os meus filhos, como você bem sabe. Meu Deus, Ian, ela te seguia quando era apenas uma menina.

— Eu me lembro. — Ian murmurou, acrescentando baixinho. — Eu me lembro agora.

— Eu amo muito Alaina. Mas eu a conheço bem. E, na verdade, pensando sobre isso, eu acho que vocês dois merecem um ao outro.

— Eu já ouvi isso antes. Você está nos elogiando ou ofendendo, tio?

— Eu deixo minha declaração como está. — James atravessou a sala, colocando um braço em volta dos ombros de Ian. — Acho que vou dar um passeio ao redor de Cimarrom sozinho. Brent decidiu partir amanhã para Carolina do Sul, e sua prima Sydney, tia Teela e eu estamos indo com ele por talvez um mês, bem, e Jerome vai cuidar da propriedade no extremo sul. Brent foi convidado para servir no novo hospital perto da velha casa da família de seu primo, e ele vai passar a residir lá.

— Eu não sabia.

— Ele provavelmente não teve tempo para lhe dizer, você tem estado bastante ativo desde o seu retorno.

— Acho que vou andar com você, se você não se importar. — Ian disse a ele.

James arqueou uma sobrancelha para ele.

— Você tem uma esposa em algum lugar.

Ian assentiu.

— Mas eu preciso andar um pouco em torno de Cimarrom. Acho que preciso para assegurar algumas coisas aqui, bem, hoje.

James estudou-o por um momento, depois assentiu.

E Ian sentiu uma grande sensação de medo dentro de si mesmo. Foi estranho. Assim, muitas pessoas no Sul, em seu país natal, estavam exultantes. O pensamento de separação foi muito emocionante para eles; eles viam seu modo de vida continuar para sempre.

Ian sentiu, naquele momento, que talvez ele, seu tio e Teddy eram os únicos no país a perceber que nada poderia ser o mesmo, que o mundo estava prestes a ser destruído.

Não importa quanto ele tentou negar.

Não havia mais sanidade.

No gramado indo para os estábulos, viu Jerome andar em torno da varanda da frente. Seu primo encontrou seu olhar. Ambos sorriram. Velhos hábitos não morreram facilmente. Eles começaram a correr simultaneamente, ambos se movendo como o vento, determinados a competir entre si.

Eles chegaram aos estábulos, ao mesmo tempo, rindo.

— Venço você até a borda mais distante do rio. — disse Jerome.

— É com você.

Eles aceleraram para os estábulos, cada um indo para baia de seu cavalo, deslizando freios sobre as cabeças dos seus animais, em seguida, montando em pelo em cima deles. Eles galoparam até a entrada, então Pye tomou uma pequena vantagem. Ambos contornaram em torno de James, que estava chegando os estábulos, sacudindo a cabeça.

— Eles se tornaram homens. — Ele murmurou. — Mas os homens demoram muito tempo para crescer. — Ele ficou olhando para seu filho e sobrinho, e de repente correu ele mesmo para os estábulos. Um segundo depois, estava andando em pelo, achatado contra o pescoço de seu cavalo, e rasgando tardiamente a corrida.

CAPÍTULO OITO

Alaina não tinha certeza por que se sentia tão irritada e tensa e pronta para golpear Ian McKenzie.

Ela queria ficar sozinha e ele a deixou sozinha.

Mas ele emergiu dos estábulos esta manhã coberto de feno, fazendo-a se perguntar com quem ele poderia ter estado. Eles não estavam envolvidos em um jogo de amor, ela disse a si mesma que não se importava, nem um pouco. É claro que, se ele tivesse estado com alguém, esse alguém seria Lavínia. Naturalmente, o orgulho de Alaina estava levando uma surra.

Mas Cimarrom era agora sua família, e a família McKenzie percebeu que Ian tinha feito à coisa certa, salvara sua reputação, e era isso.

Mas, mesmo no final da tarde, Ian ainda não retornara.

Durante o dia, tudo estava bem com Alaina, ela tinha conseguido passar um tempo com seu pai, Teddy, mas até mesmo ele estava irritando-a! Ele estava estranhamente em paz com todo o assunto, não exigindo nenhuma explicação dela. Seu sentimento sobre o assunto parecia ser o mesmo consenso irritante adotado por todos os envolvidos: Ian era um homem excepcional e honrado que tinha feito à coisa certa. Ela estava um pouco magoada que seu pai nem sequer pareceu perceber que, apenas um dia antes, ela tinha sentimentos e crenças inocentes que tinham sido destruídas, mas, na ocasião ela e Ian tinham feito o seu melhor para mentir, e Teddy provavelmente pensou que seria pior para ela se exigisse saber a verdade do que aceitar suas mentiras.

Na hora do jantar, ela estava profundamente envergonhada.

Na festa, Ian tinha feito um tremendo espetáculo, alegando perante o mundo que ele tinha sido arrebatado.

Hoje à noite, ao que parecia, a pretensão acabou.

Se ela tivesse esperado para ser mimada por Ian, é claro, ela teria sido verdadeiramente uma tola. Mas ainda parecia incomensuravelmente doloroso ter uma luta tão terrível na piscina, uma que os levou a um choque de aço e, em seguida, perder toda a inocência com brutalidade no chão. Ela pediu privacidade para cuidar de suas feridas, agora ela queria espetá-lo.

Pelo menos nenhuma das pessoas da segunda geração de McKenzies estava na casa; Tia e Brent estavam retornando visitas sociais, juntamente com seus primos, foi o que Tara disse. Jarrett McKenzie estava fora a negócios. Alaina fez o seu melhor para ser alegre durante a refeição com seu pai e Tara. Ela esperava que seu esforço não falhasse miseravelmente.

Ao anoitecer, seu pai retirou-se para a biblioteca com um brandy, e ela sentou-se na varanda com Tara, para beber xerez e assistir ao pôr do sol. Foi um momento estranhamente belo, embora sozinhas, sua sogra não fez nenhuma tentativa de desculpar Ian ou explicá-lo. Alaina tinha que admitir que sentiu um calor confortável vindo da mulher que certamente ficara chocada por adquirir ela como uma nora.

— A vida é tão estranha. — Tara meditou. — Sentar aqui, como estamos agora, é uma das minhas coisas favoritas no mundo para fazer. Ver o pôr do sol é tão glorioso. E a Flórida é o último lugar que eu nunca pensei que eu gostaria de estar. Jacarés e selvagens, essa era a minha opinião sobre este lugar. — Ela sorriu, e parecia especialmente bonita. A luz suave da noite obscurecia qualquer sinal da idade sobre Tara, e suas feições eram amáveis, pacíficas. — Naturalmente, é claro, agora estou completamente apaixonada por meus 'selvagens' de direito, embora eu admito, ainda detesto os jacarés!

— Eu cresci com eles. — Alaina disse, sorrindo também. — Eu nunca gostei particularmente de jacarés ou crocodilos, mas eu não consigo imaginar qualquer outra vida. Eu amo o sol, o calor, a água. Eu não posso imaginar ser tirada do sol.

— Bem, então… — Tara murmurou baixinho. — é uma coisa boa você ter se casado com um fazendeiro da Flórida, você não terá que deixar o sol.

Por alguma estranha razão, as palavras, tão suavemente faladas como foram, enviaram um frio estranho através de Alaina. Ela se levantou em seguida, fingindo exaustão, e deu boa noite a Tara. Tara se levantou também com um farfalhar de anáguas e o aroma suave de rosas. Ela abraçou Alaina com força, e Alaina estava com medo de explodir em lágrimas. Tara era tão boa, tão generosa, tão determinada a fazê-la se sentir em casa, em se sentir querida.

Ela definitivamente não era procurada por seu marido, o homem que tinha feito a “*coisa honrosa*” por ela.

Alaina conseguiu não começar a chorar e sorriu ao dar boa noite para Tara, escapando bem a tempo. No entanto, assim que se afastou de sua sogra, ela correu para o quarto de Ian. Uma vez que ela chegou à porta, ela hesitou.

Ela desejava estar em outro lugar. O desejo de escapar era quase irresistível. Exceto, é claro, ela não precisava escapar de um marido que parecia não ter nenhuma intenção de voltar para casa.

Dentro de seu quarto, ela encontrou a linda empregada mulata, Lilly, esperando por ela. Lilly cuidou para que ela tivesse um banho quente e uma camisola limpa. Ela gostava muito de Lilly, com seu leve sotaque cantante inglês. Lilly contou a Alaina que seu pai tinha sido um mestiço da Louisiana, e seu sotaque tinha a suavidade de um sotaque francês. A presença de Lilly era de alguma forma reconfortante e Alaina estava extraordinariamente feliz em tê-la ali.

A banheira estava deliciosa, quente como o fogo e docemente perfumada com lavanda. A água aliviou sua alma e coração perturbados, e Lilly atendia a todas as suas necessidades.

— Lilly?

— Sim, Sra. McKenzie?

— Você tem sido excepcionalmente gentil.

— Eu trabalho aqui, senhora.

— Isso não significa que você tem que ser gentil.

Lilly, ofereceu uma enorme toalha quando Alaina saiu da banheira, sorriu.

— Você pôs um fim nessa mulher do diabo, senhora.

— Lavínia?

Lilly assentiu gravemente.

Alaina virou. Ela não estava tão certa de que ela havia parado a “mulher do diabo”, na verdade, ela se perguntava se seu marido não estava acompanhando a ‘demônia’ naquele momento.

Lilly sorriu de repente, como se estivesse lendo sua mente.

— Você sabe que a mulher do diabo se foi? — Ela perguntou.

Apesar de tudo, Alaina sorriu.

— Foi?

Lilly assentiu gravemente.

— Bem, acho que isso é bom. E quaisquer que sejam suas razões para ser tão gentil, eu sou grata. — disse Alaina.

Lilly assentiu, serena com seus próprios pensamentos, ajudando Alaina a vestir sua camisola de algodão.

— Não é uma roupa para uma noiva. — Lilly comentou.

— É a camisola perfeita.

— Só porque a mulher do diabo se foi?

— Porque Ian McKenzie não está aqui, a noite é fresca, e eu vou dormir. — Sim, era a roupa perfeita para uma noiva sem um noivo.

Ela de repente estava ansiosa para Lilly deixá-la, assim, ela poderia fingir dormir o mais rápido possível. Era seu quarto, depois de tudo. Ele certamente iria voltar em algum momento esta noite.

— Obrigado, Lilly. — disse ela a empregada.

— Se você precisar de mim, você pode me chamar. A qualquer hora, patroa, você entende?

Alaina sorriu. A voz de Lilly era tão apaixonada, e ela era grata. Ela definitivamente tinha encontrado uma defensora dentro desta casa.

— Eu irei, eu prometo.

No entanto, quando Lilly saiu, Alaina sentou-se ao pé da enorme cama de Ian, masculina, com as garras do leão para pés e os grifos sobre a cabeceira.

— Você é um monstro, Ian McKenzie! — Ela disse em voz alta, agarrando-se a sua raiva.

Mas de repente ela explodiu em lágrimas. Foi muito aterrorizante perceber o que tinha feito com sua vida. Mais terrível ainda imaginar os dias e meses e anos, ainda por vir. O feito estava feito, mas e agora?

Às vezes, ele iria dormir no feno, às vezes ele não o faria?

Ele era militar; ele estava apenas de licença, ela sabia muito bem. Ela sabia, também, que ele tinha estado em várias atribuições em todo o país no ano passado, mas não tinha ideia para onde ele foi designado agora.

Ou o que ele esperaria dela.

Mas ele se casou com ela, realizou o grande sacrifício para o bem da sua reputação. E ele esperaria que ela tomasse um lugar na sociedade como sua esposa.

O pensamento a fez tremer. Nada do que ela tinha feito parecia tão terrível como a ideia de deixar o pai sozinho. Eles tinham bons servos, e seu pai tinha excelentes trabalhadores para ajudar com seus bosques. Não trabalho escravo, embora reconhecidamente ela nunca tinha dado muita atenção para o certo ou errado da instituição. Os escravos eram uma mercadoria muito cara, e se Teddy já tinha comprado escravos ou não, ela não sabia. Os McManns, confortáveis o suficiente em sua ilhota, ainda não estavam entre o tipo de classe endinheirada que poderiam realmente ter recursos para adquirir escravos.

Ela precisava estar com seu pai. Amanhã ela se asseguraria de ficar com ele. Ela poderia fazer essa promessa? Sim, ela pensou com determinação. De alguma forma, ela teria que convencer Ian que ela devia voltar para casa com o pai enquanto ele… enquanto ele fazia exatamente o que ele fazia.

Ela não pediria; ela apenas faria uma declaração do fato, e faria o que bem entendesse.

Era o que os homens faziam, não era?

Ela saltou para fora da cama, ansiosa para encontrar uma garrafa de conhaque, ou algo que iria ajudá-la a dormir. Ela sabia que haveria algo no quarto, tudo em Cimarrom era perfeito. Na verdade, Cimarrom parecia deslizar como uma roda bem lubrificada. A casa era a graça em si, um fato que de repente parecia esmagador para ela. Ela era uma parte deste momento. A bela casa ainda era muito estranha, e ela estava subitamente casada com o herdeiro de tudo.

Ela correu para a grande escrivaninha dupla de Ian e começou a vasculhar, abrindo as gavetas. As gavetas superiores estavam cheias de contas, recibos e livros, mas na gaveta inferior direita ela encontrou o que procurava, um estoque de conhaque, uísque, ou rum, juntamente com copos de vidro resistentes.

— Hmm… — ela meditou. Em seguida, ela ouviu uma batida em sua porta, na verdade a porta batendo, mais como um trovão.

— Alaina!

Não era Ian. Era uma voz feminina.

— Sim?

Sydney McKenzie entrou varrendo como um redemoinho, os olhos verdes brilhando de curiosidade e diversão.

— Alaina! Meu Deus, que estranho! — Sydney contornou a mesa dupla, sentando-se no lado oposto. — Eu não acho que eu realmente acreditava neste casamento, até este momento, encontrando você aqui! Você realmente fez isso, você se casou com o meu primo. Oh meu Deus! E ele já está te levando a beber! Despeje-me algo também, por favor. Que deliciosamente decadente! Os homens estão sempre em suas tocas ou bibliotecas bebericando uísque, então podemos muito bem fazer o mesmo.

— Trata-se de Whisky — disse Alaina, derramando duas doses e tomando um assento na mesa de frente para a lareira. Ela bebeu o líquido de fogo, olhando para as chamas. Se ela estreitasse os olhos ligeiramente, o incêndio ficaria nebuloso e quente.

— Trata-se de *Whisky.* É tudo o que você tem a dizer? — Sydney perguntou, tomando a cadeira em frente a ela. — Alaina, isso não é bom o suficiente. Você vai, é claro, ter que me dizer a verdade, e não há uma grande história romântica para isso, eu sei. Ian tem sido… Bem, certamente nenhum grande segredo que ele esteja dormindo com a jeitosa Sra. Trehorn por algum tempo. E quanto ao casamento! Ele estava quase empenhado em "*a esposa perfeita do exército, a beleza mais inteligente*", como ele escreveu para meu pai. E, naturalmente, Alaina, sendo sua melhor amiga em todo o mundo, apesar de seu comportamento desprezível, estou bem ciente que você estava loucamente apaixonado por… com…

Sydney, que nunca teve medo de falar o que pensa, e realmente nunca tem medo de nada, de repente parou, olhando com horror para a porta. Alaina olhou para Sydney, mas Sydney de repente se levantou. Sua voz era um guincho. — Ian.

Alaina também ficou de pé, girando ao redor. De fato, era Ian. Ele veio até a porta. Seu uniforme tinha ido embora, ele estava vestido com uma camisa branca, calças pretas e botas de equitação. Seus olhos pareciam quase negros quando se fixaram em Sydney, depois em Alaina.

— Ah, pequena prima, que bom ver você. — Ele murmurou, entrando no quarto. — E você também, é claro, meu amor. — Ele se dirigiu à Alaina. — Estou interrompendo? Que rude de minha parte. Senhoras, desfrutem do seu uísque. Acho que vou fazer o mesmo.

Ele não estava bêbado, Alaina verificou, mas ele definitivamente tinha estado absorvendo álcool. Ele puxou a cadeira que ela tinha acabado de desocupar, incitando-a para que voltasse a ela.

— Sente-se, minha querida. E Sydney, talvez você seja tão boa e nos faça companhia.

— Na verdade. — Sydney disse — já é tarde. Eu acho que deveria ir para a cama…

— Sente-se, Sydney, e termine a sua bebida.

Sydney inquieta se sentou novamente. Ian serviu-se de um uísque, estudou a cor dele em seu copo, e sentou-se em cima da mesa. Ele sorriu um pouco sombrio para as duas.

— Saúde, senhoras. Agora, Sydney, continue. Você é a melhor amiga de Alaina no mundo, e você sabe tudo sobre ela estar apaixonada por…?

Sydney ficou imóvel, retornando seu olhar no miserável silêncio.

— Bem? — Ian insistiu.

— Pare com isso! — Alaina disse a ele. — Você não tem o direito de ser cruel com Sydney.

— Sydney pode cuidar de si mesma. — Ian disse bruscamente.

— Eu estava loucamente apaixonada por Peter O'Neill. — Alaina estalou. — Isso é o que ela estava prestes a dizer.

Sydney ofegou, em seguida, recuperou-se rapidamente.

— Ian, você esteve fora durante todo o dia; pensei que alguém deveria entreter a sua nova esposa…

— Bem, obrigado, pequena prima. — Ian disse com voz rouca, estudando sua bebida mais uma vez. Seus olhos pousaram firmemente sobre Sydney. — Mas eu estou aqui para entreter ela agora.

Sydney corou e rapidamente se levantou. Ela começou a sair do quarto e Alaina estava furiosa, pronta para ir para a batalha contra Ian, em razão do seu comportamento brusco com sua prima. Mas antes de Sydney ter alcançado a porta, Ian a chamou de volta.

— Pequena prima.

Sydney fez uma pausa, olhando de volta para ele.

Ian se levantou e caminhou até ela. Ele a abraçou com muito cuidado. Sydney ficou rígida por um minuto, depois o abraçou de volta, e Alaina percebeu naquele momento que Sydney estava provavelmente quase tão perto dele como sua própria irmã, e que havia algo de especial que unia todos os McKenzies. Não importa quão boa amiga Alaina fosse para Sydney, elas não estavam ligadas por sangue. Ela permaneceu do lado de fora.

Mesmo como a esposa de Ian.

Sydney ofereceu a Alaina uma careta de encorajamento nas costas de Ian.

— Boa noite! — Ela disse suavemente.

E fugiu do quarto.

Ian fechou a porta silenciosamente em seu rastro, deslizou o ferrolho, e se virou. De costas contra a porta, ele cruzou os braços sobre o peito e enfrentou Alaina.

Protegida pela mesa, ela retornou seu olhar.

— McKenzie, você esteve fora todo o dia. Nestas circunstâncias, você não é bem-vindo agora.

— Sério? — Ele perguntou, divertido.

— De fato, senhor. — Continuou ela, ficando nervosa em sua presença, apesar de si mesma. — Você realizou o grande sacrifício do casamento, então passou a me humilhar completamente ante sua família e meu pai.

— Sentiu minha falta? — Ele perguntou em voz baixa.

— Eu imagino que meu pai notou sua ausência.

— Você sentiu?

— Você foi rude…

— Uma ligeira falta social, mas seguramente não punível por enforcamento.

— Uma pena que eles não podem enforcá-lo.

Ele sorriu.

— Ah, mas a sociedade que se dane, meu amor. Você está com saudades de mim? Se eu soubesse que você estava ansiando para passar um tempo comigo, eu teria feito todos os esforços para estar mais disponível.

— Talvez eu deva lembrar-lhe que você foi o único a me forçar a perceber a gravidade da situação que trouxe ao casamento. Aparências causaram essa farsa. Você poderia ter feito uma aparição hoje!

— Ah. Ai, meu amor, você insistiu que eu deixasse você, mas agora está com raiva por eu ter feito isso.

Ela gritou sua frustração.

— Maldito! Volte e dorma no feno! — Ela assobiou.

— Ah! — ele murmurou.

Ela se moveu em torno da mesa, colocando seu volume entre os dois.

— Eu quero dizer isso, Ian. Você não tem o direito de me atormentar quando você escolhe para… para…

— Dormir no feno?

Ele deixou a porta e começou a andar em direção a ela.

— Ian, isso é muito sério.

— Na verdade, é. — Ele chegou à mesa. Ele esteve em algum lugar, pensou. Bebendo, embora quanto, ela não tinha ideia. Cavalgando, ela estava certa. Ele carregava os aromas misturados de couro fino, brandy e tabaco.

A mesa permaneceu entre eles. Seus olhos eram muito escuros e afiados enquanto ele a examinava, e seu lábio enrolou em uma estranha curva de diversão. Ela ergueu o queixo com determinação.

— Ian, você está prestes a voltar para o exército. Há realmente muito pouco tempo agora que precisamos jogar essa farsa. Eu posso ir para casa…

— Você está em casa agora. — Ele disse suavemente.

Ela ignorou isso.

— Há lugares, estou bastante certa, onde você prefira estar…

— Eu já estive em muitos lugares.

— Certo, eu estou ciente.

— Não há outro lugar neste momento que eu desejo estar.

— Bem. Eu não tenho nenhuma ideia de onde você esteve ou o que era tão importante que você teve que me fazer de tola, mas eu quero dizer isso com todo o meu coração, me deixe em paz.

— Senhora, eu sugiro que você pare de ditar ordens para mim.

— Bem! Volte para o feno, ou vá direto para o inferno. Eu não dou a mínima para onde você vai…

Apesar de seus esforços para se manter calma e racional, ela estava perdendo a paciência. Mas o arco de sua sobrancelha e o brilho acentuado em seus olhos era de repente enervante. Ela teve que controlar seu temperamento e se comportar de uma forma razoável e digna.

— Ian, isso está se tornando bastante ridículo. Não há nenhuma razão para que sejamos inimigos.

— Eu não vim para lutar. — Informou ele. Mas havia uma margem em seu tom.

Ele lutaria, tudo bem.

— Ian, eu tive um dia miserável. Se você chegar mais perto de mim, eu juro por Deus, eu prometo que vou fazer você miserável, vou lutar…

— Lutar com seu legítimo marido? — Ele zombou, estreitando os olhos.

— Ian, realmente, agora…

— Realmente, agora, sim, de fato, minha amada esposa?

De repente, ele se inclinou sobre a mesa; ela encontrou seu pulso preso em suas mãos. Antes que ela pudesse protestar ou se soltar, ele deu a volta na mesa em um movimento rápido como um relâmpago.

Ele tinha bebido, sim. Ela de repente estava com medo da volatilidade do seu humor.

Mas ele não estava bêbado. Ele não estava bêbado em tudo. Ela viu isso em seus olhos quando ele a pegou, apesar de seus protestos ofegantes. Ele segurou-a firmemente em seus braços. Ela se esforçou contra seu domínio sem sucesso. Ele a jogou sobre a cama, apoiando-se contra ela, suas mãos espalmadas sobre a cama em ambos os lados de sua cabeça. Ele olhou para ela com uma raiva quase contagiosa, os olhos parecendo rasgar dentro dela quando ele falou finalmente.

— Eu vou ser amaldiçoado se eu estou dormindo no feno novamente. Esta noite, estou dormindo aqui, no meu quarto, na minha casa, com minha esposa. Seus sentimentos atuais sobre o assunto são bastante irrelevantes para mim; aceitar a situação ou combatê-la, não fará diferença.

Ele afastou-se da cama e pareceu se erguer sobre ela.

— Haverá apenas um resultado para este casamento hoje à noite. Eu vou ter do meu jeito e minha esposa.

CAPÍTULO NOVE

Ela podia ser o ser humano mais exasperante com quem Ian já havia entrado em contato: disposta a lutar quando toda a esperança de qualquer propósito se fora, e nunca, nunca desejando aceitar a derrota de qualquer maneira, forma ou formato.

E ainda…

Se ele não estivesse ainda atormentado pela culpa em relação a Risa, ele não ficaria totalmente descontente. E se ele não ficou tão enfurecido com Alaina em relação a todo o incidente de Peter O'Neill…

Então o quê?

Ela era bonita. Recolhendo-se contra a cama, olhando para ele cautelosamente, Alaina era linda. Com seus olhos dourados, cabelo de seda e forma esbelta e curvilínea, ela era deslumbrante. Ele havia se casado com ela com uma oração de que ela não estivesse carregando o filho de O'Neill; ele estava quase ridiculamente satisfeito ao descobrir que ela tinha estado tão inocente quanto qualquer mulher jovem em sua sociedade que poderia ter sido criada na casa mais rigorosa sob o olhar atento de uma mãe cuidadosa. E ainda…

Ela estava acostumada a fazer o que quisesse, por mais perigoso que fosse. E ele estava doente de ouvir que ela estava apaixonada por um fanfarrão inútil como O'Neill. Ele ainda queria rasgar Peter O'Neill em pedaços.

Talvez tivesse sido rude ficar longe o dia todo. Mas uma onda de nostalgia se apoderara dele, e parecera importante passar o tempo com seus parentes, e longe da noiva que causava tanta confusão com seu temperamento e suas paixões.

Evidentemente, ele gastara uma boa quantidade de tempo consumido com culpa por causa de Risa.

Ele ia ter que encará-la. O que ele diria a ela? Como ele explicaria?

Alaina tinha tomado o seu lugar…

Alaina. Que estava apaixonada por Peter e pronta para lutar com seu novo marido até a morte pela honra que ele lutou para preservar!

Eles passaram o dia em uma das antigas cabanas indianas perto de Cimarrom, Ian, James, Julian, Jerome e Brent. O pai de Ian se juntou a eles eventualmente e eles beberam conhaque e conversaram e riram dos velhos tempos. James e Jarrett tinham relembrado a guerra; todos riram sobre incidentes de pesca, o primeiro encontro de Ian com um crocodilo, a beleza de tudo ao seu redor. O dia tinha sido bom; mas Ian ainda sentia uma dor estranha, e não ajudava ter essa megera que ele adquirira, por mais bonita que fosse, dizendo a ele para ir dormir no feno.

No entanto, enquanto ele a observava, ela o intrigou, pois ela começou a jogar um novo ato. Ela subiu e sentou-se rigidamente enquanto olhava para ele, os joelhos puxados para o peito, os braços ao redor deles, o cabelo ondulando livremente pelas costas em ondas longas e grossas da cor de um sol brilhante. Aquela sombra angelical emoldurava seu rosto delicado; seu queixo pequeno estava levantado alto.

— Ian?

— Não.

— Não, o quê? — Ela explodiu. — Eu não disse nada ainda!

— Não, eu não vou sair. Você pode lutar daqui até a península afundar.

— Você não entende. Estou muito, muito cansada.

— Oh? — Ele perguntou com alguma diversão, afastando-se dela e sentando em sua mesa para tirar suas botas. Sua voz não era mais desafiadora. Definitivamente carregava uma nota de arrogância, mas também era um pouco implorante.

Ela assentiu com sinceridade.

— Quero dizer, você deve admitir, tem sido um evento de dois dias. Cansada não pode começar a descrever como me sinto. Eu estou realmente exausta… — sua voz sumiu com um ligeiro pranto quando ela o viu se levantar, tirar a jaqueta e a camisa, e depois tirar a calça.

Seus olhos subiram para os dele, vacilando apenas uma vez para absorver o comprimento de seu corpo nu, alargando-se, voltando para seu rosto. Ela estava lindamente corada contra o algodão branco puro da camisola bordada que usava esta noite, e ele sabia que ela havia averiguado em sua rápida varredura de sua anatomia que ele tinha entrado definitivamente com a intenção de mantê-la acordada por algum tempo.

E esta noite, talvez ela esperasse não ter que lutar com ele porque sabia que não poderia vencer. Ela pretendia usar outras táticas agora, apelando para sua sensibilidade como um cavalheiro?

— Ian, você não está me ouvindo. Realmente, estou tão desesperadamente cansada, — ela o informou.

— Ah… atividade física vigorosa ajuda a dormir —, ele disse a ela.

— Eu já tive bastante atividade física vigorosa, obrigada! —, ela retrucou.

Ele não pôde deixar de sorrir. Nem ele pretendia deixá-la livre, em absoluto.

— Você é uma recém-casada, meu amor. Recém-casados nunca dormem até o amanhecer.

Se ele não tivesse visto os cálculos rápidos acontecendo em sua mente, ele poderia ter sido influenciado por suas lágrimas repentinas.

— Ian… tem sido um dia difícil. Estou… estou ferida… — ela disse, forçando duas gotas de lágrimas a se acumularem em seus olhos. — Ontem à noite era novo para mim, você deve entender.

Ele caminhou até a cama, braços cruzados sobre o peito enquanto olhava para ela.

— Você não está com dor física, eu diria que isso é bem evidente. E no que diz respeito ao seu delicado estado emocional, achei que você estava sofrendo ontem à noite quando vi aquelas pequenas e doces lágrimas em suas bochechas. A próxima coisa que eu sabia, apesar das minhas advertências, você estava engatinhando em uma treliça de rosas para encontrar Peter O'Neill.

— Eu não fui ao encontro dele! —, exclamou ela.

— Certo. Você estava escapando de mim, e deste quarto.

Ela soltou um irritado juramento, depois encontrou os olhos dele. Ele viu um pulsar frenético em sua garganta, e ele ficou assustado e excitado ao perceber que ela estava lutando contra ele e ela mesma. Ela estava com medo, não tanto do que ele faria, mas do que ela poderia sentir. Ele roçou os dedos contra a bochecha dela.

— Há uma expressão antiga, meu amor, e eu disse se manterá fiel. Fazes a tua cama e deitas-te nela. Bem, Sra. McKenzie, esta é a cama.

— E eu sou um *pequeno* prazer.

Ele começou a rir, chegando a outra conclusão. Ele a ofendera. Ele inclinou o queixo para cima.

— Mmm… bem, como você disse, foi tudo muito novo para você. Eu imagino que você será um prazer excessivo desta vez.

Ela libertou o queixo do toque dele.

— Ian…

— Alaina, você não vai me impedir de dormir com você hoje à noite.

Ela fez uma careta furiosa, mantendo os olhos afastados do comprimento dele ao seu lado.

— Há uma garrafa de uísque em sua mesa —, disse ela. — Tem certeza de que não gostaria que eu chamasse seus parentes aqui para mais alguns brindes para começar a noite?

— Tem certeza de que você não está desejando que eu possa chamar Peter O'Neill até aqui?

— Talvez fosse melhor ter um amante casado e adorável do que um amargo autocrata de marido! — Ela disse a ele, e fez um movimento para pular da cama.

Ele pegou o pulso dela.

— Você está tendo o que merece —, ele disse a ela com cautela.

— Estou apenas pegando uma garrafa de uísque.

— Eu não preciso de nenhum uísque. E acho que é justo avisar que estou farto de ouvir sobre sua devoção louca a Peter O'Neill.

— E estou muito doente de você pensar que pode… que você tem o direito de entrar aqui sempre que quiser e fazer exigências. Me deixe ir! O justo é o justo. Eu preciso de um pouco de uísque!

Ele balançou a cabeça com firmeza.

— O que você precisa é estar muito ciente do fato de que você se casou comigo.

Ela se soltou dele e começou a pular da cama. Ela foi muito rápida. Assim como ele. Ele pulou para o outro lado da cama e pegou a manga do

vestido dela. Ele ouviu o rasgar de tecido e ficou enredado no vestido enquanto arrancava de seu corpo e agarrava-se contra seus membros. Ele se sentou sobre ela enquanto ela ficava presa, respirando rápido demais, seu pulso martelando contra sua garganta. Uma minúscula veia azul mal era visível na carne de marfim de seu seio. Seus olhos eram brilhantemente dourados na luz do fogo moribundo da sala quando eles encontraram os dele; como um gato parecia que ela flexionava suas garras enquanto suas mãos e unhas pressionavam contra seu peito.

— Devemos fazer isso de novo? — Ela sussurrou.

Ele riu baixinho.

— Nós devemos.

— Por quê? — Ela exigiu, os olhos arregalados e piscando.

— Por quê? — A pergunta lhe deu uma pausa; ela expressou isso a sério.

— Porque… fazer amor é o que maridos e esposas fazem.

— Fazer amor é mais frequentemente o que maridos e amantes fazem, é o que aparece! —, exclamou ela.

Ela estava com raiva, ele pensou. Irritada, porque ele havia ferido seu tremendo orgulho hoje. Ele não tinha feito isso intencionalmente, mas o fogo que queimava nela agora a tornava ainda mais tentadora. Ele a queria; ele se casou com ela.

Ele seria amaldiçoado se fosse tão idiota a ponto de dormir no feno novamente.

Ele balançou a cabeça e gentilmente enrolou uma mecha do cabelo dela em volta do dedo.

— O sexo é uma das razões pelas quais os homens se casam; é um desejo, uma fome, e eu prometo, você perceberá que será realmente assim, se não mais suave, assim como o sexo é para nós.

Seus olhos nublados.

— Ian, sua fome não é por mim.

— Você está muito enganada. O que acontece entre homens e mulheres, maridos e esposas pode ser excepcionalmente belo. E ainda assim… uma arma também. Nós não vamos usá-lo assim.

Ela balançou a cabeça, mas olhou para ele e deve ter visto tanto a diversão quanto a determinação em seus olhos. Ela jogou os braços para os lados com exasperação, os olhos furiosamente desafiando os dele.

— Bem. Bem. Apenas faça o que você quiser! — Ela gritou dramaticamente.

Seu sorriso se aprofundou.

— Eu pretendo —, assegurou ele.

Ainda olhando para ela, de repente ele se lembrou das palavras que Peter havia usado para descrevê-la: madura, exuberante. O irritou pensar em Peter e Alaina.

Exuberante…

O vale entre os seios dela. Ele abaixou a cabeça e esfregou a carne dela com os lábios primeiro, depois a ponta da língua, desenhando uma linha quente e líquida entre eles.

Maduro…

Seus seios eram mesmos. Sua boca viajou para cobrir um mamilo rosa escuro, a língua varrendo em volta, sacudindo o bico. Sua cabeça contra seu peito, ele podia sentir o trovão de seu coração. Ela estava tão perfeitamente quieta, sem protestar, sem se mexer. Ele se levantou ligeiramente acima dela. Seus olhos estavam fechados com força; o rosto dela estava pálido, os lábios ligeiramente entreabertos, a respiração entrando e saindo rapidamente. Ele sorriu, pressionou seus lábios em sua garganta. Colocou seu peito em sua palma, acariciou-o novamente com a língua e mordiscou suavemente. Ele levou a mão ao longo do corpo dela, tão sensualmente atraído que ele esqueceu por um momento quem ela era, e até mesmo que ela era sua esposa. Ele saboreou o comprimento magro e tão bem curvado dela, acariciando, tocando, movendo-se contra ela. Sua carne queimava tão suave quanto seda contra a sua; ele a sentiu vibrante com as pontas dos dedos e membros, sentiu cada curva com a plenitude de seu corpo. Ele subiu acima dela novamente, tomando seus lábios. Seus olhos ainda estavam cerrados, mas sua boca se abriu para ele, e ele hesitou por um momento enquanto o humor temperava a febre dentro dele. Ele moveu a boca sedutoramente sobre a dela; ele aliviou seu peso para o lado dela para permitir-lhe a liberdade de conhecê-la, beijando-a o tempo todo com uma suavidade enganosamente macia, lenta e terna, enquanto o toque de seus dedos, percorriam levemente seu corpo. Sua boca ficou mais ousada, a língua mergulhando, arranhando, saqueando, tirando um pequeno gemido de sua garganta. Seu toque tornou-se muito mais invasivo também, com a palma

girando sobre o suave triângulo loiro entre suas coxas. Um pulsar necessário começou em sua própria carne. Ele enfiou a mão entre as coxas dela; ela começou a apertá-las juntas. Ele mudou seu peso, forçando seus membros separados com o peso de seu próprio corpo. Seu sexo, totalmente ereto, provocou a carne tenra de sua feminilidade e ele ouviu uma súbita e selvagem ingestão de sua respiração. Seus olhos se abriram com repentina consciência e desafio; ela tremia ferozmente, olhando para ele, depois fechou os olhos novamente, ficando rígida.

A esposa obediente. Ela não lutou; ela suportou.

Ele sorriu, observando-a por longos segundos. Seus olhos permaneceram fechados, sua respiração superficial. Ela estava tão perfeitamente quieta…

Ele avançou mais um pouco, mais uma vez criando trilhas líquidas de beijos contra sua garganta e seios. Acariciando sua carne, sugando-a. Incrementando ainda mais baixo, embalando seus seios enquanto puxava sua boca contra suas costelas, cintura e umbigo. Deitado diretamente entre as coxas dela. Olhando para o rosto pálido brevemente antes de separá-la com os dedos e mergulhar no beijo mais íntimo com a carícia sedutora de sua boca e o empastamento líquido de sua língua.

Seus olhos se abriram; um suspiro desesperado e atordoado escapou dela. Ela se contorceu para se libertar, e não fez nada além de se conter mais firmemente contra ele. Ele segurou as mãos dela, os dedos dele se enrolando contra eles enquanto ele continuava a acariciar e seduzir, sentindo o tremor selvagem e a onda dentro dela que criou um incêndio explosivo em si mesmo. Cada torção a mais o inflamava até ele latejar com uma dor agonizante; ele ainda persistiu, atraindo-a o mais alto que ele ousou.

Ele se levantou sobre ela finalmente, empurrando nela com paixão febril. Um som de choro escapou dela; seus olhos estavam abertos, aturdidos, sem foco sobre os dele. Suas palmas caíram contra o peito dele, então seus dedos se curvaram em seus ombros. Ela estava tremendo, então se agarrou quando ele a envolveu firmemente contra ele, pressionando-a cada vez mais profundamente nela. A visão, a sensação e o cheiro dela eram inebriantes, dificilmente suportáveis. Ele lutou para controlar seu ritmo até…

Seu corpo se apertou, apertou. Rosto apertado em seu ombro, ela gritou e seus membros ficaram moles; um calor abrasador e líquido enlouquecia seu sexo enquanto se movia profundamente dentro dela.

Ele empurrou e estremeceu violentamente, espantado com a força explosiva que seu clímax tirara dele por sua vez. Malicioso e delicioso calor

queimado em todo ele e ele terminou, movendo-se novamente, e novamente, mais gentilmente dentro dela, até que ela, também, foi preenchida com o mercúrio de seu amor. Ele aliviou-se para o lado dela, puxando-a contra ele. Ela endureceu; ele persistiu. Ele inalou o rico aroma de seu cabelo.

E lembrou-se, com uma repentina e crua clareza, de que dissera a Teddy que poderia levar sua filha para casa quando a licença de Ian terminasse.

Ele poderia deixá-la? Ele poderia suportar fazê-lo agora, quando ele tinha acabado de descobrir a ferocidade do calor que ela poderia criar nele? Ele acariciou o cabelo dela. Ela tentou se afastar, e ele percebeu que ela estava chorando baixinho.

Em uma perda completa, ele firmemente a pressionou de costas para que ele pudesse encontrar seus olhos.

— O que foi? Por Deus, sei que não te machuquei.

— Ian, por favor! — Ela sussurrou, seus olhos felinos dourados brilhando. O som de sua voz era sincero; sem nenhum jogo agora. — Por favor, apenas…

Ele tocou a bochecha dela.

— Alaina, eu não sou idiota, e não sou estúpido, e admito uma certa quantidade de experiência! Eu não te causei dor. De fato, ouso dizer que você gostou do que se passou entre nós.

— Oh, você nunca vai entender! — Ela chorou.

Confuso, ele permitiu que ela se afastasse dele. Ele se inclinou sobre um cotovelo, acariciando o comprimento de sua coluna com as costas da mão. Ela tremeu ao toque dele.

— Você acabou de tomar… tudo! — Ela sussurrou para ele.

Ele sorriu, sentindo a brotação de uma nova ternura por ela se elevando dentro dele. Ela não teria ficado com raiva ou magoada agora se não tivesse respondido a ele.

— Alaina, você é minha esposa.

— Ainda está errado; você não me ama.

— Ah, e aí está! Bem, querida esposa, você também não me ama — ele murmurou. Ele sentiu seu corpo apertar com irritação, imaginando se ela não

tinha sonhado com tais sentimentos nos braços de um homem diferente. Esse espinho no sapato dele.

Mas ela não estava tentando ser odiosa; ela era apenas jovem e nova nos jogos de amor.

Ele a rolou de volta para ele com determinação. Pela primeira vez, seus olhos dourados estavam abertos e vulneráveis, seu rosto delicado era simplesmente lindo, suas bochechas estavam úmidas de lágrimas.

— Nós nos casamos, Alaina, para melhor ou para pior. Você é minha esposa. As circunstâncias não eram, talvez, o que deveriam ter sido, mas estou sinceramente feliz por ter descoberto o que tenho nessa minha cama que você tanto detesta. O casamento é um compromisso e você é casada comigo. Então peço-lhe, encontre paz com isso. Eu já fiz isso.

Seus cílios caíram sobre suas bochechas.

— Diga-me, a sua paz foi encontrada aqui ou no feno? — Ela sussurrou miseravelmente.

Ele hesitou, imaginando quanto poder ousaria dar a essa mulher sobre ele. Ele tocou a bochecha dela, roçando sua pele sedosa sempre tão suavemente.

— Eu dormi sem companhia além de Pye; mais desconfortavelmente assim. E passei esse dia com meus parentes e somente com eles. Isso faz com que o que fizemos seja mais aceitável?

Seus olhos se abriram para ele novamente.

— Eu…

— Bem?

Seus cílios revoaram novamente.

— Sim —, ela disse muito suavemente.

Ian sorriu, se abaixando ao lado dela. Ele a puxou para perto. O fogo queimou baixo; o ar da noite os refrescou. Ela pegou as cobertas. Ele a aqueceu novamente com seu corpo. Tocou-a, acariciou-a.

Fez amor novamente. Descansou, saciado por um tempo.

No sono, ela se moveu contra ele. Ele segurou suas nádegas com as mãos, curvando-se ao seu comprimento. A sensação dela o levou a uma ereção dura de novo, e ele escorregou nela. Fez amor.

O amanhecer veio e com isto, um sono pesado afinal. A plena luz do dia enchia a sala quando ele acordou. Ela estava apenas levantando. Ele pegou seu olhar sonolento de ouro, balançou a cabeça, puxou-a para trás.

— Ainda não —, ele sussurrou.

— Ian, é tarde!

Mas seu protesto foi fraco.

E ele não permitiu que ela se levantasse.

******

James e Teela McKenzie, junto com Brent e Sydney, saíram naquela tarde. James tinha negócios em Tampa, então eles partiriam para Charleston.

Jarrett McKenzie lamentou ver o irmão, a cunhada, o sobrinho e a sobrinha irem embora. Foi uma despedida difícil.

De alguma forma, quando eram mais novos, meio irmãos, um branco e um índio, conseguiram lutar contra o resto do mundo. Ao longo dos longos anos da Segunda Guerra Seminole, eles permaneceram próximos. Nem mesmo o novo surto de problemas em 58 causou a menor dificuldade entre eles.

Agora Jarrett descobriu, ele mesmo ou James ficando em silêncio quando surgiram discussões sobre a possibilidade de guerra.

E quando eles se despediram no rio naquele dia, olharam um para o outro. Estranhamente, James, o filho Seminole, tinha os profundos olhos azuis de seu pai. Os de Jarrett eram da mãe dele, quase tão negros quanto os de qualquer índio puro no país.

Jarrett sentiu seu coração bater contra seu peito. Ele estava ficando velho. Nos seus cinquenta anos. Muito da vida passada. Engraçado, ele não se sentia velho. O mundo mudou em torno dele, mas ele não se sentia velho. E certamente eles não pareciam velhos. James não pareceu mudar nenhum pouco em todos esses anos. Não na aparência. Seu rosto bronzeado mostrava poucos sinais de idade. Apenas um traço de prata estava começando a tocar suas têmporas.

Apenas os olhos de James eram velhos e Jarrett tinha certeza de que o mesmo senso de idade se refletia no seu.

Se a guerra viesse, eles estariam em lados opostos. E Jarrett sabia então que com o coração apertado ele estaria do lado errado, de acordo com a maioria de seu próprio povo.

— Tome cuidado em sua viagem —, Jarrett disse a James.

James se afastou dele, passando um braço pelos ombros de Teela. Jarrett pensou que havia um traço de lágrimas nos belos olhos esmeralda de sua cunhada. Teela era uma mulher forte; ela estava disposta a enfrentar qualquer perigo para estar com James. Depois de um começo difícil para todos eles, ele e Tara, James e Teela, foram abençoados. Por mais de vinte anos, suas vidas foram boas. Eles tiveram filhos e seus filhos eram saudáveis e fortes. Amizades haviam se formado entre eles para aumentar a proximidade de seus laços de sangue. Nenhuma família jamais foi mais solidária um com o outro.

E ainda…

O futuro apareceu diante deles de uma maneira assustadora.

— Pela primeira vez, irmão —, James disse com um traço de diversão, — acho que posso dizer que vou ficar bem. Jarrett, você tem que ter cuidado em expressar suas filosofias.

Jarrett poderia ter respondido, mas ele escolheu não fazer na frente de tantas pessoas.

— Como o pai gostava de dizer: eu farei o meu melhor para me comportar da maneira mais honrada possível.

Apesar do fato de que a família riu e brincou com facilidade enquanto esperavam a barcaça à beira do rio, uma sombra estranha parecia pairar sobre todos eles. Jarrett e James discutiram as estradas que haviam sido cortadas pela porção norte do estado, tornando o transporte naquela região muito melhor do que quando abriram seus próprios caminhos através de antigas trilhas indígenas. Enquanto o Sul permanecia deserto, ainda principalmente habitado por índios e jacarés, o norte da Flórida estava ganhando uma população e todas as amenidades de qualquer estado civilizado.

Os McKenzies trocaram abraços antes que a barcaça saísse, e os que ficaram para trás observaram e acenaram até desaparecerem no dia iluminado pelo sol.

Naquela tarde, Jarrett McKenzie teve finalmente a oportunidade de uma longa conversa sozinha com o filho mais velho. Com a barca indo embora, o grupo restante se separou. Teddy McMann conduziu sua filha ao longo do rio, estudando animadamente as plantas de lá. Jerome e Julian foram andando pelo cais, discutindo os méritos de Brent ter se estabelecido em Charleston. Jarrett sugeriu que Ian poderia satisfazê-lo e dar um passeio até a piscina.

Eles saíram juntos, falando de coisas casuais, até chegarem ao tronco caído à beira da piscina. Jarrett tirou um frasco de brandy de prata do bolso do casaco e ofereceu ao filho. Então ele se sentou no tronco, cruzando os braços sobre o peito de uma maneira determinada.

— Definitivamente, é hora de conversarmos —, Jarrett disse, e observou seu filho enquanto Ian bebia do frasco, estudando as ondas de cristal da água.

— Como queira, pai.

Ele estava orgulhoso de seu filho. Jarrett serviu nas forças armadas, ele mesmo como um homem muito jovem, até que as políticas indianistas de Andy Jackson o levaram a uma posição por conta própria. Mas durante toda a sua vida, ele tinha laços estreitos com muitos militares. Um bom amigo, Tyler Argosy, promovido no ano passado a tenente-general, cuidou da entrada de Ian em West Point e serviu como mentor para ele, por anos. Tinha sido difícil para Jarrett ver seu filho lutar com sua consciência e seu dever. Ian era contra o tratamento militar dos índios e teria renunciado a sua nova comissão se ele tivesse sido designado para a Flórida durante os combates de 1958; felizmente, ele foi designado para outro lugar. Foi apenas nos últimos meses que ele foi promovido ao posto de major e recebeu uma posição de guia e de ligação para os cartógrafos do exército e equipes de agrimensura no sul do estado.

No entanto, Jarrett estava muito bem ciente de que, embora seu filho pudesse ter passado um bom tempo com seu tio James recentemente, ele não estava perto da filha de McMann, até sua chegada em casa. Agora, em roupas civis, de pé muito alto e escuro em calças, camisa e sobrecasaca, Ian era uma figura impressionante, suas feições fortes, combinando o melhor de si mesmo e de Tara, pensou Jarrett. Ele esperava as perguntas do pai com dignidade tranquila.

— Acredito que sua mãe e eu somos dignos da verdade, a verdade completa – disse Jarrett com firmeza.

— A verdade é que fomos pegos em uma posição comprometedora —, disse Ian, em seguida, acrescentou baixinho, — e assim fomos imediatamente para o reverendo Dowd e nos casamos.

— Uma posição comprometedora?

Ian sorriu, sacudindo a cabeça. De repente ele lembrou Jarrett de James.

— Eu não a seduzi, pai. Foi acidental… — Ele hesitou, depois deu de ombros, ciente de que o que quer que dissesse ao pai não iria mais longe. — Ela é a filha de Teddy, um pouco selvagem no deserto. Ela decidiu nadar na piscina.

— Muitas pessoas se viram nadando naquela piscina. Nadando, por si mesma…

— Ela estava nadando nua.

Jarrett olhou para o filho.

— Ah. Você estava nu também.

Ian hesitou, mas não mentiu ou inventou desculpas para si mesmo.

— Eu estava.

— Procurando por Mrs. Trehorn?

— Pai, eu sei que você nunca aprovou particularmente essa ligação…

— De fato, eu não fiz. Mas você é um homem adulto. Certamente velho o suficiente para escolher seus relacionamentos. E sofrer as consequências que eles criam. Graças a Deus, no entanto, que você não foi para o Reverendo Dowd com Lavínia. Eu poderia ter me tornado imortal apenas para me assegurar que ela nunca se tornasse uma senhora de Cimarrom! E graças a Deus que Alaina não andou com Peter O'Neill.

Ian arqueou uma sobrancelha para ele.

— Lavínia teria torcido o nariz para o escândalo. Ela gosta muito de mim, mas gosta muito mais do dinheiro dela. E quanto a Alaina e Peter… ela pensou bastante nele ao mesmo tempo, acredito, — disse Ian levemente.

Jarrett estava um pouco divertido. Ian nunca teve paciência para Peter O'Neill. Ele o considerava um fanfarrão que criava tempos difíceis para os outros. Mas agora, parecia que Ian soava um pouco ciumento. E talvez estivesse tudo bem. Ian estava acostumado demais a ter mulheres a ouvi-lo,

prestar atenção nele, e se apaixonar por sua boa aparência. Naturalmente, Jarrett era da opinião de que Theodore McMann deveria ter levado a filha pelo joelho há anos, mas pouco havia a fazer agora. Jarrett gostava de Alaina; ela era uma pequena e vibrante bagunça. Mas lamentou o casamento quando outra mulher, que parecia tão ideal, esperava.

Jarrett suspirou.

— Alaina pode ter se apaixonado por Peter, mas eu vivi muito tempo, meu filho, e estudei a natureza humana. As pessoas mais improváveis podem fazer partidas magníficas, porque elas entendem e se respeitam mutuamente, como aconteceu com seu tio James e sua tia Teela. Alaina teria visto as histórias de Peter muito rapidamente; ela teria percebido que suas palavras não eram nada mais que vento, e ela o odiaria. O casamento deles teria sido um inferno.

— Bem, pai, eu oro que você preveja algo melhor para nós dois, então —, disse Ian, sorrindo ironicamente.

Jarrett balançou a cabeça, notando o olhar sério que surgiu nos olhos do filho.

— Se fossem coisas como eram dez anos atrás, eu desejaria a você toda a felicidade. Eu não vejo Alaina há algum tempo, mas ela sempre foi uma criança encantadora. Ela se tornou uma mulher vital, cheia de vida, bonita, inteligente.

Ian escutou em silêncio.

— Senhor, até parece que não aprova, essas são qualidades maravilhosas em uma esposa.

— Geralmente. Mas e a filha do coronel Magee?

— Risa? — Ian murmurou.

— Você escreveu como se vocês dois já tivessem discutido um noivado.

— Não havia nada que realmente tivéssemos discutido, pai. Nós passamos um tempo juntos; nós estávamos nos apaixonando, gostávamos muito um do outro.

— Você não fez promessas para ela?

— Não porque eu não pretendia, só porque eu não tive a chance. Eu pretendia falar com você e minha mãe enquanto eu estava aqui, falar com Risa quando chegasse a Washington da próxima vez, e depois pedir a sua

mão ao pai dela. Eu pensei que faríamos um bom par; somos excelentes companheiros, ela está acostumada com os militares e ela é…

— Jovem, adorável e inteligente também?

— Sim —, disse Ian simplesmente.

— Ela vai se machucar com isso.

— Sim —, ele disse novamente. — Eu vou vê-la quando for a Washington.

— Não há nenhuma maneira que eu possa ajudá-lo lá, filho.

— Pai, eu sou um homem adulto que enfrentou sérios combates no Ocidente. Eu aceito a responsabilidade por todas as minhas ações e as enfrentarei sozinho.

— Com honra —, disse Jarrett suavemente. — Mas eu imagino que você prefira voltar e lutar contra um conflito no Ocidente do que explicar isso para a senhorita Magee.

Ian inclinou a cabeça ligeiramente. Jarrett estudou seu filho, ciente de que Ian raramente mostrava suas emoções.

— Bem – Jarrett murmurou —, nas circunstâncias que ocorreram aqui, posso entender que você sentiu que deveria agir. Teddy é um bom homem e desonrar sua filha, com ou sem intenção, o teria destruído. Então você é agora um homem casado. A ação está feita. Como seu pai, eu parabenizo você. E como seu pai, eu também lhe dou estas palavras de conselho: tenha em mente que Alaina é uma mulher apaixonada e independente que cresceu criando suas próprias regras enquanto seguia em frente. Ela pode ser forte e voluntariosa também.

Uma expressão sombria passou rapidamente pelos olhos de Ian, e Jarrett viu que ele já estava ciente dessas qualidades em Alaina.

— Pai, eu sou capaz de lidar com minha esposa.

Jarrett suspirou profundamente, desejando que ele não sentisse um senso de condenação em relação ao futuro.

— Você é capaz de fazer uma guerra contra ela?

— O que você quer dizer?

— Nós somos unionistas, Ian, você e eu. O tempo ainda não chegou quando os lados devem ser traçados, mas temos crenças profundas na

santidade da União, juntamente com o fato de que temos vivido em uma economia escravista sem escravos. Se a guerra vier, estaremos em desacordo com o nosso estado. Teddy e Alaina vivem no extremo sul, onde o uniforme federal tem sido desprezado por toda a dor causada aos Seminoles pelo exército. Eu não acho que Alaina entenderá sua determinação de ir contra seu estado e permanecer com o exército.

— Eu ainda não tomei essa decisão—, disse Ian, infeliz. — A decisão ainda não está lá para ser feita.

— Mas está chegando.

— Não há como tomar essa decisão sem pesar todos os riscos e perigos, para mim, para minha família e para Cimarrom. Mas qualquer decisão que eu tome, minha esposa terá que aceitar.

— Eu rezo para que seja assim. Você é orgulhoso, teimoso e muito determinado a ter o seu próprio caminho.

Um espirro de repente soou a poucos metros de distância. Ian arqueou uma sobrancelha para o pai, depois contornou um dos carvalhos para encontrar o irmão sentado ao pé do carvalho, as costas encostadas nele. Suas botas, meias e camisa estavam fora; ele obviamente estava na piscina pronto para mergulhar quando Ian e Jarrett chegaram lá. Julian, assim como Jarrett, eles poderiam ser gêmeos, se levantaram infelizes.

— Desculpa. Verdadeiramente. Quando você chegou, eu estava prestes a fazer a minha aparição conhecida, mas a voz do pai tinha aquele tom profundo, e eu não queria me intrometer. Eu pensei em me deitar e fugir depois.

— O mundo todo deveria conhecer todos os meus negócios pessoais —, Ian murmurou sombriamente.

Julian ficou impaciente, juntando-se à conversa, agora que a presença dele fora descoberta.

— Eu não sou todo o maldito mundo; eu sou seu único irmão, — Julian lembrou a ele. — E, francamente, não entendo a dificuldade aqui. Na minha opinião…

— Julian, eu não me lembro de pedir opiniões.

— Na minha opinião, — Julian continuou com dignidade tranquila, — ela é absolutamente deslumbrante, um redemoinho de graça e energia. É claro que ela não tem dinheiro, isso foi mantido contra ela por muitas famílias respeitáveis, – mas depois nós, os McKenzies, nos saímos muito bem.

Naturalmente, claro, isso é o que você está fazendo, pai, embora tenha nos treinado com sólidos conhecimentos em negócios, de modo que todos somos muito bons em administrar propriedades e dinheiro. Nós gostamos de ir contra a corrente, seu fazer também, pai, desde que você nos ensinou que todas as pessoas são únicas em si mesmas, e que a sociedade pode ditar comportamento, mas nunca a honra dentro do coração de um homem ou mulher.

Ian sorriu para seu pai enquanto seu irmão parecia estar se aquecendo ao seu discurso. Jarrett sorriu por sua vez.

Julian continuou.

— E já que certamente parece ser um casamento costumeiro, eles estão, obviamente, desfrutando completamente da lua de mel…

— Julian! — Ian protestou, indignado interrompendo seu irmão. — O que diabos você sabe sobre minhas relações conjugais?

— Bem —, veio um sotaque profundo, e Jerome saiu de outro carvalho, vestindo apenas calções de brim e ainda molhado de um mergulho na piscina. Ele parou momentaneamente, encarando Jarrett, que olhou para ele com expectativa. — Desculpe-me, senhor, eu não quis me intrometer; como você pode ver, eu estava saindo da piscina e, como Julian, me encontrei estranhamente preso aqui. Sendo este o caso, entretanto… — Ele olhou para Ian. — Eu acredito que toda a família está ciente da agradável normalidade de seu casamento, em grande parte devido ao fato de vocês dois não terem saído do seu quarto até que meus pais estivessem com medo que eles tivessem que sair sem se despedir de você.

— Verdade? — Ian murmurou sombriamente.

Jarrett McKenzie abaixou a cabeça, tentando não sorrir com a exasperação de seu filho. Julian e Jerome, tendo-se encontrado no meio da conversa, pretendiam atormentá-lo até certo ponto.

— É um bom casamento, eu acho —, disse Julian. — Um relacionamento muito bom. Você não acha, Jerome?

— Eu tenho que concordar.

— Embora, naturalmente, Jerome, sendo homens inteligentes, razoáveis e civilizados, estamos todos cientes de que pontos comuns deve ser encontrado…

Jerome colocou um braço sobre o ombro de Julian, acenando em um acordo divertido.

— Mas então, entreter as relações sexuais pode criar um bom ponto comum —, disse ele, com o lábio enrolado em um meio sorriso. Então ele se lembrou de Jarrett, sentado no tronco, estudando todos eles. Suas feições de bronze coraram para um tom mais profundo. — Desculpe, tio, eu não quis dizer nada, claro. Alaina é como uma irmã para mim. — Ele fez outra pausa. — Ian, nós fomos tão próximos quanto irmãos, e nós seríamos amigos se não existissem laços familiares, mas você adquiriu uma esposa que está próxima e é querida em meu coração. Francamente, que dificuldade pode ser encontrada em se casar com uma mulher jovem e extremamente bonita? Agora, então, olhando para isso do ponto de vista de Alaina…

— Ela adquiriu um tirano —, disse Julian com um suspiro falso, os olhos brilhando. — Confie em mim, eu sei, eu vim ao mundo um pouco mais de um ano depois e paguei o preço pelo meu atraso!

— Então é bom que Alaina seja um pouco obstinada —, Jerome murmurou. — Ela precisa ser assim para sobreviver Ian.

— Vocês dois já terminaram? — Jarrett perguntou severamente.

— De fato, — Julian murmurou.

— Bem, então, o que está feito está feito —, afirmou Jarrett, levantando-se. — Ian, todos nós desejamos felicidade.

Com isso, ele deixou seus filhos e seu sobrinho para trás e começou a voltar para Cimarrom.

Jerome, observando seu tio ir, sentiu um arrepio subir por sua espinha, alguém andando sobre seu túmulo, como diz o ditado. Ele se virou para Ian e falou seriamente.

— Todos desejamos a você toda a felicidade —, disse ele.

Ian assentiu, sorrindo devagar.

— Eu sei.

O intercâmbio parecia estar crescendo muito para Julian.

— Ian parece corado, suado, quente. Você não acha que ele parece quente? – ele perguntou, olhando de seu irmão para Jerome.

— Ele parece! — Jerome concordou gravemente.

— Droga, não — Ian começou, mas ele não estava esperando o ataque, e entre os dois, seu irmão e primo o derrubaram na piscina. Em retaliação,

ele partiu atrás de seu irmão; Jerome abandonou Julian que foi devidamente mergulhado. Ele ficou satisfeito em se juntar a Ian para atacar Jerome. Uma hora depois, os três estavam ofegantes, deitados no aterro, rindo, compartilhando o último frasco de conhaque.

— Quais são seus planos, Ian? — Jerome perguntou.

— Eu tenho que voltar para Washington. Trazer alguns dos novos mapas que fizemos.

— Eu não posso imaginar Alaina em Washington.

— Eu… não vou levá-la. Teddy me pediu para permitir que ela voltasse para casa com ele.

— O quê? — Julian exigiu, rolando de bruços para olhar para seu irmão.

— Você adquiriu noites do céu e vai deixar sua esposa para trás?

— Ele tem algumas explicações para dá à filha do coronel, lembra? — Jerome disse levemente.

Ian sentou-se, olhando para seu primo.

— Não é isso. Eu te disse, Teddy me perguntou se ela poderia ir para casa com ele. Eu ainda nem discuti isso com Alaina, mas…

— Mas você sabe muito bem que é exatamente o que ela vai querer fazer —, disse Jerome.

— Você pode argumentar contra isso?

— Não. — Jerome estudou os olhos de Ian. — Mas você não está feliz com isso.

Ian hesitou.

— Estou com medo.

— Meu irmão mais velho, com medo? Eu não acredito, — Julian murmurou, levantando-se então.

— Eu acredito —, Jerome disse calmamente, ficando de pé também. — Estamos todos com medo. Mas quanto à sua esposa, Ian, estarei por perto. Meus pais estarão em casa em breve, e Jennifer, Lawrence e seu bebê estão ainda mais próximos da ilha de Teddy do que nós. Eu prometo a você, vou cuidar dela.

Ian se levantou e apertou a mão estendida do primo.

— Obrigado —, ele disse com voz rouca. — Eu vou contar com isso.

Todos eles voltaram para a casa.

— Jerome —, disse Ian.

— O quê?

— Se Peter O'Neill chegar perto dela…

— Mato ele?

— Isso seria ilegal, e se alguém o matar, vai ser eu. Apenas dê uma surra nele para mim, fará isso?

— É uma promessa —, assegurou Jerome a Ian. Então um súbito arrepio tomou conta dele.

— O que há de errado? — Ian perguntou.

— Nada, um calafrio.

Mas ele não estava com frio.

Ele sentiu a sensação mais estranha novamente.

Passos caminhando sobre seu túmulo…

CAPÍTULO DEZ

Houve, no casamento, momentos de pura alegria, e no breve tempo que Ian estava em casa, ele veio para descobri-los.

O tempo era um prêmio.

Cimarrom não era apenas uma plantação, mas um grande empreendimento agrícola, e quando Ian estava em casa, ele desempenhou o seu papel na administração. Um dia Cimarrom seria dele e ele seria responsável por todas as vidas que dependessem disso. Embora o algodão fosse rei, o gado criado em Cimarrom também era importante, e cada vez mais. As plantações e fazendas da Flórida Central estavam se tornando imensamente valiosas na produção, com as populações de alimentação de gado da Flórida em todo o país.

Naquela tarde, Alaina não estava solitária enquanto ele cuidava de contas e discutia as decisões de negócios com o pai e o irmão. A filha mais velha de James, Jennifer, seis anos mais velha do que Ian e sempre calma, equilibrada e no controle de qualquer situação, permaneceu em Cimarrom com seu marido Lawrence e seu bebê, Anthony. Com a morte de sua mãe, Jennifer morou em Cimarrom até que James se casou novamente, e Jen ficou bastante à vontade com a casa, e bem versada em suas funções. Jen e Lawrence planejaram viajar de volta para o sul com Teddy McMann e Jerome no final da semana.

Tia ainda estava em casa de férias também, e entre eles, mantinham Alaina ocupada explorando a casa e os terrenos.

E Ian começou a se condenar por sua promessa a Teddy. Logicamente, essa foi provavelmente a solução mais razoável no momento. Ele não sabia quanto tempo ele precisaria ficar em Washington; ele provavelmente seria mandado de volta em breve, e seria enviado para o extremo sul para mais expedições aos pântanos, o que o colocaria mais perto de Alaina lá.

Quando anoiteceu, Jarrett lembrou que ele deveria sair de manhã.

— Está tarde; passe algum tempo com sua esposa.

Ele encontrou Alaina brincando com Anthony, de dois anos, junto com Jen e Tia. Alaina não o viu quando ele chegou ao berçário no andar de cima, onde tantos McKenzies haviam brincado antes. Ela estava rindo, rolando no

chão com Anthony e Jen, e ele sentiu novamente os estranhos movimentos que sentiu quando a viu pela primeira vez no gramado. Seu riso era como música; o sorriso dela era cativante. A luz dourada nos olhos dela era puramente sedutora.

Ele limpou a garganta. Ela pulou rapidamente de pé, quase como se estivesse alarmada com a presença dele. Ele arqueou uma sobrancelha, estendendo a mão para ela.

—Venha dar uma volta comigo?

— Eu estava ocupando o bebê. Jen planejava arrumar algumas coisas para sua viagem para casa.

— Estou bem —, disse Jen.

— E eu estou aqui —, acrescentou Tia.

— Venha cavalgar —, insistiu Ian.

— Eu vou… apenas mudar —, disse Alaina.

Ela fez isso rapidamente, juntando-se a ele nos estábulos em questão de minutos. Ele ajudou-a a montar, depois saltou em cima de Pye. Ele acertou seu cavalo rapidamente a galope, sabendo que Alaina poderia seguir facilmente, e talvez passá-lo se ela escolhesse.

Mostrou-lhe o modo como os McKenzies dividiam suas propriedades, tanto a terra destinada ao gado e a pecuária, tanto devido ao cultivo do algodão, e alguns hectares onde agora cresciam a cana-de-açúcar. Ele amava Cimarrom: a casa, a terra, a aparência, a sensação da vida que ali vivia. Embora ele não traísse suas emoções, ele permaneceu irritado com suas declarações na noite de seu casamento, que ela odiava Cimarrom e detestava seu quarto.

Mas quando o anoitecer começou a escurecer, a selvageria de seu passeio pareceu deixá-la mais à vontade com ele. Ela estava corada e feliz, e amável sobre tudo o que ela viu. Observando-a, Ian percebeu que ela estava feliz por estar fora; Alaina adorava andar. Ela amava o vento, adorava correr, sentir a terra. Ele já sabia que ela amava nadar. Quando ela o pegou olhando para ela, sua coloração se aprofundou.

— Você está feliz por sair? —, Ele perguntou.

— Eu… eu devo admitir… — ela deu de ombros. Ela parecia em cada centímetro a jovem senhora em um traje de equitação verde-esmeralda que perfeitamente destacava sua coloração. Seus cabelos dourados estavam

arrepiados, fios delicados escapando das mechas louras sob o chapéu de plumas. — Admito que crescer longe da civilização torna a vida bem diferente. Sua família tem sido muito gentil. Mas eu costumo andar todos os dias. E a praia ao pôr do sol é sempre tão atraente… É divertido correr na areia e brincar de pega com a maré.

— Você sente falta da sua casa?

— Todo mundo sente falta de casa, não é? — Ela perguntou a ele, e havia um som suave e melancólico em sua voz.

— Quando estou longe o suficiente, sinto muita falta —, disse Ian.

— Mas esse é o caminho dos militares, não é? Eles te mandam onde precisam de você?

Ele assentiu.

— Felizmente, tenho sido necessário perto de casa com bastante frequência ultimamente. — ele a observou enquanto ela sentava seu cavalo, tão elegante em seu traje de montaria perfeitamente adaptado, a expressão melancólica ainda tocando em suas feições perfeitas. — Vamos voltar? —, ele sugeriu.

Alaina assentiu e seguiu sua liderança quando ele virou Pye para correr pelos campos. Ela estava montando uma das misturas árabes de sua mãe, uma pequena e rápida *potra* chamada Sable. Alaina correu de pescoço a pescoço com ele, deliciando-se com o ritmo acelerado que ele estabeleceu. Ela sorria feliz quando chegaram aos estábulos. O cabelo dela havia se soltado da varrição bem marcada, no entanto, e caíra pelas costas em uma profusão de ouro sob o chapéu de plumas.

Ele a ajudou com Sable, depois disse:

— Espere aqui um minuto.

Ian saiu dos estábulos e correu para a casa. Ele encontrou seu irmão e Jerome atentamente envolvidos em um jogo de xadrez. Julian informou-o de que os pais e o resto da família tinham saído para jantar com o vizinho mais próximo, Robert Trent, e a família dele.

— Você precisa de algo? — Julian perguntou.

— Sim, eu preciso de vocês dois para ficar fora da piscina primavera para as próximas horas —, Ian disse a eles. — Sem pular de trás das pedras.

— Ora, Ian, você sabe muito bem que fomos pegos acidentalmente lá.

— Sim, eu sei. Mas eu gostaria de ter alguma privacidade agora.

Jerome, olhando para o tabuleiro de xadrez, manteve a cabeça baixa e sorriu.

— Estou prestes a humilhar o seu irmão, surrando-o profundamente. Naturalmente, ele vai se sentir compelido a me desafiar de novo e de novo até que ele possa ganhar um jogo sozinho. Faremos o nosso melhor para garantir que você tenha absoluta privacidade.

— Interessante, no entanto, você não acha? — Julian perguntou, estudando gravemente o último movimento de Jerome. Ele olhou para Ian então. — Você passou seu primeiro dia em casa à beira da piscina para passar sua última noite lá também.

— Obrigado, Julian, pela sua profunda preocupação em relação ao meu paradeiro. Jerome, derrote-o devagar, sim?

Os dois mantiveram a atenção no tabuleiro de xadrez quando Ian os deixou. Ele encontrou Alaina em pé do lado de fora dos estábulos onde ele a havia deixado e colocou um braço em volta da cintura dela.

— Vamos.

— Onde estamos indo?

— Você verá.

Quando chegaram à piscina, ela manteve a distância dele, permanecendo perfeitamente imóvel enquanto ele sentava no tronco para tirar suas botas e meias.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou inquieta.

— Indo nadar. Não podemos perseguir a maré aqui, mas não há sal. Mais fácil para os olhos.

— Você acha que, oh, você deve estar brincando, seu desgraçado! — Exclamou ela. — Depois de todo o problema causado por essa piscina horrível…

— A piscina, meu amor, não causou o problema. Pessoas causam problemas. Mas como já estamos com tantos problemas, não parece ridículo desperdiçar a piscina?

Ela balançou a cabeça.

— Alguém pode vir.

— Ninguém virá.

— Como você sabe?

— Eu já providenciei isso.

— Oh! Quão reconfortante! Você viu que as pessoas sabem que você pretende…

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Ir nadar?

Ela se virou, certa de que ele estava zombando dela. Ele saltou do tronco, vindo rapidamente atrás dela e a arrastando para seus braços.

— Ian —, ela protestou, as mãos contra o peito.

— Você sente falta da água; você disse isso. Você pode entrar com suas roupas, ou sem elas.

— Ian…

— Eu te aviso que esta é minha última noite em minha casa, e eu não vou ser rejeitado.

Ela tremeu de repente, uma expressão estranha filtrando através de seus olhos.

— Roupas… fora —, ela sussurrou depois de um momento.

Ele arqueou uma sobrancelha, mas a colocou no chão, trabalhando nos intrincados pequenos botões de seu corpete. Ela estava muito quieta, aceitando sua ajuda, até que todas as suas roupas estavam reunidas a seus pés.

O sol estava se pondo. Suas belas cores, explodindo no horizonte, caíram sobre seu comprimento nu em um brilho ofuscante. A sensual perfeição de seu esbelto corpo jovem atacou seus sentidos de novo, e talvez alguma coisa predatória se acendeu em seus olhos, pois de repente ela levantou voo, correndo para mergulhar na piscina.

Ela era uma incrível nadadora. Ela desapareceu nas profundezas enquanto ele tirou a última peça de seu próprio traje e mergulhou atrás dela. Ela foi rápida; ele levou todo o seu esforço para pegá-la, e ela foi flexível e segura, evitando seu alcance várias vezes antes de segurá-la com firmeza, dedos entrelaçando seus cabelos, a boca formando firmemente sobre a dela quando seu chute os atingiu na superfície. O roçar nu de suas coxas e seios

contra sua carne era tão intenso que era quase insuportável; ele gemeu profundamente em sua garganta enquanto sua língua furiosamente atacava a doçura de sua boca, e ele se condenou mil vezes pela promessa que fizera a Teddy.

Seus lábios se separaram dos dela finalmente. Seus dedos percorreram o comprimento de sua espinha, as palmas das mãos moldando sobre suas nádegas para pressioná-la cada vez mais perto de sua crescente ereção.

— Eu pensei… eu pensei que nós iríamos nadar.

— Nadamos.

— É sua última noite em sua casa —, ela murmurou.

— É —, disse ele, mas aliviou a respiração para determinar exatamente onde ela estava tentando ir com sua conversa.

— Ian, precisamos conversar.

— Sobre?

Pisando água, ela inalou, então falou rapidamente.

— Ian, se você vai se mudar, eu realmente imploro sua indulgência nisto: Deixe-me ficar com meu pai. Eu sou tudo o que ele tem. Ele precisa de mim.

Ele olhou para ela, feliz que o sol poente, agora vermelho, estava em seus olhos e não nos dele. Lembrava vagamente que Teddy dissera que não contaria a Alaina que Ian havia concordado que ela deveria voltar para casa. Ian deveria ter dito a ela mesmo.

Ele nunca fez isso.

Interessante.

— Ah… você quer ir com Teddy, porque você não quer ser deixada em um lugar tão horrível como Cimarrom?

Ela corou, mas se manteve firme.

— Eu não odeio Cimarrom.

— Você não odeia? — Ele exigiu.

Seu olhar sobre ela era tão exigente que ela permitiu que seus cílios caíssem.

— Eu estava com raiva quando disse isso. Eu não odeio a sua casa e seus pais são encantadores.

— Como você pode ser, quando você quer alguma coisa —, ele murmurou.

Ele podia ver seu temperamento mexendo no brilho de seus olhos, mas ela controlou isto, e era bastante intrigante para assistir os padrões de pensamento correrem através de suas feições. Ela odiava a realidade disso, mas ela adquiriu um marido que todos pareciam considerar ter o direito de ditar seu futuro e paradeiro.

Ela baixou os olhos novamente. A água ondulou ao redor deles na piscina.

— E você acha isso muito ruim —, ele murmurou secamente.

Seus olhos voaram para os dele, brilhando em ouro.

— Teddy está sozinho sem mim —, disse ela.

Ele deu-lhe um olhar penetrante. Teddy não estava sozinho.

— Tudo bem, não exatamente sozinho; ele tem seus pesquisadores de campo, é claro, e nós temos os criados domésticos, mas… ele precisa de mim.

Seu cabelo estava penteado para trás de seu lindo rosto; seus olhos eram ouro líquido. Ele estudou a elegância clássica de suas feições e sentiu seu olhar varrer para baixo, fixando-se na elevação de seus seios sob a água. Seus mamilos eram uma rosa suave, endurecidos agora pelo frescor da água até pequenos picos fascinantes.

— E se eu precisasse de você? —, Ele perguntou com voz rouca.

— Você não precisa de mim. Você nem mesmo particularmente me quer.

Seus olhos brilharam e parecia que cada centímetro de sua pele da cabeça aos pés corou carmesim.

— Eu definitivamente protesto essa declaração —, ele disse a ela.

Ela balançou a cabeça impaciente.

— Você queria outra mulher; você me pegou. Já que tantos casamentos são arranjados, como você me informou, imagino que você provavelmente me considera bastante intercambiável com qualquer jovem mulher com quem

você possa ter se encontrado. Exceto que, claro, você é Ian McKenzie, e nada é normalmente arranjado para você não querer. Nesse caso, seu senso de dever ditou seus desejos.

— É isso que você pensa? —, ele perguntou a ela, estendendo a mão para ela novamente, de repente bastante apaixonado. — Madame, você está errada. Você não é intercambiável de nenhuma maneira. E eu não estou a ponto de sair daqui preocupado com os assuntos do estado, e os assuntos da minha esposa também.

Ela ofegou, assustada com a repentina veemência dele.

— Ian, você sabe que eu…

— Que você estava apaixonada por O'Neill?

— Não! — ela engasgou. Então, — Sim! — ela balançou a cabeça infeliz. — Eu… eu pensava assim, mas ele se comportou de maneira tão desprezível. Ian, juro para você, diante de Deus, tudo o que senti por Peter morreu no minuto em que seu noivado foi anunciado. Eu nunca pretendi conhecê-lo… — Ela agarrou a mão dele de repente, implorando. — Ian, por favor, deixe-me ter esse favor, e eu vou jurar minha lealdade até a morte. — Raiva de repente queimou em seus olhos. — Além disso, você está voltando para aquela mulher com quem pretendia se casar. No mínimo, você pode me deixar ficar com um homem tão inocente quanto meu próprio pai! Ah, isso é ridiculamente injusto!

— De fato, mas como as coisas estão se encaminhando, estou com medo —, ele lembrou agradavelmente.

— Ian, por favor, não me atormente agora. Responda-me.

— Deixar você voltar para o deserto indomável…

— Seu tio foi para Charleston, mas Jerome será muito próximo. E os Malloys, sua prima Jennifer e seu marido estão ao lado de minha casa, e… — Ela fez uma pausa, depois acrescentou com uma amargura estranha: — Eles são todos meus amigos, mas eles são seu sangue, então eu tenho certeza que se eu fosse espirrar na direção errada, você saberia imediatamente.

— Seu pai é um homem honrado.

— Então qual é a dificuldade?

Ele sorriu.

— Eu poderia ter planejado para você viajar comigo. Eu tenho uma esposa agora, e eu tenho muito pouco para lembrar de você.

Ela corou de novo e murmurou:

— Eu estou na piscina, não estou?

— É um começo.

Ela exalou um suspiro de impaciência e começou a passar por ele. Ele segurou a cintura dela, puxando-a para ele, suas costas contra o peito e quadris, a cabeça sob o queixo.

— Eu não sei o que você quer! — ela sussurrou fervorosamente. — Passamos todas as noites juntos, nunca, nunca ofereci a menor resistência.

Ele riu suavemente, intoxicado por sua proximidade novamente no frescor da piscina, sentindo o calor de seu corpo contra ele.

— Se bem me lembro, pode ter havido apenas uma sugestão de resistência no início. Mas ainda assim… foram boas noites. Eu só quero… mais.

— Mais?

— Mmm. Eu quero ir embora me sentindo… seguro. Sentindo que minha esposa não poderia ser influenciada por um ex-amante, ou qualquer outro homem, já que ela é tão arrebatada por tudo o que ela tem em mim.

— Ian, você é cruel.

— Meu amor, eu não quero ser. E você não parece extasiada.

— Mas eu sou! — Ela protestou. — Mesmo.

— Realmente. — Ele aliviou seu aperto sobre ela, virando-a dentro do abraço de seus braços. Ele pegou a mão dela, pernas poderosas ainda esfaqueando a água para mantê-las à tona. Ele puxou as palmas das mãos e os dedos para baixo do comprimento de seu peito, trazendo os dedos enrolados ao redor do comprimento latejante de sua ereção. Seu suspiro inicial, como se ela tivesse recebido algo tão repugnante quanto uma cobra venenosa, não era exatamente um som "extasiado". Mas ela rapidamente se recuperou. Seus olhos dourados encontraram os dele brevemente, incrivelmente abertos com espanto e surpresa, então ela enterrou a cabeça no ombro dele, tremendo, e seu corpo pressionou o dele quando ela…

Experimentou.

Sua mão esfregou o comprimento dele em um golpe instintivo. Seus dedos emplumavam sua carne dentro da água. Ele gemeu profundamente, guturalmente, quando ela chegou mais baixo, colocando e acariciando seus testículos, delicadamente hesitante, mais e mais certamente…

Ele esqueceu de andar pela água. Eles se inclinaram para baixo. Ele segurou os ombros dela, puxando os dois de volta. Alguns chutes duros os levaram ao barranco, e ele rapidamente a colocou de costas. Seu beijo foi quase violento quando sua boca encontrou a dela; seu toque saqueou as curvas e depressões de seu corpo, saboreando o calor de sua carne sob o frio das gotas de água sobre ela. Ele começou a beijar, acariciar… lambê-la… seus seios, os buracos em seus quadris, suas coxas, entre elas…

A dura ingestão de sua respiração o trouxe sobre ela novamente. Seus olhos encontraram os dele, atordoados, dourados e de alguma forma ainda desafiadores. Seus dedos acariciaram seus cabelos; seus lábios se encontraram e se fundiram com os dele em uma explosão de fogo em que ela deu toda a tempestade que recebeu. Seus dedos se arquearam em seus ombros, acariciaram suas costas, suas nádegas, seu peito. Suas unhas arranharam, então sua mão se fechou sobre ele novamente quando o calor doce de seus beijos caiu sobre seu peito…

Uma agonia de desejo passou por ele; ele a pressionou de volta, entrou nela. O sol caindo do céu tornou-se uma paixão vermelho-sangue que queimava a paisagem e a carne deles. Abaixo dele, ela encontrou a tempestade de seu ritmo, montou o relâmpago de sua fome.

O sol caiu na terra com uma última explosão de raios ferozmente brilhantes. Ele sentiu um tremor dentro dela, docemente volátil, e embalou-a com força contra ele, aliviando seu peso dela, quando a escuridão chegou e a noite cobriu-os. Ela ficou muito quieta contra ele, o calor de seus corpos ainda os aquecendo. Ele ficou lá, surpreso com a ternura que sentia por ela enquanto ela se deparava tão confiante contra ele. Ele alisou o cabelo úmido em um movimento suave, observando a noite tomar o céu.

Aparentemente, o movimento dele estava realmente indeciso, ele pensou momentos depois, com certo divertimento irônico.

Ele a tinha feito dormir.

Sua última noite…

Não importava. Ele estava contente, no momento, em sentir o comprimento dela contra o dele. Seu cabelo, secando, soprava suavemente contra seu peito em delicadas gavinhas.

Ele fez o melhor que pôde para deixá-la se deitar contra ele o mais confortavelmente possível, tentando não a perturbar. Seus braços gentilmente a cercaram.

A filha inocente e selvagem do botânico.

A esposa dele.

******

Alaina abriu os olhos e percebeu que era noite e que estava esparramada em cima do marido.

Ele não estava dormindo, ela percebeu, mas olhando para a noite. De repente, ela ficou grata pelas sombras que estavam sobre eles.

No entanto, a noite, na escuridão, começou a ficar mais fria. Onde seu corpo cobria o dela, Alaina permaneceu quente. Onde não, ela estava com frio. Ela ainda se sentia abalada, tremendo por dentro. Era tão assustador sentir uma sensação tão violenta e desesperada. Ela permaneceu espantada com a maneira como ele podia fazê-la se sentir, pela força das emoções despertadas nela através dessa intimidade que ainda parecia tão nova, tão estranha. Cada vez que ele fazia amor com ela, ela pensava a princípio que ele exigia o que ela não queria dar, mas ela estava errada. Em algum lugar no meio disso, as coisas mudaram. Agora, parecia que o som de sua voz podia provocar um calor dentro dela, o roçar mais leve de seus dedos poderia provocar um incêndio, e quando ele a pressionava contra a terra, ela estava desesperadamente disposta a sentir o calor de seu desejo para sempre. Ela não gostou da maneira como se sentiu sendo atacada. Ela não queria querê-lo; ela certamente não queria precisar dele. O casamento lhe dera seu nome e salvara sua reputação; isso lhe dera uma respeitabilidade incrível. Colocou-a sob seu poder de certa forma, forçou essa intimidade sobre os dois. Mas o que não deu a ela foi sua…

Consideração. Afeição.

Amor. Ela estremeceu e sentou-se.

— Ian…

— Vamos voltar para casa —, disse ele, levantando-se com uma velocidade rápida e graciosa que, de repente, a fez sentir frio novamente.

Ele aprendeu muito com as pessoas de seu tio nos pântanos. Ele podia se mover em absoluto silêncio, com uma agilidade impressionante. Ela sabia em primeira mão que sua habilidade com uma espada era inigualável. Ele certamente seria um inimigo mortal.

Ela não era sua inimiga, ela disse a si mesma. Ela era sua esposa.

Ele planejava se casar em outro lugar. Talvez isso a tornasse mais inimiga do que ela poderia começar a perceber.

Ele voltou com as roupas dela para onde ela tinha se enrolado em uma posição sentada no barranco.

— Você está fria. Vamos nos apressar para a casa.

Ela se levantou, deslizando em sua camisa, em seguida, deixando-o amarrá-la em seu espartilho. Sua roupa de equitação verde-esmeralda deslizou sobre sua cabeça, e ela de repente não pôde deixar de sorrir.

— E isso é por quê? —, Ele perguntou.

— Pela primeira vez, McKenzie, sinto a vantagem. Estou vestida e você não está.

Ele arqueou uma sobrancelha, sorrindo.

— E você acha que isso lhe dá uma vantagem?

— Poderia.

— Em que circunstâncias?

Ele olhou para ela com uma arrogante segurança masculina que ela não poderia ignorar tal desafio.

— Sob tais circunstâncias, você deve se encontrar caminhando até Cimarrom… com a bunda pelada! — informou ela gravemente.

— O quê? — Ele exigiu, inclinando a cabeça com curiosidade e seu tom profundo com uma nota de aviso.

Ela riu e passou por ele, agarrando suas roupas e se virando para fugir.

Ela poderia correr.

Com sapatos, sem sapatos.

Ela era filha do pai dela. Ela aprendeu a correr sobre as raízes dos manguezais e a areia molhada, através de águas rasas, arbustos e

folhagens. Ela ficou encantada ao perceber a princípio que o deixara empoeirado.

— Alaina McMann, volte aqui com minhas coisas! — Ele chamou em aviso.

Ela continuou correndo, meditando sobre a possibilidade de devolver a roupa dele, uma vez que ela tinha chegado ao final da trilha que irrompeu no gramado, é claro. Então ocorreu a ela que ele a chamara de "McMann". E assim que esse pensamento passou por sua mente, ela sentiu um sopro de ar logo atrás dela.

E ela percebeu, também, que ela conhecia suas próprias habilidades, e até se lembrava dele. Ele era tão rápido quanto um gato selvagem, tão elegante, seguro e bem musculoso. O final da trilha estava à vista. Ela se virou para ver que ele estava mesmo atrás dela.

— Meu Deus, é melhor você se vestir! — Ela gritou, jogando o pacote de sua roupa atrás dela.

Não o fez vacilar no mínimo. Ele parecia voar atrás dela. De repente, ela foi varrida de seus pés e derrubada abaixo dele, presa à terra, ofegante. Seus olhos escuros estavam acima dos dela, avaliando-se com cautela, mas um sorriso curvou sua boca e ele estava ofegando e rindo. Ela lentamente sorriu também, desejando então que ele estivesse vestido e que ela não tivesse roubado suas roupas.

— Eu quase te derrotei e deixei você em uma situação muito difícil —, ela o informou primorosamente.

— Quase, mas não completamente. E minha adorável esposa, tome cuidado. Você nunca será melhor que eu. Eu simplesmente não vou permitir isso.

— O quê? —, ela perguntou docemente.

A maneira como ele estava pressionado contra ela, ela podia sentir cada nuance de mudança dentro de seu corpo. O calor, o crescimento…

Ela cresceu sem fôlego ela mesma.

— Você deveria ser gentil hoje à noite —, ele lembrou a ela suavemente. — Persuadir-me, obrigando-me, manipulando-me à sua vontade. Até agora, você está se saindo muito bem, mas como está ficando tão legal, seria bom ser persuadido, obrigado e manipulado diante de uma fogueira com vinho quente e doce, você não acha?

Olhando para o brilho de cobalto de seus olhos, ela assentiu.

— O vinho é sempre bom —, ela murmurou.

Ele deu a ela um olhar confuso.

— Para suavizar as arestas da vida? — Ele perguntou um tanto rouco.

Ela balançou a cabeça.

— Porque às vezes eu ainda me sinto tão estranha.

Ele sorriu um sorriso profundo e gentil. E ela pensou que quando ele sorria assim, não poderia haver um homem mais marcante em todo o mundo, com feições tão esculpidas e ainda tão bonitas. Ele se levantou, e ela sentiu um baque surdo em seu coração, porque ele era tão marcante, tão alto, musculoso e forte, bronzeado pelo sol, de modo que músculos e nervos ondulavam em reflexos dourados sob a lua a cada movimento que ele fazia.

Ele estendeu a mão, ajudando-a, depois se virou, reuniu suas roupas espalhadas e se vestiu rapidamente.

Eles voltaram, sem serem vistos e não foram notados na casa. Em seu quarto, ele arrastou os cobertores para o fogo, serviu-lhes conhaque e, em seguida, lentamente e meticulosamente despiu-a novamente antes de atraí-la contra ele. Ele parecia não estar com muita pressa agora. O fogo crepitava, o conhaque parecia quente e delicioso.

E foi bom repousar contra ele.

— Não adormeça novamente em mim —, ele sussurrou suavemente.

— Isso importaria? — Ela perguntou.

Ele refletiu sobre a questão um minuto.

— Não —, ele disse a ela.

Ele a colocou no chão e beijou-a. Suavemente, profundamente, com avidez, provocando. Seus lábios apenas roçaram sua carne. Suas mãos se moveram sobre o corpo dela diante do fogo, e ele parecia fascinado apenas por tocá-la. As chamas douradas e carmesins do fogo pareciam saltar e dançar, tocando-a, aquecendo-a, trazendo um acúmulo de calor e sensação que rapidamente incendiava algo dentro dela. Ela não podia ficar quieta, mas estendeu a mão para ele, procurando seus lábios quando ele provocou, tentando desacelerar sua mão quando seu toque se tornou invasivamente íntimo. Sua respiração ficou irregular. Ela estava entrelaçada com ele,

descuidada onde estava o cobertor. Ansiosa por seu beijo, ansiosa para tocá-lo, por sua vez, ansiosa para acariciar e afagar…

Como ele havia ensinado a ela hoje.

Ela o tocou, buscando sua boca apaixonadamente ao fazê-lo. O conhaque queimou suas inibições. Seu corpo arqueou para o dele, seus seios esfregaram contra o peito dele. Seus lábios se separaram dele e ela provou sua garganta, seu peito, tocou a ponta de sua língua sobre ele, movendo-se contra ele o tempo todo. Beijando, acariciando.

Ela se viu de repente levantada, olhando para ele, e lentamente, lentamente sendo abaixada…

Empalada. Seus olhos estavam nos dela, estreitados, fogo de cobalto. A sensação, tão lenta, era excruciante. Ela gritou, sua cabeça caindo para trás. Ele a puxou mais devagar ainda, para baixo, até que ela o embainhou completamente…

******

Mais tarde, passou deitada ao seu lado e estremeceu quando o fogo de energia que explodiu entre eles diminuiu e ela ficou com frio. Desta vez, ele simplesmente a envolveu em seus braços e a levou para a cama.

Ela se encolheu contra ele e ele a abraçou. Talvez ela tenha cochilado; ela não tinha certeza. Ela lentamente se deu conta de uma sensação deliciosamente perversa fervendo dentro dela… e o golpe de seu beijo se moveu ao longo de sua espinha.

Eles fizeram amor novamente.

Às vezes ela achava que sonhava com o toque dele, porque a cada vez que fechava os olhos, abria-os para uma nova sedução.

O fogo queimava em brasas.

A lua desapareceu no céu; o sol começou a subir.

Ela acordou de novo, gelada.

Ele não estava na cama, ele não estava na sala. Ela saltou, tremendo.

O fogo havia morrido completamente. Lá fora, o sol estava começando a se elevar.

Alaina mergulhou em um armário e rapidamente vestiu uma camisa e um vestido. Ela começou a correr para fora do quarto, então parou o tempo suficiente para ficar de pé diante da penteadeira e alisar o emaranhado selvagem de seu cabelo.

Ela correu para o corredor e desceu as escadas. A casa estava quieta. Ela ouviu um barulho vindo da sala de jantar e correu até lá, apenas para descobrir o pai contente lendo o jornal e comendo panquecas.

— Bom dia, filha!

— Pai. Bom dia. Você está sozinho.

— É uma casa ocupada. Os McKenzies estão bem, e é melhor você se mexer, minha querida. Jerome está escoltando nossa festinha e está ansioso para seguir em frente.

— Nossa pequena festa?

— Casa! — Ele disse alegremente.

— Ian… Se foi?

— Bem, claro que ele se foi. Você sabia que ele tinha que reportar ao dever.

— Sim, mas…

Seu pai estava olhando para ela com preocupação.

Ela se atrapalhou.

— Eu, eu não imaginava que ele fosse embora tão cedo. Ele não me acordou.

— Ah, bem, talvez ele não quisesse perturbá-la, já que ele sabia que não sairíamos tão cedo. Presumo que você tenha se despedido ontem à noite.

— Mmm. — Ela percebeu então que seu pai sabia que Ian não tinha intenção de tê-la vindo com ele, nem ele tinha a intenção de forçá-la a permanecer em Cimarrom. A decisão foi tomada muito antes da noite passada. Ian simplesmente estava determinado a atormentá-la.

Tantas palavras murmuradas que ele poderia precisar dela! Ele a enganou, usou-a e o pior de tudo…

O pior de tudo, ela pensou miseravelmente, era que ela passara a noite extasiada feliz, feliz por ser enganada, usada e…

E se apaixonando por seu marido.

— Você está pronta para ir, minha querida?

Ela assentiu.

— Sim, Pai. Trinta minutos, não mais, — ela disse categoricamente. Ela se afastou da sala de jantar, fugindo de volta pelas escadas.

Para o seu quarto.

Ela pensou que queria ir embora. Que ela não queria nada mais que estar de volta em casa. Mas aqui…

A marca de sua cabeça permaneceu em seu travesseiro, o cheiro dele impregnou os lençóis. O guarda-roupa estava cheio de roupas, a mesa continha seus papéis, lembranças e outros pertences.

Ele foi embora sem sequer acordá-la para dizer adeus. O casamento aparentemente era divertido enquanto conveniente, mas agora ele estava de volta a uma vida diferente.

E de volta para a mulher com quem ele pretendia se casar?

Alaina prendeu a respiração por um momento de sofrimento. Peter O'Neill havia dito a ela que nenhum homem respeitável se casaria com ela. Se nada mais, ela certamente teria uma sutil vingança contra Peter. Ian McKenzie se casou com ela. Ela não podia se permitir imaginar o que significava para ele.

Ela fechou os olhos com força e exalou.

Ela precisava fazer as malas. E rapidamente.

Ela estava indo para casa.

CAPÍTULO ONZE

Do alpendre de sua casa, uma bela estrutura de madeira que ficava no centro de Belamar Isle, que na verdade não era uma ilha, já que na maré baixa ela se conectava com o continente da península do sul da Flórida a poucos quilômetros. do rio de Miami, Alaina podia ver seu pai trabalhando com uma de suas novas limeiras, um pequeno sorriso de perfeito contentamento em sua boca. Ela teve que chamar seu nome mais três vezes antes de ele olhar para cima.

— Papa! — Ela gritou finalmente com exasperação. — Papai, você deve vir dos campos e comer! Agora!

Ele acenou com a mão na direção dela.

Estou indo filha. Indo direto! — Ele retornou alegremente.

Mas ele nem sequer olhou para cima. Ela suspirou. Ele provavelmente não entraria até que ela fosse atrás dele e o arrastasse de volta.

— Homens! Ele é tão teimoso quanto o resto deles! – disse Jennifer, rindo. Ela colocou o último dos talheres na mesa que ficava na varanda. Era um dia quente, mas bonito, com uma brisa saindo da água. Um dia maravilhoso para ter um jantar no meio da tarde lá fora.

Anthony já estava sentado em uma cadeira especial de criança que Teddy havia esculpido para ele. Ele alegremente bateu a xícara contra a madeira. Jen alisou o cabelo para trás e ficou de pé atrás de Alaina, observando Teddy McMann ignorar a chamada para o jantar.

— Por outro lado, Teddy, pelo menos, é muito docemente teimoso.

Alaina sacudiu a cabeça com exasperação ao olhar para Jennifer.

— De fato, meu pai é um amor, mas tão teimoso quanto uma rocha!

— Bem, pode-se dizer que ele simplesmente tem excelentes poderes de concentração — Jennifer a consolou. — Quer que eu dê uma volta e pegue ele? —, ela perguntou.

— Não, tudo bem. Você fica com Anthony. Eu irei.

Alaina ficou feliz com a companhia de Jennifer. Ela poderia nunca ver seu marido, e às vezes, parecia que seu casamento tinha sido um sonho bizarro, mas desde que ela voltou para casa de Cimarrom, ela se aproximou mais do que nunca de James, Teela, Jerome, Sydney, Jennifer, Lawrence e o bebê deles, Anthony. Ela estava em casa quase quatro meses. Naquela época, ela esteve especialmente perto de Jennifer. James e Teela faziam questão de vê-la e Teddy pelo menos a cada poucas semanas. Sydney passava pelo menos uma vez por semana com Jerome, mas Jennifer, cuja casa ficava a pouco mais de oito quilômetros de distância, vinha todos os dias e, quando não o fazia, Alaina ia visitá-la.

Jennifer era dez anos mais velha que ela e, no passado, cuidava de seus irmãos e irmã mais novos, e primos também, então, naturalmente, desde que ela era criança, Alaina sentia uma profunda afeição por Jennifer. Apesar de toda a dor e derramamento de sangue que atormentaram sua vida quando ela era jovem, vivendo entre o povo de sua mãe e fugindo do exército branco, Jen tinha a capacidade de olhar o mundo de forma justa. Ela nunca julgou homens ou mulheres por sua raça, cor ou crenças, mas amava sua casa na selva porque a mantinha longe daqueles que a faziam.

E embora ela admitisse prontamente ter amigos nas forças armadas, desprezava o uniforme usado pelas forças federais e sempre o faria. Soldados quase a mataram quando ela era muito jovem; somente a intervenção de Tara McKenzie salvou sua vida.

No entanto, ela amava muito seu primo Ian, o que ela dissera a Alaina várias vezes, para que Alaina não cometesse o erro de lamentar seu casamento.

Todos eles tinham sido amigos antes, amigos muito próximos. Mas foi o casamento de Alaina com Ian que fez sua família.

Jennifer era alta, com estrutura óssea forte e bonita, olhos castanhos exóticos e uma longa e pesada queda de cabelo escuro e lustroso. Seu marido, Lawrence, era um mergulhador de resgate que tinha literalmente fugido, ou nadado, com ela em Biscayne Bay. Lawrence tinha pensado originalmente na área como um inferno isolado, mas através dos olhos de Jennifer, ele começou a ver as coisas de maneira diferente. Como Teddy e os McKenzies, ele agora guardava zelosamente sua privacidade ao longo da costa. James lhes dera a área cultivada como presente de casamento e agora plantavam cana-de-açúcar para suplementar a renda de mergulhador de Lawrence. O bebê, Anthony, tinha os olhos cor de avelã e a pele cor de oliva da mãe, junto com o cabelo loiro do pai. Com pouco mais de dois anos de idade, ele não estava apenas andando por toda parte, mas correndo e

balbuciando uma milha por minuto. Anthony era esperto, precoce, fofo e totalmente amável. Alaina gostou dele tremendamente.

Especialmente agora.

Agora…

Com um arrepio súbito e rápido, Alaina pegou o xale de um pequeno poste logo atrás da porta.

— O que é isso? — Jen perguntou a ela. — Você está bem?

— Sim, sim, claro — disse Alaina rapidamente. — É só meu pai, você sabe!

— Bem, quando você conseguir seu pai, poderemos ter mais companhia. Olha, acho que é meu irmão chegando. — Jennifer protegeu os olhos do sol, olhando para o norte ao longo da baía.

Alaina seguiu seu olhar. Ela podia ver um pequeno veleiro movendo-se, a vela ondulando na brisa, o navio bem pilotado e parecendo voar sobre a água. — Imagino que seja Jerome — concordou Alaina. — Ele enviou uma nota com o último soldado que passou que ele provavelmente estaria aqui hoje. Ele vai navegar para St. Augustine em breve, depois para Charleston, e ele vai levar algumas frutas do meu pai com ele para os mercados de lá. Estou tão feliz que ele esteja quase aqui. Meu pai gosta muito do seu irmão e da conversa masculina! Posso até levá-lo aqui para comer!

— Hmm —, Jennifer murmurou. Ela franziu a testa. — Parece muita companhia, talvez. Você pode ver lá, contornando esses manguezais. Há outro pequeno barco chegando. Olha, é ainda mais perto. Não há velas voando, parece ter chegado à baía a partir da pequena entrada lá.

— Talvez um par de homens do exército ou marinheiros, indo para um posto avançado nas Keys ou descendo para Fort Taylor – adivinhou Alaina. —Talvez uma carta de… — Ela fez uma pausa, olhando para Jennifer. — Talvez uma carta de Ian —, ela disse levemente. — Talvez devêssemos arranjar mais cenários e avisar a Lilly e Bella de que podemos estar alimentando mais bocas do que o pretendido originalmente. — Bella era a cozinheira deles, uma maravilhosa mulher crioula que estivera com Alaina e seu pai desde que se lembrava. Lilly pediu para acompanhar Alaina para o sul de Cimarrom. Sendo tão afeiçoada à jovem que tinha sido tão rápida em defendê-la, Alaina concordou que seria uma ajuda maravilhosa para ela e sua família, contanto que Lilly não se importasse com o isolamento.

Lilly não se importava, na verdade, ela não se sentia isolada. Ela tinha sido ajudada por uma das famílias de Seminoles que moravam nas proximidades, e ela sentiu como se tivesse chegado ao auge da civilização.

— Talvez você devesse apressar seu pai a entrar — disse Jennifer. — Acho que vou pegar sua luneta e ver se consigo descobrir quem está vindo.

— Qual é o problema? Você parece desconfortável – disse Alaina.

Jennifer olhou para ela e deu-lhe um sorriso triste.

— Não há nada, não que eu possa ver. Eu acabei de sentir um calafrio, isso é tudo.

Suspirando com irritação carinhosa, Alaina começou a descer os degraus da varanda. O pai dela! De fato, ele tomou algum cuidado e preocupação! O renomado Theodore McMann estava se comportando como uma criança pequena. Dê a ele uma nova árvore, e ele esquece tudo sobre o fato de que precisava comer para sobreviver.

E Alaina era insaciável. Uma maravilha, já que ela mal conseguia aguentar a comida ultimamente. Mas então, recentemente, seus padrões de fome estavam em um turbilhão quase tão grande quanto suas emoções. No começo, ela simplesmente não conseguia acreditar no que estava se tornando cada vez mais óbvio. Então ela ficou incrédula, com medo, excitada, ressentida; então temerosa, excitada, incrédula e ressentida de novo. Jennifer adivinhara no que Alaina não acreditara.

E hoje era hora de conversar com o pai dela. Ele estaria excitado além da crença, em êxtase. Como ela não sabia o que ela sentia ainda, pelo menos podia ser grata por saber que seu pai ficaria encantado.

Ela correu pelo gramado entre a casa e o bosque onde Teddy trabalhava tão intensamente com suas novas limas. Como sempre, quando ela o observou, seu amor por ele brotou dentro dela, e ela estava feliz por estar com ele. Ele precisava dela, não importava o quão inquieta ela se sentia agora.

Chegar da casa de Cimarrom a princípio fora muito estranho. De certa forma, a vida tinha sido muito parecida; ela havia trabalhado com Teddy, como ela queria. Tomava conta dele. As coisas deveriam ter sido as mesmas.

Mas elas não foram. As coisas nunca mais seriam as mesmas. Ela havia se casado com Ian. Ainda assim, muito tempo parecia ter passado agora. Ela deveria se sentir como se nunca tivesse existido.

Mas o mais irritante, ainda permanecia acordada à noite, lembrando-se de sua breve semana de casamento. E quando ela adormecia, para seu horror, ela sonhava. Vividamente. Sonhava com seu toque, seus olhos queimando enquanto eles a varriam, suas mãos… Tão talentosas.

Para sua absoluta surpresa, ela sentia falta de Ian. Ela sentia falta do som de sua voz, a sensação de seus olhos, quando eles queimavam nela, ou passavam por ela. Às vezes ela realmente doía por ele, e era uma tortura imaginar o que ele estava fazendo.

Tudo o que ela sentia por Peter O'Neill havia morrido naquele dia em Cimarrom. Tudo. Era como se ela tivesse usado viseiras e elas tivessem sido levadas. Mas com Ian, as coisas eram certamente bem diferentes. Ele permaneceu em Washington, onde a mulher com quem ele pretendia se casar vivia.

Ela tentou dizer a si mesma que não estava com ciúmes, que isso não importava. A sociedade permitia que homens… fossem homens. Não era apenas aceitável que eles fizessem o que desejavam; era esperado.

Então, por que ela passou seus dias em tormento, fervendo, imaginando? Era tão frustrante simplesmente porque ela não tinha poder algum? E pior…

Ele pode estar em qualquer lugar. E ela pode estar incrivelmente longe de seus pensamentos, uma insignificante para ele. Enquanto a vida que eles criaram juntos crescia dentro dela.

Ele poderia esquecê-la, mas ela não conseguia esquecê-lo. A situação era quase risível. Ela pensou que tinha tido algum tipo de gripe no começo; na verdade, ela pensou por um bom tempo que ela pegou uma estranha doença estomacal que ela não conseguia se livrar. Na verdade, levou dois meses para ela perceber que era tristemente ingênua e quase incrivelmente estúpida, sua semana com o marido poderia ter sido breve, mas aparentemente bastante oportuna.

Houve um tempo em que tudo o que ela pensava que queria era voltar para casa aqui, livre e viver a vida que levara antes. Bem, ela tinha o que queria. Mas a vida tinha torcido nela. Ela queria mais. Ela nunca tinha pensado em si mesma como isolada antes. Agora ela sentia como se o mundo estivesse girando sem ela.

Ian não estava de volta na Flórida há mais de quatro meses. Mas para cada mês ela recebia uma carta dele, entregue por um militar diferente em trânsito para Fort Taylor, em Key West.

Mas as cartas de Ian eram distantes; educado e cortês, mas ainda assim distante. Era como se ele tivesse percebido a loucura do que ele fizera. Sendo Ian McKenzie, naturalmente, ele não pensaria em recuar.

Mas talvez isso não pudesse impedi-lo de se arrepender. Especialmente agora, com eventos em todo o país se movendo tão rápido e furiosamente. Alaina recebera cartas de Sydney, que permaneceu em Charleston, onde os políticos da Carolina do Sul transmitiram sua intenção de retirar seu estado do domínio tirânico da União, caso Lincoln fosse eleito. O Presidente Buchanan, ao que parece, estava fazendo pouco para diminuir a tensão no ano eleitoral, e ele parecia estar fechando o cerco em relação à pergunta da escravidão. Alaina até recebeu uma agradável carta de seu cunhado Julian McKenzie, que a entreteve com histórias sobre as forças da milícia voluntária de St. Augustine e com as letras das novas canções sendo escritas. Era bem verdade que uma boa porcentagem dos policiais que tinham vindo de West Point e outras escolas militares eram sulistas, homens que podiam andar excepcionalmente bem e manusear seus braços com perícia, enquanto os nortistas estavam encontrando trabalho cada vez mais em fábricas e escritórios. Mas de acordo com Julian, os cidadãos da Flórida estavam se armando para o que quer que viesse. De fato, o país estava girando rapidamente em tempos excitantes e revolucionários.

Teddy alegou que eles tiveram sorte de estar tão longe de tudo o que estava acontecendo. Enquanto a maioria das pessoas acreditava que o país se separaria e ambos os lados o aceitariam como inevitável, uma vez que eles não poderiam concordar com certas questões, Teddy achava que definitivamente haveria guerra. Ele disse que era a visão realista.

Parecia estranho para Alaina que seu pai estivesse tão certo, e realista. Teddy era um sonhador. Um cientista, mas um sonhador, e suas árvores frutíferas eram o centro de todo o seu trabalho. Ele estava experimentando com eles por muitos anos agora, mas suas novas pequenas árvores eram seus queridinhos. Enquanto caminhava em direção ao pai, Alaina refletiu com certa dose de humor que era como uma criança competindo com muitos outros pela atenção de Teddy.

Quando ela se aproximou do pai, ela foi surpreendida pelo súbito grito de um pássaro. Talvez fosse o jeito que soava contra o dia claro de verão; talvez fosse a solidão simples e aguda do grito. Mas algo dentro daquele som de repente a arrepiou apesar do calor penetrante do dia. Ela parou de andar e olhou para o céu, alarmada pela súbita sensação de pressentimento que a enchia.

Jerome tinha avisado para estarem atentos. E eles foram cuidadosos. Seu pai postou dois homens em guarda todas as noites. Mas seus

trabalhadores estavam no campo agora e o calor os deixava menos alertas. Até mesmo o pessoal da casa estava andando devagar nos dias de hoje.

Havia fuzis carregados no armário da sala. As espadas de esgrima de Alaina estavam em frente a ela. Mas ela não se atreveu a voltar para casa. Se houvesse problemas, Jennifer iria para as armas. Jennifer, que poderia mirar como um atirador de elite.

O pássaro soltou um grito novamente. A brisa pareceu ficar imóvel, depois crepitar com um ar de perigo.

— Papai? —, ela chorou. Parecia crítico que ela o alcançasse. Ela começou a correr.

Alguém estava correndo. Aves de repente explodiram acima do bosque de lima de Teddy, e dois homens fugiram do abrigo das árvores, correndo para o sul em direção as águas rasas entre eles e o continente. O movimento deles era desajeitado. Eles estavam vestidos com roupas escuras, imundas e esfarrapadas, e ambos tinham cabelos longos e barbas ásperas e desgrenhadas.

Alaina olhou para eles com horror, percebendo que o movimento deles era tão difícil porque estavam acorrentados. Eles tinham sido acorrentados aos pulsos e tornozelos, mas tinham quebrado os elos no centro, permitindo-lhes uma certa liberdade enquanto ainda arrastavam o peso. As correntes tiniam e rangiam enquanto corriam, fazendo um barulho tão ameaçador quanto o grito estridente dos pássaros. Alaina percebeu subitamente que ela havia parado, olhando para os homens.

Então ela ouviu gritos vindos da direção da baía. Ela se virou. O pequeno lançamento que ela e Jennifer tinham visto vindo em direção à ilhota tinha entrado. Três soldados saíram dele, mergulhando na água rasa, correndo para a terra.

— Pare! — Um deles gritou.

Ela se virou novamente. Eles estavam gritando para os condenados.

Os homens ignoraram o comando e continuaram correndo.

— O que em nome de Deus — Teddy McMann gritou em voz alta e com raiva.

Mas suas palavras foram cortadas por uma surpreendente explosão de tiros quando os soldados atiraram nos homens acorrentados, que também estavam armados. Eles instintivamente se abaixaram ao som do tiroteio, depois se viraram e trocaram fogo.

— Espere! — Alaina chorou, incrédula. — Pare!

Mas os soldados continuaram atirando. Eles estavam tão concentrados em sua busca, que pareciam ignorar o fato de que ela e seu pai estavam lá no meio do fogo cruzado.

******

— Que dia perfeito —, disse Ian.

Ele desnudou-se até as calças e se esticou na parte de trás do pequeno veleiro de Jerome, Windrunner. O céu estava sem nuvens. A brisa era apenas o suficiente para encher as velas e acariciar suas bochechas aquecidas pelo sol sem deixar a água agitada. Eles pareciam patinar na água.

Jerome estava manejando o leme e guiando a vela. Ian não tinha nada a fazer além de descansar onde ele se esparramava tão confortavelmente. Fizera a viagem da Capital até Charleston, via pacote do governo, e depois passeava com um mercador de Charleston até St. Augustine, onde procurara o irmão, forçara-o a viajar para o sul e encontrara transporte naval para os dois até o cais de seu tio. Como Ian, Julian foi despojado do estilo pirata apenas para calções e esticado do outro lado do leme.

— Dia perfeito —, Julian concordou. Ele sorriu para o irmão e olhou para Jerome, que balançou a cabeça tolerantemente.

— De fato, perfeito —, Jerome disse ironicamente.

— Você pode se esticar e nós podemos trabalhar por um tempo —, Julian ofereceu culpado.

— Sim, deveria funcionar dessa maneira, não deveria? —, Disse Jerome. — Fique onde está. O Windrunner ainda é novo o suficiente para mim e eu aprecio a sensação de levá-lo através da água.

— Ele é o seu melhor trabalho até agora —, disse Ian, afirmando um fato, em vez de elogiar seu primo. A velocidade com que eles estavam cortando a água era verdadeiramente impressionante.

E estar na água era uma boa sensação para Ian. O vento contra seu rosto, o sol queimando em sua carne, o céu sem fim acima dele. Era bom estar com seu irmão e primo, bom para velejar, bom ter o dia livre. Ele sentia

falta da água quando estava fora, sentia falta do sol. O calor do verão já estava diminuindo no norte, mas aqui, o menor resfriamento estava começando a acontecer à noite. Era um belo dia. A brisa do oceano os impedia de sentir o calor do fim do verão. Não havia nada como a água em um dia cristalino, quando o sol estava baixando em toda a sua glória. O calor parecia aliviar todas as dobras e frisos nas articulações e nos ossos. Mais. Parecia aliviar a turbulência que continuava a assolar o mundo.

As eleições presidenciais estavam a apenas três dias de distância, e o país inteiro parecia estar respirando coletivamente, esperando.

Retornando a Washington após sua saída, Ian se viu trabalhando em meio período com os cartógrafos do exército e em meio período com jovens recrutas, perfurando, treinando, ensinando.

A nação estava se preparando lentamente para a guerra. Na maior parte, ninguém queria acreditar que poderia haver uma guerra. Para aqueles que estavam do outro lado, ansiosos pela excitação, se houvesse uma briga, seria tratada com rapidez.

Ainda assim, a maioria dos militares esperava. Esperavam pelas eleições, esperavam para ver o que seus estados individuais fariam.

Ian tinha trabalhado duro, já que o trabalho em si podia ser um tônico, exaurindo-o ao anoitecer, de modo que ele não se demorou nas muitas situações que atormentavam sua mente.

Ele viu Risa na sua primeira noite de volta. Ela havia descido correndo os degraus da casa de seu pai para abraçá-lo e beijá-lo. Ela cheirava limpa e docemente a lavanda, seu cabelo escuro macio como seda, seus olhos violeta brilhando com lágrimas de felicidade quando ela o cumprimentou. Seu beijo realizou uma sedução mais evocativa do que ele jamais sentiu dela. Uma promessa de paixão que era docemente tentadora.

De alguma forma, ele quebrou aquele beijo. E ele tentou explicar.

Naturalmente, ela ficou chocada.

Ela nunca chorou. Não na frente dele. Ela tinha muito orgulho. Ela disse a ele que entendia, ela realmente entendia? e ela disse que estava feliz por nunca ter mencionado uma palavra ao pai, que estava esperando que Ian o fizesse. Desta forma, ela disse com calma, controle racional, ninguém mais estava envolvido, ninguém ficou ferido.

Mas ela havia se machucado e ele sabia disso. E ele descobriu que estava machucado de uma maneira que nunca imaginara ser possível. O

mundo tinha estado tão são antes. Ela tinha sido o futuro dele. Houve uma diferença entre amor e luxúria. Seus casos casuais teriam terminado naturalmente quando eles se casassem, e ele e Risa teriam sido tudo um para o outro, amigo, confidente, amante…

Exceto que não era para ser.

Risa realmente era a parceira perfeita para ele. Ela era filha do Coronel Magee, digna, bonita, culta, admirada pelos amigos e inimigos do coronel. Ian tinha medo de analisar seus sentimentos por ela. Situações sociais continuamente os jogavam juntos, e era difícil manter distância. Ele se importava demais para que Risa se desonrasse de qualquer maneira, ou a machucasse mais do que ele poderia evitar.

Seu caso com Lavínia agora parecia um empreendimento tão insignificante e sem valor, e, embora pudesse culpar Alaina pelo que acontecera, era igualmente culpado. Quando Risa correu para ele com uma paixão tão doce, ele se perguntou por que, além de luxúria e ego masculinos tolos, ele arriscara um futuro com Risa em uma forma tão fantasiosa de jogo. Ele percebeu, vendo Risa, o quanto ele tinha vindo a amá-la, e ainda estranhamente, ao mesmo tempo, percebeu que seus sentimentos por Alaina o deixaram em uma tempestade também. Ele desejou sua esposa; ele se sentia responsável por ela… e possessivo. E, embora estivesse feliz por ter tempo a sós com Risa para explicar o que havia acontecido, sinceramente, toda a verdade, inclusive sua parte no caso, lamentava ter permitido que Alaina voltasse para casa.

Risa estava perto dele com muita frequência, tão bonita e tão impecavelmente bem-educada. Falando tão inteligentemente em qualquer assunto. Encantando todos perto e longe. E ainda tentando ser sua amiga apesar do modo como seus lindos olhos violetas se turvavam toda vez que se encontravam.

E tudo piorou com o temperamento do país.

Beber com os amigos à noite em D.C. poderia rapidamente tornar-se muito mais um pesadelo do que um prazer. Muitos homens estavam quietos, esperando, preocupados, imaginando o que eles fariam quando “chegasse a hora”. Muitos ainda juravam que haveria um compromisso. Mas militares de longa data já estavam renunciando. Vários estados organizavam sessões legislativas de emergência para lidar com a situação, caso surgisse uma situação após as eleições. Grupos de milícias formavam direita e esquerda. Muitos homens eram impetuosos e arrogantes, jurando que iriam “gritar” o outro lado em uma única batalha. Seria divertido, seria glorioso.

Tudo acabaria tão depressa…

— Você comentou que era um dia perfeito —, Jerome disse a ele, olhando para a vela enquanto ele a abaixava apenas um fio de cabelo. Então ele olhou para Ian. — E não que eu não esteja feliz em servir, mas quando começamos, você estava sorrindo e contente. Eu serei amaldiçoado se eu ficar aqui fazendo todo o trabalho enquanto você faz cara feia e choca.

Ian sentou-se, encolhendo os ombros e sacudindo a cabeça.

— Você está pensando nas eleições? —, Perguntou Julian.

— Eu estou.

Jerome olhou para a água.

— Há uma boa chance de que um candidato aceitável seja eleito.

Julian acrescentou:

— Ninguém acha que Lincoln possa vencer. Ele nem está nas nossas eleições estaduais.

— Mas —, disse Ian, — todo mundo está falando sobre separação e guerra de qualquer maneira.

— Não há nada como estar preparado —, Jerome murmurou.

— As cidades estão formando unidades de milícia —, disse Julian. — Eu já fui convidado para servir como cirurgião com um grupo de meninos de St. Augustine. Comandantes aposentados estão se tornando oficiais, e metade do estado treina constantemente.

— Se a separação chegar, provavelmente não haverá escassez de comandantes capazes no Sul —, disse Jerome, olhando novamente para Ian. — Eles vão se demitir das forças armadas federais e assumir novas posições. E eles vão entrar com bons altos escalões. Você poderia ser o coronel McKenzie, diabos, você poderia fazer sua própria brigada com pouco esforço e se tornar um general em pouco tempo.

— Então… Você está para a separação? — Ian perguntou a ele.

Jerome olhou para a água novamente.

— Não importa se eu estou ou não estou, a Flórida está se preparando para separar-se, acho que metades dos políticos neste estado estão esperando que seremos forçados a nos separar. Posso prometer-lhe isso: a Flórida pode não ser o primeiro estado fora do sindicato se tratando de uma

divisão, mas ela vai seguir o primeiro estado de algodão o mais rápido que puder.

— Eu não perguntei sobre o estado —, disse Ian — Eu quero saber seus sentimentos sobre o assunto.

Jerome hesitou por um longo momento, olhando para a água.

— Sou por separação? Não, eu não sou. Eu acho que os fundadores trabalharam duro para criar um novo país, e tanto nossa independência quanto nosso crescimento nos tornaram fortes. Eu acho que as indústrias do Norte apoiam a agricultura do Sul, e que nossas diversas qualidades e povos são o que nos tornam únicos. Então eu sou por separação? Não. Eu não sou dono de escravos, e eu não acho que um de nós poderia ter crescido até a idade adulta sem ter a lição da importância das liberdades pessoais ensinada para nós. Eu sou Seminole, lembre-se. Eu sempre respeitei sua escolha de se juntar aos militares, Ian, e até meu pai tem bons amigos no exército. Mas na minha casa, e entre o pessoal da minha avó, é difícil esquecer que foram os homens que usavam o uniforme azul federal que massacraram os seminoles tão impiedosamente, considerando-os selvagens, pessoas menores do que eles. Meu coração está com meu estado. Se a Flórida se separar, eu estou com ela. Se houver guerra, então estou do lado do meu estado.

Ian balançou a cabeça lentamente, observando o sol brilhar na água, observando como seu primo habilmente desenhou a vela para aproximá-los da costa.

— Julian? — Ele disse para seu irmão.

— Ah, bem —, Julian disse suavemente, — eu não estou pronto para decidir a questão até o momento. Às vezes me sinto como Jerome; meu coração está com meu estado. Então penso em meu pai, e com que firmeza ele sempre defendeu a crença de que homens bons e maus vêm em todas as cores e raças. Eu não apoio a escravidão.

— Eu não apoio a escravidão —, Jerome argumentou, — mas eu apoio o Sul.

— Como você pode fazer as duas coisas? — Ian exigiu.

Jerome balançou a cabeça, olhando para a água.

— Senhores, supostamente a questão não é escravidão. A questão é um direito do próprio estado de fazer escolhas. A escravidão não é econômica no Norte, naturalmente, então, é fácil para os nortistas pensarem que a

"instituição peculiar" pode ser lançada logo de cara. Acredite em mim, Ian, vejo todos os lados. Eu gostaria que às vezes eu não o fizesse.

— Se a Flórida se separar, ela terá uma estrada difícil pela frente, — Ian murmurou.

— De que maneira? — Jerome perguntou.

— Você sabe tão bem quanto eu, há muito litoral! Ela estará vulnerável a ataques e seus colegas estados de algodão…

— Seus colegas estados de algodão vão precisar de seu apoio —, disse Jerome ferozmente. — A Flórida é uma cesta de alimentos, com a quantidade de gado que criamos. E depois há sal, meu Deus, sal será inestimável em caso de guerra. Há fortes federais importantes no estado, que imagino que o estado assumiria imediatamente se a Flórida se separasse. Pessoalmente, gostaria de ver alguém encarregar-se dos restos mortais de Fort Dallas.

Ian olhou para Jerome.

— Houve algum problema? —, Ele perguntou preocupado.

— Nenhum problema real. Mas imagino que seja uma questão de tempo. Indecisos, refugo, desertores do exército, todos chegam lá. Os donos ingleses parecem não ter planos para a propriedade, e por isso é um convite aberto a assassinos e ladrões. O exército entra de vez em quando para tentar uma limpeza. Arrastei três homens que tenho certeza que causaram o naufrágio de uma escuna da qual eles tiraram algum salvamento. Isso cria um perigo, isso é certo.

— Talvez eu devesse forçar Alaina a voltar para Washington comigo —, Ian murmurou.

— Jennifer está quase sempre com ela; Lawrence trabalha as águas logo depois de Belamar. Estamos perto, e ainda… bem, Teddy tem ajuda na ilhota, é claro. Eles têm rifles, algumas armas…, mas Teddy sempre espera o melhor das pessoas. Ele só recentemente começou a carregar as armas que mantém na casa.

— Por que ele fez isso recentemente? — Ian perguntou.

Jerome olhou para ele.

— Eu sugeri que ele fizesse isso.

— Teddy é um pouco sonhador, mas ele não é um idiota —, murmurou Julian. — Olha, Belamar está aparecendo.

Ian olhou através da água brilhante. Ele podia ver Belamar à frente deles agora. A parte nordeste da casa de madeira agradavelmente espalhada de Teddy era claramente visível do ângulo deles.

Alguém estava na varanda. Alguém de cabelos escuros. Sua prima Jennifer, ele pensou.

Onde estava Alaina?

Perto. Muito perto.

Ele estreitou os olhos, assustado pelo calor estranho e aceleração que se apoderou de seus músculos, espalhando-se por seu torso e membros.

Ele estava ansioso para vê-la. Fazia muito tempo. Um tempo longo, desconfortável e atormentado para ele. Dias em que ele queria que Risa o atacasse e condenasse. Noites, quando parecia que ela insinuava que ainda o amava, noites em que parecia quase inevitável que ficassem juntos. Noites, quando ele iria para cama pensando em Risa, suas risadas, suas convicções, olhos, voz, cheiro…

No entanto, ele iria dormir.

E, no sono, ele se viu sonhando em se entrelaçar com outra mulher, aquela que ele conhecera. A esposa dele. Ele estava muito ansioso para segurá-la novamente, quase desesperado pela noite.

Ele franziu a testa de repente quando seu curso os desviou em um ângulo mais ao norte, permitindo-lhes uma melhor visão da largura da Ilha Belamar. Um pequeno barco foi levado até a cabeça da praia.

Uma súbita enxurrada de tiros explodiu tão alto que eles puderam ouvi-lo claro como o dia, mesmo à distância.

— Jesus! — Julian respirou.

Mais tiros.

Então…

Um grito agudo de uma mulher, alcançou-os sobre a água.

CAPÍTULO DOZE

— Que diabos? — Ian perguntou, equilibrando-se sobre seus pés. Ele ficou observando enquanto os soldados avançaram, ainda atirando. — Doce Jesus, que diabo está acontecendo lá?

— Eu não sei. Em si Belamar, tem sido tranquila como um cemitério. Ian, Julian, peguem a vela; vamos deixá-la por todo o caminho. Podemos estar na ilhota em questão de minutos —, disse Jerome.

Ian e seu irmão assumiram o controle da vela enquanto Jerome sentou-se contra a popa do barco, todo o seu peso na cana do leme para trazê-los para o vento. Eles pareciam roçar acima da água.

O grito ecoou na cabeça de Ian. O medo encheu-o, juntamente com uma ansiedade desesperada para chegar a Belamar.

Ele não deveria tê-la deixado aqui!

Ele tinha que chegar à ilha, tinha que alcançá-la agora, neste segundo, teve que parar tudo o que estava fazendo.

Uma voz interior zombou dele. Oh, ele tinha que alcançá-la agora? Ele esteve ausente por meses! Seu coração parecia estar na garganta.

— Há certamente alguma explicação; os militares não podem estar atirando em Teddy —, disse Jerome.

— Certo —, Ian concordou. Eles estavam se aproximando do lado da costa arenosa da ilhota. Tinham chegado à área com velocidade incrível, porque os três não precisavam de comandos; eles trabalharam em silêncio. Quantas vezes eles haviam navegado juntos, trabalhado juntos. Tocaram juntos. Nos tempos passados, quando crianças, eles brincavam de soldados e índios, perseguindo-se uns aos outros. Escapando, descobrindo. Lutando. Às vezes ganhando, às vezes não. Às vezes, argumentando, com Ian e Julian querendo ser os índios, enquanto Jerome e Brent tinha que ser os soldados. E na ocasião, as meninas, sendo criaturas teimosas, insistiam em fazer parte das brincadeiras também. Procurando um ao outro em tocas escondidas, soltando seus gritos de guerra no ar. Discutindo, explorando, brincando… Se unindo quando era necessário.

— Alguém tem armas? —, Perguntou Jerome.

— Eu tenho minha bolsa médica —, disse Julian.

— Meus Colts[5], lá, com meu casaco —, disse Ian.

— Colts, dois deles? Jogue um por cima, eu só tenho meu rifle.

— Me dê o rifle —, disse Julian.

Jerome jogou-lhe o rifle. Ian foi para o Colts, jogando um para Jerome quando eles encalharam o veleiro.

Houve outra saraivada de balas quando os três saltaram do barco para a água e começaram a correr para a praia e depois atravessaram o relvado irregular e cheio de areia até os bosques que cresciam em direção ao continente.

******

— Alaina! Abaixe-se, Alaina! —Teddy gritou para ela.

Ela encontrou os olhos de seu pai através da distância que ainda os separava. Eles eram claros e azuis e estavam focados nela; ela teve sua atenção agora. — Abaixe Alaina, abaixe agora! —, repetiu ele.

— Papai! —, ela gritou de volta. — Você se abaixa, está me ouvindo? Abaixe-se.

Os homens do exército estavam correndo em direção a eles.

Os homens acorrentados estavam mais próximos.

— O homem mais velho! Pegue o velho como um escudo! —, um dos condenados gritou. Ele era mais escuro, mais rude do que seu companheiro, talvez mais velho.

— Papai, corra para mim, temos de sair da linha de fogo! —, gritou Alaina.

Teddy tentou correr.

Ele não era rápido o suficiente.

5 Um modelo de arma, revolver.

O homem mais jovem veio mancando rapidamente atrás do seu pai e jogou um braço em torno de sua garganta. Ele arrastou Teddy contra ele, em seguida, olhou para Alaina, seus olhos ficando mais amplo. Ela percebeu que os homens não a tinham visto até aquele momento; seu pai havia bloqueado sua visão dela.

— O velho! — O jovem condenado bufou. — Por Deus, pegue a mulher! —, Gritou.

A garganta de Teddy estava em um bloqueio de morte. Seu rosto estava ficando vermelho.

— Você, solte meu pai! — Alaina gritou furiosamente, tanto medo por seu pai que ela não podia permitir-se o luxo de medo pessoal. Ela explodiu em movimento.

Suas ações foram imprudentes; mas naquele momento, tudo o que ela viu foi à fúria vermelha-sangue e o perigo que ameaçava Teddy.

Ela correu como uma louca em direção a Teddy e seu atacante, atirando-se contra o homem e martelando furiosamente na parte de trás.

— Thayer, pegue-a! —, O jovem gritou.

O homem mais velho severamente obedeceu, apertando seus braços ao redor dela. Ela continuou lutando como uma tigresa, jurando. Então ouviu um clique e viu que o homem mais jovem tinha trazido sua arma contra a têmpora de seu pai.

O sujeito não era apenas esfarrapado e sujo. Ele tinha uma aparência magra, faminta sobre ele como uma raposa, que não comia há muito tempo. Seus dentes estavam quebrados e manchados de tabaco; seus olhos eram de um estranho, azul pálido, muito mais inquietante do que suas palavras.

— Pare cadela, — ele disse simplesmente —, ou eu vou explodir o cérebro do seu pai em todo o seu vestido branco. Ela é bonita, né? Aqui fora neste inferno. Ela é uma refém melhor, eu diria. Não me importaria de tê-la comigo esta noite, não, senhor.

— Você deixe minha menina ir —, disse Teddy. Sua voz era calma. Ele parecia imune ao aço contra seu crânio. — Eu vou protegê-lo todo o caminho de volta para esses manguezais acolá. Cem homens poderiam procurar uma semana e nunca o encontrar lá.

— Papai, eu estou bem, e eu posso cuidar de mim mesma, — Alaina assegurou a seu pai. Podia? Contra estes, tolos assassinos imundos? Sim. Ela virou-se para os condenados. —Tudo bem, você seu desgraçado vil.

Tudo bem, seus safados bastardos. Você deixa-o ir! Você não pode ver que você está estrangulando-o? Deixe-o em paz, e eu vou tirar você daqui, — Alaina prometeu, — mas você se afasta de meu pai, agora!

O condenado de olhos pálido sorriu. O chiado de luz em seus olhos a fez se sentir mal, mas isso não importava. Tinha que ter os homens longe de Teddy.

— A menina vem com a gente —, disse ele.

Mas, então, o dia foi recentemente abalado por outra saraivada de tiros. O condenado que a segurava jurou.

— Exército idiota maldito! —, Ele gritou. — Atirando em nós enquanto estamos mantendo reféns! Mova-se, menina, mova-se!

— Papai — Alaina começou.

Mas ela não viu Teddy porque o condenado mais velho a segurava pelo cotovelo e violentamente a puxou junto com ele, levando-a cerca de seis metros em direção à costa leste.

A água parecia rasa. Parecia que o continente poderia estar a uma caminhada na água.

Mas a maré estava subindo. Quando fazia isso, subia rapidamente. Agora, uma pessoa que não soubesse nadar poderia passar pelas águas rasas. Do outro lado, porém, a água subiria sobre suas cabeças.

Alaina estava familiarizada com a ascensão e queda da água sobre a sua pequena ilhota como era a ascensão e queda do sol. Mas o condenado cutucando-a juntamente com seu aperto impiedoso provavelmente não entendia uma coisa sobre as ilhas, recifes, ou as marés.

Alaina o deixou arrastá-la para a água.

Ela tinha pouca escolha.

No entanto, sua rota de fuga poderia ser sua melhor chance. Ela esperava que os homens fossem decidir que eles não precisavam de seu pai. E se Teddy foi levado para a água atrás dela, bem, ele era um excelente nadador, também.

O sotaque de seus captores era do Norte; rezou para que eles nunca tivessem tido a oportunidade de aprender a nadar.

— Bem, eu tenho a melhor parte deste negócio, — o homem empurrando-a ao longo murmurou. — Você pode me mostrar como desaparecer entre os manguezais e sobreviver lá. Você pode até descobrir que gosta do velho Ned, né, mocinha?

Ned era nojento. Ela o mataria antes que ela pudesse descobrir se gostava dele.

Mas ela tinha que saber que Teddy estava seguro em primeiro lugar.

Ela tentou olhar para trás e ter certeza de que seu pai estava bem. O condenado a puxou com tanta força, a sua arma empurrando com força contra as suas costelas todo o caminho, que ela não podia nem olhar ao redor.

— Você não precisa fazer isso. Se meu pai estiver seguro, eu vou levá-lo até lá sem protesto! —, ela gritou.

— Basta manter-se em movimento. Rápido. Eles estão bem atrás de nós.

Chegaram à água.

O condenado enfiou a arma contra as costas de Alaina.

— Mova-se! Agora!

Alaina entrou na água.

******

A distância entre a praia nordeste e o bosque não passava de uns 400 metros, com outros 800 metros de bosque se aglomerando em uma área de bom solo antes que poucas ervas e as esporas dariam lugar à praia de areia novamente, mergulhando na enseada que inundou com a maré alta.

Ian, Julian, e Jerome atravessaram a distância com tal velocidade que eles chegaram ao bosque de limas, juntamente com os três soldados uniformizados.

E Jennifer.

— Onde está Alaina? — Ian exigiu de sua prima.

— No bosque, em direção à praia, eu não sei! — Jennifer disse desesperadamente.

Ian começou a correr. Um tiro foi disparado por cima da cabeça. Ele girou de volta.

Um dos soldados tinha disparado sobre sua cabeça. Ele sentiu seu temperamento subir.

— O que em nome de Deus está acontecendo? — Ian perguntou. Ele não conhecia nenhum dos três homens muito verdes e muito jovens que estavam tentativamente bordeando através das árvores.

— E quem diabos é você para perguntar? — O mais velho do trio, um garoto arrogante com alguns fios de barba no queixo, exigiu em troca.

— McKenzie. Major McKenzie, — Ian informou-os, estreitando os olhos. Ele caminhou rapidamente em direção ao menino, arrancando a arma de sua mão. — Agora me responda!

— Estamos atrás de dois homens —, o menino disse rapidamente, castigado. Ian não tinha certeza se o menino tinha sido intimidado por sua posição, ou pela visão de Jerome, e Julian caindo sobre seu trio estranho. — Dois desertores; eles fizeram o seu caminho para o velho Forte Dallas, roubando alguns bons cidadãos ao longo do caminho. Homens armados, perigosos e desesperados. Nós temos que pará-los.

O próprio garoto parecia desesperado então. Havia algo como o som de um pequeno soluço no final de suas palavras.

Ian olhou para o bosque e viu por quê.

Um dos condenados caído.

E Teddy em cima dele.

— Oh, Deus! — Estômago de Ian deu um nó. Ele correu e se ajoelhou por seu sogro.

— Alaina, — Teddy sussurrou uma respiração ofegante.

— Vou buscá-la, eu prometo —, disse Ian.

Ele se levantou todos os seus músculos parecendo se contrair com medo.

— Onde está minha mulher? —, perguntou ele.

— Quem?

— A mulher! — Jerome berrou.

— A água… —, disse o soldado.

Ian se virou e correu.

******

Alaina tentou tomar seu tempo, permitindo que a água tivesse uma chance maior de subir mais.

O condenado a empurrou por trás. A água tornou-se mais e mais profunda enquanto se moviam através dela. O condenado começou a jurar.

— O que está acontecendo aqui? Você está tentando me afogar, menina?

— A maré está subindo; eu não tenho nenhum controle sobre ela.

— Você sabia que ia subir!

— A maré sempre sobe.

— Você pretendia me arrastar para fora e afogar-me!

— Eu não arrastei você a qualquer lugar!

— Se eu morrer, você morre. Se eu for para baixo, você vai para baixo comigo! —, Ele prometeu a ela.

— Desgraçado! Eu não o ataquei, eu nunca ameacei você!

— A culpa é do exército sangrento, senhora!

Sua cabeça caiu de repente quando uma onda caiu sobre eles. Sal picado seus olhos.

O condenado inalou irregularmente quando a onda se foi.

— Me tire daqui, me leve para terra agora! —, Ele ordenou. Seus olhos se estreitaram. — Eu gostaria de ter você por perto hoje à noite, garota, mas é melhor você cuidar. Eu vou te matar se você tentar alguma coisa, eu juro que vou! —, Alertou.

Sua arma encravou contra suas costelas. Seu tiro ainda era bom? Sua pólvora estaria encharcada.

Ela tinha que fazê-lo com cuidado, tinha que fazê-lo direito, mas era hora de tomar sua chance e fugir.

Por um minuto inteiro, ela seguiu em frente dócil como um cordeiro, guiando-o, como ele ordenou através do aprofundamento da água em direção à costa carregada de mangue.

Então ela empurrou contra ele com toda sua força.

Ele jurou; ele estendeu a mão para ela novamente, e perdeu o controle sobre a sua arma. Foi descendo na rocha, areia e algas.

— Cadela! —, Ele rugiu, e embora ela quase tenha escapado dele, seus dedos morderam o material de seu vestido de dia branco, puxando-a para trás. Eles começaram a lutar na água. Alaina sabia que sua força estava em escapar de um sólido aperto de dedos. Tudo o que ele tinha agora era material; ela tinha que encontrar uma maneira de fugir.

Ela conseguiu recuar para baixo da água, evitando os dedos dele tateando a cada vez.

Então, de repente, ele percebeu que estava se afogando e entrou em pânico.

Ele não tentou mais matar Alaina; ele estava se agarrando a ela. Ela estava quase livre, mas ele tinha o vestido dela. Ela tentou desesperadamente arrancar e rasgar o tecido e voltar para a superfície.

Ela o chutou com força no peito. Sua compreensão diminuiu, mas não podia mover-se rapidamente o suficiente nos volumosos pesos de sua roupa. Ela precisava se livrar da saia antes que ele recuperasse sua força e a agarrasse novamente.

Ela trabalhou diligentemente no tecido, tentando com todas as forças rasgá-lo.

Então ela gritou, quase inalou, quase morreu, quando sentiu outro conjunto de braços em volta dela. Um momento de pânico se apoderou dela.

Houve uma mão à sua frente.

Empunhando uma faca.

A faca pegou a luz brilhante do sol, mesmo através da água, e brilhou prateada.

Meu Deus, eles iam matá-la, cortá-la, cortar sua garganta.

Não.

A faca brilhou uma vez, em seguida, novamente e novamente.

Cortou o tecido. Libertando-a do volume de afogamento. Ela chutou com força, vindo à tona. Ela inalou profundamente, pisando na água. Os quase dois metros que a separavam agora dos dois corpos que se debatiam na água. Ela nadou forte, afastando-se, observando a água agitada o tempo todo.

Em seguida, uma cabeça rompeu a superfície, e ela pensou que estava morrendo depois de tudo, e tendo alucinações no processo.

Era Ian.

— Meu Deus! —, ela respirava.

— Você está bem? —, Ele exigiu olhos duros nela, como cobalto como a água. O cabelo estava escuro e molhado com água. Os ombros de bronze nus.

— Estou bem. Meu pai…

— Você não está ferida?

— Não, mas meu pai…

— Vamos voltar—, disse ele, cortando-a com voz rouca. Havia algo estranho sobre seu rosto, seus olhos. Ou havia? Ela não o tinha visto em muito tempo. Naturalmente, ele pareceria estranho. Meses se passaram. Ele tinha mais ou menos a abandonado nesta ilhota para prosseguir a sua própria vida.

Ela queria estar aqui, ela se lembrou. Ela estava disposta a barganhar e negociar para ficar com o pai.

Ela simplesmente não tinha pensado sobre o quão difícil à separação seria.

— Eu posso nadar! — ela protestou rapidamente quando alguns golpes o levaram para o lado dela. Calor parecia vir junto com ele. Força, que ela parecia tristemente ausente naquele momento. Ele estava muito perto, muito sólido, músculos de bronze brilhando no sol e na água.

Alaina percebeu então que estava delirantemente feliz por estar viva, mas tão abalada por vê-lo. Ela não estava pronta, não estava preparada. E agora ele poderia pensar que este era um lugar muito perigoso para deixá-la. Ele iria querer que ela fosse embora. Não com ele. Ele a queria de volta em Cimarrom, tão longe de Teddy.

Querido Deus! Que tolices pensar quando a ilha ainda estava lotada de militares, e um homem decidido a matá-la ainda se escondia na água não muito longe.

— Ian, esse homem está desesperado. Ele virá atrás de nós novamente. Inferno.

— Ele não vai.

— Mas ele…

— Ele está morto —, Ian disse, sem rodeios. — Vamos.

Morto.

Seus olhos fixos em um ponto a três metros além de Ian.

Lá, o atacante derivava. Corpo submerso, apenas a ponta de sua cabeça flutuando acima da água. Na verdade, ele estava morto. Vida e morte, ambos tão fugazes.

Ela ficou aliviada; ela estava gelada. A morte era terrível, especialmente porque ela tinha acabado de escapar de seu alcance úmido.

— Alaina, vamos para a praia —, Ian insistiu com firmeza.

— Eu estou bem, posso me mover por conta própria.

Apesar de seu protesto, ele estava ao seu lado. Ele deslizou um braço sob os seios, rebocando-a junto com seus golpes poderosos, pois não parecia que ela se movia rápido o suficiente para ele.

Quando chegaram as águas rasas, ele a puxou contra ele. Tropeçaram em conjunto através da água e areia. Ela estava feliz. Mesmo o desfiado e restos esfarrapados de anáguas encharcados e saias eram extremamente pesados. Seus joelhos vacilaram.

Seus braços em volta dela eram favoráveis, lembrando-a de novo como ela o tinha perdido. Ela estava dentro de seu abraço, tremendo, apesar do calor.

Ele era um estranho depois de todo esse tempo, mas ela estava contente de vê-lo. Aquecida por sua presença. No entanto, ela sentiu que tinha de explicar, embora nada que aconteceu foi culpa dela.

— Eu estava quase livre, você sabe, Ian. Sou grata, é claro, que você veio em maneira oportuna. Naturalmente, estou muito contente com a assistência. Mas não somos descuidados, Ian. Este ataque foi tão repentino.

Ela tremia violentamente. Ela tinha que parar. Ela tinha que se controlar. Ela estava segura; eles estavam todos seguros. Ele havia chegado.

Ela olhou para ele, seus olhos alargando depois com espanto que ele poderia realmente estar lá, mas ainda perturbado pelo olhar em seus olhos. Ela estava conversando, conversando apenas por conversar.

— Como você pode estar aqui? — Ela exigiu agora. — Como você pode ter ido por tanto tempo e depois estar aqui… Na água?

— Eu vim com um navio correio da marinha que deixou o meu irmão e eu na casa do meu tio na noite passada. Estávamos a caminho com Jerome quando vimos o outro barco encalhar. —, ele disse a ela. — Agradeço a Deus que eu estava aqui —, acrescentou suavemente.

— Quem… quem… de onde vieram esses homens? —, ela perguntou.

— Eles foram condenados que se refugiaram no forte deserto —, disse ele.

— E o exército…

— O exército veio atrás deles.

Tinham chegado à terra seca. Alaina tropeçou; ele segurou-a. Ela sorriu com tristeza, agarrando-se ao seu braço enquanto caminhavam sobre a areia e esporas em direção ao gramado.

— Meu pai vai ficar tão feliz em vê-lo! Você certamente tem bom tempo. Eu ainda não tenho certeza de que eu entendo o que estava acontecendo, no entanto. Eu te juro, eu não sei o que está acontecendo em outros lugares, mas não tivemos o menor dos problemas em qualquer lugar perto daqui desde… Desde o último levante Seminole[6], que, é claro, não afetou Teddy e eu. Você tem que acreditar em mim. A ilhota é realmente muito segura…

Alaina rompeu. Ele não estava zangado.

6 Um membro de um povo indígena americano da Confederação Creek e seus descendentes, conhecido pela resistência no século 19 à invasão de suas terras na Geórgia e na Flórida. Muitos foram reassentados em Oklahoma.

Ela esperava uma palestra, no mínimo. Ela estava muito segura de si mesma, ela nunca percebeu o perigo que ela poderia estar, ela era muito imprudente.

Ela já tinha feito o erro de tentar convencê-lo que ela era perfeitamente capaz de cuidar de si mesma. E uma vez que, é claro, ela tinha sido confiante de que ela ficaria bem em qualquer circunstância.

Mas Ian ensinou bem, e ela aprendeu rapidamente.

E ela nunca esqueceria a noite à beira da piscina quando ele estava determinado a ensinar-lhe a lição de que ela não era invencível.

Mas ele não estava falando.

Ele estava estranhamente silencioso.

Ele não parecia impaciente com a insistência dela de que a ilhota era segura. Ele parecia aflito; seu semblante forte e escuro muito mais triste do que irado.

— Ian? —, ela murmurou preocupada.

Ele estava olhando além dela, e ela percebeu por que. À frente, no bosque, um grupo havia se formado em um círculo.

O condenado mais novo estava deitado de bruços ao lado de uma das limeiras de Teddy.

Moscas já zumbiam acima de seu corpo. Ele estava morto e Alaina não precisava saber que era assim. E em circunstâncias diferentes, ela poderia ter se importado.

E ela poderia ter se importado mais profundamente que o homem mais velho flutuasse morto em algum lugar no mar. Ela poderia ter se importado, simplesmente porque aprendera que toda a vida era preciosa.

Mas nenhuma vida era mais preciosa do que a de seu pai.

E Teddy estava no chão também. Soldados ficaram sem jeito nas proximidades.

Jerome e Jennifer se ajoelharam ao lado esquerdo de Teddy. Jennifer foi zelosamente rasgar a bainha de sua saia e anáguas em bandagens. Julian, com a maleta médica aberta ao lado, também estava trabalhando em Teddy, tentando estancar o fluxo de vermelho que penetrava em sua camisa e se derramava em uma poça no peito.

Julian rasgou a camisa de Teddy para melhor exercer pressão contra a ferida.

— Papai! — Alaina gritou. — Papai!

Ela soltou-se de Ian e arrancou em direção ao seu pai, com o coração na garganta, sufocando-a. Ela caiu de joelhos ao seu lado.

Seus olhos se abriram. Macio, bonito, gentilmente, azul suave. Eles se concentraram em cima dela. Ele sorriu. Ela agarrou sua mão. Passou os nós dos dedos em sua bochecha. Ela sentiu o menor movimento em seus dedos.

— Papai, vai ficar tudo bem. Nós vamos te levar para dentro, nós estamos…

— Alaina. Você está segura, — Teddy disse com uma careta.

— Eu estou bem, papai. E você vai ficar bem, também. Julian está aqui, e Ian. Jennifer, Jerome. Você sabe o quão bom Julian é papai, como ele sempre quis ser um médico. Julian pode mantê-lo vivo papai. Ele vai fazer você ficar bom, apenas ouça-o, poupe suas forças, faz o que ele diz.

Ele não parecia ouvi-la. Seus olhos pareciam estar se nublando.

— Alaina. Graças a Deus, graças a Deus.

— Você tem que ficar quieto, papai, poupe suas forças.

Ela olhou ansiosamente para Julian, mas ele estava olhando para seu irmão. Ela percebeu que Ian havia feito a Julian uma pergunta silenciosa.

E Julian estava balançando a cabeça.

— Não! — Alaina engasgou, olhando de Ian para Julian. — Não, Julian, você deve.

— Alaina, — Teddy respirava. Por um momento os dedos apertaram firmemente em torno dela. — Graças a Deus. Amo você, filha. Amo você.

— Papai, quieto, por favor, você tem que poupar suas forças. — Disse Alaina, alisando o cabelo branco. — Papai, eu tenho que dizer a você…

— Ian? — Teddy gritou, de repente, seu olhar mudando descontroladamente até que ele se concentrou sobre Ian.

— Senhor, eu estou aqui.

— Mantenha-a a salvo, — Teddy sussurrou. — Mantenha-a a salvo.

— Papai…

Mais uma vez, seus dedos enrolados em torno dela. Firmemente.

Em seguida, seu aperto afrouxou. Ele fechou os olhos. E morreu.

CAPÍTULO TREZE

Alaina estava inconsolável.

Em toda a sua vida, Ian nunca se sentiu mais desamparado. Ele tentou dizer as palavras certas para ela; isso não importava, ela não parecia ouvi-lo. Ele não podia dizer-lhe que as coisas estariam bem; elas não estavam. Teddy estava morto.

Alaina abraçou o corpo de seu pai, em primeiro lugar recusando-se a aceitar que ele tinha morrido, em seguida, recusando-se a deixá-lo ir. Ela pediu que ele respirasse, e ela disse que ele não poderia deixá-la.

Nem mesmo Jennifer poderia argumentar com ela.

Alaina sentou-se no bosque, a cabeça de Teddy em seu colo, abalada por lágrimas silenciosas infinitas que escorriam pelo seu rosto. Ian curvado para baixo ao seu lado, com os braços em volta dos seus ombros, olhando para Julian enquanto as lágrimas violentas sacudiram-na.

— Julian? —, Ele murmurou.

— Basta deixá-la segurá-lo e chorar por agora. Ela tem que chorar, é uma parte da dor, Ian.

Uma parte de tristeza… Ela ia se machucar chorando tanto, pensou Ian. Seus ombros convulsionaram sob seu toque. Ele olhou por cima dela e viu que Jerome tinha tomado a seu cargo os soldados inexperientes que haviam trazido sobre esse desastre. Ele tinha arrastado o corpo do homem que Ian tinha matado na água. O cadáver do homem, com as correntes chocalhando, pairou sobre as costas bronzeadas de seu primo quando Jerome se dirigiu ao barco dos soldados para entregá-lo lá.

Os condenados não seriam enterrados aqui.

Ian observou como seu primo falava com raiva aos soldados, de pé na margem, até os homens voltarem ao barco e saírem de Belamar.

— Alaina, Teddy se foi, você deve sair —, Ian insistiu.

E ainda assim Alaina não podia ser convencida a desistir do corpo de seu pai.

— Dê tempo a ela —, Julian sugeriu.

Mas os minutos se transformaram em mais de uma hora, com todos eles ainda lá no bosque, observando, impotentes.

— Talvez seja tempo suficiente —, Julian disse a seu irmão calmamente.

Ian encontrou os olhos de seu irmão e assentiu. Ele nunca tinha visto alguém chorar tanto, ou tanto tempo. Seus olhos dourados estavam vermelhos; suas feições delicadas estavam desenhadas e brancas, suas bochechas molhadas. Ela não parecia ver ou ouvir nada; ela apenas continuava sussurrando o nome de Teddy, embalando sua cabeça, acariciando sua bochecha.

— Alaina, você deve parar. — Ele passou os braços firmemente ao redor da cintura de sua esposa, levantando-a.

— Não! Não, não! — Alaina gritou.

— Leve Teddy, pelo amor de Deus. Julian, Jerome, levem Teddy!

Ian teve que agarrar as mãos para forçá-la a liberar o corpo encharcado de sangue do pobre Teddy. Ela lutou como uma tigresa para segurá-lo, gritando, chorando, se debatendo.

O dia estava quente, e sob o sol escaldante, um corpo não iria durar muito.

Mesmo se afastando de seu pai, finalmente, Alaina continuou a soluçar de tal forma que Ian ficou genuinamente preocupado com sua saúde. Uma vez separada de Teddy, ela deixou de lutar. Mas ela continuava a chorar. Ele levantou-a e levou-a para dentro de casa, seguindo Jennifer ao quarto de Alaina. Uma vez lá, ele a deitou em cima de sua cama e sentou ao lado dela, acariciando seu cabelo úmido.

— Alaina, por favor, por favor, não chore assim. Alaina! — Ele acariciou sua bochecha, olhando em seus olhos.

Ela mal pareceu reconhecê-lo.

Ou se importar.

Ele se sentou com ela enquanto as sombras da sala flutuavam e mudavam. Seus soluços começaram a se aquietar.

Por fim, um farfalhar suave de saias podia ser ouvido e Ian viu que Jennifer tinha entrado.

— Jerome e Julian precisam ver você na varanda —, disse a Ian. — Eu vou ficar aqui com Alaina.

Ian assentiu.

— Obrigado —, ele disse, balançando a cabeça, perdido, olhando para baixo, para Alaina. — Eu não pareço ser de muita ajuda para ela.

— Provavelmente muito mais do que você imagina —, Jennifer assegurou.

Ela apertou o seu ombro suavemente e ele olhou para sua prima. Seus olhos castanhos estavam vermelhos, e ele sabia que Jen se preocupava muito com Teddy, também. Jen sempre teve uma força tranquila sobre ela, aprendeu com as lições amargas quando era uma criança, pensou. Ela tinha sido uma das suas primeiras professoras; ele foi a ela muitas vezes para buscar conselho quando era um menino e quando ele crescia. Ele estava muito feliz por tê-la aqui agora.

— Obrigado novamente, prima —, disse ele, de pé, puxando-a para perto em um abraço, apertado, em seguida, deixando-a com Alaina.

Ele encontrou Julian e Jerome com o corpo de Teddy na varanda.

A noite tinha chegado finalmente. Com isso, brisas refrescantes. Julian estava coberto de sangue, Ian viu quando ele se aproximou do corpo de seu sogro, sentindo o peso da tristeza tomando-o. Ele tocou os cabelos brancos, lembrando as muitas vezes que conversaram as coisas que o homem o ensinara, e especialmente as conversas que tinham compartilhado desde a primavera.

Que estranho que eles terem discutido Henry Perrine na época, um bom homem preso no fogo cruzado dos outros.

Teddy, ao que parecia, tinha perdido tudo da mesma maneira.

— Eu não entendo por que o condenado o matou, — Ian meditou em silêncio. — Ele teria feito um uso muito melhor de Teddy como refém.

Julian olhou para o irmão. Então, ele limpou as mãos no avental de cirurgião que estava usando e virou-se para pegar uma pequena tigela sobre a mesa de madeira de tábuas onde ele tinha trazido Teddy para vesti-lo para o enterro.

Ian olhou para a tigela, em seguida, para o irmão.

— É uma bala. A bala que matou Teddy.

— É isso mesmo —, disse Julian.

— Olhe para ela, Ian, — Jerome aconselhou.

Ian pegou a bala, esmagada do contato com uma das costelas de Teddy, e olhou para seu irmão novamente. — Fornecida pelo Exército, — ele murmurou.

Julian assentiu.

— Bem, os condenados eram desertores, naturalmente.

— O homem morto na plantação de limas estava carregando uma elaborada pistola de cano curto.

— Então ele não matou Teddy —, disse Ian. A raiva parecia lavar sobre ele em ondas gigantes. A morte de Teddy tinha sido um completo desperdício. Recrutas inexperientes no gatilho tinham matado um homem bom, decente em sua busca de um par de desertores. Ele sentiu-se mal, desejando que Alaina não soubesse.

Por um momento ele se perguntou se a verdade pudesse morrer ali mesmo, com ele, Jerome e Julian.

Mas não podia. Teddy estava morto, e ele tinha o direito que a verdade fosse dita. E tinha de haver uma audiência; o exército não tinha o direito de matar os cidadãos. O dever das Forças Armadas era proteger os cidadãos.

Ele inalou profundamente.

— Se Alaina estiver pronta, vamos enterrar Teddy amanhã à tarde, em seu bosque de limas. Seu lugar favorito. O que eu estou falando? Alaina terá que estar disposta; com este calor, bem… Há uma boa pilha de tábuas de pinho em volta; Jerome, se você não se importa, você pode me ajudar a fazer um caixão amanhã. Uma vez que Teddy for enterrado, se vocês dois me fariam um favor, eu quero que você pegue a bala e vá até o Forte Taylor. Eu tenho medo de deixar Alaina agora, mas lá vai ter um inquérito sobre esta tragédia.

Jerome, braços cruzados sobre o peito, aparentando tensão, acenou com a cabeça.

— Isso nunca deveria ter acontecido.

— Nunca —, Ian concordou. Ele hesitou. — Estou muito preocupado com Alaina. Julian, você tem alguma coisa que podemos dar a ela?

— É claro —, Julian concordou rapidamente.

— Ela adorava Teddy —, disse Jerome. — Isso deve ser insuportável para ela. Vou terminar aqui. Não há nada que você possa fazer para Teddy agora, Julian.

Ian abriu o caminho através da cozinha de volta para o longo corredor, através da casa, e ao quarto de Alaina. Estranhamente, esta noite foi a primeira vez que ele viu seu santuário particular, o quarto que era dela desde que ela era criança. Como o resto da casa, era o mais aberto possível para a brisa. O mosquiteiro estava sobre a cama alta e com dossel. Móveis de cerejeira elegantes e bonitos enchiam a sala: dois guarda-roupas, uma cômoda e penteadeira e uma escrivaninha. Estantes de livros alinhavam uma parede; portas se abriram para a varanda em frente a elas. Duas poltronas de um brocado azul-escuro estavam diante do fogo. O quarto era feminino, *Godey's Lady's Book*[7] estavam empilhadas em um baú, porém o material de leitura de Alaina era mais variado do que na biblioteca principal de seu pai. Ela tinha histórias sobre os diversos países europeus, livros sobre Washington, Jefferson e Jackson, gráficos de salvamento subaquáticos, descrições de navios a vela. Ela também tinha todos os tipos de livros de autores tão variados como Molière, Shakespeare, Thoreau e Poe. Obras de mistério, aventura, romance, clássicos, e mais recente, trabalhos de vanguarda.

Manuais de esgrima; histórias de armas de fogo. Alaina tinha tido sempre a intenção de cuidar de si mesma, e ela não era uma tola afetada; ela era bem capaz, inteligente, mesmo astuta. Ela poderia muito bem ter escapado de seu atacante, esta tarde se ele aparecesse ou não. Ela era muito, muito difícil de quebrar.

No entanto, agora ela parecia abalada.

Jennifer se sentou no lado da cama. Alaina estava enrolada em uma bola longe dela, ainda em nada mais do que os farrapos de seu vestido branco. O som de sua respiração irregular, pontuada aqui e ali por um soluço, ainda podia ser ouvido. Jennifer impotente esfregou os ombros, olhando para Ian e Julian, sacudindo a cabeça.

— Eu vou dar algo a ela —, disse Julian.

Jennifer assentiu, mas levantou-se, aproximando de seus primos e sussurrando suavemente.

7 Alternativamente conhecido como Godey's Magazine e Lady's Book, foi uma revista feminina americana que foi publicada na Filadélfia de 1830 a 1878. Foi à revista mais divulgada no período anterior à Guerra Civil

— Você deveria saber…

Interrompeu-se, olhando para Ian.

— Eu deveria saber? —, Perguntou.

— Ian, eu odeio dizer desta maneira…

— Jen!

— Bem, eu duvido que Alaina vá pensar nisso no momento, mas vocês dois estão esperando um filho.

— Uma criança —, Ian repetiu, olhando para Jennifer. No começo as palavras não tinham sentido. Então as emoções se retorceram através dele em uma tempestade. Uma criança. Ele queria ter filhos, sempre soube que ele queria filhos, esperava crianças no casamento. No entanto, seu casamento tinha sido tão breve, e ele tinha estado afastado tanto tempo…

E ela não tinha pensado em escrever. Para deixá-lo saber. Na verdade, ela não tinha escrito para ele. Nem uma única palavra, nem um reconhecimento de suas notas para ela. A raiva subiu rapidamente dentro dele enquanto se perguntou que tipo de jogos ela pensou que estava brincando. Em seguida, um soluço atormentado por sua respiração difícil novamente, e ele estava dividido entre seu desejo de sacudi-la e seu desejo desesperado de que ele poderia fazer algo para aliviar a tão terrível dor.

Julian assobiou por entre os dentes.

— Um bebê, Ian. Você vai ser pai. Parabéns.

Ian assentiu.

— De fato, uma criança…

Deveria haver um tempo para celebrar. Champanhe, os melhores charutos. Risos e tapinhas no ombro. Ele calculou rapidamente. O bebê nasceria no final de janeiro; ela estava quase na metade do caminho. E agora isso.

— Julian —, ele murmurou inquieto, — essa emoção violenta não pode ser boa para ela, mas eu tenho medo do que os sedativos podem fazer. Quando eu estava em Forte Taylor anos atrás, para a esposa de um oficial foi dado uma dose grande de láudano para suas dores de cabeça, e ela teve um filho natimorto na semana seguinte.

— E ainda assim ela precisa de algo, coitada — disse Jen.

— Eu vou ter muito cuidado na dosagem com ela, — Julian prometeu. Ele olhou para Ian. — Talvez um conhaque seja o melhor remédio. Se ela pudesse apenas dormir…

Ian assentiu.

Jennifer atravessou a sala para a escrivaninha, onde uma garrafa de cristal de conhaque estava em uma bandeja de prata. Ela derramou uma pequena medida em um copo, entregou a Ian, e colocou uma mão em seu braço.

— Vamos deixá-lo —, ela murmurou.

Seu irmão, também, tocou suas costas, em seguida, os dois partiram. Ian olhou para sua esposa por um momento, segurando o conhaque. Seu cabelo loiro suave estava em uma desordem selvagem. Suas costas balançaram. Ele se aproximou da cama, tocando-a suavemente no ombro. Ela estremeceu, virando para longe dele.

— Alaina! —, Ele disse com firmeza, forçando-a ao redor.

Ela olhou para ele sem expressão.

— Beba isso —, ele disse a ela.

Seus olhos cintilaram dele para o vidro, de costas para ele novamente. Eles encheram de lágrimas.

Ele suspirou, baixou o conhaque e estendeu a mão firmemente para ela. Ela resistiu. Ele arrastou-a em seus braços, pegou o copo de conhaque outra vez, e trouxe aos lábios dela, forçando-a a engolir. Ela estremeceu novamente, depois ficou relaxada em seus braços.

E começou a chorar baixinho novamente.

Ele balançou com ela, alisando o cabelo para trás. Eles ficaram juntos com o passar do tempo, enquanto a noite ia embora. Sua roupa, depois de todo esse tempo, permanecia úmida. Era o calor e a umidade, Ian pensou, nada podia secar. Não a água do mar em sua roupa; não as lágrimas que ela continuou a derramar.

Com a noite, a brisa vinha agradável, refrescando. Que estranho. Era uma noite perfeita. A noite perfeita que ele tinha imaginado no seu caminho aqui. Uma noite perfeita para deitar com a esposa, queimando no calor do desejo, resfriando-se sob uma brisa tão úmida e deliciosa. Não era para ser. Seu sogro estava morto e, embora precisasse tirar a roupa de sua esposa, era só para que ela pudesse estar quente e seca. Como era estranho que o

coração sabia, mas o corpo se recusava a aceitar. Mas ela estava em seus braços, macia, bem torneada, e ele percebeu com uma pungência triste que ele queria ela não importava o que. Ele resistiu à tentação de outra mulher que amara há muito tempo; de fato, ele resistiu à tentação da parte inferior mais escura de Washington, e ele realmente não sabia por que até agora. Ele se casou. Uma vida honrada com Risa estava fora de questão, e como a qualquer outra…

Ninguém mais poderia se comparar com a mulher que era sua esposa. Quem ainda segurava muito de si mesma longe dele.

Que chorava agora em seus braços com tanta desolação e desespero.

— Shh, Shh, Alaina, você deve parar agora —, ele disse há ela muito suavemente, alisando o emaranhado de seu cabelo novamente. — Não vai ser bom para o bebê.

Outro ataque de soluços agarrou-a, e ela foi subitamente sufocando as palavras.

— Eu nunca disse a ele. Ele estaria tão feliz. Eu queria dizer a ele. Ele não sabia, eu não tive a chance. Eu queria dizer a ele hoje… Na hora do almoço, mas ele não quis entrar, ele não veio quando chamei. E agora ele está morto…

Ian mordeu o lábio inferior, abstendo-se de mencionar a ela que ela não tinha sido capaz de dizer a ele sobre a criança, tampouco.

E que ela teve meses para contar a Teddy.

— Ele sabe agora, Alaina —, ele disse a ela. — Ele sabe agora.

— Como você pode dizer isso? — Ela olhou para ele por fim; realmente vendo-o, seus belos olhos de ouro inchado com suas lágrimas. Seja qual for a sua própria raiva ou ressentimento, teria de esperar. Ele passou seus dedos sobre sua bochecha, sentindo a umidade de suas lágrimas.

— Porque há um céu, e Teddy está lá, e ele viveu toda a sua vida como um homem muito bom, e Deus o fez saber que sua semente continuará viva.

Seus olhos permaneceram nos olhos dele por um longo momento, depois seus cílios caíram. Ela estremeceu, depois ficou tremendo, mas em silêncio, nos braços dele.

— Alaina —, disse ele depois de um momento, — você tem que tirar essa roupa arruinada. Você está fria.

— Este é o sul da Flórida —, disse ela sem emoção. — É impossível estar com frio.

Ele riu suavemente.

— Nós dois sabemos que é possível ser frio. A brisa da noite é muito fria e você está molhada. Alaina, pelo amor que você deu ao seu pai, cuide de seu neto e deixe-me ajudá-la com algo mais quente.

Finalmente parecia que algo que ele disse chegou até ela. Ela ainda estava apática, quase imóvel, mas ele conseguiu tirá-la dos restos do vestido, saias e meias. Ela não estava usando um espartilho, apenas uma camisa, e quando ele por fim a colocou sobre a cabeça, sentiu uma nova gama de emoções.

Ela permanecia bonita. No entanto, houve mudanças sutis em sua beleza. Seus seios estavam inchados, os mamilos maiores e estavam mais escuros. E o que ele não tinha visto enquanto ela estava vestida era que seu abdômen tinha inchado também. A curva de seu filho já contornava seu estômago, ainda que apenas ligeiramente. Seu corpo ainda era incrivelmente sensual, talvez até mais, e talvez, apesar de sua condição agora óbvia, tivesse sido correto cumprir as funções que seu próprio corpo exigia de todo coração. No entanto, algo mais poderoso bateu com força nele. Ele a colocou gentilmente nos travesseiros. Ela olhou para o espaço, inconsciente dele, inconsciente ou indiferente que ela estava nua e tremendo. Ele vasculhou as gavetas até encontrar uma camisola de algodão macia e ajudou-a a vestir. Ele percebeu que suas próprias calças ainda estavam úmidas, tirou-as, recostou-se contra os travesseiros, puxando as cobertas sobre o colo, depois puxando seu corpo rígido contra ele. Mais uma vez, ele não fez nada mais do que acalmá-la com seu toque, alisando o cabelo do rosto dela em um movimento lento e indeciso. Ela ficou imóvel. Apenas ocasionalmente um soluço chacoalhava através dela agora.

— Ian? —, ela perguntou suavemente, finalmente.

— Estou aqui.

— Por que isso aconteceu? —, ela perguntou em uma voz tão suave e quebrada que ele poderia ter chorado em voz alta.

— Eu não sei Alaina.

— Por que o meu pai? Por que esses homens miseráveis tinham que vir aqui? Ele era tão bom, um homem tão bom, ele tentou alimentar as pessoas o tempo todo, ele tentou cultivar plantas que curavam as feridas e doenças, que aliviava furúnculos, que ajudava as crianças, que salvava vidas.

— Alaina, nunca houve uma resposta sobre por que, às vezes, os miseráveis vivem e os bons morrem. Ele sabia que havia perigo aqui.

— Os índios amavam meu pai. Ele tratou a todos como um ser humano, e ele foi ridicularizado por isso. Oh, Deus, eu rezo para que pelo menos ele nunca soubesse sobre aquilo…

Ela parou de repente.

— Aquilo o quê?

Ainda assim, ela hesitou.

— Alaina?

— Ele nunca soube o que Peter O'Neill me disse.

Apesar de si mesmo, Ian sentiu seus braços apertados em uma constrição irada. Ele tentou dificilmente controlar sua voz.

— E o que Peter O'Neil disse?

— Que… que nenhum homem respeitável nunca iria se casar comigo, porque eu era filha de um botânico.

Ian ficou em silêncio por um longo tempo, imaginando como agora, nas presentes circunstâncias, ele poderia querer tanto matar Peter O'Neill, ou pelo menos quebrar e sangrar seu rosto.

Ele pesava sua resposta cuidadosamente.

— Peter O'Neill é um idiota arrogante e de escalada social, e Teddy teria o bom senso de ignorar qualquer coisa que pudesse ter dito.

— Mas eu acho que era verdade. As pessoas admiravam meu pai, mas eles pensavam que ele era um excêntrico, e que ele criou uma jovem diabinha.

— Ele criou uma diabinha.

— Sim, mas nada de ruim em mim foi culpa de Teddy.

— Alaina, eu já disse, Peter é um tolo, e Teddy nunca soube nada sobre seu relacionamento com ele. Teddy viu você casada, segura e cuidada aos seus olhos. O casamento pode não ter agradado muito a você, mas você pode se sentir confortável em saber que Teddy acreditava no melhor.

Ele a sentiu balançando a cabeça contra o peito.

— Sim. Ele pensou muito em você. — Ela engasgou com outro soluço. — E pelo menos aqueles homens horríveis estão mortos! —, ela sussurrou com veemência.

Ian estremeceu interiormente, imaginando como se sentiria quando ela descobrisse que Teddy tinha morrido pelas balas do exército.

Hoje à noite, no entanto, não era o momento para dizer a ela.

Ela começou a chorar novamente.

Mas suavemente desta vez.

Ele se sentou em silêncio, ainda a acalmando. Não havia muito que pudesse dizer. Ele murmurou o nome dela, assegurou-lhe que Teddy tinha morrido sem dor, acariciou seus cabelos, sua nuca.

E finalmente, ela dormiu. Ficou acordado muito mais tempo, olhando para o mosquiteiro lançado para trás em cima do dossel da cama.

Ele tinha mentido para ela, pensou. Oh, Teddy tinha gostado dele, ele sabia disso. Mas Teddy estava preocupado. Alaina era como o Sul, Teddy tinha dito. Rebelde, independente, orgulhosa, determinada. Ansiosa para ter seu caminho. Bem, não poderia ser sempre assim. Ela era sua esposa; ela ia ter um filho dele. E sob estas novas circunstâncias tristes, ela ia ter que ver a vida de uma maneira nova…

O jeito dele.

Ele se acomodou dentro da cama, embalando-a suavemente em uma posição suavemente enrolada contra ele. Um tremor passou por ele. Ele beijou sua testa, subitamente subjugado pelo desejo de abrigá-la e protegê-la.

E ainda assim ele permaneceu acordado.

******

Acordar na manhã seguinte parecia ser a coisa mais difícil que Alaina já tinha feito.

No início, ela apenas sentiu o sol em suas pálpebras.

Em seguida, os eventos do dia anterior vieram correndo sobre ela.

E ela tentou dizer a si mesma que tudo tinha sido um pesadelo, que poderia acordar correr para fora, e encontrar seu pai na varanda, bebendo seu café, talvez mastigando o cachimbo, lendo seus últimos periódicos botânicos.

Mas tal oração não viveu muito tempo em seu peito. Um baque surdo parecia encher seu coração, sua mente, sua cabeça. Teddy estava morto. A dor era terrível. E isso nunca iria embora. Ela não queria se mexer; ela não queria levantar. Ela queria voltar a dormir e sonhar que isso nunca aconteceu.

Ao seu lado, sentiu Ian se mexendo. Ela manteve os olhos fechados quando ele se mexeu, levantando-se com muito cuidado, tentando não a despertar se ainda dormisse.

Ela mal abriu os olhos, observando-o através do escudo de seus cílios. Ela observou suas costas nuas enquanto se levantava, observando a ondulação bronze de músculos tensos e carne como ele se movia. Ele parecia muito bem, ela pensou, como se de algum lugar muito distante. Ela se sentiu estranhamente afastada de si mesma objetiva em suas observações. Ele era de pernas compridas, lindamente proporcionadas. E, por incrível que parecesse a todos os momentos, ela se viu ciumenta se perguntando com quem ele estava desde que ele a deixou, se outras mulheres tivessem acariciado seus dedos ao longo das costas de bronze, se tivessem observado a dureza de suas nádegas e a estrutura das pernas enquanto andava, movia-se, voltava a vestir as calças. Vergonha encheu-a. Seu pai estava morto e ela estava olhando para o corpo nu de seu marido, desejando que pudesse permitir-se esquecer de sentir algo diferente do que a dor.

Calça vestida, ele se virou de repente, como se ele a sentisse observando-o. Ela se encostou aos travesseiros, imaginando se seus olhos poderiam ser mais do que fendas, eles estavam muito inchados e doloridos. Que estranho. Ela não estava mais com vontade de chorar. Ela se sentia vazia. Um vazio. Teddy foi embora. Ela tinha tomado sua própria vida tão a sério antes. Agora, parecia que sua vida não importava em tudo. Teddy tinha sido sua vida, toda a sua vida, e ele se foi.

Ian se virou para ela, sentado na beira da cama, olhos ansiosos à medida que tomou conta dela. Ele tocou seu rosto.

— Como vai você?

Ela assentiu com a cabeça. Ela não confiava em si mesma para falar. Ele tinha sido muito gentil, ela pensou. Qualquer que seja a vida que tinha

vivido antes de ele chegar aqui, ele certamente havia assumindo o papel de seu marido tão suavemente como se poderia imaginar agora.

Naturalmente, ela pensou. Seu pai tinha acabado de morrer.

E ele sabia agora que ela estava esperando um filho. Seu filho.

— Estou… Bem —, disse ela. Mas assim que ela falou as palavras, ela sentiu as lágrimas de volta em seus olhos. Ela piscou furiosamente, em seguida, baixou a cabeça, enterrando-a em suas mãos. — Eu estou bem, realmente —, disse ela, com a voz abafada. Ela conseguiu sentar-se, com a cabeça elevada. — Eu vou ficar bem —, ela emendou suavemente. Ela olhou para Ian então. — Onde está o meu pai?

Ian hesitou.

— Nós temos que enterrá-lo esta tarde.

— Não podemos enterrá-lo tão rapidamente; precisamos de um ministro.

— Nós temos que enterrá-lo, Alaina. Assim que puder trazer um ministro, nós vamos ter uma missa para ele.

— Oh, — ela murmurou, lutando contra a vontade de chorar novamente. Seu pai ia apodrecer se não se movesse rapidamente. Ele iria inchar, cheirar horrivelmente, atrair insetos. O pensamento de moscas zumbindo em torno de seu corpo a fizeram estremecer.

— Vai ficar tudo bem por alguns minutos? —, Perguntou. — Eu vou trazer Lilly ou Jen aqui.

— Eu… eu não preciso de ninguém —, disse ela.

— Alaina, isso…

— Estou muito bem. Eu gostaria de algum tempo sozinha —, disse ela.

Ele olhou para ela, os olhos azuis tão nítidos e tão insondáveis, em seguida, virou-se e deixou-a.

Alaina estava sentada em sua cama. Ela teve que levantar-se, teve que se trocar, tinha que funcionar.

— Senhora McKenzie!

Antes que ela conseguisse se mexer, Lilly entrou. Lilly, apressada em sua maneira absurda. — Agora, senhora, você pode ficar onde está por um minuto! — Atrás de Lilly veio Delby e Jean, dois dos homens livres mestiços

que haviam trabalhado com o pai nos bosques. Eles estavam arrastando uma tina, que tinha sido metade já preenchida, aparentemente na cozinha. Os homens estavam expirando e bufando de uma maneira que teria feito Alaina rir em um momento diferente.

— Você lava a água do mar, lava um pouco da dor. Mergulhe na água e esqueça-se de ontem, e a limpeza lhe trará novas recordações, aquelas de momentos especiais, amor e riso. Venha, você deve se sentir melhor.

Os homens acenaram para ela com tristeza, chapéus de sol em suas mãos, em seguida, eles saíram da sala. Alaina hesitou apenas um minuto, mas ela não tinha feito nada além de chorar desde que ela tinha caído sobre o corpo de seu pai; ela ainda estava incrustada em sal e água do mar. A tina, apenas meio cheia, mas com vapor saindo dela, convidativa.

— Um banho seria bom —, disse ela. — Obrigada, Lilly. Você é muito atenciosa.

Lilly sorriu complacentemente.

— Venha. Eu vou lavar o cabelo. Deixe a água curá-la. Você é uma filha da água. Filha de seu pai. Ele não foi embora, pois ele está dentro de você. E o pequeno. Venha agora. Ontem foi para a dor. Hoje, já, você deve começar a cura.

Ela nunca ia curar, pensou Alaina. Mas, por agora, água quente iria fazer bem. Ela tirou sua camisola, entrou na banheira, e deixou Lilly trabalhar com seus dedos mágicos por seu cabelo.

O banho fez maravilhas. Quando ela saiu, vestiu-se e secou seu cabelo, ela recuperou a compostura. Ela disse a si mesma que não ia chorar novamente.

E ela não fez.

Nem mesmo quando ela veio para a sala e descobriu que Teddy tinha sido vestido em sua melhor camisa e casaco branco e colocado em um caixão apressadamente construído forrado com lençóis de algodão dobrados. Ela sentou-se ao lado dele, segurando sua mão fria, dura. Ela alisou o cabelo branco macio e tocou sua amada bochecha. E ela silenciosamente prometeu que ela o amaria por toda a vida e nunca, nunca ia esquecê-lo.

— Nem a ilhota, Papai. Eu prometo, eu nunca vou deixar Belamar ir; vou guardá-la para seu neto, por todo o tempo.

Ela ficou com ele durante todo o dia longo.

Eles enterraram Teddy cedo naquela noite, logo após o pôr do sol, no meio das árvores que ele amava tanto.

Jerome tinha navegado no início do dia para trazer seus pais para enterrar Teddy, e a sorte estava com ele. Um velho amigo de sua mãe, o coronel Harrington, estava visitando um padre episcopal que havia recentemente assumido o comando do exército nas Keys.

Teddy foi enterrado com comovente reverência. O jovem padre falou da Bíblia, em seguida, convidou os outros a falar. James McKenzie veio para frente primeiro e falou sobre Teddy, o homem, seu amigo, que tinha tido a coragem de vir a um deserto, e fazer uma casa lá, um amigo para homens e mulheres de todas as cores e credos. Ian deu um passo adiante ao lado, dizendo que o entusiasmo e o conhecimento de Teddy eram uma luz contra a escuridão. Jerome, Julian, Jennifer, Teela, e Lawrence Malloy vieram para frente, bem como, todos acrescentaram alguma coisa especial sobre Teddy. Alaina foi grata a todos eles. O padre tinha falado da Bíblia; os McKenzies e Malloys tinham falado de seus corações.

Teddy foi baixado para dentro da terra. Alaina tentou se reconfortar com o fato de que ele tinha ficado na sala que ele tinha sonhado e projetado para si mesmo, em um caixão construído para ele por homens que tinham honrado e o admiravam. Agora seu lugar de descanso final era no bosque que tanto amava, e ele foi abaixado lá com o maior carinho.

Quando o caixão estava no chão, Ian a levou para frente. Ela segurava uma orquídea selvagem, e deixou-a cair sobre o caixão.

Então Ian levou-a embora.

Mas ela ouviu o som enquanto seu irmão e primo colocavam a terra de volta no lugar, e o som de terra caindo sobre a caixa de pinho tinha uma finalidade sobre isso que era terrível.

A morte tinha reivindicado Teddy.

Cinzas as Cinzas; Pó ao Pó.

CAPÍTULO QUATORZE

Alaina tinha jurado a si mesma que ela não choraria mais, e ela não o fez. Às vezes era fácil. Seus olhos estavam secos; parecia que não havia mais lágrimas.

E a noite passou rapidamente. Ela estava entorpecida e não estava funcionando, mas não importava. Ian permaneceu ao lado dela. Jennifer e Teela McKenzie assumiram o comando com Bella e Lilly na cozinha, e o jantar foi preparado. Mais uma vez, os McKenzies foram maravilhosos. Eles eram fortes em seu apoio; unidos, ao que parece, em todas as coisas. Eles falaram sobre tudo, política, o clima e Teddy. Quando a refeição terminou, James tomou a jaqueta e navegou com coronel Harrington e o jovem padre de volta para o seu próprio barco que estava atracado na doca dos McKenzies. Os homens restantes foram para fora fumar tabaco e beber conhaque, enquanto Jennifer e Teela ficaram com Alaina.

Ela se sentou em uma cadeira, olhando para o brasão dos McMann, que pairava sobre a lareira.

Teela McKenzie veio a ela, pegando sua mão e empoleirou-se no braço da cadeira. Ela silenciosamente apertou a mão dela.

— Eu nunca vou esquecê-lo —, Alaina sussurrou.

— Você nunca deve esquecer, — Teela disse a ela.

— Eu sinto muita falta dele.

— Você sempre vai sentir falta dele —, Teela disse calmamente. — Mas você vai estimar todas as memórias e todo o tempo que você teve. Perdi meu pai quando muito jovem e, além disso, fui amaldiçoada com um tirano cruel por padrasto. — Ela sorriu para Alaina. — Pelo menos você será poupada disso!

— Como você suportou?

— Não muito bem —, Teela murmurou. — Mas por causa do meu padrasto, eu vim para a Flórida, e encontrei James. Há certa justiça no mundo —, disse ela, um brilho nos seus olhos. — Meu padrasto veio para assassinar os índios. Casei-me com um mestiço. Alaina, isto é assim muito difícil. A morte de Teddy foi um desperdício trágico, e não há maneira de sair

disso. Você tem que lembrar o bem. Ele era um homem feliz. Ele viveu como ele escolheu para viver. Ele adorava você. Todas as coisas têm um círculo completo. Seu pai vai viver com você, e além de você. Naturalmente, meus filhos têm uma grande quantidade de seu pai em si, mas às vezes eu vou ver Jerome ou Brent sentado em certa luz, mover de certa maneira, e eu verei meu pai novamente neles.

Jennifer veio com Anthony agarrada a sua cintura.

— É uma agonia terrível, Alaina, e o tempo não tira a perda, mas ele faz suavizar a dor. Eu mal tinha cinco anos quando minha mãe e irmã morreram. — Um sorriso provocante jogado em seu rosto. — E então, você vê, havia uma madrasta na minha vida.

— Oh céus! Você está prestes a me chamar de tirana? — Teela exigiu.

Jennifer ofereceu a Teela um abraço.

— Ela era absolutamente má! — Jennifer disse com uma piscadela. — Ela fez a nossa vida toda de novo.

— Obrigada. — Os olhos de Teela, um verde deslumbrante, estavam em Jennifer.

Jennifer brincando torceu o nariz.

— Então ela me deu alguns diabinhos pequenos como meios-irmãos também!

Por fim, Alaina tinha que sorrir. Anthony foi estendendo a mão para ela. Ela estendeu os braços em troca. O menino engatinhou para ela, abraçando-a. Seu rosto contra seu pescoço, ele fechou os dedos em seu cabelo e segurou firme. Ela embalou-o firmemente. Ela adorava segurar Anthony, sentindo sua suavidade de bebê e doçura. Ele era tão confiante, tão rápido para sorrir. Ele a fez se perguntar como seria segurar o seu próprio filho, que a agitou um pouco de sua desolação. Era incrível a princípio perceber que outra vida poderia ser criada. Era assustador, esperando e rezando para que tudo ficasse bem. E era emocionante imaginar se a criança dentro dela era um menino ou uma menina, e se nasceria com os olhos dourados e aveludados como os dela, ou um azul-cobalto escuro como o de Ian e tantos outros McKenzies.

Mas, mesmo permitindo-se perguntar sobre o bebê agora trouxe arrependimento; Teddy nunca iria segurar seu neto.

Teela levantou de seu assento na borda da cadeira de Alaina, batendo em seu joelho.

— Você deve sempre lembrar o seu pai com amor, mas você precisa de um tempo longe de tudo o que aconteceu também. Você não deve se preocupar com nada aqui. Nós vamos cuidar de Belamar para você.

Alaina sacudiu a cabeça.

— Eu… eu tenho certeza que eu posso gerenciar.

Teela olhou rapidamente para Jennifer, que fez uma careta, desconfortável.

— Oh, — Teela murmurou baixinho.

— Não, não, por favor, fale comigo. O que está acontecendo? Jen, Teela, por favor. Por que eu preciso de alguém para cuidar do lugar para mim? — Alaina insistiu.

— Você precisa falar com Ian —, disse Jen.

— Bem, eu vou falar com ele, eu garanto. Mas você não pode começar algo assim e depois não seguir adiante. É minha propriedade e minha vida que estamos discutindo.

— Só que eu não deveria ter discutido isso. Eu sinto muito, eu simplesmente presumi… — começou Teela. — Eu falei fora de hora. É o direito de Ian contar suas decisões.

— Suas decisões? Diga-me o que as suas decisões são, — Alaina exigiu. — Por favor, Teela, Jennifer, isso não é justo, no mínimo. Alguém tem que me dizer.

Teela ainda parecia infeliz.

— Bem, naturalmente, depois do que aconteceu, Ian planeja levá-la de volta para Washington —, disse ela.

Alaina olhou para ela sem entender.

— Washington? —, ela murmurou.

Ian tinha decidido que ia para Washington.

Ela não podia ir. Era tão simples. Ela não podia ir, não quando Teddy apenas tinha morrido, não quando algum pequeno pedaço dele ainda podia permanecer aqui no ar, o sol, os bosques.

— Eu tenho que admitir Alaina, eu não tenho tanta certeza se seria bom para você ficar aqui sozinha, — Jennifer aconselhou-a às pressas.

— Eu não estou sozinha. Você e Lawrence estão aqui. James e Teela estão na costa. Sydney chegará a casa eventualmente, Brent provavelmente retornará aqui.

Teela suavemente interrompeu para lembrá-la:

— Ian só concordou que você devia estar aqui para estar com seu pai. Naturalmente, um homem quer sua mulher com ele.

Não é? Alaina perguntou. Ela ainda podia lembrar vividamente daquela noite que ele tinha deixado ela.

No entanto, ele tinha ido embora, sem olhar para trás. E ele tinha ficado afastado um tempo muito longo. Ele tinha escrito; ela não tinha. Ela tinha estado furiosa ao perceber que ele tinha feito arranjos para deixá-la muito antes que eles haviam discutido o assunto, e talvez apenas um pouco ferida ao perceber que, apesar de suas palavras e paixão, ele facilmente a dispensou e foi embora com sua própria vida. Ela se perguntou se tinha escondido a notícia sobre o bebê dele esperando ferir o seu orgulho em alguma pequena medida em troca. Mas ela realmente não tinha dito nada a ninguém, exceto para Jennifer. Levou tanto tempo para se perceber…

— Pessoalmente, acho que você vai gostar de Washington, — Jennifer aconselhou. — A mudança de cenário vai ser boa. Washington pode ser um lugar fascinante. Pessoas de todos os lugares, todos os políticos e festas.

— Alaina, você deve ver, nestas circunstâncias, ele não pode simplesmente deixá-la sozinha —, disse Teela.

— Mas… —, começou Alaina. Sua voz sumiu. Ela não sabia o que sentia. Coisas que importaram tanto deixaram de significar qualquer coisa. Não importava onde ela estivesse. Quando ela não estava sentindo a dor terrível, ela estava entorpecida.

Ela não queria pensar sobre isso. Ela queria dormir e escapar da dor por quanto tempo ela pudesse.

E quando ela tivesse sua chance, ela iria abordar Ian com o que haviam dito para ela.

— Eu acho que estou indo para a cama dormir um pouco —, disse ela, levantando-se cuidadosamente com Anthony. — Ele está dormindo, Jen. Vou colocá-lo no quarto de hóspedes, você e Lawrence vão estar confortáveis o suficiente lá não vão?

Jennifer pegou o bebê de Alaina, dizendo:

— Lawrence e eu podemos ir para casa…

— Não, não, por favor, não. Ainda não. A casa está vazia e é, é bom ter a casa tão cheia de pessoas. Teela, você e James não se importam de usar o quarto do meu pai, não é? É provavelmente a mais confortável.

Teela sorriu.

— James e eu temos dormido ao relento com frequência suficiente. O quarto do seu pai vai ser muito confortável. E não se preocupe com nada nem ninguém. Você precisa ir lá dentro e dormir um pouco. Você não quer colocar em perigo seu bebê.

Alaina engoliu em seco e assentiu. Ela beijou tanto Teela e Jennifer na bochecha e praticamente fugiu pelo corredor até seu quarto. Despiu-se rapidamente, deslizando em sua camisola. Ela deitou-se. Ela queria dormir simplesmente; ela queria ficar sozinha.

Washington.

Ele queria levá-la embora. Com ele. E ela não sabia se ela queria lutar para ficar aqui, ou se ela estava feliz que ele pretendia tê-la com ele. Em seu mundo. Com a mulher que ele tinha a intenção de se casar.

Ela fechou os olhos com força, os pensamentos postos a distância. Não funcionou. Seus pensamentos simplesmente reorientados. Ela continuava a ouvir a queda de terra sobre o caixão.

Ela saiu da cama. A porta da varanda estava aberta, deixando entrar a brisa da noite, e ela saiu, olhando na direção do bosque de Teddy.

Então ela percebeu que podia ouvir os homens falando. Eles estavam falando em voz baixa o suficiente, mas suas vozes estavam carregadas na brisa.

— Eu imagino que vamos ficar cerca de uma semana, — Ian estava dizendo. — O tempo para amarrar o que precisa ser feito aqui, deixar o funcionamento da ilha e todos que trabalham aqui definido. E eu quero estar aqui depois que você for para a base em Key West, Jerome. Eu realmente deveria ir-me; eu só não gosto da ideia de deixar Alaina agora.

— Não se preocupe, eu posso argumentar bem com os militares —, Jerome assegurou. —Talvez seja melhor que eu vá; você ainda é uma parte do exército, e você tem um temperamento explosivo.

— Será que Alaina já sabe? — James perguntou em voz baixa.

— Não —, Ian disse a ele. — Eu não tenho certeza de quando será o momento certo para dizer a ela.

— Não vai ter uma hora certa para dizer a ela —, disse Lawrence.

— Isso pode ser verdade —, disse James, concordando com seu genro. — Você poderia simplesmente esquecer o que realmente aconteceu, Ian. Poupá-la de mais uma miséria.

— Eu não posso tio James. Não seria certo —, disse Ian.

— Não, isso não seria correto. Mas você é o único a tomar essa decisão.

Alaina não tinha percebido que ela estava andando em torno da varanda para abordar os homens até que ela chegou a eles, suas mãos cerradas em punhos em seus lados quando ela veio até eles. James estava perto da porta, Jerome e Julian estavam nas cadeiras de balanço, Lawrence Malloy estava nos degraus. Ian estava encostado na grade.

Ele era o único que precisava enfrentar.

— Sobre o que você está falando? — Ela perguntou com voz rouca. — Se há algo que tem a ver com meu pai…

Ian estava com raiva. Ele afastou-se do corrimão, colocando as mãos em seus ombros.

— Se você queria ser uma parte da conversa, você deveria ter se mostrado, — ele disse a ela. Ela sentiu o poder em seu olhar cobalto, o calor e força em suas mãos.

Ela sentiu também que sua raiva era dirigida quase tanto para si mesmo quanto para ela. Ela se soltou de seu toque, girando em torno de Julian.

— Do que ele está falando?

Julian olhou para ela, impotente.

Jerome se levantou e caminhou até a extremidade da varanda.

— Alaina, — Ian disse, virando as costas para ela, — seu pai não foi morto pelo condenado. Ele foi morto por fogo dos soldados.

Alaina inalou bruscamente, atordoada.

— Meu Deus, o exército o matou! —, exclamou ela.

Ian balançou a cabeça.

— Não, Alaina —, explicou pacientemente, — o exército não o matou, ele foi morto por homens inexperientes.

— Dá no mesmo —, gritou ela.

— Não, você não pode culpar um exército inteiro pelos erros de três assustados jovens recrutas que foram lamentavelmente treinados.

— Eles têm que pagar! —, ela insistiu.

— Temos a intenção de investigar.

— Uma investigação! —, exclamou ela com raiva. — Uma investigação! Aqueles homens devem ser julgados por assassinato.

— Alaina, você deve entender. Houve uma situação…

— Você está desculpando-os! —, ela gritou para Ian. — Eles mataram o meu pai, e você está desculpando-os!

— Alaina, por favor! Você está entendendo mal. Você está perturbada.

— Perturbada! Teddy está morto, meu pai está morto! E você não sabe nada sobre isso porque seus pais estão vivos, sua grande e maravilhosa família está viva, e você não pode começar a imaginar o que sinto! Você…

— Alaina, por favor, — Ian disse, pegando seus ombros, seu aperto firme. — Eu estou tentando explicar a lei…

— A lei!

— Podemos exigir um inquérito; os soldados vão certamente ser repreendidos, talvez desonrosamente. Mas não importa o quanto você está sofrendo, você não pode agir como uma criança tola.

Ele foi interrompido quando ela lhe deu um tapa, um movimento súbito e reflexivo que ela imediatamente se arrependeu.

Mas foi feito.

O som dele ecoou na varanda.

Todos os homens estavam quietos. Como mortos.

Incluindo Ian. Que simplesmente olhou para ela, seu rosto com a inscrição de sua palma.

Ela queria pedir desculpas. Ela queria dizer a ele que ele e todo o seu exército poderiam ir para o inferno.

Ele estendeu a mão para ela. Seus olhos tinham estado secos mortos; ela sentiu as lágrimas contra suas pálpebras. Ela não ia chorar mais. Ela se afastou de Ian, ferida.

— Você iria defender o exército sobre o meu pai! —, ela o acusou.

Ela estava cheia de raiva contra a morte de Teddy de novo. Ela tinha medo de Ian, com medo do que ela tinha feito, e com tanta raiva que ela não poderia começar a se controlar. Ela se afastou dele; de repente ela saltou para frente novamente, batendo os punhos furiosamente contra seu peito em uma fúria selvagem, desesperada.

— Alaina!

Seus braços vieram ao redor dela com força, puxando-a para ele, assim ela não poderia mais recuar para atacar.

— Alaina!

Sua voz era mais suave.

Ela ficou mole contra ele.

— Eles mataram o meu pai! —, ela sussurrou.

Ele a pegou, caminhando em torno da varanda para as portas do quarto dela. Ele a colocou em cima de sua cama. Soluços sacudiam-na, soluços secos. Sem lágrimas. Tinha sido ruim antes. Foi angústia sobre agonia agora. O exército estava tão determinado a matar desertores que os homens tinham matado seu pai junto com os condenados.

Ela engasgou, puxou de volta quando Ian chegou ao seu lado, firmemente segurando seus pulsos e forçando-a a encará-lo. Ele se sentou ao lado dela na cama, olhando nos olhos dela.

— O que você quer, caramba, Alaina? Eu deveria ter atirado nos três no local? Isso teria vingado a morte de Teddy?

— Eles devem ser acusados de assassinato! —, ela gritou. — Você está defendendo as forças armadas sangrentas!

Ele balançou sua cabeça.

— Se eles eram soldados, civis, homens da lei, não importaria. Não houve intenção de matar Teddy. Ele foi pego no que aconteceu. Os homens foram negligentes, estavam errados. E sim, eles devem aceitar a culpa. Mas você não poderá trazer uma acusação de homicídio contra eles. Eles eram

apenas meninos enviados no cumprimento do dever para trazer de volta dois assassinos que desertaram e roubaram e mataram um homem que estava em Indian Key. Você realmente quer que esses três homens sejam enforcados pelo seu pai? Seu pai gostaria disso?

— Sim! Não! Eu simplesmente não posso deixar passar, algo têm que ser feito, aqueles homens devem pagar de alguma forma, talvez eu queira que eles sejam enforcados.

— E eu junto com eles? —, Ele interrompeu cansado.

— Ian…

— Por que você não me disse Alaina?

— Disse… Sobre o quê?

— Que você estava esperando um filho…

Que *ela* estava esperando um filho.

— Alaina?

— Você não estava aqui para contar.

— Eu escrevi cartas. Você poderia ter feito o mesmo.

— Você escreveu cartas que diziam 'Eu vou ser atribuído em Washington indefinidamente' e não muito mais. Você sabia onde eu estava, e não havia nenhuma dúvida sobre isso, então fazia pouco sentido responder às suas cartas.

— De fato, talvez fosse sim definitivo que você estava permanecendo em Belamar, mas eu considero o fato de que você está grávida ser algo que você pode ter considerado importante o suficiente para escrever para mim.

— Eu não sabia no início. Eu não tinha certeza. Eu teria escrito eventualmente.

— Você iria? Eu não tenho tanta certeza. Mas imagino que alguém tivesse me dito quando a criança nascesse —, ele murmurou secamente.

— Eu imagino se estivesse em algum lugar para ser dito —, ela respondeu docemente.

— Você sabia exatamente onde eu estava.

— Com o exército! E o que isso pode importar agora? — Alaina sussurrou. — Meu pai foi assassinado por esse mesmo exército.

— Não importa, porque a criança tem que ser o primeiro em tudo agora —, ele lembrou. — Alaina, meu Deus, eu entendo a sua dor, por favor, acredite em mim. Eu respeito a sua dor. Mas você não pode mudar o que aconteceu com sua fúria. Você não poderá.

— Você não vai nem mesmo tentar! —, ela acusou.

— Alaina, eu já escrevi uma carta ao comandante em Key West. O assunto será tratado. Mas, por agora, você tem que esquecê-lo.

— Esquecer…

— Não o seu pai, Alaina. Você nunca deve esquecer o seu pai. Mas você deve esquecer o que aconteceu, porque as rodas da justiça podem ser lentas. E o seu pai morreu, você não.

— Maldito seja, Ian, você não pode esperar que eu esqueça simplesmente que meu pai foi morto pelos homens que deveriam estar protegendo-o. Você não pode…

Ela parou ofegante, de repente, seus traços muito pálidos. Ela nunca pareceu tão delicada bonita e frágil antes.

Tão vulnerável.

— O quê? O que foi? — Ian exigiu duramente, assustado. Ele se levantou, puxando-a para seus pés, juntamente com ele, olhando para ela, ansiosa.

— Alaina! O que foi agora? —, Ele insistiu.

— O bebê…

— Meu Deus, o que está errado? — Ele a arrastou para trás, deitando-a na cama, mesmo quando ela protestou.

— Eu estou bem, eu estou bem, é só que…

— O quê? Pelo amor de Deus, o quê?

— Ele se mexeu, Ian. Mexeu-se… Mexeu-se. Eu senti, bem, pequenas mexidas antes, mas nunca, nunca algo assim! Muito forte.

A palma da mão estava sobre seu estômago. Sua mão se curvou sobre a dela. Ela balançou a cabeça.

— Pode sentir isso? Oh, ele está se recusando a se mover novamente, agora que estou ansiosa para que ele faça.

Ele não podia sentir nada até agora, exceto o aperto de seu abdômen.

— As crianças, em qualquer idade, raramente fazem o que seus pais desejam —, ele lembrou.

Ela ofereceu um breve sorriso.

— Oh, Deus, Ian, ele está vivo. Definitivamente vivo! —, ela murmurou com espanto.

Ian ficou na sombra. Ele tirou as botas e camisa, em seguida, deitou-se na cama ao lado dela, puxando-a contra ele.

Mas ela endureceu contra ele.

— Ian, você não pode defender o exército! —, ela insistiu.

Ele se recusou a responder. Sua mão se moveu para baixo novamente, sobre a curva de seu estômago. O calor de seu hálito queimava contra sua testa enquanto a segurava contra ele.

— O bebê está vivo. Pelo amor de Deus, Alaina, vamos mantê-lo assim —, ele sussurrou com veemência.

Ela fechou os olhos. Ela sentiu a onda de movimento de modo fascinante, maravilhosamente estranho, dentro dela novamente.

Vida!

E que tristemente irônico. A vida de Teddy se foi, mas uma nova vida se acelerou. O neto de Teddy.

O bebê de Ian, também, recordou-se. O bebê de Ian e ela não contou para Ian, ele tinha descoberto quando ele tinha vindo aqui, descoberto por outra pessoa.

Ela sentiu a força de seus braços ao redor dela, e perguntou-se brevemente quando ele deixaria de ter pena dela, e permitir que a raiva que ele certamente havia sentindo entraria em erupção.

E agora, para piorar a situação, ela deu uma tapa nele na frente de sua família.

Por que ela estava sofrendo agora sobre suas próprias ações? Será que elas eram importantes?

— Algo precisa ser feito —, disse ela teimosamente.

— Alguma coisa vai ser feita. Alaina pare de lutar contra mim. Vamos descansar um pouco.

Ela mordeu o lábio, mas fez o que ele pediu para ela, sentindo o calor e a energia do seu corpo enquanto ela descansava contra seu peito, muito cansada para lutar mais naquela noite. Com uma pontada de culpa, ela percebeu que estava feliz que ele tinha chegado e estava com ela, e ela se perguntou o que teria acontecido se ele não tivesse chegado. Se ela não tivesse escapado do homem na água, e ainda, se ela não tivesse sido capaz de colocar uma distância suficiente entre eles…

No entanto, tudo parecia tão cruelmente irônico. Se Teddy tivesse chegado quando ela o chamou, eles teriam estado em segurança na casa quando os condenados e o exército vieram. Ela sentiu ira um momento por seu pai ser tão obsessivo, então ela sentiu culpa junto com a raiva, e novamente a dor terrível de perda.

Os dedos de Ian mudaram-se através de seu cabelo, acariciando tão delicadamente.

Apesar de sua melhor decisão, ela foi abalada por outro tremor, um soluço seco.

— Alaina…

Ela balançou a cabeça contra ele, sentindo o calor de sua carne, respirando o cheiro dele.

— Estou bem. Eu só estava… Ian, você tem uma família enorme. Você tem seus pais, seu irmão, sua irmã, tia, tio, primos… Teddy era tudo o que eu tinha.

Ele ficou quieto, ainda acariciando seus cabelos.

— Bem —, ele murmurou depois de um momento, — você tem a mim.

Ela encontrou-se se levantando contra ele, tentando ler seus olhos durante a noite.

— Eu, Ian? Eu tenho você? —, ela sussurrou.

— Ah, agora, Sra. McKenzie, isso funciona de duas maneiras! — Ele lembrou a ela suavemente. — Eu tenho você?

— Como não poderia? Estou a quase quatro meses junto com a criança, também pateticamente quebrada para ter minha inteligência sobre mim, casada com você e, portanto, aparentemente ao seu capricho e misericórdia.

— Mm, — ele murmurou, e ela sentiu a estranha varredura de seu olhar tocá-la nas sombras. — Eu me pergunto meu amor, se eu vou ter você exatamente à minha mercê, — ele disse, e o som de sua voz era seco, mas não sem certa ternura.

— Parece que você é o único que vai ditar onde eu vou viver —, ela lembrou.

— Estou no exército; eu vou onde eu sou atribuído. Eu não vou deixá-la sozinha aqui, Alaina.

— Você poderia me mandar para Cimarrom.

Sentiu-o observando-a.

— Eu poderia.

— Mas?

— Mas eu decidi que você está vindo comigo —, disse ele com alguma exasperação.

Ela queria ir com ele, ela percebeu. Muito. Ela havia passado muito tempo quando ele estava longe, meditando sobre suas possíveis atividades e sua proximidade com a filha do coronel Magee. Mas ela nunca, nunca iria deixar que ele soubesse.

E assim ela respondeu gravemente com outra pergunta.

— E se a Flórida se separar?

— A Flórida não se separou. Nós nem sequer sabemos os resultados da eleição até o momento. Além disso, você está a minha mercê, não é o que você acabou de dizer? Você apenas tem que respeitar as decisões que eu poderia tomar.

— Ah.

— Você vai fazê-lo.

— Naturalmente, vou supondo que você tome as decisões corretas —, ela murmurou.

— Confie em mim, elas vão estar certas —, disse ele com firmeza. Ele estendeu a mão, segurando sua cabeça suavemente, puxando-a de volta para descansar contra ele.

— Vamos dormir um pouco, Alaina —, disse ele suavemente.

Ela fechou os olhos. Ele não tinha respondido quando ela perguntou se ela realmente o tinha, ele tinha virado a pergunta para ela. Mas ele estava aqui com ela e agora por ela. E nas circunstâncias atuais, ela estava mais à mercê dele, mesmo que fosse bom que ele não percebesse o quanto.

— Ian? —, ela disse, enrolando os dedos contra o cabelo escuro encaracolado em seu peito.

— Sim, Alaina?

— Você se importa que eu esteja com você?

— Alaina, você é minha esposa, esperando meu filho. Eu certamente não vou me importar no mínimo que você está comigo. Foi sua escolha ficar com o seu pai, lembra-se? —, Perguntou.

— Você queria que eu ficasse com meu pai antes de me perguntar, — ela disse a ele.

— Seu pai pediu que eu a deixasse —, disse ele. — Durma um pouco, Alaina.

Ela queria dormir.

Talvez, até mesmo, para começar a curar.

Talvez ela não quisesse que três jovens fossem enforcados. Suas mortes não trariam seu pai de volta à vida para ela. Mas ela queria justiça.

Ela estava arrependida; ela não poderia simplesmente perdoar…

E ela nunca esqueceria.

Nunca.

CAPÍTULO QUINZE

O ar estava definitivamente ficando mais frio, especialmente no início da manhã. O sol ainda brilhava através do ar frio e úmido, batendo nas costas nuas de Ian enquanto ele trabalhava dividindo os finos pinheiros transportados do continente para a ilha, preparando-se para deixar o local sob os cuidados de sua família.

Teddy tinha sido enterrado há quatro dias. Jerome e Julian ainda não tinham retornado da base em Key West, Ian esperava que eles voltassem em breve, porque ele tinha apenas duas semanas para voltar ao serviço. E se ele estivesse levando Alaina com ele, precisaria de tempo para fazer planos de viagem adequados.

O tempo que tinha passado aqui parecia um período de espera muito estranho. Para Alaina, foi um momento de luto profundo. Ele tinha oferecido o conforto que podia e ela parecia estar aceitando a morte de seu pai. Às vezes ela ficava muito quieta, olhando para o espaço. Ocasionalmente, ela dava lugar a um único soluço irregular e seco. Em alguns momentos ela só queria ser deixada sozinha e por isso ele decidiu dar-lhe a distância que podia.

Nas últimas duas noites, ele ficou até tarde com seu tio e Lawrence na varanda. Era mais fácil entrar mais tarde, quando ela já dormia. Eles não discutiram e ele sofreu tão intensamente com o desejo a lembrar-lhe que ele estava vivo, muito vivo, que ele tinha ido embora há muito tempo e queria muito a sua esposa.

Ele ergueu os braços, derrubando o machado com tanta força que o pinheiro quebrou em vez de partir ao meio. Murmurando palavrões, ele moveu as lascas de madeira para começar de novo.

Ian não sabia ao certo por que eles continuavam na ilha de Teddy, exceto que a ilha de Teddy era a herança de Alaina. Os imóveis não valiam muito; se eles decidissem vender, era bastante improvável que encontrassem uma longa lista de compradores. O extremo sul permaneceu praticamente um paraíso para os sabotadores, selvagens, piratas, Seminoles[8], fugitivos de todas as marcas, cores e credos, e excêntricos como Teddy. Talvez seus parentes McKenzie também pudessem ser classificados como excêntricos, apesar do fato de seu tio James assegurar-lhe constantemente que chegaria

8 Ou ***seminolas,*** grupo indígena da América do Norte, que vivia em terras do Canadá e dos Estados Unidos, originariamente na Flórida e atualmente estabelecidos em Oklahoma.

o tempo em que as praias do sul da Flórida valeriam o ouro com o qual se assemelhavam. Talvez, mas não em sua vida. Ainda assim, seu próprio pai tinha mantido sua propriedade aqui, limpando alguns acres, deixando uma grande quantidade de pântano densamente arborizada e folhagens também. Ian sabia que nunca venderia a propriedade McKenzie e, se perguntou se, no fundo, ele não preferiria ser um fugitivo. Enquanto crescia, ele tinha passado tanto tempo rastejando pelas redes, manguezais, ilhas de pinheiros e pântanos puros. Ele amava o pôr do sol, talvez fosse isso. E o nascer do sol também, manhãs como esta, quando o ar estava frio e calmo, e ainda assim, um calor tão radiante poderia penetrar em suas costas nuas…

Ele fez uma pausa, o pé sobre tronco, apoiando-se em seu machado quando viu Alaina chegar à varanda. Ela parecia muito pálida, mais magra do que quando ele chegou, uma criança abandonada. Ela vestia um simples vestido de algodão quase branco, sem anáguas, sem espartilho, nem mesmo sapatos. Ele refletiu que, em algumas partes do Norte, ambos estariam muito indecentes. Ele estava descalço, vestindo calções, nada mais. Uma gota de suor escorreu sobre o peito. Sim, em uma praça tão remota do Éden primordial, pareceria indecente para estar completamente vestido. E Alaina parecia inteiramente deslumbrante em sua beleza natural, com os cabelos soltos, ondulando sobre os ombros, caindo abaixo de sua cintura, tão delicada e angelical como um espírito do mar perdido.

Ela acenou para ele; para sua surpresa, ela começou a andar em direção a ele. Não que ela estivesse realmente distante, mas nunca, nem uma vez, ela procurou-o no tempo em que ele esteve com ela.

Ele esperou, sentindo o ar da manhã esfriar seus ombros, enquanto ela se aproximava dele. Ela desceu até ele, empoleirando-se em cima de sua pilha de troncos de pinheiro, envolvendo os braços ao redor do peito, dando de ombros e sorrindo tristemente.

— A casa parecia tão estranha quando eu acordei! Estava tão cheia… e esta manhã, não há ninguém nela. Ninguém em absoluto.

— Minha tia e meu tio saíram mais cedo; eles não queriam acordá-la. — Ian disse a ela.

— E Jen e o bebê?

— Foram embalar suas coisas para vir ficar aqui.

— Onde está Lawrence?

— De volta ao trabalho no mar. — Ele se inclinou contra o machado, observando-a.

— Oh! — ela murmurou. — Bem, e o que acontece com Bella, Lilly, e os trabalhadores de meu pai?

— Bella e Lilly estão dando uma mão a Jen; os homens de seu pai estão aprendendo a se tornar mergulhador de resgate.

— Oh! — Disse Alaina, assustada. Seus longos cílios varriam suas bochechas. Ela olhou em direção ao mar em seguida. — É tão estranho, não é? Na semana passada, neste momento, era a ilha de Teddy, e agora, Teddy se… foi. Ele amava seus limoeiros, e eles se tornarão cheios de mato.

— Jen prometeu ter um cuidado especial com os limoeiros. — Assegurou Ian.

Alaina observou-o e assentiu com a cabeça depois de um momento. Ela estremeceu ligeiramente.

— Parece tão estranho, tão silencioso —, ela meditou, em seguida, lançou-lhe um rápido sorriso. — Acho que é parte do que eu amo tanto sobre Belamar. Se você olhar em uma direção, a areia e o mar parecem se estender para sempre, para a eternidade. Mas quando você vira uma esquina, você está em uma enseada de mangue, e é como se você tivesse uma parte do mundo só para si, com apenas vento e calor. — Ela hesitou. — Ian, talvez eu deva ficar por algum tempo… — ela começou, então parou franzindo a testa, quando ele de repente se aproximou dela, as mãos nos quadris. — Ian, o que…

— O que é isso, Alaina? Conversa agradável, doces sorrisos, por que você quer que eu mude de ideia?

— Bem, eu estava apenas pensando…

— E eu estava apenas esperando para descobrir o quão longe você está disposta a ir para uso próprio! — disse ele. Ele estava pronto para alcançá-la, agarrá-la, sacudi-la. Sua frustração foi a um nível agonizante. Ele tentou muito, muito lembrar a si mesmo que ela tinha acabado de perder o pai.

Ele soltou um juramento furioso e virou-se. Ele deu alguns passos, em seguida, começou a correr.

A faixa de areia que tinha falado um pouco antes e estava diante dele era a vista para o mar que parecia se estender para sempre. Ele correu ao longo da areia até que se curvou fora da vista antes de caminhar através das ondas e, em seguida, mergulhar no oceano.

A água estava tão nítida e fresca como o ar da manhã. Era bom contra sua carne, e ele nadou duro por um longo tempo, em seguida, virou-se de

costas e olhou para o sol acima dele, estreitando os olhos. Com sua visão periférica, ele percebeu que ela o tinha seguido em torno da ilha para a enseada e ficou olhando para a água atrás dele, perplexa.

Ele nadou em direção às águas rasas e se levantou.

— O quê?

— Nada. Eu só estava preocupada. — Ela murmurou.

— Sobre?

— Seu comportamento.

— É um dia quente, eu vim nadar. Você deveria tentar.

— Ian, estou de luto. Eu não poderia…

— Você acha que Teddy pode não gostar de ver você na água?

Ela corou.

— Você não entende.

— Não, Alaina, você não entende, — disse ele baixinho. — Mas isso não importa. Não agora. Volte para a casa. Eu vou estar junto a você em breve.

Mas ela não se moveu. Ela estava na margem, magra, alta, olhos dourados capturados pelo sol, a circunferência do seu abdômen quase invisível, cabelos loiros ondulando sensualmente com cada pincelada suave da brisa, então, ele se perguntou novamente se ela não tinha vindo para seduzi-lo com promessas para deixá-la aqui.

Ele não tinha certeza do que estava fazendo quando ele começou a se mover, sua dor era real e ele não desejava machucá-la. Mas ele também refletiu que era fácil insistir na perda, e a única maneira de encontrar vida novamente era viver.

Ele caminhou através da água para a areia com um propósito. Ela olhou para ele como se ele tivesse perdido o juízo. Quando ele estava quase sobre ela, os olhos ainda trancados determinadamente nos dela, ela gritou:

— Maldito seja, Ian, o que…

Ela recuou, em seguida, virou-se como se fosse correr. Ele agarrou seu pulso, puxando-a para trás, balançando-a nos braços e levando-a para águas mais profundas. Ela lutou ferozmente, olhando para o rosto dele, aparentemente sem encontrar respostas em seus contornos endurecidos.

— Ian, qual é o problema com você? Eu disse que eu não podia… Você deveria ser um cavalheiro, meu pai apenas acabou de morrer.

— Mas eu e você não e você não pode passar o resto de sua vida tentando fazer um santuário de sua casa e enterrar-se nela.

— Ian, maldito seja você.

— Nós vamos nadar!

Ele largou-a com a água na altura do peito. Ela cuspiu para a superfície, olhando para ele.

— Eu não queria nadar.

— Não? — perguntou ele. — Então vamos fazer outra coisa.

Ela olhou-o nos olhos, incrédula, então gritou furiosamente:

— Você é um imbecil! Você não vê, você não sabe, você não sente.

Ela parou, voltando-se para a água com um grito, em seguida, virou-se para nadar e nadar duro. Apesar do peso de sua saia, ela se moveu rapidamente, cortando as ondas com a velocidade e a agilidade de um maldito tubarão. Ele viu um pedaço longo e perverso cortando através da água, e ele sabia que ela não usava nada além do vestido de dia, e ela não seria muito arrastada por seu peso.

Na verdade, era tudo o que podia fazer para continuar com ela, mantê-la em movimento, mantê-la nas ondas. Quando ela tentou subir ou fugir dele, ele a puxou de volta. Ela veio à tona, ofegante, cuspindo uma e outra vez. Quando chegaram as profundezas e ela escapou por baixo dele em uma nuvem de algas, ele quase a perdeu. Ela quase chegou à praia novamente quando ela virou, triunfante…

Rindo.

Ele encontrou seus pés e com uma explosão de velocidade, ele correu para ela. Alarme tocou seus olhos e ela se virou para correr novamente. Mas ela tinha fugido tarde demais, e ele a agarrou, derrubando-a nas ondas. Ela gritou, xingando descontroladamente ele, meio rindo, meio irritada, as mãos empurrando contra a parede do peito.

Ele ignorou seus protestos. Pressionando-a de volta para a areia molhada, ele a beijou. Segurou sua bochecha e beijou, beijou-a com força e profundamente até que um pequeno gemido ecoou em sua garganta.

E então ele sentiu seus braços enrolando em torno dele.

Sentiu os dedos, provocando através do cabelo em sua nuca, trabalhando em seus ombros, puxando-o mais perto, segurando-o. Sua boca se despedindo docemente; aceitando então com a urgência febril de sua fome. Ondas salgadas frescas se espalharam sobre seus membros. O sol batia em uma explosão de raios ardentes. Ele continuou a beijá-la, a mão acariciando ao longo do comprimento dela. A água moldando seu vestido aos contornos do seu corpo, e ele sentiu a curva flexível e o oco encharcado debaixo dele. Ele encontrou a bainha molhada do vestido, puxou-a por suas coxas, acariciando as pernas nuas, suas nádegas, segurando-a com firmeza, próximo dos músculos de suas coxas, lutando contra o tecido de suas calças, a dureza de seu sexo. Ela ainda se agarrou a ele, atendendo à urgência da sua boca, procurando, encontrando. Ele soltou seus lábios finalmente. Seus olhos estavam fechados sob os raios do sol, cílios molhados com gotas de água, dançando como prismas contra suas bochechas. Sua boca estava levemente entreaberta, os lábios úmidos, sensualmente inchados. Em sua garganta, seu pulso saltou e correu…

Ele abaixou a cabeça com um gemido rouco e desesperado, pressionando os lábios contra a veia azul frágil. Sua mão estava sobre o corpete de seu vestido, arredondando a plenitude de seu seio por baixo. Ele manuseou o mamilo através do tecido, fechou a boca sobre ele. Suas coxas se separaram sob a pressão suave de seu peso e seus dedos acariciaram entre elas. Um suave gemido escapou dela, criando um suave sussurro em sua orelha; ela era flexível e maleável à sua vontade, com uma ondulação sinuosa começando a se agitar dentro dela ao seu toque. Ela estava quente, molhada…

Ele puxou os botões de suas calças, libertando-se. No entanto, enquanto se movia com a súbita urgência de um louco quase depravado, ele sentiu a subida muito sutil de seu abdômen.

Seu desejo não diminuiu, mas, foi temperado. Ele se moveu para o lado, capturando sua cintura, puxando-a com ele para não a sobrecarregar com seu peso. Ele pretendia tomar muito cuidado, porém, quando ele tentava se movimentar de maneira precisa e lenta, ela gritou, deslocando-se contra ele e o recinto surpreendentemente apertado e doce de seu corpo sobre ele pareceu despertar cada impulso primitivo dentro dele. Ele lutou mentalmente por controle… mas, se rendeu à batalha física dentro de poucos minutos, pois, sua esposa raramente se agarrava a ele com uma paixão tão desesperada e ansiosa.

Ela moveu-se com um ritmo perversamente gracioso que o embainhou e o despertou de novo e de novo, e ele caiu sobre ela com maior ardor, subindo

a um precipício, recuando, apenas para se levantar imediatamente de novo. Finalmente chegaram a um pico onde ele não aguentava mais, e um clímax explodiu sobre ele com todo o ardente calor do sol. E então, só então, quando as convulsões percorreram seu corpo, ele se lembrou do terno estado de sua esposa e se afastou, alarmado com a volatilidade com que haviam feito amor. Ele se esticou ao lado dela, os olhos cobrindo-a agora com preocupação enquanto reajustava sua roupa.

Mas ela se deitou na areia, aparentemente muito bem, a água lavando a bela extensão de suas pernas nuas. Seus olhos se abriram finalmente. Ela estava tremendo um pouco, seu coração batendo furiosamente, sua respiração ainda causando ascensão e queda agitadas da exuberância de seus seios. Seus mamilos permaneciam duros, contra o tecido de seu vestido; mas de alguma forma ela parecia tão pura e intocada como um anjo.

— Oh, Ian… — Os olhos dela pareciam chocados.

— O quê? — Ele perguntou rapidamente. — Doce Jesus, o quê? O bebê, nós machucamos, eu o machuquei?

— Não! Não! — Ela protestou rapidamente, os olhos arregalados e dourados.

Ele se inclinou sobre ela, roçando sua bochecha com uma das mãos, abrigando seu corpo contra o sol quente e a brisa fria com o seu.

— Alaina, a menos que você queira que meu coração pare de bater abruptamente, por favor, não me assuste assim.

Ela sorriu, mas era um sorriso frágil trêmulo.

— Ian, não pode estar certo se sentir tão vigorosamente vivo! Ter tal prazer… na vida! Quero dizer, agora, sob estas circunstâncias.

Ele ficou um pouco surpreso ao perceber que ela se sentia culpada. Ela permitiu-se desfrutar de fazer amor, quando Teddy estava sob o solo.

Ele suspirou e falou com ela suavemente, seu polegar roçando levemente sobre sua bochecha e lábios.

— Alaina, o único pecado na vida é não viver quando somos abençoados por tê-la, e eu juro para você, Teddy iria dizer-lhe o mesmo.

— Ele iria? — ela perguntou suavemente.

Seguro de sua saúde, ele se inclinou para trás em cima de um cotovelo.

— De fato, ele o faria. Por Deus, porém, você quase assustou a vida fora de mim.

Ela realmente sorriu, um flash rápido e fugaz de verdadeira diversão.

E felicidade.

— Eu sinto muito. O bebê está bem e Jennifer disse que está tudo bem que…

Ela parou, o rosto de repente um vermelho flamejante.

— Ah. Você tem discutido detalhes íntimos de seu casamento com Jennifer? — Ele perguntou com uma nota falsa de indignação.

— Não! — ela protestou, ainda corando furiosamente.

— Sim você tem!

— Você está enganado.

Ele se deitou contra a areia, tentando não rir, estudando seu rosto.

— Entendo. Você perguntou a Jennifer se a intimidade física prejudicaria a criança quando eu estivesse a centenas de quilômetros de distância. Interessante.

— Bem, eu suponho que você voltaria, eventualmente, para visitar seus parentes, se não sua esposa. E você senhor, será livre e extravagante, enquanto que para mim… Eu estou… — ela disse, e sua voz sumiu.

— Sobrecarregada com a criança? — Ele se ouviu perguntando com mais de uma nota de raiva.

Ela balançou a cabeça.

— Você teria voltado mais cedo, se soubesse antes? — ela perguntou-lhe suavemente.

Ele hesitou apenas ligeiramente. Ele poderia ter voltado mais cedo? Sua hesitação foi um erro, dera uma resposta involuntariamente.

— É a mim ou o seu filho que está tão determinado a ter com você em Washington? — ela perguntou então.

— Alaina…

Ela começou a se levantar, ignorando-o.

Ele não permitiria que ela fizesse isso. Ele montou-a com cuidado, prendendo seus braços na areia, encontrando seus olhos.

— Eu vou ter você e meu filho. Você é minha esposa, e se você não percebeu que eu te quero muito, você está muito cega. Você está procurando elogios? Garantias? Que estranho, porque eu estou malditamente certo de que você está bem ciente de suas próprias habilidades e beleza. Prometi-lhe no dia do nosso casamento que este seria um casamento real, e nada menos. Teddy queria você com ele; na época, eu não tinha nenhum argumento lógico para mantê-la longe dele, pois eu achava que estaria viajando para cá com grande frequência. Como foram os eventos anteriores, mas minha missão permaneceu no Norte! Agora, vamos ver… você queria permanecer aqui. Você queria tanto ficar aqui que estava disposta a usar todos os seus encantos e persuasão feminina para… hmm … qual é a palavra certa? Suborno! Certo, subornar-me para deixá-la ficar aqui com Teddy. E se não me engano, você saiu esta manhã com a intenção, talvez conscientemente, talvez não, de subornar-me novamente para que te permita ficar. Isso não vai acontecer.

Ela olhou para ele, seus olhos brilhando de diversão, raiva, em seguida, diversão e raiva mais uma vez.

— Ian McKenzie — ela começou, sua voz profunda, rouca e preenchida com o aviso de que ela estava prestes a começar uma tirada de sua autoria.

Mas ela não o fez, porque Ian não lhe deu uma chance. A brisa trouxe o som distante de vozes para seus ouvidos e ele saltou com uma rapidez que trouxe um grito assustado aos lábios dela. Ele estendeu a mão para ajudá-la a se levantar, explicando rapidamente.

— Alguém está aqui.

Alaina olhou para ele interrogativamente; ficou claro que ela não tinha ouvido as vozes ainda.

Internamente ele estava se chamando de todos os tipos de tolo. Ele não tinha esquecido o que aconteceu aqui com Teddy; ele até trouxe um Colt de seis tiros com ele para a pilha de lenha.

Mas ele deixou a arma lá quando correu para a água, deixando, ele e Alaina desprotegidos.

— Alaina, fique aqui até você me ouvir dizer que está tudo bem. — Ele disse a ela.

Seus olhos estavam arregalados, mas antes que ela pudesse responder, a voz de Julian podia ser ouvida, alta e clara, chamando em direção a casa.

— Ian? Alaina? Tem alguém aqui?

Ian exalou com alívio.

— Está tudo bem. É meu irmão e Jerome.

— Não está nada bem. Meu Deus, estamos encharcados, somos indecentes, somos…

— Estamos casados dessa vez, e não é o inimigo que vem sobre nós, — ele disse secamente. — Além disso, você conseguiu manter-se decentemente vestida. Vai parecer que estávamos nadando. Mas devemos deixá-los saber onde estamos.

Ele estendeu a mão para ela. Ela encontrou seus olhos, sorriu depois de um momento, e tomou. Ele liderou o caminho de volta em torno dos manguezais e em direção à cabeça da ponte. Jerome estava em frente da casa, com as mãos nos quadris, chamando seus nomes novamente, enquanto Julian estava indo em direção ao bosque para ver se eles estavam entre as árvores.

— Olá, nós estamos aqui! — Avisou Ian.

Julian parou, virou-se e começou a voltar. Os quatro se reuniram em frente à casa. O irmão e o primo de Ian tinham suas casacas formais sobre seus braços e tinham aberto suas camisas, mas ambos sorriram com óbvia diversão para o estado desalinhado em que se encontravam Ian e Alaina. As sobrancelhas de Julian arquearam quando ele deu um passo adiante, apertando a mão de Ian, em seguida, abraçando frouxamente uma Alaina encharcada.

— Manhã agradável para um mergulho…

— Não importa. — Ian disse a ele, dando de ombros para Jerome e perguntando: — O que aconteceu?

— Devemos entrar?

— Alaina está tremendo. — Jerome aconselhou.

— Estou? — Ela murmurou. — Não está realmente muito frio.

Não estava frio; o sol estava agora no alto do céu, seus raios ficando mais quente.

— Sim, vamos entrar em casa. — disse Ian. — Há café no fogão, eu acredito. Alaina, você precisa vestir algo seco. — Ele colocou a mão sobre a parte baixa das costas dela, impulsionando-a pelos degraus da varanda, para a casa e para o seu quarto.

Ele ergueu a mão, indicando a varanda dos fundos para Julian e Jerome, e depois seguiu os dois para fora. Jerome empoleirou-se em cima do parapeito, Julian em uma das cadeiras de balanço. Ian inclinou-se sobre o corrimão, à espera de ouvir o que tinha acontecido.

— Haverá uma ação disciplinar, — disse Jerome.

— Qual será a ação?

Jerome sacudiu a cabeça.

— Eu não sei.

Julian pigarreou.

— Tentamos esperar e ver, e, naturalmente, dadas as circunstâncias, eu joguei o nome do Bread para eles, seu nome e de qualquer outro nome que me ocorreu, inclusive o do general Winfield Scott. Eu deduzi uma grande amizade, então eu espero que você conheça o homem, Ian. Mas isso não importava. Nós fomos informados, educadamente e corretamente, que tudo o que fosse feito levaria tempo porque era uma situação muito delicada. Toda a viagem foi um inferno, Ian, mas você sabe muito bem que Jerome entrou com a força para pegar alguns escalpos, se isso fosse ajudar, então acredite em mim, foi aplicada pressão agressiva. Portanto, há uma possibilidade de que os homens podem enfrentar uma corte marcial. Uma possibilidade. Quando as decisões forem tomadas, eles nos informarão. Ah e, é claro, eles enviam sua mais profunda simpatia pela morte de Teddy McMann para você e sua filha. Eu tenho uma carta de um coronel Talbot para vocês.

Ian esfregou o queixo, observando seu irmão e Jerome. Ele nunca tinha conhecido alguém capaz de ser tão feroz, determinado e estoico em sua determinação quanto seu primo Jerome. Ninguém andou sobre qualquer um dos McKenzies, mas Ian deveria ter ido ele mesmo. Ele era um militar e foi uma situação militar.

— Então, existem infinitas possibilidades! — Ouviu Alaina dizer sarcasticamente, e ele olhou para o final do alpendre, assustado ao ver que ela tinha escolhido não mudar de roupa depois de tudo, mas tinha ido até o quarto apenas para escorregar silenciosamente para a varanda e ouvir a conversa. Ele deveria ter esperado isso dela.

Seus olhos dourados estavam em Jerome.

— Eles não vão fazer nada, irão? Eles simplesmente estão despistando com um monte de desculpas.

Jerome suspirou, levantando as mãos no ar um pouco impotente, e olhando para Ian em busca de alguma pista.

— Alaina, eu te avisei que claramente não havia nenhuma intenção de prejudicar o seu pai.

— E eu não esperava que eles fossem enforcados, e eu não acho que eu queria algo tão drástico. — disse ela com raiva. — Mas eu esperava mais do que uma carta de solidariedade!

— Alaina, haverá ação disciplinar. Você estava realmente ouvindo? Julian disse que haverá ação disciplinar.

— Certo. Eles podem ter que enfrentar uma corte marcial. Oh, Ian! Isso foi um monte de conversa para tirar os McKenzies fora de suas costas! Nada será feito; isso vai ser adiado e adiado até que os vermes tenham comido o meu pai até os ossos, e será isso!

— Alaina, este será um momento difícil para os militares, e sim, eu imagino que, dadas as circunstâncias, assuntos que não são inteiramente críticos vão ser adiados. Com toda a fúria acontecendo ao redor do país…

— Que fúria? — Ian interrompeu, franzindo a testa.

Jerome e Julian se entreolharam, depois voltaram a olhar para Ian e Alaina.

— Vocês não ouviram?

— Ouvir o quê? Eu não sei o que você está falando.

Jerome exalou em um longo suspiro.

— Bem, então, você não pode perceber que um alvoroço está ocorrendo. — Jerome olhou para seu primo. — Lincoln foi eleito para a presidência.

Alaina ofegou. Seus dedos feriram tensamente as palmas das suas mãos quando ela atravessou a varanda em direção a Ian.

— Lincoln, presidente! Ian! Você pode se demitir desse exército detestável agora mesmo!

— O quê? — Ian perguntou.

— Você pode renunciar…

— Você está tentando me punir ou ao exército? — ele perguntou, sentindo seu temperamento começar a esquentar.

Ele sabia que estava chegando. De alguma forma, ele sabia que estava chegando. Ele fez questão de sair naquele exato momento, assim ele estaria em seu estado natal para as eleições.

Cabeças mais sensatas ainda iriam prevalecer! Disse a si mesmo.

Mas eles não iriam. O Sul ficou indignado e ele podia imaginar, que mesmo enquanto falavam, a maioria dos estados do algodão iam pedir sessões legislativas especiais.

Para discutir a secessão.

— Ian, eu não entendo por que você está sendo tão teimoso e zangado. — Alaina insistiu.

Suas bochechas estavam coradas, mas sua carne permaneceu muito pálida. Seus olhos pareciam um verdadeiro fogo de ouro. Ela torceu o cabelo em um coque na nuca, exibindo a elegância de suas características clássicas. Seu vestido úmido abraçou sua figura, e ele percebeu que, apesar da ligeira protuberância de seu abdômen, ou talvez mais visível por causa disso, ela havia emagrecido nos últimos dias.

— Ian, — insistiu ela, — O que estou dizendo faz todo o sentido. A Flórida vai formar suas próprias forças armadas.

— Oh, realmente? — Ele interrompeu bruscamente. — Desde quando você está administrando o governo do estado? Desculpe-me, Jerome, eu perdi alguma coisa? A Flórida já se separou da União?

Jerome deu de ombros. Ambos sabiam que a Flórida provavelmente se separaria e que o estado iria começar a fazer os preparativos preliminares para uma divisão da União.

Mas ainda não tinha acontecido. E isso pode levar tempo. Ian poderia ser uma das poucas pessoas no Sul que não estava surpreso com o fato de Lincoln ter sido eleito, e mesmo assim, ele temia que isso acontecesse.

E era ruim o suficiente sem Alaina insistindo.

— Nós nos separamos? — ele perguntou novamente.

— Não, não que eu saiba, — disse Jerome. — Os resultados das eleições foram apenas divulgados. Isso é tudo que aconteceu, é claro.

— Mas Lincoln foi eleito! — Gritou Alaina. — E Ian…

— Se e quando a Flórida realmente se separar, Alaina, tomarei minhas próprias decisões em relação à minha comissão militar.

— Ian! Você deve renunciar! — Ela informou-o, como se não houvesse nenhuma dúvida sobre o assunto.

Sua cabeça latejava. Ele esperava isso; Ele temia isso. E tinha vindo.

Ele ficou de pé, de repente furioso. Ele caminhou diretamente para onde ela estava, levantando o queixo para que ela fosse forçada a olhar em seus olhos.

— Você sabe, minha querida, que eu realmente tentei de todas as maneiras ser tão cortês com seus sentimentos quanto eu era capaz? Preste atenção em mim, Alaina. Eu serei amaldiçoado se algum dia eu permitir que você me diga o que devo ou não devo fazer!

Ela olhou para ele, seu rosto ficando ainda mais pálido, exceto pelo rubor carmesim que floresceu em suas bochechas.

— De fato. — Ela sussurrou. — Então você preste atenção às minhas palavras. Você deve me entender, você deve ir direto para o inferno. — Ela gritou, e com uma fúria selvagem, ela tentou passar por ele.

— Oh, não, Alaina! — Ele a informou.

Ele agarrou seus ombros e arrastou-a de volta na frente dele.

— Droga, Alaina. — Ele parou de repente, sentindo a quantidade de calor que emanava dela. Seus ombros estavam em chamas. Naturalmente, ela estava vermelha de raiva, mas…

Ela abriu a boca como se fosse discutir com ele novamente. Seus olhos estavam ofuscantes, parecendo muito dilatados, muito escuros.

— Ian, Ian… maldito! — Gritou ela. Mas, então, o tom de sua voz mudou, tingido com confusão e alarme. — Ian, Ian, por favor… — Mas ela não terminou. Seus cílios de repente se fecharam sobre seus olhos.

E ela caiu em seus braços, um peso morto.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Ela estava mais doente do que em toda sua vida e houve momentos em que ela sabia disso.

Em outras ocasiões, ela não sabia absolutamente de nada; a vida não era mais do que uma estranha série de visões, algumas reais, outras alucinatórias.

Ela viu seu pai. Eles estavam em algum lugar onde o fundo era de um suave azul esbranquiçado, tão pálido e gentil quanto os olhos de Teddy. Ela ficava perguntando como ele se sentia; ela estava muito preocupada. Ela vagamente sabia que ele estava morto e imaginou que ele parecia tão bem e em paz.

— Eu nunca me senti melhor, filha. — Ele disse indignado. — E preste atenção agora, Alaina, vê o quanto tenho crescido desde aquela pequena muda que eu mostrei a você?

Então Teddy foi embora. Soldados marcharam através de um campo de branco, filas e mais filas, crescendo em número, um após o outro. Eles marcharam e marcharam. Um sargento gritou — *Preparar, apontar, fogo*! — E mil armas pareceram explodir em um motim de tiros…

Ela estava quente; ela estava fria. Ela viu o rosto de Ian, bronzeado, magro, olhos ferozes, azuis e graves; ela sentiu seu toque, ouviu sua voz.

— Beba isso, você deve beber isso.

— Não…

Ela não conseguia beber, não conseguia engolir.

Ele a fez beber.

Ela estava quente. Tão quente. Ela não queria ser tocada. Ele continuou colocando toalhas molhadas sobre ela. Ela não podia suportá-las, ela gritou e tentou lutar, empurrando as toalhas de lado. Ele as colocou de novo e gritou o nome dela bruscamente e ela encontrou seus olhos novamente, tão ferozes sobre ela própria.

— Deixe-as em paz; você deve esfriar.

Ian tinha ido embora, Jennifer estava lá. Jennifer, que sorriu e foi tão gentil. Alaina fechou os olhos, então Jen se foi e Ian estava de volta. Julian e Jerome chegaram, e quando ela abriu os olhos mais uma vez, ela descobriu que Teela estava lá e o dela foi o toque mais suave de todos os praticados até o momento.

Alaina andou em nuvens de tílias com Teddy, mais uma vez. Parecia que eles andavam pelas colinas, e ela sabia, é claro, que não havia colinas na Ilha Belamar.

— Beba, — ela ouviu, novamente e novamente.

Uma dúzia de vozes.

A voz de Ian.

E então, no campo de limoeiros, Teddy estava pedindo-lhe para beber também, e ela fez isso.

Os soldados marcharam…

Mas, finalmente, os sons de seus passos desapareceram, e eles começaram a se confundir e se fundir ao preto.

Ela estava morrendo, pensou.

— Alaina!

Sua voz, tão afiada. Seus olhos, tão azuis penetrando nela. Ele forçou o líquido entre os lábios dela, forçando-a a beber novamente.

******

Na terceira noite de doença de Alaina, Ian estava abatido, em um estado perigoso. Quando Julian disse-lhe, finalmente, que a febre tinha cedido, ele estava exausto.

Ele ficou ao seu lado durante a maior parte das longas horas, quando ela caiu com febre, deixando-a apenas brevemente ao cuidado da família que confiava tanto. Quando sua tia chegou, ele dormiu algumas horas, deixando Teela e Jennifer continuamente molhando-a com água fria para evitar que sua febre ficasse muito alta.

— Ela é jovem e forte e ela vai lutar contra isso instintivamente. — Julian assegurou-lhe todo o tempo. — Nós só temos que ajudá-la; temos de manter a febre baixa.

Houve momentos, naturalmente, quando Ian quis saber sobre a criança que ela carregava. E seu irmão foi honesto quando Ian lhe perguntou se o bebê poderia sobreviver.

— Tudo é possível. Bebês sobreviveram através de doenças extremamente graves de suas mães. Alaina está bastante distante agora, o que é bom. Mas eu não sei. É muito cedo ainda para ter certeza.

Quando a febre cedeu, finalmente, e Julian assegurou a Ian que Alaina tinha caído em um sono tranquilo, ele saiu para a sala de estar, grato. Cansado e com barba por fazer, ele sentou-se diante do fogo, condenando a si mesmo por sua doença. Ela tinha estado muito frágil desde a morte de Teddy. Ele a arrastou para a água, ele a deixara ficar fria, ele tinha feito amor com ela tão cedo. Puro terror tinha invadido seu coração quando ele pensou que ela havia escapado da vida, ainda deitada como um anjo de mármore, cabelo emaranhado de sol espalhado sobre seus traços delicados, como um halo radiante. Ela passou a significar mais para ele do que ele queria imaginar; em seus dias aqui, ele tinha descoberto muito mais sobre ela como, embora soubesse quase instantaneamente que ansiava abraçá-la, tê-la, como um homem desejava ar para respirar e água para beber.

Mesmo que isso o matasse, ele silenciosamente jurou, ele iria manter distância dela. Até que ela estivesse em paz com a morte de Teddy; até que ela mesma se curasse.

Até que seu filho nascesse.

— Você sabe Ian, apesar de você se sentar aí culpando a si mesmo, que você não causou isso!

Assustado, ele olhou em volta. Julian tinha saído do quarto de Alaina.

— Ela…

— Ela está bem o suficiente. Mas pare de se culpar. Deus, Ian, se qualquer um de nós pudesse entender realmente o que causa essas febres terríveis, poderíamos revolucionar a medicina. Muitos médicos acreditam que febres são transportadas através do ar, e que a única defesa contra elas é deixar de respirar. Naturalmente, isso é uma piada, uma vez que mesmo que na medicina, até nós, estamos cientes de que o homem deve respirar para viver.

Ian balançou a cabeça com um suspiro cansado.

— Mesmo que eu não tenha causado a doença, eu certamente contribuí para o baixo astral que a fez tão vulnerável! Há a questão da morte de Teddy, e agora…

— Agora, Lincoln.

— Sim.

— E você está incomodado porque não está pronto para renunciar a sua comissão.

Ian balançou a cabeça.

— Os mais fervorosos de meus amigos, colegas oficiais e conhecidos estão todos pisando com cuidado aqui. Virginia vai liderar o Sul, eu acho, e a conversa na Virgínia agora é para moderação. Mas a Flórida… na Flórida não há uma parte moderada dentro do estado! Você sabe disso tão bem quanto eu. Quando saímos de St. Augustine, seu amigo John, o senador do estado, estava dizendo que alguns homens estavam silenciosamente iniciando os preparativos para uma sessão legislativa extraordinária para votar sobre a questão da secessão, apenas no caso de as eleições saírem mal! — Sacudiu a cabeça inquieto. — Eu continuo dizendo a mim mesmo que eu realmente não sei o que vou fazer se a Flórida se separar. E, no entanto, não posso evitar, Julian, eu acredito que é errado uma pessoa possuir outra, independentemente, da diferença de cor, raça ou credo. Nenhum homem deve ter o poder de vender a esposa, ou filho de outro. E eu acredito na santidade da União.

— Suas crenças não causaram a doença de sua esposa.

— Mmm, mas elas não vão ajudá-la a se recuperar, também.

— Eu ainda não vi nenhum de vocês intimidado por qualquer argumento, — Julian apontou. — Confie em mim, ela vai estar pronta para lutar de novo muito em breve.

Talvez. Ian levantou-se, angustiado com o que estava prestes a dizer, mas estava certo de que Alaina precisava de algum tempo sem ele.

— Julian, você pode ficar mais um pouco?

— Certamente. Mas…

— Tenho que me reportar ao dever e Alaina não pode me acompanhar agora. Pensei que, talvez em um mês ou mais, você e Jerome pudessem

levá-la a St. Augustine, colocar ela e a Lilly a bordo de um navio, e mandá-las para Charleston. Eu vou encontrá-la lá e podemos passar um dia com Brent e Sydney. Alguns dias de folga para mim em Charleston é muito mais fácil de conseguir do que ter mais tempo aqui… Eu não quero mais arriscar a vida dela ou a da criança.

— Como quiser. Vou fazer o meu melhor.

— Obrigado, Julian. Você é um irmão excepcional

Julian sorriu maliciosamente.

— De fato, eu sou. Felizmente, você não me bateu impiedosamente quando criança.

— Eu nunca bati em você. — Ian protestou.

— Bem, houve aquela vez, no quintal, que você me bateu na cabeça com o galho de carvalho.

— Você estava com dois anos e eu tinha três, e você tinha acabado de morder um pedaço da minha perna! Eu ainda tenho a cicatriz.

Julian fez uma careta.

— Bem, tudo bem, talvez esse seja um bom ponto. — Seu rosto ficou sério mais uma vez. — Quando você vai partir?

— Amanhã de manhã. Jerome planeja levar sua mãe para casa. Terei a chance de dizer adeus a ela e ao tio James, já que não sei quando estarei de volta.

— Você pretende pelo menos dizer adeus a sua esposa? Pela manhã ela deve acordar com uma mente clara, finalmente descansada.

Ian assentiu gravemente.

— De fato sim. Tenho a intenção de dizer adeus.

******

Alaina despertou muito lentamente, ciente de um pássaro cantando em algum lugar fora da casa. Ela abriu os olhos. Para sua surpresa, eles não estavam mais pesados, nem era doloroso abri-los. Ela piscou apenas

brevemente para a luz que se filtrava através de suas janelas, derramando-se sobre os lençóis de algodão branco macio em sua cama e o vestido bordado que ela usava. Ela mudou sua visão e viu uma cabeça escura inclinada sobre um jornal de St. Augustine.

— Ian? — Ela murmurou.

— Alaina!

O jornal caiu; o homem se levantou. Os olhos eram os mesmos, mas ele não era Ian.

— Julian? — Ela murmurou.

Ele se sentou ao lado da cama, imediatamente sentindo a testa, as bochechas, as mãos. Ele sorriu com prazer óbvio.

— Nenhuma partícula de febre sobrou! Graças a Deus o meu irmão decidiu confiar em mim… Você se curou maravilhosamente.

— O que aconteceu? — Perguntou ela.

— Você teve uma gripe. Exatamente o que era, não tenho a menor ideia, mas por favor não repita isso! O que causou isso, não posso dizer; mas o que agravou foi o seu estado de desolação e o fato de você não ter comido muito nos dias que precederam o ataque de sua doença. Em seguida, houve o bebê…

A maneira como ele disse as palavras enviou uma flecha ao seu coração. Ela mal podia acreditar na onda de angústia e pesar que tomou conta dela, então agarrou sua mão rapidamente.

— Oh, meu Deus, eu o matei!

Ele balançou a cabeça, apertando a mão dela, por sua vez.

— Não, não, Alaina. De acordo com meus conhecimentos, seu bebê está indo muito bem. Senti movimento esta manhã.

— Você sentiu… Um movimento?

Ele assentiu.

— Sim, claro. Você está na metade agora, Alaina. O jovem rapaz, ou moça está se tornando bastante forte. É fascinante, realmente, o que somos capazes de aprender na escola de medicina por meio de fetos falecidos. É uma pena que eles são muitas vezes tão abundantes…

Ele parou, subitamente consciente da direção imprudente de sua conversa.

— Desculpe, Alaina, desculpe. Naturalmente, é claro, que você era a nossa principal preocupação. E agora que você está começando a me olhar diretamente nos olhos e fazer sentido, posso dizer com toda a franqueza que até a noite passada, nós tivemos nossas dúvidas sobre o seu futuro! Mas você é uma lutadora, pequena cunhada. Eu sou muito grato.

— Aparentemente, Julian, eu devo ser muito grata a você e sua família.

— Ah, mas é a sua família, também, não é? — Ele perguntou gentilmente.

— Uma família emprestada. — Ela concordou.

— Não emprestado, pois você nunca pode nos devolver. — Ele brincou, sorrindo com bom humor. — E você está carregando uma parte de meu sangue dentro de você, Alaina, portanto, neste momento, temos uma relação de sangue nós mesmos. Como é isso?

— Provavelmente muito mais amável do que eu mereço, Julian. — Ela disse a ele, tentando levantar-se contra os travesseiros. Ela não estava com dor, mas sentia que não tinha mais forças do que um gatinho recém-nascido. Julian viu sua intenção, porém, e rapidamente se levantou para ajudá-la, ajeitando o travesseiro para que ela pudesse se inclinar contra ele. — Julian, quanto tempo eu estive doente? — Perguntou ela.

— Três dias. Tempo suficiente para nos assustar com vontade.

— Alguém mais ficou doente? É… e Ian, está bem?

— Em forma, como um violino. — Julian assegurou. Ele se levantou, derramando água num copo que estava em sua mesa de cabeceira. — Beba isso devagar, depois vamos trabalhar na sopa da Lilly, isso certamente vai dar-lhe a sua força de volta. — Ela engoliu a água fria, clara, e ele pegou o copo de volta.

Quando Jen entrou com uma bacia, toalha e uma escova de cabelo, Julian deixou as duas mulheres sozinhas. Jen sentou-se na beira da cama, os olhos brilhantes enquanto se abaixava para beijar Alaina na testa.

— Boa como nova! Você está maravilhosa.

— Jen… Eu, possivelmente, não tenho uma boa aparência.

— Ah, mas você tem. Viva é bom. — Jen aconselhou-a gravemente.

Alaina sorriu. Ela se sentia bem por estar viva e tão bem cuidada.

— Muito obrigada, por tudo. — disse a Jen. — Você estava aqui no meio de tudo. Você é uma enfermeira maravilhosa.

— Eu tive uma grande ajuda. Eu tenho um irmão e um primo que são médicos e eu cresci com Teela, que é uma deusa das ervas, no entanto, ela afirma que aprendeu tudo sobre as propriedades das plantas de um bom amigo durante a Guerra Seminole. Eu ainda estou certa de que metade do que ela realiza é a magia de sua alma.

— Há magia na alma dela e na sua. — Alaina disse a ela.

Jennifer deu-lhe um abraço feroz.

— Não se subestime, Alaina. Você é muito a filha de Teddy. E nunca houve um homem mais gentil.

Houve uma batida rápida na porta, depois esta se abriu. Alaina ficou surpresa ao sentir a maneira que seu coração acelerou quando viu que era Ian.

Ele estava vestido com uniforme. O azul do exército dos Estados Unidos. O sorriso hesitante que ela queria oferecer a ele falhou. Lembrou-se das fileiras e fileiras de soldados em azul, vindo em sua direção, rifles apontados.

Como os homens que mataram Teddy.

Ela baixou os olhos rapidamente, tentando ser racional antes de discutir com Ian. O exército inteiro não tinha matado Teddy.

Mas Lincoln tinha sido eleito. A menos que isso fosse parte do terror de seu pesadelo também.

— Alaina… — ele murmurou, chegando até a cama e sentando-se do lado oposto de Jennifer. Ele parecia excepcionalmente impressionante para ela naquela manhã, tão alto no uniforme e na sobrecasaca que ele usava tão bem, com os cabelos bem penteados, muito fortes e escuros, ainda ligeiramente úmidos como se tivesse acabado de tomar banho e de se vestir. Ele cheirava agradavelmente a sabão e couro bem polido. Suas botas eram brilhantes, seus ombros pareciam incrivelmente amplos, e ela sentiu um tremor estranho dentro dela, um desejo estranho…

E um estranho sentimento de ciúme e de… possessividade.

Seus olhos estavam afiados, buscando, varrendo Alaina, olhando para Jennifer buscando a confirmação que sua esposa estava tão bem quanto aparentava.

— Ela está bem, na verdade fora de perigo! — Jen disse agradavelmente, levantando-se. — Bem, eu vou deixar vocês dois.

Ela saiu calmamente, fechando a porta atrás dela.

Ian estendeu a mão, tocando a bochecha de Alaina. Havia algo muito suave no gesto e algo que a deixava desconfortável também.

— Ian.

— Você está de volta conosco. — Disse ele calmamente.

Ela assentiu com a cabeça, não confiando em si mesma para falar por um minuto. Ele esteve com ela constantemente, ela sabia.

Um tirano. Fazendo-a dar os passos para viver.

— Mas agora você está indo embora. — Ela sussurrou.

— Eu sei que você quer que eu me demita, mas eu prefiro não enfrentar uma corte marcial. Quando você está no serviço militar e é instruído a se apresentar em uma determinada data, você o faz. Eu tenho que voltar, Alaina e você não será capaz de viajar por algum tempo, você precisa recuperar a sua força.

Ela se obrigou a olhar para ele e não fazer nada mais do que assentir, apesar de não se sentir tão desolada desde que percebeu pela primeira vez que seu pai havia morrido. Tinham se casado, se tornaram amantes, e estavam esperando um filho, e ela sabia que sempre estaria intimamente entrelaçada em sua vida.

Mas ele retirou-se de alguma forma esta manhã. Ele deu um passo para trás e ergueu um muro entre eles, e ela se perguntou se ele havia se cansado dela. Ou se ele tinha pena dela, e simplesmente determinou que ela houvesse se tornado tão frágil que ele não ousaria tocá-la novamente.

Ela olhou para suas mãos.

— Eu sinto muito por ter sido um incômodo para Julian. Ele tem um consultório médico em St. Augustine.

— Julian está feliz o suficiente por qualquer oportunidade de vir para o sul. Ele gosta de pescar ao longo da costa, e é excepcionalmente amante das

águas quentes para nadar. — disse Ian, seus dedos se fechando sobre os dela. — Em mais algumas semanas, você vai ficar bem para viajar. Ele vai levá-la para St. Augustine, no início de dezembro e enviá-la em um navio para o norte.

— Ah. Norte para…

— Tenho a intenção de ir vê-la em Charleston.

Sentia-se quase ridiculamente aliviada. Ele não tinha planejado abandoná-la inteiramente.

— Bem, — ela murmurou, determinada a não se agarrar — será maravilhoso visitar Charleston. E ver Sydney.

— Eu imaginei que ia gostar disso.

— Eu amo Charleston, era uma das cidades favoritas do meu pai. Eu nunca estive em Washington, embora não tenha certeza de que esta seja a hora de visitá-la.

Ian ficou quieto um momento.

— Vai levar algum tempo antes que Lincoln seja realmente empossado, Alaina. Você vai chegar a Capital, enquanto Buchanan ainda está na Casa Branca.

— Isso significa que nós estaremos prontos para partir no momento em que Lincoln for empossado? — Ela perguntou suavemente.

— Isso significa que nós vamos estar na cidade durante um tempo de grande agitação e emoção, imagino.

Ele se levantou e ela ficou alarmada, desejando que nunca tivesse falado. Ela não queria lutar.

Mas se ela não lutasse…

Ela baixou as pálpebras rapidamente. Ian simplesmente não queria ver a verdade. Seu estado ia deixar a União. Quando seu estado realmente fizesse isso, Ian aceitaria o fato de que haveria uma divisão. E ele renunciaria então.

Ele ia deixá-la. E ela não queria que ele se lembrasse dela como uma harpia ou como uma megera. Obrigou-se a sorrir. Ela acariciou as costas de sua mão com a ponta dos dedos, os olhos baixos.

— Então eu vou estar ansiosa para chegar a DC, a não ser que…

— Sim? — Ele perguntou.

— Ian, o nosso filho poderia nascer então… no Norte.

— Ele nascerá no Norte.

Ela estremeceu um pouco, e ele riu.

— Se dois gatos se reproduzissem na Lua, meu amor, eles ainda seriam gatos. O nosso filho será Floridiano, não importa o que…

— Você é um Floridiano não importa o que, Ian?

— Sim, meu amor, não importa o que aconteça e não importa o que alguém pense. — Acrescentou calmamente. As últimas palavras pareciam ameaçadoras.

Ela não queria discutir! Ela lembrou a si mesma. E ainda assim, ela o teria desafiado, exceto…

— Ian!

— O quê?

— Agora, Ian, agora. Oh, Ian, Julian estava certo! Ele, ou ela, está vivo e… forte! Sinta, Ian, sinta!

Ela puxou a mão dele contra ela. Para sua alegria, a criança dentro dela, muito agradavelmente, deu outro chute poderoso.

Ian ficou imóvel, a mão sobre ela. Então ele se afastou de repente, quase como se o movimento do bebê o tivesse queimado.

— Ian…

— É verdade, — disse ele com voz rouca: — Ele, ou ela vive.

Lágrimas de alívio e felicidade ardiam em seus olhos. Ela piscou rapidamente e furiosamente, escondendo-as.

Então, Ian se inclinou sobre ela. Ela sentiu o calor dele, respirou seu perfume, desejou que ele a segurasse.

Ele a beijou castamente na testa. Em seguida, ele se endireitou, tocando a aba do chapéu emplumado, de modo que o seu ângulo sombreava seus olhos.

— Cuide de nosso filho e de si mesma. Cuide-se, meu amor. — Disse ele.

E antes que ela pudesse responder, ele se virou e a deixou.

CAPÍTULO DEZESSETE

— Ian!

Através do que parecia ser uma massa sólida de humanidade, Ian viu seu primo Brent. Felizmente, Brent era alto o suficiente para ficar acima da maioria dos homens e mulheres tagarelas que circulavam. Ian acenou de volta ao chamado de seu primo e atravessou a sala pública lotada do *Thayer Inn*, um estabelecimento em frente a bateria de Charleston. Ele se perguntou se não teria sido um tolo ao planejar encontrar seus primos e sua esposa aqui. Ele nunca tinha visto a cidade tão lotada. O hotel em si era muito velho e mais habitualmente um lugar reservado, frequentado pelas mesmas famílias ao longo das gerações. Hoje, poderia muito bem ter sido o quatro de julho.

Ele chegou finalmente a Brent, que o abraçou rapidamente e se afastou, sorrindo ironicamente.

— É uma loucura aqui, não é? Venha aqui, manobrei um espaço no bar e já garanti os nossos quartos. No minuto em que Sydney ouviu que eles estavam trazendo a reunião do conselho legislativo aqui da Columbia por causa da febre lá, ela viu os nossos quartos. Naturalmente, nós poderíamos ter ido para a fazenda, mas com a emoção na cidade, parecia que deveríamos ficar. Você ouviu o que está acontecendo?

É claro que Ian tinha ouvido. O legislativo da Carolina do Sul convocara uma convenção na capital do estado para formar um decreto de secessão; a varíola, no entanto, fez com que os membros mudassem a convenção para Charleston.

A primeira reunião tinha tido lugar no Instituto Municipal, em 17 de dezembro. Agora, a Convenção vinha martelando detalhes por vários dias. Ian tinha aprendido tudo isso a caminho de Charleston. Era tarde demais para impedir Alaina de vir para cá e, por isso, não havia nada a fazer senão esperar que seu navio tivesse chegado sem incidentes.

Não que ele sentisse qualquer hostilidade no momento. O clima nas ruas era exultante. As pessoas sentiam como se fossem parte de uma segunda Declaração da Independência que, em essência, eram. E não importava o mínimo que tantos homens estivessem vestindo o uniforme do exército dos Estados Unidos. Todos esperaram. O sincronismo era tudo.

Dezembro de 1860 tinha sido uma época em que muitos haviam procurado desesperadamente um compromisso. O Congresso dos Estados Unidos tinha trabalhado febrilmente. O Legislativo da Virginia convocara uma "Convenção de Paz" não oficial.

Ian poderia ter dito a todos, no entanto, que muito pouco poderia acontecer em Washington agora.

O Presidente Buchanan era um homem bom o suficiente, mas um homem sentado em uma cerca. Aguardando seu tempo, até que Lincoln assumisse a presidência.

— Acabei de ouvir nas docas que eles estão esperando que a convenção seja interrompida hoje. — disse Ian — Parece que haverá uma reunião no Instituto Hall com autoridades estaduais e municipais.

— E todas as bandas vão tocar! — Brent concordou com um toque de sarcasmo. Brent era contra a separação, Ian sabia, mas ele era um sulista com convicções profundas. Ainda assim, ele não residia na Carolina do Sul por tempo suficiente para que seja seu estado. O que a Flórida faria nos próximos meses era importante para seu primo, mas nenhum membro imediato da família de James McKenzie iria vestir o uniforme do exército dos Estados Unidos. Na melhor das hipóteses, a maioria da própria família de Ian permaneceria neutra.

— Um lugar maravilhoso para combinar em receber a minha esposa. — disse Ian, infeliz, enquanto ele e Brent se encaminhavam para o velho bar de carvalho. Brent, aparentemente, havia se familiarizado com o barman nos últimos meses, porque ele não fez nada mais do que levantar a mão e doses de uísque foram colocados diante dos homens.

— Na verdade, — Brent disse com um traço de diversão — ela está gostando tremendamente.

— Ela está aqui? — Ian disse surpreso — Mas o navio dela não era esperado até amanhã à tarde!

— Parece que eles tiveram ventos favoráveis. — disse Brent, levantando o uísque. — Felicidades. Alaina desembarcou ontem à noite, mas não se preocupe, Sydney e eu estávamos lá quando o navio ancorou e sua esposa não estava sozinha de qualquer maneira. Ela estava acompanhada de Lilly e um homem de sangue misto chamado Samson.

— Um dos trabalhadores de Teddy. — Ian murmurou, feliz por Samson ter viajado com sua esposa. Obra de Julian, sem dúvida. O sangue indígena de Samson era forte, mas sua mãe tinha sido uma escrava mulata em St.

Augustine. Teddy tinha comprado mãe e filho anos atrás e libertou-os, e a família tinha trabalhado para Teddy em Belamar desde então. — Então, onde está Alaina agora?

Brent sorriu, olhando além de Ian.

— Descendo as escadas com Sydney no momento.

Ian se virou para a elegante escadaria que levava ao segundo andar do estabelecimento e aos quartos de hóspedes. Sydney foi a primeira, muito bonita e bastante adequada em um vestido de dia de tafetá cor de lavanda, atado no corpete, em preto e branco. Ela viu Ian, sorriu, acenou e virou-se para Alaina, que estava logo atrás dela.

Alaina permaneceu em luto, usando preto da cabeça aos pés. Contra o severo ébano de seu vestido e o veludo negro do manto que ela usava, o cabelo, varrido em um coque, com apenas algumas mechas artisticamente escapando, parecia queimar como os raios do sol, um verdadeiro ouro. Seu rosto tinha um traço de nova maturidade que de alguma forma aumentava sua extraordinária beleza. Embora ela estivesse pálida, ela estava obviamente bem, sorrindo em resposta a um transeunte na escada, em seguida, virou-se na direção de Ian.

Seus olhos encontraram os dele, tão dourados quanto seus cabelos, brilhando de prazer e calor. Seus lábios se curvaram em um sorriso lento, apenas ligeiramente hesitante, e ela ficou muito quieta, observando-o.

O zumbido da folia na sala pareceu desvanecer-se, e ele percorreu rapidamente através da multidão de pessoas para chegar ao pé da escada. Ele ofereceu a Sydney um rápido sorriso, beijando seu rosto, em seguida, pegou a mão de Alaina, puxando-a para a dobra de seu abraço.

Foi só então que ele percebeu que, apesar da aparência esbelta de seu rosto, ela estava…

Simplesmente enorme.

Ele franziu a testa, instintivamente preocupado que uma mulher pequena estivesse carregando uma criança tão grande. Ele rapidamente reajustou sua postura, deslizando um braço sobre os ombros dela e beijando seu rosto quase tão castamente como ele fez com sua prima. A multidão parecia pressionar em torno deles, mesmo enquanto ele levava as duas mulheres para perto de Brent, no bar.

— Sinto muito! — Ele gritou para Alaina. — Se eu soubesse de todo esse caos, nunca teria marcado nosso encontro aqui!

Ela se virou ligeiramente em seus braços, o rosto iluminado de riso.

— Ian, eu estou bem. É fascinante! Há tanta coisa acontecendo! A secessão da Carolina do Sul vai ser anunciada hoje, haverá bandas tocando, desfiles por toda a cidade e fogos de artifício. Ian, é incrível estar aqui para isso!

Ele estava irritado com o entusiasmo dela. Ele não sabia por que ninguém estava preocupado com a perda do que tinha sido o grande experimento dos Estados Unidos. E, na verdade, ele não estava certo de que ela deveria estar de pé em sua condição.

— Incrível. — Ele concordou secamente, estudando-a.

Ela havia feito enormes progressos nos últimos dois meses. Embora ela estivesse pálida, tinha um toque de cor em suas bochechas. Seus lábios eram de um vermelho tão profundo como o vinho, sua vibração dava-lhe um apelo encantador. Ela parecia realmente feliz em vê-lo, a menos que ela estivesse simplesmente contente por estar aqui para ver os estados começando a se separar.

— Ah, senhoras! — Brent disse quando chegaram a seu lado. — Agora que você já manobrou tudo isso… talvez devêssemos voltar a subir. Temos um quarto com varanda com vista para as ruas. Vamos ver a maioria das festividades de lá.

— Muito bem. — Ian ouviu-se dizendo com firmeza. — Brent, como médico, aconselha a Alaina que ficar em meio a essa turba não é bom para sua condição.

Brent arqueou ligeiramente uma sobrancelha; em sua prática, ele observou que as mulheres que tinham um parto mais tranquilo, eram aquelas que se mantinham ativas até o tempo de confinamento. Mas ele acompanhou o estratagema de Ian.

— Desculpe senhoras, mas Ian está correto. Vamos subir?

No caminho de volta através da multidão, Ian ficou surpreso ao ouvir seu nome ser chamado. Ele se virou para ver Andrew Tweed, seu tio-avô. Andrew tinha quase setenta anos, ereto como uma vareta, com uma cabeça cheia de cabelos brancos ondulados. Ian alegremente apertou a mão do homem, cumprimentando-o calorosamente.

— Ian, meu bom companheiro, o que você está fazendo por aqui? — Andrew exigiu. — Eu ouvi dizer que você estava trabalhando em Washington com o Corpo de Engenheiros do Exército.

— Algo parecido. Eu estava realmente com os cartógrafos por algum tempo. Estou aqui para passar algum tempo com a minha esposa. — Ele colocou Alaina diante dele e apresentou-os.

— Esposa e filho, hein? — Andrew brincou, cumprimentando Alaina com uma reverência educada à sua mão com os lábios. — Brent! Bom Dr. Brent! Você esqueceu de me dizer que seu primo estava a caminho. — Acusou Andrew, olhando além de Ian.

— Andrew, eu tive escassos momentos livre esses dias, com todos temendo a varíola.

— Ah, é claro. Bem, as pessoas ficarão indiferentes ao surto em Columbia hoje. Todo o inferno explodiu à beira mar. Como intrigante é tudo! A partir de hoje, parece que eu não serei mais um “americano”. E não tenho certeza exatamente o que serei.

— Um rebelde! — Gritou um jovem bêbado e magro do bar. — Um rebelde. Vejam, ah, há um ianque na multidão. Apenas esperando a palavra para condenar a velha águia e fugir para o novo Sul, hein, Major?

Ian ignorou o bêbado.

— Estamos subindo com Alaina e Sydney, senhor. — disse ele a Andrew. — Por favor, venha se você tiver a intenção de fazê-lo.

— Qual é o problema, Ianque? — O estranho gritou, irritado com a falta de resposta de Ian. Ele abriu caminho entre Andrew Tweed e Ian. — Você está em um estado livre aqui, então esse uniforme não significa nada, menos que nada. Você está usando a sujeira!

Ele cuspiu, apontando para Ian, mas batendo no chão entre eles. Ele deu um passo irritado em direção a Ian, com seu braço oscilando.

Ian evitou-o facilmente, e para o seu próprio espanto, agiu antes de pensar. Ele socou o homem com um gancho de direita rápido e o bêbado caiu no chão. As pessoas estavam se aglomerando em todos os lugares, gritando em zombaria ao homem caído, saudando Ian.

— É Major McKenzie, fora da Flórida! Um rebelde em breve, hein, Major? — Veio outro grito.

Para surpresa e fúria de Ian, Alaina resolveu responder por ele.

— Quando a Flórida agir, meu marido também o fará! — Ela gritou, rindo.

Ele poderia tê-la estrangulado ali mesmo, apesar de seu entusiasmo e beleza encantadores, além do abdômen profundamente arredondado, e a luz em seus olhos dourados ao tocarem os dele.

— Tio, me perdoe. — Ele disse simplesmente, pisando sobre o bêbado, segurando o cotovelo de Alaina, impulsionando-a para degraus.

******

Alaina sabia que Ian estava com raiva, no entanto, ela se sentia exasperada e perdida.

Ela ficou tão feliz em vê-lo. Tão ansiosa em casa, ganhando força a cada dia, às vezes tão ansiosa para vê-lo que mal podia suportá-lo, e às vezes, tão preocupada com o que ele poderia estar fazendo, que ficava furiosa por se permitir tal tolice. Mas ela havia se apaixonado por ele e não podia deixar de ser atormentada pelo ciúme. E ainda hoje, seus pensamentos, enquanto se vestira, tinham enlouquecido de uma forma insana, pois ela amava a criança que parecia que ela carregava agora quase para sempre, amava profundamente, antes mesmo de ser vista. Os movimentos do bebê eram tão familiares para ela quanto os dela mesmo. No entanto, esta manhã, ela desejou fugazmente que o bebê já tivesse nascido.

Porque ela assemelhava-se a uma casa, e porque…

Ela queria que Ian a desejasse.

Tudo o que tinha provocado o casamento deles não importava agora, e tudo o que importava era que ela o amava. Amava-o não apenas para abraçá-la, mas por manter o seu próprio temperamento, quando ela estava ferida. Ela o amava por sua maneira com Teddy, por seu orgulho, por sua obstinada determinação, por seu senso de honra. Mais. Ela adorava a aparência dele, a sensação de suas mãos, a maneira como ele se movia, o modo como seus olhos ardiam quando estava zangado ou cheio de desejo.

Ele estava, no entanto, totalmente irracional, e hoje foi culpa dele, não dela. Ela estava desapontada por não estar no meio das coisas, como o Instituto Hall. Toda a cidade estava abarrotada ao anoitecer e Carolina do Sul declarou sua separação dos Estados Unidos da América. Eles viram e ouviram os gritos e o caos nas ruas após a proclamação ser feita, do ponto de vista da varanda de ferro forjado que se abria a partir da sala de estar de sua suíte. Jovens de uma academia militar desfilaram com a música estridente de uma banda eficiente; dançarinos e acrobatas se apresentavam

nas ruas. Fogos de artifício foram disparados, enchendo o céu noturno. A atmosfera era elétrica.

Ian sentou-se ao seu lado, ela, assistindo as festividades, comentando, principalmente para Brent, sobre a música que ouviam, sobre a juventude dos homens em marcha, sobre a beleza dos fogos de artifício. Ele foi perfeitamente cortês durante a noite, mas subjugado, seus olhos cobalto muito escuros, apesar do teor leve de suas palavras e Alaina estava com medo de que algo estava fervendo nele, e que, acabaria por explodir.

Ela se recusou a deixar que o humor dele abafasse sua própria noite. Ela observou de olhos arregalados, rindo e aplaudindo com Sydney, apreciando a música e o espetáculo.

Foi muito, muito depois da meia-noite, quando as festividades finalmente cessaram.

E era muito tarde, quando ela e Ian se retiraram, dizendo boa noite para Sydney e Brent.

Ela se sentiu desajeitada, e desejou não ter dispensado Lilly para ir desfrutar da cidade. Sua capa de veludo escondia sua condição; seu vestido de luto, não. Ainda assim, ela ficou surpresa quando sentiu as mãos sobre os minúsculos botões em seu colarinho. A insegurança tomou conta dela como ela não podia ajudar, mas se perguntava como ela poderia se comparar com outra mulher agora.

Com os botões abertos, ela segurou o vestido contra o peito, murmurou um agradecimento, e deslizou atrás da tela de vestir para colocar uma camisola. Ele não pareceu notar. Quando ela saiu de trás da tela, ele já estava na cama, às mãos cruzadas atrás da cabeça, e ele deu-lhe pouca atenção enquanto ela soltava seu cabelo, escovando-o junto à penteadeira.

— Não é exatamente culpa minha, você sabe, — ela disse suavemente — que Carolina do Sul se separou.

Seus olhos dispararam para ela, e ela congelou desconfortavelmente, desejando não ter falado.

— Não, não é sua culpa. Mas eu não consigo ver alegria em algo que está sendo destruído. Algo que provavelmente significará a morte de milhares de jovens.

Alaina suspirou com impaciência.

— Ian, você está sendo totalmente irracional. Você está simplesmente assumindo que haverá outra guerra. A maior parte do Norte está ansioso para

deixar as “irmãs errantes” partirem, se essa é a sua escolha! Ian, você não pode ser tão cego. Eu prometo a você, a Flórida estará bem atrás de Carolina do Sul. Nossos senadores já estão compondo demandas para o Departamento de Guerra sobre os oficiais da Flórida. Eles estão fazendo planos para tomar instalações Federais.

— Oh, realmente? — perguntou ele. — E onde você obtém as suas informações, senhora?

Ela hesitou apenas um pouco, lembrando onde tinha obtido sua informação.

Peter O'Neill.

Não que a sua carta de desculpas a tivesse feito mudar de opinião a respeito de seu desdém pelo decoro ou a sua, total falta de honra, mas ele escreveu e se desculpou profusamente, e então passou a descrever as muitas mudanças importantes que tomavam forma no Estado. Ele escreveu com paixão e patriotismo, e Alaina não pode deixar de pensar que esta grande divisão poderia forçar o melhor de Peter, e ela desejava sinceramente que pudesse até mesmo começar a entender como Ian não conseguia ver o caminho que seu estado estava apoiando.

— Ian, eu leio os jornais, — disse ela, acrescentando — e eu estou familiarizada com outras pessoas no estado, apesar do isolamento da Belamar.

— Então vocês estão todos ansiosos pela secessão! — Disse acaloradamente. — Se é a escolha do estado, será uma grande pena. É uma rebelião imprudente que vai custar muito caro no final.

— Rebelião? Sim, é rebelião! Ian, foi uma rebelião quando as treze colônias se separaram da Inglaterra. Os tiranos ditavam para as colônias, e as colônias se recusaram a aceitar serem governadas por outros. O Sul não está fazendo menos agora, Ian. Esta não é uma rebelião imprudente; é uma busca pela independência e autogoverno.

— Então você também seria uma rebelde. — entoou ele friamente.

— Você é um sulista, Ian. — ela insistiu, deixando a escova. — Aparentemente, não vamos chegar a um acordo sobre esse assunto.

— Não há termos para chegar, Alaina. Nós não estamos negociando nada aqui.

— Ian, você não entende. Eu não aceitarei permanecer no Norte quando a Flórida romper com a União.

— Você não vai? — Disse ele acaloradamente. Ele se levantou de repente, caminhando até ela, e ela viu que ele tinha escolhido para dormir em quentes ceroulas que o cobriam da cintura ao tornozelo. Ele apoiou os braços contra a penteadeira, prendendo-a lá, os olhos de um fogo azul profundo quando ele disse a ela: — Você não vai aceitar viver no Norte, porque poderá haver guerra. Mas você sabe o quê, Alaina? Se houver guerra, o Sul vai perder. Não será um período de noventa dias que gaviões estão reivindicando em ambos os lados. Vejamos, a população do Sul é estimada em cerca de oito milhões, há quase vinte milhões que vivem no Norte. Dos oito milhões que vivem no Sul, cerca de três milhões são escravos. Sulistas temem rebeliões de escravos, de modo que não só reduz a população do Sul para cerca de cinco milhões de rebeldes, como também adiciona um elemento de perigo. Quase não há oficinas mecânicas e nem fabricantes no Sul. O que mais? A partir de agora, nenhum governo! Um exército deve ser levantado, um tesouro criado. Enquanto tudo isso está acontecendo, o Norte bloqueará os portos do Sul, cortando suprimentos essenciais.

— Eles nunca serão capazes de bloquear toda a Flórida.

— Certo. Tampouco o Sul será capaz de defendê-lo. — ele retornou rapidamente. — Confie em mim, a causa está condenada antes de acontecer.

— Eu não vejo do seu jeito! — Ela chorou baixinho.

Ele olhou para ela com raiva, tocou levemente em seu queixo e ergueu.

— Mas você é minha esposa, Alaina. Você vai ter que ver isso do meu jeito.

— Mas Ian…

— As esposas apoiam seus maridos. — Informou ele com a voz ainda mais dura.

Ela tentou muito controlar seu temperamento, mas não conseguiu.

— Não quando seus maridos estão se comportando como idiotas! — Exclamou ela.

Ele se moveu tão rapidamente que ela gritou em voz baixa, esperando alguma violência dele.

Mas ele não fez nada além de pegá-la e depositar na cama, naquele momento ela percebeu que ele nunca lhe ofereceria qualquer ameaça de verdade.

Ela estava grávida.

De repente, ela estava cansada, e sentiu muito intensamente quão desajeitada ela se tornara. Ela queria se enroscar e dormir com o braço ao redor dele. Ela queria tanto vê-lo, e eles estavam juntos e…

Ele desligou a lâmpada de gás na mesa de cabeceira e deitou-se ao lado dela.

E virou as costas para ela.

Ela se enrolou para dormir, virando-se de costas para ele também.

E ela ficou acordada para sempre, parecia, completamente desconfortável, incapaz de encontrar uma posição que lhe permitisse descansar.

Ele não se moveu.

Finalmente ela se virou e se viu recostada contra as costas dele. Quase imediatamente ela sentiu o bebê começar a chutar. Ian sentiu o movimento também, porque ele se virou para ela. Seus longos dedos se estenderam sobre seu abdômen, e ele não se afastou.

— Através de tudo, este pequeno tem a intenção de sobreviver. — Ele murmurou baixinho, e com um suspiro, puxou-a para ele, por fim. Ele estava quieto, então, e ela estava tão feliz em ser mantida que ela manteve a paz também. Ela pensou que ele dormia, mas ele acrescentou depois de um momento: — A União vai sobreviver bem, Alaina.

Ela fingiu que dormia.

Não era um argumento que pudesse ganhar esta noite. Só o tempo ia dizer.

E o tempo estava contra ele.

******

Eles se encontravam no dia 20 de dezembro, e como estava tão perto do Natal, Ian decidiu que eles iriam passar o feriado em Charleston com Brent e Sydney.

A emoção da secessão manteve-se elevada no ar e a cidade continuou com folia, as pessoas indo e vindo.

Ian passou algum tempo na véspera de Natal com velhos amigos do exército que havia encontrado na cidade. Homens que já planejavam renunciar a suas comissões.

Ele se perguntou como, em nome de Deus, eles iriam para a guerra uns contra os outros.

Mas isso ia acontecer.

Após sua primeira noite sem dormir, ele conseguiu evitar mais discussões com Alaina, principalmente evitando-a, o que parecia incrivelmente irônico. Ele queria estar com ela.

Pior. Deitado ao seu lado noite após noite, mesmo sentindo seu filho chutar e se contorcer, ele sentiu os impulsos mais dolorosos de fazer amor com sua esposa. O cheiro do seu cabelo, a sensação de sua carne, o emaranhado de seus membros com os seus próprios… tudo parecia provocar e tentar seus sentidos, mas ele tinha jurado a si mesmo que ela ia ter um filho saudável e recuperar completamente a sua própria saúde antes de que ele a tocasse novamente. E embora ele respeitasse tanto seu irmão como seu primo como médicos e soubesse que ambos acreditavam que o parto era uma atividade muito natural e que muitas das restrições impostas às mulheres vieram de contos das mulheres mais velhas, Alaina estava muito distante agora, tanto que ele decidiu que eles deveriam ir a Washington imediatamente após o dia de Natal. Não importava o que ele tinha dito a ela, teria ficado mais feliz se seu filho pudesse ter nascido em Cimarrom; a casa que tinha alugado em Washington teria que servir em vez disso. Embora ela não devesse entrar em trabalho de parto até o meio de janeiro, Ian não queria que seu filho nascesse na estrada entre o Norte e o Sul.

Acordou cedo na manhã de Natal, levantou-se em silêncio, vestiu-se e deixou Alaina dormindo, para caminhar pelos galpões do porto em Charleston. Era cedo, muito fresco e frio. Navios moviam-se preguiçosamente no horizonte, e ele podia ver os vários fortes no porto, de pé, pareciam sentinelas para a cidade. Era uma cena bonita, extremamente pacífica e Ian se perguntou quanto tempo ia durar.

Ele encostou um pé contra uma rocha e tirou do bolso a carta que acabara de receber de seu irmão na noite passada. Julian estava praticando em St. Augustine novamente, e de acordo com ele, a cidade parecia estar eletricamente carregada como uma tempestade de raios.

Olá irmão!

Apenas uma carta rápida para informá-lo que estou revisitando sua esposa, e que ela convalesceu excepcionalmente, em minha culta opinião, e que Jerome reporta a todos, que estão seguros e bem no sul do estado. Há uma agitação, como você pode imaginar. Como você bem sabe, tanto o governador Perry quanto o governador eleito Milton são separatistas ardentes, e os nossos senadores, Yulee e Mallory, estão se tornando mais e mais evidentes em suas determinações de que as bases da Flórida devem ser arrancadas das mãos Federais com toda a velocidade. É como se uma ordenança de secessão já tivesse sido aprovada, claro, vai ser assim. Vi a mãe e o pai na semana passada. Nenhum dos dois está satisfeito com o estado das coisas, e a mãe está tentando afastar os rumores longe do Pai, e sua maldita honestidade honrosa até um nível mais baixo. Eles estão um pouco afastados em Cimarrom, sendo bastante longe ao longo do rio Tampa Bay, e nós só podemos esperar que tudo o que aconteça no interior do estado vai deixar nossa casa intocada. Você não pode imaginar, no entanto, como as notícias de secessão da Carolina do Sul foram celebradas aqui; quando o Estado deixar a dobra, só posso dizer que haverá caos.

Como minha bela cunhada está sem mim? Diga a ela que sinto falta de minha paciente tão adorável, minha proeza médica mais recente foi extrair uma bala de um jovem miliciano sem esperança que atirou em seu próprio pé. Espero que tudo esteja bem lá; Alaina está em boas mãos com nosso primo Brent. Garanta a ela que Jennifer cuida com muito amor de Teddy. Aguardamos ansiosamente a notícia de um sobrinho ou sobrinha, e claro, qualquer decisão que você possa tomar em relação aos militares.

Julian

Ele bateu a carta contra sua perna, dobrou-a, e guardou no bolso de seu casaco. Outro homem, vestido com uma tira de tenente, passou por ele, começou a saudá-lo, hesitou, então disse:

— Eu imagino, senhor, que a sua posição continuará a ser maior do que a minha no novo exército! — falou o rapaz, sorrindo e passando rapidamente.

Ian olhou para o porto de novo, depois fechou os olhos, como se ele pudesse imprimir a paz e a beleza da cena em sua mente. Então, se afastou da água e começou a voltar para a pousada.

Seus primos e sua esposa estavam lá, e pediram café torrado escuro na varanda junto com biscoitos e bolinhos. Eles estavam sentados à mesa. Alaina parecia perturbada, mas ela ofereceu-lhe um sorriso quando ele veio ao redor da mesa para se juntar a eles. Ele ficou atrás dela por um momento, levantou a pesada mecha de cabelo, e beijou sua nuca suavemente.

— Feliz Natal! — disse a ela com voz rouca.

— Feliz Natal! — ela disse gravemente em troca.

— A missa começa em quarenta e cinco minutos. — Sydney aconselhou. — Devemos nos apressar, pois estou certa, que sendo Natal, todo pecador errante em Charleston estará buscando entrada.

— Sydney, que cínico! — Ian brincou.

— Hummm, estamos trazendo você, não é? — Ela murmurou docemente.

Alaina riu, e o som era doce.

Mas ela manteve uma expressão estranha ao vê-lo naquela manhã, mesmo enquanto ele deslizava o braço perto do dela, escoltando-a enquanto caminhavam até a igreja Episcopal.

O sermão foi sobre revolução. O padre falou constantemente sobre o assunto:

— Se teu olho te faz tropeçar, arranca-o. — dizendo que se a União se tornasse ofensiva, então ela deveria ser empurrada para longe deles, sua postura deve ser forte contra as forças que poderiam se opor a liberdade na Carolina do Sul. Houve uma grande quantidade de aplausos. Os serviços de Natal, Ian refletiu secamente, pareciam ter muito pouco a ver com o nascimento de Cristo, e tudo a ver com uma extensão das comemorações de secessão.

Enquanto caminhavam de volta para o hotel, Alaina perguntou:

— Ian, como você pode negar a essas pessoas o entusiasmo pela liberdade e autogoverno?

Ele hesitou; era Natal. Ele queria que fosse um dia de calor e boa vontade. Para todos os homens. E mulheres.

Incluindo sua esposa.

— Vou responder a você, Alaina, e então me recusarei a discutir este assunto novamente. Existe uma falha em tudo isso; uma rachadura. Todo o mundo civilizado está vendo a barbárie da escravidão. Se os direitos do Sul estão centrados em torno do direito de manter outro homem como um escravo, então o Sul se apoia sobre uma instituição arcaica e decadente desde o início. Eu não nego o direito de ninguém, embora eu discorde da afirmação do padre de que Deus vai estar ao lado da liberdade, Deus se desviará deste fratricídio. Você conhece a minha mente, e é isso.

— E a minha mente, Ian? — Ela perguntou suavemente.

— Você é minha esposa, Alaina. Apoie-me. — ele sugeriu pensativo.

Certamente ela notou seu tom. Mas seus olhos estavam repentinamente abatidos, e ela não respondeu.

— Você se lembra de que você está a minha mercê, hein, meu amor? — Ele perguntou.

Isso trouxe um olhar rápido e ardente dela.

— Talvez não por muito tempo, ele não demorará para vir! — Ela o informou.

— Oh?

— O bebê está quase chegando, Ian.

— Ah. Então é isso? Você só precisa ser obediente a minha vontade se estiver esperando um filho?

— Claro que não…

— Hummm. Você nunca pretende ser obediente a minha vontade em tudo; você só se encontrará à minha mercê em tempos como estes! — disse ele, e riu baixinho, mas ele não estava tão certo de que era realmente divertido. — Eu vou ter que mantê-la grávida em todos os momentos, a fim de ter qualquer esperança de sanidade em minha casa, assim parece.

Seus olhos brilharam de novo, mas antes que ela pudesse responder, Sydney virou.

— Alaina, estamos andando rápido demais para você?

— Nem um pouco. — Alaina respondeu.

E ela acelerou o passo, alcançando Sydney, mas Ian a puxou de volta.

— Comporte-se. É Natal.

— Mas Ian…

— É Natal.

Ela ficou em silêncio.

— Bem?

— Feliz Natal, Ian. — disse ela docemente. E ele riu, puxando-a contra ele mais uma vez e permitindo-lhe escolher o ritmo enquanto caminhavam.

Quando voltaram para a pousada, sentaram-se na sala pública para o jantar, ouviram as canções de Natal tradicionais tocadas por um talentoso grupo de músico e conversaram ociosamente entre si. Poderia ter sido um dia extremamente agradável, um belo Natal.

Exceto que uma nuvem pairava sobre a cidade. Ian se perguntava se era o único que sentia sua presença malévola.

Quando estavam sozinhos naquela noite, Ian deu a Alaina o seu presente para ela. Era uma aliança de casamento, delicada, com ouro lindamente gravado e pequenas inserções de topázio. Ela sentou-se diante da penteadeira escovando o cabelo. Ele pegou a mão dela, e tirou a escova dela, em seguida, pegou o anel de grandes dimensões que ele tinha colocado em seu dedo em seu casamento e substituiu-o com a nova aliança delicada, que deslizou perfeitamente no lugar.

Ela olhou para a aliança por um longo tempo, então para seus olhos, e seus lábios tremeram ligeiramente, e sua voz era suave e instável também.

— É lindo. Obrigada.

Ela ficou de pé, tentando beijá-lo, e foi desajeitado fazê-lo, com o bebê bastante proeminente entre eles. Ainda assim, o sussurro de seus lábios contra os dele era sugestivo; como sempre, seu aroma era igualmente tentador para ele. Como se estivesse um pouco atordoada, ela olhou de seus olhos para seu dedo, e vice-versa.

— Ian… obrigada.

— O joalheiro me disse que eu deveria usar diamantes, ou, esmeraldas e rubis. Eu disse a ele que não. O topázio era como seus olhos.

— O topázio é perfeito! — Ela sussurrou, então se afastou, cavando em sua gaveta. Ela trouxe uma caixa com uma insígnia de embalagem Inglesa sobre ela, entregando a ele.

— Não é nada tão bonito ou valioso. — Ela disse a ele, aqueles olhos que ele comparou ao topázio tão brilhante sobre os seus. — Mas eu fiz isso.

Ele arqueou uma sobrancelha, em seguida, abriu o pacote e tirou as dobras suaves de lã xadrez nele para descobrir um lenço grande e elegantemente bordado.

— É o xadrez McKenzie, — ela disse a ele. — E muito quente, como me disseram. Já que você deve passar algum tempo no Norte…

Ele não podia deixar de sorrir e apreciar a consideração que havia dado ao presente. Ele envolveu-o em torno de seu pescoço, notando que as cores do xadrez iriam muito bem com o azul escuro de seu uniforme. Ele se absteve de mencionar o fato a Alaina.

— Muito quente. — disse ele com voz rouca. — E muito apreciado. — Ele sorriu. — Naturalmente, o meu pai também gostaria de receber um presente tão apropriado.

Ela começou a sorrir, mas seu sorriso desapareceu, e ele se lembrou de repente que era seu primeiro Natal sem seu pai, e, provavelmente, o seu primeiro Natal longe de casa também.

Seu primeiro Natal como sua esposa.

— Obrigado, meu amor, muito. Obrigado. — Ele disse a ela suavemente, e de repente ele a varreu fora de seus pés, levando-a em seus braços para a poltrona diante do fogo. Seus braços deslizaram em torno de seu pescoço, mas ela protestou.

— Ian, eu sou muito pesada.

— Alaina, você nunca vai ser muito pesada. — Protestou ele, impaciente, e sentou-se com ela.

E ela permitiu que sua cabeça descansasse contra o seu ombro, e sentou-se confiante, as pontas de seus dedos caídas delicadamente no peito dele. O cabelo dela cheirava a limpeza, intoxicando com seu aroma sutil floral. Ele pensou que se o país não estivesse se separando, ele poderia ser um homem completamente satisfeito. Sua esposa era muito bonita, capaz de ser selvagem, impetuosa, teimosa e ao mesmo tempo tão delicadamente doce como neste momento. Se ele era atormentado, era por falta dela, uma condição que simplesmente teria que esperar. Mesmo assim, ambos eram

jovens, vitais, ricos, e esperavam um filho para qualquer dia. O filho perfeito, talvez, e se não, uma filha, e anos pela frente para eles completar uma família.

— Ian. — disse ela depois de um momento.

— Hummm?

Ela hesitou, então murmurou:

— Eu queria agradecer por… por tudo que fez quando Teddy foi morto. Eu ainda sou amarga sobre os homens do exército, e eu rezo para que alguma justiça seja feita. Mas você foi muito paciente e gentil, e eu sei que eu nunca disse isso na época, e eu só queria que você soubesse que aquilo significou muito para mim.

— Alaina, Teddy era meu sogro. Você é minha esposa. Naturalmente, eu teria feito qualquer coisa ao meu alcance por ele, ou por você.

— Sério? — Ela murmurou, e um tom cético estava de volta em sua voz. Suas diferenças a respeito do Norte e do Sul sempre pareciam se interpor entre eles. Se ele fizesse qualquer coisa em seu poder, ela estava certamente pensando, por que não renunciaria a sua comissão?

— Dentro do razoável, meu amor. — Ele disse a ela.

— Isso é verdade? — Ela sussurrou baixinho.

— Dentro do razoável? — Ele perguntou.

Ela olhou para ele, sorrindo melancolicamente, olhos dourados tocados pelas chamas do fogo.

— Não, eu quis dizer… eu quis dizer… Acho que é exatamente o que eu quis dizer. Dentro do razoável, é claro. E nem sempre estou dentro da razão.

Ele balançou a cabeça, perguntando-se o que ela realmente tinha estado a ponto de dizer.

Ela estremeceu de repente.

— Você está com frio. — Ele disse rapidamente. — Eu vou pegar um cobertor.

— Não, não… por favor, apenas me abrace. — disse ela muito calmamente, e ele fez isso. Os nós dos seus dedos, acariciaram sua bochecha, e ele suspirou, um pouco desesperado ao perceber que toda a lógica e razão em sua mente estavam fazendo pouco para impedi-lo de

desejar sua esposa. E ainda assim era bom apenas sentir seu calor, o roçar dos dedos dela contra ele…

Ele sentiu o movimento súbito de seu filho contra a sua mão que estava em cima de seu abdômen.

Talvez ele não estivesse totalmente satisfeito, mas ele estava, verdadeiramente, em paz.

A calma sempre vinha antes de uma tempestade, isso Jerome lhe dissera uma vez, e assim ele pensou que seria.

Mas para esse Natal, no entanto…

Havia paz.

CAPÍTULO DEZOITO

Ian tinha tomado uma casa no centro da Capital.

Eles chegaram à noite, mas mesmo na escuridão, D.C. parecia ser extraordinariamente viva. Carruagens sacudindo pelas ruas; o clip-clop dos cascos dos cavalos podia ser claramente ouvido. Alaina particularmente não queria desfrutar nada sobre Washington; apesar de si mesma, ela gostou do momento em que chegou pela primeira vez. O lugar parecia tão vibrante. Fornecedores vendendo castanhas assando sobre fogueiras, chamando os transeuntes em vozes monótonas. Meninos vendendo jornais e circulares pelas ruas, mesmo de noite; mensageiros pareciam estar indo e vindo com diligência não importa qual a hora.

As casas estavam brilhantes com luz.

A viagem tinha sido áspera. Apesar do fato de que o sistema ferroviário os trouxera quase todo o caminho de Charleston para a casa, viajar não tinha sido fácil para ela. Alaina poderia sentir a pressão do peso do bebê facilmente agora, e ela encontrou sono muito difícil de adquirir.

O passeio de carruagem da estação até a casa foi miserável, com clima de inverno fazendo lamaçais da estrada. Alaina pensou que estaria exausta e ansiosa para se recolher quando chegaram à casa. Ela tinha percorrido um longo caminho desde a febre que a tinha quase matado depois da morte de seu pai, mas ela não tinha totalmente se recuperado da doença, o que foi adicionado ao seu cansaço.

Mas a cidade fez sentir-se viva. E ela teve o prazer de descobrir que a casa que Ian tinha tomado era muito perto do próprio Capitólio, perto do Mall, e, no movimentado centro de tudo. Era bastante frio e úmido na noite em que chegou, mas quando desceu do carro, ela realmente não percebeu. Ela virou-se, fascinada, então percebeu que Ian estava olhando para ela, e que ele parecia cansado também, e estava tentando não ser impaciente com ela.

— Gostaria de ver a casa? —, sugeriu.

— Claro.

A passagem era escorregadia; ele segurou seu cotovelo com cuidado, acompanhando-a até a escada para a varanda. Quando chegaram ao

alpendre, a porta se abriu automaticamente e Ian saudou ao homem muito alto e magro parado ali pronto para recebê-los.

— Henry, eu trouxe a minha mulher —, disse Ian. — Henry serve como meu mordomo aqui, e muito mais.

— De fato, — Henry disse agradavelmente. Ele era tão alto e magro, ele lembrou Alaina de uma cegonha, mas tinha um sorriso surpreendentemente agradável para combinar com seu cabelo branco selvagem e face enrugada fina, e ela gostou dele imediatamente.

— Eu sou o mestre de qualquer coisa que for necessária, Sra. McKenzie —, acrescentou, cumprimentando-a com uma inclinação de cabeça. — Bem-vinda, Sra McKenzie. Tenho o prazer de atendê-la de qualquer maneira que eu puder.

— Obrigada, Henry, — Alaina disse a ele.

— Henry, se você for tão bondoso para mostrar a cozinheira e sua criada pessoal os seus alojamentos, eu vou mostrar à Sra McKenzie a casa.

— Como quiser, senhor.

A arquitetura da casa era estoicamente Federal no estilo; a porta de entrada foi formada em meia-lua com um papel de parede em tons de mármore na moda e um teto muito alto com um lustre bonito. Uma escada curva subia imediatamente a partir da entrada, enquanto os quartos do andar inferior ramificado eram a partir de ambos os lados dele.

— Para a esquerda —, disse Ian, levando-a para frente enquanto Henry levou Bella e Lilly escadas acima. — A sala de jantar formal, naturalmente, ninguém espera que você vá entreter em sua condição atual, mas com o tempo, talvez, teremos convidados. Do outro lado, o salão de senhoras, e, além disso, o grande salão. E ao lado dele, a biblioteca, e meu escritório. — Quartos levaram a um outro com um padrão puro, o grande salão sendo diretamente atrás da escada curva. Próximo a ele, a biblioteca tinha uma aparência masculina muito definida com suas madeiras e couros escuros, e o escritório além parecia afirmar que estava fora dos limites para o sexo feminino também.

Ela estudou o escritório de conexão e a biblioteca, em seguida, virou-se para Ian.

— É muito grande, para ser um lugar para ficar apenas enquanto você está atribuído aqui. Alguém poderia pensar que você pretende permanecer por algum tempo.

— Eu consegui a casa há vários anos, o que provou ser uma decisão sábia, — ele disse simplesmente. — Vamos, eu vou levá-la lá em cima. Você deve estar completamente exausta.

— Estou muito bem.

— Mas você não quer ficar cansada —, ele disse com firmeza, levando-a de volta do jeito que tinha vindo e, em seguida, ao andar de cima.

— Aposentos dos criados estão todos no terceiro andar —, ele disse a ela, abrindo uma porta no final do corredor a partir do desembarque. — Eu tive este preparado para você.

Alaina entrou no quarto. Era extremamente agradável, com uma grande cama coberta em uma colcha branca espessa no centro da sala. Os móveis eram de pinho, o papel de parede era em um padrão, azul delicado, e o molde da coroa sobre o teto havia sido afiada no mesmo azul.

— É muito agradável —, ela murmurou. Mas seu coração parecia estar batendo em sua garganta. Era seu quarto. Seu quarto, *sozinha*. Não dele.

Ela olhou para ele.

— E onde… você dorme em Washington? —, perguntou educadamente.

— Eu estou na porta ao lado no corredor, — ele disse a ela, seu olhar varrendo sobre ela. — É o melhor por enquanto. Eu incomodaria você e o bebê.

— Isso não é verdade.

— Bem, então, meu amor, eu tive muito pouco sono nessa tarde, e eu preciso de algum —, disse ele suavemente. — Há um lavatório lá, uma banheira com pés atrás da tela, e uma chaleira para aquecer a água no suporte acima da lareira. Há um cordão da campainha ao lado da cama; se você precisar de alguma coisa, Henry tem uma equipe de três, e, claro, nós temos mais ajuda agora com Bella e Lilly aqui. Vou deixá-la descansar um pouco. Gostaria que Lilly viesse ajudá-la?

— Não, obrigada, eu estou bem.

Ele veio para ela rapidamente, como se de repente tivesse se tornado bastante impaciente. Ele beijou sua testa.

— Descanse um pouco! —, Ele murmurou, e deixou-a.

Quando ele foi embora, ela afundou de repente, ao pé da cama, perplexa, inquieta, ferida e solitária também. Certamente eles discutiram sobre o estado do país, mas ela tinha estado muito feliz por estar com ele em Charleston. Ela tinha se sentido segura dormindo ao seu lado, confortável em seus braços. Parecia, no entanto, que ele foi inflexível sobre não ter ela em seu quarto aqui, e ela sentiu como se estivesse criando outra de suas paredes entre eles. Ela não podia deixar de sentir uma certa inveja e imaginou se ele não queria algo diferente dela aqui em Washington.

Sua liberdade.

Para passar o tempo com a filha do coronel?

Ainda assim, ela estava muito cansada, e não certa de como abordá-lo, orgulhosa demais para insistir que ele deveria estar com ela. E se ele definitivamente recusasse-a? Ela não pensou que poderia suportar tal situação.

Alguém já tinha trazido sua mala do carro para o quarto, e ela lutou para sair de suas roupas de viagem e a camisola sozinha, dispensando Lilly quando ela veio para ajudá-la, com a explicação de que já tinha mudado a roupa e estava impiedosamente cansada. O que ela estava.

Deitou-se na cama coberta com a colcha, olhando para a noite.

Ela caiu no sono, mas parecia que mal o tinha feito antes de vozes subirem da varanda abaixo. Ela caminhou até sua janela, cuidadosamente afastando as cortinas de brocado de espessura. Ian estava nos degraus com Henry, falando tão baixo que ela não conseguia entender o que estava sendo dito. Então ele começou a descer as escadas, e ela viu que Pye tinha sido trazido em torno dos estábulos por um jovem cavalariço, e Ian estava montando seu cavalo.

Ele não olhou para trás para a casa; ele montou para fora do portão e desceu a rua, para a noite.

E com tanta angústia e raiva, ela perguntou-se exatamente onde ele realmente pretendia passar sua noite.

******

Alaina estava determinada que poderia ser tão ausente como seu marido, que não foi terrivelmente difícil, porque ele estava continuamente fora

de casa. O Congresso ainda lutou pelo acordo, o jornal assegurou aos cidadãos. Mas Alaina sabia bem que os representantes da Flórida permaneceram em Washington, exigindo informações do Secretário de Guerra sobre instalações militares na Flórida, os oficiais da Flórida, e soldados nas forças armadas dos Estados Unidos. Da mesma forma, Carolina do Sul tinha enviado representantes a respeito das bases militares nesse estado.

Os primeiros dias de janeiro pareciam muito frios, de fato.

Ian foi extremamente educado e solícito, nas poucas horas em que veio para casa. E tão distante, que ela desejava esbofeteá-lo quase a metade do tempo em que estava perto dele. O bebê era esperado para breve, muito, muito em breve, mas ela não poderia ajudar a miserável sensação de que ela tinha sido colocada dentro de uma limpa e decente cristaleira e, em seguida, teve a porta bem fechada sobre ela. Ela não era para ser vista ou ouvida.

Ela estava certa disso porque, embora Ian nunca deixou de estar fora de casa quando ela acordou de manhã, ele voltou para casa para um jantar tardio, que eles comeram juntos. Quando ela tentou falar sobre o estado do país ou exigir saber se ele estava ciente de qualquer outra coisa acontecendo, ele respondeu concisamente, em seguida, mudou de assunto. Quando ela sugeriu que gostaria de ver algo da cidade, ele lembrou a ela que era inverno, havia camadas de gelo sobre tudo, e ela deveria se preocupar com sua saúde e a da criança. Ela estaria fora de casa em breve.

Alaina pensou que ele estava deslizando para longe dela, de alguma forma intangível; sabia que ele não falava com ela sobre a decisão do país porque ele havia determinado que não ia lutar com ela. A fim de não lutar, ele a evitava. Saia de casa com frequência durante a noite. Ele manteve a distância, raramente tocando-a. Impaciência e raiva ferviam dentro dela, e foi mais frustrante saber que tinha que controlar seu temperamento, ou ouvir que ela estava perturbada por causa de sua condição avançada. Ela desejava atacar com fúria, e, ao mesmo tempo, estava com medo.

Não queria perder Ian. Na verdade, ela não sabia se alguma vez realmente o teve, mas havia momentos em que se sentia como se tudo estivesse bem, enquanto ele a segurava. Ela nunca fingiu; ela havia se apaixonado por ele. E agora ele a pegou e a colocou o mais longe dele quanto pode, assim parecia, e era irritante para ela não saber como lutar. Uma vez, quando queria alguma coisa, ela tinha conhecido o caminho a percorrer para consegui-lo. Agora ela estava bastante incerta. Não se atreveu a dar vazão a seus sentimentos. Tentou manter a distância e manter um controle feroz sobre seu temperamento.

Ela estava em Washington um pouco mais de uma semana, quando Henry trouxe uma mensagem de Ian dizendo que ele não estaria em casa para o jantar, ele estava indo para participar de uma reunião social que tinham sido convidados na casa da Sra. Rose Greenhow.

— Embora, naturalmente, eu tenha declinado, — escreveu Ian,

> *Coronel Magee sugeriu fortemente que eu compareça. A Sra Greenhow é provavelmente a melhor anfitriã em Washington. Mr. Greenhow faleceu há vários anos, e Rose é mãe de quatro, mas como ela recentemente perdeu sua filha Gertrude, ela não tem se entretido muito nos últimos tempos. Devido ao fato de que a Sra Greenhow é uma mulher tão notável e consegue trazer todos os lados juntos, e muito mais está a ser conseguido através de amizades particulares do que os meios mais formais, diplomáticas, vou assistir por um tempo curto. Eu não chegarei tarde, mas por favor não me espere.*

— A senhora gostaria de jantar em seu quarto, talvez, Sra McKenzie? — Henry sugeriu.

Alaina bateu a mensagem de Ian, pensativa contra o queixo, em seguida, disse: — Não, acho que não, Henry. Acho que vou sair por um tempo sozinha.

Henry não foi rápido o suficiente para esconder sua surpresa.

— Mas Sra McKenzie…

— Sim, Henry?

Ele parecia um muito infeliz Ichabod Crane[9]. Ela sorriu docemente.

— Sra. McKenzie, o bebê…

9 *Ichabod Crane*, um magro, esguio e extremamente supersticioso professor da obra A Lenda do Cavaleiro sem cabeça, do inglês Washinton Irving.

— O bebê precisa de ar —, assegurou ela.

— Mas…

— Você poderia enviar Lilly para cima, por favor, Henry?

Henry fechou a boca. Quando ele saiu do quarto, Alaina correu para sua penteadeira. O convite da Sra Greenhow veio endereçado a ela; ela o abriu e falou a Ian sobre isso no jantar, mas ele comentou sobre o bebê, o tempo severo, que ela não estava acostumada, no mínimo, e sua própria luta recente com a febre.

Apesar do fato de que ela tinha crescido num lugar selvagem, ela estava muito consciente das convenções e o fato de que as mulheres evitavam compromissos sociais quando estavam tão perto de seu parto.

Mas ela não podia mais suportar ser trancada em casa. Ela avidamente leu o jornal de frente para trás, mas a notícia foi tendenciosa, e ela estava ansiosa para ouvir o que as pessoas estavam dizendo. Washington manteve-se cheio de opiniões diversas e ela tinha certeza de que poderia encontrar um sulista mais disposto a falar sobre o estado de coisas do que seu marido.

E ela não podia mais suportar esperar para encontrar a filha do coronel Magee.

Lilly, geralmente sua mais ferrenha defensora, ajudou-a se vestir com desaprovação flagrante.

— Simplesmente não é adequado —, Lilly informou. — Sua primeira preocupação deve ser…

— Meu bebê. Meu bebê está muito bem.

— Se você cair…

— Eu não vou cair. Lilly, estou ficando louca. Estou trancada no Norte completamente sozinha…

— Você não está presa.

— Tudo bem, então, se não estou em prisão…

— Ele poderá muito bem ficar furioso. — Lilly estava se referindo a Ian.

Alaina encontrou os olhos de Lilly no espelho. — Eu imagino que sim. Mas ele terá que viver com isso, como eu aprendi a fazer —, disse ela simplesmente. — Lilly, você não pode me fazer desistir, então por favor, faça meu cabelo parecer tão atraente como você sabe.

Lilly deixou escapar um suspiro alto, mas passou a trabalhar no cabelo de Alaina.

Trinta minutos mais tarde, Alaina estava pronta.

Ela estudou-se preocupada no espelho. Ela tinha ganhado algum peso; mas recusou-se a preencher as bochechas e as cavidades sobre sua clavícula. Ela mordiscou levemente o lábio inferior, desejando que ela ousasse tentar um espartilho. Seu vestido era preto, pois não importava o quanto ela desejava ter a melhor aparência possível, ela permanecia em luto por seu pai. Ela disse a si mesma que o preto em si escondia um pouco seu tamanho. Jennifer tinha ajudado a ajustar o vestido, e tinha um olhar à moda antiga a ele, com um corpete moderadamente baixo, justo logo abaixo dos seios para que o vestido mostrasse uma linha suave e cheio abaixo. Ela disse a si mesma com um suspiro que simplesmente não estava tentando parecer sedutora, mas ela era, no mínimo, bastante decente.

Quando ela desceu, deslizando o manto englobando ao redor de seus ombros, e pediu a Henry para chamar a carruagem, ela sentiu um momento de pânico. Ian ia ficar furioso. E se ele estava lá com Risa Magee?

Ela mordeu o lábio inferior. O convite foi endereçado a ela. E ela estava indo, ela determinou.

O inferno com tudo.

******

Risa Magee tomou um gole de xerez, fingiu rir e sorrir, e prestar atenção ao bom amigo de seu pai coronel Montgomery enquanto o velho homem continuou e continuou falando acerca de um ataque indígena no Oeste.

Ela desejou que estivesse no Oeste, ou até mesmo no miserável do Sul, pelo que importava. Qualquer lugar exceto aqui. Mas a educação de Risa tinha implicado os militares por todo o caminho. Seu pai queria ela aqui, e ela estava aqui, porque era seu dever. Ela conseguia esconder o desconforto de praticamente qualquer tarefa. Não que o encontro deveria ter sido desagradável; a sala estava cheia de brilhantes, inteligentes, fascinantes pessoas. As que certamente desempenham papéis importantes no drama do país. Coronéis eram abundantes, assim como os majores, e houve mesmo alguns generais, assim como políticos, escritores, empresários e clérigos.

Mas entre os majores estava Ian McKenzie, e tão duro como ela tentou, Risa achava quase impossível fingir que não havia nada entre eles, que ela não tinha assumido que estaria noiva dele por agora, talvez já casada, ou pelo menos contemplando o casamento. Mas então…

Ian tinha casado em outro lugar.

Naturalmente, ele tinha vindo direto para ela com o fato, apesar de que o rumor tinha chegado antes dela ter ouvido a terrível verdade de seus próprios lábios. E ela sabia o quanto o tinha ferido vir a ela; acreditava de todo o coração que tinha sido incrivelmente doloroso para ele. E ela sabia, também, quando ela sentiu seus olhos nela, que ele ainda a encontrou mais do que atraente, e ela sentia, às vezes, que ele realmente queria a ela… Naturalmente, sua esposa estava de volta em algum lugar na fronteira da selva da Flórida, e, ela se convenceu, não havia nada entre ele e sua esposa, exceto pelo seu casamento, um casamento forçado, que o decoro e a circunstância tinham exigido. Ela tinha se convencido também que Ian havia se casado com uma velha patética, enrugada, completamente arruinada pelo calor dos trópicos, sem dúvida, feia como o pecado. E para seu espanto, ela desejou que não tivesse passado tão longo flerte, nem ter sido em qualquer lugar perto tão segura de si. Mas crescendo em um mar de homens, ela amadureceu com uma grande dose de confiança em si mesma. Ela teve, naturalmente, inúmeros pretendentes e foi exposta aos homens mais inteligentes, corajosos e intrigantes da nação. Ela tinha dissuadido um número de homens jovens fascinantes antes de se fixar em Ian. Só que ela tinha feito isso tarde demais. E agora, para seu horror, ela se viu desejando que ela tivesse tido o bom senso de seduzir o homem sem demora. Então, ela poderia ser a única com ele agora, esperando um filho dele, e o apoiando no seu amor pela União, em vez de trazer essa dolorosa expressão de lealdade mista em seus olhos que ela via lá agora! Tinha que haver muita amargura entre Ian e sua esposa.

No entanto, ela teve que aceitar, é claro, que houve algum tipo de relação entre os dois, uma vez que ela tinha entendido que Alaina estava grávida.

Naturalmente, ela ofereceu-lhe parabéns mais sinceros. Naturalmente.

Ela estava vivendo de orgulho.

Quando Risa e Ian tinham falado em princípio, uma vez que ele tinha relatado ao seu pai após sua licença de volta para casa, ela tinha estado perturbada ao perceber que ela não tinha conseguido esquecer seu amor por ele. Ele tinha estado em sua sala de estar, tão alto e bonito em seu casaco azul e chapéu de plumas, olhando para as chamas que queimavam dentro da

grelha. Ele tinha parecido cansado e pensativo, suas belas feições tensas, seus olhos traindo as profundezas de seus sentimentos. Ela sabia que ele tinha estado profundamente preocupado por algum tempo. Ele tinha antecipado a eleição de Lincoln quando todos, e não apenas os posseiros de escravos sulistas, tinha pensado nele como nada mais do que um caipira de um advogado. Ian tinha dito a ela, uma vez que Carolina do Sul estava louca para se separar, e que muitos mais estados de algodão seguiriam o exemplo.

E ele previu guerra.

Não que eles foram em qualquer lugar perto de algo tão grave. Hoje à noite, os homens que defendiam no Congresso estavam rindo e felicitando um ao outro sobre os casamentos, nascimentos e promoções. Soldados de lugares mais longínquos do país estavam despejando bebidas para o outro. Era um lugar maravilhoso para se reunir. Sra Greenhow foi considerada uma das, se não *a,* melhores anfitriãs em Washington. Ela tinha um ouvido simpático para todos. Presidente Buchanan tinha ido e vindo anunciando a paz, garantindo a homens e mulheres de ambos os lados que o tempo iria curar as feridas entre eles. Risa estava ciente de que muitos homens estavam condenando o presidente por não tomar medidas, mas o que podia o homem fazer? Lincoln seria o presidente no próximo mês, e o mundo iria mudar de qualquer maneira. Buchanan lutou apenas para manter um curso constante, e manter as cabeças quentes de disparar uns sobre os outros.

Alguns pés para a esquerda, Risa viu Ian. Esta noite ele parecia excepcionalmente impressionante, em uniforme de gala, o cobalto de seus olhos tão grave e reforçado pela cor de seu uniforme. Ela sentiu uma nova torção em seu coração ao vê-lo. Cada movimento seu tinha uma graça natural. Seus ombros eram tão amplos, seu cabelo tão elegantemente escuro.

Ele estava ao lado de seu pai, conversando com um dos generais que relataram diretamente para Winfield Scott. Se houvesse guerra, a União poderia muito bem estar em apuros. Winfield Scott serviu seu país muito bem. Ele tinha a capacidade de ouvir os comandantes debaixo dele, e por causa disso, ele havia trazido uma brilhante vitória na Guerra do México. Mas ele estava ficando muito velho agora. E, olhando ao redor da sala, Risa se perguntou a quem a União olharia para guiar um exército para a batalha, dessa vez para disparar contra seus próprios amigos e parentes.

Um jovem com um bagunçado cabelo castanho e olhos irritados aproximou-se de Ian de repente. Risa se esforçou para ouvir a conversa e percebeu que o homem era um Alabama que tinha acabado de renunciar a sua comissão para ir para casa, em antecipação ao Alabama deixando a União. Ele estava irritado que Ian não tivesse feito o mesmo ainda. Ian

respondeu a ele em uma mesma, bem modulada voz, não discutindo, e não concordando. Permanecendo em sua posição.

Risa decidiu que ela poderia atualmente ir para Ian e tocá-lo. Resgatá-lo.

Ela tinha uma boa desculpa para fazê-lo.

— Coronel, você poderia me perdoar? —, ela perguntou ao amigo de seu pai, vendo suas sobrancelhas brancas subir para o alto da testa. — Eu acredito que um amigo está em perigo —, continuou ela, mostrando ao homem mais velho um sorriso brilhante.

— Claro, querida, é claro!

Risa firmou seu copo de ponche na sua mão e rapidamente se virou para Ian. Os músicos tinham apenas começado a tocar uma valsa, que a ajudou bem.

— Senhores! —, disse, varrendo entre os homens com um entusiasmo vibrante. — Vocês serão gentis para me perdoarem? Ian, eu sei que serei uma substituta pobre para sua esposa, mas talvez você vai me permitir esta valsa?

Seus olhos se encontraram com diversão, alívio e, como sempre, algo um pouco doloroso e desconfortável. Mas ele respondeu rapidamente e galantemente.

— Senhorita Magee, — Ian murmurou, — Eu tenho certeza que você nunca poderia ser uma substituta pobre para qualquer um, na verdade, eu acredito que você deve estar ciente de que sua beleza se supera a cada novo dia.

— Pai, você consegue tirar o melhor de seus funcionários! —, exclamou ela, em troca, dirigindo-se ao coronel, mas sorrindo para Ian. A leve brincadeira provocou risos de todos ao redor deles. E Ian a pegou pelo braço, levando-a para o chão polido, onde começaram imediatamente se mover para a música.

Seus olhos se encontraram. Sempre pareceu haver uma pincelada de fogo azul neles. Apesar de si mesma, ela sentiu uma batida viciosa em sua cabeça. Ela desejou mais uma vez que ela desafiasse as convenções e o decoro e o seduzido quando ela teve a chance.

— Obrigado pelo resgate. Ele foi brilhantemente alcançado.

— Foi isso?

— Você buscou me salvar?

— Eu fiz.

— Eu me pergunto quanto tempo você será capaz de fazê-lo —, ele meditou, afeto em sua voz.

Bem, eles tinham sido por muito tempo amigos. Eles tinham visto tantas coisas que eram importantes da mesma maneira; eles conheciam os jogos em Washington, e nas forças armadas. Ambos amavam a vida, novos lugares, aventuras, e…

Ela amava o calor dele. Dançando. Que ideia maravilhosa. Ela poderia chegar perto, senti-lo, sentir sua força, sua respiração, seu cheiro…

Torcia cada vez mais difícil em seu coração.

— Mm mm… por que você diz isso? —, perguntou ela, obrigando-se a lembrar que para todas as aparências, ela simplesmente pediu um velho amigo para dançar, um amigo casado.

— A qualquer momento, vamos ouvir que a Flórida se separou.

— Talvez eles vão votar contra…

— Nem uma maldita chance.

— O que você vai fazer? —, Perguntou Risa.

— Eu ainda não sei —, disse ele, em seguida, seus olhos se tocaram novamente. — Sim eu sei. Não estou renunciando. Eu acho que a separação é insana e escravidão é errada. Se o país se divide pacificamente o suficiente, talvez eu eventualmente, renuncie e volte para casa e serei um agricultor adequado. Esse é o meu plano final. Mas se a guerra explodir, acho que vou me tornar um pária completo.

— Não aqui, Ian! —, ela assegurou-lhe em um sussurro feroz. — Você nunca vai ser um pária aqui.

Ele ofereceu-lhe um sorriso torto lento, olhando para os olhos quando os dois rodaram em torno do assoalho.

— Aqui não. Mas essa é a parte triste disso, Risa. Eu amo meu lar. Apaixonadamente. E é aí que eu vou ser um pária. Não mencionam… —, ele começou, então parou abruptamente.

Risa não sabia o que poderia estar dirigindo-a a esse tipo de comportamento ousado, mas ela procurou seu rosto.

— Sem mencionar o fato de que você vai ser expulso de sua própria cama? —, ela perguntou.

Seu abraço apertou em volta da cintura. Seus olhos eram muito frios, muito duros, e ela não sabia se o olhar era para ela… ou para sua esposa ausente.

— Minha esposa terá que ser tolerante com minhas escolhas. Minha mente está feita —, disse a ela.

Em seguida, eles giraram ao redor da sala novamente para os acordes doces de um trio de violinos. E enquanto eles se viravam, Risa viu que a porta da frente se abriu. Rose Greenhow cumprimentou uma pequena loira requintada que estava envolta por uma capa de veludo preto.

Risa não sabia como ela sabia, mas *sabia*.

A sulista esposa de Ian tinha vindo para render a sociedade do Norte por si mesma.

******

Uma alta mulher de cabelo escuro respondeu a campainha quando Alaina chegou. Alaina tinha estado pronta para fugir no minuto em que ela chegou à porta, mas repreendeu-se e nervosamente determinou que, se tinha chegado tão longe, ela deve agora entrar.

As saias de tafetá da mulher sussurravam, um doce sussurro de perfume tocou o ar ao seu redor. Ela estava, Alaina pensou, talvez em seus quarenta anos, uma mulher extremamente bonita, com uma vibração especial sobre o rosto e os olhos. Seus olhos eram muito escuros como era seu cabelo. Ela tinha um sorriso maravilhoso e pareceu impressionante em todos os sentidos.

A mulher varreu seu olhar sobre Alaina e, aparentemente, decidiu que ela deve estar entre os convidados.

— Boa noite, entre, — ela disse com um sorriso cativante. — E reze para me dizer a quem eu tenho a honra de encontrar?

— Eu sou Alaina McCa-McKenzie, — ela corrigiu rapidamente. — Sra… Greenhow?

— Oh, de fato, sim! Eu sou Rose Greenhow, — a mulher disse alegremente. — E, naturalmente, você é a esposa de Ian! Quão tolo de minha parte, eu deveria ter conhecido, é apenas isso: bem… minha cara, nesse lindo manto sua condição não é de todo evidente, e é o meu entendimento de que você está esperando seu resguardo muito em breve?

— Até o final de janeiro, eu imagino, — Alaina disse a ela.

— Ah, sim, bem, parece que nós gostamos de fazer uma coisa tão em segredo sobre a beleza da vida humana, não é? Assim, muitas mulheres se comportam como avestruzes tolas, escondendo-se quando deveriam estar por cima. As crianças são um presente de Deus.

— Você tem filhos?

— Eu tinha quatro filhas. Temo que perdi uma recentemente. Por favor, entre. É absolutamente maravilhoso ver você aqui. Eu sinto muito; eu não esperava você. Ian tinha enviado originalmente seus pesares para ambos, então ele foi aparentemente influenciado a participar… Eu acredito que seu oficial superior especificamente pediu-lhe para estar aqui esta noite por algumas discussões informais. No entanto, ele deveria ter me avisado que você estaria aqui!

Alaina não tinha certeza de como responder; ela estava feliz de não ter que fazê-lo, pois Rose Greenhow não esperou por uma resposta, mas varreu-a para o quarto.

O coração de Alaina afundou. Pois não era seu marido dançando com a mulher mais bonita na sala?!

A filha do coronel?

Ela era alta e magra, mas seu decote parecia ainda mais perfeito em comparação com a clivagem mais do que adequado que subiu de seu sutiã. Ela era escura, o cabelo tão suave e elegante como zibelina profunda. Seu rosto era um oval perfeito; seus olhos eram verdes claros. A sombra que mudou mesmo quando eles acenderam sobre Alaina e parecia escurecer a uma água-marinha profunda.

Ela notou Alaina quando o resto das pessoas na sala ainda estavam preocupados demais para fazê-lo. Eles estavam muito possivelmente vivendo na véspera da destruição, pensou Alaina, mas o lugar pulsava com vida. Ela podia ouvir pedaços de conversa quando ela entrou na sala. Homens que podem em breve ser inimigos se encontravam e se misturavam na casa desta matrona da sociedade, fumavam charutos juntos, se gabavam a respeito de

porque os estados de algodão iriam separar-se e vencer qualquer escaramuça, ou porque o Norte iria exterminar tal rebelião mal aconselhado.

— Venha, querida, deixe-me encontrar o seu marido e apresentá-la, — disse Rose Greenhow, acrescentando em um sussurro: — As pessoas têm muita vontade de conhecê-la, querida. Eles vão ficar tão contentes que você fez uma aparição.

Alaina duvidava que as mulheres da sociedade de Washington ficariam felizes em conhecê-la; elas certamente condenaram a sua presença, e ela poderia muito bem ter alimentando as fofocas para algum tempo para vir. Mas então, isso não seria algo novo para ela.

Ainda assim, agora que ela estava aqui, ela desejava fugir. Especialmente agora que a filha do coronel estava olhando para ela com seus perfeitos olhos verdes, enquanto a mão de Ian repousou sobre sua cintura.

A filha do coronel sussurrou para Ian, e ele se virou.

Assustado. Verdadeiramente assustado.

Ian era bom em esconder seus pensamentos e emoções. Ele traiu muito pouco. Mas Alaina o conhecia. E ela viu o pulso batendo em sua garganta, e o escurecimento rápido de seus olhos, e sabia que ele estava com raiva. De repente, ela queria se esconder, mas não podia. Um servo veio para a capa, e ela foi deixada em seu vestido de renda preta, forçando um sorriso, estendendo a mão enquanto Rose Greenhow a levou para um bonito casal mais velho e fez as apresentações.

Mais e mais pessoas vieram para a frente, homens e mulheres. Alaina lutou contra a tentação de tremer, sorriu graciosamente, e respondeu tão bem quanto podia. Então, ela descobriu que a Sra Greenhow ia apresentá-la a filha do coronel, a jovem mulher com o cabelo escuro aveludado, belos olhos verdes, e uma perfeita, cintura minúscula.

— Ah, aí está você, querida Risa! Esta é Alaina, a esposa de Ian. Risa é filha do coronel Magee, então naturalmente vocês duas devem se tornar grandes amigas!

Alaina e Risa olharam uma para a outra com sorrisos de madeira.

— É um prazer, senhorita Magee, — conseguiu Alaina.

— O prazer é meu —, Risa respondeu com cortesia. — Ian tem sido uma parte muito importante da nossa vida, meu pai e eu temos estado mais do que ansiosos para conhecê-la.

— Mas, minha querida! —, exclamou uma das matronas mais velhas a quem Alaina tinha acabado de ser introduzidas. Sra McNally, pensou Alaina. O marido dela estava no Congresso. — Não há nenhuma necessidade para você se esconder! Há sempre uma cena social tão ocupado aqui, e você simplesmente tem de ser uma parte dela! Uma pena que você não tenha estado por perto antes!

— Ora, Clara, a Sra McKenzie estava doente no ano passado, e você não deve exigir muito do seu tempo —, Risa disse educadamente.

— Eu estava mal, mas estou muito bem agora —, Alaina assegurou a outra mulher. — Bem, a não ser…

A muito bonita Risa estava olhando para ela, esperando cortesmente para ela continuar. Então a luz estranha nos olhos da outra mulher deixou Alaina saber que Risa tinha acabado de perceber a sua situação; que Ian estava, obviamente, tendo pouco ou nada a ver com ela agora.

Alaina fechou os olhos, de repente se sentindo mal. Ela foi a única usando seu anel, a que tem seu filho, que leva seu nome. E certamente que feriu a outra mulher.

A mulher que ele tinha *a intenção* de se casar.

— Eu estou me sentindo realmente muito bem —, disse ela. — Eu poderia… escalar montanhas! — Ela ofereceu docemente.

— Ah —, Risa murmurou, arqueando uma sobrancelha de repente.

Alaina virou um pouco percebendo que Ian estava atrás dela. Com sua capa.

Um tremor rasgado pelas costas. Seus olhos pareciam quase preto.

— Meu amor —, disse ele, em um tom que indicava que ela era tudo menos isso. — Eu não tenho sido capaz de alcançá-la, você está bastante cercada. Foi tão bom que você veio, mas eu acho que foi longo o suficiente, não é?

Ela lutou contra o rubor que ameaçava engoli suas bochechas, sentindo como uma criança sendo repreendida. Na frente de Rose Greenhow, Risa, e Sra McNally, a soma da sociedade Washington.

— Estou realmente muito bem —, ela insistiu suavemente.

Mas de repente ela não estava.

Ela estava… Encharcada.

Por uma fração de segundo, ela não sabia o que tinha acontecido. Mas Jennifer tinha avisado sobre todas as etapas do parto, e ela sabia o que tinha acontecido quanto as saias ficaram saturadas, mesmo enquanto ela tentou negar que o destino poderia torcer em torno desta maneira: Sua bolsa tinha estourado.

O bebê estava chegando.

Ela não sentiu o primeiro sinal de dor…

Só que ela fez em seguida. Uma súbita e horrível dor. Como uma faca direto nas costas.

Pânico a encheu; ela sentiu o sangue drenar de seu rosto. Curiosamente, foram os brilhantes olhos verdes de Risa Magee que a fizeram perceber. Eles mantiveram o seu olhar para o que parecia um tempo infinito, mas foi apenas uma questão de segundos.

Ela se virou com perfeita precisão, batendo em uma grande cerveja âmbar da mão de um político nas proximidades.

— Eu sinto muitíssimo. Oh, olhe para o derramamento que eu criei!

— Alaina, querida, não fique aflita, vamos arrumá-lo, — Rose assegurou-lhe calmamente.

E embora Alaina estava grata, ela estava humilhada, bem como quando Risa se inclinou sobre ela, sugerindo suavemente, — Ian, acho que você pode querer levar sua esposa para casa agora. Rapidamente.

CAPÍTULO DEZENOVE

Flórida se separou oficialmente da União em 10 de janeiro de 1861, o terceiro estado a fazê-lo, seguindo a secessão do Mississippi em 9 de janeiro.

Alaina ficou alegremente inconsciente desses eventos, no entanto, Sean Michael McKenzie finalmente fez a sua aparição, precisamente ao meio-dia no dia dez de janeiro. Apesar do fato de que a bolsa de Alaina tinha estourado e suas dores eram quase que instantaneamente fortes, seu filho escolheu tomar o seu tempo de vir ao mundo.

Com uma compreensão imediata da situação, Ian a tinha envolvido em sua capa, a pegou e levou-a para fora para o transporte. Até então, ela estava tremendo violentamente, e já aprendendo o significado da combinação das palavras trabalho e *dor.* Ele estava ansioso, irritado, e chamou-lhe uma pequena tola, mas, em seguida, em retrospecto, isso não foi nada, considerando algumas das coisas que ela o chamou enquanto a noite progrediu para manhã. O médico que Ian convocou era um tipo gentil, mas da firme convicção de que uma boa quantidade de sofrimento tinha sido ditada sobre as mulheres pelo próprio Deus e quem era ele, como um mero mortal, para intervir?

Era quase bom ter Ian para brigar enquanto as horas passavam. Apesar do fato de que o médico sugeriu que ele fosse fazer o seu próprio negócio, tomar uma bebida em sua biblioteca, ir para um passeio de meia-noite, Ian permaneceu com ela uma vez que Lilly, que teve a mais irritante, *'Eu avisei',* maneira sobre ela, a teve tirando de sua roupa molhada e em um vestido limpo e em sua cama. Acariciando a cabeça com panos frios, Ian exigiu, irritado:

— Que diabos deu em você para fazer tal façanha?

— Eu tinha que sair —, ela disse a ele. — Eu estava entediada, eu estava…

— Mais preocupada com política do que com seu filho, senhora, — ele terminou com raiva para ela.

— Não, não, eu… Ian, realmente. Ele ou ela estará apenas um pouco mais cedo aqui.

— Não havia nenhuma razão para você estar fora.

Eles estavam no quarto sozinhos no momento. Ela fechou os olhos e sussurrou:

— Eu precisava ver a razão que o fez estar fora.

— Sério. Bem, você conseguiu me levar para casa, não é, meu amor? — , Ele perguntou em voz baixa.

Seus olhos se abriram enquanto ela procurava os seus, mas eram insondáveis, e quando ela tentou falar novamente, foi apreendida por tão miserável dor que quase gritou em voz alta. Ela não ia permitir a ele vê-la sofrer, no entanto, e ela apoiou-se em seus dentes, lutando contra a onda de lágrimas que ardiam em suas pálpebras.

— Você deve… sair! —, Ela engasgou.

— Eu acho que não. Eu sou responsável pela situação atual —, disse ele, pensativo. — Eu estava lá no início disto; vou vê-lo até o fim.

Assim, ele não iria deixá-la. Mesmo quando ela lhe disse muito violentamente o que ele realmente deveria estar fazendo com ele mesmo. E com o passar do tempo, ela ficou feliz que ele tinha ficado, quase quebrando os dedos em uma ocasião quando ela agarrou sua mão. Através das horas, ela ouviu a sua profunda voz de tenor enquanto ele a acalmou com a pior das dores, sentindo a suave pressão de seus dedos quando ele esfregou sua testa ou sua nuca, ajudando a aliviar sua tensão.

Mesmo quando a criança realmente nasceu, ele se recusou a sair, e foi o primeiro a levar seu filho do médico, estudando-o mesmo antes de Lilly pudesse pegá-lo para ser banhado e envolto em uma toalha. E havia algo muito maravilhoso, em toda a sua exaustão, sobre a audição do prazer na voz de Ian quando ele lhe disse:

— Um menino, Alaina, um menino com um tufo de cabelos, dez dedos nas mãos, dez dedos nos pés, perfeito em todos os sentidos. Eu lhe disse que seria um menino, não é? —, acrescentou, e não sem uma certa quantidade de arrogância. No entanto, naquele momento, não importava. Ela sorriu. Ela nunca se sentiu tão cansada e desgastada ou tão deslumbrantemente feliz em qualquer momento em sua vida. Ela estendeu a mão para seu filho, que lamentou um protesto indignado com o novo mundo. Ela o examinou rapidamente e viu que Ian estava certo: Ele era perfeito em todos os sentidos, grande e bem formado, dez dedos nas mãos, dez dedos nos pés, e uma quantidade incrível de cabelo escuro para uma criança. Seus olhos eram azuis, como seu pai, mas ela se perguntou se eles iriam ficar assim. Ela sentiu uma incrível onda de emoção dentro dela, em seguida, para a criança, e seu pai. Ela sabia que ela amava Ian apesar das dificuldades

entre eles; mas até aquele momento, ela não tinha percebido o quão profundamente.

— Seus olhos —, ela sussurrou para Ian.

— Meus, ou talvez de Teddy, — ele disse calmamente.

Alaina olhou para ele. Ele alisou o cabelo úmido da testa, e ela pegou sua mão e beijou seus dedos.

— Obrigada por isso —, ela disse suavemente.

Ele se inclinou e apertou seus lábios em sua testa, e depois sua boca.

— Obrigado por meu filho —, disse a ela. Ela sorriu, olhou para seu filho, que estava agora seriamente a observá-la, e depois deixou seus olhos fecharem. Alguém levou o bebê embora. Ian, pensou. Ela nunca se sentira tão em paz.

E ela dormiu.

******

Os dias seguintes passaram rapidamente. Ela estava cansada e dormia frequentemente, porque isso não importava. Tudo o que ela queria fazer nesses primeiros dias foi ver o bebê e maravilhar-se com ele. Ela nem percebeu as horas que Ian tinha ido embora, porque ele veio para o quarto dela todas as noites, e sentou-se ao seu lado e estudou o bebê com ela. Ele não dormiu com ela; ele permaneceu em seu próprio quarto. Mas parecia que ele estava sempre perto, e por enquanto, ela estava contente.

Ela estava feliz por ele não ditar o nome do seu filho, mas a consultou.

— Eu gostaria de chamá-lo de Sean Michael McKenzie, como meu avô —, sugeriu ele, olhando para seu filho. O bebê agarrou o polegar de Ian firmemente enquanto ele estudou seu pai. Ian continuou: — Eu suponho que você gostaria de Theodore, mas eu prefiro usar um nome de família McKenzie em primeiro lugar, se você concorda. Se desejar, podemos citar o nosso segundo filho por Teddy.

— E se não tivermos outro filho?

— Theodosia? Theodora? —, Disse Ian, olhando para ela então, e seus cílios fecharam, porque ela não queria que ele visse o quão feliz ela estava por ele estar tão certo de que eles teriam outras crianças.

— Eu gosto de Sean Michael —, ela disse simplesmente. — E, na verdade, eu gosto bastante Teddy para uma menina também.

— Então Sean Michael será —, Ian informou a seu filho.

******

Sean tinha apenas alguns dias de idade e Alaina estava dormindo com ele ao seu lado uma manhã quando ouviu uma leve batida na porta. Ela acordou sonolenta e apertou a camisola juntos, ela tinha cochilado enquanto o bebê estava mamando. Ela olhou para a porta e paralisou, percebendo que era Risa Magee que estava lá. Ela quase saltou, lembrou-se do bebê, e mais cuidadosamente sentou-se, tentando alisar o cabelo para trás com alguma aparência de dignidade. Ela não teria trocado o bebê por nada no mundo, mas nem ela podia deixar de sentir uma pontada de ciúme. Risa era elegante. Magra, mas tão curvilínea também, seu lindo cabelo escuro varrido em um coque perfeito, os olhos brilhantes contra sua coloração escura.

— Parabéns —, Risa disse muito calmamente, na ponta dos pés para dentro da sala e ao redor da cama para olhar para baixo sobre Sean. — Ele é maravilhoso.

— Obrigada, — Alaina murmurou, observando a outra mulher. Ela hesitou. — E obrigada, também, por me dar cobertura tão rapidamente na outra noite.

— Você certamente conseguiu ser dramática —, Risa sorriu.

— Não foi minha intenção —, disse Alaina — e eu sou grata a você. — Ela fez uma pausa. — Eu não tenho certeza de por que você quer ser boa para mim.

Risa parecia assustada, então riu suavemente.

— Por que de fato? Eu não sei, na verdade. Talvez nós compartilhamos uma irmandade como mulheres, ou algo parecido. Mas você está certa; que poderia muito bem ser a céu aberto entre nós. Eu não posso começar a entender porque eu gostaria de ajudá-la de qualquer forma. Sean é um lindo bebê e ele deveria ter sido meu. Exceto, é claro, que você roubou Ian.

Alaina suspirou, sentando-se.

— Mas eu não…

— Não é realmente culpa sua. Eu deveria ter dormido com ele eu mesma.

— Eu nunca…

Risa riu, olhando incisivamente para o bebê.

— Você deve ter.

Alaina balançou a cabeça, determinada a fazer seu ponto.

— Eu não dormi com ele antes…

— 'Dormindo com'… que expressão! Se as pessoas apenas dormissem, tanto caos poderia ser evitado. No entanto, tudo bem, um bom ponto. Eu deveria ter saltado nua em uma piscina com ele.

— Eu não saltei nua em uma piscina com ele! — Alaina protestou.

— Ele mentiu para mim? — Risa disse educadamente. Alaina corou, incapaz de acreditar que elas estavam tendo esta conversa; mas, em seguida, ela realmente trouxe isso. Ela estremeceu interiormente, percebendo que Ian tinha provavelmente sido dolorosamente honesto com Risa sobre tudo. Ele sem dúvida compartilhara muito mais de seu coração e mente com Risa do que ele já teve com ela.

De repente, um pouco da enorme satisfação que sentira no momento do nascimento do bebê, foi abalada. Mesmo agora, Risa parecia zombar-se muito mais do que Alaina, mas a honestidade do seu jeito fez Alaina desconfortável.

— Eu não sei se Ian mentiu, porque eu não sei o que ele disse, — Alaina informou Risa. — Mas eu lhe asseguro, eu não quis fazer mal a você, ou a ele. Eu nunca planejei prender Ian, eu não tinha a intenção do que aconteceu, e eu realmente não queria casar com ele depois de tudo! —, ela disse, começando bastante uniformemente, mas sentindo sua ascensão de temperamento enquanto ela falava. Então, para seu horror, ela percebeu que Ian estava na porta.

Risa não o viu.

— Bem, isso realmente não importa agora, não é? —, ela perguntou em voz baixa. — Você está casada, e você tem uma criança bonita, e parabéns estão em ordem.

Ian entrou no quarto, e Risa se virou, assustada. Alaina queria afundar na cama e desaparecer. Ela estava dolorosamente ciente de que Ian tinha ouvido suas palavras, ela sentiu a frieza de seu olhar.

— Ian. Ele é absolutamente lindo —, Risa elogiou novamente. Ela era tão suave, tão composta, tão equilibrada. Alaina se sentiu mal, mas ela queria desesperadamente ser digna.

— Obrigado, Risa. Alaina, o bebê está vestido? — O tom de Ian era liso, suave como a seda. — Eu estava ansioso para tê-lo batizado, e o coronel Magee e Risa concordaram em permanecer como padrinhos.

— Agora? — Alaina sussurrou, atordoada. Então, ela não sabia por que ela estava surpresa; pais eram naturalmente ansiosos para terem seus bebês batizados tão rapidamente quanto possível, simplesmente porque a vida era muito frágil para qualquer um.

Mas ele não tinha sequer perguntado a ela sobre ter Risa e seu pai como padrinhos. Coronel Magee muitas vezes serviu como comandante de Ian, por isso não foi de todo incomum que ele deveria levantar-se para a criança, mas…

Ian foi até a cama, delicadamente pegando Sean, colocando-o nos braços de Risa. Ela riu com prazer macio, segurando o bebê delicadamente.

— Ele é simplesmente adorável!

Um tremor de inquietação varreu Alaina, e ela queria tomar seu bebê de volta. Ian, Risa, e o bebê eram extremamente bonitos juntos.

Risa olhou para ela e pareceu notar sua palidez.

— Nós vamos tê-lo de volta logo —, ela prometeu. Alaina mordeu o lábio inferior e forçou um sorriso.

— Se você pudesse me dar alguns minutos, eu irei com você —, disse Alaina, pronta para deslizar para fora da cama e vestido.

— Você não deve levantar-se, — Ian disse, sem rodeios —, e o reverendo só tem um tanto de tempo. Não é necessário para você estar lá.

Alaina alisou as mãos sobre os lençóis, forçando-se a não lutar ou argumentar, ela estava determinada que ela não ia ser humilhada ainda mais

na frente de Risa Magee. Ela nunca entendeu muito bem o porquê das mulheres pobres ser esperado para ter seus bebês e voltar direto ao trabalho quando as senhoras da sociedade eram confinadas às suas camas durante dias após o fato. Mas ela não teve sua força de volta, e ela não ia correr o risco de demonstrar em seu rosto.

— Ele tem um bom temperamento e ele pode não aceitar com benevolência o batismo —, disse ela, sorrindo para Risa. — Espero que ele vá se comportar.

— Nós vamos ficar bem —, Risa assegurou-lhe e saiu do quarto.

Ian estava na porta, olhando para Alaina. Então ele fechou a porta.

Alaina queria saltar para cima e chamá-lo de volta. Ela se sentiu tão sozinha.

O que mais? Ela zombou de si mesma. Ela tinha acabado de contar a mulher que ele tinha intenção de se casar que ela não queria ser sua esposa em tudo. Ela poderia muito bem ter escrito um recibo de permissão para os dois cometerem adultério.

******

Apesar do medo de Alaina, Ian não poderia ter sido mais cortês nos dias que se seguiram, embora ele manteve uma distância dela. O médico tinha advertido que haveria, Argh! Não, é… Intimas relações conjugais, por algumas semanas a seguir, e assim ela não podia discutir com a determinação de Ian para manter quartos separados. Além disso, seu orgulho não permitiria que ela insistisse que ele fosse dormir com ela. Ainda assim, ela fez o seu melhor para ser amável, e foi fácil, porque ambos estavam tão fascinados com serem pais. Eles passaram muitas horas com Sean colocado para fora na cama, atribuindo seus vários recursos aos membros da família, em seguida, rindo e concordando que ele se parecia com Sean, e que era isso. Sean Michael McKenzie.

Sean estava com um pouco mais de três semanas de idade, quando um convite para outro dos saraus de Rose Greenhow chegou. Alaina percebeu que ela tinha vivido em uma concha, em um isolamento maior do que nunca. Ela tinha estado tão preocupada com o bebê e seus próprios problemas que ela não tinha dado um pensamento para o mundo ao seu redor. Ela sequer olhou para um jornal e sua única leitura tinha sido as cartas que havia recebido da família de Ian, parabéns de James e Teela, Jerome, Brent, e Sydney, e Jennifer e Lawrence. E desde o dia que Risa e seu pai tinham

estado na casa, Alaina e Ian não tinham recebido visitantes. Ela estava ciente de que Ian tinha feito um ponto de estar em casa, e apesar do calor que partilhavam sobre Sean, em outros assuntos ele tinha suavemente erguido um muro de reserva para ela. Alaina estava de repente extremamente ansiosa para sair e descobrir o que estava acontecendo no resto do país.

Ian estava trabalhando em sua biblioteca, debruçado sobre gráficos e mapas, quando o convite chegou, entregue por uma das empregadas domésticas de Rose Greenhow em mãos. Alaina trouxe para ele, hesitando na porta ao vê-lo no trabalho, em seguida, batendo suavemente. Ele olhou para cima rapidamente. Havia um jornal ao seu lado que ele dobrou e colocou de lado, indicando que ela deveria entrar. Sem palavras, Alaina entregou-lhe o convite. Ele leu e entregou-o de volta para ela.

— É muito cedo para você estar indo a festas, — ele disse a ela.

— Ian, não é. Por favor, eu adoraria sair por apenas algumas horas. Eu não deixei esta casa em tudo desde que o bebê nasceu.

Ele olhou para trás para o seu trabalho.

— Alaina…

— Por favor, Ian?

— E sobre Sean?

O bebê era uma consideração séria e legítima, desde que ela tinha recusado os serviços de uma ama de leite.

— Ian, estamos apenas alguns quarteirões de distância da Sra Greenhow. Eu vou alimentá-lo direito antes de sair. — Ele não respondeu de imediato, e ela pensou que ele estava à procura de desculpas.

— Por favor, Ian!

Ele hesitou um momento, depois deu de ombros, como se esta noite ia ser algo desagradável ele ia ter que enfrentar mais cedo ou mais tarde. Ele voltou ao seu trabalho.

— Como quiser, — ele disse simplesmente.

******

Ian nunca tinha visto sua esposa mais bonita do que quando ela desceu as escadas naquela noite. Ela ainda usava preto, em homenagem a Teddy, e ele sabia que ela iria fazê-lo por um ano inteiro. Mas ela se vestia de preto muito bem, o cabelo aparecendo como fios de ouro contra ele, sua pele como porcelana. Seus seios estavam reforçados por causa da amamentação e sua cintura parecia mais fina do que nunca. Usava o cabelo solto, com algumas mechas caindo em cachos evocativas para baixo em sua nuca e sobre os ombros. Observando-a descer as escadas com os olhos piscando um topázio brilhante e as faces coradas, ele sentiu seus sentidos entrar em uma revoada. Ela chegou a ele, e o aroma de seu perfume era completamente intoxicante. Mas seriam várias semanas antes que ele pudesse tocá-la novamente, e ele não se atreveu a escovar seu rosto com um beijo ou mirar muito sobre seu decote. Por um momento, ele ironicamente invejava seu filho. Então ele pensou novamente com cansada resolução que no momento em que for medicamente prudente fazer amor com sua esposa novamente, ela não gostaria de sentir o mínimo toque de seus dedos.

— Vamos? —, Ele perguntou, sem fazer nenhum comentário sobre sua aparência. Ela assentiu com a cabeça, e ele notou que seus olhos varreram o comprimento de seu uniforme, com distância, ele pensou. Ela não gostava de seu uniforme da União desde que seu pai tinha sido morto.

Ela o pegou olhando para ela à luz do lampião que escorria para dentro do carro, e ela nervosamente olhou para seu colo, alisando a saia.

— Há algo de errado? —, ela perguntou.

— Pelo contrário. Você parece deslumbrante.

Ela olhou para a janela.

— Adoro Sean, e você sabe disso. Estou muito contente de estar com ele. Mas eu não estou acostumada a tal inatividade.

— E, naturalmente, você nunca quis se casar comigo e ser arrastada para o miserável Norte, — ele lembrou a ela suavemente, perguntando por que as palavras que ela tinha falado com Risa ainda o perturbavam. Elas não foram nenhuma surpresa. E ele não sabia por que ele estava criando guerra entre eles agora. Tinha sido doloroso manter distância dela enquanto sua cintura emagreceu e seus seios incharam, mas o tempo que haviam passado juntos tinha sido realmente bastante doméstico. Feliz.

O que estava prestes a mudar. Com ou sem o seu desejo de fazer a guerra.

Alaina continuou a olhar para fora da janela.

— Eu estava apenas tentando explicar a Risa que eu não tinha a intenção de destruir a vida dela.

— Eu não posso ver como você destruiu sua vida —, disse ele categoricamente.

Ela olhou para ele com um sorriso melancólico peculiar, os olhos de um topázio cintilante.

— Mesmo? Certamente você está ciente de que ela ainda está apaixonada por você?

Ele não queria ser cruel de qualquer forma; ele só sabia que ela estaria condenando-o antes que a noite terminasse.

— Você acha? — Ele perguntou educadamente, como se preocupado e surpreso, mas uma dor crua parecia rasgar seu coração. Sim, Risa se importava. E ele se preocupava com ela também. Mas ele tornou-se consumido por sua esposa, e não importa os obstáculos que ele tentou erguer em torno de sua alma, ela deslizou através deles.

E a partir de hoje à noite… bem, ele não se preocuparia com isso agora.

— Ian —, disse ela com voz rouca, com as mãos cruzadas no colo, os olhos sobre eles. — Você não é tolo. Você está bem ciente da Senhorita Risa Magee…

— Nós estamos aqui —, disse ele quando a carruagem parou em frente da bonita casa de Rose. Ele desceu, estendendo a mão para ela. Ele deveria ter dito a ela mais sobre seus planos, pensou fugazmente. Mas ele desejava a paz, contanto que ele poderia tê-lo.

Quando ele a acompanhou até a porta, ele sentiu como se algo tivesse alojada em sua garganta. Ele ia engasgar com seu próprio maldito desejo de paz.

Quando entraram no foyer, Alaina ofereceu-lhe um sorriso grato, ela estava tão feliz por sair. Ela sentiu uma doce onda de excitação de estar envolvida com a vida novamente. Tantas pessoas a saudaram como uma velha amiga; todo mundo estava preocupado com ela e com o bebê. Risa estava lá, naturalmente, tão impressionante e pronta como nunca em seda azul royal. Coronel Magee era grave e gentil, preocupado com o bem-estar de Alaina, e bastante solícito. No entanto, depois dela ter trocado gentilezas com um número de pessoas, ela encontrou-se tomando parte de conversas que não eram agradáveis, no mínimo.

— Major McKenzie, apenas onde é que o mundo vai parar? — Jill Sanders, a esposa de um tenente naval jovem, exigiu. — Você pode imaginar? Eles saíram e formaram um novo país, os Estados Confederados da América!

— O quê? —, Perguntou Alaina, assustada.

— Oh, minha querida, é claro, que você esteve ocupada com seu pequeno precioso e tudo, tão logo após um bebê, e você tem uma cintura como um anel de dedo mindinho já! Ah, mas a domesticidade leva alguém a ficar por fora das notícias, hein? Os estados do algodão formaram um governo, há sete deles agora, embora o Texas não conseguiu obter um delegado para Montgomery a tempo de estar na formação de tudo. Texas apenas se separou em 1º de fevereiro, você vê, e sua zombaria de um governo foi formado no 4º. Major! você ouviu dizer que Jeff Davis era o presidente provisório? Porque, o homem era um senador, um soldado! Foi Secretário de Guerra para o presidente Pierce, e agora… e aquele Alexander Stephens! Porque, eu ouvi ele me dizer que ele era totalmente contra a secessão, e basta olhar para ele, vice-presidente dos Estados Confederados da América!

Alaina encarou Ian, sentindo como se um incêndio tivesse sido criado dentro de seu estômago. Nenhuma palavra. Ele sabia de tudo isso. E ele não disse uma única coisa para ela.

— Stephens argumentou eloquentemente contra a secessão, — Ian respondeu a Sra Sanders. — Mas Stephens é um georgiano. Aparentemente ele se sentiu obrigado a seguir o seu estado, apesar do fato de que o voto foi contra ele.

— Diga-me, — Alaina interveio, — qual dos estados do Sul se separaram até agora? Eu tenho medo que eu tenha estado tão isolada nas últimas semanas!

— Bem, agora, você não poderia ter perdido a separação da Carolina do Sul! — Jill exclamou, sacudindo a cabeça. — Essa gentalha agitadora! Então, hmm, Mississippi, sua própria Flórida, querida, Alabama, Geórgia, Louisiana e Texas! Sim, é isso, e na ordem certa. Não é, Ian?

Alaina sentiu o sangue drenar de seu rosto quando ela olhou para a senhora Sanders, e então, para Ian. Sua expressão era impassível; havia uma ponta de seus olhos, um brilho frio quando ele voltou seu olhar. Sim, ele sabia tudo isso. Não, ele não sentia a necessidade de informá-la. Ela começou a afastar-se dele, mas uma valsa estava tocando, e antes que ela

pudesse protestar, ele desculpou-os e tinha-a na pista entre os outros casais dançando. Ela ficou rígida em seus braços, olhando-o com desprezo quente.

— Eu entendi isso corretamente? O estado da Flórida tem se separado, e você não fez nada*? Nada*?

Seus frios olhos azuis avaliaram-na, por sua vez.

— Minha querida, você entendeu corretamente. O estado da Flórida se separou, e eu não fiz nada, *nada*.

Ela respirou fundo.

— Mas Ian…

— Você há muito conhece minha opinião da separação —, disse ele bruscamente, cortando-a.

— Mas… mas qual é a sua intenção? —, ela perguntou.

— Eu não tenho nenhuma intenção especial no momento —, disse ele. Isso perturbou-o, e irritou-o, que a raiva dela trouxe tal rubor às suas bochechas e tal fogo em seus olhos. Mais do que nunca, ele queria abraçá-la. Arrastá-la contra ele, lhe dizer que eles não têm a força para impedir os ventos de guerra que estavam começando a soprar.

Mas ela estava tremendo em seus braços. Tremendo, porque ela não iria tolerar suas palavras.

Ou seus ideais.

— Eu não quero dançar com você —, ela disse friamente.

— Que pena.

— Ian, deixe-me ir, — ela disse a ele.

— Alaina…

Ela estava certamente ficando insana, pensou ela, porque ela não queria que ele a deixasse ir. Ela queria que ele a abraçasse, e dizer-lhe que sim, tudo isso foi horrível, isso estava quebrando seu coração. Mas Flórida, seu estado, tinha se separado, e ele estava indo para ser fiel ao seu estado, ele estava indo para renunciar. E eles iriam voltar para casa. Para a Flórida. Para os Estados Confederados da América.

Mas ele não ia dizer isso.

— Você é um traidor, Ian! —, ela gritou. — Um traidor de seu estado, para o seu próprio povo.

— Alaina, pare.

— Não, eu não posso parar! Me deixe ir. Eu não quero você me tocando. Nunca.

— Você é minha esposa, Alaina…

Ela balançou a cabeça.

— Eu quero ir para casa!

— Alaina, você não pode…

— Eu tenho que ir. Eu estou indo para casa! —, ela o informou.

Ele apertou os braços ao redor dela.

— Se você se afastar de mim e me humilhar em público devido a seus pontos de vista, vou arrastá-la de volta. E se você decidir me deixar, meu amor, você deixará o seu filho. Se você acha que pode sequestrá-lo e correr para o pântano e se esconder, lembre-se que eu conheço seu estado muito melhor do que você jamais saberá. Se você acha que vai levar o meu filho, saiba que eu vou te caçar onde quer que vá, e, no final, eu vou ganhar. Você se casou comigo, Alaina. Para melhor ou pior. Você é minha esposa, e eu nunca te permitirei esquecer esse fato.

Ela nunca o tinha ouvido falar tão friamente. Nem com maior advertência e convicção.

— Como você pode virar as costas para o seu estado, a sua própria casa? — Ela exigiu furiosamente.

— Eu não estou virando as costas à Flórida; ela sempre será minha casa. Mas eu sou contra a separação. Haverá guerra, e não acabará em noventa dias, embora, eventualmente, ele vai acabar e o Norte será vitorioso, e o caminho difícil será ver o estado de volta para a prosperidade quando o sangramento acabar.

Ela balançou a cabeça, olhando para ele como se ele tivesse claramente perdido a cabeça.

— Eu não vou me afastar de você, mas Ian, me solte! Aos meus olhos, você é um traidor. Não me toque!

Soltou-a, em seguida, tão de repente que ela quase tropeçou para trás dele.

— Chamaram-lhe um Yankee na Carolina do Sul, — ela lembrou a ele de repente. — Um inimigo. Isso é o que você é. Um *Yankee*! —, ela assobiou. — Você é um Yankee, e seu exército miserável não fez nada sobre o assassinato do meu pai.

— Seu pai morreu por acidente.

— Negligência.

— Seja como for…

— Você é uma parte de sua burocracia horrível.

— Você está se recusando a ver, Alaina…

— Eu recuso a um Yankee!

— Ah. Mas você é casada com um Yankee —, disse ele educadamente. Em seguida, ele se curvou brevemente para ela, virou-se e afastou-se, parando para sorrir quando alguém parava e falava com ele, respondendo a um outro homem, rindo com um amigo. Sra Greenhow bateu-lhe no ombro e ele se virou, piscando seu sorriso bonito para ela, bem como, em seguida, puxando-a para a pista de dança.

Alaina virou-se em desespero, sentindo-se quase cega enquanto piscava para conter as lágrimas de confusão e frustração. Ela tentou fazer o seu caminho até a porta; ela quis vir aqui tão desesperadamente esta noite. Agora ela só queria escapar.

Ela não tinha permissão para se afastar dele, mas ele tinha conseguido se afastar muito facilmente dela.

Ela tentou escapar, mas as pessoas pararam para falar com ela, parabenizando-a, perguntando-lhe sobre Sean. Eles foram gentis; eles eram agradáveis, preocupados que ela estava quente o suficiente aqui na Capital em tal mau tempo invernal. Ela sorriu; ela tinha que ser tão fácil e indiferente como seu marido.

Ela chegou à porta afinal. Uma empregada trouxe o casaco, e ela convenceu o negro livre que Ian tinha contratado como seu motorista para levá-la para casa; ela estava com medo que o bebê pudesse precisar dela.

Isso era verdade. Seus seios estavam cheios, doloridos, feridos. Ela esperava que Sean estivesse com fome.

Quando ela entrou, ela podia ouvir Sean agitado, e correu para cima para o quarto, tentando não deixar Lilly ver a miséria em seu rosto. Mas Lilly sacudiu a cabeça, soltando um aviso mesmo enquanto Alaina estendia a mão para o bebê, levando-o em seus braços e rapidamente soltando seu vestido para que o bebê pudesse ser amamentado.

— Você está chateada, você vai perturbar o pequeno também.

— Não seja ridícula. Eu não vou perturbar o bebê.

Lilly fungou.

— Você está em uma tempestade, você vai fazer seu leite azedar.

— Oh, Lilly, por favor.

— Agora, você sabia que isso iria acontecer, que a Flórida seria separada. Aconteceu. O que se passa no mundo não é sua preocupação. Você é uma mulher casada. Você apoia o seu homem.

— Ele é um homem cego! — Alaina assobiou.

Sean começou a chorar. Lilly estava certa; ela estava perturbando o bebê. Ela teve que se acalmar.

— Sch… shhh! —, ela sussurrou, balançando para frente e para trás com Sean. Ela deitou em sua cama, lutando para obter sua roupa fora. — Lilly, por favor. Só me ajude a sair disso e ir para uma camisola, a bege com os botões na frente.

Lilly fungou novamente e ajudou-a.

— Obrigada —, ela disse Lilly. — Eu estou bem agora eu… eu gostaria de ficar sozinha com ele.

— Se lembre do que eu disse, — Lilly alertou.

Alaina queria lembrar Lilly que ela era uma serva, exceto que é claro que ela era muito mais, e Alaina particularmente não queria fazer um inimigo em Lilly. Deitada ao lado de Sean, ela fechou os olhos, desejando que ela pudesse encontrar algum resto da miséria que a atormentava. Mas havia tanta coisa que ela teve que suportar! O exército dos Estados Unidos não tinha feito uma coisa ainda para castigar os homens que mataram seu pai. Ela não poderia suportar esse mesmo exército agora, quando seu estado natal decidiu que a Flórida não teria mais do mesmo!

Ficou acordada, nervosamente olhando para a porta, querendo saber se Ian viria intrometendo-se, furioso que ela o havia deixado em uma festa que ela tinha insistido em que eles assistissem.

Mas Ian não veio para o quarto dela.

Ouviu-o voltar para casa cerca da meia-noite.

E ouviu-o sair de novo menos de uma hora depois.

E ela estava deitada em silêncio torturada depois, lembrando que ela tinha ordenado que ele não a tocasse.

E ela sabia que havia aquelas que não se importavam com o toque dele.

CAPÍTULO VINTE

Abraham Lincoln foi empossado como presidente dos Estados Unidos da América em 04 março de 1861.

Ian não estava na cidade para a inauguração.

Alaina não o viu depois que ela deixou a festa de Rose Greenhow; Lilly disse mais tarde que ela tinha ainda estado dormindo quando ele tinha chegado pela manhã, passado um tempo com Sean, e depois partido. Tinha-lhe deixado um bilhete; ele tinha ido, para “cumprir minhas ordens”, e ele acreditava que estaria de volta dentro de um mês. Ela se perguntou se ele havia pedido por ordens que o mandasse para longe.

Ela perguntou se ele tinha decidido que realmente não queria uma esposa depois de tudo.

Mas ele queria seu filho.

Ela pensou em deixar Washington por si mesma, fazendo arranjos para viajar para casa. Mas ele tinha dito que viria atrás dela. E ela sabia que ele faria. Ele podia não a querer, mas ele queria Sean.

E assim, por enquanto, ela esperou. E assistiu. E leu os jornais e as várias cartas que recebeu da família de Ian.

Em meados de março, os estados confederados tinham assumido a maioria das bases militares e fortalezas dentro de suas fronteiras. Fort Sumter, em Charleston Harbor, permaneceu em mãos da União, assim como Fort Pickens, e os fortes em Key West e os Dry Tortugas. Alaina imaginou se Ian tinha sido enviado para Fort Taylor em Key West, um lugar onde muitas vezes ele tinha sido enviado em tempos melhores. Não lhe tinha deixado nenhuma informação, que ele tinha certamente visto como o melhor, mas o que a fez acreditar que ele já estava envolvido em operações militares contra sua própria pátria.

Então ela esperou, observando, como forças trouxe do Norte e do Sul rapidamente em direção a guerra. General Beauregard, antigo herói do exército dos Estados Unidos e da Guerra do México, tinha fortificado Charleston Harbor. Em Fort Sumter, Major Anderson pediu reforços para manter seus homens em provisão enquanto aguardava novas ordens. Todos

os dias, ele enfrentou os armamentos que Beauregard tinha acumulado no porto.

No meio de tudo isso, Alaina ficou feliz em saber que embora Ian não estava em Washington, Risa Magee estava.

Como foi com a Sra Greenhow. Alaina encontrou-se convidada para almoços e chás na casa da mulher, e ela estava contente de ir. Sra Greenhow era fascinante. Assim eram as pessoas que vieram em sua direção. E em sua casa, homens conversavam animadamente sobre os preparativos para a guerra. Homens falavam sobre soldados e brigadas e os números, e especialização de certos homens como atiradores, engenheiros, e muito mais. Sra Greenhow nunca pareceu entediada em sua conversa de guerra. Ela tinha escutado tudo o que tinham a dizer.

Era estranho, para Alaina saber que a Sra Greenhow permaneceu em profunda dor por sua filha Gertrude. Ela tinha duas filhas mais velhas casadas, e a pequena xará Rose, que vivia com ela agora, e era a alegria de sua vida. Rose Greenhow parecia apreciar os bons amigos e familiares que a apoiaram com sua perda. Ela mostrou a Alaina o quarto da filha um dia; Rose não tinha mudado nada desde o dia em que sua filha tinha morrido. Ela lidou com a sua dor muito bem, combatendo-a com vida. Alaina a admirava muito e sentia seu amor por Sean Michael crescer cada vez mais feroz. Ela soube que se tivesse sido uma agonia perder seu pai, não haveria dor na terra como a de perder um filho.

Os dias passaram.

A prima de Ian, Sydney, escreveu-lhe que a situação em Charleston estava crescendo extremamente grave e que parecia que algo iria acontecer muito em breve. Ela estava ansiosa para ir para casa para a Flórida e implorou a Alaina para mantê-la informada de todas as notícias da Capital do antigo EU.

Alaina também recebeu uma carta de Jen, escrita em circunstâncias que muito preocupara Alaina, pois ela descobriu que Ian tinha estado em sua casa, na Confederação, enquanto ela tinha sido deixada para trás em Washington.

— *Que estranho!* — Jen escreveu.

> *Nós ouvimos falar que éramos agora uma parte da Confederação, e um oficial da União toma suas chances no Sul nos dias de hoje, mas foi tão maravilhoso ver Ian. Ele trouxe a notícia, o que nós almejamos. Estamos tão longe do resto do mundo que é terrivelmente difícil saber*

o que está acontecendo. Sabíamos, é claro, que os federados ainda estão segurando os fortes em Key West e o Dry Tortugas, mas é muito terrível pensar que, em breve, poderemos ter a temer navios Federais no mar, e temer qualquer chegada, com medo de que seja um ataque estrangeiro! Que situação! Minha mãe e meu pai estavam aqui, e Lawrence, Ian, e eu discutimos as próximas dificuldades com eles. É muito estranho, porque o Pai e Ian estão em lados opostos, mas ambos veem o mesmo destino para a Flórida – não pode ser defendido, mas, novamente, como bloquear tantas milhas da costa? Ian disse ao pai que sentia muito que a Flórida foi tão rápida para se separar e juntar-se a Confederação, pois ele acha que a Confederação não terá escolha senão jogar Flórida para os lobos se e quando a guerra acontecer. Ian diz que a Confederação terá de retirar Flórida de seus homens para lutar mais para o norte, deixando Flórida vulnerável a todo tipo de ataque. Pai poderia muito bem concordar com ele, mas ele perguntou a Ian o que em nome de Deus o Norte quer com nosso pantanal. De uma forma ou de outra, será uma guerra estranha na península. Vamos cultivar alimentos e fornecimento de mão de obra. Sal, gado, e os homens!

Seu marido estava bem, comentando sobre o seu bebê, a quem desejo muito ver, é claro. Fiquei terrivelmente triste de ver Ian ir; Deus sabe quando, ou sob que circunstâncias, nós nos encontraremos novamente. Tome o maior cuidado nessas horas escuras.

Com amor,

Jen

A carta tinha sido escrita várias semanas antes de Alaina recebê-la, o que deixou o seu sentimento mais frustrado do que nunca. Ela não queria estar aqui. Seu coração estava no Sul. Ela desejava ver Belamar novamente, correr na praia. A primavera estava vindo para D.C., mas não rápido o suficiente para Alaina. Ela pertencia no Extremo Sul.

Enquanto a nação se desintegrava, Sean prosperou. Alaina se deleitou nele, e aprendeu a manter a sua sanidade em Washington, todo o tempo cada vez mais furiosa com a ausência do marido. Ela estava inquieta,

pairando sobre os jornais, perguntando onde Ian foi, e o que iria acontecer. Graças a Deus por Rose, e até mesmo Risa, a quem ela viu ocasionalmente na casa de Rose. Risa tinha um dom para a matéria de naturalidade, e qualquer ressentimento que ela deu à luz em direção Alaina estava aberta, e muitas vezes temperado por seu humor rápido. Uma tarde, as duas decidiram fazer biscoitos como convidadas na casa de Rose. Bastante acidentalmente, Alaina tinha deixado escapar uma xícara de farinha, e que tinha derramado todo vestido de Risa. Risa, por sua vez, tinha estabelecido uma tigela muito fortemente, e a farinha naturalmente flutuava sobre Alaina. Depois disso, ambos pegaram a farinha, e a deixaram voar.

A cozinha de Rose ficou um desastre, mas elas estavam rindo incontrolavelmente até que ambas ficaram sérias ao som de Sean, de repente acordando e berrando com fome.

— Eu acho que o seu filho está chamando você —, Risa disse a ela.

— É seguro ir buscá-lo? — Alaina perguntou.

— É seguro? — Risa perguntou inocentemente.

— Atrevo-me a virar as costas, para que não haja outra barragem? — Alaina exigiu.

Risa sorriu muito lentamente.

— Você está segura. Você está muito segura de mim. — Risa tirou o pó de suas mãos. — Claro, eu entendo que há uma viúva fora de Tampa que pode não estar tão segura da vida.

Alaina inalou com tanta força que ela respirou em uma nuvem de farinha e começou a tossir. Risa bateu em suas costas.

— Desculpe-me, quero dizer, você a conhece, eu assumo, e sabe sobre ela?

— Sim, eu a conheço, e você estava me condenando por estar nua em uma piscina. Bem, o seu querido honorável quase-noivo estava nessa piscina apenas por causa da viúva a quem você se refere agora.

— Ah! — Risa disse suavemente, seus cílios escuros varrendo suas bochechas enfarinhada. Então ela olhou para Alaina com um encolher de ombros. — Isso só te mostra que uma mulher se comporta com honra, como ela foi ensinada toda a sua vida, e paga por essa nobreza. Se eu não tivesse atendido o decoro, eu provavelmente estaria casada com Ian agora.

— Você realmente o amava —, Alaina disse calmamente.

— Eu realmente fiz. Mas eu também prometo a você, contanto que você não jogue seu casamento fora, eu não sou ameaça para você. Eu sou a única honrada, lembra?

Alaina sorriu, olhando para Risa.

— Eu não tenho medo de Lavínia, a viúva Trehorn. Ela divertiu Ian, e nada mais. *Você* é uma ameaça para mim, porque ele se preocupa com você. Ele ainda pode estar apaixonado por você; eu realmente não sei.

Risa olhou para ela, com as mãos nos quadris por um longo momento.

— Vocês dois são casados, e você tem uma criança bonita, com um grito sanguinário. Por favor, vá assistir a ele!

Alaina sorriu. Para sua surpresa, ela estendeu a mão para Risa e deu-lhe um abraço antes de correr fora de limpar-se para cima e atender a Sean. Estranhamente, ela sentiu que havia encontrado uma boa amiga.

Enquanto Risa era decididamente pró-União, Rose Greenhow não era. Ela foi surpreendentemente sincera sobre suas simpatias para o Sul, mantendo maravilhosamente relacionamentos adequados, mas flertava com oficiais da União, membros do gabinete, e congressistas. Alaina, que era muito mais calma em suas convicções, no entanto, gostava de Rose tremendamente.

No entanto, não importa as amizades que formou em Washington, ela se perguntou quanto tempo poderia suportar a permanecer, porque todos os dias trouxeram novas informações sobre a grande divisão do país. Em todos os lugares, grupos de milícias formadas, cavalos e armas foram contados, o exército dos Estados Unidos começara a chegar em massa em Washington, D.C. Apesar da ameaça de Ian, ou promessa, de que iria caçá-la e ao bebê para baixo se ela o deixasse, ela ansiava em encontrar um caminho para casa, para sua família, se necessário. Certamente, indo para seus sogros não poderia ser considerada deserção! Além do que, Ian não tinha direito de ameaçá-la, quando era ele quem a tinha deixado.

Uma noite no início de abril, Alaina foi convidada para uma ceia casual, na casa de Rose Greenhow, e Alaina estava determinada em pedir conselhos de sua sábia amiga mais velha, se não ajuda. Ela havia sido surpreendida ao descobrir, através de Rose mesma, que a própria Rose, que era extremamente amigável com muitos oficiais e funcionários de alto escalão, também era uma anti-abolicionista ardorosa. O pai de Rose tinha sido assassinado por um homem negro que se levantara contra ele quando Rose era apenas uma criança.

Alaina não sabia exatamente o que tinha acontecido, mas Rose tinha sido muito jovem, e ela não carregava a razão no peito, apenas ódio. Muitas pessoas odiavam por razões diferentes; ela sabia que seu próprio ódio por uniformes azuis pode não ser inteiramente justo, mas estava lá. Ela lembrou de uma carta de Julian sobre a sessão legislativa especial em que Flórida tinha decidido deixar a União; aparentemente, um dos seus vizinhos havia proclamado que era uma pena que Harriet Beecher Stowe não tinha morrido quando uma criança, assim, *cabana do Pai Tomás* não teria sido escrito, e todo o país poderia não estar em pé de guerra!

O conflito estranho de sentimentos de Rose Greenhow parecia torná-la uma pessoa ainda mais interessante, e Alaina pensou que se ela era capaz de voltar para casa, ela ia perder Rose. Mas ela ia escapar de Washington. Para casa. Em breve.

Na noite de buffet de Rose, Alaina vestiu-se com cuidado, usando um dos vestidos novos de luto negro que ela tinha feito desde o nascimento do bebê. O decote era mais baixo do que aqueles que tinha usado ultimamente, e o corpete foi atado e fechado com uma série de pequenos botões. As mangas eram curtas, e ela tinha um belo xale que caiu graciosamente de seus braços. Sentia-se em um clima excepcionalmente imprudente naquela tarde, e quando chegou a casa Greenhow, estava feliz que tinha vindo. A casa se encheu de riso de homens e mulheres, e mesmo que os soldados estavam soando como fanfarrões, estavam todos em um alto estado de excitação, todos no país pareciam estar à espera, para o que, ninguém tinha certeza.

— Alaina! Quão delicioso que você veio —, Rose disse a ela, cumprimentando-a com beijos em ambas as faces, em seguida, acrescentou em um suave sussurro, — Você faz o seu marido muito orgulhoso, você sabe. Desde senador até soldado, os homens encontram-na muito charmosa, e minhas amigas estão tomadas por você também! Seja um amor, eu preciso de você para me ajudar a entreter. Há um grupo de jovens soldados na varanda que acabaram de ser estacionados aqui, e eles estão bastante solitários, na necessidade de aconselhamento doce, feminino. Deixe-me apresentá-los.

Rose levou Alaina pela porta dos fundos, onde quatro jovens bonitos soldados descansavam contra a grade. Na presença das senhoras todos eles rapidamente endireitaram-se.

— Meninos! — Rose falou lentamente com seu sotaque delicioso, — fiquem à vontade aqui. Trouxe-lhe a esposa do major Ian McKenzie para atender, apenas no caso de vocês encontrarem-se andando com seu marido em algum lugar no futuro! Alaina, os meninos são todos os recém-licenciados

de West Point, aqui você vê Charlie Litwin, Harold Penny, William Mony, e Nate Dillon. Senhores, Sra McKenzie.

Alaina sorriu, reconhecendo todos eles. Os homens a saudaram entusiasticamente, luvas em suas mãos. Charlie penteou seu cabelo para trás nervosamente.

— Ponche, senhora? Eu vou trazer-lhe algum ponche —, William ofereceu.

— Ora, muito obrigada —, disse Alaina, sorrindo. Teria sido impossível não apreciar a sua atenção.

William trouxe o ponche. Harold a conduziu ao maior balanço almofadado da varanda.

— Bem, senhores —, disse ela, levantando o copo de ponche. — Ao futuro.

— Ao futuro! —, Disse Charlie.

— Seja o que for, — Harold acrescentou um pouco de tristeza.

— Você parece triste, senhor —, disse Alaina.

— Eu estou. Eu sou de Maryland, senhora, e eu não tenho certeza ainda se sou do Norte ou do Sul.

— Mesmo?

William explicou.

— Harold e eu somos ambos de Maryland. Charlie e Nate de Virgínia.

— Ah…

— Maryland não vai se separar. Isso não vai acontecer. Geograficamente, o Norte não pode deixar que isso aconteça —, disse Charlie.

— Mas se Maryland escolher… — Alaina começou.

— Senhora, nem sempre é o que escolhemos! — Nate disse, e desenhou um mapa no ar, explicando o que levou a mover grandes grupos de homens, e como exército trabalhou com cavalaria, infantaria, artilharia, reconhecimento, e espiões. A conversa intrigou Alaina, assim como o fato de que eles pareciam tão dispostos a dizer-lhe tanto. Uma certa quantidade de

flertar era natural e em ordem, e depois de seu último encontro com o marido, parecia realmente muito bom.

— Agora, Virgínia, senhora — Nat estava dizendo, os olhos cor de trigo brilhante e sua maneira encantadora, — não é uma senhora impetuosa. Não, Senhora. Ela não vai ficar acalorada sob o colarinho e engolir a raiva, com medo de que alguma grande luta aconteça e ela ser chamada a pegar em armas contra seus amigos. Não, Senhora, ela vai se recusar como uma mula!

— E se Virgínia se separar, tenente Dillon? — Alaina perguntou. Ela estava muito confortável; o ponche de Rose tinha sido seguramente 'batizado' com um pouco de uísque. O balanço se mudou para o outro, a brisa era agradável. O sol estava começando a definir enquanto eles falaram, a lua a subir. Nate e os outros se inclinaram contra a grade em um semicírculo ao redor dela; era quase como se ela estava presidindo um tribunal.

— Senhora, eu não sei. Eu amo a Virgínia, poderosamente. Mas eu conheço alguns homens bons que apenas não podem ver claramente o que está acontecendo. Agora, eu só estou rezando para que a Virgínia permaneça na União. Mas todo mundo está se preparando para o derramamento de sangue. Se a velha Virgínia se separar, eles perdem alguns dos melhores homens em todos os militares.

— Sim, claro —, disse ela, sorrindo para o tenente Dillon. Então seu sorriso desapareceu.

Havia alguém em pé na porta para a varanda, de pé muito ainda dentro do quadro e sombreado pela chegada da noite. No entanto, ela conhecia essa postura e constituição.

Ian estava lá.

Seu coração começou a tremer. Ela sentiu a fraqueza mais estranha pairar sobre ela.

Ela piscou rapidamente, pensando que o crepúsculo estava brincando com ela. Mas era Ian, e ela se perguntou quanto tempo ele tinha estado ali olhando para ela. Ouvindo sua conversa.

— Ian! —, Ela engasgou.

— Olá, meu amor —, ele murmurou, movendo-se para a luz enevoada do início da noite.

Tenente Dillon saltou em atenção, os outros jovens a seguir o seu exemplo.

— Sir, Major, senhor! —, Disse.

— Sir, tenente, senhores, todos vocês, à vontade, — Ian brincou levemente em troca, seu sorriso torto enquanto ele caminhava para ficar atrás da cadeira de Alaina. Ela tentou levantar-se; suas mãos sobre os ombros mantiveram-na, e ele se inclinou para beijá-la rapidamente na bochecha. Ela sentiu-se endurecer contra seu toque, apesar do fato de que seu coração continuou a bater descontroladamente.

Foi apenas a presença de outras pessoas que a fez manter a calma, seu nível de voz, quando ela falou com ele.

— O que um… surpresa —, ela murmurou. — Quando você voltou para Washington?

— Muito recentemente.

— E você veio direto para cá! —, exclamou ela, seu tom tão leve que a vantagem para ele era quase imperceptível. — O oficial perfeito e cavalheiro, procurando a companhia e esclarecimento de seus companheiros, mesmo antes de ver para o bem-estar de sua mulher e filho.

— Mas eu encontrei minha esposa aqui, quão afortunado, — Ian respondeu suavemente. — É tão bom ver que você não definhou durante a minha ausência. É um alívio vê-la entretida pelos homens lutadores da União, e parece que você admira o uniforme União quando usado por esses jovens. Ah, mas, novamente, meus senhores! Vocês devem aprender a tomar maior cuidado na companhia de sulistas! Minha esposa é da Flórida, ela poderia estar buscando segredos militares a partir de todos vocês.

Tenente Dillon, que parecia muito nervoso e desconfortável, riu, aparentemente encontrando-se à vontade na última vez que o Major McKenzie brincou com ele assim.

— Mas, senhor! Ela é sua esposa.

— De fato, — Ian murmurou. — Bem, meus senhores, agradeço-lhes por entreterem minha esposa, e dou-lhes boa noite. Alaina, meu amor, eu devo admitir, eu estou cansado e pronto para a minha casa.

Alaina desejava dizer que ele estava bem fazendo tudo por conta própria há algum tempo, ele era bem-vindo para continuar a fazê-lo. Mas a pressão aplicada em seu ombro era tal que ela podia deixar escapar um grito ou levantar-se, e ela escolheu levantar-se.

Ian estava em um humor duro, de fato, pois ele foi quase muito brusco com Rose Greenhow quando disse boa noite, e ele não disse uma única

coisa quando colocou Alaina em sua carruagem. Ele não se juntou a ela, mas andou atrás do transporte para a casa. Alaina não esperou ninguém para ajudá-la; ela abriu a porta, pisou no degrau, e saiu da carruagem rapidamente, correndo para dentro da casa. No foyer, Alaina encontrou Lilly em espera.

— Major McKenzie está em casa, diretamente atrás de mim, Lilly, se você pode vê-lo.

Ela correu até as escadas para o quarto dela, em seguida, fechando a porta, inclinou-se contra ela, ofegante. Depois de um momento, ela foi até o berço onde Sean dormia, e viu que ele não estava em sua pequena cama.

— Oh, meu Deus! —, ela gritou em puro pânico. Ela se virou, correndo de volta para a porta, mas esta abriu exatamente quando ela a alcançou, e ela parou diretamente em Ian. Ela levou as mãos para cima contra o peito dele, atingindo-o violentamente com os punhos.

— Onde ele está? Onde está o bebê? Você…

Ele pegou seus pulsos, parando-a.

— Seguro —, disse ele categoricamente.

Ela soltou-se dele, afastando-se, com muito medo de seu toque.

— Mas você tomou-o.

Um olhar profundo, perigoso nos olhos dele deixou-a fria.

Apesar de sua firme determinação, ela se viu tremendo.

— Eu não tinha ideia de onde estava. Você optou por sair sem dizer uma palavra para mim. É verdade, eu queria sair, antes de se tornar impossível fazê-lo. Esperei aqui há muito tempo.

— Outras mulheres esperam.

— Maridos de outras mulheres têm o bom senso de ser leal ao seu estado de origem! Eu estava indo para ir para a casa dos seus pais.

— Você estava? —, Ele perguntou com ceticismo.

Ela umedeceu os lábios, dolorosamente consciente de seu medo crescente. Ele tinha ido há muito tempo. Ele estava mais magro. Mais forte. Malvado, pensou. Muito mais cruel do que nunca. Sólido como aço, inflexível como rocha. Mais quente do que fogo.

— Que diferença faz? Eu não quero nada a ver com você, Ian. Eu disse que, se você deve persistir em ser um traidor, eu não quero você me tocando. Agora, eu não sei que jogo você está jogando, mas eu quero o meu filho.

Ela ergueu o queixo e começou a caminhar por ele. Ele a agarrou pelo braço, balançando suas costas antes dele.

— Oh, não, Alaina, eu não penso assim. Você não está andando para fora desta sala agora.

— O inferno que eu não estou! —, ela disse, furiosa, tremendo. Ela começou a passar por ele novamente, desta vez tentando circular em torno dele por sua liberdade. Foi um esforço fútil. Um grande passo levou-o para ela.

— Ian, eu…

Ela rompeu com um grito, pois ela encontrou-se erguida e jogada para baixo em sua cama. Antes que ela pudesse respirar, ele se lançou sobre ela como um gato selvagem e montou duro e furioso em cima dela.

— Você não vai a lugar nenhum. Hoje não.

— Eu desprezo você com esse uniforme! —, ela gritou.

— Ah, mas que pouco hipócrita você é, meu amor! Chego em casa depois de intermináveis semanas de dever para encontrá-la rindo, a pequena beleza mais adorável de toda D.C. flertando com um círculo de jovens homens em uniformes da armada dos Estados Unidos. Poderia seu flerte descrever a situação? Hmm… sim, eu acho que sim. Mas por que, quando você assim despreza aqueles uniformes?

— Sra. Greenhow me pediu para ajudar a entreter sua companhia —, disse Alaina, moendo os dentes. Seus olhos brilharam fogo cobalto. Suas coxas estavam apertadas sobre seus quadris, forte, quente. Suas mãos prenderam-lhe os pulsos para ambos os lados de sua cabeça, e ela queria muito desesperadamente odiá-lo.

Mas ela não o fez. Ela só…

Queria-o.

— Ian, me deixe em paz! —, ela implorou.

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Eu nunca fui nada além de honesto com você. Eu nunca fiz promessas que não podia cumprir. E você pode guinchar e gritar que eu sou um traidor até o fim dos tempos, mas eu sou seu marido, e eu serei amaldiçoado se eu vou gastar o meu tempo assistindo você disparar seu sorriso, rir e flertar com outros homens enquanto procura negar-me!

— Você é teimoso e arrogante, e você não tem nenhum direito quando você simplesmente deixou… — ela começou, mas desta vez as palavras dela foram quebrados pela força de seus lábios sobre os dela. Ela esqueceu o que ela estava dizendo. Sua boca estava consumindo, cobrindo, devorando a dela. A paixão de seu beijo momentaneamente atordoou ela e tudo o que podia fazer era saborear a maravilha de sua boca, sentir o saque brutal, mas sensual de sua língua, exigente, sedento, tomando, despertando, provocando. A sensação e o cheiro dele eram tão insuportavelmente doces que mal podia acreditar que ele estava com ela novamente, o peso de seu corpo tão duro contra ela própria. Suas mãos acariciaram seu rosto, segurando o rosto dela ao seu beijo. Seus dedos escovaram sua garganta… os dedos…

Arrancados um a um os botões minúsculos de seu corpete até que seus seios estavam livres, e as mãos e os lábios estavam sobre eles, colocando, amassando, massageando, provocando, degustando, provocando…

Seus dedos enfiaram através de seu cabelo. Seus seios estavam inchados; ela tinha estado longe do bebê várias horas. E disse a si mesma que o toque de Ian devia doer, mas não, ela queria mais.

— Não… — ela sussurrou.

Ele não prestou atenção.

Mas então, só então, de algum lugar abaixo na casa, ela ouviu Sean começar a chorar. Ela empurrou, tentando subir.

— Ian, o bebê!

— Temos uma boa equipe que vai ver o bebê! —, exclamou, exasperado.

— Mas Ian…

Para sua surpresa, ele se levantou de repente, tirando suas botas, a jaqueta do uniforme, e camisa. Ela olhou para ele por um minuto, em seguida, tentou apertar o corpete junto, rolando rapidamente para o lado da cama.

Ela nunca fez isso. Ele estava de volta, tirou seus calções, e ela estava presa debaixo dele.

— Você realmente quer que eu vá para outro lugar? —, Ele perguntou em voz baixa.

Ela respirou fundo, olhando para ele.

— Oh! Você realmente é um bastardo! —, ela assobiou.

— Você?

— Possivelmente…

Ele segurou seu rosto, acariciando-o com a palma da mão, olhando em seus olhos.

— Você pode realmente dizer, meu amor —, ele exigiu muito suavemente, — que você não me quer? Se você pode dizer isso…

Ela engasgou, girou repentinamente como ele impacientemente manobrou o vestido dela.

— Você vai para rasgá-lo! —, ela gritou.

— Bom. Eu deveria rasgar todas as suas roupas. Você seria forçada a ficar dentro de casa.

— Ian, eu acabei de fazer este.

— É muito revelador.

— É um vestido de luto!

— De fato.

O vestido não rasgou; ainda assim, ela lutou contra ele quando ela se viu despojada de suas roupas de chemise, calças longas, saias, sapatos e meias. Ela empurrou contra ele, apenas para hesitar na elegante sensação quente de sua carne. Era impossível não sentir sua nudez contra ela própria, seu peito pressionado sobre seus seios, a prova de sua excitação, ainda capturada na tensão de suas calças…

— Meu amor… — ele sussurrou, os dedos alisando o cabelo em um leve travesseiro, sua respiração abanando seu rosto. Suas mãos se moveram ao longo do comprimento de sua nudez, exigente, sutil, mal escovando sua carne, em seguida, pressionando insistentemente contra ela… seus lábios contra ela. Quente. Beijos, lancinantes, caindo sobre seu pescoço, peito, barriga, coxas, e depois entre…

Chumbo quente parecia disparar através dela, insuportavelmente doce, tão sensualmente íntimo depois de tanto tempo que ela gritou, os dedos segurando em seu cabelo. Ela sentiu-se estremecer com uma enxurrada imediata, a sensação lhe queimando a superfície. Ela tentou se enrolar nas cobertas, embaraçada pela violência rápida de sua resposta no meio de suas negativas. Mas ele estava com ela, seus braços ao redor dela, forçando-a a encará-lo, e seus lábios cobriram os dela de novo, o gosto de sua intimidade entre eles, e o curso de sua mão sobre ela, em seguida, foi terna e leve, surpreendentemente despertando a agitação de fome dentro dela novamente.

Seus lábios se separaram dela. Pressionados contra seu rosto. Esfregando seu ouvido.

— Devo sair agora? — Ele sussurrou.

Ela se esticou, desejando acertá-lo, mas ele estava de repente sobre ela, desafiando-a com os olhos, e abrindo suas pernas com a mudança repentina dura de seu corpo. Ela fechou os olhos, balançando novamente, quando ele veio muito lentamente dentro dela, aparentemente ciente, apesar de qualquer emoção que havia entre eles, que ela precisava de gentileza nesta primeira vez após o nascimento do bebê…

E ainda…

Oh Deus…

Foi fácil. Fácil querê-lo. Fácil sentir o aumento da saudade. Necessitando…

Fácil de sentir o fogo, e tornar-se capturada dentro das chamas douradas da sua fúria. Tudo nele parecia como combustível para o fogo, a fricção de sua pele nua contra a sua própria, a dureza e calor de seus músculos, a sensação dele, dentro dela, uma parte dela, tocando, acariciando, no interior, impulso ascendente, cobalto de seus olhos encarando seus próprios olhos, cada impulso levando-a para cima, para uma fome com loucura, querendo, buscando, atingindo esse incrível fim…

Deitou-se em seguida, ofegante, sentindo a doçura passar através dela outra vez, tremendo em seu prazer indescritível. Ela sentiu os últimos tremores passando através de seu corpo também. Ela foi delirantemente feliz; ela queria chorar. E ela se perguntou se seu casamento, não importa o quão ridiculamente começou, poderia ter sido maravilhoso se não…

Se não fosse o mundo ao seu redor.

Ele se deitou ao lado dela, acariciando suas costas, evocando um último estremecimento convulsivo dela enquanto ela se enrolou em seu ombro, contente em apenas tê-lo ao seu lado. Ela não queria, mas ela adorava a sensação de sua carne, a visão de seus braços musculosos, a estrutura de suas mãos. Ela amava seu rosto, as feições, olhos ardentes; sua boca, tão generosa, sensual, rápida para enrolar no riso… em raiva.

Seus dedos se moviam em seu cabelo; seus lábios pressionados contra sua testa.

— Se é assim que você me odeia, meu amor —, ele sussurrou, — você deve continuar a fazê-lo.

Ela levantou o punho para bater em seu ombro; ele riu, mas tinha um som oco, e ele pegou sua mão antes que ela pudesse atacar, alongando seus dedos apertados, acariciando o centro da palma da mão.

Deitada ao lado dele, envolta por seu calor, ela sentiu um arrepio rasgá-la novamente.

—Você está errado, Ian! —, ela disse miseravelmente. — Eu não odeio você. — Ela hesitou por alguns instantes. — Eu te amo.

Ele ainda estava morto de cansado. Mas, então ele se levantou em um cotovelo para olhá-la. Antes que ele pudesse falar, ela acrescentou rapidamente:

— Mas eu odeio a maneira como você me trata; eu odeio o que você está fazendo. Eu quero ir para casa.

Ele ficou em silêncio por um momento. Então ele se inclinou para ela e beijou os lábios muito lentamente e sensualmente.

— Não odeie nada esta noite, meu amor. Não odeie de jeito nenhum. — Ele a puxou para seus braços, tirando as mãos contra a amplitude de seu peito e embalando-a firmemente a ele. — Sinta-me, Alaina. Permaneça comigo. Hoje à noite, nós estamos em casa.

Lágrimas rápidas ardiam em seus olhos. Ela enterrou a cabeça em seu ombro, tremendo. Ele começou a fazer amor com ela novamente, e a sensação arrastando-se por ela, roubando-a de todo o pensamento exceto para a certeza de que ela o amava.

E em seus braços, ela estava feliz. Ela desejava estar em paz. Ela quase podia…

Sentir o sol.

******

Foi bom que os dias seguintes correram bem, e que tiveram tempo juntos.

Tempo no qual eles não falaram.

Porque as tropas de Beauregard tinham sido condenadas a disparar contra os homens da União que se recusaram a se render em Fort Sumter. Major Anderson tinha galantemente segurado, mas no final ele tinha chegado a um teste de armas.

Era guerra.

— O que você vai fazer agora? — Alaina exigiu, finalmente, colocando a pergunta não formulada diretamente entre eles. — O que você vai fazer? É a guerra, real, guerra sangrenta, e seu exército está a disparar contra o seu povo. — Ela virou-lhe as costas enquanto estavam na sala, o jornal deitado no chão entre eles.

Ele ficou em silêncio por um longo momento, então ele suspirou.

— Vou fazer o que eu tenho feito. Eu permanecerei firme com a União.

Ela se virou.

— Então eu vou te odiar! —, Prometeu a ele.

Ele olhou para ela um longo tempo, os olhos de cobalto insondável.

— Eu fiz a minha escolha; eu suponho que você deve fazer a sua. Portanto, meu amor, me odeie —, ele sugeriu, e girou sobre os calcanhares, deixando-a lá.

Ela se perguntou friamente se ele tinha ido para Risa, que estava tão firmemente para a preservação da União, como qualquer soldado que nunca poderia lutar em um campo.

Alaina afundou em uma cadeira, tremendo, rezando, perguntando como ela poderia suportar, seja ficando ou saindo. Ela estava tentando não chorar, mas finalmente um soluço escapou.

CAPÍTULO VINTE E UM

Em 19 de abril, o presidente Lincoln proclamou um bloqueio contra todos os portos do sul do Texas para Carolina do Sul. À medida que o mês avançava, assim como a onda de secessão e o aperto nos estados fronteiriços como Kentucky e Maryland. A Confederação solidificou-se e aqueles que pediram a paz já não sentiam que poderia haver algum compromisso.

No meio da separação, a tragédia pessoal atingiu pessoas próximas e queridas tanto para Ian quanto Alaina, uma das filhas amadas de Rose adoeceu e morreu. Rose estava devastada; Ian e Alaina fizeram o seu melhor para sustentá-la e confortá-la e ambos perceberam o quão caro seu próprio filho era para eles.

Nisso, eles encontraram um conforto especial e silencioso um no outro também. Para aliviar a tristeza de Rose, todos os seus amigos mantinham Rose envolvida em animadas discussões políticas, e com Rose, era certamente verdade: Argumento e atividade ajudaram a amenizar sua angústia e tristeza.

Como os preparativos de guerra de ambos os lados continuaram, Ian descobriu para sua surpresa que ele tinha sido convocado não para o Departamento de Capital ou Guerra, mas para a Casa Branca para uma reunião com o próprio chefe do executivo.

Ian se encontrou com Lincoln em um pequeno escritório particular. Embora ele tivesse apertado brevemente a mão do homem alguns anos antes depois de testemunhar um de seus debates, ele se viu recentemente impressionado não apenas pela altura do presidente, Ian tinha dois centímetros a mais que ele e Lincoln parecia se erguer sobre ele, mas pelo personagem escrito nas características do homem. Lincoln tinha um ar de melancolia e Ian ouvira dizer que muitas vezes sofria de problemas de saúde. Ele era um homem muito magro, certamente não mais do que uns oitenta quilos para os seus um metro e noventa de altura. Suas pálpebras eram ligeiramente caídas, juntando ao seu olhar de cão triste. Ele tinha um jeito lento de falar, uma lentidão que acalmava e encantava. No entanto, o que mais impressionou Ian foi a fé absoluta que Lincoln tinha em suas próprias convicções, a seriedade e tristeza mortal com que ele olhava para a guerra.

Lincoln cumprimentou Ian com um aperto de mão, indicou uma cadeira, e serviu o chá ele mesmo. Então ele se sentou em uma cadeira de balanço estofada de frente para Ian, estudando suas feições.

— Então, você permaneceu com a gente, Major McKenzie. Você pretende fazê-lo no futuro?

— Sim, senhor.

— Como está o seu estado?

— Estou profundamente angustiado com o curso dos acontecimentos.

— Você está bem ciente de tudo o que acontece lá?

Ian assentiu.

— A União detém profundamente o Forte Jefferson, Dry Tortugas[10], e Forte Taylor, Key West, e Forte Pickens. Que os confederados rapidamente e facilmente conseguiram tomar o estaleiro naval de Pensacola é uma pena, porque lá tem um excelente ancoradouro, armamentos, ferramentas e uma estrada de ferro diretamente para o Alabama. Mas o estado continua a sofrer, discutindo sobre a autoridade do Estado contra a Confederação sobre as tropas. A legislatura da Flórida estava feliz em desmembrar a milícia, economizar dinheiro dos contribuintes, mas eles tiveram que reintegrá-la porque estavam desesperados por defesa.

— Desencorajando, eu acho, a Flórida.

— Sim, mas não subestime a sua lealdade para com a Confederação, — Ian advertiu.

— Eu tento não subestimar qualquer poder, — Lincoln murmurou. — E ainda assim, há tantas lealdades divididas. Jeff Davis e eu éramos ambos nascidos no estado de Kentucky, e agora estamos diante um do outro por uma grande divisão, — Lincoln disse com ironia tranquila. — Você sabia que eu havia oferecido informalmente o comando de todas as forças da União no campo a um antigo professor seu, o coronel Robert E. Lee?

— Sim —, disse Ian.

Lincoln sorriu triste, um sorriso irônico e lento.

— Lamento muito que ele tenha recusado. Eu acredito que eu tenha perdido um dos melhores soldados em qualquer área militar. Ele era mais

10 Um grupo de ilhas no sudoeste da Flórida, a oeste de Key West, que é conhecido por sua vida selvagem. Também chamado de Tortugas ou Tortugas Keys.

ardentemente contra a separação, e ele serviu a União de forma brilhante e leal por um longo tempo. Esta é uma decisão amarga para ele, pois sua casa, Arlington, fica em uma colina do outro lado do rio. Ele escolheu renunciar e certamente aceitará uma posição na Confederação… — Lincoln deu de ombros, levantando suas mãos grandes em um gesto de impotência. — Você, senhor, está bem familiarizado com a estratégia da guerra; não poderíamos permitir que um poder hostil mantivesse propriedades das quais os canhões poderiam aniquilar Washington. No entanto, meu coração estava pesado por ele quando saiu daqui. O pobre homem foi para casa naquela noite para uma esposa que é a neta de Martha Washington. E seu pai, enteado do pai fundador do nosso país construiu sua casa. A casa onde ele criou sua família viu seus filhos crescerem, onde Mary Custis Lee cuidou de muitos artefatos históricos que foram deixados pelo presidente Washington. Que decisão terrível Lee teve que tomar. Mas isso vai acontecer com todos nós. É do meu conhecimento que você vem de uma casa excepcional na Flórida.

— Sim senhor.

— Sua esposa tem uma casa na Flórida também?

— Ela tem senhor.

Lincoln balançou a cabeça, com uma compreensão muito mais profunda do que ele jamais poderia explicar.

— Minha própria Mary vem de Kentucky; se houver guerra, é mais provável que muitos de seus parentes vão lutar contra a União.

— Eu tenho medo, senhor, que esta será uma situação insuportavelmente dolorosa para muitos homens e mulheres.

— Eu rezo com todo o meu coração pela orientação de Deus, — Lincoln disse com tal tremor em sua voz que Ian desejou poder alcançar o homem e de alguma maneira aliviar o fardo que ele viu para o futuro. Tantas pessoas, de ambos os lados, levaram a perspectiva da guerra de ânimo leve. Não era assim para este homem gigante, estranho e pensativo.

— Bem! — Lincoln disse de repente. — É o meu entendimento, Major McKenzie, que você é um especialista no terreno do seu estado.

Ian arqueou uma sobrancelha.

— Bem, eu estou familiarizado com a península, mas assim são muitos homens.

— O sul do estado?

Ian franziu a testa, e Lincoln sorriu de repente.

— Certamente, Major, você está ciente de que eu anunciei um bloqueio. Não que isso ainda exista, parece que nós, americanos, temos talento para entrar em guerras antes de planejá-las, mas eu sinto fortemente que a única maneira de trazer esses estados rebeldes de volta para o rebanho é amarrar um laço ao redor deles, aperta-los com tanta força que eles terão que desistir. Então, pretendo designar você para um dos meus homens aqui em Washington, e você será responsável por ele, e ninguém mais.

— Eu tenho medo que eu ainda não entendi…

— Eu quero te colocar em terra em território inimigo, Major. Você vai ter um pequeno grupo de homens; você vai escolhê-los e treiná-los sozinho. E quando os corredores romperem o bloqueio e os espiões inimigos aterrissarem na península, Major, você vai impedi-los. — Ele se levantou de repente, foi até a mesa da sala, e espalhou um mapa enrolado que estava em cima dela. Levantando-se, Ian rapidamente viu que o mapa incluía a Flórida, e em partes os estados próximos da Geórgia, Alabama e Louisiana, bem como a Bahamas e Cuba. — Major, se você puder vir comigo…

Ian balançou a cabeça, indo ficar ao lado de Lincoln enquanto falava.

— Major, o sistema de transporte interno da Flórida pode ser chamado no mínimo primitivo. Eu aprendi que um caminho planejado pelos corredores de bloqueio está aqui, Mosquito Inlet. Os suprimentos serão então transportados por vagões até o rio St. Johns, em seguida, levados por um pequeno vapor até Oklahoma no Forte Brooks. Do Forte Brooks, eles serão levados novamente de carroça para Waldo, de Waldo para Baldwin de trem, e novamente de vagão do sistema ferroviário da Flórida em Madison até Quitman, no sistema ferroviário da Geórgia. Eu digo Major, essa é uma jornada complicada. Transportando materiais pesados… Estima-se que leve um mês. Através de um país mal guardado. Um pequeno grupo de homens especialmente treinados poderia atacar rapidamente e sem aviso e fazer um severo dano, seja confiscar material ou destruindo. Aqui, outra rota que eu destaquei. Um caminho ainda mais lento! A baia de Biscayne, um ótimo lugar para ancorar, já que o marinheiro diz que há lugares onde a água doce pode ser alcançada através do mar. E aqui, vindo pelo rio Miami, você tem milhas e milhas de nada, exceto por antigas trilhas indígenas. Mercadorias obtidas a partir de Cuba ou Bahamas podem ser prontamente trazidas aqui e depois para o norte. — Lincoln olhou para Ian novamente. — É aí que você entra. O seu estado natal é pouco mais que um litoral enorme. Com seu conhecimento de pântanos e charcos, vamos fazer uso de seus talentos especiais.

— Você está me pedindo para espionar? — Ian perguntou.

Lincoln balançou a cabeça.

— Pelo contrário. Você vai usar um uniforme em todos os momentos possíveis, Major. Quero dizer que está preparado para o que virá. Pode haver pouca ação por meses… E tudo pode ser mais rápido. Deus sabe. Acho que não. Temos um longo caminho a percorrer para criar um sistema militar sólido, mas nossas dificuldades não são tão grandes quanto às enfrentadas por nossos irmãos rebelados. — Ele disse a última parte com um sorriso irônico. Ele não ia dizer a palavra inimigo.

Ian ficou em silêncio por um momento. Não era o que ele esperava. Ele não estava apenas indo para lutar contra o seu estado; ele ia lutar de dentro dele.

— Posso confiar em você com esta missão, Major, ou há uma possibilidade de que você possa escolher lutar pelo Sul? Eu garanto a você, há muitos que ainda deixarão o serviço da União com o passar dos dias. Certamente não há desonra declarando tal desejo agora.

Ian hesitou por um longo momento. Havia chegado a hora; ele sabia que estava chegando. Ele sempre soube que iria chegar a este ponto, e ele sabia o caminho que ele iria tomar. Quando ele recentemente tinha sido enviado para Forte Taylor, que tinha visto Jen, Jerome, e sua tia e tio. Ele também recebeu uma mensagem de casa, e passou um tempo de volta em Cimarrom com sua mãe, pai, Tia e Julian. Seu pai nunca perdoaria a guerra, mas ele pretendia aguardar, e não desertar de Cimarrom. Tia decidiu não voltar para a escola, mas ficar perto de casa. Julian tinha se ligado a um grupo militante de St. Augustine e foi contratado para o serviço médico militar como tenente. Embora eles fossem por caminhos separados, eles fariam sem amargura. Todos teriam que rezar para que Cimarrom fosse sobreviver.

Ian e Julian se abraçaram muito antes de partir, o pensamento que agora perturbou Ian profundamente. Ele era da cavalaria; ele tinha assumido que seria designado para lutar com o ramo principal do exército. Ele tinha esperado, e assumido que seria dado a ele, um comando longe de casa.

— Este é, naturalmente, um pedido informal, — Presidente Lincoln continuou. — Suas ordens chegarão até você do General Brighton, que também cuidará para que você, seus homens e quaisquer suprimentos que você precise sejam transportados conforme necessário. Senhor, aceita sua tarefa?

Ian balançou a cabeça lentamente.

— Você é senhor, o comandante-chefe…

Com o coração pesado, ele se levantou, apertou a mão do presidente, e saiu.

Ele ouviu um estrondo no céu quando ele saiu no gramado. Ele olhou para cima. Não havia nuvens de tempestade visíveis. E ainda assim o barulho continuava.

Ele não queria o maldito trabalho que acabara de receber. Não queria nada disso. No entanto, mesmo quando ele começou a ir para casa, ele estava fazendo planos sobre exatamente como executá-lo.

Graças a Deus por Alaina. Pela relação incrível que eles estavam compartilhando. Ele pensara que o verdadeiro surto de guerra os teria afastado completamente. No entanto, não é assim. Desde o bombardeio de Forte Sumter e especialmente desde que Rose tinha perdido sua filha, Alaina estava mais tranquila, mas amorosa e solidária. Na noite em que chegara a casa, ela dissera que o amava, e nada poderia tê-lo surpreendido mais, nem tão rápido e completamente capturado o que restava de seu coração. Ele admitiu que estivesse se apaixonando por ela desde que a viu toda crescida, duelando em seu gramado, desde a noite de seu casamento, quando ele a tomou em seus braços. Se apenas…

Não parecia importar agora.

Após sua conversa com Lincoln, ele voltou para casa para descobrir que ela estava se divertindo com Rose Greenhow e várias outras mulheres em sua sala de estar.

— Desculpem-me, senhoras, por favor, não me deixem interferir —, disse ele, mas Alaina tinha levantado, e em sua sugestão, as outras mulheres também se levantaram. Ian deixou-as, indo para cima. Desde que ele voltou para casa, ele tinha dormido com ela em seu quarto todas as noites. Mas agora ele foi para seu próprio quarto. Ele viu com prazer que alguma boa alma tinha conseguido preparar um banho quente em antecipação ao seu retorno para casa, e ele com prazer se despiu e afundou nele.

Ele mal tinha entrado na água e inclinou a cabeça para trás contra a borda da banheira quando ouviu a abertura da porta. Ele não abriu os olhos; não precisava. Ele podia sentir sua presença. Mas longos minutos se passaram, e ele abriu os olhos, virando-se.

Ela tinha deslizado silenciosamente fora de sua própria roupa e ela caminhou em direção a ele agora, nua como Eva, seus cabelos longos fluindo atrás dela em uma cascata de ouro. Ele olhou, fascinado. Ela veio para a banheira, ajoelhou-se na frente dele, inclinou-se para beijar seus lábios, longamente, persistentes, sedutores. Ele sentiu-se endurecer na água morna

muito antes de ela deslizar a mão para ele, com o sabão e acariciar seu sexo. Ele levantou rapidamente, deslizando um braço ao redor dela, arrastando-a para baixo com ele. Água espirrou sobre a banheira. Desatento, ele devolveu a paixão molhada e boquiaberta de seu beijo, passando suas mãos ensaboadas sobre o comprimento de seu corpo, acariciando seus seios, quadris, coxas e monte. Ela gemeu contra o beijo dele e ele se levantou, levantando-a na banheira, e novamente a água escorreu por cima da borda, para o chão. Ele a levou para a cama e a deitou. Mas ela estava imediatamente de joelhos, encontrando-o, seus lábios nos dele novamente, em seguida, derramando beijos sobre a umidade de seu peito. Suas mãos acariciaram sua espinha, suas nádegas. Suas carícias deslizaram mais e mais até que ela o tomou completamente, levando-o a algo perto do frenesi, desejo tão quente e vívido que a ameaça de guerra desapareceu, e a vida era uma explosão de fogos brancos brilhantes e luminosos. Seu corpo se contraía como uma corda de arco, o prazer nele era tão delicioso que era uma doce agonia. Quando ele não aguentou mais, capturou-a, forçando-a a descer às profundezas da cama, encontrando-se nas profundezas dela e fazendo amor com uma febre violenta e suave. Quando o surto veio, ele chegou ao clímax tão volátil que demorou muito, até que ele pode sentir de novo, respirar, ouvir o mundo de novo, apesar da batida ainda rouca de seu coração.

E ela permaneceu com ele. Os cabelos dela dourados emaranhados sobre ele, um joelho contra a coxa. Ela estava enrolada contra ele, elegante com a umidade de seu amor, seu cheiro insinuando eroticamente a mais recente luta, e ainda carregando uma sugestão doce de rosas.

Ele a puxou ainda mais perto dele, suspirando baixinho.

— Graças a Deus por você —, ele disse a ela.

Ela tremeu de repente, mas alisou uma mecha do cabelo de sua testa.

— Eu pensei que você parecia deprimido —, ela murmurou.

— Ordens.

Ela sentou-se, em seguida, os olhos dourados nos seus com grande preocupação.

— Que ordens, Ian? Fale comigo, me diga o que está acontecendo, deixe-me compartilhar tudo isso com você.

Ele olhou para ela. Deus, ela era bonita, os fios de seu cabelo reluzente caindo sobre a plenitude de seus seios, seu corpo elegantemente lindo, seus olhos cheios de preocupação. Ele estendeu a mão e tocou o seu rosto, e uma

pequena torção de culpa tomou conta dele, depois foi sumindo. Ele poderia ter se casado com Risa, e ele a teria amado, e eles poderiam ter compartilhado esses momentos. Mas ele tinha casado com Alaina e mesmo que as circunstâncias que pareciam tão cruciais fossem empalidecer agora antes do ataque da guerra, ele não podia deixar de se alegrar de Alaina agora, de sua beleza delicada, da paixão com a qual ela podia fazer amor e aliviar seu espírito. No entanto, mesmo quando ele abriu a boca para falar com ela, alguma estranha intuição o manteve em silêncio.

E ele contou a ela um pouco sobre as muitas tropas de diferentes estados que entraram em Washington. Ele deu a ela detalhes cuidadosos, coisas que a população em geral poderia facilmente saber, e se perguntou como, quando ela de repente surgiu tão magnificamente como uma esposa no meio de tudo o mais, ele estava tão condenado…

Inquieto.

******

— Naturalmente, querida, a informação mais importante que precisamos agora tem a ver com os movimentos imediato das tropas —, disse Rose Greenhow para Alaina, brincando com Sean enquanto falava.

A mulher era absolutamente incrível, pensou Alaina. Desde que Rose tinha sugerido pela primeira vez que poderia haver algo de bom que ela poderia fazer para a Confederação em Washington, as coisas se moveram rapidamente ao longo.

Rose se tornou o centro de uma rede de espionagem.

Rose havia sido abordada pela primeira vez por um capitão Thomas Jordan, que servia como intendente chefe assistente do pessoal do Departamento de Guerra. Embora o capitão Jordan tivesse servido à União, ele secretamente planejara um sistema de inteligência muito antes do bombardeio de Fort Sumter e da Sra. Greenhow, que era reconhecidamente uma anti-abolicionista e pró-sul, mas uma verdadeira matriarca da sociedade e amiga de Washington. E confidente para muitos na alta cúpula parecia à mulher perfeita para se ter em sua rede. O capitão Jordan tinha agora se juntado à Confederação, mas ele havia deixado um criptograma com Rose, e ela comunicaria informações para ele através das linhas inimigas.

Era assustador. Era fantástico.

Foi pelos direitos dos homens. A Confederação tinha o direito dado por Deus à independência, assim como as treze colônias tinham o direito de se rebelar contra a Inglaterra todos esses anos atrás. Os Rebeldes eram os patriotas agora, agindo como seus antepassados.

Banqueiros, socialites, médicos, empregadas domésticas, e até mesmo soldados eram todos parte do anel de segredo de Rose. Muitas pessoas em Washington eram a favor da causa do Sul, apesar do fato de que era a Capital do Norte. Alaina estava feliz por ajudar Rose de qualquer maneira que pudesse especialmente desde que suas atribuições fossem geralmente simples. Rose passou a maior parte do tempo encantando dois homens em particular: Coronel Keyes, que era secretário do General Winfield Scott, General chefe do exército, e o Senador Wilson de Massachusetts. Como convidada de Rose, Alaina atraiu certos homens para a conversa, ganhando deles cada pedaço de informação militar possível. Foi fácil; e Rose estava muito satisfeita com ela.

Alaina se sentia apaixonada por sua tarefa: quanto melhor a informação para os comandantes do Sul, mais rapidamente tudo estaria terminado. Rose tinha ensinado que um bom espião aprendia: descrição e destino das forças, quantidades de artilharia, cavalaria e infantaria, datas de partidas e chegadas previstas.

Às vezes frustrava Alaina perceber que muitos homens deslumbrados estavam ansiosos para contar a ela tudo sobre seu dia, enquanto parecia que Ian não conseguia dizer nada a ela, não importava o calor de sua paixão. Ela se perguntou por que ele ficava quieto, mas às vezes ela ficava feliz por ele ter falado tão pouco para ela, porque uma coisa era espionar o país e outra trair o marido.

Quando a primavera se tornou verão, a situação ficou cada vez mais hostil entre o Norte e o Sul.

No início de julho, Alaina chegou à casa de um chá da tarde para descobrir que Ian estava no quarto com Sean, quase seis meses de idade agora, dormindo pacificamente em seus braços. Ele segurou seu filho com tal proximidade que Alaina sentiu uma dor em seu coração e um medo repentino.

— Ian? — Ela perguntou nervosamente, apressando-se para o seu lado, caindo de joelhos, e colocando as mãos sobre os joelhos.

— Shh —, ele murmurou, sorrindo tristemente quando ele colocou Sean em seu berço. Ele voltou para Alaina, abaixando-se para puxá-la em pé. — Eu saio amanhã —, disse ele.

Ela inalou bruscamente; não havia movimentos de tropas que ela soubesse ainda. O exército estava se reunindo em Washington, mas de acordo com as melhores fontes de Rose, eles não deveriam sair até meados de julho.

— Oh, Ian! —, ela sussurrou.

Ele não disse mais nada a ela, mas enfiou a mão sob seus joelhos para buscá-la. Ela se agarrou a ele. Ele tinha ficado separado antes, mas desta vez… Havia algo muito errado com isso.

Eles deixaram Sean dormir em seu quarto com Ian levando Alaina pelo corredor para o seu próprio quarto. As cortinas estavam fechadas; a tarde estava escura. Ele a colocou no chão, sem uma palavra. Ela tirou a espada e a bainha, sentindo o fogo azul de seus olhos nos dela. Ele derramou seu casaco e camisa e depois a tinha em seus braços, beijando-a, segurando-a, saboreando-a, devastando sua boca com uma fome feroz.

De alguma forma, ambos sabiam que este tempo juntos deveria ser marcado em seus corações e mentes por um longo tempo. Ele removeu suas roupas com paciência… E impaciência. Alguns botões foram abertos. Alguns foram arrancados do tecido. Ele beijou sua carne em todos os lugares, como se imprimindo sobre ela, como se levasse seu gosto e sensação e o cheiro dela para ele por agora, para sempre. Ela fez amor descontroladamente, com tanto abandono, à beira das lágrimas muitas vezes, perguntando-se como era possível sentir tanta dor de cabeça, mesmo quando sentia tal prazer e felicidade doce, dolorosa. Ela queria memorizá-lo todo. A amplitude de seus ombros, a textura de sua pele. O sabor dos seus lábios, o fogo em seus olhos, o comprimento flexível de suas costas, a sensação dele, dentro dela, como parte dela. Ela se agarrou a ele, e beijou e brincou e provou em troca, e, mesmo quando exausta, tão saciada que mal podia se mover, ela o segurou ainda, sua bochecha contra seu peito, e ela não conseguia parar um fluxo repentino de lágrimas que umedeceu ambos.

— Eu vou voltar para casa —, ele sussurrou para ela.

E ela só poderia responder:

— Que casa, Ian?

— Minha casa é com você.

— Isso é a guerra.

— Eu não vou ser baleado —, prometeu.

— Você pode ser atingido por uma baioneta. Ou enforcado —, ela sussurrou.

— Enforcado! Espiões são enforcados, meu amor. Eu não sou um espião.

Um arrepio passou por ela.

— Mas então…

Ele rolou, levando-a ternamente nos braços.

— Eu te amo, Alaina. Eu digo isso com todo o coração, poder e paixão dentro de mim, e como é muito estranho, porque éramos estranhos, tão em desacordo e ainda assim… Eu te amo. Profundamente, com todo o meu coração. E eu nunca poderei dizer o quanto lamento que meu orgulho e honra exigisse que eu não assumisse o papel nesta guerra que você queria para mim. Eu não posso Alaina, mas eu te amo, e eu juro, eu vou voltar para casa. Para você.

— Oh, Ian! — As lágrimas em seus olhos novamente. Ele beijou-a. Beijou com ternura. Fez amor com ela de novo, até que ela estava contra ele, totalmente cansada.

Ela dormiu.

E quando ela acordou, ele tinha ido.

E ela realmente não entendia o medo que a encheu, mas em seu coração, ela sabia. Para eles, a guerra realmente começou naquele dia.

Ian foi trair a Flórida, a Confederação, suas famílias, pensou.

Então, por que ela sentiu uma culpa tão terrível… Tamanha dor…

Tal medo?

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Alaina estava satisfeita quando ela rapidamente aprendeu a se corresponder em código. Ela admirava Rose, porque a mulher não tinha cegamente suas opiniões, mas tinha passado algum tempo no Congresso, ouvindo o debate de senadores e representantes; ela sabia falar várias línguas, e frequentava audiências da Suprema Corte. Seguindo o exemplo de Rose, Alaina estava determinada a aprender o espanhol, uma língua com a qual ela já era familiarizada por causa dos muitos cubanos que viajavam pelas águas no largo da Flórida, e os muitos índios que falavam espanhol. Rose tinha assegurado que as línguas podiam ser armas superiores em qualquer campo de guerra.

No entanto, pouco tempo depois que Ian tinha ido, Rose disse a Alaina que eles tinham que escalar suas operações. Era imperativo que eles obtivessem certas informações ao longo do Potomac. Rose enviou Alaina ao sul através de linhas da União, onde foi encontrar-se com um agente disfarçado, Capitão Lewes, que estaria esperando do lado de fora de Alexandria. A informação era tão crítica que não deviam ser interceptadas ou confiscadas. O General McDowell do exército da União planejava lançar um ataque surpresa a Beauregard com vinte mil homens estacionados em Manassas na junção perto de Bull Run Creek, a apenas um quilômetro e meio a partir de Washington.

Alaina, viajando com uma das empregadas domésticas de Rose, foi facilmente capaz de atingir Alexandria. Ela encontrou o capitão Lewes, um jovem agricultor simples, comprando láudano para dores de cabeça de sua esposa. Alaina rapidamente escorregou sua mensagem para ele, e ele agradeceu.

Ela estava tranquila, mas quando voltou para casa naquela noite, estava tremendo. Ela passou a noite inteira segurando Sean, mesmo quando ele não queria ser segurado. Ela disse a si mesma que os Confederados iriam rapidamente bater os Yankees, afinal, eles conseguiram muitos dos bons combatentes da União! E a independência do Sul seria aceita. O Sul poderia ser tão amigável com o Norte, como os Estados Unidos tinham sido ultimamente com o Canadá!

Mas a batalha de Manassas, ou Bull Run, foi travada apenas quatro dias depois.

Metade da sociedade de Washington partiu para ver o espetáculo.

Alaina não. Ela se sentou em casa, tão nervosa que estava quase doente.

Depois da batalha, ela saiu e ficou na rua, incrivelmente dilacerada como as tropas de McDowell, derrotada pelos confederados, principalmente porque o exército de Reb estava tão bem preparado para o ataque “surpresa”, que voltou para a cidade.

Mutilados, sujos, sangrentos e sangrando. Soldados arrastando outros soldados com suas últimas reservas de força. Alaina, Lilly, Henry, e as empregadas do dia vieram para o muro, distribuindo água para os quebrados homens, exaustos. Alaina olhou em seus rostos, exibiam a face com sujeira, cabelos colados em seus olhos e viu o horror da guerra. Estes soldados da União tornaram-se indivíduos para ela, e ela não podia deixar de estar devastada por tudo o que ela viu.

Ela chorou naquela noite e olhou para o teto na escuridão. Mas quando era quase meia-noite, ouviu pedrinhas batendo na sua janela. Ela olhou para fora e ficou surpresa ao ver o Capitão Lewes, em sua roupa de jovem agricultor, escondendo-se debaixo de uma árvore de carvalho. Ela colocou um robe e correu fora para encontrá-lo.

— Eu só trouxe uma carta de agradecimento —, disse a ela, os olhos castanhos grave e sério. — Sra. Greenhow é a grande responsável pela vitória do Sul hoje, Sra. Greenhow… E outros.

Alaina assentiu, sentindo-se doente.

— Você deve estar orgulhoso —, disse ela. — Eu vi os homens retornando da batalha. Foi terrível.

— Ah —, ele murmurou, e assentiu. — Bem, senhora, você pode ter conforto nisto: É melhor que mais homens da União deverão estar entre os mortos e feridos do que os nossos soldados confederados. É a guerra, Sra. McKenzie, e devemos tomar partido.

Ele tirou o chapéu para ela e desapareceu.

Enquanto ela estava deitada na cama naquela noite, Alaina tentou encontrar paz. Ela não tinha criado a guerra. Ela só podia fazer o seu melhor, como o capitão tinha dito, para salvar vidas no Sul.

Nos dias que se seguiram, ela pensou a princípio, mas depois retornou a Rose com frequência.

Cerca de dez dias após a batalha em Manassas, ela recebeu uma notícia espantosa e dolorosa quando uma mulher da casa de Rose, a esposa de um general da União, entregou uma carta para ela.

Era de Jennifer.

Lawrence Malloy, cheio de febre revolucionária, não tinha assinado com uma unidade na Flórida. Ele tinha ido ao norte, e de Charleston, ele juntou-se com o exército confederado sob Beauregard como um capitão de cavalaria.

Agora ele estava morto.

Morreu em Bull Run. Seu corpo crivado de balas tinha sido trazido de volta por seus homens admirando.

O soldado Doby, que escreveu a Jennifer com as más notícias, disse a ela que os federais se comportaram de uma forma muito desprezível, uma centena deles abatendo seu pobre marido enquanto dava a ordem para que seus homens recuassem! — *Que todos esses miseráveis bastardos federados apodreçam e morram nesta guerra*! —, Escreveu Jennifer. — *Eu digo Alaina, deste dia em diante, farei meu melhor para ver que eles sejam abatidos. Vou arriscar tudo, pois não há vida sem Lawrence*.

Sozinha naquela noite, Alaina triste por causa de Lawrence, bonito, arrojado, sempre gentil. Ele e Jennifer tinham sido seus melhores amigos. Jennifer estava triste, e agora Jennifer estava sozinha. Não sozinha, é claro. Seu irmão estava próximo, seu pai, sua madrasta. Ela tinha o precioso pequeno Anthony. Ela tinha sua tia e tio, e seus primos, Tia, Julian… Ian.

Ian, o soldado da União. O inimigo.

Foi só em Rose, quando Alaina viu Risa, que sentiu uma pontada de culpa, mais uma vez por ajudar o Sul. Risa falou com ela com a maior tristeza; ela tinha ido ao hospital para ajudar a cuidar dos feridos da União.

— Eu ouvi sobre Capitão Malloy. Eu nunca conheci ninguém da família de Ian, mas eu sei que eles estavam perto. Eu sinto muito.

Alaina agradeceu.

— Jennifer está… Devastada.

— E Ian?

Alaina sacudiu a cabeça.

— Eu não sei. Eu não o vi. Eu não sei onde ele está. Você?

— Receio que não.

— Eu não sei nada —, disse Alaina para Risa nervosamente. — Não é possível o seu pai saber?

— Ian foi transferido. Meu pai não é mais seu comandante. Tudo está mudando. Meu pai levou seus homens para Manassas, sem Ian —, ela disse suavemente. — Eu estou grata que meu pai sobreviveu. E eu temo que ele não saiba nada sobre Ian.

Alaina agradeceu, desejando que ela pudesse ouvir algo de Ian.

Qualquer coisa.

******

Ele poderia fazer uma pausa e ouvir, e imaginar o mundo como ele sempre foi. Era verão, quente, o sol batendo implacavelmente, somente a folhagem verde, profundo, dos pântanos para abrigar homens e animais e todos os tipos de criaturas do pântano do calor mortal. Fechando os olhos, ouvindo, ele podia ouvir o voo de uma garça azul da água nas proximidades, o farfalhar das folhas com a leve brisa. Ele ouvia conforme seu tio o havia ensinado, ele poderia até mesmo ouvir o deslizar de uma cobra na grama.

Uma vez, havia sido uma brincadeira para todos eles. Agora já não era mais.

— Bem, Major, o que você acha?

Ian abriu os olhos e se virou. Jake Chicoppee ficou apenas algum passo dele, esperando.

Jake era um mestiço Seminole, um homem feliz vivendo com a família de sua esposa em uma das redes profundas no pântano. Ele e Ian se conheciam desde que eram meninos.

Jake não tinha entrado no exército, para ele a União não era tão diferente da organização que seu povo lutou tão recentemente. Mas ele não poderia apoiar o Sul porque ele não acreditava na escravidão.

Ian desejava que seu tio visse a guerra dessa maneira, mas James não o fazia. Se entrincheirando para pesquisar o terreno em volta dele, Ian sentiu como se os dedos apertassem em torno de seu coração e segurou firme. Ele

ficou sabendo sobre a morte de Lawrence em Manassas, só quando ele estava no fundo do pântano, como ele estava agora, sem comunicação. Normalmente, ele sabia o que estava acontecendo muito rapidamente, porque ele estava usando Key West como sua base principal, e os navios iam e vinham com uma frequência justa, tendo ambas as notícias e suprimentos. Agora, porém, ele estava isolado no pântano por vários dias. Com Jake, ele tinha estabelecido um acampamento improvisado no meio do território inimigo tão abrigado pelo que a maioria das pessoas via como a miséria mortal do pântano que nunca seria encontrado. Era uma rede alta, repleta de pinheiros e rodeada por água em três lados, a uma entrada naturalmente guardada por linhas grossas de árvores. Ele estava perto o suficiente da água; era suficientemente grande para acomodar várias cabanas e um estábulo para cavalos. Ian tinha que ter cavalos aqui, se era para ele estar em movimento eficaz em toda a península.

— Bem? — Jake perguntou novamente.

Ian olhou em volta mais uma vez. As árvores eram tão densas, elas podiam até esconder edifícios e ele apenas queria algumas cabanas. O terreno seria extremamente traiçoeiro para quem não estava familiarizado com ele.

Ele balançou a cabeça, olhando para Jake.

— Está perfeito. Vou trazer meus homens, depois de amanhã, e vamos começar a construir.

— Por que não amanhã?

Ian deu de ombros.

— Eu tenho alguns assuntos pessoais.

******

Naquela noite, na cobertura da escuridão, ele deixou a costa de mangue em um pequeno barco a remos. Ele foi deixado sozinho. Ele foi despojado para baixo as calças, descalço e peito nu, não porque ele queria descartar seu uniforme, mas por causa do calor.

Ele fez o seu caminho para Belamar. Mesmo quando ele chegou perto da praia, ele ouviu uma voz feminina furiosa chamá-lo.

— Pare!

Ele franziu a testa e continuou avançando.

— Pare, ou eu vou atirar na sua maldita cabeça!

Era a voz de Jen.

— Jen, é Ian.

Seu barco aterrado contra a praia. Ele a viu ali de pé sob o luar, uma espingarda destinada a seu coração. Piedade se apoderou dele. Ela ainda era bonita, mas ela estava mais magra e oprimida, e seus olhos tinham um olhar selvagem sobre eles. Ela não estava usando um vestido, mas um velho par de calças, amarrados com corda e camisa e botas de um homem. Um chapéu mutilado estava caído sobre sua testa.

— Jen, é Ian!

— Seu maldito desprezível ianque! —, Ela gritou com ele.

— Eu vim para vê-la, porque eu sinto muito. Eu sinto muito.

Os olhos castanhos de sua prima brilharam na escuridão.

— Vá embora, Ian.

— Agora, vamos lá. Esta é a propriedade da minha esposa…

— E a sua mulher pode vir aqui sempre que ela quiser. Vá embora ou eu vou atirar em você. Você é um ianque. Eu odeio ianques.

— Jen, eu sou seu primo Ian!

Ela manteve a arma apontada para seu coração. Ian preferiu ignorá-lo. Ele pisou na areia molhada saindo de seu barco a remo.

— Ian, maldito, eu atiro! —, Ela gritou.

Ele pegou seus olhos, seus belos olhos castanhos avermelhados. Pensou em sua gentileza, o jeito que ela era com ele quando ele era apenas um bebê, e ele pensou em sua ternura quando ela tinha consolado Alaina com a morte de Teddy. Ele continuou andando em direção a ela.

O rifle apontado contra seu peito.

— Eu vou atirar em você, Ian.

Ele fez uma pausa apenas mais um segundo. Então ele empurrou o rifle de lado. — Não, você não vai atirar em mim, você não vai porque eu te amo, Jen, e me desculpe, eu sinto muitíssimo.

Ela permitiu que o rifle caísse quando ele a tomou em seus braços. E ela chorou.

Logo mais pessoas saíram da casa.

— Jen! — a voz de sua tia Teela, cheia de preocupação.

— Jennifer! — James, chamando a sua filha.

— Jen! — Jerome, vindo atrás dele.

E então todos eles, olharam para Ian.

Depois de um longo tempo, seu tio suspirou profundamente.

— Você tem que ir agora, Ian. Você é o inimigo aqui, você sabe.

Ele sentiu Jennifer agarrada cegamente a ele, e ele a abraçou com força em troca.

— Ele não é o inimigo, ele é meu sobrinho! — Teela disse teimosamente.

— Mãe —, Jerome informou calmamente: — Ian é um soldado inimigo. — Os olhos de Jerome, olhos como cobalto, escuro como os seus, preso, fixaram Ian. — Ian sabe que ele tem que ir. Doce Jesus há soldados confederados nestas águas agora… Ian, seu idiota, você está em perigo aqui!

— Ele está seguro o suficiente esta noite nesta casa —, Teela insistiu. Ela virou para seu marido, com lágrimas nos olhos. — Ele está seguro o suficiente —, ela repetiu.

James exalou longamente. Ele olhou para a filha, ainda soluçando nos braços de Ian. Ele levantou uma mão impotente.

— Você tem que sair daqui pela luz da manhã, Ian. Eu serei amaldiçoado se eu vou ver o filho mais velho do meu irmão morto a tiros em sua própria propriedade. E eu serei amaldiçoado se eu vou ajudar a União, você entende?

— Sim —, Ian disse, e com o braço ainda em torno de Jennifer, ele foi até a casa com sua família.

Depois Teela deu uma tigela para ele de sua rica sopa de peixe, ela disse a Ian que ela sabia sobre seus pais. Tia e Julian estavam vivendo a vida como de costume em Cimarrom, apesar de ter havido alguma conversa que Cimarrom poderia ser tomada.

— O quê? — Ian perguntou com veemência.

— Isso não vai acontecer; ainda temos leis neste estado —, disse James.

— Apenas comentei —, Jerome concordou com firmeza.

— Fofoca —, Teela disse calmamente, e hesitou apenas um momento. —Instigada por um velho conhecido.

— Quem? — Ian exigiu duramente.

— Teela, não vai ajudá-lo, saber —, disse James, irritado com sua esposa.

— Sinto muito, James —, disse Teela —, mas ele deve saber. É Peter O'Neill, que está, naturalmente, ainda amargo sobre o fato de que você se casou com Alaina.

— Por quê? Casou-se com Elsie Fitch, não foi?

— Sim, claro, mas… Ele é um tolo jovem arrogante, e sempre foi, e ele pegou o dinheiro de seu pai e tornou-se capitão de uma unidade de cavalaria.

— Então Peter quer destruir Cimarrom, de alguma forma como um jogo! — Ian exclamou com raiva, batendo o punho na mesa.

— Nada vai acontecer a Cimarrom, — James disse com firmeza. — Com Julian McKenzie oficialmente ligado a forças do Sul, ninguém vai tocar em Cimarrom. Julian já está adquirindo uma boa reputação, como um mágico, assim como um médico. Eles tiveram um surto de sarampo e todos os seus pacientes sobreviveram. E ele não perdeu um homem por lesão ainda — Olhando para Ian, seu tio suspirou com exasperação. — Não deveria ter dito.

Ian sorriu ironicamente.

— Eu não me importo de tomar alguns riscos, tio James, mas eu acho que eu seria comprovadamente insano se eu for cavalgar através do interior para encontrar Peter O'Neill e chamá-lo para fora para um duelo particular. Maldito seja, embora, o homem é um idiota!

— Ian —, disse Jerome, — Peter O'Neill não vale a pena a sua raiva. Nada vai acontecer. Nós ainda temos leis neste estado! — Jerome olhou Ian diretamente, e Ian viu um rosto muito parecido com o seu. Jerome era mais escuro, sua pele mais bronzeada, e à luz, seu cabelo tinha um reflexo vermelho como sua mãe. Mas mesmo os contornos de seus rostos eram semelhantes, e enfrentando Jerome, Ian sentiu que ele enfrentou outras forças dentro de si mesmo.

— Se eles tomarem Cimarrom, meu pai o faria.

— Não subestime seu pai —, Teela interrompido. — Não importa o que aconteça, ele é um homem forte.

— Minha mãe…

— Pode até ser mais forte —, James pensou com um toque de humor. — O inferno, é guerra. É guerra sangrenta. E não há uma maldita coisa que você pode fazer aqui, Ian, lutando pela União do jeito que está. — James levantou-se e parou em frente a Ian. — Vou rezar por você. — Ele saiu da cozinha. Teela levantou, fez uma pausa, beijou Ian na cabeça, e seguiu o marido.

Jerome pegou uma garrafa de conhaque, indicando a varanda.

— Eu tenho alguns bons charutos cubanos —, disse ele.

Do lado de fora se sentaram, passando a garrafa de conhaque para frente e para trás.

— Todos conheceram nossos sentimentos há muito tempo —, começou Ian. — Sua família sabia que eu ficaria com a União, mesmo que surgisse algum problema. No entanto, hoje à noite, de alguma forma…

— Há sangue entre o Norte e o Sul agora, e isso muda as coisas —, Jerome lembrou.

— Sim, eu suponho. Jesus, Jerome, não deixe aquele bastardo O'Neill chegar a Cimarrom.

— O'Neill não vai conseguir Cimarrom. Ele pode ter comprado um novo posto de capitão na milícia do estado, mas ele ainda é um fanfarrão, e a maioria dos homens não prestará atenção nele. E confie nisso: Seu irmão é tanto uma parte de Cimarrom como você é. E há muitos homens que respeitam muito o seu pai para ameaçá-lo. Cimarrom estará segura. Mas há algo mais que eu deveria dizer. — Jerome exalando depois de um longo momento, então olhou para Ian novamente. — Eu aceitei uma comissão para a marinha confederada.

— Como…

— Capitão do The Mercy.

— The Mercy… a escuna que você projetou e que foi construída a partir de Richmond.

— É esse navio, — Jerome disse levemente. Ele fumava o charuto, observando a fumaça subir no meio da noite. — Peço a Deus que não entre no campo de batalha —, ele disse simplesmente.

— Ore a Deus! — Ian concordou, levantando a garrafa de conhaque. Ele consumiu um longo gole e passou-o ao seu primo.

Beberam até que fosse tarde.

Naquela noite, Ian dormiu na cama de Alaina. Lembrou-se dela, segurando-a, acariciando-a, e ele sentiu a falta dela… Doía por ela. Ansiava por ela.

Orou por ela. Por sua família. E por si mesmo.

******

Ele deixou Belamar ao primeiro sinal de luz, abraçando cada membro de sua família.

Nos dias que se seguiram, ele construiu seu acampamento. Ele selecionou oito homens como sua companhia e ele estava satisfeito com cada um deles, especialmente com um homem chamado Sam Jones, que tinha servido em Key West muito tempo e estava familiarizado com a história da Flórida e seu terreno.

Eles construíram suas cabanas bem fora do chão, uma lição aprendida com os índios, para desencorajar cobras e outros predadores. Eles usaram pinheiros que combinavam com as árvores que escondiam o acampamento.

— Ninguém nunca vai encontrá-lo aqui —, Jake disse com admiração quando o acampamento estava na metade. — O inferno, Osceola não poderia encontrar este lugar!

Ian, olhando para seu acampamento, silenciosamente concordou. Ele se abaixou, arrancando uma folha de grama para roer.

— Há apenas uma pessoa que poderia me perseguir aqui —, ele murmurou baixinho.

— Quem?

Ele olhou para Jake com um sorriso triste.

— Meu primo Jerome McKenzie. Mas então, ele ainda não sabe que deveria estar procurando por mim. Talvez possamos evitar um ao outro enquanto durar esta guerra.

******

Quando chegou agosto, Alaina ficou alarmada quando o capitão Lewes começou a fazer visitas mais frequentes a sua árvore de carvalho. Ela ainda estava empenhada em ajudar o Sul a ganhar a guerra o mais rápido possível, mas ela também queria deixar seu casamento intacto se isso fosse humanamente possível.

— Meu marido poderia retornar —, informou ao capitão.

— Bem, ninguém nunca disse que não há perigo em ser um espião. — Ele sorriu. — Mas Sra. McKenzie, eu não acho que você precisa temer nada. Certamente você poderia encantá-lo para sair de qualquer situação.

Alaina absteve-se de dizer que ele obviamente não conhecia seu marido.

— Assim como uma cobra! —, ele acrescentou admirado.

— Perdão, não entendi? — Alaina disse indignada.

— Uma mocassim! —, Ele disse a ela. — Uma mocassim do Sul, tão linda e tão mortal. — Com um sorriso estranho virou-se e deixou-a.

Duas noites depois, Alaina foi despertada pelo som de pedras batendo contra a janela novamente. Ela saltou para janela, esperando ver o Capitão Lewes. Ela suspirou ao ver que era Risa Magee, vestida de preto, estava parada junto ao carvalho, apontando para ela descontroladamente.

Alaina desceu correndo as escadas e foi o mais rápido que podia.

— Risa, meu Deus, o que?…

— Você tem que sair daqui.

— Mas o que…

— Eles prenderam a Sra. Greenhow. Eles estão olhando a sua casa e papéis agora.

— Por… Por que você veio aqui? —, Perguntou Alaina, sentindo um aperto na garganta.

— Oh, Alaina, eu não sou uma idiota! Eu já suspeitava de você já a algum tempo…

— Você entregou Rose? — Alaina exigiu.

— Alaina, Allan Pinkerton, o detetive de Lincoln contratado, foi em seu encalço quase desde o início. Os homens podem ser tão idiotas! Alguns dos próprios membros do Gabinete de Lincoln foram dando as informações, juntamente com a própria equipe de Scott! Eles ainda estão tão chocados por agir contra as mulheres! — Risa disse com desdém, e acrescentou: — Não, Alaina, eu nunca fiz nada sobre qualquer uma das minhas suspeitas. Se eu tivesse, eu poderia ter evitado a morte de alguns dos nossos homens que morreram em Manassas.

— Risa, você tem que entender —, disse Alaina, de repente ansiosa para que Risa visse as coisas do ponto de vista dela. — Você poderia ter evitado mortes da União, mas milhares de soldados do Sul teriam morrido. Risa, eu não posso mudar o que sou, ou a maneira que eu acredito. As pessoas têm o direito de escolherem seu governo. Eu sou uma sulista. Meu país é estranho para mim agora.

— Você tem que sair daqui, Alaina, antes que eles te associem com Rose e venham prendê-la. Eu oro a Deus para que eles não façam nada, e apenas prendam as mulheres e tentem impedi-las de atividades perigosas, mas… Tem havido discussão de que espiões deveriam ser enforcados. Mesmo espiãs femininas. Pelo amor de Deus, Alaina, preste atenção em mim esta noite. Apresse-se. Venha você e o menino vestido e pronto. Eu tenho um amigo, Capitão Murdock, que está navegando pelo Potomac hoje à noite. Recentemente, ele renunciou à sua comissão e passou pelas linhas da União. Você e Sean podem ir com ele como sua esposa e filho.

Atordoada, Alaina hesitou. Ela nunca tinha sido uma tola; ela sabia o que ela arriscou. Ela acreditava profundamente na Causa do Sul. Mas o próprio pensamento de enforcamento…

— Meu Deus, Ian… — murmurou ela.

— Alaina —, Risa disse a ela sem rodeios, — se decidirem enforcá-la, não vai ter uma coisa maldita que Ian vai ser capaz de fazer, levando em consideração que ele receba a notícia antes de acontecer o fato! — Então ela acrescentou suavemente, — Se eu ver o Ian antes de você, eu vou explicar que pedi a você que fosse. Qualquer amizade com Rose é motivo de preocupação no momento; Ian vai entender isso. E você não pode ser criticada por fazer amizade com ela; Ian conhece e gosta de Rose durante anos.

Alaina baixou a cabeça, fazendo uma careta. Ela acreditava que Risa realmente iria defendê-la para Ian. Mas ainda assim, Ian não era um tolo, e quando ele descobrisse sobre suas atividades…

Ele poderia pensar que tudo que ela já tinha dito para ele fosse uma mentira, que ela teria chegado a ele, para seduzi-lo, apenas em troca de informação. O que era verdade… e não era. Havia uma linha fina lá! E isso não importava. Quando Ian descobrisse o que ela estava fazendo, ele podia muito bem querer enforcá-la ele mesmo.

Risa ergueu as mãos.

— Alaina, pelo amor de Deus, eu não queria dizer isso, mas se isso fará com que você se apresse, então é notícia que você deve saber. Capitão Lewes está morto.

— O quê? — Alaina engasgou.

— Então o homem era o seu contato! — Risa meditou.

Alaina ignorou o erro, sentindo-se absolutamente doente. Lewes era tão jovem, tão valente. Ele tinha tanta vida pela frente.

— Ele foi… enforcado?

— Não, não, ele foi baleado; ele se recusou a responder quando um soldado exigiu saber o seu propósito. Ele tentou correr. Ele foi morto.

— Oh, Deus! — Alaina respirou, encostando-se a árvore para se firmar. Pobre Capitão Lewes!

— Alaina, por favor, entenda. Sinto muito, mas eu estou dizendo isso para que você perceba a gravidade da situação.

Alaina inalou bruscamente, estudando Risa.

— Por que você veio? Por que você está me ajudando?

— Eu — Risa hesitou. — Eu não sei. Talvez em respeito à sua lealdade para com o Sul. Talvez eu tenha adquirido certa afeição por você. — Seus olhos se estreitaram ligeiramente. — E talvez eu ainda me preocupe com Ian, e saber que sua morte ou prisão iria feri-lo além da medida. Que diferença faz? Eu tenho um carro abaixo na estrada próxima. Eu não posso ser vista aqui. Pegue o bebê e Lilly. Você pode viajar com uma empregada. Mas, faça-a ficar quieta, e apresse-se.

Alaina inclinou brevemente a cabeça; ela nunca tinha se sentido tão miserável. Isto era a guerra; não era um jogo de flerte e espionagem. Ian provavelmente estava certo de que duraria muito tempo e todos seriam banhados em sangue.

— Alaina!

Ela levantou a cabeça, e os ombros, assentindo. Impulsivamente, ela abraçou Risa, e Risa a abraçou com força em troca.

******

Alaina correu para o quarto de Ian, puxando papel de carta, caneta e tinta de suas gavetas. Ela agonizou nos segundos que ela ousou tomar, desejando que houvesse palavras que explicassem como ela poderia amá-lo e a Confederação também. Não havia palavras que pudessem começar a ser suficiente. Ela escreveu simplesmente:

Eu sinto muito. Sinto muito. Eu preciso ir para casa. Eu amo você.

Alaina

Ela deixou o bilhete em sua mesa.

Ela virou-se e estudou o quarto. Ela não queria vir aqui. Mas agora, ela não queria sair. Ela aprendeu aqui o quanto ela amava o marido. Seu bebê tinha nascido aqui. Tornou-se a sua casa.

Ela fechou os olhos, lutando contra a ameaça de lágrimas histéricas.

Ela correu de volta para seu próprio quarto e suavemente embalou o filho nos braços, e, com Lilly silenciosamente a seu lado, deixou sua casa.

Deixou o Norte.

E seu marido.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

No final de setembro, Risa recebeu uma carta de Alaina assegurando que ela e o bebê tinham feito com segurança a viagem de Washington para Richmond. Ela chegou lá, via ferrovia, para Charleston, onde foi recebida pela nata da sociedade confederada. Ela escreveu com entusiasmo sobre a bondade das pessoas que conheceu e com febre patriótica renovada para a Confederação. Alaina tinha realmente saído da situação muito bem e Risa poderia assegurar-se ironicamente que ela tinha sido uma boa amiga para ambos, Alaina e Ian.

Risa tinha suspeitado que Alaina pudesse ficar em Charleston por algum tempo. Embora Brent tivesse até agora se recusado a aceitar uma comissão com qualquer uma unidade de voluntários da Flórida ou Carolina do Sul ou a própria Confederação, ele e Sydney certamente poderiam ser interpretados como rebeldes, mas eles eram McKenzies. No entanto, Alaina não ficou com eles. Na última carta que ela tinha conseguido que amigos contrabandeassem através de linhas da união, disse à Risa que, depois de parar em St. Augustine, que ia para casa. Ela queria estar com Jennifer, em Belamar.

Era novembro, quando Ian finalmente retornou a Washington. Risa estivera fora na casa de um amigo, trabalhando em um estandarte para um recém-formado guarda de Maryland e sentindo-se absolutamente inquieta com sua parte mundana nos eventos que moldavam o país.

Ele raramente via seu pai agora; ele estava com o exército do Potomac sob as ordens do homem que Lincoln trouxe de uma convivência anterior, em Illinois, McClellan. McClellan era arrojado e carismático, inspirando às tropas, mas Risa já ouvira falar de seu pai, que reclamou em particular, mas com grande irritação, que McClellan era como uma mulher de muitas maneiras, exagerando o número de tropas inimigas, não importando o que a inteligência relatasse. Ele travaria uma guerra muito cuidadosa, uma guerra defensiva, quando deveria estar trazendo os sulistas ambivalentes de volta ao rebanho da União.

Mais homens estavam morrendo. Houve ação em Ball's Bluff[11] na Virginia, e escaramuças leste e oeste. Risa orou para que o inverno pudesse deter o fluxo de sangue e arrefecer algumas cabeças muito quentes.

Quando ela voltou para sua casa no início da noite em novembro, sua empregada, Nelly, veio correndo ao seu encontro.

— Major McKenzie, senhor, Major McKenzie está aqui!

Risa olhou para Nelly e depois acelerou os passos.

Ian estava de costas para ela quando ela correu para a sala. Seus ombros eram muito largos, aparentes à magreza de seus quadris e, com seus cabelos escuros, ele usava seu uniforme muito bem. Suas mãos estavam na lareira; sua cabeça estava levemente curvada em pensamentos.

Ela estava tão tentada a correr até ele, abraçá-lo e encostar a cabeça nas costas dele, para sussurrar algumas palavras gentis para aliviar a tensão da guerra. Uma guerra em que ele lutou com seus próprios parentes, sua própria esposa.

Ela abriu a boca para dizer o nome dele, mas nenhum som veio. Ela gentilmente colocou a mão em seu ombro. Ele não se virou imediatamente, e ela percebeu que ele sabia que ela estava na sala a partir do momento em que ela entrou. Ele virou-se finalmente, olhos muito escuros, rosto mais magro do que nunca.

— Ian. É bom vê-lo —, disse ela, movendo-se para trás apenas ligeiramente.

Ele sorriu.

— Você, também, Risa. Você parece tão bem como sempre. Muito linda.

— Obrigada —, ela disse suavemente, em seguida, fez uma pausa. — Eu suponho que você sabe que Alaina…

— Ah, sim, eu sei que ela deixou Washington. Você sabe, como é incrível como as ordens militares podem se movimentar lentamente pelo país e com que rapidez os assuntos de homens e mulheres podem viajar. Eu tinha saído de Nova Orleans com meus homens, perseguindo uma chalupa do Sul de Pensacola, quando me encontrei com um oficial que passara algum tempo aqui. Ele se entristeceu com a prisão de Rose e ficou ansioso para descobrir se eu sabia o quão profundamente perturbara os outros membros da

11A batalha de Ball's em Loudoun County Virginia em 21 de outubro de 1861 foi uma das primeiras batalhas da Guerra Civil Americana, onde as forças do exército da União sob o comando do Major-General George B. McClellan sofreram uma derrota humilhante.

persuasão do sul da região, inclusive minha esposa. O oficial pareceu pensar que Alaina saíra em protesto sobre Rose. Mas eu não acho que isso seja verdade. Acho que ela foi embora porque estivera ligada a Rose. O que você acha?

Risa olhou fixamente para ele, hesitante.

— Eu… bem, é claro, você sabe que eu sou uma patriota da União sempre, de modo que seria improvável que alguém iria partilhar os seus pensamentos sobre o assunto comigo… Chá, Ian? Um uísque? O que posso fazer por você? É bom ver você, mesmo se estar aqui não é tudo o que você planejou. Deixe-me pegar algo para você beber.

Ela começou a se afastar dele. Ele estendeu a mão, agarrando seu braço. Seu domínio foi firme, mas não doloroso, e ela sentiu como seus olhos cobalto penetraram através dela.

— Você sabe mais do que você está me dizendo.

— Ela escreveu para mim —, Risa disse rapidamente. — Ela sabia, é claro, que você estaria furioso com sua decisão de ir para o Sul, mas… Eu acho que ela queria ir para casa, para Belamar, embora eu achasse que ela ainda estaria em St. Augustine agora.

— O bebê? —, Ele perguntou, e Risa mordeu o lábio inferior, de repente ouvir a dor abaixo da raiva em sua voz.

— Sean está bem, prosperando —, disse Risa. — Você ainda não ouviu falar de Alaina, em tudo? Bem, suponho que teria sido difícil… Eu não tenho certeza se seria capaz de chegar até você, Ian, se eu precisasse…

— Alaina deixou um bilhete na minha mesa há três meses, e que foi a última vez que eu ouvi dela —, disse Ian, e a nota de aço de raiva mortal estava de volta em sua voz.

— Tenho certeza de que ela entraria em contato com você se soubesse como, Ian. Ela ama você.

— Possivelmente.

— Eu teria entrado em contato com você se soubesse como.

— Se você alguma vez precisar de mim no futuro, para qualquer coisa, vá ao General Brighton. Ele sabe como me encontrar.

Risa assentiu.

— Você realmente não deveria estar muito zangado; tudo o que ela fez foi ir para casa. Eu acho que você deve ver a sua posição.

Seu olhar escuro traiu sua dúvida.

— Ian, ela é uma sulista. Sua casa é no Sul.

Ele se afastou dela, olhando para as chamas da lareira.

— E eu deveria ser um sulista, também? —, Ele perguntou levemente.

— Oh, não, claro que não…

— Há apenas duas questões aqui: A União deve ser preservada, e a escravidão é moralmente errada. Alaina sabe disso! — Seu agravamento e confusão se misturavam na profunda angústia de sua voz.

— Tenho certeza de que ela sabe que a escravidão é moralmente errada —, disse Risa. — Na verdade, muito poucos homens alistados na Confederação realmente possuem escravos. Muitos sulistas não acreditam em escravidão, eles apenas sentiram que têm o direito de ser livres e independentes. — O que em nome de Deus que ela estava fazendo, defendendo Alaina? — Oh, Ian, se os dois lados apenas tentassem entender um ao outro não haveria uma guerra —, ela insistiu. E, na esperança de escapar da conversa, ela perguntou rapidamente — Você pode ficar para o jantar? Eu duvido que vejamos o meu pai; ele está constantemente treinando o exército e se encontrando com McClellan e seus generais. O pai está sendo promovido a general de brigada, você já ouviu falar?

— Sim, eu espero vê-lo e dar os parabéns. E sim, eu adoraria jantar, obrigado.

— Bem. Vou avisar ao cozinheiro, e obter uma bebida. Por favor, fique à vontade aqui.

Os seus olhos estavam nos dela, e ele sorriu calorosamente.

— Eu sempre me sinto, Risa —, disse ele.

Ela sorriu, sentindo um estrondo estranho em seu coração, e saiu correndo para ver o jantar.

— Você está em Washington há muito tempo? — Risa perguntou no decorrer da refeição agradável.

Seus olhos escureceram; sua boca apertou, e ela sentiu um pouco de frio através dela.

— Eu estive um pouco de tempo, mas agora… Eu acho que posso sair em uma missão própria.

Risa convulsivamente fechou os dedos nas palmas das mãos e se levantou, quase derrubando sua cadeira. Ian olhou para ela com surpresa assustado.

— Você não vai morrer por ela, está me ouvindo? E eu não quero dizer que com qualquer má intenção acredita-se ou não, Alaina é minha amiga. Mas você é meu amigo também, e ela é o inimigo, e você não deve ser morto por ela!

Ele sorriu, levantando-se, assim, andando em volta da mesa para ela. Ele pegou-a pelos ombros e beijou sua testa.

— Risa, estou continuamente em território inimigo. Eu sei o que estou fazendo, e eu não me arrisco. Mas muito obrigado pela sua preocupação, e eu juro, eu vou ter cuidado.

Risa olhou para ele. Ela sentiu como se seu coração estivesse batendo tão alto que ele não podia deixar de ouvir. Sua carne parecia como se estivesse pegando fogo. Isso seria tão fácil. Maldita convenção da sociedade. Ele era casado, mas sua esposa era inimiga, a milhares de quilômetros de distância, e ele foi dela primeiro, e ele deveria ser dela agora, e eles teriam se entendido perfeitamente, e esses momentos poderiam ter sido um bálsamo para eles. Ambos…

Ele a estava tocando. Ela podia sentir sua respiração contra seu rosto. Seria tão fácil cair em seus braços, e ela estava certa de que ele sentiu isso também.

— Ian… — murmurou ela.

— Oh, Deus, eu não te machucaria, Risa, eu não te machucaria —, disse ele.

Mais uma vez seus lábios roçaram sua testa.

— E se você não estivesse me machucando, e se eu quisesse apenas uma lembrança, e se…

Seus braços se apertaram. Ele ergueu o queixo dela. Ela sentiu os lábios dele nos dela. Moendo neles com uma febre e paixão que inflamava seus sentidos, atearam fogo a um desejo que até agora só imaginava.

Então, de repente, com juramento, soltou-a.

— Eu tenho que sair daqui Risa! —, disse ele com voz rouca.

— Porque você ama sua esposa —, ela disse suavemente.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Porque eu amo vocês duas —, disse ele.

E então ele se foi.

******

Alaina sempre amou a cidade de St. Augustine, com o seu belo e impressionante forte de guarda no porto. O forte chamado Fort Marion agora, em homenagem ao herói da Guerra Revolucionária Francis Marion, inicialmente tinha sido construído pelos espanhóis como o Castelo de San Marcos. Os britânicos, que ocuparam a Flórida durante a Revolução, tinham chamado o edifício Fort St. Marks, anglicizando o nome original. Fosse como fosse chamado, era bonito e parecia indomável, como um antigo castelo medieval.

Alaina chegou à luz do dia, em dezembro de 1861, e desceu quase em frente ao forte com Lilly e Sean. Lilly adorou não ser um dia frio, Lilly odiava o frio do Norte, e havia acompanhado Alaina ao sul com pouco protesto. Alaina estava feliz por estar lá. Ela ainda estava bem mais de trezentos e vinte quilômetros de casa, mas elas estavam a quilômetros da Flórida, e se sentia bem. Se os pensamentos sobre Ian não a atormentassem continuamente, ela poderia muito bem estar feliz. Claro que ela tinha um grande apoio para a sua posição, uma vez que ela estava no Sul, e foi encorajador sentir que ela estava certa, que era parte de uma grande causa revolucionária.

Mas as noites eram uma tortura.

Ela tinha deixado Ian, e se ela não o visse novamente…

— Calor é bom —, Lilly anunciou com um suspiro feliz. — Calor é bom.

— Sim, verdade.

— A rua é legal. Quando o major Ian chegar a casa, tudo ficará bem.

— Lilly —, Alaina murmurou, — Eu não tenho tanta certeza que ele virá para casa por um bom tempo. — Mas ela também olhou para cima e para baixo da rua e conseguiu sorrir. A cidade era encantadora, com a sua antiga

arquitetura espanhola se misturando com o crescimento que tinha sido contínuo desde meados dos anos 1500. Alaina sempre pensou que St. Augustine era o mais antigo assentamento europeu permanente nos Estados Unidos, especialmente quando tantas pessoas ainda consideravam a Flórida uma fronteira tão selvagem e nova.

Em pé na rua onde a carruagem os havia deixado, Alaina olhou para Fort Marion.

Ela sentiu um pequeno doce arrepio de excitação, só por estar aqui. Ela tinha desfrutado sua estadia em Richmond e Charleston, e ela tinha experimentado uma onda de patriotismo pela Confederação naquelas cidades do Sul leais ao contrário de qualquer outro que tinha conhecido antes. A sede do governo confederado ficava em Richmond, e ela até comparecera a uma noite de festa na Casa Branca da Confederação, onde ninguém menos que o intrépido Presidente Davis fizera uma pausa para agradecer por sua lealdade ao seu povo. Nessas duas cidades, parecia impossível que o Sul falhasse em sua missão de soberania. Tinha sido maravilhoso ver Sydney e Brent, e assustadoramente fácil mentir, dizendo apenas que Ian raramente estava em Washington, ela achava uma cidade perigosa para ficar sozinha, a mesma história que pretendia contar a Julian quando ele soubesse dela.

Ela fechou os olhos por um momento, ouvindo o barulho dos cascos dos cavalos, sentindo o sol, a brisa do mar e o calor de estar em casa.

— Alaina!

Ela girou e viu que Julian estava pulando para baixo do assento do motorista de uma pequena carruagem. Um pequeno tremor passou por ela, pois ele parecia muito com seu irmão. Apressou-se a abraçar Julian, levantou-se, virou-se e abraçou-o novamente. Mas então ele a deixou na frente dele, e seus olhos estavam sérios.

— Tudo bem, jovem senhora, o que você está fazendo aqui? Eu sei muito bem que meu irmão mais velho não te deu permissão para sair de Washington!

Alaina exalou um suspiro de irritação.

— Bem, seu irmão não estava em Washington, e o lugar se tornou muito perigoso para os sulistas.

— Oh? Para os sulistas, ou sulistas culpados?

— Julian, não seja cruel e não se esqueça de que Ian é um ianque quando você… — ela deu um passo atrás, examinando-o da cabeça aos pés.

Ele era muito bonito em um casaco uniforme cinza com sua insígnia médica e militar sobre os ombros. — Você é um rebelde, — ela lembrou a ele sem rodeios.

— Bem. Não vamos discutir. Deixe-me levá-la para casa. Lilly, bem-vinda! E este… é Sean! Ele está grande. Eu não posso esperar para que meus pais possam vê-lo, o seu primeiro neto, eles ficarão muito orgulhosos!

Alaina sorriu. Foi bom e estranho. Ela sentiu que estava de fato em casa. Bem recebida pela família de seu marido.

Quando seu marido era o inimigo.

******

Alaina escreveu uma carta para Ian na primeira noite em Julian. Embora ela tentasse derramar seu coração para ele, suas palavras pareciam fracas. Ela escreveu mais uma vez que ela o amava, mas dada a sua fuga e os rumores de sua espionagem que deviam estar em toda Washington, não era provável que acreditasse nela. Ainda assim, Julian enviou a carta, e ela esperava que chegasse a seu marido.

Ela começou a trabalhar com Julian. Ele passou a maior parte de seus dias no quartel, cuidando dos males e ferimentos dos homens. À noite, ele viu a população civil de St. Augustine. Ela gostava da sensação de trabalhar com os soldados; isso dava uma sensação de utilidade e a impedia de pensar em sua própria situação.

Ela estava lá há cerca de uma semana quando os homens do navio dos Estados Confederados, Annie May, chegaram. O Annie May era um fura-bloqueios e fora destruída no mar pela marinha dos Estados Unidos. A maioria de seus marinheiros havia sido aprisionada, mas alguns escaparam. Muitos ficaram gravemente feridos. Seguindo Julian de cama em cama, ela ficou horrorizada com o derramamento de sangue e a angústia dos homens. No começo, ela quase desmaiou. Então, ao se deparar com uma ferida de sabre já infectada e cheia de pus, ela quase vomitou.

Mas ela se fortaleceu com a carnificina ao redor dela; ela limpou o sangue para que Julian pudesse enxergar com clareza suficiente para suturar. Ela aplicou pressão sobre as feridas quando foi instruída a fazê-lo, enfaixou e banhou. Quando os dez sobreviventes foram remendados juntos

devido à habilidade de Julian e dos outros médicos, ela escreveu cartas para os homens.

Naquela noite, Julian e Alaina e o Dr. Reginald C. Percy jantaram juntos em uma pousada perto de Forte Marion.

Percy estava talvez nos sessenta anos, um homem digno, ereto, que tinha servido no exército da União antes da separação. Ele disse para Alaina que, em todos os seus anos, ele nunca tinha trabalhado com um cirurgião tão bom como Julian McKenzie. Ele não tinha se juntado com as forças confederadas, sentindo que ele poderia melhor ajudar no esforço de guerra da Flórida, permanecendo um civil.

— Não havia nenhuma razão para qualquer desta última rodada, trágica de morte! —, reclamou ele, batendo com o punho contra a sua mesa de jantar. — Pelo que os rapazes me disseram, eles sabiam que tinham sido superados e desarmados e estavam entregando o navio. Os miseráveis nortistas mataram esses meninos de propósito. Eles sabiam que não têm a pura influência do Sul, mas podem continuar substituindo seus próprios homens mortos, então eles acham que a única maneira de nos derrotar é matar todos nós!

— Por favor, Dr. Percy, nem todos ianques — Julian começou.

Mas Percy bateu na mesa novamente.

— Bloqueio condenado! Esta guerra não é como eles disseram que seria, está longe de terminar. E seria uma coisa se o inimigo fosse atrás das armas que estavam sendo enviadas, mas quando elas tomam nosso láudano, nossa morfina, nosso quinino.

— É guerra, Percy, e há muito pouco que possamos fazer sobre esse fato —, Julian disse a ele.

Poucos minutos depois, o café estava sendo servido, Julian foi chamado de volta para o hospital. Quando ambos Percy e Alaina começaram a se juntar a ele, Julian protestou.

— O sujeito tem uma difteria e o Natal está chegando, eu posso administrar por conta própria. Aproveitem seu café.

Quando Julian saiu, Percy sentou-se, ainda descontente. Seus olhos escuros eram muito cheios de alma, e com o cabelo grosso emoldurando seu rosto magro, ele parecia muito velho e muito triste.

— Mais… precisamos de mais. Sempre mais. — Ele olhou para ela, em seguida, apoiou os cotovelos na mesa, estudando seus olhos. — É do meu conhecimento que você é da selva do Sul, Sra. McKenzie.

— Eu cresci em uma pequena ilhota…

— Em Biscayne Bay.

Ela assentiu com a cabeça, curiosa que ele soubesse sobre ela tão bem.

— Então, a senhora McKenzie, você conhece as águas lá embaixo. Você conhece as águas profundas, e você conhece os recifes. Você conhece as trilhas até a parte norte do estado.

— Sim, claro, mas…

Ele se inclinou para trás.

— Eu já perdi um sobrinho nesta guerra —, ele disse a ela, seus olhos escuros, de repente parecendo queimar.

— Me desculpe senhor.

— Eu tenho certeza que você sabe quem era. Você o conhecia.

— O quê?

Ele sorriu lentamente, com amargura.

— Capitão Lewes era o menino da minha irmã.

— Oh, Deus! — Alaina respirava. — Oh, eu sinto muito. Ele era um bom rapaz, verdadeiramente.

— Ele falou muito de você também, — Percy interrompeu abruptamente.

Alaina sentou-se, com as mãos no colo, olhando para ele desconfortavelmente.

— Ele a chamou de mocassim.

— Ele?

De repente, Percy estava inclinado sobre a mesa, segurando sua mão com força com na sua.

— Podemos precisar de você novamente, Alaina. E, oh, Senhor, mas me perturba pedir a uma mulher tão delicada que faça sua parte, mas… Me

perturba mais quando esses garotos morrem e sei que posso fazer algo a respeito!

— Eu não tenho certeza do que eu poderia fazer neste momento em particular — Alaina começou com cuidado.

— Mas eu tenho —, Percy sussurrou ferozmente. Mais uma vez ele se inclinou mais perto. — Mocassim. Nenhum outro nome precisa ser usado; algumas pessoas precisam sempre saber como você está ajudando a Causa…

— Mas o que…

— Na noite certa, eu tiro você daqui, supostamente para ir para casa. Exceto que você vai navegar para Freeport em primeiro lugar, você pega suprimentos de um amigo meu, um cidadão britânico, Dr. Bellamy. St. Augustine é geralmente cercada por navios da União, com fome, cauteloso. Você entra em Biscayne Bay, o capitão traz o melhor que pode. Senhora, você é perfeita! Você estará em pouco perigo! Se o seu navio é abordado no mar, você se identifica como a esposa do Pantera.

— O quê? Quem? — Alaina exigiu.

Percy arqueou uma sobrancelha e olhou como se ele estivesse a ponto de cuspir com fúria.

— Seu marido, Senhora, está demolindo a costa. Ele entra, ataca, rouba nossas armas, nossos suprimentos e desaparece novamente. Ele ronda os malditos pântanos e florestas; ninguém o vê até que seja tarde demais, ninguém parece capaz de segui-lo. Ele se move como um raio. Ele e seus homens foram da Carolina do Sul ao Texas; eles entraram para pesquisar fortificações e informar sobre o número de tropas e suas localizações exatas. Ele foi apelidado de Pantera pelos garotos tentando manter alguma sanidade neste estado miserável e abandonado! Mas você não vê? como sua esposa, você seria uma carga sagrada para qualquer oficial da União que abordasse você. E você não precisa ser culpada de nada mais do que ir para casa. Você será inestimável também em negociar com os estrangeiros dispostos a nos ajudar em silêncio.

Alaina olhou para suas mãos, com sensação de dormência. Eles tinham que ter medicamentos. Ela não podia suportar ver o horror que tinha visto como resultado do ataque contra a Annie May. Morte e desmembramento eram terríveis o suficiente sem mortes adicionais porque os medicamentos certos não puderam chegar.

— O meu cunhado sabe sobre tudo isso? —, ela perguntou em voz baixa.

Percy balançou a cabeça.

— Não. E você, é claro, tem todo o direito de se recusar. Mas você não vai, não é?

******

Naquela noite, ela sonhou com soldados morrendo. Ela ouviu uma mulher chorando, soluçando seu coração. Uma mãe de luto.

Ela abriu os olhos e gritou.

Ela pulou da cama e correu para o berço de Sean. Ele estava dormindo pacificamente. Ela acordou-o e ele uivava em protesto nos seus braços. Ela morreria se alguma coisa acontecesse com Sean.

No hospital no dia seguinte, ela disse a Percy que ficaria feliz em fazer tudo o que podia.

— Assim, a Mocassim nasceu! — Percy disse suavemente. — Você não tem nada a temer.

Ela não protestou, nem disse a Percy que o seu sobrinho havia dito a mesma coisa.

E era exatamente por isso que ela estava muito assustada.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Pouco antes do Natal, Julian recebeu licença, e ele, Lilly, Sean e Alaina atravessaram o estado em direção a Cimarrom.

Foi uma volta interessante, pois Jarrett era absolutamente contra a separação e a guerra, e apesar do fato de que sua querida casa ficava no profundo sul, ele era um profundo sindicalista.

Alaina sabia que Julian, geralmente tão confiante e seguro de si, estava quieto ao atravessar o rio de balsa. Ele ficou observando seu pai, que estava com Tara e Tia no cais. Ela percebeu que ele realmente estava tremendo.

Mas quando eles saíram da balsa, ele foi instantaneamente engolido pelos braços de sua mãe. O abraço de Tara foi breve, e então ela estava beijando a bochecha de Alaina e varrendo seu primeiro neto dos braços de Alaina. Alaina deu um passo para trás e viu o jeito que Jarrett e Julian se entreolharam. Mas então Jarrett McKenzie abriu os braços e abraçou o filho. Os dois homens estavam tremendo, e ela pensou ter ouvido um soluço de alívio escapar de Julian, e ela se virou, com medo de que ela mesma pudesse explodir em lágrimas. Quando ela se recompôs, Julian e Tia abraçaram-se com força e ela se sentiu um pouco intrusa. Ela não era uma verdadeira McKenzie.

Mas, um minuto depois, Tia a abraçava tão calorosamente quanto qualquer relação de sangue e, um minuto depois, encontrou seu sogro estudando-a com os olhos de mogno atentos.

— Bem, filha, suponho que devo aceitar seu status de rebelde também, embora tenha medo de que você tenha ferido gravemente meu filho. Venha cá, Alaina, estou muito feliz em te ver tão bem!

Seu abraço era feroz e caloroso, e ela piscou furiosamente para não chorar. Então ela se encontrou nos braços de sua sogra e ela foi capaz de perguntar suavemente:

— Você já ouviu falar de Ian?

E Tara assentiu solenemente.

— Nós temos amigos, você sabe, que recebem cartas. Ele está bem, embora eu viva preocupada por ele diariamente. Ele joga um jogo tão

perigoso! Mas então… bem, você está aqui agora, minha querida, e não podemos estar mais felizes. Dois de nossos filhos voltam para o Natal, nossa nora e neto! Meu Deus, Jarrett, somos avós! Como é que nos tornamos tão velhos? — Ela perguntou, perdida.

Jarrett sorriu para ela e lhe assegurou:

— Não somos velhos, meu amor, meramente experientes.

Tia fungou, todos riram e foram até a casa, onde Jarrett, Tara e Tia inspecionaram o bebê, encantados, da cabeça aos pés. Sean, com quase um ano de idade e com os próprios pés, ficou um pouco indignado, mas ele parecia reconhecer sua própria família, então rapidamente se sentiu em casa em Cimarrom. Alaina percebeu que, se todos sobrevivessem à guerra, um dia Cimarrom seria a herança de seu filho. Um dia, na verdade, deveria ser sua casa.

Ela fechou os olhos. Nunca seria. A vida nunca mais seria a mesma, porque seu marido não era apenas o inimigo, ele era o Pantera. E chegando ao café da manhã, ela ouviu seu sogro dizer a Julian que a única razão pela qual Cimarrom não havia sido queimada era que ele tinha sua excelente equipe de homens para proteger a propriedade, e porque Julian era conhecido como um dos poucos cirurgiões rebeldes que realmente poderiam salvar vidas.

Depois de um lindo dia de Natal de risadas e troca de presentes, Alaina e sua sogra estavam sozinhas no quarto de Ian, um lugar estranho para Alaina dormir sem Ian, pois ela se lembrava da noite do casamento deles, tanto tempo atrás. Um tempo diferente, um mundo diferente.

— Eu gostaria que você ficasse conosco —, disse Tara.

Alaina não olhou para cima. Ela manteve os olhos cuidadosamente escondidos.

— Eu preciso voltar com Julian. Acho que sou útil para ele. E eu quero ir para casa, preciso ver Belamar.

— Eu acredito que seu marido pode pensar que você estaria mais segura aqui —, disse Tara com apenas um toque de reprovação.

Alaina inalou, depois olhou para a sogra finalmente e expirou com uma nota longa.

— Sinto muito, mas existem tantas coisas… Acredito no direito do Sul de ser independente. E eu não consigo esquecer… não consigo esquecer o que aconteceu com meu pai. E desde então tem havido mais. Eu não posso ser

sindicalista, mas, como Julian, talvez eu possa ajudar os feridos. E me desculpe, sinto muito por Ian, e eu… — ela parou e sentou-se ao lado de Tara, segurando as mãos. — Ele disse alguma coisa sobre mim? Eu tentei escrevê-lo; Julian disse que ele poderia receber uma carta para ele. Eu não ouvi de volta, eu não sei…

— Ele está muito bravo com você —, admitiu Tara.

— Mas…

Tara sorriu de repente.

— Mas acho que ele ama você. E quando eu te vejo agora, acho que você também o ama. — Ela estendeu a mão e acariciou a bochecha de Alaina. — O amor tem um jeito, mesmo em face da guerra —, ela disse suavemente. — Eu gostaria de poder convencê-la a ficar, mas eu não posso. Então, todos nós vamos apenas rezar… vamos orar pela paz —, disse ela.

As mulheres se abraçaram calorosamente.

Foi difícil dizer adeus, mas eventualmente eles estavam na estrada de volta ao outro lado do estado. A Flórida havia construído o suficiente para poder parar em pequenas cidades ao longo do caminho, e passar por acampamentos de milícias. Logo após o Ano Novo, sua carruagem os trouxe de volta a St. Augustine.

Dentro de duas semanas, logo após o primeiro aniversário de Sean, Percy veio ver Alaina. Um navio confederado entrou na costa ao sul da cidade e ela poderia levá-lo para casa.

Julian e Tia foram contra sua decisão de fazer uma viagem para Belamar.

— Alaina, você estará em um corredor de bloqueio! — Tia lembrou a ela.

— Se o navio for levado, nada vai acontecer comigo —, assegurou Alaina.

— Eu sentaria em você como uma mãe pato se isso mantivesse você aqui —, Julian disse a ela.

— Por favor, Julian, preciso ver minha própria casa. Eu quero ver Jennifer, e sua tia e tio, e Jerome. Por favor entenda.

— Bem, eu não entendo —, disse Julian secamente.

— Mas você não pode me impedir.

— Eu só poderia tentar —, ele avisou.

No final, Alaina conseguiu o que queria e deixou Sean com Tia e Lilly. Julian e Tia escoltaram-na até o navio, e o capitão, um bom e velho marinheiro chamado Nasby, prometeu que Alaina seria escoltada até a baía de Biscayne; ela não estaria sozinha ou em perigo por um minuto. Em vez disso, uma vez que eles viajaram uma hora para o sul, o navio se virou e se dirigiu para as Bahamas.

Eles eram movidos a vapor e, apesar do bloqueio, chegaram a Freeport em quarenta e oito horas. Em seu encontro com o Dr. Bellamy, Alaina descobriu que não era apenas para obter remédios. Quase oitenta anos de idade, se ele fosse um dia, o Dr. Bellamy era um bom cavalheiro sulista que residia em Freeport. Ele insistiu que ela ficasse para um jantar que ele estava tendo para alguns diplomatas britânicos. Ela usava uma peruca escura como disfarce, mas vestida para a ocasião, e fez o melhor possível para convencer os homens de que seu país deveria reconhecer a Confederação, além disso, eles deveriam vir em auxílio dos rebeldes, mostrando à União que a opinião mundial era com o sul.

Quando ela deveria partir na manhã seguinte, o Dr. Bellamy ficou deliciado com ela.

— Minha querida, os cavalheiros não fizeram nada além de falar sobre sua beleza e paixão. — Ele piscou. — Todos eles queriam saber quem você era, mas eles nunca descobrirão! Nós lhes garantimos que você é uma patriota rebelde e que não podemos dizer mais nada. Ah, minha querida, mocassim! Aguardo ansiosamente uma longa e ilustre convivência! Tome o maior cuidado.

Quando ela o deixou, carregava sacolas de couro cheias de remédios importantes e uma tremenda sensação de satisfação.

A caminho do navio de Nasby, ela e sua guarda, em trajes civis, pararam em uma taverna de cais, enquanto os homens compravam produtos, uísque, vinho e suprimentos para a viagem de volta. Alaina, de sobretudo e peruca escura, sentou-se à mesa dos fundos tomando café. Ela ficou surpresa quando percebeu que os homens na mesa atrás dela eram da Marinha da União, e que eles estavam falando sobre um ataque que seria feito em seu navio. Eles sabiam que uma escuna de rebeldes estava na vizinhança, e eles pretendiam pegá-la no mar aberto.

Alaina levantou-se vagarosamente e saiu da taverna, correndo para avisar o capitão Nasby. Ele ficou surpreso, mas satisfeito com a informação dela.

Eles adiaram sua navegação por uma noite, depois voltaram para o outro lado do mar, livres de canhoneiras da União.

Alaina ainda estava corada com sua vitória quando foi deixada na baía de Belamar Isle. Quando ela chegou à praia com sua escolta, ela foi instantaneamente desafiada por uma voz áspera:

— Quem é?

— Alaina McMann McKenzie! — Ela gritou.

— Alaina?

Seu barco deslizou na areia da praia. Ela saiu e foi instantaneamente envolvida nos braços de Jennifer. Sua escolta remou silenciosamente de volta ao navio e acompanhou Jennifer de volta à casa.

A primeira noite da casa de Alaina, ela se sentou com Jennifer, James e Teela, e mentiu. Ela não disse uma palavra sobre seus próprios esforços de guerra. Ela disse a eles que estava voltando para St. Augustine, mas planejava voltar com frequência.

Jennifer não conseguia parar de descrever a batalha que matara seu marido, e Alaina percebeu que James e Teela estavam aqui com ela, porque eles ainda deviam estar preocupados com seu estado de espírito. Jennifer queria saber tudo sobre Washington, Richmond e Carolina do Sul. Como eles estavam indo em St. Augustine? O Sul tem que vencer a guerra.

Na manhã seguinte, elas estavam na praia, completamente sozinhas. Jennifer olhou em volta com atenção antes de dizer animadamente a Alaina:

— Estou muito agradecida por estar fazendo a minha parte. Nesta tarde, uma companhia de milícias chegará ao continente. Eles levarão você e seu contrabando! De volta a St. Augustine.

— Oh meu Deus! — Alaina respirou. — Você é, você é meu contato?

Jennifer riu.

— Claro! Claro! Ah, Alaina, o que você achou? Que eu poderia sentar e assistir a guerra depois do que aconteceu com Lawrence? Eu morreria antes de ficar desamparada! E agora você faz parte de tudo isso também! Oh,

Alaina, estou tão feliz, tão satisfeita. Não é maravilhoso estar fazendo tanto pelos nossos lutadores?

Alaina estava carregando morfina, quinina e láudano. Seu navio também trouxe armas, mas ela não queria pensar sobre isso. Ela tinha que se lembrar do capitão Lewes e que ele havia morrido. Ela tinha que se lembrar de todos os outros nobres soldados confederados. Ela precisava se forçar a esquecer o homem que certamente a desprezava agora.

Marido dela.

* * *

Alaina estava de volta a St. Augustine havia cerca de uma semana e estava a caminho do armazém em geral, quando se surpreendeu ao ver-se saudada por um soldado com um chapéu de plumas emplumado.

Ela ficou parada, franzindo a testa, sentindo apenas um tom de desconforto, enquanto observava o homem correr até ela.

— Alaina, Alaina!

— Peter! — Ela gritou de volta, assustada, mas não alarmada em vê-lo. Com a guerra, tudo o que acontecera em Cimarrom naquele dia longínquo agora parecia brincadeira de criança.

— Capitão Peter O'Neill —, disse ele, oferecendo-lhe seu melhor sorriso e tirando o chapéu da cabeça.

— Sim, claro, Peter. Você parece bem. Parabéns, estou feliz por você parecer tão… contente.

Ele sorriu, pegando as mãos dela, puxando-a para beijar sua bochecha, depois se afastando para estudar o comprimento dela,

— Oh, Alaina! Você fica mais bonita toda vez que eu te vejo!

— Obrigada, Peter. Você parece em forma e parece estar com bom humor também.

— Ah, sim, estou de bom humor. Eu sou da cavalaria da Flórida, e estou muito orgulhoso disso. Somos os mais arrojados, você sabe, mas o governador reclama que todos os homens do estado que possuíam um cavalo queriam correr e ousar às custas do estado. No entanto, minha

querida Alaina, seu amigo aqui está entre os melhores cavaleiros do estado. Você terá que perdoar minha falta de modéstia, por favor! Além disso, meu pai e eu investimos muito dinheiro em financiar nossa própria empresa e, portanto, estamos em alta demanda.

— Estou tão feliz por você.

Ele sorriu, olhando para ela melancolicamente.

— Então você deixou seu marido? — Ele perguntou esperançosamente. Ela endureceu. Os olhos de Peter instantaneamente se encheram de alarme, e ele murmurou rapidamente, — Eu sinto muito, Alaina, estou tentando ser amigo, é só que… bem, eu admito um ciúme dele. Eu estava errado, tão errado sobre o interesse em você, e ainda assim…

— Ummm —, murmurou Alaina. — Como está Elsie?

Peter ficou mais sombrio.

— Você não ouviu?

— Ouvi o que, Peter?

— Elsie faleceu há cerca de seis meses. Febre tifoide.

— Oh, Peter, eu sinto muito. — Ela se arrependeu, realmente arrependida. Pobre Elsie, que era tão terrivelmente jovem!

— Obrigado. Eu também, — disse Peter, e ele soou muito sério.

Ela não podia deixar de sentir uma onda de pena por ele.

— A cura leva muito tempo. Eu sei.

— Sim, claro, você perdeu seu pai. Bem, eu temo que, se esta guerra continuar, todo o país conheça a dor e a devastação da perda.

— Eu tenho medo de ter que concordar. Vi os soldados da União retornando a Washington depois de Manassas e…

— Não pense nisso. Agora não. Você está em casa. Na Confederação. — Ele hesitou, depois sorriu amplamente, com uma tremenda quantidade de orgulho, como se ela fosse de alguma forma sua criação, e disse baixinho — O boato é que você fazia parte do mecanismo que ajudou a salvar soldados sulistas em Manassas.

Alaina deu de ombros desconfortavelmente. Ele balançou a cabeça, aproximando-se dela.

— Alaina, você não pode começar a imaginar como seus talentos são apreciados!

— Peter, eu não…

— Alaina, você está em casa porque ama seu país, não é? Porque você quer que o Sul ganhe esta guerra, rapidamente, com a menor morte possível de ambos os lados?

— Peter, eu estou em casa por que… é minha casa, mas…

— Você é leal e corajosa, Alaina. Você nunca se importou em ficar de pé sozinha e nunca teve medo de nenhum homem.

Isso não era exatamente verdade; ela estava com medo do marido. Era estranho, claro, que Ian nunca realmente a machucaria. Não fisicamente. Mas ele poderia machucá-la…

Porque ela o amava.

E então, novamente, isso era a guerra. Só Deus sabia o que alguém faria.

— Alaina —, disse ele com pressa, — qualquer homem do Sul daria a vida por você, se necessário!

— Obrigado, Peter, mas…

De repente, ele deu um passo à frente, agarrou seus ombros e beijou sua bochecha.

— Se eu puder ser útil para você de alguma forma, você deve prometer que vai me deixar saber! — Ele disse apaixonadamente. Então, de repente, ele a deixou, andando rapidamente pela rua.

Ela o observou, sentindo-se peculiarmente desconfortável novamente. Ele sabia o que ela estava fazendo agora? Ela mordeu o lábio, percebendo o quão perigoso seu envolvimento no esforço de guerra realmente era.

Em seu quarto na casa de hóspedes naquela noite, uma única vela queimava na mesa, lançando os cantos da sala na escuridão e sombra. Ela não precisava de mais luz e não queria mais luz. Sean estava dormindo em seu berço.

Alaina sentou-se ao pé da cama, tirando as botas.

Ela então se levantou e caminhou até a cama de Sean, ansiosa para ver que seu filho dormia bem. Ele estava. Belos cabelos negros espalhados

sobre o travesseiro, pequeno dedinho perto da boca, algo de um sorriso enrolou seus lábios. Ela ajustou o cobertor leve sobre ele.

Então ela pensou ter ouvido um som.

E sentiu…

Um calafrio. Alguma sensação de perigo rastejando ao longo de sua espinha.

Mesmo quando ela se virou, ela se assegurou de que tudo tinha que estar bem. St. Augustine estava cheio de soldados, todos guardando a costa. Havia um enorme forte à direita no porto. Ninguém poderia ter vindo aqui; ela não poderia estar em perigo. Havia vários navios confederados ancorados nas proximidades.

Mas quando ela se virou, viu que não estava sozinha. Um homem encostou-se no canto mais distante da lareira.

Ele esperou.

Confortavelmente.

Ele esperou em silêncio, nas sombras da noite. Mas, mesmo quando ela se virou, sentiu o arrepio de frio ao longo de sua espinha novamente, e percebeu, incrédula, que era Ian.

— Olá, Sra. McKenzie —, disse ele gravemente.

O luar de repente tocou seus olhos, e eles brilharam com um fogo azul contra o rosto duro e escuro de seu rosto. De repente, ela estava certa de que podia sentir a raiva dele, a ira que havia fervido durante meses. Ele veio ondulando como ondas de calor.

Tolamente, ela se virou para correr.

Ainda antes que ela pudesse dar dois passos, seus braços estavam ao redor dela como barras de prisão, e seu sussurro estava contra seu ouvido.

— De fato, minha amada rebelde, você está procurando um exército para me derrubar?

— Ian…

— Não grite —, ele avisou a ela friamente.

Então ele puxou-a pelos braços e jogou-a. Jogou-a com uma força ímpia…

E ela voou com tanta força e rapidez como uma flecha até que seu voo foi parado quando ela aterrissou, atordoada e ofegante, contra a cama coberta de edredons.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Alaina se reuniu rapidamente, afastando-se dele para uma posição sentada contra a cabeceira da cama, olhando para ele o tempo todo. Quando ele se aproximou dela com passos largos e rápidos, ela jogou o cabelo para trás nervosamente, muito feliz em vê-lo, mas tão apavorada com ele.

— Eu deveria gritar, e deveria entregá-lo a um exército rebelde. — Ela saltou da cama, mas ele segurou seu braço, puxando-a para trás, e ela o encarou, esmagada contra ele, sentindo o poder de seu domínio e a dos seus olhos. — Eu deveria gritar —, ela sussurrou novamente, — em voz alta o suficiente para acordar Jeff Davis em Richmond! Ian, por favor, você não entende, você não…

— Cale a boca, Alaina. Não tenho muito tempo.

Ela parou, não por causa das palavras dele, mas porque ele a silenciou com um beijo. A boca consumindo a dela, gosto de sua língua, pilhava, selvagem com fogo e paixão. Ele era como uma tempestade, uma súbita tempestade de fogo fora da noite, sua febre tão elétrica que cobrava toda ela instantaneamente. Ela queria protestar contra a violência dele; ela só poderia igualar isto. Seu sutil aroma masculino parecia dominar seus sentidos com a tentação. Ela sonhara com ele tantas vezes; ela respirou ele agora. Sentiu ele. Suas mãos no rosto dela; sua boca, fogo líquido. E foi bom. Engolindo, esmagadora, sensação tão doce que ela não conseguia pensar em protestar. Um alarme dentro dela avisou que ela deveria estar fazendo perguntas, protestando, falando primeiro, mas…

Uma coisa era não conhecer o amor. Mas agora ela o conhecera, morava com ele, amava-o, doía por ele e ele estava aqui, e isso era tudo o que importava. A sensação de seus lábios, mesmo zangados, famintos; o toque de suas mãos, mesmo áspero com o desejo…

Suas mãos se moveram e os botões pareciam se dissipar. A roupa caiu, seus lábios mal se separaram dos dela. Ela era mais desajeitada, suas mãos puxando a lã da União. Ela queria dizer a ele que ele era um tolo por estar aqui em lã da União.

Ele estava definitivamente melhor nu.

No entanto, foi ela quem ficou nua primeiro e, finalmente, seus lábios deixaram os dela, arrastando-se contra sua garganta. Seus dedos amarraram

em seus cabelos quando ele encontrou o seio com a língua, provocou o mamilo em uma ponta endurecida, depois lambeu, chupou e banhou aquela ponta até parecer que a sensação riscou através de seu corpo, trazendo uma fome em brasa. Ela sussurrou o nome dele, puxou o cabelo, mas ele a ignorou, beijando sua barriga, caindo de joelhos, puxando o abdômen para o rosto e plantando pequenos beijos para baixo e para baixo.

Suas mãos agarraram seus ombros; seus joelhos se dobraram. Ela desceu antes dele, tremendo, procurando seus lábios e ombros com o beijo, ansiosa para tocá-lo, saboreá-lo por toda parte, colocar o rosto contra o peito dele, sentir a suavidade e o fogo de sua carne. Levantou-se, excitando-o, atormentando-o enquanto ele a atormentava. Seus dedos se fecharam completamente em torno de seu sexo, acariciou… Sua boca esmagada contra a dela, e ela estava de repente fora de seus pés, deitada na cama, e ela sentiu a lã meio descartada de seu uniforme coçando contra suas coxas, mas isso não importava. Nesse ponto, cada toque parecia apenas mais uma língua de fogo.

Ela encontrou os olhos dele quando ele afundou nela, muito devagar a princípio, observando-a o tempo todo. Ela não conseguia fechar os olhos, não conseguia desviar o olhar. Ela engasgou ligeiramente quando estremeceu com uma repentina convulsão. Com um impulso rápido, ele foi ainda mais fundo, e ela se recuperou, contorcendo-se ao ritmo estrondoso que o agarrou e os juntou. Despreocupada, selvagem, desesperada, ela se agarrou a ele, buscando e sabendo o que procurava, alcançando e sentindo o êxtase levá-la finalmente, explodindo em um clímax que a manteve tremendo e convulsionando com pequenos tremores muito depois que ela sentiu a feroz constrição de seu corpo estremecendo ao longo dela própria…

Eles ficaram juntos em silêncio por longos momentos. Ela sentiu o batimento cardíaco dele, dela própria. Sua cabeça estava contra seu seio; ela passou os dedos pelos cabelos dele.

— Estou feliz em ver você, Ian —, ela finalmente disse com uma voz preocupada, — mas o que você está fazendo aqui?

Ela ficou feliz em ver, quando ele se virou para ela, que ele estava sorrindo.

— Eu posso te fazer a mesma pergunta —, ele lembrou a ela.

Ela respondeu gravemente:

— Ian, juro, não pretendia te abandonar. É só que eu não faço parte do Norte…

— E eu acho que te avisei uma vez que, onde quer que você fosse, eu viria atrás de você —, ele disse suavemente.

Um chiado de medo varreu-a.

— Eu realmente tive que deixar Washington. E eles têm sido excepcionalmente maus com Rose.

— Sob as circunstâncias, eles foram tolerantes com Rose. Ela ainda está viva, não é? — Ele perguntou ironicamente. — Eles começaram a executar espiões, você sabe, e seu precioso Confederado começou com um enforcamento em Richmond.

Alaina baixou os cílios.

— Parecia prudente que eu saísse de Washington. Eu fui muito amigável com Rose. A quem você me apresentou, se você se lembra.

— Se bem me lembro, você se apresentou, vindo a uma festa na noite em que estava prestes a dar à luz.

— Bem, eu não sabia que estava prestes a dar à luz.

— Ian! — Ela ofegou de repente, sentando-se. — Você está em perigo aqui. Como em nome de Deus você chegou aqui?

Enlaçando os dedos atrás da cabeça, Ian recostou-se no travesseiro.

— Existem maneiras, naturalmente.

— Ian, é perigoso. Você não pode ficar.

Seus olhos pareciam atravessar ela.

Alaina engoliu em seco.

— Você viu Sean quando ele estava acordado?

Ele assentiu.

Sean nunca foi deixado sozinho; quando ele não estava com Alaina, Lilly cuidou dele.

— Então a Lilly sabe que você está aqui?

Ele assentiu novamente.

— Podemos confiar nela? — Alaina sussurrou.

Ian rolou para ela em um cotovelo, arqueando uma sobrancelha, estudando os olhos dela.

— Imagino que posso confiar melhor em Lilly do que em você. Você não consideraria isso uma afirmação verdadeira?

— Eu não sei o que você quer dizer —, Alaina murmurou, olhos baixos. Ela se afastou dele, ressentida, apesar do fato de que ela era tão culpada quanto parecia em seus olhos. — Estou gritando? — Ela exigiu. — Eu estou tentando ter você apreendido e preso?

— Não. Mas então, Deus sabe, talvez você esteja esperando para ver se o Pantera pode lhe dar alguma informação — ele sugeriu friamente.

Ela estava extremamente desconfortável. Negação nervosa imediatamente saltou para seus lábios.

— Ian, eu não sei o que você ouviu, e — Ela parou, em seguida, acrescentou suavemente, — Eu não sei onde você esteve, ou com quem. Mas se Risa lhe disse alguma coisa…

— Risa —, disse ele sem rodeios, — não me disse nada, além de que ela pensou que você deveria sair o mais rápido possível, que era simplesmente uma cidade perigosa para os sulistas.

Seu olhar duro e firme não revelava nada de suas próprias emoções, ou seu relacionamento com Risa desde a partida de Alaina. Ela ansiava por perguntar a ele, mas havia muito tempo entre eles, ou talvez ela estivesse com medo de saber.

— Então você a viu.

— Claro que eu a vi.

— Ian, se você acabou de entender…

— Você sabe, Alaina, eu não quero entender; eu nem me importo mais.

Ela engasgou quando se viu puxada para baixo dele novamente, e o mundo e a guerra foram embora. Seu amor era apaixonado e sua febre beirava a violência, mas tinha sido tanto tempo, tanto tempo, que ela não podia se importar, ela só podia tremer em retorno, encontrando e combinando seu ardor mais uma vez. Ela quase se esquecera de como poderia ser maravilhoso em seus braços, como era inacreditavelmente delicado, fazer amor com uma paixão tão exigente.

No entanto, desta vez, em poucos minutos depois que ela ficou gasta contra ele, ele se levantou, pegando sua roupa.

— Você está indo embora? — Ela murmurou.

— Você sugere que eu fique e anuncie a minha presença para as pessoas boas de St. Augustine? — Ele perguntou.

Ela se sentou devagar, puxando os lençóis sobre ela quando de repente ficou gelada e balançou a cabeça.

— Não, claro que não. Eu só…

— Ah. Você estava apenas esperando para ver se eu tentaria sequestrá-la de volta ao território do Norte na escuridão da noite?

Alaina ficou vermelha.

— Ian, estou ajudando seu irmão, pelo amor de Deus! E…

Ele beijou seus lábios de repente, interrompendo seu discurso.

— Eu acho que St. Augustine é um ótimo lugar para você estar. Você está na Flórida, que é onde você pertence, certo?

— Sim, claro.

Ele ajoelhou-se sobre a cama, as mãos encarcerando o rosto dela, e os olhos dele ficaram repentinamente assustadores.

— Eu não sei o que aconteceu em Washington. Risa se recusa a me dizer, e Rose não fará nada além de admitir orgulhosamente sua própria culpa.

— Não é culpa de…

— Eu não estou discutindo lados. Eu não vou te arrastar para fora daqui. Mas eu quero sua promessa de que você ficará aqui.

— Em St. Augustine?

Ele assentiu gravemente.

Ela sentiu gratidão e alívio agitando em seu coração. Ela amava a Confederação, e amava Ian. E de repente parecia possível amar os dois.

— Eu prometo que vou ficar em St. Augustine. Eu não sonharia em me afastar. Eu…

— E você vai se comportar.

— Eu não sei o que você quer dizer.

— Eu acho que você sabe.

— Ian, por favor… Ian, eu ajudo seu irmão em cirurgia, eu vejo suas tropas, esta noite eu ajudei a entregar um bebê. — Ela ficou de joelhos, as mãos contra a lã azul áspera de sua jaqueta. — Eu vim para a sua família. Eu…

Ele assentiu, e na verdade sorriu, seus dedos se fechando suavemente ao redor da mão dela, onde estava contra seu peito.

— Prometa-me que você se comportará, que terá cuidado, que não arriscará sua vida ou a de nosso filho.

Com os olhos parecendo projetar seu fogo azul em sua alma, ela assentiu. Ela olhou para ele, por sua vez, lágrimas quentes queimando atrás de suas pálpebras com o conhecimento de que ele a deixaria novamente. Seu cabelo caiu pelas costas, seu corpo esmagado contra o dele.

— Ian…

Ele gemeu. Então ele exalou de repente e ela se viu varrida, e embaixo dele mais uma vez.

— Ian, você tem que sair! — Ela protestou.

— Sim —, ele sussurrou contra sua carne.

— Ian, por favor…

— Alaina …

Ela esqueceu que queria que ele fosse embora antes que ele pudesse ser descoberto, antes que ele pudesse ter que tentar escapar na luz da manhã. Ela esqueceu, pois muito rapidamente ela estava envolvida na intoxicante paixão de seu beijo, a sensação de seu calor, a textura da lã criando sensação contra sua carne, a sensação de sua ereção nua solta contra ela…

Ela se agarrou a ele quando acabou, relutante em deixá-lo ir ainda sussurrando:

— Ian, é perigoso para você estar aqui, perigoso para você tentar sair.

— Eu sei o que estou fazendo —, assegurou ele, levantando-se, ajustando suas calças e afivelando sua bainha de volta no lugar.

— Certo. Você é um homem, um McKenzie. Balas vão saltar de você! – ela murmurou miseravelmente.

Ele caminhou de volta para a cama, segurando seu queixo para que ela olhasse nos olhos dele.

— As balas não vão saltar de mim; eu não vou deixá-los me abaterem.

Alaina reprimiu sua irritação. Ele estava tão errado!

— Ian, pense no que você está dizendo. Você está me dizendo para ter cuidado, enquanto você sai para a guerra.

— Eu estou dizendo a você, avisando-a para não se envolver em atividades de espionagem! —, afirmou com raiva plana. — Porque se o fizer, meu amor, pode preferir que o próprio Lincoln a prenda, em vez de eu vir em cima de você. E sim, fui a West Point, Alaina, sou oficial do exército e não tenho outra escolha senão ir à guerra. E sinto muito por isso; Deus sabe, sinto muito por isso! — ele acrescentou ferozmente.

— Oh, Ian —, ela disse miseravelmente.

Ele veio até ela uma última vez, segurando-a, dando um beijo no topo de sua cabeça.

— Comporte-se —, ele disse suavemente.

Ela abaixou a cabeça. Ela sabia que não poderia prometer a ele que se comportaria. Se houvesse algo que ela pudesse fazer para salvar vidas confederadas, ela teria que fazer isso.

— Se você pudesse entrar na cidade e vir para mim todas as noites…

— Eu sou bom —, disse ele com um certo divertimento seco, — mas nem mesmo eu posso ir com tanta frequência, minha senhora.

Ela se afastou dele.

— Não, eu não quero que você venha. Eu não quero que você esteja em perigo. Ian, você deve ficar longe.

Ele sorriu.

— E você deve ficar aqui —, ele lembrou, puxando-a de volta contra ele. Ele beijou seus lábios, em seguida, soltou-a e caminhou até o berço de Sean.

Ele observou seu filho dormindo enquanto segundos passavam. Então ele se virou. Ele pegou seu chapéu de plumas de onde estava em sua mesa de cabeceira, varreu-o para baixo em uma profunda reverência e partiu para a escuridão da madrugada.

******

Dias sombrios se abateram sobre a Confederação em fevereiro de 1862. Eles encontraram uma desastrosa derrota em Forts Donelson e Henry no Tennessee, e o Secretário de Guerra ordenou ao General Robert E. Lee que retirasse todas as forças que defendiam a Flórida e reportasse a Albert Sidney Johnston no Tennessee. A costa leste deveria ser abandonada, deixada inteiramente por suas próprias defesas.

Julian preparou-se para sair de St. Augustine junto com o resto dos militares. Alaina estava dividida, certa de que Ian sabia muito bem que a Confederação iria praticamente violar a costa leste da Flórida quando ele a fizera prometer ficar. Assistindo Julian arrumar seus suprimentos médicos, ela se perguntou se ela não deveria acompanhá-lo de qualquer maneira; as circunstâncias haviam mudado.

Peter O'Neill veio vê-la antes de sair com sua empresa.

— É deplorável, o que aconteceu aqui! Mas não se desespere, Alaina, haverá soldados rebeldes por perto, do outro lado do rio.

— Eu sei, Peter.

— Você não se tornou uma traidora também, Alaina? — Ele perguntou a ela.

— Meu coração está com a Confederação, você sabe disso.

Ele sorriu para ela.

— Você é simplesmente um anjo rebelde, Alaina. Eu sei que nos encontraremos novamente. Eu estarei com os lutadores ainda no estado, não se preocupe. E…

— E o quê?

Ele hesitou, depois tirou o chapéu.

— Sinto muito, mas vou matar seu marido. Eu vou caçá-lo em sua toca e matá-lo. A Pantera vai morrer antes que esta guerra termine.

Ela deu um passo atrás dele, chocada. Ele rapidamente tentou corrigir suas palavras.

— Alaina, me desculpe. Isso é a guerra, e ele é o inimigo, e eu quero que você saiba, eu estarei lá por você. Eu estarei lá.

— Não diga isso para mim, Peter.

— Você vai ver… Temo que um dia você vai precisar de mim —, ele disse a ela.

Ele apertou a boca severamente, montou em seu cavalo e partiu.

******

Alaina debateu o que fazer até o último minuto. Mas, mesmo assim, o Dr. Percy foi vê-la na casa de hóspedes. Ele parecia muito velho, triste e cansado.

— Um médico, um cirurgião nesta guerra, deve ter ferramentas para trabalhar! Morfina, quinina e clorofórmio, adstringentes, estimulantes e escaróticos como ácido nítrico para queimar tecidos ruins, e formam cicatrizes! Nós devemos manter nossos homens vivos; devemos nos manter a par dos movimentos do exército da União.

Ela olhou para ele com determinação. Percy sabia muito bem que ele poderia persuadi-la, convencendo-a de que ela poderia salvar vidas.

— Percy, não tenho certeza se devo abandonar St. Augustine.

— Ah, minha querida! Você não pode abandonar St. Augustine. Eu vou assumir a prática de Julian nesta casa. Você deve ficar aqui e me ajudar. Haverá uma força frágil de voluntários do outro lado do rio St. Johns. Ambos estamos bem familiarizados com uma certa cifra. Se pudermos apenas mantê-los informados, o que devemos administrar facilmente o suficiente para fazer sob o disfarce de necessidade médica, podemos continuar a servir a Confederação.

Alaina hesitou, lembranças de Ian ainda muito fortes em seu coração.

E memórias das palavras de Peter para ela. A guerra precisava acabar. E se ela pudesse fazer qualquer coisa que pudesse acelerar o Sul para a vitória…

Ou derrota?

Ela era boa em espionagem, ela sabia. E ela conhecia seu estado e os rios e o terreno. Assim como Ian conhecia.

Mas Ian se recusou a ver a dualidade de sua posição. Ele acreditava na causa da União, e ele teve que lutar por isso. Ela acreditava tão apaixonadamente na Confederação. Ele evitaria balas; ela faria o mesmo.

E ele nunca saberia nada sobre suas atividades.

Ele era conhecido como o Pantera, mas poucas pessoas conheciam a identidade do mocassim.

Sim, ela ficaria em St. Augustine. Assim como havia dito para fazer.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Na verdade, a União não se apressou em ocupar a Flórida, embora tenha sido apontada com frequência suficiente para que o Estado não fosse muito defendido, porque era de pouca importância estratégica. A prioridade na costa do Atlântico Sul era Charleston.

Mas na primavera de 1862, o general da União George McClellan decidiu que St. Augustine poderia também ser tomado.

O primeiro navio de reconhecimento chegou a enseada de St. Augustine em 8 de março, deixando boias no canal para os navios que seguiriam atrás. Quatro dias depois, o comandante da união Rogers deixou o Wabash, carro-chefe do oficial de bandeira Samuel Du Pont, em um pequeno barco que usava uma bandeira branca.

Abandonada, deixada completamente indefesa, St. Augustine se rendeu às forças federais sem um gemido. Talvez a rendição tenha sido facilitada pelo fato de a cidade ter ficado de joelhos em problemas financeiros. Sem turistas do Norte para encher os hotéis e manter os comerciantes no negócio, tornou-se quase impossível para os cidadãos pagar seus impostos. O governo da cidade quase parou e a comida se tornou tão escassa quanto os suprimentos médicos.

Alaina pegou a carruagem com Lilly e Sean, mantendo distância enquanto o prefeito Cristobal Bravo encontrava o comandante Rogers no paredão. Rogers parecia bastante digno e assegurou ao prefeito e seu conselho e aos unionistas que se reuniram ali que ele estava ansioso por restaurar St. Augustine para o feliz estado de coisas de que desfrutara antes da rebelião do sul.

Assistindo ao evento, Alaina sentiu seu coração afundar, porque ela podia lembrar como Ian tinha dito a ela o tempo todo que o Sul não poderia ganhar a guerra. Em St. Augustine naquela manhã, parecia verdade, por todas as razões que Ian havia declarado. A União poderia apertar um nó no sul. Matar o povo à fome. A União tinha farmácias e podia produzir drogas que salvam vidas, assim como a União tinha os arsenais e a capacidade de fabricar armas. St. Augustine ficou seriamente enfraquecido muito antes de se render ao Comandante Rogers.

Ficou contente, no entanto, ao perceber que, embora os homens da cidade houvessem cedido em silêncio, várias mulheres haviam cortado o mastro da separação para que a bandeira do sindicato não voasse. E uma das senhoras, Hannah Jenckes, chamou os homens que cooperaram de boa vontade com a União de "um bando de vovós".

Não importava. Dentro de alguns dias, a União se estabeleceu em St. Augustine.

E mesmo quando, alguns dias depois, as tropas federais saíram de Jacksonville, elas permaneceram em St. Augustine.

A União aparentemente veio para ficar.

******

Os homens do pantera remavam silenciosamente pela noite, indo em direção a uma terra firme contra um trecho de praia a uns oitenta quilômetros ao sul de St. Augustine.

Sam Jones, na frente do bote de Ian, balançou a cabeça.

— Não vejo como você vai fazer isso, Major. Não pode ver uma coisa maldita nesta escuridão!

— Você verá. Quando as nuvens se levantam, temos uma lua cheia, — Ian disse a Sam. — Eles vão transportar materiais pesados, e deve haver uma trilha através do pincel e folhagem tão clara quanto uma linha de tinta.

A lua mudou obedientemente para a vontade de Ian.

— Lá! — Ele exclamou triunfante.

Sam olhou para ele, como se Ian pudesse ter um pouco de feiticeiro nele.

O bote encalhado, Ian levantou a mão, indicando que seus homens deveriam desembarcar em terra baixa. Os homens se moveram rapidamente para esconder seus barcos. Ele liderou o caminho, movendo-se rapidamente pela areia em direção ao remendo de uvas do mar e arbustos baixos que se alinhavam à beira-mar. Com tal folhagem, não haveria maneira de mover qualquer número de homens e materiais sem deixar uma trilha achatada.

Ian tinha visto da água.

— Eu vou ser amaldiçoado, eu vou ser amaldiçoado —, disse Sam.

— Gostaria que tivéssemos os cavalos, major —, Simon Teasdale reclamou com um suspiro. — Um cavaleiro caminhando pelas praias. Senhor, eu pergunto a você, para que essa guerra está chegando?

Os homens riram.

— Quieto, homens —, Ian advertiu. — Há uma possibilidade muito pequena de nos encontrarmos com outras tropas da União aqui. Eles têm dito que as pessoas a leste do rio St. Johns são simpáticas à União agora, mas ainda há uma boa chance de encontrarmos uma companhia de rebeldes, então fiquem quietos.

— Sim, senhor! — Ele ouviu na noite.

— Qualquer que seja o lado em que nos encontrarmos, espero que eles tenham alguns cavalos —, Simon resmungou.

Mais uma vez, eles se deslocaram em silêncio.

Eles estavam atrás das mercadorias tiradas do Stalward, um navio da União preso pelos invasores rebeldes a apenas três dias atrás. O Stalward fora afundado; sua carga de munição, a caminho de Key West, fora tomada. Eles ouviram sobre o destino do navio através de seus marinheiros que foram detonados em botes pelo capitão do barco rebelde que os atacou. Aparentemente, o capitão havia admitido saber sobre os planos de Stalward, que havia ancorado em St. Augustine antes de iniciar sua jornada malfadada para o sul. Os relatórios de inteligência apontaram um espião rebelde que de alguma forma estava enviando informações aos voluntários da Confederação no interior do estado, o lado leste do St. Johns, e depois para os corredores de bloqueio. Três navios foram perdidos desde que a União tomou St. Augustine. O espião foi chamado de mocassim; Ian vira panfletos publicados em cidades e bases da União. Havia uma recompensa para o mocassim, morto ou vivo.

Ian e seus homens já estavam a bordo, indo para o Norte em busca de uma consulta com o general Brighton, quando a notícia da morte de Stalward chegou até eles. Um grande esconderijo de armas havia sido tomado, e eles estavam perto o suficiente para tentar fazer algo sobre isso. Pode haver pouca oportunidade de trazer as armas de volta, dependendo do tamanho das forças rebeldes com as quais eles enfrentaram, mas se eles não pudessem recuperar os braços, eles poderiam ao menos vê-los destruídos.

Eles seguiram a trilha durante a noite, nenhum homem reclamando dos insetos, da folhagem afiada ao longo da trilha, do pântano em que viajaram

em determinado momento. Perto do amanhecer, ele parou por duas horas, permitindo que sua tripulação dormisse uma hora, revezando-se no serviço de guarda.

Ian não dormiu, no entanto. Eles estavam tão perto de St. Augustine, ele sentiu que quase podia cheirar o perfume de Alaina, sentir sua carne, saboreá-la…

Ele estava deitado na escuridão, os olhos abertos, olhando para os céus e sentindo como se bestas roessem seu coração. Isso era a guerra e ele teve sua parte nisso. Mas Deus sabia, havia momentos em que ele não queria nada mais do que esquecer o conflito, às vezes ele rezava para que algum dia, em algum lugar, ele tivesse um lar e família pacíficos novamente. A única noite em que ele entrou em St. Augustine pareceu pouco para sobreviver até agora. No entanto, ele a segurou, e naquele tempo, se ele tinha sido um tolo ou não, ele acreditou no que havia entre eles, em que um vínculo estranho tinha sido forjado pelo tempo e paixão. Ele acreditava que ela o amava.

Mesmo que ele estivesse igualmente certo de que ela tinha sido culpada de algum tipo de espionagem em Washington. E mesmo se…

Mesmo se ele tivesse a sensação de que ela poderia estar envolvida nisso ainda. O mocassim. O nome assombrou-o. Ele estava com medo. Ansioso por voltar a St. Augustine, e assegurar-se de que todos os relatos que ouvira eram verdadeiros: Sua esposa permanecera na cidade. Ela não aceitava ligações sociais dos oficiais da União, mas ela permanecera na casa que seu irmão havia alugado, trabalhando com o Dr. Percy, e nenhum deles jamais havia recusado atendimento médico aos soldados da União de ocupação.

Ainda…

Ian conhecia o Dr. Percy. Ele tinha sido um médico militar em Washington nos dias antes da guerra, antes de sua demissão, e ele acreditava que todo homem devia sua vida ao seu país.

Seu país era agora a Confederação.

E Alaina estava trabalhando com ele, o que poderia significar que…

Ele não se atreveu a ficar à beira da suspeita e do medo que tão recentemente veio para assombrá-lo.

— Major!

Ele se ergueu, olhando para Sam, que havia se aproximado dele.

— Major, Billy acabou de ouvir um pouco de barulho… acho que temos nosso esconderijo de armas.

— Pegue os homens, — Ian ordenou.

Em poucos segundos, sua companhia de oito pessoas estava acordada e em formação, movendo-se silenciosamente através do mato. Billy liderou o caminho, apontando as carroças em um bosque bem à frente. Eles se espalharam pelo mato, observando, esperando. Mas parecia que havia uma sentinela solitária, vigiando as carroças, andando de um lado para o outro, como se estivesse ansiosa para saber por que ele ficou sozinho por tanto tempo.

— Nós o pegamos? — Sam perguntou.

Ian sacudiu a cabeça.

— Nós o queremos vivo. Traga-me Reggie.

Reggie era seu melhor atirador de elite, tão preciso com seu objetivo que os homens disseram que ele poderia tirar o olho de um mosquito a 30 metros de altura.

— Faça-o largar sua arma; eu não estou trocando a vida dele pela sua, mas nós temos que conversar com ele, descobrir por que ele está escondido aqui, e quantos outros rebeldes estão por perto.

Reggie assentiu, abaixou-se e mirou. Ele bateu no companheiro de maneira limpa no braço. O homem uivou, largou o rifle, segurou o braço e olhou ao redor descontroladamente. Ian entrou, seu Colt apontou para o coração do homem.

Homem, ele era pouco mais que um menino. Ian sentiu um repentino incômodo que seu amado estado tinha sido tão devastado pela guerra que agora as crianças estavam lutando. Graças a Deus ele não teve que matar jovens.

O menino, alto e magro, mas não mais do que doze anos, olhou para ele com os olhos arregalados.

— O que um menino está fazendo com um depósito de armas? — Ian perguntou a ele.

— Eu não sou um garoto. Eu sou soldado Elisha Nemes, Voluntário da Flórida! —, O jovem anunciou com orgulho. Ele tinha olhos castanhos, sardas e usava um chapéu esfarrapado e um enorme sobretudo marrom. Ele ergueu o queixo, mas ele parecia assustado.

— Soldado Nemes, você deve ser um bom soldado para ser confiável assim —, disse Ian, observando o menino tremer, — mas você foi capturado agora, por…

— McKenzie —, o menino cuspiu. — Você é o Pantera.

Ian assentiu.

— Eu preciso saber onde o resto do seu grupo está, soldado.

Os olhos do garoto percorreram nervosamente a trilha em direção ao norte.

— Eu não vou dizer a você. Eu não estou dizendo nada —, disse ele com firmeza. — Eu vou perder meu braço? — Ele perguntou, o rosto se contorcendo.

Ian olhou para Reggie. Reggie deu de ombros e caminhou até o menino.

— Major, como você pode duvidar de mim? — Reggie perguntou, sorrindo. — Eu dei a ele uma ferida na carne, não mais. Você só cuida dessa ferida e ficará bem, meu jovem.

— Sim —, disse Sam suavemente. — Ele vai viver para levantar um rifle novamente e talvez morra na próxima vez que for abatido.

— Onde está o seu grupo? — Ian insistiu.

O garoto olhou para ele, tremendo, conflito em seus olhos. Então ele pareceu tomar uma decisão; não que ele gostasse de Ian, mas Ian poderia ser melhor do que algum outro mal que o ameaçava agora.

— Eles foram para o norte, além —, disse ele.

— Quantos?

— Apenas três. Eles foram… — ele hesitou, então cuspiu. — Eles foram para atrair alguns Yankes longe das armas. Animal Yankes, Besta Yankes! Companheiros caminharam até a próxima trilha de nós, dizendo como todos os rebeldes deveriam ser enforcados, todos eles. Eles acham que fomos os que mataram alguns Yankes de St. Augustine na semana passada; eles acham que somos um grupo inteiro de espiões.

— Há espiões em seu grupo, soldado? — Ian perguntou, sua boca repentinamente muito seca.

O menino baixou a cabeça.

— Patriotas, senhor! — Ele disse, levantando a cabeça novamente. — Apenas patriotas.

— Simon, Billy, Gerald, pequem as armas — disse Ian — e levem elas e o garoto de volta para os barcos.

— Eu estou indo para um campo de prisioneiros de guerra? —, perguntou o menino.

— Você está indo para St. Augustine —, Ian disse a ele.

— Está nas mãos da União.

— A partir daí alguém vai encontrar sua mãe.

Em todo o tempo que estiveram com Elisha Nemes, ele não parecia tão assustado. Ian sorriu. Uma vez que sua mãe colocar as mãos sobre ele, Elisha Nemes provavelmente estava a salvo da guerra pelos próximos anos, no mínimo.

Ele se virou para o resto de seus homens.

— Vamos descobrir o que diabos está acontecendo aqui.

Seus homens caíram atrás dele e começaram a se dirigir para o norte, como Elisha Nemes havia indicado.

Eles se moviam rapidamente e, em meia hora, começaram a ouvir os homens à frente.

— Rebelde sanguinário! Corte ele, Capitão, corte ele. Inferno, vamos enforcar e enterrar o bastardo de qualquer maneira. Quem diabos vai saber a diferença? Esta é a vontade de Deus.

Ian olhou para Sam e os outros. Eles puxaram suas armas, prontos para deslizar silenciosamente em sua formação de entusiasta ao redor do bosque à frente.

Ian se abaixou contra o mato e avançou para ficar atrás de um pinheiro grosso. Ele se inclinou contra a árvore, contando rapidamente os soldados da União no grupo. Dez deles. Eles estavam a cavalo, mas agora três dos cavalos estavam alinhados sob o enorme galho de um velho carvalho, e havia três prisioneiros rebeldes sentados em cima dos cavalos, mãos amarradas atrás das costas, cordões no pescoço. Os federais estavam tão ocupados incitando seu líder a atormentar seus prisioneiros que eles estavam alheios aos homens que os rodeavam.

— A vontade de Deus? — Ian murmurou. Porque os homens da União estavam se comportando de maneira desprezível.

Ele acenou para Sam, em seguida, saiu da árvore, seu Colt apontou para o sargento, um homem de meia-idade com cabelos grisalhos e uma barriga pesada.

— Sargento! O que em nome de Deus está acontecendo aqui?

A companhia do capitão virou-se, todos pegando suas armas, depois hesitando ao vê-lo e o resto de seus homens saindo do mato.

— É Yankee! —, alguém chamou com alívio.

Ian se aproximou do sargento.

— Eu estou no comando aqui, Major! — O sargento gritou, soando agravado e ferido.

Um de seus alistados se adiantou.

— Esses rebeldes assassinaram um bando de nossos companheiros na semana passada. Ora, os garotos foram convidados a dançar na fazenda Framington e foram abatidos a sangue frio no caminho de volta, e esses são os bastardos rebeldes que fizeram isso.

— Como você sabe disso? — Ian exigiu.

— Porque o sujeito no terceiro cavalo admitiu isto.

Ian deu a volta. Dois dos prisioneiros estavam de cabeça baixa. O terceiro, um homem de cerca de trinta anos com um rosto magro e digno, devolveu o olhar de Ian.

— Isso é verdade? — Ian perguntou ao homem.

O homem suspirou.

— Major, eu não sou um assassino, e nunca atirei a sangue frio. Somos rebeldes, senhor, e isso é um fato, e nos envolvemos bastante com esses garotos quando eles saíram da casa de Framington. Eles foram mortos.

Ian assentiu, voltando-se para o sargento.

— Desamarre-os.

O sargento ficou rígido.

— Você não vai apenas deixá-los ir.

— Não, senhor, vamos trazê-los como prisioneiros de guerra.

— Major, você não entende o que está acontecendo aqui. Nós os consideramos justos e honestos, assim como eles levaram nossos companheiros.

— Nós somos soldados, não a lei! — Ian cuspiu de volta.

— Droga, Major…

— Isso é malditamente certo, eu sou Major McKenzie, e eu estou dando a você uma ordem direta.

— Major —, protestou o sargento, — o magricela lá no final, o rapaz de aparência bonita e feminina, é um espião e nós sabemos disso! O cabo Ader ali é o único sobrevivente da dança, e ele viu o sujeito escapulindo da festa logo antes de nossos rapazes serem emboscados. Estamos autorizados a enforcar espiões, senhor. Na verdade, eu tenho ordens diretas para fazer isso! Eu vou te mostrar, senhor! — Ele caminhou em direção a Ian, tirando um papel desgastado do bolso do casaco. Ian aceitou as ordens e viu que haviam sido escritas por um Coronel Hirshhorn. Houve uma declaração dentro das ordens dizendo: — A captura de todos os espiões engajados em ação direta contra qualquer membro das Forças Armadas dos Estados Unidos pode ser punível como julgado pelo oficial no comando, não para excluir uma pena de morte imediata para aqueles cujas ações envolveu diretamente a morte de militares dos EUA.

Ian sacudiu a cabeça, entregando o papel de volta.

— Sargento, eu sou agora o oficial encarregado aqui, e não haverá enforcamento feito por uma maldita multidão de soldados desordeiros. Agora eu estou te dizendo uma última vez para baixar esses homens!

— Sim, senhor — disse o sargento, cumprimentando rigidamente.

Mas então uma arma subitamente foi descarregada.

Ian virou-se para descobrir quem desobedecera de forma tão imprudente a sua ordem, mas não conseguiu ver nada porque os assustados cavalos sob o carvalho se ergueram e dispararam.

Os prisioneiros rebeldes começaram a balançar…

— Desamarre-os! — rugiu Ian, com tanta fúria que até os homens do sargento correram para obedecer, subindo correndo o carvalho para cortar as cordas. Reggie, com Ian, mirou e disparou pela corda mais distante, e o sujeito magro caiu frouxamente na terra. Um segundo depois, todos os

homens estavam em baixo. Ian primeiro se aproximou do homem com quem falara, mas não havia como salvá-lo; o pescoço dele estava completamente quebrado. O próximo sujeito estava igualmente morto.

O terceiro, derrubado tão rapidamente pelo tiro certeiro de Reggie, pode ter uma chance.

Ian se agachou por aquele rebelde, cujo rosto estava agora no chão. Ele franziu a testa quando viu cabelos grisalhos e negros, inquietação se agitando em suas entranhas antes mesmo que ele virasse o sujeito.

O rebelde usava um enorme chapéu desleixado e um casaco largo. Agora o chapéu foi embora. E o rosto do rebelde estava totalmente visível.

Com seu cabelo grosseiramente cortado, Jennifer poderia ser levada como um menino muito bonito.

Ian quase gritou em voz alta. Morto ou vivo, ele não podia permitir que Jennifer fosse tomada por alguém além de si mesmo. Ele pensou brevemente que preferia morrer no ato do que deixar seu tio saber que sua filha havia sido enforcada pelas forças da União como espiã.

E que ela estava morta…

Com uma força furiosa, ele arrancou a corda de seu pescoço e se levantou, caminhando, falou por cima do ombro.

— Enterre os dois! —, ele ordenou duramente. — E sargento! Não pense que isso não será declarado por Deus. Eu vou direto para Lincoln!

— Eles mataram bons soldados da União! —, protestou o sargento em resposta. — Eles mataram nossos garotos! Porra, senhor, você é um desses Johnny Rebelde no coração. Ora, todo mundo no inferno sabe que seus parentes estão nos matando, major.

Ian se virou, olhando para o homem. Ele ficou em silêncio. Ele ficou vermelho de sangue.

— Alguém deveria atirar nele e tirá-lo de sua miséria! — Sam disse audivelmente, olhando para o sargento.

— Sim, alguém deveria —, Reggie disse suavemente.

— Arrume o enterro! —, ordenou ao sargento com voz rouca.

Ian se virou. Carregando Jennifer, ele caminhou rapidamente pela trilha.

Longe dos outros, ele a colocou em seus braços, buscando um pulso, algum sinal de vida, enquanto se movia.

Seus olhos se abriram. Líquido e deslumbrante contra os belos contornos de seu rosto, bonitos apesar de seus cabelos esfarrapados e pele enlameada.

— Ian! — Ela murmurou. Ela não tinha voz.

Ela quase sorriu. Ela tentou tocá-lo.

Mas então…

Seus olhos se fecharam.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Alaina tinha esperado continuamente Ian chegar.

Ele não o fez.

À medida que as semanas passavam, ela encontrou-se cada vez mais nervosa. Ele tinha chegado quando a cidade era Confederada; agora era União, e ele não tinha feito uma aparição, nem tinha escrito para ela.

A primavera de 1862 trouxe várias derrotas amargas para as tropas confederadas, um dos piores foi a perda de New Orleans. Alaina tinha descoberto através de capitão Willoughby, um gentil cavalheiro idoso, quisto por até mesmo os rebeldes mais amargos de St. Augustine, que seu marido tinha provavelmente sido envolvido pela União. A União tinha feito uso de um plano de cobertura em que parecia que o ataque principal seria contra Pensacola ou Mobile. O exército em conjunto com as forças da marinha, tinham tomado a cidade do sul e capitão Willoughby disse à Alaina que ela deveria estar muito orgulhosa; a inteligência de seu marido frequentemente mantinha a União bem a par dos movimentos de tropas confederadas.

Alaina voltou de uma cirurgia um dia para descobrir que ela tinha um convidado. Andando exaustivamente em direção a pequena casa de hóspedes, ela ficou surpresa ao ouvir vozes, Lilly era uma delas e uma outra voz suave, feminina e Sean, gritando com o riso.

Franzindo a testa, ela correu para a porta e abriu-a.

— Risa! —, exclamou ela.

Risa, que estava no chão lutando com Sean, ficou de pé, sorrindo.

— Olá.

Alaina a olhou fixamente. Sean gritou um feliz "*Mãe*" e veio correndo para a frente em suas pernas curtas, mas resistentes, atirando-se para ela. Ela pegou e beijou sua bochecha, em seguida, deslizou para baixo e atirou-se contra a saia de Risa novamente.

— Alaina, está tudo bem? — Risa perguntou, uma vez Alaina continuou a olhar para ela sem expressão.

— Eu-eu…

Uma dúzia de pensamentos correu por sua cabeça. Ela gostava de Risa, realmente gostava dela, respeitava-a por sua franqueza, honestidade, coragem e lealdade para com suas próprias crenças. Ela também foi grata a Risa, e certo que as intenções de Risa tinha sido realmente o melhor quando ela tinha ajudado Alaina a fugir de Washington.

Mas se Risa tinha chegado a St. Augustine…

Ela teria que ter mais cuidado do que nunca. Não era bom. Ela já era uma pilha de nervos, preocupada que ela iria embora da cidade quando Ian decidisse fazer uma aparição. Mas agora, toda vez que ela fizesse um movimento, ela teria que se preocupar com a Risa também.

No entanto, o sorriso de Risa quando ela enfrentou Alaina era genuíno, assim como sua afeição por Sean foi sincera. Ela estava com sua bela saia, olhos água-marinha, seu selvagem cabelo escuro depois de seu jogo com Sean.

— Estou bem! Tão… tão surpresa! —, Alaina disse finalmente, e ela sorriu e correu para frente, abraçando Risa com calor.

Quando ela se afastou, no entanto, ela pensou uma estranha luz tocou os olhos de Risa apenas brevemente. E isso a incomodava por um momento quando ela se perguntou se Ian a tinha enviado.

— Quando você veio? Como você chegou aqui? E… por que você veio?

Risa encolheu, tentando alisar os cabelos.

— Meu pai foi embora com o exército do Potomac tanto que para mim, estar em casa tornou-se ridículo. Gostaria de andar por aí, não esperar e juntar-me a círculos de costura —, acrescentou, fazendo uma careta estranha que fez Alaina rir.

— Você não gosta de costura?

Risa deu de ombros.

— Eu me senti… impotente. Um amigo do meu pai é um oficial de bandeira, e seu navio estava vindo para cá e aqui estou eu.

— Ah!

— Eu peguei uma casinha a apenas uma quadra da água.

— Isso é… maravilhoso —, Alaina respirava. Graças a Deus! No início, ela tinha pensado que Risa tinha vindo para ficar com ela. Viver com ela, ver

e ouvir muito mais do que deveria… — Vai ser muito divertido ter companhia, — ela mentiu. Ela sorriu, observando Risa. — Mas é muito estranho vê-la aqui.

— Não é, mesmo?

— Você já viu Ian? —, Perguntou Alaina.

— Em sua última viagem a Washington. Você o viu?

— Uma vez, — Alaina admitiu. — Mas ele não ficou aqui muito tempo.

— Acredito que ele estava envolvido nas operações em torno de Nova Orleans.

— Assim que eu ouvi.

— E você? — Risa perguntou-lhe incisivamente.

— Eu… eu trabalho com Dr. Percy —, disse ela. — Deixe-me ver se a alguma ceia e vamos conversar. Você pode me dizer tudo sobre Washington. Tenho medo de que St. Augustine será lenta e mundano em comparação.

— Ah, mas é uma mudança de cenário! — Risa assegurou. — E eu tenho feito alguma enfermagem. Talvez eu fosse de alguma ajuda para você e Dr. Percy.

— Bem, vai ser maravilhoso tê-la conosco —, Alaina disse suavemente.

Em outras circunstâncias, teria sido maravilhoso.

Os soldados e as pessoas estavam apaixonados por Risa. Ela movia-se com graça tranquila, o farfalhar de suas saias e o cheiro suave e sutil de seu perfume alcançando os homens quando ela chegou. Ela era um anjo de misericórdia, mais hábil em administrar clorofórmio do que o próprio Dr. Percy, e tão charmosa e inteligente que fez os homens rirem até o ponto em que desmaiaram. Risa não empalidecia com sangue, nem se horrorizava quando o Dr. Percy precisava de ajuda com um instrumento. Alaina ficou surpresa ao perceber que ela ganhou força a partir de Risa, mesmo que fosse apenas uma irritação que Risa provasse ser tão perfeita. Risa nunca se afastou de qualquer tarefa médica, não importa o quão humilde ou desagradável pudesse ser.

Risa já estava há uma semana, quando Dr. Percy veio para a casa de hóspedes tarde da noite. Ele tinha uma carta cifrada para Alaina para trazer para a companhia de homens acampados no lado oposto do rio, perto da plantação de Englewood. Não haveria nenhuma dificuldade realmente em

deixar a cidade; ela e Dr. Percy foram frequentemente visitados pelos ianques no comando, e com a ajuda que tinham dado aos soldados da União eram apreciados. Eles receberam passes para atravessar as linhas da União sempre que necessário.

Dr. Percy não estaria saindo com ela, desde que ela foi incisiva em ficar com a Sra Englewood, que estava esperando um filho em qualquer dia. Os serviços do Dr. Percy ainda poderiam ser necessários na cidade, e Alaina já havia ajudado no parto muitas vezes. As mulheres eram as melhores para lidar com as questões das mulheres, especialmente quando os médicos não podiam ser poupados.

— Este é o dever de correio simples, Alaina. Mas na próxima semana, o mocassim deve atacar de novo.

— Quando? Como? Navios da União guardam o porto.

— Eu vou trazê-lo para o sul. Temos homens prontos para trazê-lo para um navio escondido em uma entrada. É outra viagem para a Bahamas e costas. Você vai ser levada a Biscayne Bay e definir uma terra perto de sua própria casa; você vai carregar alguma ajuda financeira de amigos britânicos e suprimentos de clorofórmio e éter.

— Dr. Percy, e se meu marido chegar a St. Augustine e eu me for?

— Isso é fácil. Pretendo dizer que você teve a oportunidade de ir para casa ver a família de seu marido. Esta é a mesma história que eu vou dizer a sua amiga Risa. Mulher bonita, não é? Orgulhosa, forte, competente, tipo… Linda!

Alaina sorriu.

— Simplesmente adorável.

— Graças a Deus por ela! Ela só se prova ser tão enervantemente útil quando você estiver ausente!

Alaina concordou ironicamente novamente, olhando para Dr. Percy e perguntando se Ian não se sentia exatamente da mesma maneira sobre Risa.

— Alaina, essa é uma das coisas mais importantes que a Confederação vai pedir para você fazer. Os britânicos que estão doando seu ouro e medicamentos estão basicamente fazendo isso porque você foi tão apaixonada e convincente quando os encontrou pela última vez. Se eu enviasse mais alguém, os suprimentos poderiam não vir. E mesmo com a União aqui em St. Augustine, você vê quão em falta a cidade está, não apenas em suprimentos médicos, mas em comida! Precisamos

desesperadamente da ajuda externa que podemos obter e precisamos desesperadamente de doações de ouro. Você já viu amputações agora! Você consegue imaginar esse horror para os nossos homens sem anestesia?

— Não, Dr. Percy, eu não posso —, assegurou ela.

Ela seria seu mensageiro uma última vez, ela determinou. Ela ia navegar para a Bahamas. Em seguida, teria que dar ao negócio de ser o mocassim algum pensamento sério.

Alaina partiu muito cedo na manhã seguinte para não precisar explicar sua partida para Risa. Ela estava com medo de que Risa pudesse decidir ir com ela. Ela ainda não sabia se Ian talvez tivesse ido a Washington e pedido a Risa que assistisse às atividades de sua esposa.

Ela saiu sozinha e foi recebida pelo Sr. Englewood do outro lado do rio, que saudou o guarda da União no seu lado do rio. Os ingleses jogavam sua própria marca de caça perigosa, pensou Alaina, fingindo ser unionistas por causa de sua proximidade a St. Augustine, enquanto ofereciam sua plantação como ponto de encontro de muitos oficiais e tropas da União dentro do interior do estado.

Maggie Englewood e seu novo bebê pareciam estar em excelente saúde quando Alaina chegou ao seu agregado familiar. Sr. Englewood parecia completamente despreocupado com o nascimento de seu filho, além de que ele proporcionou uma boa oportunidade para trazer informações através do rio. Alaina permaneceu na casa por cerca de uma hora ainda, quando Englewood de repente levantou-se, foi até a porta, abriu-a e permitiu que seu contato entrasse.

Alaina subiu, inquieta ao ver que Peter O'Neill ficou no foyer dos Englewoods.

Ele sorriu com diversão profunda e prazer. Parecia que ele estava esperando por ela. Englewood os deixou a sós, e Peter se aproximou dela, tomando-lhe as mãos.

— Alaina! Como é triste a guerra, exceto por essa chance de vê-la!

Ela tentou tirar as mãos dele.

— Peter…

— Você tem alguma coisa para mim? —, Ele perguntou gravemente.

Ela desfez seu cabelo, encontrando a cifra que tinha meticulosamente dobradas em seu penteado, um truque aprendido com Rose e sua mensageira Betty. Ela quase saltou quando Peter deu um passo adiante.

— Somente ajudando! —, Ele assegurou-lhe, e usou os dedos ágeis para liberar o papel a partir do comprimento de seu cabelo.

— Obrigado —, ele disse a ela. — Um trabalho bem feito.

Ela assentiu com a cabeça, sentindo-se enjoada. Ela estava, de fato, se sentindo mal com bastante frequência recentemente. A guerra estava tomando seu preço.

— Alaina, você não percebe, a sua contribuição para a Confederação é inestimável.

— Eu tenho que voltar.

— Você realmente não sabe, não é?

— Peter, por favor…

— Alaina —, disse ele apaixonadamente, — um dia você vai perceber, você e eu estamos no mesmo lado nesta guerra.

— Peter, um dia você vai entender que eu sou casada.

— Eu prometo a você —, disse ele, o azul de seus olhos brilhando — quando esta guerra acabar, você será uma viúva.

— Peter, Deus sabe, quando esta guerra acabar, poderíamos estar todos mortos. Mas se você acha que você vai ganhar a minha simpatia, ameaçando matar meu marido, você está redondamente enganado.

Peter olhou para ela, abrindo e fechando os punhos em seus lados.

— Se você não vê que o homem é um traidor vicioso, é você que está terrivelmente enganada! Eu te amo, Alaina, eu sempre tive…

— Peter, você escolheu se casar em outro lugar! —, ela lembrou.

— …e um dia você verá. E se você deve se lamentar pelo maldito traidor McKenzie, então você deve se lamentar, mas nossa inteligência diz que o homem mantém um acampamento no pântano, e se eu não fizer mais nada nesta guerra, eu encontrarei esse acampamento e eu o matarei! — Peter terminou violentamente. Ele olhou para ela por um momento como se ele quisesse estrangulá-la, então ele de repente sorriu. — Você está destinada a

mim, Alaina, e isso vai acontecer um dia —, ele disse simplesmente. E, ainda sorrindo, ele se virou e saiu da casa.

Englewood apareceu no momento em que ele se foi, e Alaina perguntou o que o homem tinha ouvido.

— Há algo para você comer no salão, — ele disse a ela. — Então será melhor estarmos de volta.

Havia biscoitos, presunto e molho à sua espera. Ela não podia comer, mas ela fingiu, velhos hábitos persistem, e apesar de uma dama nunca consumir muita comida nem também comer vorazmente, mas seria maneiras igualmente ruins não desfrutar da hospitalidade de um anfitrião. Peter a tinha perturbado mais do que ela queria admitir. Ela pegou a comida, então estava grata quando o Sr. Englewood disse que era hora de ir.

Enquanto cavalgavam, Alaina ouviu o grito de uma mulher, em seguida, o choro das crianças. Ela olhou para Englewood, que deu de ombros.

— O que está acontecendo? —, perguntou a ele.

Ele cuspiu ao lado de seu cavalo.

— Traidores! —, Ele disse a ela.

Alaina olhou para ele.

— Traidores! —, repetiu ele. — Não é da nossa conta.

Ignorando-o, ela deu uma joelhada seu cavalo e galopou ao longo da trilha ao som dos gritos.

Ela encontrou uma bela casa de fazenda num gramado. Uma companhia de soldados estava em volta da casa, acendendo fogueiras nos quatro cantos da casa. Uma jovem tinha sido arrastada para o gramado; os soldados a provocavam e atormentavam, jogando-a entre eles, embora ela tivesse uma criança pequena, e outras três crianças, talvez com sete, cinco e três anos, olhando, amontoadas e choramingando.

Furiosos e chocados, os soldados rebeldes nunca deveriam se comportar de maneira tão desprezível! Alaina bateu com os calcanhares na montaria e trovejou sobre os homens. Ouvindo o cavalo chegar, eles rapidamente se separaram; a jovem ficou sozinha quando Alaina entrou no círculo, olhando para os homens com os olhos piscando.

— O que em nome de Deus vocês estão fazendo?

— Essas pessoas são traidoras —, um dos soldados declarou, — e o lugar é para ser queimado, é isso que é!

— Vocês têm a prova de que eles são traidores?

— Capitão O'Neill diz que eles são traidores, e isso os torna traidores! — , disse o jovem.

— Nós não somos traidores, somos unionistas, e temos dito o tempo todo. E nem sequer importa mais, meu marido foi morto em ação em New Orleans! — Gritou a mulher.

Alaina desmontou, caminhando entre os soldados.

— Vocês são supostamente soldados da Rebelião, os últimos cavaleiros, e é assim que se comportam?

O grupo deles e os quatro muito jovens homens olhou para ela envergonhado.

Mas então ela sentiu um par de mãos estabelecidos com força em cima de seus ombros. Ela virou a cabeça para encontrar os olhos de Peter.

— Este é o destino de traidores, entenda Alaina —, ele disse a ela. — Olhe a sua volta!

Ela tinha pouca escolha, pois ele girou em torno dela. Quando ele fez isso, a bela casa começou a queimar. A mulher começou a soluçar, afundando até os joelhos com seu bebê apertado ao peito, seus outros três filhos correndo para o lado dela.

Alaina bateu o cotovelo contra as costelas de Peter. Quando ele grunhiu de dor, ela escapou dele, correndo para a frente, puxando a capa de equitação dos ombros e batendo as chamas que começavam a comer a casa. Ela chutou os gravetos em desordem. Um minuto depois, Peter estava em sua volta.

— Seu marido está morto! — Alaina informou-o furiosamente. — Ela tem quatro filhos pequenos! Como eles são inimigos para você? Como eles são perigosos?

Olhando para ela, ele a deixou ir. Ele virou-se para suas tropas.

— Apaguem as chamas! —, Ele ordenou.

Aliviada, Alaina sentiu os joelhos fraquejarem, ela ajoelhou-se na grama. Peter se agachou na frente dela.

— Feliz, Alaina? Porque eu prometo a você, algo mais deve queimar. Levante-se. Vou mandar outra escolta de volta ao rio para você.

Ela se levantou, afastando-se dele.

— Não há inimigo que eu tenha medo de enfrentar se você for meu amigo, Peter – disse ela com raiva. Ela se afastou dele e montou seu cavalo.

A mulher veio correndo para ela, estendendo a mão para seu braço, parando-a.

— Obrigada, obrigada.

— Por favor! — Alaina disse, perto das lágrimas. — Não me agradeça que eles tiveram o bom senso de lembrar a decência! Vá, entre rapidamente, cuide daqueles bebês. — Ela escapou do portão da mulher e deu um passo em direção à trilha. Ela queria chegar ao rio e, pela primeira vez na vida, queria estar em território dos ianques.

Ela estava tão atormentada que andava de forma imprudente e não estava preparada de modo algum quando seu cavalo subitamente se ergueu com uma revanche. Ela despencou para a terra, ilesa, xingando.

— Porque no mundo você fez isso, seu idiota? — Ela gritou para sua montaria, uma baía magra. A égua simplesmente se empinou novamente e desceu a trilha.

Alaina esforçou-se, testando-se para os ossos quebrados. Ela ouviu um cavalo chegando ao longo da trilha atrás dela, e ela ficou tensa, saltando rapidamente a seus pés.

Para sua surpresa, foi Risa montando um belo Roan. Risa parou e arqueou uma sobrancelha.

— Você, a Miss amazona do Sul, foi atirada ao chão?!

Alaina colocou as mãos nos quadris.

— Sim, eu fui jogada. O que você está fazendo aqui?

— Seguindo você —, disse Risa. Sorrindo, ela desmontou.

— Você acabou de passar por linhas da União em território inimigo, tão facilmente?

— Eu tenho um passe de médica —, Risa assegurou a Alaina docemente. — Quer uma carona?

Alaina sacudiu a cabeça.

— Você está me espionando?

— Eu estou tentando ajudar um amigo —, disse Risa. Ela franziu a testa, de repente, como se estivesse ouvindo alguma coisa. — Eu imagino o que…

— Oh, Senhor! — Alaina engasgou, de repente, sabendo por que seu cavalo tinha fugido. Ela havia perturbado um lote de cascavéis de diamante oriental.

— Mova-se! — Alaina gritou, saltando para frente, empurrando Risa fora do caminho. Então, apesar de si mesma, ela gritou.

Risa estava a salvo, mas mesmo com o volume de suas saias, Alaina tinha sido atingida. A dor súbita foi eletrizante, e ela cambaleou de joelhos.

Risa entrou em ação, arrastando Alaina rapidamente do lado da trilha e da serpente ofensiva. Para espanto de Alaina, ela ouviu uma súbita explosão de tiros. Ela percebeu que Risa estava carregando uma arma e que a cobra estava morta.

No centro claro da trilha, Risa se ajoelhou ao lado de Alaina.

— Você é uma tola, sendo mordida por mim! — Risa disse a ela, rasgando a saia por um pedaço de tecido para fazer um torniquete.

Alaina, tremendo, levantou a saia e rasgou as meias, encontrando as marcas feias das presas.

— Precisamos de uma faca. — Ela começou fracamente, mas Risa aparentemente sabia o que estava fazendo. Ela se moveu rapidamente para os alforjes e voltou com uma enorme faca Bowie. — Você vai me salvar, ou cortar minha garganta? — Alaina perguntou.

Surpreendida, Risa olhou brevemente para a faca.

— Você nunca sabe quem ou o que você pode encontrar —, disse ela sem rodeios.

Alaina sorriu, lutando contra a dor, recostando-se. Risa sabia o que estava fazendo. Alaina se preparou quando Risa cortou a ferida, então se inclinou sobre a panturrilha para começar a sugar o sangue envenenado da perna de Alaina, cuspindo-o para o lado. Apesar da eficiência de Risa, Alaina sentiu primeiro como se estivesse em chamas, depois sentiu uma dormência.

— Você não deveria ter feito isso! — Ela ouviu Risa dizer entre os dentes.

— Eu fui mordida antes, duas vezes, — Alaina disse a ela. — Lembre-se, eu venho do verdadeiro pântano selvagem! Eu acho que vou ficar doente, mas você… — Ela estava vagamente ciente de Risa se inclinando sobre ela.

— Eu poderia ter morrido, certo? — Alaina fechou os olhos. E desmaiou.

******

A noite estava sinistramente escura quando o pequeno barco seguiu seu caminho, silenciosamente atravessando a água, encalhando na areia.

Ian imediatamente ouviu o som de um rifle sendo armado, seguido pela demanda:

— Quem é?

Pelo luar sombrio, ele viu onde seu tio estava. Atrás de James, também armado, havia vários trabalhadores antigos de Teddy. Ian hesitou brevemente, seu coração pesado.

— É Ian, tio James.

— Você não é bem-vindo aqui, Ian —, disse James categoricamente, mas mesmo na escuridão, Ian podia ver que seu tio baixou a arma. James não ia derrubá-lo a sangue frio. James viu, no entanto, que Ian não estava sozinho em seu barco. — Você não é bem-vindo, Ian, nem o seu povo.

— Eu tenho Jennifer.

— O quê? — James perguntou duramente.

Ian saiu do barco, segurava carinhosamente sua prima em seus braços enquanto se aproximava de seu pai.

******

Risa conseguiu levar Alaina de volta a St. Augustine e sob os cuidados do Dr. Percy. Ele assegurou-lhe que ela tinha feito um trabalho

excepcionalmente bom, e que ele tinha certeza de que Alaina sairia do calvário bem. Eles teriam apenas uma estrada dura à frente deles.

Levada para a cama em sua casa de hóspedes, Alaina passou cerca de vinte e quatro horas em que Risa, junto com Lilly e o Dr. Percy, lutaram diligentemente contra a febre que a atormentava. Risa cuidou de Alaina, observou o bebê e prestou atenção a todas as instruções do Dr. Percy. Naquela noite, Alaina passou por um período de suor, calafrios e febre novamente.

Ela falou e falou, falou com Ian, para Percy.

— Tudo bem, tudo bem, tudo vai dar certo —, assegurou Risa.

Mas Risa estava com o coração partido. Ela era boa em ouvir, e ela escutou com muito cuidado as divagações de Alaina. E ela se perguntou se alguma coisa ficaria bem.

Ao cair da noite do segundo dia, a febre de Alaina se rompeu completamente. Ela estava fraca como um gatinho no dia seguinte, depois pareceu recuperar-se milagrosamente. Levantando-se, tomando banho e penteando o cabelo, ela parecia especialmente bem e de bom humor. Feliz por estar viva.

— Você me trouxe de volta e ficou sentada comigo por dias. Agora você parece exausta, como o inferno – Alaina disse a Risa com um sorriso. — Obrigada.

Risa olhou para ela.

— Você me afastou para longe da mordida e acabou como a vítima.

Alaina sorriu. — Mas eu sabia que tinha imunidade.

— Ainda era incrivelmente corajoso — disse Risa — e uma coisa muito estranha de se fazer por *mim*!

Alaina encolheu os ombros.

— É a guerra. Encontramos estranhos inimigos e até amigos mais estranhos.

Risa assentiu.

— Ainda assim, eu poderia ter morrido. Obrigada.

— Risa, você está me vigiando por Ian? — Alaina perguntou sem rodeios. Risa deu de ombros.

— Na verdade, Alaina, estou tentando te salvar por mim mesma!

Alaina foi até Risa e a abraçou com força.

— Quaisquer que sejam as razões, você é uma boa amiga.

— Quaisquer que sejam as razões, você também é —, Risa assegurou.

— Vá para casa. Você está exausta.

— Vou.

Alaina abraçou-a mais uma vez.

******

Quando Risa se foi, Percy chegou.

— Você vai ficar bem? —, Ele perguntou a ela preocupado.

— Estou bem.

— Você nos deu um grande susto…, mas parece que você tem imunidade. Você deve navegar. Você pode fazer isso?

— Sim.

—Talvez pudéssemos adiar…

— Não. Eu estou indo agora. Eu estou indo pelos remédios… Só desta vez. Eu não posso ir de novo Dr. Percy.

Percy assentiu.

— Compreendo. Você fez sua parte. — Ele não entendeu. Ela amava sua terra natal, amava o ideal de liberdade e amava a bravura que supostamente era parte dela do sul. Mas ela também tinha visto muito. Ela iria navegar. Mais uma vez.

******

Era hora de ir, e Ian estava com seu tio na praia. Ele sentiu-se tremendo junto com James enquanto seu tio o abraçava. Três de seus homens esperavam no pequeno barco.

— Obrigado, — James disse a ele. — Obrigado.

— O cirurgião do navio a bordo do Regard me assegurou que ela terá poucos efeitos nocivos do enforcamento — disse Ian —, mas ela estava sofrendo de desnutrição e um resfriado sério antes de tudo acontecer, então pode demorar um pouco para se recuperar. Ela não está fora de perigo, e provavelmente levará algum tempo até que ela possa realmente conversar.

James assentiu, com os olhos cheios de dor.

— Teela e eu não vamos sair do lado dela. — Ian assentiu.

— Eu vou tentar não voltar a colocá-lo em uma posição desconfortável —, Ian assegurou-lhe em voz baixa. James se afastou, encarando-o com olhos tão escuros quanto os dele: os olhos de seu avô. Olhos de McKenzie.

— Ian, francamente, eu estive na guerra. Eu odiava soldados de azul e tinha o direito disso. Mas eu não tenho tanta certeza sobre abraçar aqueles homens que mudaram de azul para cinza. Estou cansado. Não vejo meu irmão há mais de um ano e, quaisquer que sejam os lados, ele sempre foi meu irmão e, se esqueci meu próprio sangue, sinto muito, por Deus, Ian…

Ele levantou as mãos.

— Bem, ainda estamos em guerra. Mas… — Ele hesitou por um longo tempo, olhando para Ian, então suspirou suavemente. — Eu entendo que Jen ainda está em perigo, mas você salvou a vida de sua prima, e eu vou morrer grato por esse fato. Então parece que… — Mais uma vez, ele pareceu ter dificuldade em encontrar as palavras certas.

Então ele olhou firmemente para Ian.

— Há notícia de que um navio está chegando ao sul daqui, na próxima quarta à noite, para ser exato. O navio não poderá entrar muito de perto, é claro, mas é suposto carregar… o mocassim.

Ian sentiu dedos frios apertando seu coração. As ordens eram claras em relação ao mocassim.

E se o seu tio estava realmente dando informações sobre o espião…

— Obrigado —, Ian sussurrou.

James, estudando-o atentamente, assentiu com um movimento doloroso da cabeça.

Os dois homens se abraçaram mais uma vez.

Então Ian entrou em seu barco.

O Pantera e seus homens voltaram para a escuridão da noite.

Era hora de pegar uma cobra.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Maio de 1862

A noite estava estranha. Uma lua cheia percorria o céu negro e sedoso, lançando um brilho marfim iridescente sobre a paisagem. Mas naquela noite havia nuvens, monstros inchados e ondulados que se moviam invisivelmente até cobrirem a lua e lançarem terra e mar em uma escuridão tão profunda que parecia um vazio de ébano.

Rezou para que ele estivesse errado. Seu tio havia lhe avisado sobre o mocassim em troca da vida de Jennifer, embora ele certamente soubesse que o amor de Ian por sua prima não exigia pagamento em troca.

Mas Ian estava com medo. Com medo de que Alaina fosse culpada de espionagem. Com medo de que ele não a pegasse.

Que outra pessoa o fizesse.

— Um barco! Major, por Deus, você estava certo!

O velho Sam Jones sussurrou na noite. Ian sentiu seu coração acelerar. Seu tio estava certo. Seu tio sabia. Ele sentiu seus homens mudando na escuridão, espantado por saber que não apenas um navio arriscaria as águas, mas quando isso aconteceria. Sam, que tinha sido o primeiro homem que Ian escolheu para sua companhia, provavelmente suspeitava do que Ian temia.

Seus homens estavam ansiosos, ele percebeu. Ele tentou falar com calma.

— Firmes, garotos, não podemos pegar um navio agora, e não queremos que ninguém fique sabendo de nós e levem a carga. Queremos o ponto de desembarque, senhores. — Ele ficou em silêncio. Então ele os lembrou:

— Estamos aqui para capturar o mocassim.

******

Alaina olhou para o litoral que se aproximava rapidamente. Quase em casa! Ela estava feliz, tão feliz! A guerra era um esforço cansativo, mais do que nunca. Mais preocupante. Ela não sabia por que estava tão desconfortável; ela havia escapado de St. Augustine sem dificuldade, e tudo havia transcorrido extremamente bem nas Bahamas. Hoje à noite, tudo o que ela tinha que fazer era voltar para casa e entregar o casaco pesado para o contato. Então ela poderia ir a Belamar e dormir em sua própria cama. E talvez…

Ela acreditava tão apaixonadamente na Causa do Sul. Nos direitos dos estados. No grito de guerra, eles eram como o grupo novato das colônias antes da Guerra Revolucionária, lutando pelo direito à independência, pela busca de vida, liberdade e felicidade, à sua maneira. Se apenas os outros entendessem…

Era hora de sair agora. Sair. Ela fora uma boa espiã, uma boa embaixadora do sul. Ela havia arriscado muito. Os tempos estavam mudando. Muitas pessoas conheciam sua identidade; muitas pessoas estavam começando a adivinhar isso. E…

Ela não tinha mais certeza sobre suas convicções. Deus me livre, ela não tinha certeza se a Confederação estava certa! Talvez fosse possível entrar na água… E desaparecer na lenda e na história. Na pequena enseada, pouco antes de encalharem, o navio sofreu uma parada lenta e suave.

— Bote lançado! — Capitão Nasby ordenou. Ele olhou para Alaina e ela sabia que ele estava preocupado. Ele lhe dissera que vira os cartazes postados avisando que o mocassim era procurado, vivo ou morto.

Disparado ou enforcado sem piedade a critério do captor. Alaina não se atreveu a pensar em tais ameaças, ou o fato de que elas seriam realizadas. O medo tornava impossível funcionar.

Ela tocou a aba do chapéu de abas largas, puxando-o para baixo da testa. Ela segurou seu sobretudo abrangente com seus numerosos bolsos mais firmemente ao redor dela. O casaco era pesado, com ouro, láudano, cartas e dólares dos Yankees para a compra de itens que se tornaram necessários para o sul, mas que não podiam ser comprados com dinheiro da Confederação. Se ela tivesse que nadar, o peso poderia afogá-la. Ela teria que sair dele e recuperá-lo mais tarde. Ela esperava que não tivesse que nadar. Ela sentiu que tinha se recuperado completamente de sua luta com a cascavel, mas ela ainda estava com medo de que ela não fosse tão forte como deveria ser.

Ela olhou para a praia, perguntando-se novamente por que estava tão desconfortável. Ela não conseguia ver nada errado. A lua continuava rastejando atrás das nuvens, mas quando as nuvens se separaram, um estranho brilho amarelo iluminou a terra. A água, com ou sem o luar, parecia negra.

As árvores estavam envoltas em sombras silenciosas. Em uma súbita explosão de luar amarelo, ela examinou a costa. Nada. Nada… exceto…

— Espere! — Ela gritou.

— Você vê alguma coisa? — Capitão Nasby exigiu, franzindo a testa e tentando duramente investigar a noite. Sim, alguma coisa. Algo havia se movido nas sombras. Alaina estava cheia de medo. Luzes vermelhas gêmeas de repente pareciam espreitar das árvores. Ela sentiu um aperto de pânico começar, mas depois respirou mais facilmente de novo, quase rindo alto com alívio.

— O quê? —, perguntou o capitão, ansioso.

— Um pequeno cervo —, riu Alaina.

— Ah… um cervo. Você tem certeza?

— Sim.

— Jenkins, traga o Mocassim —, ordenou o capitão a um de seus jovens marinheiros.

— Sim, senhor! — Jenkins disse, saudando.

O capitão virou-se para o mocassim.

— Seja cuidadoso. Por favor.

— Eu vou, senhor —, disse Alaina, sorrindo.

— Lembre-se —, ele disse com firmeza, — sua vida é muito mais valiosa do que a sua carga, não importa quão preciosa ela seja. Você não pode ser substituída. Você deve se lembrar disso.

— Eu vou! — Ela prometeu. Alaina percebeu então que queria que acabasse. Ela queria desembarcar, entregar seu contrabando e acabar. — E eu devo ir agora. — O capitão assentiu.

Ele parecia infeliz, como se lutasse pelas palavras para dizer mais, mas não conseguiu encontrá-las. Como se também ele fosse subitamente preenchido com o mesmo sentimento de medo. Por um momento, Alaina

ficou ainda mais desconfortável com seu jeito, e sentiu um frio estranho, um pressentimento como a noite assombrosa e seu misterioso brilho amarelo da lua.

— Tenha cuidado —, disse o capitão novamente, rispidamente.

— Devemos nos mover agora, senhor —, disse Jenkins, desconfortável.

Alaina saltou agilmente sobre o lado de estibordo do navio, seguindo Jenkins pela pequena escada de queda até o bote que aguardava abaixo. Jenkins rapidamente colocou os remos na água e o bote voou pelo mar negro da noite. O litoral aproximava-se cada vez mais.

******

— Pare! — Ela sussurrou, de repente certa de que algo não estava bem. Ela sentiu como se a noite estivesse assistindo; ela teve a sensação de estar sendo…

Perseguida.

Algo os esperava. A respiração pesada de alguma grande criatura horrível parecia ecoar na escuridão. As árvores estavam muito paradas. Nada mexeu; nenhum inseto tocou.

Jenkins deixou de remar. O bote, atraído pelo ímpeto de sua força anterior, continuou a atravessar a água apesar dos esforços de Jenkins para posicionar os remos para impedir seu progresso.

Então as árvores vieram à vida. A lua se foi, a escuridão se assentou, mas o mocassim ouviu os sons quando homens escorregaram das árvores, espingardas apontadas para o bote.

E palavras temidas em uma voz mais temida foram subitamente emitidas.

— Se entregue, venha tranquilamente e sua vida será poupada, você tem a minha garantia!

A lua escorregou das nuvens. Oito homens de odiado azul União vieram das árvores. Estavam em formação à beira da água: quatro de joelhos, quatro em pé, todos apontando os rifles diretamente para os ocupantes do bote. Mais um homem estava ligeiramente afastado dos outros.

Ian.

Seu estômago embrulhou.

— Senhor Grandioso! — Jenkins jurou. Ele nem sequer olhou para Alaina, e ela sabia que ele pretendia se render.

Mas ela não podia se render.

— Nós nos rendemos senhor. — Jenkins começou.

Alaina mergulhou na água. Ela mergulhou fundo, tirou o casaco e nadou duro, tentando fingir que não tinha visto Ian, que ele não suspeitava que ela fosse o mocassim. Se ele não soubesse que era ela, ele poderia não a pegar. Ele poderia nadar direto para o barco e encontrar nada mais do que o casaco que ela carregava para o fundo.

Ela nadou o mais forte que pôde, tentando deixar a correnteza ajudá-la, então veio à tona. Mantendo-se muito baixa, ela olhou para trás para ver que os homens de Ian ainda pareciam distantes. Ela subiu em torno das raízes dos manguezais, certa de que poderia desaparecer na folhagem e longe da água, com uma chance mínima.

Mas quando ela chegou à praia, ela ouviu um grito repentino.

— Pare, ou eu atiro!

Ela correu, esperando que uma bala fosse parar em suas costas a qualquer segundo. Mas nenhuma arma foi disparada. Ofegando por ar, com os pulmões queimando, ela continuou correndo. Então ela ouviu passos de corrida. Perto, atrás dela, tão perto atrás dela… Ela gritou, mesmo quando o peso dele foi catapultado contra ela, derrubando-a com tanta força que ela ficou sem fôlego e inalou com dificuldade apenas pelo ar suficiente para viver, para permanecer consciente. Oh, Deus, ela sabia que era Ian, sabia disso.

Ela queria a inconsciência.

Ela estava de bruços nas raízes e na areia. Ele se lançou sobre ela, escarranchando-a com uma velocidade impressionante.

O luar subitamente pareceu brilhante. Ela podia vê-lo claramente, tão claramente.

Ele estava tão encharcado quanto ela, camisa e calções colados à dureza musculosa de seu corpo. Seu cabelo escuro estava penteado para trás, suas feições como rocha, olhos cobalto condenados e frios e… Ele se tornou um estranho. Um estranho duro e bonito que a encarava agora com

uma fúria tão ardente e ódio que ela entrou em pânico, desesperada para escapar. Ela se contorceu, recuando um punho para atacar com toda a força que podia reunir. Ela pegou sua mandíbula, mas ele mal pareceu notar. Ela lutou descontroladamente para tirá-lo do equilíbrio, mas conseguiu apenas se equilibrar ainda mais.

Ele pegou seus pulsos e bateu de volta para a areia com uma força tão brutal que ela gritou, em pânico, em silêncio. Ela ficou imóvel e olhou para ele.

— Então você é o mocassim —, disse ele. Sua voz era fria e áspera, e a fúria dentro dela aumentou quando ele acrescentou: — Como você se atreve?

Ela estava com tanto medo. E ainda mais deprimida. Ela queria explicar, mas ela não podia explicar-lhe.

Ela só podia continuar lutando, porque não havia mais nada para eles agora, exceto a batalha.

— E você é o Pantera. O sangrento, Pantera maldito. Perseguidor. Traidor! Querido Deus, esta é a Flórida! —, ela gritou. — Você é o traidor aqui. Como você ousa?

Ela estava vagamente consciente de passos na areia. E então seus homens se reuniram em torno deles.

— Major —, um deles disse calmamente — perdemos o rebelde do navio. Ele entrou em pânico e se afogou. Nós entramos; não havia nada que pudéssemos fazer.

Ian escutou seu soldado falar, mas seus olhos nunca deixaram seu rosto, e nenhum lampejo de emoção passou por eles. Ela mordeu o lábio interior, consternada. Pobre Jenkins! Mas ele tinha desistido tão rapidamente. Se ao menos ele tivesse mostrado um pouco mais de coragem…

Oh, Deus, ele estava morto. Outro bom homem. Estes homens nem queriam matá-lo, ela percebeu, mas ele estava morto.

— Tudo bem, Sam, — Ian disse calmamente, ainda observando Alaina durante todo o tempo com o brilho mortal de fogo e gelo em seus olhos cobalto. — Brian, Reggie, vejam o corpo. Vamos voltar ao acampamento base. — Ele falou com Alaina então. — Não tente escapar novamente.

Ela não podia olhar para longe dele.

— Você vai atirar em mim? —, ela conseguiu perguntar a ele.

— Meus homens ficam nervosos no pântano. Deus sabe, às vezes nós atiramos em qualquer coisa.

Ele se levantou de repente, empurrando-a para seus pés. Ele ficou olhando para ela enquanto seus homens se moviam como mandado. Alguém trouxe os cavalos.

Pye!

De repente, ela sentiu vontade de rir. Ele ainda tinha seu próprio cavalo aqui no fundo do pântano.

Ele jogou-a em cima de sua montaria, em seguida, saltou atrás dela.

Não mais do que trinta minutos de cavalgada em um tenso silêncio os levaram a um pequeno grupo de cabanas, construídas sobre palafitas, dentro de uma rede. As cabanas estavam todas escondidas por uma parede maciça de pinheiros que quebrou pouco antes da pequena clareira.

Alaina começou a tremer. O ar da noite estava frio. Com o casaco desaparecido, ela estava vestida com calções de homem, uma camisa de algodão e botas de cano alto. Mesmo as botas permaneciam desconfortavelmente encharcadas com água do mar.

O acampamento era incrível. Ela tinha ouvido rumores de que o Pantera era tão bom que ele se instalara arrogantemente em território inimigo. Suas cabines estavam tão bem escondidas e ainda assim tão perto de sua casa. Perto de onde ela deveria passar os itens no casaco para seu contato. Perto de ser salva…

Ela era o mocassim. Ela tinha sido capturada.

Ela seria enforcada.

Não!

Algo em seu coração clamava que isso não poderia acontecer. Mas, oh, Deus, que idiota ingênua ela tinha sido! Agora parecia inevitável que este dia chegasse.

Ela desejou fervorosamente que ele tivesse ordenado a seus homens que a arrastassem pelo pântano a pé. Isso teria sido melhor do que andar com ele. Sentindo sua raiva, seu horror por ela ser o mocassim. Ele parecia queimar, dos braços que seguravam as rédeas de Pye ao redor dela, da parede musculosa e dura de seu peito. Ele era fogo esta noite, e ela seria consumida por ele. Lançada no inferno rebelde.

Ele parecia ser uma massa de calor e tensão muscular, e ainda assim a sensação dele quando a tocava era de alguma forma mais fria do que um bloco de gelo do Norte. *Como se ele não pudesse suportar tocá-la…*

Talvez isso estivesse bem. Ian parecia ser um homem de ombros largos, mas esguio. Sua aparência era enganosa, pois era sua altura, mais de um metro e oitenta, que o fazia parecer mais ágil e magro quando na verdade ele era muito poderosamente construído. Se ele a tocasse, ele poderia facilmente quebrar seu pescoço, quebrá-la em duas.

No entanto, quando chegaram à clareira, ele saltou rapidamente de Pye. Resumidamente, os olhos de cobalto aceso em cima dela. Fogo azul. Ele virou-se para os seus homens.

— Cuidem do prisioneiro! —, Ele ordenou bruscamente, em seguida, rapidamente se afastou. Ele não podia suportar estar perto dela, ela pensou. Ela estava com medo de que ele iria estrangulá-la, rasgá-la membro a membro com as mãos nuas.

O que isso importa, ela se perguntou, sentindo um súbito aumento da histeria, se ela fosse enforcada, afinal? Uma morte rápida nas mãos de Ian poderia ser preferível.

Ah, mas ele era o famoso major Ian McKenzie. Ele nunca se rebaixaria ao assassinato a sangue frio de um prisioneiro. Justiça, Justiça da União, teria seu caminho.

Quando Ian se foi, ela percebeu que seus homens ficaram tão surpreso quanto ela. Mas um dos homens rapidamente entrou em ação.

— Meu nome é Sam. Não tente escapar, agora, senhora. Pye só vai jogá-la, você sabe.

Pye iria jogá-la. O cavalo era tão irritantemente leal ao seu mestre, quanto os homens de Ian.

Sam estendeu a mão para ajudá-la a descer. Ela não sabia o quanto tinha sido abalada pelos acontecimentos da noite até perceber que mal conseguia ficar em pé.

Outro soldado correu para o lado dela, apoiando-a. Ele olhou para ela com olhos castanhos escuros deslumbrados. Pena que este rapaz não era seu carcereiro, pensou. Ela estaria livre em pouco tempo.

— Obrigada —, ela disse-lhe suavemente.

Ah, mas foi por isso que a chamaram de mocassim. Ela escapou daqueles enviados para prendê-la uma e outra vez.

Esta noite, porém, ela não escaparia.

Mais uma vez ela desejou poder gritar; ela queria explicar. De certa forma ela queria gritar de dor, por tudo o que ela tinha visto em seus olhos. E de certa forma, ela queria atacar e bater contra ele por ser tudo o que ele era. O Pantera.

— Venha comigo, senhora —, disse Sam. — Eu imagino que a cabana distante é sua para a noite. Gilbey, veja a água fresca para a senhora. Brian, poste um guarda.

Sam acompanhou-a até a cabana, mantendo uma mão vagamente em seu cotovelo enquanto a ajudava a subir uma escada até o piso da plataforma. Sam foi educado, mas firme. Ele acendeu uma lanterna de querosene, iluminando a cabana.

— Você deve ficar confortável o suficiente… Cama e cobertores, lençóis limpos para usar enquanto sua roupa seca. Não há muito mais aqui, eu temo. Ah, há um pedaço de sabão e aí está o seu jarro e uma bacia. Gilbey vai trazer água fresca para lavar e beber. Receio que o beliche, mesa e cadeira são todos os móveis que temos.

— Bem, Sam, estou bastante impressionada com ela —, ela murmurou, tentando fazê-lo com espírito.

Houve uma leve batida na porta. O jovem soldado com os profundos olhos escuros, obviamente relativamente novos no comando, apareceu com um grande jarro de água fresca, derramando diretamente na tigela para ela.

— Sam —, ele sussurrou, — é ela… Hum, tudo bem…, ela é realmente o mocassim?

— Ela é o mocassim, — Sam disse cansado. — Assim parece. Agora desça Gilbey.

— Senhora, — ele disse para Alaina, — vamos deixá-la agora.

Eles o fizeram nem um minuto antes, pois o desejo de lavar o sal de seu rosto tornou-se mais do que Alaina podia suportar. A água fresca era deliciosa. Ela esqueceu seu perigo por um momento, bebeu profundamente, então xingou baixinho e impaciente e saiu de botas, calças e camisa. Ela se encharcou na água fresca, até mesmo derramando-a pelos cabelos. Então ela ficou tremendo de novo; não havia fogo na cabana e, embora a noite do fim da primavera provavelmente não fosse menos do que 21º graus,

os arrepios podiam chegar. Ela encontrou o lençol limpo na cama e se envolveu nele. Ela sentou-se de pernas cruzadas na cama. Eles haviam deixado sua água e uma lâmpada. Provavelmente muito mais do que o Mocassim merecia. Pelo menos ela não morreria em miséria salgada pelo mar.

Mas esse pensamento trouxe um soluço repentino aos lábios dela. Ian estava tão terrivelmente furioso e a dispensou tão claramente! Ela talvez nunca mais o visse. Ela poderia morrer sem nunca ter a chance de dizer…

Para dizer o quê? Eles tinham escolhido caminhos diferentes, e nada poderia mudar isso. Ela o odiava com frequência suficiente. Ela tinha que odiá-lo agora. Ela o odiava…

Ela não o odiava.

Ela abraçou o lençol em volta dela. Ela parecia estar com frio por fora, mas resplandecente por dentro, cheia de medo, com fúria. Ela poderia exigir misericórdia, certamente…

Oh, Deus, não dele. Nem podia persuadir, pedir, barganhar. Ela sempre disse a si mesma que morreria com dignidade se fosse pega… Ela nunca pediria ou suplicaria…

Mas ela faria isso hoje à noite, apenas para tocá-lo. Exceto que, oh, Deus…

Ela saltou de pé em um turbilhão de frustração. Ela tinha que se concentrar em encontrar uma maneira de escapar. Ela não podia implorar ou persuadir, porque ele não acreditaria em uma palavra que ela dissesse. Ela não podia negociar, porque não havia mais nada que ele pudesse querer. Mais uma vez, um suave soluço de pânico crescente escapou dela.

Em seguida ela ouviu passos na escada e se virou. A porta da cabana se abriu.

E ele estava lá.

Ele tinha mudado para roupas secas. Sua pele parecia muito bronze à luz da lanterna; seus olhos não pareciam azuis, mas sim um profundo e penetrante preto. Ele olhou para ela por tanto tempo que ela pensou em gritar e implorar para matá-la e acabar logo com isso. Justamente quando ela pensou que iria simplesmente salvar todos os problemas e morrer no local, ele finalmente falou.

— O mocassim —, ele disse suavemente. Então, — Maldita seja.

— Não! —, ela se ouviu chorar de volta. — Maldito você, Major McKenzie. Você traiu seu estado, não eu!

— De fato. Meu estado traiu meu país, madame. Mas isso não importa agora; política não importa agora. E se o próprio Deus está do meu lado ou do seu também não importa. O que importa, meu querido Mocassim, é que você foi capturada pelo inimigo, enquanto eu não fui.

Involuntariamente, ela respirou rápida e com medo.

— Sim, eu fui pega. Então… Major McKenzie, o que você pretende fazer comigo? — Ela exigiu com uma falsa bravata.

Ele levantou uma sobrancelha arqueada de ébano.

— O que pretendo, senhora? Como se lida com uma cobra mortal? Talvez eu devesse usar contra você toda atrocidade atribuída aos Yankees a tão delicadas belezas de estufa como você. Saquear, rapinar, abater!

— Ian, certamente… — ela respirou.

Fogos de cobalto de fúria ardiam em seus olhos, na tensão, na tensão de seu corpo ágil e musculoso. Ele começou em direção a ela.

Apesar de si mesma Alaina soltou um grito aterrorizado. Ela o vira com raiva antes, o viu furioso, mas nunca assim. Seus dedos envolveram seu pulso, mordendo e cruel. Ela foi empurrada com tanta força que ela perdeu o aperto sobre o lençol e ainda assim permaneceu embolada quando foi levantada e jogada, aterrissando de costas contra a cama, sem fôlego, tão aturdida que ela viu escuridão e estrelas flutuando diante do seu rosto.

E então suas mãos estavam em seus ombros, e ele estava sacudindo-a.

— Maldita seja você, maldita! Como você pode ser tão imprudente, como você pode arriscar sua vida quando você está cuidando do nosso filho…

— Como você pode ir embora para sempre quando você tem um filho? —, ela gritou de volta.

— Oh, meu Deus, Alaina…

— Eu lutei o mesmo que você lutou! —, ela disse a ele desesperadamente.

— Você lutou uma batalha perdida.

— Eu tive que fazer o que podia.

— Droga, Alaina, você não sabe, você não ouviu…

— O quê, o quê? —, ela exigiu, tremendo com tal ferocidade que ela era apenas consciente da força de seu aperto sobre ela.

— Jennifer foi enforcada!

Jennifer! Alaina ofegou, sentindo como se ele tivesse deslizado uma faca nela. Seus olhos devem ter ecoado sua agonia, pois ele foi rápido para falar de novo, mas tão frio, tão bravo ainda!

— Eu tentei parar o que estava acontecendo. Por um milagre maldito, meu atirador atingiu a corda de Jen. Ela está viva. Apenas por um pouco.

Lágrimas de alívio picaram seus olhos. Ela piscou de volta. Suas mãos estavam de repente em ambos os lados de sua cabeça.

— Maldita seja, você não consegue colocar em sua cabeça quão perigosos são estes jogos que você joga?

— Ian… — Ela soluçou, respirando irregularmente. Em seguida, a sua espera diminuiu. E ele gritou seu nome com uma angústia esmagadora antes de seus lábios tocarem os dela…

Ela pensou com tristeza que ela era sua prisioneira. Ela teve que lutar com ele. Ela levou as mãos pressionando contra a parede do peito dele, mas ele não pareceu notar. Seus lábios se separaram sob os dele, e ela sentiu o poder sedutor de sua língua varrendo em sua boca, trazendo a força de sua fome, raiva e paixão. Ela tentou se libertar, tentou se contorcer…, mas mesmo quando ela fez isso, ela estava enfiando os dedos em seu cabelo, separando sua boca livremente para provar mais dele. Suas lágrimas umedeceram suas bochechas, e ela engasgou e tremeu, sentindo-o estremecer enquanto se movia contra ela com uma determinação perversa, lábios, boca, língua, feroz, quente contra ela, sua carne, seus seios, mamilos, umbigo…

Ela o queria, oh, Deus, ela o queria. Ela estava tocando o cabelo dele, rasgando sua camisa até que fosse arrancada de seus ombros, e ela pressionou seus lábios contra sua carne a mesma fome. Ela sussurrou sem palavras de desejo, não disse nada de suas emoções, porque ela não sabia o que seria acreditado.

E se ele pensasse que ela fazia amor para salvar sua própria vida, não importava. Ter ele importava. Sentindo-o tocá-la importava. A carícia de sua língua contra sua barriga e coxas, seu peso sobre ela, suas mãos, dedos acariciando, a sensação dele sob seu toque, o arrepio e convulsão de seus

músculos quando ela o capturou e acariciou. Seu violento estremecimento quando ela escorregou contra ele…

Com uma violência mal-humorada, ele estava dentro dela, e ela gritou, agarrando-se a ele. Era uma tempestade, uma tempestade, varrendo com sensação insuportável e impressionante, a velocidade avassaladora. Ela disparou ferozmente, violentamente para um ápice, e sentiu o poder e a força dele quando ele atingiu um clímax também.

Então pareceu que o peso do seu corpo caiu contra o dela. Sua carne estava escorregadia como a dela, sua respiração tão agitada. Entretanto, não podia recuperar o fôlego sob seu peso, e ele se afastou dela, sentado ao pé da cama, de costas para ela.

Ela observou-o por vários longos momentos, desejando que ela pudesse ainda segurar as lágrimas silenciosas e molhadas que lhe vieram aos olhos e escorreram pelo rosto.

— Ian… — ela tentou, mas falar era tão doloroso. — Ian, eu sei que isso soa absurdo agora, mas… Oh, Deus, Ian, eu te amo!

Ele não respondeu, e ela fechou os olhos, deitada em simples miséria.

— É incrível —, ele murmurou depois de um longo momento, costas nuas e largos ombros bronzeados endireitando. — Houve muitas vezes em que eu desejei nunca ter visto seu rosto. E há momentos em que me lembro de Teddy me dizendo que ele só sentia muito sobre nosso casamento porque "*ela é do Sul*"! E então tem sido tão maldito muitas vezes quando eu lutei esta guerra nunca dormindo, porque eu tenho muito medo do que você pode estar fazendo. E depois de tudo isso, o medo era por uma razão. Dane-se, eu não quero te amar. Mas eu amo.

Ela queria tocá-lo. Ela sabia pelo jeito que ele sentou que ela não deveria ousar.

— Então, para onde vamos a partir daqui? O que vamos fazer? —, ela perguntou suavemente.

Ele se virou para ela finalmente.

— Bem, meu amor, de acordo com minhas ordens, devemos ir para o centro do bosque na manhã, e eu vou enforcar você. Sem piedade.

— Você não pode me enforcar, Ian.

— Por quê? Por que você é minha esposa?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Porque eu estou carregando seu filho.

******

Ian não dormiu com ela na cabana naquela noite; ele não se atreveu.

Ele deixou seus homens em guarda, bem ciente de que ela poderia facilmente escapar, e voltou para sua própria cabana.

Ele andou por uma hora, em seguida tentou dormir, então bebeu meia garrafa de uísque e tentou dormir novamente. Nada parecia ajudar enquanto ele lutava por uma solução sobre o que fazer com ela.

Sam veio ao amanhecer.

Ian o deixou entrar, em seguida, sentou-se ao pé de sua cama, com a cabeça entre as mãos.

— Da forma como eu vejo, Major, — Sam disse a ele, — pegamos o mocassim e o homem já estava morto.

Ian olhou para ele, cético.

Sam levantou as mãos com uma careta.

Ian permitiu um sorriso triste.

— Bem, Sam, obviamente, você pode ver que eu não posso pendurar ou atirar no mocassim. E, também não posso entregá-la. — Ele hesitou por um momento. —Nós vamos ter outro filho.

— Ah, a viagem para St. Augustine! — Sam murmurou. — Você definitivamente não pode enforcá-la, Major.

— Mas como posso impedi-la de se envolver novamente e ser enforcada na verdade por algum outro comandante Yankee? Sem mencionar o fato de que ela tem sido um espinho no nosso esforço de guerra? Como posso garantir que ela não traia a União e a mim novamente?

Sam sorriu.

— Eu acho que sei uma maneira —, disse ele.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Alaina achava que não tinha dormido nada, mas devia tê-lo feito, porque alguém tinha vindo buscar a roupa e, quando havia luz na cabana, percebeu que ela havia sido lavada e devolvida para ela, seca ao sol.

Ela lavou-se e vestiu-se rapidamente, extremamente nervosa com o passar do tempo e ninguém chegou perto dela.

Então, finalmente, houve uma batida na porta, e Sam entrou trazendo uma xícara de café, que entregou a ela.

— O major está esperando para ver você, senhora. Quando você estiver pronta.

Ela pareceu surpresa, mas parecia que ele não pretendia dizer mais nada. Ele liderou o caminho da escada até o centro do bosque, onde Ian esperava. Ele estava montado em Pye e segurava as rédeas de outro cavalo ao seu lado.

Ele assentiu gravemente a Alaina.

— Vamos dar uma volta.

Naturalmente, ocorreu-lhe imediatamente que ela poderia escapar. Bater os calcanhares contra os flancos do cavalo e sair para as trilhas…

Não, ela não podia escapar. Ela não podia escapar do fato de que ela amava o marido, não importava as batalhas entre eles.

Ela seguiu em silêncio enquanto ele conduzia sua montaria do acampamento. Eles cavalgaram talvez meio quilômetro, chegando a um pântano de pinheiros muito perto da baía. Ian desmontou, andando alguns passos para uma árvore. Ele se inclinou contra ela, um pé levantado em uma raiz, seus olhos focalizando como facas sobre ela.

— Obviamente, eu não vou te enforcar.

Ela baixou os cílios e sacudiu a cabeça.

— Eu gostaria de poder fazer você entender como eu me sentia.

— Sentia. É passado? —, Ele perguntou.

Alaina hesitou. Ela balançou a cabeça.

— Eu não sei o que eu sinto mais. Estou cansada.

— O que devo fazer, Alaina? —, ele perguntou a ela muito suavemente.

— Eu estava indo para casa —, ela disse, olhando para ele. — Eu juro para você, Ian, eu estava indo para Belamar, e eu não tenho certeza do que fazer lá, mas eu tinha decidido… Eu tinha decidido que o Mocassim tinha que fugir.

Ele ergueu as mãos para ela.

— Vá.

— O quê? —, ela perguntou.

— Você tem o cavalo; você está a uma milha de Belamar. Vá para casa. E decida o que você realmente quer. E quando eu for para você, você pode me deixar saber então.

Ela ficou de pé, insegura. De todas as coisas que ela poderia ter esperado, esta foi a última.

— Ian…

— Alaina, vá agora. Quero dizer. Vá. A menos que você esteja pronta para fazer um juramento de fidelidade à União neste minuto, vá para Belamar.

Ela se sentiu mal, fraca. Ela percebeu de repente que ela não queria ser mandada embora. Ela queria ser mantida.

Ele caminhou até ela.

— Deixe-me ajudá-la.

Antes que ela percebesse, ele a colocou em cima de seu cavalo, ele olhou para ela, os olhos sombreados por seu chapéu de plumas.

— Claro, eu estou correndo um grande risco aqui. Você sabe onde está nosso acampamento agora.

Ela começou a responder, mas ele bateu nos flancos de seu cavalo e sua montaria avançou em disparada pela trilha.

Entorpecida, ela cavalgou.

Ela cavalgou por pelo menos quinze minutos antes de abruptamente puxar as rédeas.

Ela não podia fazer isso.

Ela não podia separar-se dele assim.

Ela virou o cavalo de volta, correndo para Ian. Ela saltou do cavalo, esperando que ele ainda estivesse lá. Mas ela não o viu; ele se foi.

— Ian! — Ela gritou desesperadamente.

Claro que ele se foi. Ele a libertara, e agora ele tinha outras coisas para fazer.

— Ian!

Ele deu a volta em um pinheiro, chapéu ainda baixo sobre os olhos. Ela correu em direção a ele, jogando os braços ao redor dele. Ela beijou seus lábios, e então ela tentou falar, misturando suas palavras.

— Eu não posso dizer que mudei de lado, Ian, porque eu não fiz … Na verdade. Quero dizer, acho que estamos todos errados agora por estar em guerra, e eu não sei a solução, mas… No começo eu queria vingança pelo meu pai. E acreditei muito no simples direito dos estados de serem livres. Mas depois havia outras coisas… — Ela hesitou. Não parecia o momento certo para mencionar o nome de Peter O'Neill. — Havia tropas prontas para queimar uma mulher com quatro filhos porque seu marido havia sido morto lutando pela União. E quando os ianques chegaram a St. Augustine, comecei a perceber o que não queria ver. É sobre escravidão, e a escravidão está errada. Lilly tem tantas cores, negra entre elas. Eu não podia imaginar alguém a possuindo, chicoteando-a, e não pode ser certo que homens brancos possam vender mães e pais e filhos só porque eles são negros, e…

Ela parou, ficando sem palavras.

Não importava. Seus braços vieram delicadamente ao redor dela, e ele a estava beijando. E havia paixão em seu toque, sem raiva agora, e ele era sensual e tenro e forte sem ser brutal no mínimo…

E embora eles estivessem no meio de um bosque de pinheiros, eles tinham tão pouco tempo juntos. Em questão de minutos, suas roupas estavam em enorme desalinhamento e elas estavam entrelaçadas nos pinheiros, fazendo amor.

O sol rompeu os galhos dos pinheiros acima deles. Alaina protegeu os olhos. Sua boca se moveu provocativamente sobre sua barriga, plantando

pequenos beijos. Ele comentou sobre o bebê, que ele deveria ter sabido… Houve um ligeiro inchaço sobre ela. Ela fez uma careta de tristeza e admitiu que não se conhecia até recentemente.

— Você estava muito ocupada espionando para prestar atenção, — disse ele.

— Você poderia ter vindo mais vezes e me deixou tão nervosa que não ousei espiar —, ela disse a ele.

Ele sorriu para ela.

— Realmente teria funcionado?

— Você pode ser muito intimidante.

Ele logo encontrou as marcas de presas em sua panturrilha, e ela contou o que havia acontecido. Então ela exigiu saber:

— Você mandou Risa para me vigiar?

Ele balançou a cabeça depois de um momento.

— Eu sabia que ela estava indo para o Sul; ela escreveu para mim. Ela é realmente uma amiga melhor do que você imagina.

— Você ainda está um pouco apaixonado por ela.

— Só um pouco —, ele disse a ela, depois acrescentou com firmeza — Mas Alaina, jogando-se na frente de uma cascavel, mesmo se você acreditasse que você poderia ter imunidade?!

— Eu não tinha a intenção de ser mordida, e eu estou realmente bem.

— E o bebê?

— Rezo para que o bebê sobreviva a mim! — Alaina admitiu.

Em um cotovelo, olhando para sua esposa, Ian se perguntou se eles poderiam ter chegado a um ponto em que poderiam sobreviver. Ela tinha sido tão apaixonada quando ela tinha falado com ele. Não, ela não poderia se tornar subitamente um Ianque agitando a Bandeira.

E ainda…

Ela era tão linda. Tão delicada, esticada ao seu lado, vestida apenas com a camisa de homem comprida, suas pernas nuas esparramadas no chão

por baixo dos pinheiros. Suas próprias roupas estavam jogadas a vários metros de distância, sua bainha e espada sob as calças.

Ela sorriu, seus olhos de topázio esfumaçado contra a pele de porcelana, o cabelo um emaranhado de luz solar e sombra manchada. Então, de repente seus olhos se arregalaram.

Tarde demais, ele ouviu os passos.

Ele, Ian McKenzie, o Pantera, não conseguiu ouvir a aproximação dos homens que estavam atrás dele agora.

Ele olhou nos olhos dela e de repente estava certo de que ela tinha ido direto para seu contato Rebelde. Ele sabia pelo silêncio dos homens atrás dele que tinham vindo para arrebatar uma pantera de uma armadilha.

Amargura o assaltou, e ele a encarou com uma raiva e ódio tão intensos que era quase ofuscante. Então ele rolou em uma fração de segundo.

Uma pistola já estava apontada para sua cabeça. Uma espingarda, mantida por ninguém menos que Peter O'Neill.

— Bem, vejam aqui rapazes, o que temos? Uma pantera nua emaranhada na grama com uma cobra! Adivinha quem ganha essa luta? Levante-se, Alaina, bom trabalho! —, Disse Peter.

Ela engasgou, puxando a camisa branca fechada, saltando para seus pés. Ian, tenso sobre as suas coxas, sentiu a facada de sua traição mais profundamente em suas costas. Havia três homens com Peter, todos armados, apontando as armas para ele. E ele estava nu no chão, sua espada e Colts uns bons três metros de distância.

— Isto é como o maldito Natal! — Peter respirou, olhando para Ian. — Eu estou tão animado, eu só não sei por onde começar. Eu vou matar você, é claro. Quero matar você por um longo tempo. Mas como? Atirar em você, enforcá-lo? Atiro nos seus joelhos primeiro, é claro, mas… Acho que eu deveria amarrá-lo a uma árvore, deixar você me ver fazer amor com sua esposa. O que você acha, McKenzie?

Ele pensou que estava em uma posição maldita e desgraçada. Mas ele estaria morto cem anos antes de dizer tal coisa dessas a Peter O'Neill. O bastardo tinha sido deformado para começar. A guerra lhe dera a chance de se tornar um monstro.

E ainda…

Alaina.

Ele estava do lado de Alaina.

— Peter, você está doente! — Alaina de repente gritou. Ela olhou para os homens com ele. — Qual é o problema com todos vocês? Vocês são soldados rebeldes. Peter não tem vocês lutando uma guerra, ele tem vocês ajudando-o com a sua vingança pessoal!

Ian olhou para sua esposa.

Ela lançou lhe um olhar furioso; ela estava bem ciente de que ele acreditava que ela o havia traído.

— Levante-se, McKenzie, — Peter disse: — Alaina, cale-se e venha até aqui. Meus homens e eu estamos resgatando o mocassim; nós somos heróis da causa, e isso é um fato. Venha pra cá!

Ela olhou para Peter, e o coração de Ian quase afundou, porque ela se mexeu. Ela mudou-se para obedecer a Peter.

Mas enquanto se movia, ela encontrou a pilha de roupas dele e enfiou as armas na direção dele, através das agulhas de pinheiro, ainda sob as roupas dele. Então ela fingiu tropeçar contra Peter, apontando a espingarda para o chão.

Naqueles breves segundos, Ian rolou e pegou suas armas. Os homens de Peter ambos dispararam; Ian atirou em rondas defensivas sem pensar, matando um dos homens de Peter, desarmando e ferindo os outros dois em uma rajada de tiros. Mas quando ele rolou para Peter, viu que O'Neill tinha tomado Alaina, e que ele estava melhor protegido pelo corpo de Alaina do que ele poderia estar por uma fortaleza de aço.

— Atire! — Alaina exigiu.

Ela sabia muito bem que ele não podia.

Peter sorriu, seus olhos incolores duro em Ian. Ele começou a abaixar e apontar sua arma novamente.

— Não! — Alaina gritou, batendo um cotovelo contra Peter.

Ela era boa; ela era durona. Ian sabia muito bem disso. E Peter perdeu sua arma. Mas antes que Ian pudesse pular de pé e atacar o homem, Peter pegou uma faca afiada do exército e colocou-a contra a garganta de Alaina.

— Ela vem comigo, e você fica aí. Bem aí, onde você está —, disse Peter. — Jarvis, Tatum?

— Sim, senhor! — Um dos homens respondeu, dor clara em sua voz.

— Droga, siga em frente, pegue os cavalos. Pazinsky está morto?

— Sim, senhor, — disse o outro homem.

— Fique parado até sairmos daqui McKenzie, — Peter O'Neill avisou. — Ou ela morre.

Ian parou em seu caminho, olhando para Alaina. Ele ficou observando, mantendo os olhos em Alaina, enquanto Peter arrastava sua esposa para longe.

Peter passou por cima do corpo de seu próprio homem morto enquanto recuava todo o caminho para fora do bosque.

******

— Nem uma palavra, — Peter avisou Alaina. Ela foi montada na frente dele em uma pequena égua cinzenta. Uma montaria boa, resistente e segura. Peter não era idiota. Ele sabia como navegar neste terreno. Seus homens seguiram atrás deles, em silêncio e com dor, ela estava certa. — Uma palavra, e eu cortarei sua garganta.

Ela o ignorou.

— Você não pode me matar. Você não pode se dar ao luxo de me matar. Porque ele vai se levantar, vestir suas roupas, e te caçar.

— Você acha que eu sou um tolo? Você acha que eu sou menos do que seu marido arrogante? Eu conheço as redes, os pântanos e os rios assim como ele, Alaina. Eu fiz todo o caminho até aqui com a minha companhia para erradicar o Pantera. E, por Deus, vou acabar com ele!

Ela virou um pouco e viu que sua boca estava em uma linha sombria. Ele era um homem perigoso. Não o garoto rico e mimado que ela conhecia. Ele estava afiado e firme, e estava vivendo uma vida, lutando. Sempre brigando.

Ela de repente estava com medo.

— Peter, vamos até o resto de seus homens. Eu vou acompanhá-lo até eles. Eu vou dizer que eu sou o mocassim e que você me salvou. Você vai ser um tremendo herói no Sul.

Ele sorriu.

— Vou levá-la para o resto dos meus homens, Alaina. Amanhã. Neste momento temos somente Jarvis e Tatum. Eles vão ficar de guarda, e esta noite você passará comigo. Antes que qualquer outra coisa possa acontecer, minha querida, eu vou pegar o que deveria ter sido meu.

*****

Ian se vestiu em segundos. Ele assobiou para Pye e saltou sobre sua montaria.

Ele advertiu a si mesmo tinha que seguir com cuidado. Ele teve que deixar Peter O'Neill pensar que ele tinha uma boa vantagem sobre ele.

Que, no momento, ele tinha.

*****

O sol nasceu, mas Alaina estava tremendo.

Eles estavam andando por horas. Horas. Sentia-se mal, com náuseas.

O sol começara a bater cruelmente; a umidade quente e pegajosa estava ao redor deles. Suas pernas nuas haviam sido rasgadas pelo capim e picadas por mosquitos.

Que não importava.

O que importava era que Ian não tinha vindo.

Eles tinham parado uma vez por um fluxo de água doce. O pulso de Tatum foi quebrado, e ele estava gemendo e reclamando que tinha que chegar a um cirurgião. Jarvis, como se viu, só havia sofrido um ferimento superficial. Ele continuou dizendo a Tatum para ser um homem.

E ainda assim, Ian não apareceu.

Era um momento perigoso, pensou Alaina. Ian deve saber quão volátil Peter era, como o pensamento de vingança tinha comido em sua mente. Ian

estava certamente sendo cuidadoso, muito cuidadoso, acompanhando-os até a hora certa.

A menos que…

A menos que ele acreditasse que ela o traiu uma vez mais. Ela tinha visto seus olhos quando ele percebeu que alguém estava lá, observando-os…

— Fiquem de olho, rapazes, fiquem de olho! — Peter ordenou a seus homens.

— Inferno, Capitão, acho que o despistamos! — Jarvis disse alegremente.

Alaina começou a se preocupar.

Se Ian não viesse antes do anoitecer…

******

Peter O'Neill tinha escolhido um posto avançado de Seminole como seu acampamento.

Havia vários abrigos cobertos no acampamento, todos construídos fora do chão com telhados de colmo e sem paredes. Era uma escolha decente, Ian admitiu, observando o grupo da cobertura de um monte de carvalhos. Peter e seus homens estavam elevados, capazes de ver alguém ou alguma coisa vindo até eles.

Havia um espaço aberto entre as árvores e o abrigo que eles escolheram.

Seria muito difícil surpreender o grupo.

Ainda assim, Ian esperou. Ele não podia arriscar. Ele estava com medo de que Peter de bom grado matasse Alaina antes de permitir que ela escapasse.

Ele se encostou no carvalho, tentando planejar sua estratégia.

Mas então… Alaina gritou. Ian virou-se para vê-la lutando com Peter, e antes que ele percebesse, ele soltou seu próprio grito rebelde ianque e foi para o abrigo.

******

Ela tinha tentado ser racional. Ela lembrou a si mesma que certa vez pensou que estava apaixonada por Peter. Ela disse a si mesma que ele realmente não iria machucá-la, que ela não podia gritar. Se ela gritasse, e Ian estivesse seguindo-a, poderia pôr em risco a sua vida, porque ele certamente viria atrás dela. Durante todo o dia, ela soubera da intenção de Peter de violentá-la e tentara dizer a si mesma que ela poderia suportar um evento como esse. Ela tinha que suportar, ela estava carregando outra criança. E ela tinha Sean.

Talvez ela ainda tivesse Ian.

Ela queria ser racional. Corajosa e tão estoica, que ela talvez pudesse dissuadir Peter por seu total desinteresse.

Mas quando ele a arrastou para a parte traseira do abrigo e a jogou para baixo, enquanto seus homens vigiavam o fogo que haviam construído…

Ela gritou.

E todo o inferno se soltou.

Ian veio correndo das árvores, gritando de maneira que rivalizava com um grito de guerra Seminole. Ele começou a disparar suas armas e bateu em Jarvis novamente.

Jarvis caiu. Morto.

Mas Tatum, apesar de sua lesão, um atirador perito com a mão esquerda, e ele começou a atirar de volta mesmo quando Peter sacou a arma e disparou tiros descontroladamente na noite.

Então houve silêncio.

Peter, meio em cima de Alaina, levantou-se ligeiramente.

— McKenzie!

Não havia nenhum som em primeiro lugar.

— Lute comigo por ela, O'Neill. Lute comigo por ela!

Peter começou a rir.

— Eu não tenho que lutar por ela, McKenzie. Somos meu homem e eu. E você está aí, sozinho.

Mas de repente houve outra rajada de tiros, de uma direção totalmente diferente.

Alaina sentiu a súbita convulsão de Peter quando ele a arrastou com ele. Ela olhou para a noite, rezando por algum tipo de salvação.

Então ela viu um homem montado em frente. E seu coração afundou.

Ele estava de cinza. Um bonito uniforme cinza, com um chapéu emplumado.

No entanto, mesmo enquanto seu coração afundou, ela viu que Ian havia escapado do poste onde ele havia se refugiado de uma chuva de balas.

E quando ela se virou novamente, ela reconheceu o cavaleiro.

Jerome McKenzie.

Jerome foi direto para o acampamento, para a luz do fogo.

— Você! — Peter se enfureceu, olhando para Jerome. — Você vai ser enforcado! Você é um oficial confederado, por Deus! E você deveria estar em um navio em algum lugar. Você vai ser pendurado na árvore mais alta, traindo seu país por seus parentes.

— Eu me pergunto qual seria a sua pena por estupro, Peter, — Jerome disse friamente. — E você… Você é uma desgraça —, disse ele desdenhosamente, olhando para Tatum.

— Ela é a Mocassim — começou Tatum.

— Eu estava com medo disso… — Jerome disse em voz baixa. — Olá, Ian.

— Jerome, — Ian respondeu.

— Ele tem que morrer —, Peter disse a Jerome. — E se vocês dois pensam que vão se juntar ao sangue McKenzie contra mim lembrem-se que estamos no meio de uma guerra.

— Esta guerra é entre você e eu, Peter, — Ian disse, sem rodeios.

— Atire nele! Atire nele! — Peter comandou Tatum em um frenesi repentino.

Mas ninguém se moveu.

Ian caminhou para frente então, determinado. Ele passou direto por Tatum, que parecia atordoado demais para contorná-lo. Ele saltou para a plataforma do abrigo, caminhando na direção de Peter.

Ele jogou a arma no chão e desembainhou a espada.

— Esta guerra particular é nossa, Peter. Vamos terminar sem matar mais ninguém.

Peter hesitou. Ele ainda tinha Alaina.

Ele olhou para Jerome.

— Se eu o matar, você vai embora.

— Você o mata e eu saio daqui —, Jerome concordou.

Peter sorriu. Ele estendeu a mão, ostensivamente para sua espada.

Em vez disso ele pegou o Colt de seis tiros, mas antes que pudesse atirar em Ian a queima-roupa, Alaina gritou e atirou-se contra Peter.

A arma disparou.

— Não! — Ian gritou, derrubando sua espada com um golpe esmagador contra o alvo da arma.

Alaina caiu; a arma voou. Peter agarrou sua espada então.

E Ian sentiu o medo por sua esposa rasgar em seus membros, mas não podia alcançá-la. Peter estava vindo para ele com sua espada como um louco.

Ian lutou contra o medo e viu vermelho.

A guerra tinha melhorado as habilidades de Peter. Ele lutou com vigor e força. Mas Ian estava furioso, desesperado para chegar a Alaina.

Deus!

Ele lutou tanto.

Ele ganhou tantas vezes.

Ele era o Pantera.

No entanto, esta batalha não significaria nada se ela não estivesse bem.

Pelo canto do olho, ele podia ver que Jerome tinha vindo para a plataforma do abrigo e estava gentilmente levantando Alaina em seus braços. Ela não estava se movendo.

A ponta da espada de Peter sacudiu a testa de Ian. Ele sentiu uma gota de sangue cair em seus olhos, e piscou furiosamente contra a sensação de ardor.

E lutou de volta com uma vingança.

Peter fez uma investida selvagem.

Ian estava pronto.

Ele não precisava matar seu inimigo; Peter se empalou na espada de Ian.

Pela primeira vez, ele não podia se arrepender do sangue derramado, da vida perdida. Indiferente de Tatum, ele correu para onde Jerome se ajoelhou ao lado de Alaina.

— Ele atingiu sua têmpora. Ela está inconsciente. Vamos levá-la para Belamar —, disse Jerome.

Ele se levantou, entregando a Ian sua esposa.

— Estamos a trinta minutos. Ela precisa de ajuda. Teela, meu pai, e Jen estão em Belamar.

Ian assentiu. Mas então ele parou, enfrentando Tatum, que estava olhando para Ian e Jerome nervosamente, olhando de homem para homem, lambendo os lábios enquanto apontava a arma para eles.

— Isso não está certo! —, Disse Tatum. — Vocês dois são meus prisioneiros.

Ian olhou para Jerome, em seguida, entregou Alaina de volta para ele. Ele sacou sua espada ensanguentada.

— Tolo, eu vou atirar em você —, disse Tatum. E ele puxou o gatilho.

Mas a arma estava vazia. Ele sacou sua espada.

Ian estava cansado, com ossos cansados. Ele não queria matar. Mas Tatum não deixaria isso terminar. Com um impulso, Tatum caiu.

Quando a batalha terminou, Ian olhou para seu primo.

— Deus, me perdoe. Deus, estou cansado da matança.

— Algumas pessoas não lhe dão uma escolha —, disse Jerome. — Pelo menos o mocassim pode realmente cair na lenda agora —, acrescentou.

Ian assentiu.

— Eu vou segurar Alaina até que você esteja montado —, disse Jerome.

— Obrigado.

Poucos minutos depois, eles estavam andando juntos pelo pântano e redes.

Jerome em cinza.

Ian em seu azul União.

Ian olhou para seu primo com curiosidade.

— Como você fez para nos encontrar?

Jerome se virou para ele, abriu a boca, fechou-a, e olhou para frente novamente, uma estranha luz em seus olhos azuis escuros.

— Um amigo seu contou.

— Um amigo?

— Senhorita Magee.

— Oh?

— Foi interessante.

— Oh. Você vai me contar sobre isso?

Jerome olhou para ele novamente.

— Não —, ele disse depois de um momento.

Ian arqueou uma sobrancelha, mas não insistiu. Ele estava ficando muito preocupado com sua esposa.

— Jerome… Obrigado.

Jerome sorriu e acenou.

— Você sabe, — ele disse suavemente depois de um momento, — ainda estamos em guerra.

Mas ambos sabiam bem que uma trégua havia sido declarada para a noite.

******

Ela estava tonta. Tão tonta.

Quando ela abriu os olhos em primeiro lugar, o quarto estava girando. Lentamente, parou.

Ela estreitou os olhos, então piscou furiosamente.

Ela estava em casa! Realmente em casa. Em seu próprio quarto.

Ela tentou se sentar. O quarto girou um pouco, depois parou. Alguém estava lá. Ela piscou, e o visitante entrou em foco.

Jen.

Ela gritou, estendendo a mão, abraçando Jen, sendo abraçada de volta.

— Como você se sente? —, ela perguntou a Jennifer.

— Bem.

— Mas você estava… enforcada.

— E você foi baleada.

— Eu fui? —, Disse Alaina. Então ela se lembrou. Lembrou de tudo. — Oh, meu Deus, Ian…

— Está bem. Ele ficou acordado toda a noite, com medo de que minha mãe estivesse errada, que você parasse de respirar. Ele manteve-se certificando de que você estava respirando, que seu coração estava batendo. Em seguida, ele disse que tinha que deixar seus homens saberem o que tinha acontecido. Ele prometeu que voltaria.

— Oh! —, Disse Alaina com alívio. Ela deitou-se, em seguida, sentou-se preocupada novamente. — Seu pai não vai matá-lo, vai?

— Ian me trouxe de volta para cá. Meu pai não iria prejudicar um fio de cabelo na sua cabeça.

Alaina sorriu.

— Bom. Oh! Jerome?

— Está bem também. Mas já está de volta ao mar. Com um passageiro.

— Um passageiro?

— Risa Magee. Ela veio aqui e encontrou meu irmão de alguma forma. Foi assim que ele foi atrás de você e Ian. Foi um pouco estranho, mas agora… Eles se foram.

— Foram? Risa saiu daqui em um navio Rebelde? — Alaina perguntou incrédula.

— Então foi o que me disseram; aparentemente eles saíram ao amanhecer.

— Por que Risa saiu agora? — Alaina perguntou em voz alta.

— Talvez ela tenha pensado que você e Ian precisavam de um tempo sozinhos.

— Depois de nos ajudar? E Ian nem está aqui agora.

Jennifer deu de ombros.

— Ian estará de volta, e Jerome pode ser muito persuasivo, quem sabe?

Alaina franziu a testa, ainda intrigada. Era a cabeça dela, com certeza. Ela tocou a têmpora e sentiu a bandagem lá.

— Levei um tiro?

— Sim. Uma ferida superficial. Você teve sorte. — Jennifer ficou em silêncio por um momento. Ela tocou o lenço que usava em volta do pescoço e sorriu para Alaina. — Nós duas tivemos sorte. Nós servimos Alaina. Nós fizemos a nossa parte. Você sabe… Homens feridos são enviados para casa.

— Significa…

— A guerra acabou para mim. Eu acho que você precisa deixar isso terminar também.

Alaina sacudiu a cabeça.

— Jennifer, não podemos acabar com a guerra.

— Podemos acabar com as guerras que travamos dentro —, disse Jennifer. Ela se levantou de repente. —Volte a dormir; descanse.

Jennifer a deixou. Alaina não achava que ela iria descansar; ela estava muito ansiosa para ver Ian.

Mas ela dormiu.

E quando ela acordou novamente, sentiu-se melhor.

Mais do que melhor.

Viva.

E a vida estava lá fora.

A ser levada.

*****

Ele estava de pé na pequena faixa de praia que dava para o continente, olhando para a margem. Lá fora, onde Alaina quase se afogara com o desertor no dia em que Teddy morrera. Quando a guerra não tinha realmente começado.

Eles tinham escolhido lados separados.

Mas ela estava disposta a morrer por ele. Mesmo depois que ele suspeitou do pior tipo de traição.

Ele fechou os olhos, e ouviu o som das ondas. De algum lugar, ouviu gaivotas chorarem. Esta era a sua casa. Flórida, com a água, o sol, as belas aves exóticas. Ele amava sua terra natal.

Eventualmente, retornaria para a União.

Ele poderia.

Mas agora…

Ele sorriu. Ele a ouviu chegando, não importando quão suave foram seus passos.

Ele inalou profundamente e respirou em seu perfume. Ela parou atrás dele, e ele se virou muito lentamente.

Ela estava de branco. Um vestido macio e simples, sem anáguas ou corpete por baixo. Seu cabelo estava livre, escorrendo pelos ombros. Ela se

livrou do seu curativo e permitiu uma mecha de seu cabelo caísse sobre a cicatriz em sua testa.

— Olá —, disse ela gravemente.

— Olá. — Ele se inclinou contra o pequeno coqueiro ao seu lado, cruzando os braços sobre o peito.

— Este é território inimigo.

— É mesmo? —, Ele perguntou.

Ela encolheu os ombros ligeiramente, caminhando em direção a ele, sorrindo um pequeno sorriso sensual que quase o deixou louco. Ele se recusou a tocá-la, no entanto, esperando.

Ela lhe deu um soco. Felizmente, ele estava preparado e apertou seus músculos.

— Uau! Portanto, é território inimigo! —, exclamou, capturando seus braços e puxando-a contra ele.

— Você pensou que eu teria te traído com aquele homem desprezível — Ela parou, abaixando a cabeça. — Ele está morto, não é?

Ian assentiu.

— Sinto muito, Alaina.

— Eu também sinto muito. No início, foi apenas meu pai. Deus, Ian, o custo da guerra é tão alto!

Ele a puxou para mais perto.

— Receio que será maior antes que termine. — Ele recuou ligeiramente. — Mas eu oro para que isso acabe em breve. E eu oro para que estejamos juntos então. Todos nós. Como uma família.

Ela acariciou seu rosto.

— Você vai voltar para a guerra, não é? —, perguntou a ele.

Ele pegou seus dedos e os beijou.

— Alaina, eles enviam homens para o pelotão de fuzilamento por desertar.

Ela abaixou a cabeça, assentindo.

— Mas você vai acreditar em mim agora, não vai?

— Com todo o meu coração. Exceto que vou torcer o seu pescoço se você tentar desviar uma bala de mim novamente. Uma cobra para Risa, uma bala para mim. Eu preciso ter mais fé em sua necessidade de autopreservação, especialmente porque vamos ter outro filho.

— Você viu Risa? Ela está bem?

— Sim, eu a vi. E ela estava bem. Um pouco estranha, talvez, mas…

— Ela saiu com Jerome de bom grado?

— Eu imagino. Eu estava com você. Por que está tão preocupada com ela?

— Bem, ela continua tentando me salvar.

— Meu primo é um bom homem. Você sabe disso. E um rebelde, para completar.

Alaina assentiu.

— Eu acho. — Ela olhou para ele. — Você já perdeu o amor por Risa? — Ela balançou a cabeça. — Você nunca vai, não é?

Ian riu baixinho.

— Ela é uma boa amiga. Eu poderia tê-la amado, e eu amo, como uma amiga muito boa. Está tudo bem?

Alaina assentiu.

— Ela é a melhor amiga! —, ela disse suavemente, em seguida, acrescentou — Oh, Ian, o que vamos fazer?

— Eu não sei ainda, exceto por uma coisa, é claro.

— Sim?

— Nós vamos amar um ao outro —, disse ele muito sério. — E confiar nesse amor, acima de tudo.

Alaina assentiu.

Ela sorriu.

E o sol brilhou em uma exibição deslumbrante sobre a água.

E de repente ela estava se afastando dele.

— Lembra-se de como nos conhecemos pela primeira vez como adultos? —, perguntou a ele.

Ele franziu a testa.

— É claro… — Ele parou de falar, pois ela estava puxando o vestido branco sobre sua cabeça.

E ele tinha razão. Ela não estava usando nada por baixo. Nada mesmo.

Ela deixou cair a seus pés em uma nuvem.

E sorriu novamente. Um sorriso malicioso.

— Bem… Vamos nadar.

Ela se virou e correu para as ondas.

Ele se despiu em um flash.

E a seguiu.

Ele estaria retornando para a União, pensou. Mas isso seria mais tarde.

Ele sempre amaria uma rebelde.

Fim

Flórida Cronologia

(e eventos que influenciaram o seu povo)

1492

Cristóvão Colombo descobre o Novo Mundo.

1513

Flórida descoberta por Ponce de León. Juan Ponce de León vê a Florida de seu navio em 27 de março, passos em terra perto da atual St. Augustinho no início de abril.

1539

Hernando de Soto, pousa na costa oeste da península, perto da atual Tampa.

1564

Os franceses chegam e estabelecer Fort Caroline no rio St. Johns. Imediatamente após o estabelecimento do forte francês, a Espanha despacha Pedro Menéndez de Avilés para se livrar dos invasores franceses, “piratas e perturbadores da paz pública.” De Avilés obedientemente captura a fortaleza francesa e mata ou escraviza os habitantes.

1565

Pedro Menéndez de Avilés funda St. Augustine, o primeiro assentamento europeu permanente no que hoje são os Estados Unidos.

1586

Sir Francis Drake ataca St. Augustine, queimando e saqueando o assentamento.

1698

Pensacola é fundada.

1740

O general britânico James Oglethorpe invade a Florida da Geórgia.

1763

No final da Guerra dos Sete Anos, ou a Guerra Franco-Indígena, territórios tanto no leste e oeste da Flórida estão cedidos à Grã-Bretanha.

1763 – 1783

Domínio britânico no leste e oeste da Florida.

1774

O tiro ouvido “em todo o mundo” é disparado em Concord.

1776

A Guerra da Independência começa; muitos legalistas britânicos fogem para a Flórida.

1783

Pelo Tratado de Paris, Florida é devolvido para o espanhol.

1812 – 1815

A guerra de 1812.

1813 – 1814

As guerras do Creek. A terra “RedStick” é dizimada. Numerosos índios buscam novas terras ao sul com os “Seminoles”.

1814

General Andrew Jackson captura Pensacola.

1815

A batalha de Nova Orleans.

1817 – 1818

A Primeira Guerra Seminole. Os americanos acusam os espanhóis de ajudar os índios em suas incursões através da fronteira. Famintos por mais territórios, os colonos procuram forçar a Espanha a ceder a Florida para os Estados Unidos por suas reivindicações contra o governo espanhol por sua incapacidade de lidar adequadamente com a situação nos territórios.

1819

Don Luis de Onis, ministro espanhol dos Estados Unidos, e o secretário de Estado John Quincy Adams assinam um tratado pelo qual a Florida passará a fazer parte dos Estados Unidos.

1821

O Tratado de Onis-Adams é ratificado. Um ato do Congresso faz as duas Floridas um território. Jackson torna-se o governador militar, mas abandona o cargo depois de alguns meses.

1822

O primeiro conselho legislativo se reúne em Pensacola. Membros de St. Augustine viajam cinquenta e nove dias pela água para participar.

1823

O segundo conselho legislativo se reúne pelo St. Augustine: os delegados ocidentais são destruídos em navios e mal escapam da morte.

O Tratado de Moultrie Creek é ratificado pelos principais chefes do Seminole e do governo federal. A tinta é quase seca antes que os índios reclamem que as terras são muito pequenas e que os colonos brancos estão pedindo ao governo uma política de remoção indiana.

1824

A terceira sessão reúne pelo Tallahassee, um meio caminho selecionado como uma ordem principal do negócio e aprovado na segunda sessão. Tallahassee torna-se a primeira capital territorial.

1832

A aterragem de Payne: Numerosos chefes assinam um tratado concordando em se mover para oeste para o Arkansas, enquanto sete de seu número são capazes de ver e aprovar as terras. O tratado é ratificado em Fort Gibson, Arkansas. Numerosos chefes também protestam contra o acordo.

1835

Verão. Wiley Thompson afirma que Osceola repetidamente o insultou em seu próprio escritório com linguagem chula e ordena sua prisão. Osceola é algemado e encarcerado.

Novembro. Charlie Emathla, depois de concordar com a remoção para o oeste, é assassinado. A maioria dos estudiosos concorda que Osceola liderou o partido que realizou a execução. Alguns consideram a vingança pessoal do assassinato, outros acreditam que foi prescrito por numerosos chefes, uma vez que um índio que deixaria seu povo para ajudar os brancos deveria perder sua própria vida.

28 de dezembro. O major Francis Dade e suas tropas são massacrados enquanto viajam do forte. Brooke para o Fort King. Wiley Thompson e um companheiro são mortos do lado de fora das muralhas de Fort King. O sutador Erastus Rogers e seus dois funcionários também são assassinados por membros do mesmo grupo, liderado por Osceola.

Em 31 de dezembro a primeira batalha da Withlacoochee – Osceola leva os Seminoles.

1836

Janeiro. Major General Winfield Scott é ordenado pelo Secretário de Guerra para assumir o comando na Flórida.

Fevereiro 4. Dade County estabelecida no sul da Flórida em memória de Francis Langhorne Dade.

Março 16. O Senado confirma Richard Keith Call governador do Território da Flórida.

21 de junho Call, um governador civil, recebe o comando das forças da Flórida após o fracasso das estratégias de Scott e das disputas militares entre Scott e o general Gaines.

Call tenta uma “campanha de verão” e está tão frustrado em seus esforços quanto seu antecessor.

1837

2 de junho. Osceola e Sam Jones liberam ou “raptam” quase 700 índios que aguardam a deportação para o oeste de Tampa.

Outubro 27. Osceola é levado sob uma bandeira branca de trégua; Major Sidney Jesup é denunciado por brancos e índios pela ação.

29 de novembro. Coacoochee, Cowaya, dezesseis guerreiros e duas mulheres escapam a Ft. Marion.

Dia de Natal. Jesup tem a maior força de combate reunida na Flórida durante o conflito, quase 9.000 homens. Sob o seu comando, o coronel Zachary Taylor lidera a Batalha de Okeechobee. Os Seminoles escolhem se manter firmes e lutar, infligindo maiores perdas aos brancos apesar do fato de estarem em desvantagem numérica.

1838

31 de janeiro. Osceola morre em Ft. Marion, Carolina do Sul. (Um comentário estranho a um triste conto: Dr. Wheedon, médico branco de Osceola, cortou e preservou a cabeça de Osceola. Os herdeiros de Wheedon relataram que o bom médico penduraria a cabeça na cama de um de seus três filhos caso se comportassem mal. A cabeça passou para seu genro, o Dr. Daniel Whitehurst, que o deu para o Dr. Valentine Mott. O Dr. Mott tinha um museu médico e patológico, e acredita-se que a cabeça foi perdida quando o museu queimou. em 1866.)

Maio. Zachary Taylor assume o comando quando o pedido de alívio de Jesup é finalmente respondido em 29 de abril.

A legislação da Flórida debate a condição de Estado.

1839

Dezembro. Por causa de seus argumentos com autoridades federais sobre a Guerra Seminole, Richard Keith Call é removido como governador.

Robert Raymond Reid é nomeado em seu lugar.

1840

24 de abril. Zachary Taylor recebe permissão para deixar o comando do que é considerada a posição militar mais severa do país.

Walker Keith Armistead assume o comando.

Setembro. William Henry Harrison é eleito presidente dos Estados Unidos; considera-se que a Guerra da Flórida custou a reeleição de Martin Van Buren.

Dezembro 1840 e janeiro 1841. John T. MacLaughlin lidera uma flotilha de homens em abrigos nos pântanos de leste a oeste; seu grupo se torna o primeiro homem branco a fazer isso. John Bell substitui Joel Poinsett como secretário de guerra. Robert Reid é destituído como governador territorial, e Richard Keith Call é reintegrado.

1841

4 de abril. O Presidente William Henry Harrison morre no cargo: John Tyler torna-se presidente dos EUA.

Maio 1. Coacoochee decide se entregar. É escoltado por um homem que mais tarde se tornará extremamente conhecido – tenente William Tecumseh Sherman. (Sherman escreve para sua futura esposa que a guerra na Flórida é boa para um soldado; ele conhecerá o índio que pode se tornar o “inimigo principal” no tempo).

31 de maio. Walker Keith Armistead está aliviado. Coronel William Jenkins Worth assume o comando.

1842

Maio 10. Winfield Scott é informado de que a administração decidiu que deve haver um fim às hostilidades o mais rápido possível.

14 de agosto. Consciente de que não pode acabar com as hostilidades e enviar todos os índios para o oeste, o coronel Worth faz ofertas aos demais índios para que deixem ou aceitem limites. A guerra, ele declara, acabou. Custou a um jovem país de trinta a quarenta milhões de dólares e a vida de setenta e quatro oficiais comissionados. Os seminoles foram reduzidos de dezenas de milhares para centenas espalhados nos bolsos. Os seminoles (inclusive aqui, como foram vistos durante a guerra, como todos os índios da Flórida), entretanto, mantiveram seu lugar na península; os restantes são os invictos. O exército também aprendeu novas táticas, principalmente em relação à guerra partidária e de guerrilha. Homens que em breve participarão do maior conflito para separar a nação praticaram a arte da batalha aqui: William T. Sherman, Braxton Bragg, George Gordon Meade, Joseph E. Johnston, e mais, bem como em breve ser o presidente Zachary Taylor.

1845

Março 3. Presidente John Tyler assina a lei que faz da Flórida o 27º estado dos Estados Unidos da América.

1855 – 1858

O conflito conhecido como a Terceira Guerra Seminole ocorre com um resultado semelhante aos confrontos anteriores – dinheiro gasto, vidas perdidas e os índios entrincheirados mais profundamente nos pântanos.

1859

Robert E. Lee é enviado para prender John Brown após sua tentativa de iniciar uma rebelião de escravos com um ataque a Harpers Ferry, Virginia (mais tarde, West Virginia). O incidente aumenta a má vontade entre o norte e o sul. Brown é executado em 2 de dezembro.

1860

A primeira ferrovia através do estado da Flórida entra em serviço.

6 de novembro. Abraham Lincoln é eleito para a presidência e muitos estados do sul começam a convocar sessões legislativas especiais. Embora haja muitos sindicalistas apaixonados no estado, a maioria dos políticos da Flórida é ardente em pressionar por separação. Vilas, cidades e condados correm para formar ou ampliar empresas de milícias. Mesmo antes de o estado poder se reunir para sua sessão especial, os líderes civis e militares planejam exigir a rotatividade de instalações militares federais.

1861

10 de janeiro. Flórida vota para se separar da União, o terceiro estado do sul a fazê-lo.

Fevereiro. Flórida se junta aos Estados Confederados da América.

No final do inverno e início da primavera, a Confederação luta para formar um governo e organizar as forças armadas enquanto os estados recrutam combatentes. Jefferson Davis é presidente do país recém-formado. Stephen Mallory, da Flórida, torna-se C.S.A. Secretário da Marinha.

12-14 abril. Forças confederadas disparam contra Ft. Sumter, S.C., e o primeiro sangue é derramado quando uma explosão acidental mata Private Hough, que então tem a distinção de ser o primeiro soldado federal morto. As forças federais temem uma ação semelhante em Pensacola Bay, na Flórida. Três fortes protegiam a baía, McRee e Barrancas, no lado da terra, e Pickens, na ponta da ilha de Santa Rosa, com 64 quilômetros de extensão. O tenente

federal Adam J. Slemmer cravou as armas em Barrancas, explodiu a munição em McRee e transferiu suas escassas tropas para Pickens, onde acabou sendo reforçado por 500 homens. Embora as tropas da Flórida tenham tomado o estaleiro da marinha, a retenção do forte pelos federais anulou a utilidade para os rebeldes do que era considerado o mais importante pátio da marinha ao sul de Norfolk..

18 de julho. Primeiro Manassas, ou a Primeira Batalha de Bull Run, Virgínia - ambos os lados obtêm seu primeiro verdadeiro sabor da batalha. Tropas do sul são retiradas de todos os estados, incluindo a Flórida. O estado, que estava tão ansioso em se separar, vê que seus filhos estão sendo enviados para o norte para lutar, e sua costa é deixada para suas próprias defesas pelo governo com diferentes prioridades.

Novembro. Robert E. Lee inspeciona as defesas costeiras até o sul de Fernandina e decide que os principais portos de Charleston, Savannah e Brunswick devem ser defendidos, acrescentando depois que a pequena força postada em St. Augustine era um convite para atacar.

1862

Fevereiro. O governador da Flórida, Milton, declara publicamente seu desespero pelos cidadãos da Flórida à medida que mais tropas do estado são levadas para o norte depois que Grant captura dois importantes redutos do Confederado no Tennessee.

28 de fevereiro. Uma frota de 26 navios federais zarpa para ocupar Fernandina, Jacksonville e St. Augustine.

8 de março. St. Augustine se rende, e embora Jacksonville e outros pontos ao norte e ao sul ao longo da costa mudem de mãos várias vezes durante a guerra, St. Augustine permanecerá nas mãos da União. O rio St. Johns torna-se uma faixa de movimento de tropas de guerrilha para os dois lados. Muitos moradores da Flórida começam a se desesperar com o “leste da Flórida”, temendo que a população volúvel tenha se tornado sindicalista.

06-08 abril. Forças da União e da Confederação se envolvem na batalha de Shiloh. Ambos reivindicam vitórias. Ambos sofrem perdas terríveis com mais de vinte mil mortos, feridos ou desaparecidos.

25 de abril. New Orleans cai, e o controle federal sobre o sul se torna mais um torno.

Primavera. O bloqueio federal começa a apertar e grande parte do estado se torna uma terra de ninguém. Por causa do terreno acidentado, do comprimento da península e da dificuldade da logística, os corredores de bloqueio ousam os canais da Flórida porque a União não pode guardar o extenso litoral. A contribuição da Flórida se torna mais e mais a de um celeiro enquanto ela se desnuda e fornece sal, carne bovina, suprimentos contrabandeados e recursos humanos para a Confederação.